



Universidade de Brasília

# **Fonologia do Caboverdiano: das Variedades Insulares à Unidade Nacional**

Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Orientador: Professor Doutor Hildo Honório do Couto

Brasília

2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LINGUAS CLÁSSICAS - LIP

PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

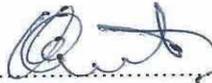
**Fonologia do Caboverdiano:  
Das Variedades Insulares à Unidade Nacional**

Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

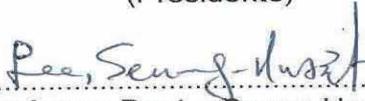
Tese apresentada ao Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Português da Universidade de  
Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de  
DOUTORA EM LINGÜÍSTICA.

**BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2007**

BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Hildo Honório do Couto  
(Presidente)



Professor Doutor Seung-Hwa Lee  
(Membro)



Professora Doutora Denize Elena Garcia da Silva



Professora Doutora Maria Marta Pereira Scherre  
(Membro)



Professora Doutora Cibele Brandão de Oliveira  
(Membro)

Professora Doutora Josênia Antunes Vieira  
(Suplente)

À outra face de mim,  
Edison com "i" e com todas as letras  
que o meu coração-alfabeto puder inventar.

Ao povo de Cabo Verde,  
vermelho do sol, branco do céu, verde do mar,  
bandeira-aquarela tecida no calor da vida insular.

## AGRADECIMENTOS

É imensa minha gratidão por todos aqueles que colaboraram para que este trabalho existisse.

Desde os amigos das primeiras horas até aqueles das horas mais tardias.

De fundo do meu coração, agradeço:

ao Deus Todo-Poderoso, que me amparou em seus braços quando me foi impossível caminhar;

ao Sr. Ulisses e D. Valdetina, amados pais, amigos, companheiros e fiéis-escudeiros dessa jornada,

aos meus seis irmãos e inúmeros sobrinhos pelo apoio constante, palavras de conforto e confiança; e

aos “anjos da guarda”: Noêmia Rodrigues e Benedita Balduino, sogra e tia queridas;

ao meu mestre e querido amigo professor Dr. Hildo Honório do Couto pela orientação generosa e

competente e, em especial, pela compreensão e tranquilidade com que soube compartilhar de minhas

inquietações e incentivar meus progressos para que eu mesmo me fizesse crédula;

às Embaixadas de Cabo Verde no Brasil e à do Brasil em Cabo Verde pela assistência e presteza,

ao amigo Wamberto Hudson (*in memoriam*) pelo sonho embrionário e entusiástico de colaborar;

e ao pessoal técnico da Biblioteca Nacional de Lisboa e de Cabo Verde pela cortesia;

aos ilustres caboverdianos Manoel da Veiga, Iva Cabral, Humberto Lima, Tomé Varela, Luís Pires e

Moacir Rodrigues pela amizade, atenção e solidariedade em terras caboverdianas; à Dulce Duarte, cara

amiga caboverdiana no Brasil, pelo exemplo de dedicação e amor aos estudos caboverdianos;

aos dedicados intérpretes caboverdianos, em especial Titio e Nair para Sotavento e Barlavento,

respectivamente; e à todos os informantes da pesquisa em Santiago — D. Linda, Seu Armindo, Sr. Dóli,

Fogo — D. Idalina, Seu Socorro, D. Mima, D.Linda e Sr. Dendén, Santo Antão — Seu Joãozinho e Seu

Manuel Dina, D. Cléta, D.Nilza e D. Maria da Luz, D. Maria Di Lurdis, e São Vicente — D. Juséfora, D.

Maria Da Luz e D. Maria D’Reis D. Bia e Sr. Toi pela recepção calorosa, confiança e amizade;

à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) pelos professores e amigos inestimáveis: Mariluce Badre, Delcinha Saquetti, Esther Trew, Sílvia Amaral, Irene Cajal, Maria Luiza Canavarros, Marta, Márcia, Eladir, Marie Anick, Eliane, M. J. Patatas, Cláudia, Simone, Hudson, Mário Leite, Elias da Silva, Roberto Sá, Rita Maria, entre outros; à Coordenação da PROPG, nas pessoas da Pró-Reitora Marinez Isaac, da Coordenadora Lucimare Zattar e de Gisela Brunken e Adriana pela assistência constante;

à Universidade de Brasília (UnB) pelos mestres e amigos incontáveis: Denize Elena, Cristina Leal, Arion Rodrigues, Marta Scherre, Lúcia Lobato (*in memoriam*), Josênia Antunes, Enilde Faulstich, Raquel Dettoni, Heloísa Salles pelo “finalmente, entendi”, Ana Adelina, Sandra Queiroz; Rita de Cássia, Juliana Braz, Djiby Mane, Sônia Gomes, Marcos Lunguinho, Sheyla, Célia, Fábio e muitos outros; ao Dinoari e funcionários do DAA e do DPP pela orientação; ao Juary Dupret pela tradução primeira do Caboverdiano ao Português;

à Cibele Brandão de Oliveira, admirável e solidária amiga, e aos outros três amigos da 1ª turma de Doutorado em Linguística da UnB: Adriana (*in memoriam*), André e Rosana; à maravilhosa e inenarrável amiga Cidinha Curupaná, seu marido Jehferson e os três filhotinhos pelo aconchego e apoio incondicional; à querida amiga Jacinta pelo carinho, preces preciosas e “assistência” mais que profissional na PG do LIP; à Elizabeth e Ana Elisa do Couto pela presença afetuosa nesses últimos dez anos;

aos professores doutores que, cordialmente, aceitaram compor a Banca de Doutorado desta tese; ao prezado e nobre professor Dr. Jürgen Lang pela interlocução inicial e participação na primeira etapa de defesa desta tese; aos professores Lee e Marta Scherre que participaram de todas os momentos decisivos deste trabalho; aos amigos de outras universidades que, de algum modo, me auxiliaram: M. A. Oliveira, José Olímpio, Norma Lopes, J-L Rougé, G. Collischonn, Nicolas Quint, D. Swolkien, K. Zimmermann;

à doutora Maria Tereza Campante e ao doutor Antônio Reiners pela dedicação em “reunir-me novamente”; aos doutores Aureliano Lustosa e Carla Araújo; aos doutores Jorge Lafetá, Rodrigo Caetano e Elton Hugo Maia pelo empenho no restabelecimento de minha saúde; à Edlaine Marques pela companhia e otimismo no último trecho dessa caminhada...

enfim, a todos, nominados e anônimos, MUITÍSSIMO OBRIGADA!!!!

## RESUMO

Este estudo dedica-se a investigar a identidade lingüística do Caboverdiano por meio do componente fonológico de quatro das dez ilhas constituintes do Arquipélago de Cabo Verde: Santiago, Fogo, em Sotavento (vento ao Sul), Santo Antão e São Vicente, em Barlavento (vento ao norte). Essa pesquisa se inscreve, naturalmente, nos estudos crioulisticos de natureza gerativista, complementado por aspectos sociolingüísticos inerentes. O aparato teórico-metodológico para análise é o da Teoria da Otimidade (OT), modelo gerativista baseado em restrições universais e violáveis da Gramática Universal (GU), que são hierarquizadas de maneiras distintas ou semelhantes nas línguas do mundo. A finalidade precípua é a de descrever e estudar a sílaba e o acento nas quatro ilhas supracitadas, acrescentando-se a perspectiva de colaborar com o debate a respeito da unidade e/ou variedade no Caboverdiano. O resultado é um trabalho descritivo-explicativo sincrônico da fonologia caboverdiana com pinceladas diacrônicas inevitáveis relativas à formação e modificação observadas nas quatro Ilhas estudadas e, por conseguinte, entre os dois grupos lingüísticos maiores representados por elas, o de Sotavento e o de Barlavento.

## **ABSTRACT**

This study is dedicated to investigation of the linguistic identity of Capeverdean Language through the phonological component of four out of the ten constituent islands of the Archipelago of Cape Verd: Santiago and Fogo, in Sotavento (Leeward), Santo Antão and São Vicente, in Barlavento (Windward). This research naturally inserts itself in the Creole Studies of generative nature, complemented by inherent sociolinguistic aspects. The theoretical-methodological apparatus for analysis is the one of Optimality Theory (OT), generativist model based on universal and violated restrictions of the Universal Grammar (GU), which are arranged in similar and different ways in the languages of the world. The main purpose is to describe and study the syllable and accent marks in the fore mentioned islands, adding to that the perspective of collaborating in the debate regarding the unit and/or variety in Capeverdean. The result is a synchronic descriptive-explanatory work of capeverdean phonology with inevitable diachronic touches related to the formation and modification observed in the studied islands and, as a consequence, between the two major linguistic groups represented by them, Sotavento e Barlavento.

# SUMÁRIO

---

## INTRODUÇÃO, 12

### I. HISTÓRICO, 22

- 1.0. Introdução, 22
- 1.1. Cenário Internacional, 23
- 1.2. Cenário Nacional, 26
  - 1.2.1. Descoberta das Ilhas, 27
  - 1.2.2. Santiago e Fogo (Sul) 29
  - 1.2.3. Santo Antão e São Vicente (Norte), 41
  - 1.2.4. Teorias sobre a Origem, 47

### II. NOÇÕES BÁSICAS, 61

- 2.0. Introdução, 61
- 2.1. Língua em Geral, 62
  - 2.1.1. Língua, Dialeto, Idioleto e Outros, 62
  - 2.1.2. Variação e Mudança Lingüística, 76
- 2.2. Línguas Crioulas e Pidgins, 74
  - 2.2.1. Formação e Evolução, 74
  - 2.2.2. Hipóteses sobre a Origem, 82
  - 2.2.3. Descrioulização, 92

### III. MODELO TEÓRICO, 100

- 3.0. Introdução, 100
- 3.1. Fundamentos Teóricos, 101
  - 3.1.1. Gramática Gerativa, 101
  - 3.1.2. Teoria da Otimidade (OT), 105
- 3.2. Estudos pela Teoria da Otimidade (OT), 115
  - 3.2.1. Sílabas e Acento, 115
  - 3.2.2. Aquisição de L2 e Estudos Crioulos, 121
  - 3.2.3. Variação e Mudança, 129

|   |  |
|---|--|
| IV. FONOLOGIA DO CABOVERDIANO, 140                                |  |
| 4.0. Introdução, 140  |  |
| 4.1. Contexto Geral, 141  |  |
| 4.2. Contexto Específico pela Teoria da Otimidade (OT), 154       |  |
| 4.2.1. A Sílabas nas Ilhas de Cabo Verde, 158                     |  |
| 4.2.1.1. Núcleo, 158  |  |
| 4.2.1.2. Onset, 163   |  |
| 4.2.1.3. Coda, 179  |  |
| 4.2.2. O Acento nas Ilhas de Cabo Verde, 185                      |  |
| 4.2.2.1. Dissílabo, 185   |  |
| 4.2.2.2. Trissílabo, 194  |  |
| 4.2.2.3. Polissílabo, 206   |  |
| 4.2.3. Unidade e Variedade no Caboverdiano, 212                   |  |
| 4.2.3.1. Parte Histórica, 212                                     |  |
| 4.2.3.2. Parte Lingüística, 216                                   |  |
| 4.2.3.3. Parte Discursiva, 234                                    |  |
| <br>  |  |
| CONCLUSÃO, 248  |  |
| <br>  |  |
| BIBLIOGRAFIA, 254   |  |
| <br>  |  |
| ANEXOS  |  |
| I. Arquipélago de Cabo Verde, 01                                  |  |
| II. Ilhas de Cabo Verde e Guiné, 02                               |  |
| III. Áreas, Altitudes e Distâncias entre as Ilhas, 03             |  |
| IV. Os Grandes Descobrimientos, 04                                |  |
| V. Formação de Espanha e Portugal, 05                             |  |
| VI. O Mundo Mulçumano no Século X, 06                             |  |
| VII. A África do Século XX e do Século XXI, 07                    |  |
| VIII. Conjunto das Ilhas Atlântidas, 08                           |  |
| IX. Posição do Arquipélago no Atlântico, 09                       |  |
| X. Representação Cartográfica de Cabo Verde no Século XV, 10      |  |
| XI. Distribuição Geográfica Genérica das Etnias, 11               |  |
| XII. Rotas do Tráfico de Escravos para Santiago e as Américas, 12 |  |

XIII. Comércio e Tráfico de Escravos no Século XVII, 13

XIV. Descobertas dos Portugueses, 14

APÊNDICES, 01

- I. Ilha de Santiago 02
  - 1.0. Intérprete, 02
  - 1.1. Dona Linda, 03
  - 1.2. Seu Armindu, 12
  - 1.3. Seu Dóli, 28
- II. Ilha do Fogo, 36
  - 2.0. Intérpretes, 36
  - 2.1. Dona Idalina, 37
  - 2.2. Seu Socorru, 46
  - 2.3. Dona Mima, 58
  - 2.4. Dona Linda e Seu Dendén, 63
- III. Ilha de Santo Antão, 76
  - 3.0. Intérpretes, 76
  - 3.1. Seu Joãozinho e Seu Manuel Dina, 78
  - 3.2. Dona Nilza e Dona Maria da Luz, 88
  - 3.3. Dona kléta, 99
  - 3.4. Dona Maria d' Lurdis, 110
- IV. Ilha de São Vicente, 114
  - 4.0. Intérpretes, 114
  - 4.1. Dona Juzéfora, 116
  - 4.2. Dona Maria da Luz, 122
  - 4.3. Dona Maria de Reis, 132
  - 4.4. Seu Tói e Dona Bia, 139
- V. Outras Ilhas de Cabo Verde- Sotavento, 01
- VI. Outras Ilhas de Cabo Verde- Barlavento, 01
- VII. Modelos Preliminares de Entrevistas, 01
  - 7.1. Entrevista Informal, 01
  - 7.2. Entrevista Livre-Narrativa, 01
  - 7.3. Lista de Palavras, 02
  - 7.4. Entrevista Formal, 03

## INTRODUÇÃO

---

“O conhecimento das línguas é o melhor espelho do espírito humano”.

(Leibnitz)

Línguas de muitas raízes — arrancadas e fincadas na terra móvel e no solo fértil da história. Na maioria das vezes, emergem em ‘terras estranhas’ até que gerem seus próprios falantes e construam a própria memória. O resultado é simples e complexo: línguas crioulas. E por representarem trama viva de atos e fatos, além da simples estrutura, as línguas crioulas constituem-se em instigante tema para investigação científica. Todavia, estando aspectos de suas histórias já desvendados, é preciso ainda investigar a composição interna dessas línguas, que, como qualquer outra língua natural, estão sempre em *silenciosa*, mas *constante ebulição*. Isso porque o homem segue seu caminho, e a língua, como reflexo de si mesmo e de seu tempo, prossegue com ele.

Nesse percurso, as ciências da linguagem fazem progressos, alternando pequenos e grandes passos na investigação de fatos lingüísticos que continuam incompreendidos ou que sequer foram estudados detidamente. Todos percorrendo a desafiante jornada da dúvida e, quiçá, da estimulante descoberta. Nesse intuito, apresenta-se o atual estudo. A finalidade é a de estudar o Caboverdiano à luz da Teoria da Otimidade (OT) — modelo que estuda aspectos universais das línguas do mundo — na busca de algumas explicações para as divergências do complexo xadrez lingüístico caboverdiano.

Nesta seção introdutória, no entanto, trata-se apenas do tema, da questão-chave e das hipóteses da pesquisa. Em seguida, faz-se a descrição do trabalho de campo em Cabo Verde. E, ao final, organiza-se um resumo dos capítulos desta tese. Para iniciar, cumpre dizer que, dentre os motivos para se estudar o Caboverdiano, está o fato de ele ser uma língua crioula, o que o tem colocado no foco dos lingüistas desde o século passado. Há também o fato de os crioulos de base portuguesa não terem sido tão estudados quanto os de base inglesa ou francesa (Cf. Lang, 1994).

A motivação para o estudo atual surgiu ainda no Curso de Mestrado em Lingüística (1997-1999) da Universidade de Brasília (UnB), sob orientação do professor Dr. Hildo Honório do Couto, quando ao ler a história de Cabo Verde (anexo I) e da Guiné Bissau (anexo II) para tratar da criouliização do Português Brasileiro e da eventual semi-criouliização do Português Mato-Grossense, se descobriu estreita ligação entre o Guineense e o Caboverdiano. Havia entre eles correlação evidente e, por isso mesmo, os autores hipotetizavam se teriam origem comum, se seriam crioulos independentes ou se um derivaria do outro. Essa questão afigurou-se bastante interessante para um trabalho futuro, além do que o Caboverdiano por si só compreendia outros temas relevantes, como a relação com o Português Europeu (PE) e, em especial, a variação entre suas formações insulares.

A discussão relativa ao contraste entre o Caboverdiano e o Português Europeu encontra-se em fase de relativo consenso entre os especialistas, especialmente em seu aspecto sintático, mas a constituição do Caboverdiano em si envolve ainda certa controvérsia. Para compreendê-la é preciso conhecer um pouco da história a ser descrita no primeiro capítulo desta tese, a seguir. Porém, adianta-se, aqui, um pouco dela de modo a oferecer visão parcial do problema: em Cabo Verde, apesar de serem as ilhas do arquipélago distanciadas umas das outras (anexo III), de terem sido colonizadas em épocas diferentes e por distintas castas de população (Lopes, 1967: 407), as variedades insulares foram consideradas como uma única formação lingüística, o Caboverdiano.

Em obras como *O crioulo de Cabo Verde* (Costa e Duarte, 1967) e *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde* (Lopes da Silva, 1984) há uma defesa comum da unidade do crioulo Caboverdiano<sup>1</sup>. Veiga (1982), por exemplo, afirma que existe “uma única Língua Nacional, a qual, a nível de superfície, actualiza-se de maneira diferente”. E Dulce Pereira (1999) argumenta ser o Caboverdiano uma só língua, não duas. Todavia, estudiosos internacionais apontam diferenças que dividem Caboverdiano em duas ou até nove línguas diferentes, como Kihm (1998) e Bartens (1995, 2000).

Por outro lado, alguns pesquisadores alegam que o Caboverdiano teria sido formado na Guiné e, posteriormente, modificado em Cabo Verde. Nesses termos, o próprio Caboverdiano não seria mais que um dialeto de outra língua. Nesse rumo, percebe-se estar a discussão mais relacionada ao aspecto político-social do assunto do que ao cognitivo. Muitas das vezes, o Caboverdiano é definido como uma língua una, sem, contudo, serem esclarecidas as divisas entre língua fenômeno cognitivo e língua fenômeno sócio-político (por vezes, nem sendo mesmo isso necessário).

Na tentativa de se somar à questão da unidade e diversidade no Caboverdiano e de se prestar esclarecimentos sobre as divisas e junções dos campos cognitivo e social, propôs-se o atual estudo. Para tanto, ao Caboverdiano, língua falada nas ilhas de Cabo Verde, pergunta-se: constituem as variedades insulares uma mesma língua? Como é possível não serem línguas diferentes?. Em resposta, elaborou-se uma hipótese de dupla face relacionada, especificamente, aos aspectos lingüísticos e, complementarmente, aos aspectos sociohistóricos do tema.

Pela hipótese lingüística, as diferenças das variedades insulares seriam resultantes de diferentes hierarquizações das restrições universais da OT em cada ilha. Por isso, a diferença evidente na relação *input-output* nas ilhas. Por ela, na fase atual da língua, pode-se considerar cada uma das variedades insulares como fonte de seus próprios *inputs*. Pela hipótese sociohistórica, as diferenças das variedades insulares seriam resultantes de *inputs* diferenciados nas várias épocas de formação do Caboverdiano. Essa hipótese deve-se à recorrência do tema da composição histórica das línguas de natureza crioula. Este, portanto, é mais um estudo a agregar o lado sociohistórico ao lingüístico, embora o foco determinante seja a sincronia do caboverdiano.

---

<sup>1</sup> A sigla comumente utilizada para o Caboverdiano é CCV (Crioulo Caboverdiano) ou, em Inglês, CVC (CapVerdean Crioul). Todavia, Nesta tese, para se evitar confusões entre a sigla e as descrições de tipologias silábicas — CV, CCV e outros — optou-se por escrever o nome Caboverdiano por extenso em todo o texto.

Os padrões silábicos e métricos do Caboverdiano serão a tônica da análise pela Teoria da Otimidade (OT). A meta é começar o presente estudo das estruturas internas da língua (gramática(s)), completando o ciclo com a discussão do *status* sociolingüístico ou sócio-político das variedades e/ou língua(s) caboverdianas. Nesse percurso, a metodologia a ser adotada é a sugerida por Chomsky (1991: 120) em seus estudos: “manter a mente aberta e receptiva a toda sorte de possibilidades”.

A natureza deste estudo é gerativista — explicativa, portanto—, mas contará com a descrição de dados, embora Chomsky considere os dados dispensáveis na investigação sobre “o que é a língua”. Acredita-se que a descrição e a explicação possam compor um modo eficiente de se desenvolver este estudo do Caboverdiano pela OT, posto que não se procura saber essencialmente “o que é a língua”, e, sim, como se entender o Caboverdiano e sua constelação de variedades por uma teoria gerativa.

Deste ponto em diante, transpõe-se o foco para a pesquisa de campo em Cabo Verde, seu tempo e contratempos no Arquipélago. O objetivo principal foi o de observar e registrar realizações fonéticas das variedades insulares procurando não interferir no ambiente de coleta dos dados. A pesquisa durou três meses: de dezembro de 2001 a março de 2002. Nesse transcurso, foi-se do Brasil a Portugal, e de Portugal a Cabo Verde. A parada necessária em Lisboa deveu-se à pesquisa de algumas obras na Biblioteca Nacional. Além disso, como metrópole que foi da colônia de Cabo Verde, não se poderia prescindir de uma visita a Lisboa, um dos berços da história contada no capítulo I desta tese. Em Cabo Verde, foram visitadas as ilhas de Santiago e Fogo e as de Santo Antão e São Vicente.

Os recursos metodológicos para a pesquisa bibliográfica resumiram-se ao fichamento de dados, ainda no Brasil, e de obras raras em Portugal. Os dados iniciais foram encontrados em obras catalogadas na Biblioteca da Universidade de Brasília (UnB) e em obras indicadas ou cedidas pelo orientador. A pesquisa bibliográfica foi de fundamental importância para o aprofundamento na história de Cabo Verde, além de oferecer significativa amostra de dados lingüísticos do Caboverdiano.

Uma vez em Cabo Verde, contou-se com a colaboração de estudiosos locais, como Manuel Veiga, Iva Cabral, Moacir Rodrigues, entre outros que, a seu modo, e dentro de suas possibilidades, acabaram por formar uma verdadeira “rede” pela qual a pesquisa foi sendo desenrolada em cada ilha. De início, toda observação relativa ao ambiente, à língua, ao povo e à cultura envolventes era registrada em anotações diárias. Depois, passou-se às entrevistas. As entrevistas previamente elaboradas (apêndice VII) serviram apenas para oferecer indicadores dos temas.

Todavia, o tipo de entrevista que mais se adequou ao contexto foi a informal, de conteúdo composto por perguntas *abertas*, que implicavam respostas pessoais. Também surtiram bom resultado as narrativas livres, nas quais foi solicitado ao participante falar sobre temas variados. Cuidou-se apenas que esses temas tivessem certa recorrência, para que se coletassem palavras comuns a mais de um ambiente, nas diversas partes do Arquipélago.

Em geral, as entrevistas foram gravadas. Dependendo do participante da vez, também foram filmadas. Se o participante não se mostrava à vontade, esse método era descartado, só voltando a ser utilizado no final do encontro para simples registro. Nesse caso particular, cada caso mostrou-se diferente do outro: alguns participantes queriam ser filmados sempre, enquanto outros tinham vergonha e não quiseram ser filmados mesmo depois da entrevista. Para esses, a conversa gravada, apesar da boa vontade em colaborar, representava o limite da contribuição.

Por ser o povo caboverdiano naturalmente receptivo, compreensivo e caloroso, as entrevistas não precisaram ser agendadas com muita antecedência. Às vezes, agendava-se um encontro de um dia para outro ou mesmo, como aconteceu algumas vezes, no mesmo dia, mudando apenas o turno. Quase todas as entrevistas aconteceram na residência do participante. Apenas em um caso, em Santo Antão, a entrevista foi realizada num clube para a “melhor Idade”. Para alguns, a gravação era “um evento”, para o qual convidavam até os vizinhos, ou esses se aproximavam por conta própria.

Para se obter a desejada “naturalidade e de espontaneidade” dos participantes e nos dados, tinha-se previsto certa familiaridade, por mais que temporária, entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Em alguns casos a interação foi muito satisfatória, em outras, foi mais complicada por uma ou outra razão. Entre esses motivos, encontram-se a idade avançada que poderia refletir-se na pronúncia e na audição, doenças respiratórias, e até a chegada inesperada de parentes e vizinhos. Esses “eventos inusitados” acabaram por interferir no formato e no tipo de aproveitamento das gravações. Todavia, não chegaram a interferir negativamente no resultado final do trabalho.

A relação com os participantes da pesquisa primou pela sinceridade. O objetivo do trabalho foi-lhes expresso desde o início, no primeiro contato. Nenhum reflexo negativo adveio disso, ao contrário, conhecedores do objetivo da pesquisa, os participantes se mostraram muito solícitos e orgulhosos de colaborarem com uma pesquisa dessa natureza, permitindo não só o registro, mas também a exposição de seus nomes, fotos e falas no trabalho final.

Os auxiliares de campo ou *gatekeepers* — guardas do acesso — da terminologia etnográfica foram indicados por pessoas contatadas ainda na ilha de Santiago, ou foram sendo “descobertos” de ilha para ilha. Eles apontavam pessoas conhecidas, selecionadas de acordo com a escolaridade e a idade. Esses critérios foram estabelecidos para que participassem da pesquisa pessoas não-alfabetizadas ou de nível primário, com idade a partir de 70 anos de idade. Com os critérios da maioridade e da escolaridade, pretendia-se registrar a fala crioula o mais basilectal possível, o crioulo chamado por eles de “kriolu fundu-fundu” sem a interferência da fala escolarizada.

No entanto, não foi possível atender a esses requisitos totalmente. Há, entre os participantes, por exemplo, uma senhora com 47 e outra com 115 anos, disparidade não passível de controle em terras estrangeiras: as pessoas interessadas participaram. O número de participantes não deveria exceder a referência de dois por ilha, posto que, em sendo quatro as ilhas visitadas, o total de oito participantes parecia suficiente, devido à recorrência dos fatos fonéticos e registros bibliográficos disponíveis. Em campo, porém, essa referência mudou, chegando a englobar três ou mais participantes de uma vez. Para minimizar as disparidades, foram gravadas entrevistas em duplas.

Algumas vezes, dependendo do participante e de sua localidade, pôde-se ter mais de um encontro, como no caso dos participantes de São Vicente, ilha em que se passou boa parte do tempo da pesquisa e, noutras, apenas um encontro. Por vezes, o acesso era difícil. Então, uma só vez naquela localidade deveria ser suficiente, como no caso de Chã das Caldeiras, a vila no pico do vulcão, na Ilha do Fogo, ou em Ribeira Grande, em Santo Antão, vila a qual se chega pelas estreitas estradas nas encostas das montanhas, morros e vales.

A conversa com os participantes se dava de forma objetiva, com explicações sobre o formato e o conteúdo das entrevistas. As perguntas eram feitas de forma simples. Muitas delas, extraídas da observação da realidade do participante. Os auxiliares da pesquisa traduziam as perguntas feitas pela pesquisadora (mais em português do que em crioulo). Somente em uma das últimas entrevistas é que se conseguiu gravar sem auxílio de intérprete na interação pesquisador-pesquisado.

Os instrumentos técnicos utilizados para a pesquisa foram um mini-gravador, uma câmera filmadora, JVC, e uma máquina fotográfica, que somente foi usada no fechamento do percurso. Todo o material gravado encontra-se registrado nos apêndices. Trechos que não ficaram totalmente audíveis, por causa da rapidez com que se falou ou por outros motivos, não foram transcritos, sendo

representados apenas por reticências. Tiraram-se fotografias para que fossem registradas cenas comuns na vida dos participantes e para que se guardassem aquelas lembranças para a posteridade. Isso posto, a seguir, descrevem-se os intérpretes e participantes da pesquisa. É necessário esclarecer, antes, que as pessoas são tratadas por um “nominho” ou “nome de casa” em Cabo Verde. Por isso, os participantes serão apresentados pelo nominho, e, depois, pelo nome de batismo.

O auxiliar da primeira ilha, Santiago, foi o Titiu, Manuel Antônio Barbosa, do Instituto Nacional de Investigação Cultural. Os participantes santiaguenses foram Dona Linda, Seu Armindu Pretu e Seu Dóli. A primeira participante, Dona Linda, Rosalinda Monteiro Barreto, nasceu e se criou na Cidade Velha, outrora Ribeira Grande, antiga capital da de Santiago. Dona Linda tem 65 anos. Viúva, os onze filhos foram criados com “grândi sakrifisiu”. Ela fala da vida, dos costumes. Conhece muitos “ramédi di tera”, é uma mulher decidida e influente na comunidade onde vive. Preocupa-se com a escola e a vida futura, deseja trabalho e saúde a todos do Cabo Verde “di manhã”.

Seu Armindu Pretu, Jacinto Vaz Cabral, também residente em Cidade Velha, tem 66 anos de idade. Teve oito filhos. É pescador desde bem moço. Contador de histórias desde garotinho. Sem nunca ter ido à escola, bem cedo aprendeu as artes da “kapintaria” e da “pescaria”. Conta histórias engraçadas. Além das tradicionais de “Lobu ku Xibinhu”, contou uma outra chamada “Bodóna”.

Seu Dóli, Isidoro Vaz Moreira, nascido e criado em Pedra Badejo, Concelho de Santa Cruz, tem 68 anos e seis filhos. Diferentemente dos outros dois participantes da ilha, freqüentou a escola. Ele trabalha na Câmara de Pedra Badejo. Revelou-se um leitor das grandes obras da literatura portuguesa. Narrou detalhes da estiagem e da fome que presenciou na região.

Na ilha do Fogo, cidade de São Filipe, o primeiro auxiliar foi Tóti, Antônio Brandão, filho de D. Idalina Coladeira. Idalina Pina Brandão, mãe de sete filhos. É coladeira, cantora, nas festas e reizados da comunidade. Senhora simpática, compôs alguns versos- “kolâ pa bo”- que, por causa do áudio, não foram traduzidos. Deixa mensagem “pa kontinua tardison” e não deixar morrer com os mais velhos.

Na zona de Chã das Caldeiras, vila que fica no cume do vulcão, o auxiliar foi o Albino, motorista de empresa de turismo. O entrevistado foi S. Socorru, Manuel do Socorro Montrond. Com um entusiasmo contagiante, falou da vida difícil na Ilha, do fogo incandescente e da alma do povo que vive no coração do Vulcão. Uma verdadeira poesia a entrevista do Sr. Socorro. Mensagem: prazer de estar vivo e de falar sobre o seu povo e sua terra — “vida d’Xã das kalderas”.

Três estudantes do Liceu foram os auxiliares na zona de Ponta Verde: Osvaldo Amílcar Rodrigues Batista, Paula Cristina Cardoso Pina e Pedro Batista. Primeiramente, entrevistou-se dona Mima, Arminda Lopes Monteiro, de 115 anos, senhora extremamente lúcida. Só teve um filho, mestiço de olhos azuis, 89 anos, com o qual mora até hoje. Falou dos costumes, da longevidade, e de como sua vida teria sido diferente se tivesse mais filhos ou se aquele único filho tivesse ido para Portugal.

Depois, foi a vez de dona Linda, Linda Gama Batista Monteiro, de 77 anos e do senhor Dendén, André Sabino Batista, de 84 anos, avós de dois dos auxiliares da pesquisa. Além de falarem sobre a família e a comunidade, também contaram sobre a falta de chuvas em Cabo Verde e períodos de fome, sobre os filhos que moram no exterior, falaram das embarcações baleeiras que passavam pela ilha de Fogo. Pensando no futuro, enviaram os filhos “pa studu fóra”.

Na ilha de Santo Antão, ilha em Barlavento, o primeiro auxiliar foi Nunu, Nuno Ramos Cardoso, funcionário de um dos hotéis da cidade. Ele contactou seu pai e um amigo dele para a pesquisa. Seu Joãozinho, João Gonçalo Cardoso, 58 anos, viúvo, tem onze filhos. Nuno é o mais novo. Seu Manuel Dina tem 65 anos, oito filhos. Seu Joãozinho trabalhou na construção de estradas nas encostas de morros de Santo Antão. Seu Manuel Dina é funcionário público do cemitério da Vila.

A professora Nair Brito Lima, à época Delegada do Ministério da Educação de Ribeira Grande, foi a auxiliar da segunda entrevista. Desta feita, a entrevistada foi Dona Kléta. Anacleta Rosa Pires Moreira, residente no Ribeirão do Campo do Cão, parteira, funcionária do colégio da comunidade, 64 anos, mãe de sete filhos. Mulher de fala ágil e firme. Contou sobre as fomes em Santo Antão. No fim, contou uma surpreendente história de “Pedro Malazarte”, sempre dando boas gargalhadas.

Na entrevista realizada no Centro Comunitário da Cruz Vermelha, a auxiliar foi Luíza Chantre Lima, Técnica dos Serviços Sociais da Câmara Municipal. Primeiramente, conversou-se com os idosos, chegando-se mesmo a gravar a fala de alguns, mas, por causa do som ambiente, não foi possível registrar a fala e o nome de todos. De certo, foram entrevistadas duas senhoras: dona Maria Nilza, de 60 anos e dona Maria da Luz, 66 anos. Simpáticas, falaram sobre Santo Antão e seus costumes. Deixaram mensagens de felicidade, respeito, força, saúde e paz para todos da Ilha.

A quarta auxiliar foi Maria Teresa Oliveira, Presidente do Concelho, na entrevista de sua mãe, dona Lurdís. Lourdes Oliveira Fortes, uma senhora de 71 anos, cinco filhos. Teve e tem ainda muito contato com o Português de Portugal. Na fala dessa participante evidenciam-se muitas alternâncias de

código entre o Caboverdiano e o Português Europeu. Dona Lourdes freqüentou a escola e pôde enviar os filhos para estudar em Portugal. Ter os filhos bem colocados é o desejo dela “ne vid”.

Na ilha de São Vicente, a primeira auxiliar da pesquisa foi Iolanda Lima, cabeleireira residente em Portugal, contatada durante a viagem de Lisboa a Cabo Verde, quando trazia o pequeno Bruno para os avós conhecerem. A entrevistada foi sua mãe, D. Juzéfora. Joséfora Monteiro de Lima, 47 anos, 07 filhos, nasceu e vive em São Pedro, vila de pescadores. D. Juséfora, também falou sobre a difícil vida dos homens do mar. Desejou felicidade e saúde para os filhos e todos de Cabo Verde.

O primeiro contato na ilha de São Vicente foi com o professor Moacir Rodrigues, indicado pelo lingüista Manuel Veiga, em Santiago. Ele auxiliou na entrevista com a segunda participante, D. Maria d’Reis, sua irmã. Maria dos Reis Santos Rodrigues, 70 anos e somente um filho. Alegrementemente, falou das brincadeiras do tempo de criança, dos namoros na cidade. Falou também das mudanças em São Vicente. No fim, desejou sossego, paz e um mundo melhor, sem rancor “pur kunpanheru”.

Na cidade do Mindelo, centro, reside a terceira participante da pesquisa. Ela foi indicada pelo professor Moacir Rodrigues. Também conhecida por dona Da Luz ou Dalas, D. Maria da Luz Brito Delgado, 66 anos, adora cantar e conversar. Parcialmente restringida em seus movimentos por causa de problemas de saúde, ouve rádio e tece rendas e crochê, sentada, “na porta” de casa. Falou sobre a vida cidadina do Mindelo, da evolução da cidade e do crioulo de outros tempos. Infelizmente, não se conseguiu recuperar a mensagem deixada por essa informante.

A quarta e última auxiliar em São Vicente foi determinante na etapa final da pesquisa — a transcrição inicial das fitas —, a inestimável Nai, Nair Souza Graça. Os últimos participantes foram seus pais: seu Toi e dona Bia. Senhor Antônio da Luz da Graça, 74 anos, casado com dona Beatriz da Graça, um exemplo de solidariedade no cotidiano sofrido dos caboverdianos de muitas gerações. Tiveram dez filhos. Alguns moram no exterior, outros, como Nai, continuam em Cabo Verde. Seu Toi, como é carinhosamente chamado, não se deixa abater pela idade nem pelas adversidades, e se mantém firme no propósito de ajudar ao próximo. Sua mensagem e seu lema: força, fé e esperança.

As entrevistas citadas encontram-se nos apêndices de I a IV desta tese. A transcrição ortográfica dos dados baseou-se no ALUPEC (Alfabeto para Unificação da Escrita do Crioulo, de 1994), representado em 4.1.. A transcrição fonética ou fonológica ao longo do texto baseia-se no IPA (International Phonetic Alphabet). A seguir, o resumo dos capítulos da tese.

O primeiro capítulo — Histórico — compreende um panorama da historiografia caboverdiana. No primeiro item, apresenta-se o cenário internacional anterior à descoberta do Arquipélago. No segundo, descreve-se o cenário nacional: os descobridores, o povoamento das ilhas e a interação entre os personagens da época. No último item, teorias que envolvem o surgimento Caboverdiano.

O segundo capítulo — Noções Básicas — contempla noções elementares da Lingüística. No primeiro tópico, discorre-se sobre aspectos da língua em geral, especialmente sociolingüísticos, como dialeto e idioleto. No segundo, dedica-se a questão das línguas crioulas em particular, com conceitos e teorias relativas ao surgimento dos pidgins e crioulos e situações semelhantes.

O terceiro capítulo — Modelo Teórico — aborda a descrição da Teoria da Otimidade (OT). Na primeira seção, reúnem-se elementos básicos a respeito da Gramática Gerativa (GG) e, em seguida, os pressupostos e mecanismos da OT. Na segunda parte, expõem-se alguns estudos pela OT, englobando áreas como aquisição de L2, estudos crioulos e variação e mudança lingüísticas.

O quarto capítulo — Fonologia do Caboverdiano pela OT — trata do Contexto Fonológico Geral do caboverdiano, segmentos consonantais e vocálicos, na primeira parte. Na segunda, desenvolvem-se a análise da sílaba e do acento nas ilhas de Cabo Verde pela Teoria da Otimidade, nos dois primeiros itens. No terceiro, procede-se à discussão sobre variedade e unidade no Caboverdiano.

No final, reúnem-se na Conclusão as considerações finais da presente tese. Nos Anexos, catalogam-se documentos citados no decorrer do texto. Na Bibliografia, registram-se referências feitas ao longo da tese e também aquelas que apenas contribuíram para a sua organização. Nos Apêndices (registrados em ordem numérica diferente da tese para não avultar o número de páginas dessa obra), reúnem-se as entrevistas escritas em Caboverdiano e as fotos dos intérpretes e dos participantes da pesquisa de campo. Encontram-se também catalogados nos apêndices algumas descrições sucintas do histórico das outras ilhas caboverdianas e os modelos preliminares de entrevistas elaboradas especialmente para o trabalho de campo em Cabo Verde, constantes no projeto inicial desta pesquisa.

Terminada esta introdução, encaminha-se ao Histórico de Cabo Verde.

## I. HISTÓRICO

---

“Quando o descobridor chegou à primeira ilha...”.

(Jorge Barbosa)

### 1.0. Introdução

Por vezes, a história de uma língua tem muito a dizer sobre sua estrutura. Diferentes formas de interação, quando do encontro de diferentes povos e culturas — a natureza do contato, o lugar e o território em que ele se dá, a intensidade e a duração que apresenta — acabam por definir características fundamentais da organização interna dessa língua. Esse fato é um tanto mais contundente, quando a língua em questão é uma língua crioula. Por essa razão, organizou-se o presente capítulo com o objetivo de observar os movimentos sócio-históricos envolvidos na gênese do Caboverdiano que teriam feito dele um (ou mais de um) crioulo envolto em controvérsias quanto a sua própria origem e quanto às variadas formações insulares que o constituem.

Primeiramente, apresenta-se o cenário Internacional (1.1) que contribuiu para determinar os rumos de Cabo Verde. Logo após, discorre-se sobre o cenário nacional do Arquipélago (1.2): a descoberta das ilhas (1.2.1), em especial, Santiago e Fogo (1.2.2), e Santo Antão e São Vicente (1.2.3). O recorte histórico vai do século XV até meados do século XIX, quando a escravidão é abolida no Arquipélago. Em seguida, expõem-se teorias acerca da origem do Caboverdiano (1.2.4.).

### **1.1. Cenário Internacional**

No século XIV, Portugal e as nações aliadas, Espanha, Flandres, França e Inglaterra, iniciam as Cruzadas, a guerra santa contra os Mouros. O lema era “libertar o túmulo de Cristo dos Infiéis”. Entretanto, a intenção era bem outra: romper com o monopólio árabe, que datava de séculos na região, sobre o ouro, o marfim, a seda, o açúcar e outras especiarias que vinham dos portos do Magrebe (Andrade: s/d: 28). Esse movimento dá origem à Era das Grandes Descobertas.

Fatores decisivos contribuíram para a primazia de Portugal. Na segunda metade do século XIII e durante o XIV, surge uma classe burguesa forte e empreendedora no País. Portugal contava com vantagens geográficas determinantes em relação às outras nações. Entre o norte e o Sul, todas as escalas de navegação passavam por suas Costas. As vantagens naturais e a colaboração de marinheiros italianos experientes garantiram o êxito de Portugal pelas portas do Atlântico, quando partes do mediterrâneo encontravam-se sob domínio dos árabes, venezianos, genoveses e catalães.

A vitória sobre os árabes, na seqüência das Derrotas — vitória sobre os infiéis — realizadas pelos espanhóis, permitiu aos portugueses explorarem o comércio da Costa Ocidental Africana. Afastados os árabes, nos anos iniciais do século XIV, os portugueses estabeleceram-se no litoral do Marrocos. Sob o impulso da política do Infante D. Henrique, o Navegador, os portugueses realizam as primeiras descobertas. Em 1341, são descobertas as Ilhas Canárias.

Todavia, a situação interna do País conturbaria o cenário de conquistas. Conflitos sociais assolaram o País no final do século XIV, culminando na crise de 1383. Num país com uma população pequena, dizimada pela peste negra, a migração dos camponeses para as cidades, as oposições entre a burguesia e a nobreza começavam a assumir grandes proporções. Era preciso que as burguesias comercial e rural se aliassem à nobreza em prol da descoberta e exploração de novas colônias. Estabelecida a aliança, era hora de conseguir o capital para o Expansionismo Português.

Foi por meio de “importantes contribuições da burguesia, por créditos de famílias judias, pela própria coroa e depois pela corte... por alguns nobres e estrangeiros, entre os quais genoveses, pisanos e milaneses” que a expansão marítima portuguesa se deu (Cf. Andrade, s/d: 30). Em 1415, a cidade de Ceuta, localizada no cruzamento da rota do ouro e das especiarias é tomada dos árabes. O século XV seria, definitivamente, o das Grandes Descobertas (anexo IV).

Portugal saíra na frente, e, no seu encaço, o Reino aparentado e aliado de Castela (anexo V), em alianças de guerra e de paz. De 1418 a 1420, os portugueses descobriram o Arquipélago da Madeira, e, em 1439, os Açores. Em 1444, o Cabo Verde e a Guiné. Em 1456, as Ilhas de Cabo Verde. Em 1471, a costa do ouro, atual Ghana. Em 1488, os portugueses atingiram o Cabo da Boa Esperança. Em 1492, Cristóvão Colombo, italiano a serviço da Espanha, descobre a América. Em 1498, Vasco da Gama contornou a África. Em 1500, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. De 1519 a 1522, Fernão Magalhães dá a volta ao mundo (PAIGC, 1974: 68-72).

No ambiente efervescente dessa Era, a escravidão seria ponta de lança. Dela, por muitos séculos, nenhuma potência da época abria mão. Descobertas as terras, era preciso povoá-las. Portugal contava com fraco contingente populacional, a se ver pelo dado citado por Andrade (s/d: 28) que, naquele País, “entre 1525-1530, existiam apenas 1.400.000 habitantes. Na mesma época, a Espanha contava com 7 milhões de habitantes, a França com 14 milhões, a Itália com 2 milhões, Marrocos com 6 milhões e o Império Turco com 16 milhões”.

Tornara-se imperiosa, então, a povoação e exploração das novas colônias<sup>1</sup>. Nesse intuito, iniciou-se o comércio de negros na África<sup>2</sup>. Os primeiros contingentes escravos, além dos do Magrebe, foram obtidos com os Guanches<sup>3</sup>, povos habitantes das Ilhas Canárias, com os azenegues amulados, habitantes da Mauritânia, e negros do curso do Rio Senegal que haviam sido “escambados pelos mouros nos Régulos Jalofos e vendidos aos europeus” (Carreira, 1972: 122).

---

<sup>1</sup> Os Açores e a Madeira foram colonizados por portugueses, mas Cabo Verde e São Tomé foram povoados [o termo “colonizado” só se aplicava aos colonos europeus], principalmente, por escravos.

<sup>2</sup> Andrade (s/d: 36) conta que “no domínio da escravatura, Portugal não estava em seu começo, pois tinha experiência de três séculos de... escravatura, dos Mouros e Negros capturados nas guerras contras os estados muçulmanos do Magrebe... nos séculos XII e XIII, o comércio de escravos era florescente em Portugal”.

<sup>3</sup> Andrade (s/d: 37) cita Verlinden (1949) ao comentar que foi no século XIV que se começou a trazer os Guanches para a Europa. E assim, “muito antes da costa ocidental africana, as Canárias [descobertas em 1341] foram as grandes fornecedoras de escravos para os portugueses e para os franceses, castelhanos e italianos”.

Entre 1445 e 1450 começaram os resgates na Ilha de Arguim<sup>4</sup>, na Mauritânia. Depois, do Rio Senegal ao Gâmbia. A captura dos escravos era feita por meio de entradas e assaltos noturnos. Espanhóis e portugueses se envolviam nessas empreitadas para aprisionarem Canários. “Mas, o verdadeiro tráfico começaria no século XV, depois da viagem de Nuno Tristão a Lagos, em 1443, de onde trouxe catorze escravos negros” (Lopes, 1944: 02). Para Portugal levou-se, anualmente a partir de 1444, por volta de 500 escravos. Em Portugal, escravos eram enviados para o sul em substituição à mão-de-obra branca. Alguns eram vendidos para Sevilha e Cádiz, na Espanha.

Passado algum tempo, D. Henrique resolveu mudar a tática dos assaltos na captura de escravos, por causa do “efeito nocivo do ato” (Carreira, 1972: 81). Esses assaltos foram substituídos por tratos: escravos passaram a ser negociados com os chefes de cada região, os Régulos, por mercadorias de sua necessidade ou preferência. No pensar dos portugueses, era dado cabo à violência, e tudo era “reduzido à paz” (Cadamosto, 1455 *citado por* Carreira, 1972: 76). A partir daí, passaram à compra direta, comércio mudo ou permuta.

Antes da chegada dos portugueses, as Línguas Francas faladas no litoral da Guiné eram o Balanta, o Fula, o Mandinga, o Manjaco, o Papel, o Wolof, o Serer. E os povos dividiam-se em quatro grandes grupos étnicos: 1. Grupo Diola (Felupes, Baiotes)– Balanta; 2. Grupo Manjaco (Brame, Papel) e Banhum (Cassangas, Cobianas); 3. Grupo Beafadas e Nalús; 4. Grupo de Bijagós, Cocoli, Padjadincas” (PAIGC, 1974: 49-51). Esses grupos vinham sendo empurrados do interior do Continente para a Costa pela expansão mandinga dos séculos XIII e XIV (1200-1300).

Quanto à escravidão, de cunho doméstico, era tradição na África. Ela estava assentada na lei de sobrevivência do grupo. Com a interferência dos europeus, assumiria as dimensões registradas na história. O retrato, então, se alargaria e incluiria os europeus, como na citação de Carreira (1992: 81):

“Entre Mandingas e Jacancas, o negócio estava organizado em feiras periódicas, negros vendidos a mercadores negros de outras etnias, não só para revender a traficantes árabes, no interior, como depois a europeus nos portos do litoral (Lemos Coelho, 1664)”.

Em pequenas proporções, a escravidão africana não forneceria a quantidade de “peças” que o mercado passou a exigir, a partir do século XV. Então, os Régulos desenvolveram meios alternativos

---

<sup>4</sup> Essa ilha na costa ocidental do continente africano, frente ao Sahara, descoberta pelos portugueses em 1443, constituiu o “seu primeiro entreposto comercial na costa africana. Os holandeses tomaram-na em 1938. Depois de também pertencer aos ingleses, a ilha volta aos franceses pelo Tratado de Versalhes [1783]” (Andrade, s/d: 36).

para obtenção de escravos: era a vez dos engodos e embustes<sup>5</sup>. Os africanos deixavam-se aprisionar em função das circunstâncias sócio-culturais em que se encontravam enredados. E assim, traídos e vilipendiados, aos milhares, contribuiriam na Europa, nas Américas e mesmo na África (anexo VII) na formação da força bruta de trabalho, e constituição das sociedades e línguas emergentes dos contatos.

Para ilustrar a complexidade do ambiente glotopolítico que se seguiu ao contato entre europeus e africanos, cita-se um trecho de Cadamosto (1455), veneziano a serviço de Portugal:

“...deliberamos mandar a terra com nossos intérpretes (porque cada um dos navios tinha intérpretes negros trazidos de Portugal, que tinham sido vendidos pelos senhores do Senegal aos primeiros Portugueses que vieram descobrir aquele país). Estes escravos tinham-se feito cristãos, e sabiam bem a língua Espanhola<sup>6</sup>, e tinhamo-los havido de seus senhores, com o contrato de lhes dar seu estipêndio e soldo, um escravo por cada um...: e em estes intérpretes tendo ganhado quatro escravos aos seus senhores dão-lhes alforria’. Se [escreve Carreira] os escravos eram adquiridos aos reis do Senegal, havia probabilidades de serem Jalofos, Sèreres, Lebús ou Mandingas” (Carreira, 1972: 268).

## 1.2. Cenário Nacional

No eixo do tráfico e do tráfego — assim podem ser descritos os primeiros dias de Cabo Verde. Logo chegaram os primeiros povoadores: homens de toda sorte, livres e escravos, lançados e degredados, religiosos e hereges, que estabelecem os pilares da sociedade caboverdiana nos primeiros quatro séculos de colonização. Às ações e interações humanas acrescentam-se as intempéries da natureza. As prolongadas estiagens e o descaso das autoridades resultam na hecatombe da fome, que, por sua vez, gerou sucessivas ondas migratórias entre as ilhas e para fora delas, alterando o curso da vida e, provavelmente, da língua dos insulares.

Neste segundo item, procura-se informar as coordenadas geográficas do Arquipélago, expor a controvertida questão dos descobridores (1.2.1.), narrar os primeiros séculos de colonização de Cabo Verde, mais detidamente nas ilhas de Santiago e Fogo (1.2.2), Santo Antão e São Vicente(1.2.3), e, ainda, focalizar a questão da formação da Língua Materna do País, o Caboverdiano<sup>7</sup> (1.2.4).

<sup>5</sup> Entre outros tantos, eram estes alguns dos artifícios utilizados para se obter escravos na Guiné: a) condenados sem culpa, toda a família, b) tomados em guerras injustas, c) furtados por força, d) vendidos pelos pais, e) Chai (deriva de achaque); f) venda de devedor (Cf. Carreira, 1972: 83-89).

<sup>6</sup> Teyssier (1990) relata que a Língua Portuguesa e a Espanhola, nessa época, eram quase a mesma “língua por causa de seu uso e da extensão de seu território. Quase tudo se resumia a uma questão de política, não da língua, mas dos territórios envolvidos”. De acordo com Naro (1973: 317), o termo “Espanhol” ou “Língua Espanhola” era usado no sentido geral de Península Ibérica.

<sup>7</sup> Sobre as variedades insulares, do que se conhece em bibliografias e conjecturas, trata-se em 4.2.3.

### 1.2.1. Descoberta das Ilhas

Incrustadas no meio do Atlântico, as ilhas vulcânicas que formam o arquipélago de Cabo Verde, remontam à descrição mítica de Platão: a Atlântida submersa (Cf. Ribeiro, 1984). Cabo Verde está localizado entre o trópico de Câncer e o Equador, aproximadamente a 500 km das costas do Senegal e da Mauritânia, e a 385 quilômetros de distância da Costa Oeste da África. Ele é um dos cinco arquipélagos atlânticos que compõem a chamada Macronésia, que abrange os Açores, a Madeira, as Selvagens e as Canárias (anexo VIII). A sua área total é de 4.033km<sup>2</sup>.

De acordo com o Piloto Anônimo<sup>8</sup> de 1784 (Anônimo, 1784: 37), “todas estas Ilhas de Cabo Verde se estão vendo umas às outras”, como se vê no mapa abaixo (Andrade, S/d: 31). Dez ilhas e cinco ilhéus, divididos em relação aos ventos alíseos em Norte e Sul, formam o arquipélago. As ilhas do Sul denominam-se Sotavento. As do norte, Barlavento. Sotavento é composto por Santiago, Fogo, Maio e Brava e pelos ilhéus de Luís Carneiro, Sapado Grande e de Cima. Barlavento compreende Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista, Sal e os ilhéus Branco e Raso.



A posição geo-estratégica (anexo IX) transformou Cabo Verde em entreposto comercial decisivo na escala de navegação nos tempos do tráfico— sua glória e sua ruína. Foi por isso mesmo transformado em fonte de disputa entre as coroas portuguesa e espanhola e alvo de investimento efetivo de nenhuma, além de ter sido objeto de cobiça de piratas e corsários. Três cavaleiros das

<sup>8</sup> Em diferentes épocas, um “Piloto Anónimo”, fiscal e cronista, era mandado pelo Reino em vistoria às colônias.

cruzadas henriquinas disputam o mérito da descoberta: os italianos, Alvise Cademosto, Antônio de Noli e o Português Diogo Gomes. Também Vicente Dias, que teria contornado uma das ilhas em 1445.

Das diferentes versões para o fato, o Piloto Anônimo (1784: 19) afirma que Cabo Verde foi descoberto em 1445 pelo genovês Antonio de Noli. Juntamente com seu irmão Bartolomeu e seu sobrinho Rafael, ele teria oferecido seus préstimos a D. Afonso V, rei de Portugal, a fim de participar da continuidade das descobertas na África. Essa façanha estava sendo empreendida pelo Infante D. Henrique, que havia mandado, em 1443, Diniz Fernandes para a dita região.

De acordo com o Anônimo (1784: 19), Diniz Fernandes chegou até o Rio Senegal, que “divide os Mouros dos gentios jalofos”, e prendeu uma canoa com quatro negros. Descobriu, adiante, “um grande Cabo ou ponta de terra que a África lança contra o poente, com grande verdura, entre o Rio Sanagal e o Rio Gâmbia, e porque se lhe representou com grande verdura, lhe chamou então Cabo-Verde<sup>9</sup>.” Atingido por uma tempestade, Diniz Fernandes voltou ao Reino com notícias da descoberta e os escravos, que seriam “os primeiros homens negros que se viram em Portugal”.

Na viagem seguinte, partiram os genoveses de Noli, um parente do Infante, Vicente Lagos, e Luís de Cadamosto. Daqui em diante, as versões se sucedem e se modificam. Para alguns, o descobridor foi Cadamosto, em 1456, tendo-se limitado apenas a visitar o espaço. Para outros, a política de sigilo do Reino pode estar no centro da questão (Cf. Verlinden, 1963: 31-32). Fato é que a Noli foi consagrada a descoberta de Santiago, Fogo, Maio, Boa Vista e Sal — ilhas de Sotavento

Numa carta de 1460, D. Henrique refere-se às ilhas que doara a D. Fernando, seu sobrinho espanhol; não menciona o grupo de Barlavento, que aparece apenas na carta de 1462. A descoberta é creditada a Diogo Afonso, escudeiro de D. Fernando (Silva Rego, 1966: 07). Pela impossibilidade de maiores discussões: achado por volta de 1455/6, época em que havia sido já descoberta a Guiné, era o ano de 1460 quando Cabo Verde é reconhecido e mandado povoar pelos portugueses em 1462.

Pela tese oficial, os portugueses encontraram “nenhum homem, só multidão de aves e pescaria”. Todavia, historiadores sustentam que as Ilhas de Cabo Verde eram conhecidas pelos africanos, gregos e geógrafos árabes. Elas figuram em mapas variados, antes e depois do século XV (anexo X). Pelo Anônimo (1784: 25), Santiago foi achada “habitada de muitos homens pretos, que por tradição se dizia ter[em] procedido de um rei Jalofa, que, por causa de uma sublevação, tinha fugido do seu país com toda a família a buscar refúgio... na costa do continente”.

---

<sup>9</sup> Localizado a oeste deste mesmo Cabo, quinze anos depois, o arquipélago vizinho receberia o mesmo nome.

Para Carreira (1972: 294-297), esse seria o caso de grupos pequenos que, por fatalidade, ancorassem na ilha, e que os jalofofos só poderiam ter chegado depois dos portugueses. Seriam Jalofofos trazidos do Reino de Caio<sup>10</sup> por Pero Vaz, em 1448. Esse grupo teria avolumado o contingente de povoadores africanos trazidos pelos europeus (v. 1.2.2.). Para finalizar, o parecer de Padre Marcelino Barros (1899 *citado por* Carreira, 1972: 303):

“Respeitando muito a opinião contrária, razões temos que nos levam a supor, ainda, que os primeiros habitantes, o subsolo ethnico, da ilha de S. Thiago, não seriam escravos importados da nossa costa da Guiné... Os camponeses de Cabo Verde, chamados Vadios afastam-se tanto dos Papéis e Mandingas dolicho-prognatos, quanto se aproximam dos Jalofofos, os negros mais perfeitos de toda Senegâmbia...”

### 1.2.2. Santiago e Fogo (Sul)

As ilhas de Santiago e Fogo, Maio e Brava (apêndice VI) formam o grupo de Sotavento, ao Sul. Santiago, “a mais rica e dotada pela natureza”, é a capital do Bispado, cuja sede era Ribeira Grande. Ela “está mais fronteira ao mesmo Cabo-Verde, em distância de 100 léguas” (Anónimo, 1784: 22). Em Santiago, concentram-se grande parte dos fatos que repercutirão nas outras ilhas.

A descrição da Ilha do Fogo é também dada pelo Piloto Anônimo (Anónimo, 1748: 29): “a Ilha de São Filipe fica a Oeste de Santiago em distância de 12 léguas de canal, e na mesma latitude. É chamada comumente de Ilha do Fogo, por existir nela um pico de grande altura para a parte leste, que dizem terá, pela linha imaginária, uma légua até o cume, de onde saía um grande vulcano de fogo, que só de noite se dividava, e de dia aparecia uma grande nuvem de fumo.” A história dessa ilha é menos documentada do que a de Santiago, em cujas “sombras” ela se desenvolveu.

Descobertas há algum tempo, o Reino decide integrar as Ilhas às suas estratégias comerciais, em 1462, quando mandou povoar Santiago. Em posição privilegiada no Atlântico, a ilha afigurou-se aos portugueses como preciosa alternativa para seus planos na Guiné. Seria possível estabelecer sólida base de apoio e intercomunicação.<sup>11</sup> A localização geográfica parecia perfeita: próxima o

---

<sup>10</sup> O Príncipe Jalofofo Bomain Gilém, do Reino do Caio, região do Rio Senegal, foi a Portugal pedir auxílio a D. João II. Solicitou a construção de uma fortaleza para si e uma feitoria para os portugueses. No caminho, desconfiado de traição, Pero Vaz apunhalou o príncipe. Os nobres africanos foram encaminhados para a Ilha de Santiago.

<sup>11</sup> “Frente à costa da Guiné, onde os portugueses já vinham mantendo desde há bastantes anos, contactos comerciais, pacíficos ou não, com as populações do litoral, as ilhas poderiam servir não só de excelente ponto de escala, mas também de trampolim para as incursões de reconhecimento e exploração da faixa costeira ocidental do continente e do sul do Atlântico” (Santos Carvalho, 1998: 19).

suficiente do Continente para os navios do Reino aportarem e distante o bastante dos Rios da Guiné para se evitar ações ofensivas dos poderes africanos.

Todavia, também o Reino de Espanha alegava direitos sobre essa descoberta portuguesa, o que, por laços familiares e políticos, incidiria no mesmo ponto. As ilhas foram divididas entre dois donatários: o genovês António de Noli e o português Diogo Afonso. Noli fundou a Vila de Ribeira Grande, sede da colônia. Diogo Afonso, a de Nossa Senhora da Luz, mais conhecida por Alcatrazes. O Anónimo (1784: 20) diz que D. Afonso V, rei de Portugal, “doou as ilhas ao seu irmão, Infante D. Fernando, príncipe de Espanha, que “cuidou com desvelo de povoar a Santiago”.

Verlinden (1963: 33) narra que Noli teria usado “três barcos que trouxera da Itália... de maior tonelagem que as caravelas portuguesas”. Entre os primeiros colonizadores estariam “fidalgos de Portugal, genoveses e espanhóis ou seus descendentes [castelhanos] e alguns flamengos, que teriam sido mandados por reis e príncipes, com eles podem ter chegado criados e outros trabalhadores como artífices e trabalhadores braçais” (Mendes Corrêa, 1954: 25). Carreira (1972: 21) assegura que vieram com Noli “portugueses do Alentejo e do Algarve e, provavelmente, de outras áreas do país, talvez, mesmo do norte, todos em número reduzido”.

Há “quarenta anos do descobrimento” é dito também que a Vila estava povoada de muita gente, “... muito gado, cujo couro era exportado para metrópole” (Senna Barcelos, 1899 *citado por* Carreira, 1972: 21). Entrementes, em 1466, Frei Rogério e Frei Jaime (Amaral, 1964: 173), em uma de suas visitas ao Arquipélago, declararam estar o País “só e destituído de povos, exceptuando-se alguns genovezes que mais tratavam de colher o algodão pelo mato.” Em 1469, dois espanhóis das Canárias obtiveram concessão para o comércio da urzela, líquen marítimo (Amaral, 1964: 174).

O povoamento da Ilha do Fogo é tema ainda controverso. Alguns autores dão como povoadas, no século XV, as ilhas de Santiago e Fogo. Outros dizem que a primeira notícia sobre Fogo é dada apenas em 1503, quando são arrendados seus direitos juntamente com Santiago. Todavia, há registro da doação da ilha a Diogo Afonso em 1490, quando o mesmo teria introduzido animais e escravos. “Logo provavelmente foi a segunda a ser povoada, antes do fim do século XV”, segundo Andrade (s/d: 47), que destaca a construção de uma igreja na ilha, em 1500.

Na colonização de Fogo, os historiadores destacam a chegada de “reinóis portugueses... seus servos, trabalhadores humildes e escravos negros, recrutados entre as populações do litoral da Guiné... estrangeiros, menos do que nas atlântidas dado o caráter inóspito da natureza

caboverdiana...” (Ribeiro, s/d: 37). Na Carta Régia de 1472 encontra-se registrada esta passagem: “o povoamento de Santiago e do Fogo foi iniciado com brancos, nobres e plebeus, degredados e escravos pretos... [estes] vindos de terra firme defronte das ilhas...” Carreira (1983: 54) diz que “a coroa mandou para Fogo e Santiago... portugueses, genoveses, sevilhanos, castelhanos e outros”.

Andrade (s/d: 47) argumenta que os primeiros habitantes da ilha do Fogo foram “os servos brancos de D. Fernando e os escravos dele.” Lopes de Lima (1844 *citado por* Ribeiro, s/d: 38) completa: “para povoar as duas ilhas (S. Tiago e Fogo) mandou o Infante D. Fernando... no anno de 1461 casas do Algarve em companhia do descobridor António de Nolle, Diniz Eannes e Ayres Tinoco primeiros donatários, os quaes valendo-se do exclusivo, que lhes fora conferido, resgataram da Guiné grande número de escravos para o arroteamento das terras”.

E assim começa a história do tráfico de escravos para Cabo Verde: quatro anos após ter-se iniciado o povoamento de Santiago, o Infante D. Fernando escreve ao rei de Portugal, seu irmão, sugerindo “grandes liberdades e franquezas” para os colonos, por causa da distância e das dificuldades impostas pelo clima e pelo solo. Esse pedido resultou na promulgação da Carta de Privilégios de 1466. Nela, o monarca autoriza os portugueses instalados em Santiago a “resgatar [almas= traficar escravos] nas partes da Guiné”, para iniciarem o povoamento (Carreira, 1972: 21).

Nesse tempo, a captura violenta de escravos havia sido substituída pelos tratos de comum acordo entre as partes. Em relato do século XVII, retrata-se essa mudança ainda no século XV:

“[1468-1469] negócio na Guiné mui coerente entre os nossos e moradores daquelas partes: uns comunicavam em coisa de comércio com a paz e amor, sem entradas e... assaltos... a qual gente .... sempre se mostrou mui esquiva. Però depois que tiveram alguma notícia da verdade pelos benefícios que recebiam assim na alma como no entendimento, e cousas para seus usos: ficaram tam domésticos, que não havia mais que partirem os navios deste Reino, e chegados a seus portos, concorriam muitos povos do sertão ao comércio de nossas mercadorias, que davam a troco de almas, as quais vinham receber mais salvação que cativoiro” (Padre Brásio, 1600 *citado por* Carreira, 1972: 35).

Nos primeiros tempos, consoante Tenreiro (1956 *citado por* Santos Carvalho, 1998: 15), foram trazidos para Cabo Verde, como escravos, “negros das etnias Felupe, Jalofo, Balanta, Papel e Bijagó, provenientes de grupos da Costa da Guiné, aproximadamente a margem sul do Senegal ao Rio Orange, no limite de Serra Leoa” (anexo XI). Do Rio Senegal até a Serra Leoa, portanto, fixavam-se os limites da Guiné (a área chamada de Guiné de Cabo Verde, envolvendo as duas regiões). Carreira (1972: 310-312) estabelece a posição dessa região e seus habitantes:

“A margem direita do Senegal e a esquerda do Gâmbia eram ocupadas mais ou menos, pelos mesmos povos: na margem norte do Senegal, populações Berberes (os mouros da Mauritânia) com maior ou menor grau de miscigenação, de coloração pouco acentuada, e algumas camadas de Mouros- pretos, produto do cruzamento de Berberes com Jalofos e Tucurores. Da margem do mesmo rio para o sul, dominaram os Jalofos até a altura do Cabo Verde... em todo este sector e de mistura com etnias antes referidas, sempre se encontraram Mandingas e Fulas, e seus diversos subgrupos...”

Pode-se atestar a presença de Jalofos e Fulas entre os primeiros povoadores de Santiago. Em 1546, Diogo Carreiro, para seguir viagem rumo ao Rio Senegal, leva “muitos negros Jalofos do sertão de Jalofos e Fulos... e da ilha levou algumas línguas [intérpretes].”<sup>12</sup> Em 1625, registra-se este trecho: “tenho falado com muitos Fulos... em Guiné, e com muitos que se fizeram cristãos e nesta ilha [Santiago] se casaram... ouvi a meu pai e a muitos antigos e assim a muitos Fulos antigos que de Guiné a esta ilha vieram, que no tempo que esta ilha foi descoberta” (Cf. Carreira, 1972: 320).

No vai-e-vem do povoamento, moradores de Santiago também migraram para Fogo: “alguns que habitavam a Ribeira Grande, gente de Santiago e muitos negros cativos” (Amaral, 1964: 35). Se diretamente para Fogo ou se de Santiago para lá, fato é que os escravos eram oriundos da Guiné. Eram Balantas, Papéis, Bijagós e também Falupes e Jalofos, e, entre eles, “elementos de outras raças– fulas mulçumanos– mas a maioria seria de negros sudaneses” (Ribeiro, s/d: 37).

Convém esclarecer, como fez padre Brásio (1600 *citado por* Carreira, 1972: 310) que:

“o povoamento antigo de Santiago e de Fogo não se fez unicamente com escravos... também houve povoadores africanos livres, idos para as ilhas espontaneamente em companhia de negociantes, missionários, capitão de navios, como sejam banhuns, cassangas e buramos, os quais por a continuação e comunicação que têm com os nossos portugueses, são mui ladinos e falam muitos a língua portuguesa. Em muitos recebem água de batismo... indo-se fazer cristãos a ilha de Santiago.”

Os escravos que foram trazidos para Santiago e Fogo, no decorrer do tempo, foram sendo enviados para as outras ilhas para cuidarem dos animais e culturas experimentais. Desse modo, desde 1490, alguns escravos eram enviados para as ilhas de Boa Vista e Maio. (Cf. Mendes Corrêa, 1954: 130). Era o início do “movimento silencioso, não captado pelas fontes oficiais”, que resultaria no povoamento de outras ilhas do Arquipélago, notadamente as do grupo de Barlavento.

---

<sup>12</sup> Em meados do século XVI, e mesmo antes dele (1.1), era comum o uso de intérpretes. Essa função era tão importante que, mais tarde, foi instituída oficialmente. Ganhava-se status e salário por ofício de destaque, porém, ingrato, como, de resto, o era a condição de escravo: muitos eram mortos ao tentarem manter contato com as populações nativas.

Para Santiago, vieram judeus e foram enviados degredados<sup>13</sup>. Assim, entre os povoadores deve-se acrescentar “judeus, mouros, mais cedo ou mais tarde; em número maior ou menor, espanhóis, holandeses, ingleses, franceses, indianos” (Mendes Corrêa, 1954: 139). Para Fogo também vieram judeus, e, provavelmente, para que não se acumulassem numa única ilha, foram mandados degredados. Escravos africanos foram trazidos da Guiné para trabalharem na cultura do algodão. Fogo produziria uma panaria bem cotada nos tratos e resgates da costa africana.

Nos finais do século XV, navios provenientes da costa africana começaram a aportar em Cabo Verde. Em 1468, por não dispor de recursos para explorar o comércio, e por terem-se iniciado as contravenções dos colonos de Santiago, o Reino arrendou o comércio da Guiné para Fernão Gomes. Em 1472, expediu-se a Declaração de Limitação de Privilégios que restringia os resgates aos moradores para “seus serviços e boa povoação”. A concorrência entre o arrendatário, o donatário, e demais colonos, desencadearia o chamado “Surto dos Lançados”<sup>14</sup>, a ser visto mais adiante.

Em 1474, ascendem ao trono de Castela os reis católicos D. Fernando e Dona Isabel. O rei de Portugal, D. Afonso, pretendendo a Coroa Espanhola, invade Castela. Reivindicando a África e a Guiné, os espanhóis invadem os domínios africanos de Portugal. Em 1476, Santiago é atacada pela Espanha. Noli, o donatário, alia-se à Espanha. Em 1479, Portugal e Espanha concluem o Tratado das Alcáçovas, pelo qual a Espanha reconhecia o direito de Portugal sobre a Guiné e Cabo Verde. Noli volta às graças do rei de Portugal (Verlinden, 1963: 44).

Nesse meio tempo, Santiago e Fogo haviam progredido. O cultivo de cereais, a criação de gado, a apanha da urzela, o sal e a chacina das cabras formavam os recursos naturais das ilhas. No Fogo, o algodão era para comércio e o milho, para subsistência. Cabo Verde era o “principal fornecedor de cavalos e vacas para a costa da Guiné... [aos] Jalofos, Mandingas e Fulas” (Carreira, 1972: 108).

A primeira paróquia de Santiago, na Ribeira Grande foi fundada no início do povoamento, 1462 (Amaral, 1964: 38). Em 1466, quando se iniciam os resgates, “o Infante D. Fernando mandou sacerdotes para as ilhas, a fim de converter os negros” (Mendes Corrêa, 1954: 129). Os vigários

---

<sup>13</sup> “Todas as nações européias que se lançaram na descoberta... a partir do século XVI e na pegada dos portugueses– Espanha, França, Inglaterra, Holanda, etc– todas enviaram para o seu ultramar nobres, plebeus, cristãos, judeus, ciganos, uns de moral irrepreensível, outros delinquentes perigosos ou simples faltosos... nobres empobrecidos, jovens ambiciosos, judeus expulsos pela Inquisição– que iriam fornecer parte do capital para desenvolvimento da colônia, órfãs, prostitutas” (Feijó, 1797 *apud* Carreira, 1972: 285).

<sup>14</sup> “...portugueses cristãos (ou estrangeiros) que por interesses materiais ligados ao comércio foram empurrados pelo condicionalismo criado pelas diferentes leis para a situação de violadores de ordens régias, tornando-se do mesmo modo faltosos em relação aos preceitos do catolicismo” (Carreira, 1972: 65).

constituíram importante parcela da sociedade. Eles seriam os responsáveis pela ladinização<sup>15</sup> dos africanos e, em parte, pela transformação de suas línguas.

Em Fogo, o Cristianismo foi implantado desde cedo. Na ilha, existiam “clérigos e cónegos tão negros como azeviche, que fariam inveja pelo seu saber e compostura, aos das nossas catedrais” (Ribeiro, s/d: 15). Mas, os religiosos do Fogo tinham menos privilégios que os de Santiago. Exemplo disso é que o capitão-mor tentou fundar um asilo para religiosos italianos na Ilha, e o Reino não consentiu. Todos os setores de Fogo dependiam dos despachos dados em Santiago.

Em 1533, ocorre a criação da Diocese de Santiago, até então vinculada à Diocese do Funchal (Semedo, 1998: 40). Consolidava-se o Cristianismo no Arquipélago. Foram construídos colégios e seminários. Esta implantação é feita a um só tempo em que o tráfico aumentava na Ilha. Escravos eram enviados para Portugal, Madeira, Canárias, Sevilha, Cádiz, Antuérpia e Índias de Castela, em especial as Antilhas. Para onde quer que fosse, o escravo deveria ser ladinizado em Santiago.

Os padres e assistentes cuidavam do batismo, da catequização e do ensino do português. Do ensino de ofícios manuais, encarregavam-se “os brancos artesãos, muitos deles degredados” (Carreira, 1977: 27). A cotação era alta por escravos treinados em algum ofício e rudimentos da língua portuguesa. Esses eram os Ladinos. Na condição contrária, eram denominados Boçais.

É nesse contexto que se pode observar outro personagem: o Língua, cristão ou não, que, normalmente, falava mais de uma das línguas nativas. Na igreja, era pela catequese que os padres obtinham “o chalona e fazia-se o cristão” (Carreira, 1972: 265, 268). Todavia, o Língua era o tradutor e auxiliar direto dos padres e, especialmente, dos lançados<sup>16</sup> no contato com os escravos.

Quanto ao processo de ladinização, de teoria exemplar, não apresentava prática condizente. Os traficantes viam-na como entrave aos seus planos. Isso gerou atritos entre o Reino e a Igreja. Por vezes, nem mesmo representantes do governo atendiam ao princípio do batismo e da ladinização, por causa da demora nos Portos. O rei tinha interesses no negócio do tráfico e a responsabilidade conferida pela Igreja para difundir a religião católica, por isso era necessário o controle da situação.

---

<sup>15</sup> A ladinização era o processo que compreendia a catequização, o ensino de rudimentos da língua portuguesa e de algum ofício ao escravo (cf. Carreira, 1972: 258-280). Mais adiante, discorre-se sobre esse assunto.

<sup>16</sup> a) “Cerca de 1600 diz-se ‘aqui em Jambra comercian ingleses, franceses, flamencos [natural de Flandres] y portugueses, y en este puesto hay negros, mulatos y criollos naturales de las islas de Santiago e Cauo Verde. Ay muchos portugueses que vuen alli casados, alos quales llaman Tangomagos que sirven de lenguas ò interpretes para los mercadores y señores de aqueles partidos” (Mota, 1969 *citado por* Carreira, 1972: 54);  
b) “Também chamados lançados... os tangomaos eram portugueses e caboverdianos (entre os quais muitos judeus convertidos) que serviam de intermediários... entre negreiros e os povos do interior” (Andrade, s/d: 23).

Datam de 1500 as primeiras leis que determinam o batismo de escravos. Antes, somente os escravos que fossem ficar em Portugal deveriam ser batizados. Quando o tráfico intensificou-se no entreposto de Santiago (anexo XII), o batismo passou a ser obrigatório a todos. Eles eram trazidos para a “comunidade cristã” por esse ritual. Africanos livres também vinham a Santiago para se batizar ou “lavar cabeça”. Batismos realizados em massa não incomodavam aos religiosos mais que a “escravidão injusta” praticada, especialmente, pelos lançados.

Lançado referia-se “ao português branco — cristão ou judeu —, ao estrangeiro, como ao preto ou mulato de origem portuguesa” que adentrava clandestinamente nos sertões (Carreira, 1972: 50-51). Era auxiliado diretamente pela Tangomá, sua mulher africana, e pelo Grumete, africano cristianizado. Os homens de Santiago também se lançaram no tráfico. Em 1520, “muitos homens brancos que vão dessa ilha nos navios aos resgates, se deixam lá ficar virando Tangomaos” (Carreira, 1972: 53).

No final do século XVI, os lançados receberam o acréscimo decisivo dos mulatos caboverdianos. Mais próximos da Guiné, eles “levavam vantagens sobre contratadores... portugueses e espanhóis” (Carreira, 1972: 50). A Coroa tentou deter esse avanço. Em vão: a mestiçagem tinha resultado num tipo resistente às vicissitudes do tempo e da vida no Arquipélago— o mestiço. Desde os primeiros tempos registram-se que homens de Santiago, europeus ou mestiços, iam traficar na Guiné.

Em Santiago e demais ilhas, “dada ainda a escassez de moradores [europeus] e a forma ampla com que se planeia o povoamento [de escravos], cedo se desencadeia a mestiçagem” (Tenreiro, 1956: 09). Foi natural que a mestiçagem ocorresse também em Fogo: as mulheres europeias não queriam se submeter ao clima e às doenças tropicais. As africanas eram muitas, e escravas. Daí, se originaram “as três castas que há no Paiz: brancos... pretos... mulatos... esta última casta aumentou muito quando começaram no século XVI a ser mandados... degredados... não descontinuando nunca a introdução da escravaria na costa” (Feijó *citado por* Carreira, 1972: 64).

De 1510 a 1513, Santiago, Fogo e Maio foram concedidas a um só arrendatário. Em 1513, havia 162 habitantes na Ribeira Grande— “58 brancos moradores, 56 naturais de Portugal, 12 padres, 4 mulheres brancas solteiras, 16 negros e negras” (Carreira, 1977: 26). O ínfimo número de mulheres europeias era um dos motivos da miscigenação entre europeus e escravas. Barros (*citado por* Andrade, s/d: 44) confirma que a “miscigenação do sangue, da língua e da Cultura” teria também a contribuição de espanhóis, franceses (normandos e bretões), ingleses, holandeses e outros...”.

Em 1528, a Ilha do Fogo foi doada ao Conde de Penela, e, em 1532, foi nomeado um Feitor

dos tratos dos algodões. A panaria da ilha constituiu moeda corrente entre a Guiné e estrangeiros: a produção era permutada por escravos e outros itens na faixa costeira da Guiné. Nesse meio tempo, a ação intensiva dos lançados continuava. Em leis de 1514 a 1518, foram-lhes estabelecidas pena de morte natural (pragas rogadas pela Igreja) ou pena de morte pelos Régulos (incitados a matar esses europeus, antes chamados “os nossos”). De 1518 a 1520, os lançados foram excomungados da Igreja Católica. Legitimava-se, assim, a sua condição de pagãos em terras africanas.

No início do século XVI, uma colônia de Judeus fixou-se no Arquipélago. A fuga de judeus ou cristãos-novos (judeus convertidos) para os Rios da Guiné e Santiago começara no final do século XV (Andrade, s/d: 46). Sua presença clandestina é aludida em 1516: “nenhum fidalgo salvo aqueles a que para isso damos lugar... não possam nela viver de morador, nem estar nenhuns cristãos-novos...”. Em 1544, acusa-se o Corregedor de Santiago de proteger franceses e cristãos-novos, e era voz corrente que a Guiné e Santiago estavam “coalhadas deles” (Carreira, 1972: 70- 71).

Nesse meio tempo, embora o entreposto houvesse sido deslocado para Lisboa em 1512, Santiago continuava a ser escala dos navios procedentes da Guiné, como relatado neste excerto:

“Vem aqui, infinitas caravanas de Negros, que trazem ouro e escravos para vender, em parte dos que eles aprisionaram na guerra, e em parte dos próprios filhos que os pais e mães conduzem para o mesmo fim, parecendo-lhes fazer o maior benefício do mundo, em os mandar por este meio habitar noutros países mais abundantes... os arrematantes levam depois os escravos à ilha de São Thiago, aonde de contínuo chegam navios com mercadorias” (Carreira, 1972: 130).

De 1530 a 1549, apesar da condição de os escravos serem levados diretamente a Lisboa, a entrada de escravos em Santiago manteve-se regular. Assim, até começos do século XVIII, apesar de a maioria ser exportada, muitos eram negociados e ficavam em Cabo Verde:

“A afluência de escravos a Santiago nos anos seguintes [1513-1516] não diminuiu nem parou, a não ser no final da centúria. Continuaram a entrar até começos do século XVIII, embora muitos deles (a maioria) em trânsito. Evidentemente que desses bastantes ficaram em definitivo nas ilhas... uma parte... pequena que fôsse, ficava na ilha a engrossar o contingente” (Carreira, 1972: 125)

No século XVI, embora o rei fosse acusado de “pouco ou nada se lembrar” da Ilha (Silva Rego, 1966: 18), Santiago estava na sua melhor fase. O tráfico tinha-lhe sido benéfico. A Vila de Ribeira Grande, capital da província, havia prosperado. A Vila de Nossa Senhora da Praia, hoje capital de

Cabo Verde, começava a despontar. Os colonos eram os descendentes dos primeiros donatários, sesmeiros e escravos. “No decurso do tempo, eram eles que tinham se fixado” (Semedo, 1998: 37). Muitos foram para o Fogo, onde os moradores, gradativamente, passavam a proprietários da terra.

De 1574 a 1580, Santiago, Fogo e toda a Guiné foram arrendadas a dois portugueses. Santiago e Fogo desenvolveram-se um pouco mais. O algodão de Fogo era utilizado nos tratos da Costa da Guiné e do Rio São Domingos. Por volta de em 1582, havia em Santiago 11.700 escravos e 2.000 no Fogo, 1.608 habitantes e residentes brancos e pardos (mestiços) livres e 400 pretos forros, casados. “Entre 13.700 escravos, 4.500 eram convertidos e 2.000 instruídos com esse objectivo. Representavam 87, 3% da população contra 12, 7% de brancos e pardos” (Carreira, 1977: 27).

De 1580 a 1583, um longo período de estiagem causou crise de fome nas Ilhas. Nesse período, diversos indivíduos saíram de Santiago e do Fogo para a Guiné: brancos naturais da terra, negros e mestiços, os “pretos da terra”. Sobre o período de fome seguinte, 1590 a 1594 não há registros detalhados. Esse período coincidiu com o início da dominação espanhola<sup>17</sup> sobre Portugal, e, por conseguinte, a colônia de Cabo Verde, que duraria de 1580 a 1640.

Em 1580, começa-se a pôr termos na questão da alforria para a colônia. Na fase inicial, ela relacionava-se aos escravos dos mouros (“talvez islamizados”) e dos gentios (“outros negros”):

“o cativo do mouro ou gentio que quiser fazer cristão deve primeiro ser doutrinado e ensinado na fé, e perseverando ele em seu santo propósito o tempo necessário para ser baptizado, seja avaliado em preço favorável à sua liberdade... e não vendendo em dito tempo de três meses, o tal escravo ficará forro...” (Carreira, 1972: 369).

Em Santiago, Fogo e outras ilhas, nos princípios do século XVII, ocorria a alforria de escravos sob a forma de manumissão dos escravos para expiação dos pecados dos senhores, quando estavam à beira da morte. Esses libertos, em grande parte, iriam contribuir para o povoamento das outras ilhas, até então, ocupadas apenas por escravos. É o que se lê neste trecho:

“...deixaram libertos uma grande porção de seus escravos... estes para não se sujeitarem ao trabalho, e subordinação aos brancos, passassem a povoar as adjacentes, onde juntos com os escravos dos donatários daquelas ilhas, que ali estes possuíam para o cultivo das suas herdades, constituíram as suas povoações” (Feijó, 1797 *citado por* Carreira, 1977: 46).

<sup>17</sup> “Nesse período de dominação espanhola, Santiago e outras ilhas sofreram com o abandono do governo e a ação dos piratas e corsários...” De fato, todas as colônias portuguesas sofreriam: “os holandeses, que são antigos súditos do rei de Espanha, revoltados e em guerra contra ele, vão aproveitar-se da situação para se apoderarem dum grande número de estabelecimentos, tanto em África como na Índia e na América” (Carreira, 1972: 350-351).

Em 1609, reaparece o flagelo da fome em Santiago. Padre Barreira (*citado por Carreira, 1972: 190*) conta que as freguesias “chegaram a se despovoar de maneira que não tinham os vigários a quem dizer missa.” Mortes, migrações para a Guiné, fuga em navios estrangeiros, ida voluntária ou forçada para outras ilhas agravavam o despovoamento de Santiago. Todavia, passadas as crises, compravam-se mais escravos. Em 1607, próprio Padre Barreira (*citado por Carreira, 1972: 263*), missionário da Guiné, confessa: “a experiência me tem mostrado que nem na ilha [de Santiago] nem cá [Serra Leoa] podemos viver sem escravos. E assim sou forçado a comprar alguns”<sup>18</sup>.

Os escravos deveriam ser ladinizados em Santiago, conforme registro de 1600 a 1613. Entretanto, a maioria seguia viagem para os portos de destino sem parada na ilha, por causa da pressa dos traficantes. Enquanto isso, aumentavam as reclamações dos senhores de Santiago sobre a fuga dos escravos para o interior das ilhas, onde estariam à salvo da escravidão e dos corsários e piratas<sup>19</sup>. Eram os “auto-alforriados” que povoariam o interior, num tipo de povoamento disperso. Por vezes, para salvarem o patrimônio, eram os senhores que instruíam a fuga para os morros.

Nas primeiras décadas do XVII, sob o domínio da Espanha, fortaleceram-se o corso e a pirataria, existentes desde o século XVI. Entre 1620 a 1622, acusam-se corsários franceses de andarem roubando “navios que vão para Angola, Brasil, Canárias e para a dita Ilha [Santiago]” e de levarem “a resgatar as fazendas roubadas aos cristãos-novos que naquelas partes [Guiné] residem...” (Moura *citado por Carreira, 1972: 161*). Os corsários e piratas franceses, holandeses, flamengos, ingleses e espanhóis espalhavam o medo e a desordem pelos mares e vilas.

Entre outras coisas, a miscigenação também continuava a incomodar o Reino. Em 1620, foi ordenado o envio, para Cabo Verde, das mulheres brancas que se costumava degredar para o Brasil. A finalidade principal era que se extinguisse, “quanto possível a raça de mulatos” (Barcellos, 1820 *citado por Carreira, 1972: 288*), e que a população fosse “branqueada, europeizada”.

O comércio da época passava por momentos tumultuados com atritos entre autoridades religiosas, civis e militares, conluio ou luta de lançados com negociantes estrangeiros. Em parte por isso, durante a Dinastia dos Felipes, Santiago perdeu a posição de “placa giratória de tráfico de

---

<sup>18</sup> Informação adicional: “os ministros da Igreja acabaram por imitar de forma corrente os altos representantes da Coroa. Como eles, fizeram comércio, e como eles deixaram uma vasta descendência” (Carreira, 1972: 43).

<sup>19</sup> “Corsário– navio que faz o corso; Corso– caça a navios mercantes do inimigo, efetuada por navio particular com a devida autorização de um governo beligerante; Pirata– bandido que cruza os mares com objetivo de roubar” (Cunha, 1986: 220, 608).

escravos destinados às plantações das Américas.”<sup>20</sup>

Franceses, ingleses e holandeses assumiram posições estratégicas no tráfico. Santiago perdeu o controle do rio Gâmbia para os ingleses. No Rio São Domingos e Casamansa, o comércio de escravos entrou em decadência. Em 1640, Santiago restabeleceu-se como entreposto, sem, contudo, recuperar-se do infortúnio Filipino<sup>21</sup>. Na segunda metade de 1600, o Reino instaurara, a exemplo da Holanda, Inglaterra e França, o período das grandes Companhias para explorar o comércio entre Guiné e Cabo Verde. Em 1651, formou-se a Companhia de Cachéu e Rios da Guiné.

Desde a fundação da Companhia em 1676, o enfraquecimento econômico de Santiago, que vinha desde 1664, se acentuaria. Enquanto a economia declinava, mantiveram-se alguns costumes. É o caso da educação de africanos em Santiago. Desde o século XVI, era comum reis ou nobres africanos mandarem filhos aprenderem religião e língua em Santiago. Em 1669, Lemos Coelho (1669 *citado por* Carreira, 1972: 329) conta ter recebido filhos de Bijagós para serem educados e cristianizados na ilha. Depois, eles desempenhariam a função de chalonas ou intérpretes na Guiné.

Por volta de 1676, os últimos brancos de Ribeira Grande tinham-se reduzido ao número de vinte, mais trinta a quarenta soldados. Nas palavras de Carreira (1972: 182): “desapareciam como por encanto ‘boas casas de pedra e cal, habitadas por infinitos cavalheiros portugueses e castelhanos’, na cidade de Ribeira Grande, na qual se encontravam mais de ‘quinhentos fogos’... por volta de 1550”. Afora a pressão das companhias, esse era o resultado do êxodo da população branca para a Costa da Guiné, levando consigo toda a riqueza acumulada em Cabo Verde.

De 1685 a 1689, a fome retorna ao Arquipélago. Em Santiago, 4.000 mortes. Em Fogo, o terremoto de 1680 quase destruiu São Felipe, a cidade de “traços arquitetônicos do Algarve”, e fez moradores migrarem para Brava. Nos finais do século XVII, Santiago tinha “trapiches pra moer cana e fabricar açúcar...”, mas Fogo “estava desamparado do comércio e da navegação...” (Ribeiro, s/d: 40).

Em 1696, intensificaram-se os atritos entre a igreja e o governo. O rei ordenou ao Bispo de Cabo Verde que os escravos comprados nas diferentes partes da África deveriam ser doutrinados durante a viagem. O prelado recusou-se, alegando que escravos não falavam Português nem mesmo

---

<sup>20</sup>O Governo Filipino corresponde ao período da União Ibérica- 1580 a 1640-, no qual Portugal e Espanha foram governados pelos reis Felipe II, III e IV da Espanha.

<sup>21</sup> “os espanhóis tiram proveito da política colonial portuguesa e orientam o circuito do tráfico de escravos para as Índias Ocidentais sem escala em Santiago... As ilhas perdem, assim, uma das suas principais fontes de riqueza. ... durante esses 60 anos, cerca de 3000 escravos foram anualmente exportados da Guiné, sem passarem por Cabo Verde, o que representava cerca de 100.000 cruzados subtraídos às finanças reais” (Carreira, 1972: 138).

Crioulo. Então, o monarca ordenou o batismo e catequese em Cachéu (Cf. Carreira, 1972: 273). Em 1698, foi mandado construir “Casa de Recolhimento” em Cabo Verde para instrução dos escravos.

Os oficiais da Câmara sugeriram que os escravos fossem agrupados pelas mesmas etnias — a política comum adotada pelo Reino era separá-los linguisticamente para não promoverem rebeliões — para aprenderem com menos dificuldades o crioulo. Advertiram, porém, que poderia passar até um ano sem que os de menos de 30 anos fossem ladinizados. Em 1699, foi proibido o embarque de escravos não-batizados para o Brasil. Em Santiago, os donos ficaram obrigados a instruírem seus escravos em seis meses: “catequistas práticos nas línguas dos mesmos negros os vão catequizar à casa dos senhores e às senzalas...” (Carreira, 1972: 279-281).

Em 1698, diante da ausência da navegação nacional, embarcações inglesas, francesas, holandesas e também dinamarquesas aportavam nas ilhas para fazerem trocas desleais com os moradores. A cada crise, essa situação agravava-se mais. No início do século XVIII, de 1704 a 1712, ocorreu estiagem prolongada, notadamente, em Santiago. Em 1712, corsários franceses saquearam a Vila de Ribeira Grande. Entre negros e mulatos cativos e forros foram roubados mais de 110 “peças” (Carreira, 1972: 357).

De 1730 a 1732, epidemias dizimaram mais de 2.000 pessoas. Entre 1745 e 1755, mais três períodos de fome no arquipélago. De 1773 a 1775, a estiagem trouxe novamente o fantasma da fome. No período mais crítico, a Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755-1781) providenciou alimentos para a população. Em alguns desses momentos, navios estrangeiros, ingleses e franceses entre outros, aproveitavam-se da situação de penúria das ilhas para comprar ou roubar muita gente livre.

Resultado: quase final do século XVIII, com onze períodos de fome, e uma colônia de mestiços vitimada também pela desatenção da Metrópole. Do final do século XVII até o final do XVIII, restrições de atuação no tráfico, produção dificultada pelo clima e falta de apoio, longas estiagens, períodos de terríveis secas e fomes determinaram a dramática passagem dos dias de Cabo Verde. Companhias Reais monopolistas arruinaram o comércio, e muitos homens brancos debandaram-se para a Guiné levando muitos dos seus bens. No Fogo, ficaram raros brancos “naturais da terra” imersos num universo de mestiços, “os pretos da terra.”

No início do século XIX, de 1802 a 1882, foram enviados para Cabo Verde em média 38 degredados por ano. No cômputo geral, foram trazidas 2.433 pessoas, 81 mulheres e 2.352 homens.

A maior parte ficou em Santiago, o restante foi distribuído às demais ilhas<sup>22</sup>. Carreira (1972: 288) antecipa os resultados dessa chegada: “papel de relevo na mestiçagem com elemento africano, puro ou já cruzado com outros brancos... fase mais recente e mais conhecida do caldeamento das raças”.

De 1810 a 1814, em parte devido à guerra entre americanos e ingleses, houve fome em Cabo Verde. A crise alastrou-se de Santiago e Maio até Boa Vista, desencadeando êxodo para São Nicolau e Fogo. Em 1830, eclodiu nova crise com 30.500 vítimas, tendo atingido Santiago, São Nicolau, Santo Antão e Brava. De 1845 a 1846, outra crise. E de 1855 a 1856, a epidemia de *cólera-morbus*, seguida da epidemia varíola, fez inúmeras vítimas em Fogo, Boa Vista, Sal e Santo Antão.

Entre 1835 e 1842, Portugal e Inglaterra aliaram-se em torno da abolição. E os negociantes de Santiago, “mancomunados com os espanhóis de Cádiz e de Sevilha, desde sempre” (Carreira, 1972: 197) continuaram o tráfico. Em 1836, o tráfico é abolido em terras portuguesas, condicionando-se a transferência de 10 escravos apenas ao colono que se mudasse entre os domínios portugueses ou ilhas africanas. Em razão desta lei, em 1839, entraram em Cabo Verde 41 novos escravos. Na leva de colonos em 1847, Carreira (1972: 404) contabiliza 28 transferências.

Datam daquela época levantes em Santiago e Fogo. O aumento dos forros desocupados era preocupante. Escravos auto-alforriados eram temidos pelas emboscadas. A situação tornara-se caótica: “só a abolição viria pôr fim ao termo” (1972: 285). Entre 1845 e 1847, a escravidão “estava agonizando” em Fogo. No início do século XIX, calculava-se 150 brancos para 5.000 mulatos e 8.000 negros; um quarto apenas era escravo. Desde 1836, “a abolição parcial do tráfico havia feito estacionar o fluxo de sangue africano na ilha”, a população tornara-se basicamente mestiça (Carreira, 1972: 449).

Em 1862, nova crise de fome atingiu Santiago, Brava, Santo Antão e Boa Vista. Para aliviar a pressão demográfica, em 1864, o governo incentivou a emigração para Angola e São Tomé. Em suma, do século XVI até o XX, catástrofes naturais somaram-se à desarticulação do comércio no Arquipélago. No panorama do XIX, a Ilha de Santiago, antes próspero entreposto de escravos para Europa, Antilhas e Américas, estava praticamente abandonada. Fogo compartilhou de seu ocaso.

---

<sup>22</sup> “Os naturais do Minho, Trás-os-Montes, Douro e Beiras, concorreram com 308 indivíduos, ou sejam 50, 5% total de análise. Logo a influência do norte do país neste período foi relevante no arquipélago. No tocante a estrangeiros, propriamente ditos, os valores em relação ao total (de 839) é pequeno— apenas 6,6%. Neste grupo, o domínio pertence a espanhóis” (Carreira, 1972: 450-451).

### 1.2.3. Santo Antão e São Vicente (Norte)

As Ilhas de Santo Antão e São Vicente, Boa Vista, São Nicolau, Sal e Santa Luzia (apêndice VII) formam o grupo de Barlavento, ao Norte. Por razões que se fundem com a própria história, essas ilhas só foram colonizadas oficialmente depois das ilhas de Sotavento, como se mostrará nesta seção.

A Ilha de Santo Antão “fica mais ao norte de todas, em 18° de latitude, em distância de 48 léguas da ilha de Santiago. Inacessível por toda parte por causa dos rochedos, tem de ir por serras a pique, por cima do mar” (Anônimo, 1784: 34). Dependendo do ponto, ela é a primeira ou a última ilha da curva em U que faz o Arquipélago (Cf. Mendes Corrêa, 1954: 12).

A Ilha de São Vicente do século XV ao XVIII era uma das Desertas, junto com Sal e Santa Luzia. O Piloto Anônimo (1784: 36) relatou: “Ilhas desertas... a maior é São Vicente, e tem bastante água, porém quase toda árida, não produz mantimento, algodão e urzela... tem um Porto que é o melhor de todas estas partes; é uma grande baía [natural] abrigada de todo o vento”.

A primeira doação da ilha de Santo Antão é de 1538 ou 1548. Ela foi doada a João de Souza. Para incentivar o povoamento, o donatário e colonos foram também liberados para resgatar na Guiné, isentos dos dízimos ao Reino. Eles seriam “os senhores da Ilha” (Ferro, 1998: 14). Santo Antão começou a ser povoada no início do século XVI, quase meio século depois das Ilhas de Sotavento.

O povoamento das ilhas de Barlavento deveu-se à necessidade de produzir mercadorias para o comércio em geral e para o tráfico no Arquipélago. Passou-se algum tempo enviando apenas escravos para essas ilhas, “gente sem importância social” — relata Silva Rego (1966: 40)— antes que se decidisse por uma colonização europeia efetiva. “Povoadas de cabras e não de gentes”, era o que se dizia das ilhas do Norte, Barlavento.

De acordo com Lopes de Lima (1877 *citado por* Ferro, 1998: 19), para Santo Antão não foram “enviados povoadores logo após sua descoberta, ainda mais por meio século se conservou despovoada”. Silva Rego (1966: 11) refere-se ao fato de a ilha ter começado a ser povoada por escravos antes de 1548 e que “havia gado sendo explorado industrialmente para carne, peles e sebo.” Talvez, nesse ponto, resida a diferença da ocupação “sem importância social” do escravo e a ocupação ou “colonização” pelos homens europeus. Além do trabalho na pecuária, neste estudo, acredita-se que os escravos serviam para marcar a presença do Reino Português naquele território.

Alguns depoimentos, além de mostrarem a ação dos piratas e corsários nas ilhas de Barlavento, menos visíveis que as de Sotavento, parecem sugerir tratos legais e também clandestinos:

“sujeita esta [Santiago] a ser muitas vezes salteada dos inimigos holandeses e hereges... tem esta ilha por vizinhas outras sete ou oito a que chamam as ilhas de Barlavento... e como nelas há grande cópia de criação de gado, são todas habitadas de caçadores que teem por ofício fazerem carnes e chacinhas que daqui com muita coirama se levam para diversas partes.” (Guerreiro, 1598 *citado por* Carreira, 1972: 351)

Em 1606, o Padre Barreira (1606 *citado por* Ferro, 1998: 21) escreveu que, em Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista, “não há mais do que gado”. A colonização de Santo Antão, então, não se teria iniciado antes do século XVII. No entanto, alguns autores (Cf. Ferro, 1998) registram 1549 como o ano da primeira fome nas ilhas. Se ela atingiu Santo Antão, é porque havia os escravos cuidando do gado e da terra para seus senhores. Andrade (s/d: 38) corrobora que “durante o século XVII e até fins do século XVIII, apenas houve em Santo Antão escravos [que foram] libertados em 1780”.

A ilha de São Vicente, conhecida pelos navegadores como “La Garganta”, estava fadada a ser entreposto clandestino da navegação continental. Ela possuía o Porto Grande, “porto natural magnífico” (Amaral, 1964: 15), e contava com a vantagem dos ventos. Nela, podia-se consertar navios, prover alimentação e descansar a tripulação”<sup>23</sup> (Correia e Silva, 2000: 22),

Antes mesmo dos séculos XVII e XVIII, os vizinhos das ilhas de Santo Antão e São Nicolau freqüentavam São Vicente. Era principalmente para lá que se levava o gado das Ilhas vizinhas. Por causa disso, a ilha era conhecida como uma das “Ilhas-Montado”. Esses vizinhos apanhavam urzela, recolhiam âmbar e animais marinhos na ilha. Os nacionais, livres ou escravos, eram cúmplices dos estrangeiros que descansavam, reparavam ou construíam embarcações na ilha, às vezes, por meses. A alimentação vinha de Santo Antão, ilha mais próxima do que São Nicolau.

Em 1628, um capitão estrangeiro conta: “como os nossos aí estiveram nos anos precedentes, havia pouco gado, pelo que foi preciso mandar uma *yacht* a Santo Antão adquirir animais e frutos para doentes” (Correia e Silva, 2000: 28). Em 1629, o capitão Lonq e sua frota instalam-se por quatro meses em São Vicente. Entre outras, essas ocupações afiguravam-se perigosas para Portugal.

No século XVII, para coibir a clandestinidade entre nacionais e estrangeiros, é mandado “um sindicante devassar as testemunhas, inquirindo se algumas pessoas forão às ilhas desertas por lingoas e práticos dos navios estrangeiros”. Medida ineficaz: nos finais do século XVII, “baleeiros americanos, comerciantes ingleses, piratas de diversas proveniências escalam São Vicente e recobram as forças”

<sup>23</sup> “São Vicente desde sempre foi objeto de sucessivas violações políticas. Desde o século XVII, quando coroas européias começaram a contestar o exclusivo ibérico sobre o atlântico médio e austral. Holandeses utilizaram recorrentemente a ilha pra base de apoio para minar a hegemonia ibérica sobre as costas atlânticas da África e da América... a penetração dos franceses e holandeses no Atlântico austral suscita às esquadras dessas nações a necessidade de adquirirem no estreito de Cabo Verde pontos de apoio” (Costa e Silva, 2000: 32).

(Correia e Silva, 2000: 32). Em 1742, o capitão-mor de Santo Antão, moradores e um irlandês vendiam escravos e urzela a estrangeiros. Em 1795, baleeiros americanos, ingleses e franceses, antes de irem a Santiago, pescavam nas ilhas de Barlavento e fabricavam o azeite nos mares das Desertas. Movimentada para o tráfego estrangeiro, e apagada para o tráfego nacional, até o século XVIII, São Vicente era uma espécie de terra de ninguém ou, mais apropriadamente, de quase todo mundo.

Em 1724, dá-se a venda de Santo Antão aos ingleses pelo donatário Marquês de Gouveia. A população só toma conhecimento do ocorrido quando um navio inglês aporta na ilha e deixa um intendente. Meses depois, chegam casais ingleses para ocuparem a ilha. O fim do episódio dos ingleses e o começo do povoamento de Santo Antão por europeus é descrito por Andrade (s/d: 50):

“...só depois da expulsão dos ingleses- quase meio século mais tarde- é que D. João IV, monarca reinante em Portugal, decidiu ordenar o povoamento dessa Ilha onde se instalaram portugueses e uma colônia de espanhóis das ilhas canárias que se fixou no cume da corda e da Caldeira, para lá praticarem a cultura do trigo, da cevada e do centeio”<sup>24</sup>.

Quanto à mestiçagem na ilha, alguns autores afirmam que “povoada bem depois de sua descoberta, não foi unicamente com escravos da Guiné, mas se operou uma grande miscigenação, mesmo com o reduzido número de brancos do início” (Ferro, 1998: 19). Outros dizem que a “mestiçagem é fenômeno recente. Casamentos entre mesma família é muito vulgar para preservar famílias...” (Rocha, 1990: 92). Certo é que, em 1731, Santo Antão era a segunda ilha mais populosa do Arquipélago com 4.302 habitantes, sendo 10 brancos, 1.746 mulatos, 1.900 forros e 646 escravos (Ferro, 1998: 20).

A urzela constituiu importante fonte de renda em Santo Antão. Rocha (1990: 45) argumenta que “foram os sicilianos os primeiros na apanha deste líquen em Cabo Verde, porquanto em 1469 apareceu a exportação nestas ilhas, pois os espanhóis já eram conhecidos por técnicos na apanha da urzela, já nas canárias se colhia sessenta anos antes do achamento das... ilhas”. A pesca também constituiu atividade econômica da ilha. Escravos pescavam sob o controle de feitores.

A despeito de possuir fontes de água doce, as secas, fomes e epidemias atingiram Santo Antão drasticamente. Na crise de 1741 a 1742, foram muitas as mortes. De 1773 a 1775, aconteceu uma das maiores fomes do arquipélago. A Companhia do Grão-Pará e Maranhão tomou providências,

---

<sup>24</sup> Andrade (s/d: 44) relata que uma colônia espanhola das canárias em Santo Antão, nos fins do século XVIII, que plantava trigo, centeio e cevada é aludida em Lopes de Lima (1877: 37) e em Mendes Corrêa (1954: 130).

mesmo assim até meados de 1774 foram 5.000 as vítimas em Santo Antão. Muitos escravos foram roubados ou se venderam aos estrangeiros para não morrerem de fome.

O ano de 1759 marca a história da alforria em Santo Antão, quando D. José de Mascarenhas, Duque de Aveiros, acusado de ter atentado contra a vida do rei de Portugal, D. José, é executado em Belém. Todos seus bens foram confiscados e seus 1.096 escravos foram libertos. A Ilha foi revertida para a Coroa “toda povoada d’escravos, que os seus ricos donatários alli tinham introduzido da Guiné, e com os quais a tinham unicamente colonizado, sem admitirem casaes Europeus [que vieram a partir dos fins do século XVII]” (Lopes de Lima, 1877 *citado por* Ferro, 1998: 20).

Nesse mesmo ano, foi apossado o administrador da Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755-1781) em Santo Antão. A Companhia deveria dar impulso ao Comércio, mas apenas desarticulou a economia (Cf. Ferro, 1998: 30). Entre 1754 e 1916, sob controle da Companhia, a exportação de Urzela era de mais de 8.000 toneladas. No entanto, todo o capital arrecadado ia para a Metrópole. Essa companhia interferiu, até mesmo, na caça de cabras selvagens<sup>25</sup>.

Em 1781, a rainha D. Maria determinou o povoamento de São Vicente. A vantagem para os colonos seria isenção de pagamento de foros das terras por dez anos. Os homens de Santiago e do Fogo não se interessaram, de imediato. Até que, em 1793, um algarvio da Ilha do Fogo propôs levar 20 casais livres e 50 escravos para a Ilha. Ele seria o capitão-mor, e a Coroa o compensaria pelas despesas, doze anos depois (Cf. Correia e Silva, 2000: 37). Em 1795, fechou-se o acordo.

A preocupação voltou-se, então, para a composição étnica da nova colônia. Nos planos do Reino não constava mais patrocinar a formação de uma sociedade de negros e mestiços, como havia acontecido no passado como resultado natural do meio. Em documento oficial, a Rainha (*citada por* Correia e Silva, 2000: 38) proíbe expressamente que se transportasse das outras ilhas:

“...maior número de cazães por se não julgar conveniente que esta nova Povoação se execute inteiramente com os habitantes dessas Ilhas, quando pouco a pouco se lhe podem hir introduzindo cazães destes Reynos e das Ilhas dos Açores... mais activos e laboriosos e mais capazes...”

A idéia era recompor racialmente a colônia de Cabo Verde. Mesmo com o grande número de pretos forros nas outras ilhas, para os quais as elites dos finais do XVIII defendiam o degredo ou

---

<sup>25</sup> “Antes da Companhia... os moradores podiam ir caçar cabras bravas, abundantes nas serras, mas deviam dar os sebos e as peles para o senhorio que mandava, todos os anos para o reino o sabão. Depois da companhia, seus administradores faziam a dita caça das cabras” (Anónimo, 1784: 35).

extermínio coletivo por serem perigosos e “incapazes de progresso material ou espiritual”, o Reino não se dispôs a usar insulares no povoamento de São Vicente. Nos finais do século XVIII e início do XIX chegam mais degredados. Motivos há para se supor que esses tenham sido encaminhados a São Vicente. Em especial, o forte apelo para que brancos fossem povoar as Desertas de Barlavento.

Em 1784, o Anônimo (1784: 36) passou por Santo Antão, e escreveu que os habitantes eram “quase como ‘rebeldes’” e que, “em quase vinte anos, o Bispo da Ilha havia feito bom trabalho... e na verdade necessitava a Ilha destes Pastores porque antes dos anos da [última] esterilidade havia nela mais de 11.000 almas de confissão. E depois da fome, ficaram menos da metade.” No ano seguinte, em 1785, a irregularidade de chuvas no Arquipélago de clima quente e seco deixa antever o aspecto da tragédia: a crise de 1790. Na ilha de Santo Antão, em 1791, morreram mais de 8.000 pessoas.

Em 1797, o Governador consegue instalar em São Vicente os primeiros colonos vindos do Fogo. Houve muita chuva naquele período, o que incitou os ânimos. Mas, períodos de estiagem seriam contínuos. E os primeiros anos do século XIX seriam tumultuados: mudança da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, revolta das colônias Rio-Platinas contra a Espanha. De acordo com Correia e Silva (2000: 46), “nos mares inter-insulares... instala-se a insegurança... povoação de São Vicente não resiste ao impacto de fatores adversos”.

Na Ilha de Santo Antão, em 1801, “as terras da Ribeira da Torre e doutros lugares, eram distribuídas aos habitantes, como bens de raiz (Rocha, 1990: 93). Essa alegria foi ofuscada por outra estiagem, que resultou na crise de 1804 a 1806, e só atingiu a Santo Antão. Foi a Fome do Tôco, porque somente troncos de bananeiras restaram como alimento à população. De 1824 a 1826, outra crise, que só foi amenizada (à revelia do Reino) pelos rendimentos da urzela.

No decorrer do tempo, a pecuária e a agricultura ficaram comprometidas. O gado e as cabras selvagens rarearam. Os rebanhos domésticos antes levados a São Vicente, limitavam-se, no século XIX, a poucas cabeças mantidas em Santo Antão. A cana-de-açúcar exasperou o solo já fragilizado da região. A exportação para Portugal foi proibida em favor da produção da Ilha da Madeira.

Em São Vicente, fora total o fracasso do povoamento organizado pelo Reino. Correia e Silva (2000: 48) destaca que “desde 1813, vegeta uma população diminuta... aventureiros, pastores de rebanhos alheios, prostitutas e degredados.” Entre 1812 e 1814, São Vicente perdeu o comércio de peles, gado, sal, e pescado por causa da guerra entre americanos e ingleses. Do final do século XVIII

ao século XIX, os americanos tinham sido o maior parceiro comercial de Cabo Verde. Nesse período, vários navios americanos demoravam dias nos portos (Cf. Correia e Silva, 2000: 40-43).

Em 1821, havia 298 pessoas residindo em frente ao Porto Grande, trazidas de Santo Antão pelo Governador Geral. Agora, camponeses sem-terra, degredados insulares, marginais recém-chegados, todos, sem distinção, poderiam ir para a ilha. Nessa altura, a maior parte dos moradores era oriunda “de Santo Antão e não descendente dos fogueiros...” (Correia e Silva, 2000: 50- 53). Porém, reflexos da Fome do Pai Thomaz (1823-1826), em Santo Antão, se fizeram sentir em São Vicente: os moradores perderam tudo. De 1831 a 1833, a fome reduziu a população de Santo Antão.

Passada a crise, em 1836 e 1850, são criadas as primeiras escolas primárias da ilha. O ensino era confiado aos padres. Em Santo Antão, mesmo professando o cristianismo, a população manteve crenças africanas (Cf. Carreira, 1972: 442). Em 1851, foram criadas as comarcas de Sotavento e Barlavento. Em 1856, havia apenas 169 escravos na ilha de Santo Antão. Os demais moradores eram livres. Em todo o Arquipélago, a escravidão foi definitivamente abolida no ano de 1876.

De 1850 a 1860, principia-se o povoamento “significativo” de São Vicente, incentivado pelo Cônsul inglês John Rendall e seus armazéns de carvão em frente ao Porto Grande do Mindelo. Em 1838, instalara-se o primeiro armazém pelo Capitão John Lewis para abastecer a British East Indian. Portugal ofereceu isenção de direitos para investimentos aos estrangeiros. Essa concessão, contudo, aplicou-se somente à Inglaterra, que se havia aliado a Portugal em torno da abolição por volta de 1836.

O Brasil fornecera o ouro para custear e Cabo Verde ofereceria o espaço geográfico e o carvão para manter a Revolução Industrial. A companhia inglesa Royal Mail Steam Packet mandou construir os seus próprios armazéns em Mindelo para abastecer os navios no trajeto Inglaterra-Brasil. De 1851 a 1896 fundaram-se outras companhias carvoeiras. Em terra de muitas necessidades e falta de oportunidades, a revolução preconizada pelos vapores ingleses atraiu migrantes de todas as ilhas. A prosperidade chegara ao Arquipélago pelo Porto Grande do Mindelo.

Em São Vicente, no ano de 1878, em Porto Grande, a Vila de Mindelo é elevada ao posto de cidade. Andrade (s/d: 50) pontua que se, em 1789, não havia em Mindelo mais que 232 colonos; em 1878, contava com 3.297 habitantes. Assim, no século XIX, destaca-se a posição da antiga Deserta São Vicente. Depois das carvoarias, ela passou a constituir centro de desenvolvimento em Cabo Verde. Santo Antão compartilhou deste processo, numa parceria parecida com a de Santiago e Fogo. Aquela, na rota do tráfico: escravos e algodão. Essa, na rota do tráfico: alimentos e carvão.

#### 1.2.4. Teorias sobre a Origem

Os navegadores continuaram a perpetrar a façanha das Descobertas (anexo XV). Em cada porto, a possibilidade de uma nova ou reestruturada língua resultante do contato. É o que se discute nesta seção das teorias relativas ao surgimento do pidgin/crioulo português da costa oeste africana que poderia ter-se formado em Portugal, em Cabo Verde ou na Guiné. Logo, o tema do surgimento do Caboverdiano está tão entrelaçado a essas hipóteses que não se pôde prescindir de sua descrição e comentários na descrição da formação dessa língua.

As hipóteses são as seguintes: Linguagem de Reconhecimento (Naro, 1978, 1993), Hipótese Continental ou Guineense (Carreira, 1972, 1983; Couto, 1994, 1995), Hipótese Insular ou Caboverdiana (Carreira, 1972, 1983) e a Hipótese Ambígua (Rougé, 1994; Couto, 1994).

Define-se Linguagem de Reconhecimento<sup>26</sup> (Naro, 1978) a hipótese relativa ao surgimento de um pidgin em Portugal, por volta de 1400, quando D. Henrique ordenou o ensino de português aos escravos que serviriam de intérpretes. Estruturalmente, o pidgin constituía-se num sistema governado por regras de comunicação verbal, usado por dois ou mais grupos, sem competência nativa. Peças teatrais quinhentistas e crônicas de viajantes indicam provas de sua existência.

Como se tem dito, nas descobertas, os portugueses sempre procuraram capturar escravos para intermediar contatos posteriores com os nativos. No início das explorações pela costa do Saara, em 1435, os intérpretes eram árabes ou azenegues. Em Lisboa, montou-se estoque de tradutores de Português-Berber. Quando o interesse comercial se deslocou para o oeste da África, os intérpretes árabes foram substituídos pelos africanos, a quem era ensinada “alguma espécie de português”.

A partir 1444 ocorrem as primeiras capturas na costa africana. Nas primeiras viagens, o contato era feito por gestos ou comércio mudo; nenhum contato lingüístico teria sido estabelecido. Para Naro (1978: 320), isso só ocorreu na Europa, quando “alguma versão do português” foi ensinada aos africanos. O Historiador Russel (1995: 9-14) confirma a existência de comunidade africana falante de português em Lisboa, em 1400, composta, principalmente, por azenegues e jalofos.

Os religiosos do Monastério de São Bento e Santo Elói eram especializados nessa tarefa e foram encarregados do ensinar Português aos africanos capturados. Mais tarde, príncipes do Congo e filhos de nobres Bantu vieram aprender língua, religião e cultura em Portugal. Consoante Naro (1978:

---

<sup>26</sup> Naro (1978: 320) esclarece que esse único nome não pretende “significar que o sistema que ele designa foi uma única idealização lingüística livre de variação”.

335), os mestres portugueses modificaram sua fala para evitar complicações morfossintáticas. Era apresentada “uma versão do português que já tinha sofrido modificações” aos africanos.

O pidgin era usado de inferiores para superiores, de superiores para inferiores e entre iguais. Entretanto, estava circunscrito a situações em que um dos interlocutores não compreendesse ou falasse o Português. Naro (1978: 324) admite que, se houve certa atitude de superioridade racial ou cultural do português relativamente ao africano, essa atitude não teria sido o fator determinante para o uso do pidgin. Para ele, a motivação principal teria sido a de facilitar a compreensão mútua.

Os agentes de difusão da linguagem de reconhecimento na Costa Oeste da África teriam sido os lançados portugueses. Eles principiaram a chegar no continente por volta de 1462, quando Cabo Verde começava a ser colonizado. Em Portugal, conforme Naro (1978: 334, 341), o pidgin já era um código adquirido pela população, então, “os futuros lançados haviam convencionalizado idéias de como falar para os africanos... chegando lá, falavam como tinham aprendido a fazer na Europa.” Em resumo, o autor (Naro, 1978: 333) conclui que a linguagem de reconhecimento:

“... teve sua origem na EUROPA, não na África, começando por volta de 1440 com o ensino oficialmente institucionalizado de tradutores. Suas peculiaridades estruturais básicas resultaram primariamente de modificações conscientes de seu discurso pelo Português. Fazendo essas modificações, o Português pode muito bem ter sido influenciado pelo remoto Sabir do Leste [Língua Franca Mediterrânea]... Em pouco tempo, os africanos que falavam a linguagem de reconhecimento resultante começaram a aparecer na literatura popular, e suas peculiaridades vieram a ser um código adquirido pela população em geral... foi exportado para a região da Guiné<sup>27</sup> pelos Portugueses lançados, provavelmente por volta do primeiro quartel do século XVI”.

A Hipótese Continental ou Guineense trata-se da formação dos crioulos nos Rios da Guiné. Aventa-se que os agentes da formação do crioulo português, na Guiné, teriam sido os lançados em contato com os grumetes, tangomas e filhos da terra. A presença desses agentes data de 1455, quando João Fernandes ficou sete meses entre os guinéus. Em 1500, Gonçalo de Paiva perdeu todos os bens por causa das atividades ilícitas. Na região dos Sapes, Bento e Jordão Correia formaram núcleo com mais de 500 pessoas. Entre os Brames, os lançados formaram núcleo de 800 pessoas.

Os lançados se fixavam entre os africanos e buscavam auxiliares para intermediar o comércio entre europeus e nativos, os grumetes. Eles casavam-se com as tangomas ou grumetas e tinham filhos mestiços, os filhos da terra. Nesse contexto, conforme Couto (1995: 112), os *lançados* teriam sido o lado produtivo e os *grumetes* e *tangomas*, o lado receptivo da pidginização/crioulização:

<sup>27</sup> No período, a região da Guiné ainda era compreendida pelo vasto território chamado “Guiné de Cabo Verde”.

“É fácil supor que os *lançados* tenham falado um português simplificado com os *grumetes* e com as *tangomas*. Estes dois últimos devem ter reproduzido o que ouviam de modo mais simplificado ainda. Com a repetição constante dessa interação, devido ao convívio diário, surgiu um pidgin português .... O processo é... o que Annegret Bollée chamou de ‘produktive Kreolisierung’ e ‘rezeptive Kreolisierung’ (BOLLÉE 1977b:48-51), embora eu prefira... ‘produktive Pidginisierung’ e ‘rezeptive Pidginisierung’”.

Daí teria surgido um pidgin, o *input* linguístico para a primeira geração. Conforme Couto (1984:19), ele era “uma média do *baby/foreigner talk* dos lançados com sua família e auxiliares e de sua reprodução desses com outros africanos”. Em outra obra, Couto (1995: 114) presume a implicação de estratégias de simplificação e universais linguísticos em todos os níveis da gramática. Os filhos da terra teriam aprendido a língua comum ao pai e à mãe, aos grumetes, e aos outros europeus e africanos. Logo que os filhos da terra aprenderam o pidgin, ele foi nativizado, transformado em crioulo.

As crianças nascidas nas Praças e Presídios, segundo o autor em destaque, podem ter reforçado o uso do pidgin/crioulo entre os filhos dos nativos africanos circundantes dos núcleos. Elas seriam fator de disseminação do pidgin/crioulo. Assim, por volta de 1580 o pidgin/crioulo português da Guiné estava formado (Couto, 1995: 115). Esse pidgin teria sido levado para o arquipélago de Cabo Verde por intermédio dos “grupos de escravos que os traficantes transportavam para lá”, e por meio do comércio de outros bens que havia se estabelecido entre ambas as regiões” (Couto, 1984: 32).

Almada (1594) destaca que os africanos do Cachéu eram “entendidos e práticos na nossa língua<sup>28</sup>”. Coelho (1684: 153 *citado por* Couto, 1984: 21) registra o primeiro uso da palavra crioulo em relação a uma língua: “fazem algumas errôneas (palavras do crioulo do Cachéu)”. Em 1694, na Guiné, Portuense (*citado por* Couto, 1995: 115) relata que o rei de Bissau entendia “muito bem a língua portuguesa e poderá falar o crioulo se quiser”.

Carreira (1972: 338) enumera uma série de contra-argumentos à Hipótese Continental. Ele afirma que, durante tempos, a presença portuguesa na Guiné foi temporária, sem estabilidade para formar uma língua. Desde 1446 percorrendo a costa em navios, só conseguiram instalar as primeiras feitorias no final século XVI. Em 1582, no Rio São Domingos. Entre 1592 e 1595, em Cachéu (1588) e no Rio Buba. Em Farim, Geba, Ziguinchor, a partir de 1650.

Além disso, o autor ressalta que a força militar portuguesa não garantia segurança na região.

---

<sup>28</sup> Pinto Bull (1989): “ por nossa língua deve entender-se um crioulo-português.”

Os nativos ateavam fogo às choupanas que se conseguiam instalar aqui e ali<sup>29</sup>, e lançavam “chais” (achaques) para prender e vender os “cristãos e filhos de Cabo Verde” a navios estrangeiros. O clima quente e doentio era quase insuportável aos europeus. E a concorrência de franceses, ingleses e holandeses e ataques de corsários e piratas instalaram-se por volta de 1550.

Carreira (1972: 339) ainda adiciona que, na Guiné, a população permanecia totalmente heterogênea. O território guineense dividia-se em mais de oitenta regulados de diversas etnias. A minoria cristianizada era conhecida por “grumetes”. Na Praça do Cachéu, os padres eram poucos, passavam-se anos sem representantes da igreja na região. Os animistas e os islamizados formavam resistência à presença da igreja católica na região e, conseqüentemente, à língua por ela difundida.

Não havia domínio da minoria européia sobre a africana, que “viveu sempre independente e livre, mantendo intactos todos os seus valores culturais, em especial as línguas maternas (Carreira, 1983: 31-32). Os portugueses não poderiam impor a modificação das culturas nem o aprendizado de uma língua do tipo do crioulo. As diferentes línguas das etnias foi uma das grandes barreiras a serem vencidas. Os nativos defendiam sua língua para não ser ‘compuscarda’ por outra<sup>30</sup>.

A Hipótese Insular contempla o processo de formação e expansão do crioulo português a partir do Arquipélago de Cabo Verde. Entre outros autores, ela é defendida especialmente por Carreira (1972: 337-338) que postula, com base em documentos e inferências próprias, que o crioulo nasceu dos “contatos prolongados e assíduos entre os portugueses estantes em Santiago e no Fogo com os escravos trazidos da Costa”, pois “um meio eficiente de comunicação pela palavra falada” somente poderia ter surgido de um tipo de relação assim nas casas grandes e plantações.

Eram difíceis as relações diárias entre senhores e escravos relativamente ao uso dos mais simples vocábulos portugueses ou espanhóis; apenas sinais e gestos não eram suficientes para suprir as necessidades da comunicação diária. Por isso “nasceu, de pronto, cerca de 90 anos do achamento das ilhas, o crioulo português, língua veicular entre capatazes e escravos e, em certa medida, entre os próprios escravos, quando de grupos etno-lingüísticos distintos” (Carreira, 1972: 269)<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Os pequenos núcleos instalados eram chamados de Praças e Presídios. Os lançados (europeus e caboverdianos) e grumetes (africanos cristianizados, a partir dos meados do século XVII) habitavam as praças. Degredados e delinqüentes habitavam os núcleos menores chamados presídios.

<sup>30</sup> Segundo Carreira (1983: 32), mesmo em 1694, “quando um ou outro africano podia expressar-se em português (o que pomos em dúvida) ou em crioulo (que os filhos de cabo verde difundiram)”, o Bispo Vitoriano Portuense conta que o Régulo “entendia muito bem o português e poderá falar o crioulo se quisera; porém entre todos aqueles reis gentios, está introduzida por gravidade... o falarem por intérprete ou chalona”.

Em Cabo Verde, desde o início, começou a se formar um tipo de sociedade na qual a igreja era o poder dominante: os padres eram os mais numerosos entre os representantes do Reino, detentores do poder cultural e moral da sociedade, determinantes no processo de aculturação do africano. A latinização, ensino do português e um ofício, só terminava quando os escravos se fizessem entender por um pidgin baseado no português ou aprendessem o ofício de carpinteiro, ferreiro entre outros.

O meio prático de comunicação entre padres e escravos eram os chalonas ou línguas. Tornara-se fácil recrutar intérpretes. O crioulo deveria estar expandido em Santiago<sup>32</sup>. Em 1600, havia um meio de comunicação que poderia ser um pidgin/crioulo entre o clero e as crianças que auxiliavam nas atividades litúrgicas. Em 1607, os meninos avisam aos padres sobre os gentios doentes “para serem baptizados”, e aos senhores era pedido que mandassem gentios para serem catequizados, “pela comodidade” de, ali, haver “línguas” (Carreira, 1983: 70). E Carreira (1983: 54) conclui:

“Foi, pois, pela acção simultânea da cataquese, da educação e da instrução: nas igrejas, nas casas-grandes, e nas fazendas agrícolas, e pelo aprendizado de ofícios que se operou a formação de importante língua de comunicação verbal e social: o *Crioulo* – o elemento que tão cedo melhor definiu a identidade cultural do caboverdiano”.

Desde o início, Portugal procurou contornar dificuldades de entendimento. Em 1455, Cadamosto refere-se ao uso de intérpretes jalofos comprados no Senegal para serem preparados em Portugal para intérpretes. Em Cabo Verde, a primeira notícia sobre línguas é de 1565, quando Diogo Carreiro levou intérpretes jalofos e fulas de Santiago para o rio Senegal. Se eles serviam de intérpretes é porque “falavam o crioulo, compreendendo em consequência o português. Não se deviam expressar, é evidente, em português vernáculo, mas sim em crioulo” (Carreira, 1983: 431).

Em Cabo Verde, havia-se formado uma sociedade pacífica e com traços de homogeneidade, diferentemente do continente. Existiam na ilha “grupos de línguas que... seguiam nos navios de tráfico para os rios da Guiné, servindo de intérpretes entre as tripulações europeias e as populações locais”. (Carreira, 1983: 55). Logo, a menos de cem anos do achamento, encontravam-se jalofos em Santiago que se entendiam com os europeus num pidgin ou proto-crioulo. O primeiro documento que se refere

---

<sup>31</sup> Em outro ponto (Carreira, 1972: 334): “o crioulo formou-se nas ilhas de Cabo Verde a menos de cinquenta anos do seu achamento [grifo próprio] e dali se propagou e enraizou na costa ocidental servindo de língua franca entre europeu e os nativos e mesmo entre estes quando de etnias diferentes” .

<sup>32</sup> No início de 1600, registra-se que mulatos e crioulos naturais da ilha de Santiago “servem de línguas ou intérpretes aos moradores e senhores... que actuavam nos rios” (Carreira, 1983: 70).

ao crioulo falado por escravos é a carta de mercês ao Corregedor de Santiago em 1558: “escravos de idade de mais de 20 anos e não passando dos 50 e sabendo falar a linguagem portuguesa”<sup>33</sup>.

Filhos de reis e nobres educados em Cabo Verde, nas crises de fome, como as de 1583-1584 deslocavam-se entre a Guiné e o Arquipélago. Os Sapes, Fulas, Mandingas e Jalofos que foram cristianizados, casaram-se e viviam em Santiago também deviam falar crioulo. Nos últimos anos do século XVI, banhuns, buramos e cassangas livres vinham batizar-se em Cabo Verde, e eram “mui ladinos e falam muitos a língua portuguesa”. Após viverem em Santiago, falando em crioulo, muitos deles tornavam-se lançados na Guiné. Por isso, Carreira (1983: 56) conclui que “a um século (se não antes) do achamento das ilhas, já existia um pidgin a facilitar o contacto e assegura convívio entre brancos e a maioria africana... seja a já fixada nas ilhas seja a que vinha em trânsito”.

Em Cabo Verde, o primeiro documento escrito referente ao crioulo de Cabo Verde é de 1546: uma solicitação ao Rei de um grupo de 14 ou 15 homens “baços e pretos” para a concessão da “mercê que podessemos entrar nos ofícios do concelho” (Carreira, 1972: 341). Na Guiné não há referência escrita ao crioulo anterior ao final do século XVI. Em 1594, Almada (1594 *citado por* Silveira, 1946: 58) escreveu: “entre estes negros andam muitos que sabem falar a nossa língua portuguesa... E estas negras e negros vão eles de uns rios para outros e à ilha de Santiago e a outras partes”<sup>34</sup>.

Para Carreira (1983: 65), o crioulo de Cabo Verde e da Guiné “(o do século XIX) corresponde à língua de comunicação verbal, baseada no português de quinhentos, nascida no arquipélago”. Essa língua começou a ser usada “timidamente nos rios pelos Lançados ou Tangomaos oriundos das ilhas... no período de formação das Praças e Presídios... em consequência da intensa penetração comercial operada pelos homens de Santiago”. De Santiago (1550-1600), o crioulo caboverdiano irradiou-se para outras áreas de comércio dos portugueses.

Os mulatos, “homens baços e pretos”, e pretos-forros foram os agentes difusores do crioulo (Carreira, 1972: 338, 343). A emigração caboverdiana encarregou-se da irradiação crescente do crioulo. Na estiagem de 1850, muitos migraram para Farim e Geba, outros para Dakar e Gâmbia. Em 1915, para Bissau, Bolama e outros povoados. A partir de 1915, pacificadas as barreiras inter-régulos, o comércio fixo e ambulante do mato desencadeou difusão, e a luta pela independência acelerou a

---

<sup>33</sup> “Importa, todavia, esclarecer que nenhum documento dos séculos XVI e XVII faz menção expressa do crioulo, mas sempre à língua portuguesa” (Carreira, 1972: 340).

<sup>34</sup> Carreira (1972: 343) pergunta: “mas estes beafares habituados a viajar para Santiago nos navios do tráfico, teriam aprendido a falar a língua portuguesa na Guiné ou em Cabo Verde, enquanto ali permaneciam esperando os lançados? Não é uma resposta fácil”- reflete o autor.

expansão do crioulo. Seu uso como língua franca deu-se do século XX para o XXI.

A Hipótese Ambígena, teoria de Rougé (1986) nomeada por Couto (1994), ancora-se na asserção de Teixeira da Mota (1954 *citado por* Rougé, 1994: 137) de que é “mais próprio falar, na origem de um crioulo caboverdiano-guineense, formado simultaneamente dos dois lados e com relativa unidade devido às influências mútuas nos dois sentidos.” Essa hipótese postula origem comum para o Caboverdiano e o Guineense: “os dois tem a mesma origem, o mesmo proto-crioulo”.

Para entender a hipótese ambígena, é preciso observar as hipóteses Insular e Continental, como orienta Couto (1984: 28). Inicialmente, explica-se que, embora Bissau e Cachéu tenham sido fundadas apenas no final de 1500, comprovadamente, houve sociedade de habitação na Guiné. Em 1593, surgiram núcleos portugueses e africanos bem-sucedidos em São Domingos e Cachéu. Por outro lado havia também relatos de maus-tratos aos europeus, na região de Bugendo (Almada, 1594 *citado por* Silveira, 1946: 48). Pacífica ou não, fato é que houve convivência.

Na Guiné, tangomas, grumetes, enfim, o contingente de nativos dos núcleos eram oriundos da região e maioria absoluta frente aos poucos europeus que encontraram, ali, um “mosaico de povos e línguas”. Logo, eles devem ter convivido com pessoas das mais variadas etnias (Cf. Couto, 1984: 31) nas chamadas Praças e presídios, situadas às margens de rios. No Arquipélago, a situação nas ilhas era mais amena, sugerindo condições mais propícias ao processo de criouliização.

Em Cabo Verde, ainda que em pequenas proporções, de fato, houve sociedade de plantação. Santiago era entreposto comercial da escravaria da costa. Os escravos de diversas etnias da Guiné constituíram nas ilhas desabitadas, uma sociedade multilíngüe. Nesse andar, a hipótese insular parece ser mais viável (Couto, 1984: 31). No entanto, nesse cenário, Couto (1994: 32) defende que a ambigeneidade apóia-se no constante “fluxo e refluxo em ambas as direções”. A Guiné foi descoberta primeiro, mas Cabo Verde recebeu mais atenção dos colonizadores. Estrutural e funcionalmente há semelhanças entre caboverdiano e o guineense. Alguns autores referem-se a essas línguas como “o crioulo português da costa ocidental africana. E Couto (1984: 32) completa com a fala de Lopes (1987: 48) de que a comunicação e entendimento entre ambos são próprios de uma “língua comum”.

Para Rougé (1994: 141), quando o caboverdiano e o guineense foram formados, o português e outros sistemas derivados dele estavam presentes na região. É provável que em Cabo Verde e Guiné tenham ocorrido modificações no português usado entre europeus (lançados) e africanos (grumetes) nos trabalhos próprios da lida dos barcos. Assim, a “língua base dos crioulos da região é... o português

tal como era falado na Guiné e no Cabo Verde no século XVI, isto é, africanizado” .

Do lado africano, paralelamente àqueles nativos que falavam “muito bem” o português, poderiam existir outros que aprenderam essa língua imperfeitamente (Rougé, 1994: 141). A maioria deveria falar um português aproximado. Nesse ponto, Rougé (1994) salienta que, enquanto Carreira (1972) acredita que o crioulo derivou-se de um pidgin por causa da ladinização, ele pensa que o português tivesse “de preferência favorecido à emergência de uma língua aproximativa”.

Consoante Rougé (1994: 142), “talvez se deva também imaginar a existência de um mandinga, de um papel e de majako aproximativo.” As línguas que contribuíram na formação do caboverdiano e do guineense pertencem aos mesmos grupos lingüísticos: Línguas Mandé e Línguas do Oeste do Atlântico. Elas constituíam línguas maternas dos primeiros falantes e também línguas francas na região. Estudos comprovam que 60% dos vocábulos africanos<sup>35</sup> derivavam dessas línguas.

Era de se esperar que, assim como os africanos falavam o português, também os europeus, em especial os lançados, falassem alguma língua africana. Tome-se o exemplo do Ganagoga, João Ferreira, que falava todas as línguas nativas (Cf. Almada, 1594 *citado por* Silveira, 1946: 18). Desse modo, se explicaria o grande número de empréstimo de línguas africanas no português e no crioulo. Poderia ter ocorrido também o proto-crioulo, forma intermediária entre o pidgin e o crioulo.

Rougé (1994: 142) situa o proto-crioulo no nível da *performance*, porque em situações de contato ou de pré-crioulização os falantes realizam produções que prefiguram os crioulos. O proto-crioulo seria “o conjunto dessas produções que podem tanto ter por base o português aproximativo e/ou um pidgin português como as línguas africanas, em particular, as línguas veiculares” (Rougé, 1994: 143). A partir desse proto-crioulo, na segunda fase, será formado o crioulo.

A situação de pré-crioulização se estendia a todo o território africano. Já a crioulização— processo resultante de “transformações sociológicas profundas” – restringia-se a centros como Cabo Verde, Geba, Cachéu e Bissau. Em Cabo Verde, a organização da sociedade deu-se com africanos escravos, forros e livres, europeus e mestiços. No Arquipélago, portanto, formava-se a língua de toda uma sociedade. E os africanos foram perdendo, gradualmente, contato com as línguas nativas.

Na Guiné, ao contrário, não houve ruptura com as sociedades de línguas africanas, tendo a crioulização se limitado aos centros urbanos. Nas Praças, havia o crioulo intra-muros das grandes famílias luso-africanas e o extra-muros, dos grumetes. Os primeiros eram de origem caboverdiana. Os

---

<sup>35</sup> Em comentários pessoais, o professor Jüergen Lang acrescenta “...vocábulos africanos ‘dos crioulos insular e continental...’.”

últimos mantinham fortes laços com as sociedades africanas. Nesse sentido, o crioulo de Santiago também constituiu material lingüístico para a formação e evolução do crioulo intra-muros na Guiné. Ali, a variação dialetal justifica-se pela ausência de simultaneidade da crioulição e pela influência das diferentes línguas maternas.

Em Cabo Verde, o crioulo não teria sido formado homoganeamente. Desde o início, uma língua guineo-caboverdiana aparece dialetalizada (Teixeira da Mota *citado por* Rougé, 1994: 144). Para Rougé (1994: 144), existe um “jogo de convergência/ divergência” na crioulição do caboverdiano e do guineense; e “nada permite dizer se foi o caboverdiano que foi africanizado pelos guineenses ou se foi o guineense que foi desafricanizado pelos caboverdianos”. Para ele, a versão mais razoável seria:

“formação, a partir de um mesmo material lingüístico, de diferentes crioulos em zonas separadas, em dois momentos. A primeira fase, comum não só em Santiago, em Fogo e nos diferentes pontos onde nasceram os crioulos, mas também em toda essa região que se chamava a Guiné do Cabo Verde, a qual se estende do rio Senegal até a Serra Leoa. Com a chegada dos portugueses, no início do povoamento das ilhas de Santiago e Fogo, e do tráfico e do comércio de escravos, esta região viveu uma situação de contatos lingüísticos intensos. As diferentes línguas ou sistemas de comunicação em presença formam o material a partir do qual se constituirão os crioulos”.

Nesse ponto, tecem-se alguns comentários sobre as hipóteses descritas, especialmente no que concerne ao Caboverdiano. Primeiramente, destaca-se a Hipótese da linguagem de reconhecimento (Naro, 1973) que tem o mérito de contemplar o cenário anterior e exterior ao da costa oeste africana, e ressaltar o papel decisivo dos escravos-intérpretes. Eles formavam o diferencial de Portugal, uma vez que o Reino dispunha de homens e armas insuficientes para assegurar seu monopólio.

Relativamente ao argumento de o pidgin ser um código adquirido em Portugal, quando os lançados começaram a penetrar na Guiné, acredita-se que — com acesso ou não dos portugueses às letras e aos meios para conhecerem as características do Pidgin por meio da literatura e do teatro — fato é que quando há estrangeiros aprendendo a falar a língua de uma nação, geralmente, traços dessa fala são espalhados de uma forma ou de outra, e passam a ser reconhecidos pela população.

Portanto, como a própria hipótese prevê, os lançados não precisariam ter freqüentado aulas para formar idéia de como falar com os africanos em sua terra. Além do que, nesse período, os traços do Sabir— língua franca mediterrânea<sup>36</sup> — poderem ter sido previamente (ou parcamente) conhecidos

---

<sup>36</sup> Tarallo (1987: 89) relata que no tempo das Cruzadas, nas regiões de batalhas entre muçulmanos e cristãos, teria surgido uma língua de contato denominada *Sabir ou Língua Franca Mediterrânea*. Originalmente usada entre árabes e europeus, essa língua teria se expandido “ao longo da costa do Mediterrâneo, especialmente na

por aventureiros e navegantes europeus. Embora a hipótese em questão não levante a possibilidade desse aspecto, há também que se lembrar que o contato de línguas ou variedades lingüísticas fomenta alterações imediatas que independem de conhecimento prévio das línguas envolvidas no processo.

Clements (1994 *citado por* Naro, 1993) critica que a linguagem de reconhecimento não era mais que uma instância do *Foreigner Talk*. Para Rougé (1986 *citado por* Couto, 1984: 33) os lançados, traficantes clandestinos, não teriam freqüentado os lugares onde escravos viviam para aprender esse pidgin. Por muitos serem analfabetos, não teriam freqüentado escolas para aprendê-lo. E Couto (1994: 33-34) adverte que a presença de africanos falando um português pidginizado em Portugal não significa que este pidgin tenha sido a linguagem usada pelos portugueses na Guiné.

Contudo, nesta tese, credita-se a nota dissonante à afirmação de que foi este o único pidgin usado pelos portugueses na África, e que não houve pidgin resultante do contato entre navegantes e africanos no início das explorações. Além do chamado “português exótico” da rota dos comerciantes e navegantes (Cf. Rougé, 1994: 146), é possível que, nas diversas partes do continente, os contatos entre diferentes povos europeus e africanos resultassem em pidgins que se poderiam ter evoluído ou se misturado com outros crioulos em formação. O próprio Naro (1978: 334) admite que alguma versão do português pode ter-se espalhado na Guiné antes do último quartel de 1400.

A respeito da hipótese continental ou Guineense, neste estudo, tem-se a dizer que, na perspectiva do processo sociolingüístico, é também limitada por se pressupor única fonte lingüística no período. Quando Couto (1994: 31) questiona as condições em que o crioulo caboverdiano teria se transplantado para a Guiné, e comenta não ter havido migração maciça de caboverdianos para o continente, expõe a perspectiva guineense sobre a formação do crioulo português na costa africana.

Nesse particular, argumenta-se que por causa do tráfico, restrições comerciais ou fomes, levadas de caboverdianos se deslocaram para a Guiné<sup>37</sup>. Conforme dito, europeus foram para a Guiné com escravos africanos. Depois, levaram os mestiços. Na crise de fome de 1580, a leva de caboverdianos para a Guiné coincidiu com a dominação de Portugal pela Espanha. Nessa altura, o guineense estaria formado, conforme Couto (1995: 115). Isso leva a crer que o pidgin/crioulo dos lançados colaborou no

---

África do Norte”. Sua estrutura era composta de elementos de base Italiana, francesa e espanhola, e de alguns itens lexicais de origem árabe. Consultar Couto (2002) para maiores esclarecimentos sobre esse assunto.

<sup>37</sup>“...homens de Santiago... esses, quando se sentiram impotentes, ante a acção de reinóis protegidos por Lisboa, e de estrangeiros, emigraram para os rios da Guiné, uns dedicando-se a um negócio mais ou menos lícito, a maioria *virando lançado*, mancomunando-se com estrangeiros e com nacionais, e facilitando actividades proibidas. Por isso mesmo o tráfico feito pelos portugueses minguava...” (Carreira, 1972: 270).

estágio inicial do guineense, enquanto que os grupos de retirantes das fomes podem ter contribuído, secundariamente, em fase posterior de evolução dessa língua.

Quanto às levas de escravos vindos da Guiné para Cabo Verde, trazidos pelos traficantes no intenso comércio desenvolvido entre ambas as regiões usada como argumento à hipótese continental, tem-se a dizer que, embora se questione sobre a ladinação em Santiago— muitos eram ladinizados nas ilhas, somente alguns ficavam—, a presença desses grupos boçais era temporária, sem muita capacidade para interferir profundamente no pidgin/crioulo do Arquipélago. Eles iam para outros portos, a comunidade e a língua em formação nas ilhas permaneciam.

Como exemplo do que se diz, cita-se a carta dos vereadores de 1698, quando foi mandada “Casa de Recolhimento” em Cabo Verde para instrução dos escravos (1.2.2), e que os oficiais da Câmara expuseram às autoridades que os escravos da Guiné “não falavam o crioulo”, e mais:

“a)...[escravos] eram de diversas nações, cada qual com sua língua, agrupados por língua, e assim seria impossível aprendizado de outra; b) não era fácil conseguir catequistas e párocos que falassem diferentes línguas dos escravos e, portanto, prejudicada a doutrinação e a aprendizagem do crioulo; c) os escravos de idades até 30 só com grande dificuldade e muita persistência aprenderiam o crioulo, os de maior idade nunca o chegariam a falar, ‘como se acham hoje nesta ilha grande número de escravos’; isso a despeito das diligências empregues pelos senhores e, a mando destes, pelos outros escravos ladinos de idêntico grupo lingüístico; d) seria mais fácil fazer aprender crioulo e doutriná-los em grupo de reduzido número de indivíduos, uma vez que falassem línguas diferenciadas...” (Carreira, 1972: 277).

Quanto à possibilidade de os escravos guineenses trazerem o crioulo formado da região dos Rios da Guiné para Cabo Verde, por volta de 1580, tem-se a dizer que, assim como as levas caboverdianas fugindo da fome foram para a Guiné, a língua que veio da Guiné com esses escravos, esporádicos ou não, poderia até exercer alguma influência, mas não determinar a formação lingüística que havia se consolidado na convivência contínua e pacífica nas ilhas: o caboverdiano.

Sobre hipótese Insular (Carreira, 1972, 1983) ou Caboverdiana, ressalta-se sua abrangência do contexto inicial da atividade dos lançados em Cabo Verde e na Guiné. Todavia, complica-se também ao tentar constituir-se em única possibilidade de formação do crioulo português na África. É certo que o pidgin/crioulo caboverdiano formou-se nas primeiras décadas de colonização do Arquipélago (1460 em diante). Todavia, também na Guiné, os contatos poderiam fomentar formas mistas de um português que caracterizassem alguma forma de pidgin português, na situação favorável à maioria africana e desfavorável aos poucos europeus.

O pidgin formado em Cabo Verde pode ter sido uma dentre as muitas formações lingüísticas que compuseram o Guineense (Cf. Rougé, 1987). Talvez, até, a determinante como modelo para os falantes das diversas línguas nativas e os lançados na Guiné. Defende-se, aqui, que o próprio pidgin/crioulo caboverdiano teria na sua constituição o português dos europeus analfabetos (maioria) ou letrados (raros), dos línguas (intérpretes) treinados em Portugal, nos barcos dos lançados ou nas igrejas, dos estrangeiros e padres das ilhas e dos mestiços fixos e lançados em terra de Guiné.

É provável que os missionários acostumados a ensinar ou treinar intérpretes em Portugal também tivessem alguma noção das línguas africanas. E mesmo que não tivessem conhecimento prévio das línguas em Portugal, como estudiosos que eram, devem ter procurado aprendê-las ao chegarem em Cabo Verde e na Guiné. No Brasil, eles falaram e escreveram na língua dos índios. Era de se esperar que também em Cabo Verde e na Guiné algo parecido ocorresse. Poderia ser um africano incompleto, como o português africanizado dos lançados, sugerido por Rougé (1987: 141).

Nesse ambiente, há que se destacar também a figura de destaque do língua ou chalona nas comunidades africanas. Primeiro, por se bandear para o lado dos portugueses. Depois, por serem bem-sucedidos nessa empreitada, participarem de atividades oficiais e clandestinas, serem bem pagos por isso e gozarem da confiança dos europeus. É provável que representassem modelo de profissão e comportamento, dado que filhos de reis e nobres estudavam em Cabo Verde para serem chalonas<sup>38</sup>.

Embora alguns tivessem ensino formal em Portugal, devido a suas etnias variadas, deveriam incluir alterações próprias de sua fala no pidgin em formação, tanto em Cabo Verde como na Guiné. Algumas dessas alterações devem ter permanecido no crioulo, outras se desfizeram com o tempo. Fato é que muitos africanos tiveram nos chalonas um exemplo. Russel (1995: 8) comenta que os africanos vendidos aos europeus, geralmente escravos em sua terra, ganhavam *status* de intérprete em Portugal, e, em alguns casos, conseguiam alforria. Em terras africanas, é provável que se ampliavam o prestígio e a influência sobre os africanos que pretendessem 'mudar de vida'.

Pelo que se sabe, os primeiros mestiços caboverdianos lançaram-se no "desbravamento" do interior da Guiné. Inicialmente, acompanhando lançados, depois como eles próprios. Naturalmente, tudo a seu tempo, falavam o pidgin ou o crioulo de Cabo Verde. Na região, poderiam-se deparar com línguas francas e nativas com as quais tiveram algum contato nas ilhas. Quanto aos africanos que

---

<sup>38</sup> Carreira (1972: 329) esclarece que "nem sempre foram levados para Santiago (repete-se), como escravos, Beafadas e Bijagós. Muito cedo foram para ali indivíduos, livre e espontaneamente, isto é sem qualquer coação. Almada alude ao caso das *Tangomas*; e Lemos Coelho (1669) ao dos Bijagós que davam 'seus filhos aos brancos para lhos que lhos criem, e lhos façam cristãos' para depois servirem 'de chalonas em suas terras'".

“falavam bem” o português, Carreira (1972: 343) questiona se os beafares (1594) dos navios do tráfico para Santiago teriam aprendido a língua na Guiné ou Cabo Verde e nem ele tem resposta.

Pode-se conjecturar que tais beafares tenham aprendido português em Portugal ou Cabo Verde ou nos barcos dos lançados, entre as duas regiões. O português não-padrão de colonos e degredados (lançados) deveria circular em Cabo verde e na Guiné. Muitos, talvez, mestiços da Madeira e dos Açores, para onde foram levados os primeiros escravos para o trabalho na secagem dos pântanos. Os africanos poderiam ter aprendido com esses grupos um português aproximativo, como cogita Rougé (1987); outros aprenderam uma forma mais aproximada da padrão, em Portugal.

Por fim, a defesa da Hipótese Insular por Lopes da Silva (1957: 32): “o crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo cabo-verdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas nativas.”

No tocante à Hipótese Ambígua, destaca-se a probabilidade de que as relações entre as duas regiões ofereceram bases comuns ao Guineense e ao caboverdiano. A troca de informações pelas migrações de Cabo Verde para a Guiné, e pelas levas trazidas da Guiné para Cabo Verde e, em especial pela atuação dos lançados nas duas áreas, pode mesmo ter desencadeado a formação de duas línguas a partir de um material lingüístico semelhante. O contexto local é que variava.

Os grupos itinerantes de lançados e grumetes — residentes na Guiné e/ou em Cabo Verde — deslocando-se de uma região para a outra, podem ter contribuído na formação de um e de outro crioulo na Costa Oeste Africana. Esse dado sugere que, em meados de 1500, começaram a se desenvolver em Cabo Verde e na Guiné variedades lingüísticas baseadas no português quinhentista e nas línguas francas e nativas africanas. Rougé (1987) assinala que, desde o início da colonização, aparecem dialetos em ambas as regiões, até que se definisse a língua política una em cada uma delas.

Nesta tese, reconhece-se que Cabo Verde precisou de contingente da Guiné para compor parte de sua comunidade e língua, ao mesmo tempo em que serviu de porto para o surgimento de uma variedade que iria contribuir no estágio inicial do pidgin/crioulo da Guiné. As “influências mútuas” referidas por Mota (1954 *citado por* Rougé, 1987), defende-se, resumem o corolário da questão: Caboverdiano e Guineense tiveram muito para terem um fundo comum — a língua multifacetada da Era dos Grandes Descobrimientos —, e, por isso mesmo, para não serem línguas iguais.

A seguir, o capítulo das noções básicas sobre língua em geral e línguas crioulas, em particular.

## II. NOÇÕES BÁSICAS

---

“Ta kontise ki língua é um kuza bibu, dinámiku y, purtantu, sênpri ku tendénsa pa mudánsa...”.

(Manuel Veiga)

### 2.0 Introdução

O conhecimento é construído, quase sempre, com base em inovações e retomadas. Por isso, é importante dar a conhecer novos conceitos, e visitar outros mais antigos, quando da efetivação de qualquer estudo científico. Em estudos crioulos como este, de fundamentação gerativa, esse suporte torna-se imprescindível. Por assim pensar, compõe-se este capítulo de temas relacionados à língua de um modo geral e às línguas crioulas em particular, numa múltipla perspectiva de aspectos estruturalistas, sociolingüísticos, gerativistas, funcionalistas e crioulísticos. A intenção é discorrer sobre os temas de modo a constituir uma “revisão da literatura” e a fornecer subsídios que possam vir a colaborar, oportunamente, com a questão relativa à natureza constitutiva do Caboverdiano.

Na primeira parte deste capítulo, sob o título de Línguas em Geral (2.1.), abordam-se os temas de língua, dialeto e idioleto, contato de línguas, bilingüismo e diglossia (2.1.1.), variação e mudança lingüística (2.1.2.). Na segunda, detém-se sobre as Línguas Crioulas e Pidgins (2.2.), em particular, apresentando-se questões relativas à sua formação e evolução (2.2.1.), às hipóteses que buscam explicar sua origem (2.2.2.) e também questões relacionadas à temática da descrioulização (2.2.3).

## **2.1. Línguas em Geral**

No estudo das línguas em geral, alguns conceitos tornaram-se naturalmente tão entrelaçados que se torna difícil falar de um sem citar o outro. É o caso típico de língua e dialeto, que remontam à noção de idioleto e aos conceitos de bilingüismo e diglossia. Todos eles intimamente relacionados aos aspectos externos e internos do contato de línguas entre indivíduos e/ou comunidades, e da variação e mudança lingüísticas. Serão esses os temas da primeira parte deste capítulo.

### **2.1.1. Língua, Dialeto, Idioleto e Outros**

Há várias definições para língua, dependendo do autor e da corrente teórica adotada. Para Saussure (1999: 17), língua refere-se a algo adquirido e convencional: “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias.” Língua é um conceito “social-abstrato”. Ela é o objeto de estudos no estruturalismo, porque, para o referido autor (1999: 18), “a faculdade de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem”.

Para Chomsky (1986, v. 3.1.1), língua é sinônimo de competência ou gramática interiorizada, a língua-I. A performance é a língua-E ou língua exteriorizada<sup>1</sup>. Chomsky adota concepção idealista de língua como “propriedade do indivíduo, capacidade específica da espécie e geneticamente herdada”. Já Labov (1972a: 01) defende concepção materialista: “língua é propriedade da comunidade de fala, instrumento de comunicação social que evolui gradualmente e continuamente ao longo da história humana, com respeito a uma variedade de necessidades e atividades humanas”.

---

<sup>1</sup> Chomsky (1994: 35) chega a afirmar que “a noção de língua do senso comum tem uma dimensão sociopolítica crucial”, por isso o Chinês é considerado uma língua, a despeito dos “vários dialectos chineses serem tão diferentes como as várias línguas românicas”.

No rastro do que seja uma língua, surge outra pergunta imediata: o que é um dialeto<sup>2</sup>? Segundo o estruturalismo (Saussure, 1999: 223), “as línguas que divergem entre si somente em pequeno grau são chamados *dialetos*; contudo, não se deve dar a esse termo um sentido rigorosamente exato ... existem entre os dialetos e as línguas uma diferença de quantidade, não de natureza”. Para Saussure (1999: 235), um dialeto atinge o *status* de língua devido à literatura que produz ou por causa da inteligibilidade entre os falantes.

Chomsky (1994: 35) reconta a lenda: “um aviso habitual em cursos de introdução à lingüística é que uma língua é um dialecto com um exército e com uma marinha (atribuído a Max Weinreich)”. Para um outro autor, Haugen (2001: 79), os termos dialetos e língua distinguem-se por aspectos políticos e culturais. De acordo com Haugen (2001: 97), na sincronia, o termo língua pode referir-se a uma única ou a um grupo de normas aparentadas. Na diacronia, pode-se referir a uma língua comum resultante de unificação ou rumo à dissolução. Dialeto é “qualquer uma das normas aparentadas compreendidas sob o nome geral ‘língua’, o resultado de divergência ou de convergência histórica”.

Intimamente relacionada aos conceitos de língua e de dialeto está a noção de idioleto<sup>3</sup>. Saussure ofusca o conceito com a noção de norma. Chomsky não faz menção ao termo, embora o falante-ouvinte ideal remonte à idéia de um sujeito e sua mente, portanto, a sua fala e seu idioleto. Hermann Paul (1880: 390), citado por Weinreich, Herzog e Labov (1968: 155), fala de “mistura de língua, quando dois indivíduos comunicam entre si, cada qual falando o seu idioleto<sup>4</sup>. Eles acrescentam que “há falantes que controlam dois dialetos regionais ativamente”, os chamados “estilos”, “gírias” etc.

Lyons (1981: 110) é mais direto: “o idioleto é um dialeto individual, que difere em vocabulário, pronúncia, e em gramática” de um falante a outro. Mufwene (2002), numa perspectiva genética da evolução da língua, defende ser o idioleto central na constituição das línguas comunitárias. Línguas comunitárias são conjuntos de línguas-I [internas], “basicamente idioletos, sistemas de falantes individuais de uma língua”. Mufwene (2002: 14-15) questiona-se sobre o quanto faz sentido falar de

<sup>2</sup> Haugen (2001: 97-99) conta que, na Grécia Antiga, havia muitas normas aparentadas chamadas de “dialetos”. No período pós-clássico, elas foram substituídas por uma norma grega unificada, o dialeto de Atenas, chamado *coiné*. No período helenístico, “grego” se tornou o nome de uma norma resultante da conjugação dos dialetos, baseada no dialeto do centro cultural e administrativo dos gregos.”

<sup>3</sup> Labov (1972: 192) conta que foi Bloch (1948) quem introduziu o termo idioleto para representar a fala de uma pessoa falando sobre algum assunto para a mesma pessoa por um curto período de tempo.

<sup>4</sup> O funcionalista Bloomfield (1934: 327-328 citado por WLH, 1968: 156) incrementou a noção de idioleto com o Princípio da Densidade: “todo orador está adaptando constantemente os seus hábitos de fala aos de seus interlocutores; ele deixa formas que tem usado, e adota novas.”

contato de língua como fenômeno separado do contato de idioleto, pois, na sua concepção, “quando comunicando entre si, os falantes são centrais em reunir idioletos, dialetos, e línguas em contato”.

Nesse momento, chega-se ao tema do contato de línguas, inerente a tudo o que se disse. O contato está no cerne das mudanças lingüísticas do indivíduo e da comunidade: a ele subjaz mudanças de língua, dialeto e idioleto. Ele pode ser descrito como “o encontro [espontâneo ou forçado] de duas ou mais línguas, semelhantes ou dessemelhantes, de culturas parecidas ou diferentes, em determinado local, com partilha ou não de interesses comuns” (Couto, 1994: 21).

O contato pode ser interlingüístico ou intralingüístico. Nos contatos interlingüísticos normalmente ocorre contato de uma L1 e uma L2 não-homogêneas, ou seja, de dialetos dessas duas ou mais línguas, como, por exemplo, nas situações de colonização em que resultaram crioulos e pidgins (v. 2.2.1.). Pode haver também encontro de um dialeto de L2 com a variedade padrão de L1 e vice-versa, como em contextos escolares, textos escritos etc. Nos contatos intralingüísticos, há o encontro de falantes de variedades distintas de uma mesma língua, do que decorre co-ocorrência de contato entre idioletos (idioletal) e entre gerações (intergeracional).

A presença de duas línguas e um motivo relevante são determinantes nos resultados do contato. Por exemplo, nos contatos que originaram a maioria dos pidgins e crioulos, o interesse maior era dos colonizadores, falantes de L1. Se a situação for de troca ou comércio, o interesse será dos falantes de L1 e dos falantes de L2. Caso o contato ocorra no território do povo mais forte, a língua desse povo é que passa a ser a língua-alvo. A aprendizagem desta será relativamente rápida, com etapas intermediárias na primeira geração de imigrantes. Caso as culturas sejam bastante distintas, a aprendizagem poderá ser prejudicada em função da resistência à cultura e à língua envolventes.

Thomason e Kaufman (1986: 262-265) afirmam que os tipos de interferência mais comuns nos contatos lingüísticos, são empréstimos e interferência do substrato. Nos empréstimos, há “incorporação de características estrangeiras [língua doadora] na língua nativa de um grupo”. A interferência do substrato resulta da “aprendizagem imperfeita de grupos durante a troca de língua”, quando um grupo nativo falha ou recusa-se a aprender a língua-alvo totalmente. A intensidade da pressão cultural dos falantes da língua-alvo sobre os falantes da língua receptora e sua duração acabam por determinar o grau e o tipo de interferência que ocorrerá.

Quando o contato é casual, apenas itens lexicais são emprestados, e pode haver adaptação fonológica pelos falantes da língua receptora aos sons mais próximos da sua língua nativa. Casos de

empréstimo com pressão cultural intensa a curto prazo podem resultar em morte de língua, ou abandono da língua de empréstimo antes de suas características terem sido incorporadas pelo grupo receptor, que, por conseguinte, retorna à sua língua de origem. Em situações de contato intensas a longo prazo, a interferência acontece consoante a distância tipológica entre as línguas envolvidas.

Nas situações de contato de línguas, a ocorrência de diglossia e bilingüismo é freqüente. Nos casos de diglossia, Ferguson (1959: 100-111) delimitou a existência de duas variantes. Uma seria a variedade principal, alta (H= high); a outra, a variedade secundária ou baixa (L= low), ou seja, os dialetos regionais. Em algumas situações, H é apropriada, noutras, somente L. Enquanto H é considerada mais “bonita e lógica”, L é considerada “mais limitada”. Somente H possui acervo de literatura reconhecida. H é aprendida na escola e L é aprendida de maneira “normal” pelas crianças. A tradição gramatical é forte em H e praticamente inexistente em L.

No léxico, H e L utilizam o mesmo vocabulário, podendo haver diferenças de uso e significado. Na gramática, H e L são ligadas por uma relação genética, mas apresentam gramáticas diferentes: H tem categorias ausentes em L. Para Ferguson (1959: 102-111), H e L podem ter fonologias parecidas, ligeira ou extremamente divergentes: “(1) os sistemas de som de H e L constituem uma única estrutura fonológica, da qual H é o sistema básico, e as características divergentes da fonologia de L constituem um subsistema ou para-sistema; (2) se as formas de fonemas ‘puras’ de H não forem encontrados em formas de fonemas puras de L, os fonemas de L as substituem freqüentemente no uso oral de H” .

Para Weinreich (Cf. 1974: 03), bilingüismo é “a prática de usar duas línguas alternadamente”. As divergências das normas de qualquer uma das línguas envolvidas na fala de bilíngües são consideradas, conforme os autores em foco, interferências ou “rearranjo de padrões como o resultado da introdução de elementos estrangeiros nos domínios altamente estruturados de língua, como o tamanho do sistema fonêmico, grande parte da morfologia e sintaxe e algumas áreas do vocabulário”.

Nas situações de bilingüismo, de acordo com a definição de Haugen (1972: 311), podem ocorrer aprendizagens de três tipos: aprendizagem adicional, aprendizagem complementar e aprendizagem reposicional. No primeiro tipo, a segunda língua é aprendida como suplemento à primeira para necessidades ocasionais. No segundo, a segunda língua completa a primeira na vida do falante, como aprender a ler e escrever a língua padrão. No terceiro, a segunda língua cumpre todas as necessidades comunicativas do falante, de modo que ele, gradualmente, não usa nem transmite mais a primeira língua a seus descendentes.

Fishmann (1968) entende bilingüismo como fato individual, psicolinguístico e diglossia como fenômeno social, sociolingüístico, e, sobretudo, que as variedades envolvidas independem de relação genética: “qualquer situação colonial, por exemplo, tendo posto em presença uma língua européia e uma língua africana, implica a diglossia”. Por seu turno, Calvet (2002: 62) assinala que a diglossia “está em perpétua evolução” e que a história mostra que “quase sempre o futuro das variedades baixas é virem a ser variedades altas [caso das línguas românicas].”

Contrariamente, Ferguson (1959) acreditava ser a diglossia estável por séculos, e que tensões comunicativas poderiam ser resolvidas por repetidos empréstimos lexicais e gramaticais de H para L. Assim, desenvolveu o conceito de diglossia como se segue:

“...situação lingüística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade lingüística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual” (Ferguson, 1959: 99).

### **2.1.2. Variação e Mudança**

As línguas variam constantemente, e, na direção da variação, sopram os ventos da mudança. No estruturalismo, Saussure (1999: 15-16) contempla a questão da diversidade geográfica na língua, que traduz por diversidade temporal. Ele exemplifica o fato com dois grupos isolados numa pequena ilha que, com o passar do tempo, apresentam diferenças de vocabulário, gramática e pronúncia. Todavia, o “idioma transplantado não se modifica sozinho, enquanto o idioma originário permanece imóvel... uma inovação pode nascer de um lado, ou de outro, ou nos dois ao mesmo tempo”, conclui Saussure (1999: 228-229). Nesse raciocínio, o fator diferenciador é o tempo, e não o espaço.

Na propagação dos fatos da língua, Saussure (1999: 238) cita a força particularista do “campanário” e a força comunicativa do “intercurso”, que são constantes e “em sentidos contrários”. A força do campanário mantém a comunidade restrita aos seus hábitos. A força do intercurso a faz sair e se comunicar com o mundo, agindo “de duas maneiras: quer negativamente, impedindo o retalhamento dialetal ao sufocar uma inovação no momento em que surge em algum ponto, quer positivamente, favorecendo a unidade ao aceitar e propagar tal inovação”.

As línguas também mudam com o tempo e com a sociedade. A lingüística histórica ocupa-se das origens e dos estágios dessas mudanças. A sociolingüística, tradicionalmente, dedica-se à variação e mudança em sociedade, contato, surgimento e extinção de línguas, multilingüismo, entre outros temas. Seu objeto de estudo<sup>5</sup>, a variação, é considerada elemento desencadeador da mudança, podendo ser sistematizada cientificamente. Entre os precursores dessa ciência estão Weinreich, Labov e Herzog (1968) com *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, estudo que tem como foco a heterogeneidade da comunidade.

Weinreich, Labov e Herzog (1968: 183-186) instituíram princípios empíricos para a teoria da mudança sob a forma de perguntas a serem respondidas: (1) restrições — quais são as restrições que determinam as mudanças possíveis e impossíveis e a sua direção?; (2) transição — como a língua muda e por que caminho?; (3) encaixamento na estrutura lingüística e social — como uma dada mudança se embute no sistema das relações lingüísticas e sociais?; (4) avaliação — como os membros da comunidade avaliam e reagem a determinada mudança? e (5) atuação — porque determinada mudança se inicia num momento e lugar e não em outro? Esses autores (Weinreich, Labov e Herzog: 1968: 187-188) também instituíram princípios gerais para o estudo da mudança:

“1- Mudança lingüística não é para ser identificada com deriva fortuita procedente da variação inerente da fala; 2- a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão; 3- nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança; mas toda a mudança envolve variabilidade e heterogeneidade; 4- a generalização da mudança lingüística por toda estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; 5- as gramáticas nas quais acontece mudança lingüística são gramáticas da comunidade de fala; 6- mudança lingüística é transmitida como um todo dentro da comunidade; 7- fatores lingüísticos e sociais estão intimamente relacionados no progresso de mudança da língua”

O fundador da Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa é William Labov. Datam da década de 60 suas pesquisas em Martha's Vineyard (1963) e em Lower East Side (1966). Numa perspectiva social, Labov opôs-se à corrente saussureana vigente: “o nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da língua no seio do contexto social formado pela comunidade lingüística”. E advertiu que, “se se pretende entender as forças da mudança pode-se focalizar em um grupo de indivíduos”, mas “o comportamento do falante individual não pode ser entendido até que o padrão sociolingüístico de comunidade seja delineado como um todo” (Labov, 1972a: 33).

<sup>5</sup> Em comentário pessoal, a professora Cibele Brandão acrescenta que o objeto da Sociolingüística na contemporaneidade “pode ser visto como a diversidade lingüística, ou seja, a língua falada, observada, descrita e analisada no contexto social, em situações reais de uso. Temas como atitudes e julgamentos da comunidade de fala, políticas lingüísticas também, e não só variação e mudança”.

Labov (1972a: 34) defende que a “análise lingüística não pode reconhecer gramáticas ou fonologias individuais. Neste sentido, o indivíduo não existe como um objeto lingüístico. Os indivíduos não são as unidades finais de análise lingüística, mas os componentes que são usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a comunidade de fala”. Em outra oportunidade, o autor (Labov, 1982b: 33-34) completa que “esta investigação não é uma procura por indivíduos [idioletos], mas por locais sociais e tipos de efeito social...” .

Pela teoria laboviana, as formas em competição ou variação são denominadas variantes, ou diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Um conjunto de variantes constitui uma variável lingüística. Entre as variáveis internas, estão fatores fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Entre as variáveis externas, estão a etnia e o sexo (do indivíduo), profissão, classe social, nível de escolaridade e renda (da sociedade) e o formalismo e a tensão do discurso (do contexto).

Essa teoria prediz que “as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice-versa. Esse é o princípio da uniformidade. Pelo princípio da comunidade lingüística, Labov (1982b: 46) explica que, ao cometer um erro ou inventar uma palavra nova, o indivíduo não muda a língua. Uma língua é modificada quando outros aceitarem um símbolo novo como parte do sistema arbitrário, virem a usar esse símbolo ou entenderem que a língua mudou: “estudos de deslizamentos da língua ou generalizações por crianças podem mostrar matérias-primas de mudança de língua, mas mudança só acontece quando o elemento novo é propagado.”

A maior parte das variações, consoante Labov (1972a: 02), acontece apenas uma vez e se extingue tão rapidamente quanto surgiu. Entretanto, caso haja recorrência, num segundo estágio, elas podem ser mais ou menos amplamente imitadas, podendo mesmo virem a ser difundidas até o ponto em que as novas formas passem a contrastar diretamente com as mais velhas ao longo de uma extensa fronteira. Finalmente, em um estágio mais avançado, uma das duas formas acaba por triunfar. Então, a regularidade é alcançada — não se sabe por quanto tempo.

Quanto à variação pela vida do indivíduo, Labov (1982: 67) assinala que “o exemplo mais simples é o de indivíduos estáveis em uma comunidade de fala variável onde cada pessoa preserva ao longo da vida o sistema vernáculo que foi adquirido durante seus anos formativos”. Sobre o início e a continuação da variação e mudança em progresso pela estrutura social, Labov (1994: 29) afirma que “seria essencial saber algo sobre classe social, sexo, etnicidade ou ocupações dos inovadores”.

É pressuposto básico na Sociolinguística Variacionista que por trás de toda mudança lingüística, há variação; mas que nem toda variação lingüística resulta em mudança lingüística. Na opinião de Oliveira (1987: 29), uma situação onde duas formas, num mesmo contexto, dizem a mesma coisa não é funcional. Por isso, os casos de variação tendem para uma resolução, principalmente do ponto de vista diacrônico. Em geral, as variantes começam a assumir o papel de alofones, em situação de “empate” lingüístico. Quando uma das formas obtém mais regularidade ou prestígio, cessa a variação, e fixa-se a mudança lingüística com apenas uma das formas sendo sistematizada.

Oliveira (1987: 32) aponta evidências para corroborar essa tendência em pelo menos cinco casos: (i) uma variante simplesmente elimina a outra- mudança lingüística completada-, como, por exemplo, a vocalização do [ʎ= perda de lateralidade] no francês; (ii) variantes se contextualizam como alofones, que é o caso do [t] e [tʃ] do Português Brasileiro diante de [i]; (iii). variantes se contextualizam lexicalmente: [e] e [o] pré-tônico, como em *minino/bunito* para menino/bonito; (iv) variantes assumem significado diferentes; e (v) variantes são controladas pragmaticamente — dependendo da comunidade, uma forma pode assumir diferentes papéis, em distintas situações pragmáticas.

Alguns estudiosos postulam que os sistemas lingüísticos conspiram, a um só tempo, a favor e contra a variação: não tendo como impedir seu aparecimento, “uma vez surgida a variação deverá ser resolvida”, pontua Oliveira (1987: 33) . Essa resolução dependerá do encaixamento social da inovação. Dependendo do grupo social onde surgir, a forma inovadora terá maiores ou menores chances de se fixar. Há a possibilidade de soluções diferentes: “se os grupos sociais se distanciarem, geograficamente ou em termos de barreiras sociais acentuadas, poderemos ter o surgimento de dialetos, cada qual com características próprias, ou mesmo surgimento de diferenças mais profundas”.

Guy (1990: 51-59) subdivide o processo de mudança lingüística em mudanças internamente induzidas — mudança natural ou espontânea —, e externamente motivadas — empréstimo e imposição. A característica geral na mudança internamente induzida é o fato de os falantes nativos não terem outro dialeto ou língua como alvo. A mudança é natural e não-marcada. Os falantes são os agentes da mudança. Nas mudanças externamente motivadas, duas línguas, dois dialetos ou elementos arcaicos e contemporâneos de uma língua entram em contato e, de determinada forma ou grau, interagem verbalmente. Há certo grau de bilingüísmo de uma parte dos falantes, que são os agentes das mudanças. Nos empréstimos, falantes nativos importam traços de L2 para sua língua materna. Na imposição, aprendizes de L2 impõem nessa língua traços de sua língua materna.

A característica social da mudança internamente induzida é seu início na classe trabalhadora ou média-baixa. Os falantes adolescentes constituem a faixa etária inovadora. A motivação para adoção das mudanças são a solidariedade e a identidade local. A motivação para resistência é ideologia ou interesse particular. No caso da mudança externamente motivada, a camada do grupo que 'empresta' não coincide necessariamente com a classe alta da comunidade de fala. A faixa etária inovadora são os adultos. A motivação é o prestígio. Na imposição, é a necessidade de comunicação. E, geralmente, o grupo que 'impõe' está vivendo processos de mudança de código por alguma razão.

A característica psicológica da mudança internamente induzida centra-se no pressuposto de ela ser inconsciente<sup>6</sup> nas mudanças que vem de baixo (from below). Essa mudança começa pelas formas menos salientes; formas fonéticas são atingidas primeiro. Na mudança externamente motivada, no campo dos empréstimos, as mudanças são consideradas conscientes. E, nas imposições, inconscientes, uma vez que os falantes de L2 produzem interferência sem esforço consciente. A eliminação dessas interferências é consciente. Nos empréstimos, mudanças começam nas formas mais salientes; itens mais freqüentes são emprestados primeiro. Em imposição, mudanças ocorrem nas formas menos salientes, com pouca freqüência.

A característica lingüística das mudanças internamente motivadas é que fonética, fonologia, sintaxe, léxico são sistematicamente afetados. Na relação forma/função, uma forma velha ganha um novo significado ou função na língua. A motivação reside na facilidade na articulação, analogia, carga funcional etc. Nas mudanças externamente motivadas, no âmbito dos empréstimos, mudanças ocorrem com vocabulário e morfemas. Os empréstimos são 'não regulares', esporádicos e casuais, sem tendência a generalidade. Quanto à forma/função, uma forma nova é usada para expressar função ou significado gramatical existente. A motivação é o preenchimento de lacunas lexicais na língua. Nas imposições, há mudanças na fonologia e sintaxe. Há grande tendência à regularidade, e nenhuma tendência clara à generalidade. O inventário gramatical é conservado, mas reflete o sistema de L1 em L2. A motivação é a interferência estrutural de L1 em competição com a gramática de L2.

Kroch (1994: 01), também estudioso da mudança lingüística, defende que as mudanças sintática e morfossintática atestam o efeito da "Hipótese de Taxa Constante", cuja proposição é a de que, "em toda a superfície de contextos lingüísticos que refletem uma determinada mudança sintática,

---

<sup>6</sup> De acordo com Bickerton (1980: 124), todos os processos lingüísticos são inconscientes.

freqüências de uso mudam à mesma taxa”. Isso demonstra que taxas “variáveis de uso refletem a substituição gradual de uma opção gramatical abstrata por outra, e que a mudança é regida por uma competição definida gramaticalmente como o vencedor-leva-tudo [*winner-take-all*]”.

Kroch (1994: 4) recorre ao Efeito de Bloqueio de Aronoff (1976) para justificar que “variação reflete competição de gramática” e que “mudança sintática procede por competição entre opções incompatíveis gramaticalmente que substituem para um ao outro em uso”. Essa teoria exclui dublês morfológicos, e, segundo o autor em foco, “qualquer forma coexistente que não é diferenciada funcionalmente. Esse é um tipo de restrição econômica global no armazenamento de itens lingüísticos. Mas, a exclusão não significa o fim dos dublês: ela significa, muitas vezes que eles são reflexos de competição instável entre opções gramaticais mutuamente exclusivas.”

Kroch (1999: 03) ressalta que paradigmas lingüísticos não são aceitos pelo efeito de bloqueio. Quando um paradigma ocorre, como no caso do tempo passado inglês, a explicação para os dublês é sociolingüística, dado que os mesmos originam-se no contato de línguas e dialetos. Eles competem no uso até que uma das duas formas saia vencedora. As formas coexistem “em registros diferentes, estilos ou dialetos sociais” até que a comunidade comece a diferenciar um significado para cada uma das formas. Quando a diferenciação acontece, deixam de ser dublês para o grupo de falantes.

No estudo da variação e mudança pela Teoria dos Princípios e Parâmetros, Lightfoot (1998: 78) apresenta uma concepção biológica de gramáticas como sendo “entidades individuais que existem em pessoas e não definem línguas como tal. Elas existem na mente de falantes individuais, como fígados e cérebros existem em corpos individuais”. Para Lightfoot (1998: 78), por exemplo, não existe uma gramática da língua inglesa, mas, sim, um “conjunto de gramáticas que gera muito do corpo registrado do que chamamos inglês”.

Quanto à mudança no curso da vida do falante, Lightfoot (1998: 80) acredita que:

“A fala individual muda freqüentemente através do curso de toda a vida...., mas tal fato não implica que gramáticas mudem.... . Deliberada ou subconscientemente, certas formas podem ser produzidas mais ou menos freqüentemente durante o curso da vida de um indivíduo. Algumas formas podem ser incorporadas no seu uso sem estar incorporadas no sistema produtivo caracterizado pela gramática; elas especificamente podem ser aprendidas como formas para serem usadas em contexto particular... . Inovações de adulto constituem mudanças gramaticais para gramáticos sociais, mas não para gramáticos biológicos, porque estes trabalham com uma concepção diferente de gramática”

Na opinião de Lightfoot (1992: 158), lingüistas históricos “reconstruíram” fases não-atestadas da língua, mediando entre duas formas existentes, e criaram mudança “gradual” de uma para a outra. O autor conjectura que mudança de língua até possa ser gradual, “mas que gramáticas sofrem mudança súbita, abrupta de tempo a tempo”, e assegura que a Gramática Universal pode explicar a colocação de parâmetros novos, em equilíbrio pontuado: “as línguas mudam constantemente, do tipo ‘peça por peça’, enquanto gramáticas permanecem em equilíbrio inalterado nas suas propriedades estruturais, sofrendo, de vez em quando, porém, reestruturação mais radical, catastrófica [repentina, não-gradual], correspondendo à colocação de parâmetros novos” (Lightfoot, 1992: 173-174).

Falando sobre línguas crioulas, Lightfoot (1992: 174) ressalta que, “às vezes, a colocação de parâmetros novos pode surgir em sucessão rápida” e que “isso poderia acontecer a partir de uma experiência desencadeadora especialmente heterogênea que consiste em expressões de várias línguas, incluindo talvez uma língua ‘pidgin’”. Ainda, salienta que crioulos são adquiridos, “pelo menos nas suas fases primeiras, sob condições incomuns: a experiência lingüística de uma geração de crianças é bastante diferente da geração precedente e, mais importante, o *input* lingüístico daquela geração difere bastante da capacidade atingida pelas crianças”.

Haugen (1972c: 325-339) explica variação e mudança pelo modelo da Ecologia da Língua — “o estudo de interações entre qualquer língua e seu ambiente” sendo que “o verdadeiro ambiente de uma língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos”. Esse estudioso revela que no século XIX era comum falar de vida das línguas, que nasciam e morriam, como organismos vivos. Entretanto, tal modelo veio a ser impopular nos anos 70, em que passou a considerar que “uma língua não respira, não tem vida própria independente daqueles que a usam e não tem nenhuma das qualidades tangíveis de tais organismos”. Haugen (1972c: 325), então, se pronunciou sobre o tema:

“língua existe somente nas mentes de seus usuários, e ela funciona para esses usuários em relação para com o outro e a natureza, isto é, seus ambientes social e natural. Parte de sua ecologia é, logo, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngüe e multilíngüe. Uma outra parte de sua ecologia é sociológica: sua interação com a sociedade na qual ela funciona como um meio de comunicação. A ecologia da língua é determinada primeiramente pelas pessoas que a aprendem, usam-na, e a transmitem a outros” .

Mufwene (2002), no estudo da Ecologia da Evolução de Línguas, entende evolução como “as mudanças a longo prazo sofridas por um língua durante um certo tempo. Essas envolvem uma sucessão de processos reestruturadores que produzem cada vez mais divergências de uma fase

anterior”. E, assim, ele faz ecoar algumas das idéias citadas de Haugen (1972c). Mufwene (2002: 12) postula serem as línguas “espécies parasitárias, cuja vida e vitalidade dependem de seus anfitriões, isto é, seus falantes, na sociedade formada por eles, e na cultura na qual eles vivem”.

Contudo, a língua compartilha aspectos das espécies parasitárias, mas difere delas no ponto em que os traços lingüísticos são transmitidos tanto vertical e horizontalmente como também bidirecionalmente dentro de uma população: crianças e pais se inter-influenciam, por exemplo. Há também a intervenção da vontade no comportamento lingüístico. A interação de escolhas conscientes e inconscientes em atos de fala individuais complexificam o cenário de língua comunitária:

“Por um lado, há seleções feitas por falantes individuais, as quais sinalizam para cada idioleto... . Cada idioleto tem suas particularidades, apesar de suas semelhanças... com outros na mesma língua comunitária. Por outro lado, a comunidade geral faz suas próprias seleções pelo fato de que inovações ou particularidades de alguns falantes, p.ex. a vocalização de /r/ no palavra *floor* [chão], são copiadas por outros falantes enquanto outras não são... . A seleção no nível da comunidade é que produz desenvolvimentos macro-evolucionários identificados como mudanças em um língua comunitária”. (Mufwene, 2002: 16-18)

Embora acredite que a maior parte do sistema lingüístico seja formado até a puberdade, Mufwene (2002: 17) defende que o desenvolvimento de um idioleto não termina até à invalidez lingüística ou a morte de seu falante e que alguns traços lingüísticos são adicionalmente adquiridos ou recolocados várias vezes na vida de um falante. Mufwene (2002: 18) destaca o contato de idioletos como elemento desencadeador da mudança pelo fato de uma língua poder ser reestruturada “...em determinada parte através de diferenças estruturais entre um e outros sistemas com que entrou em contato. Isto é óbvio ao nível interidioletal.” E assume o contato “como um fator ecológico que está em todos lugares em nossas interações cotidianas. Ele cria a mão invisível que executa mudança.”

O funcionalista Passy (1980 *citado por* Boersma, 1997: 01), no estudo da variação e mudança, argumenta que os “sistemas de som nunca páram de mudar, nem mesmo se apenas fatores internos estiverem presentes, porque sempre existirá um sistema melhor”. Nesse sentido, um dispositivo lingüístico é “considerado melhor se ele comunicar mais informação, e pior, se não”, o que Labov (1994: 548) critica veementemente. Daí, então, o funcionalista explica que as metas dos falantes “não são melhorar a língua, mas fazerem-se entendidos o mais rápido, claro e facilmente possível.”

## 2.2. Línguas Crioulas e Pidgins

Há muito para ser discutido diante das definições pacíficas de pidgins e crioulos comuns nos livros de introdução à crioulística. Esta seção abordará este aspecto. Na primeira parte, expõe-se a formação e evolução de línguas crioulas e pidgins (2.2.1.) e muitas das discussões a elas relacionadas. Depois, discorre-se acerca das hipóteses da origem de línguas crioulas e pidgins (2.2.3): superstratista, substratista, língua mista, universalista, mono e poligênese e criativista. E, ao final, comenta-se a descrioulização (2.2.3.): *continuum* pós-crioulo e sistemas coexistentes.

### 2.2.1. Formação e Evolução

A formação e evolução de línguas crioulas e pidgins congregam temáticas que acirram o debate na área da Crioulística, como o ciclo de vida pidgin-crioulo, processo gradual *versus* processo abrupto, língua crioula *versus* língua não-crioula e processo social *versus* estrutural. Esses temas reúnem opiniões convergentes e divergentes ao seu redor, como se verá em seguida.

**Ciclo de vida pidgin-crioulo** — Em geral, pidgin é descrito como uma língua reduzida, resultante do extenso contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis. Na situação em que surge, um dos grupos é socioeconomicamente mais forte, o superstrato. Os falantes das línguas dominadas, o substrato, incorporam palavras da língua do superstrato, não obstante poder exercer alguma influência sobre o significado, a forma e o uso dessas formas. A gramática do pidgin é drasticamente reduzida em relação às gramáticas do superstrato e do substrato: pequeno número de fonemas, preferência pela estrutura silábica CV em vocábulos dissilábicos, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, funções sintáticas indicadas pela ordem SVO e léxico reduzido.

O crioulo é descrito geralmente como uma língua advinda de um jargão ou pidgin: enquanto o pidgin continua a ser língua de contato ou comércio, o crioulo passa a língua nativa da comunidade. Normalmente, os crioulos surgem em ilhas ou regiões isoladas, critério da insularidade, como resultado da escravidão. A comunidade quase sempre é exógena, critério da exogeneidade, formada por povos que vêm de outros lugares para o local onde o crioulo é formado. Estruturalmente, a gramática do crioulo apresenta léxico menos numeroso e número de fonemas menor que o do superstrato e do substrato. A morfologia derivacional e flexional é quase ausente. A ordem das funções sintáticas é a SVO. A estrutura silábica canônica é CV, também em vocábulos dissilábicos.

Bickerton (1981) elenca os traços mais freqüentemente encontrados nos crioulos: a) palavras interrogativas são bimorfêmicas, geralmente, incluindo-se as formas com início em {ku-} do Português. No guineense: *kal dia ki bu bin?*, traduzido por “quando você chegou?”; b) existência e posse, na maioria dos crioulos, como no haitiano, no guineense, no papiamentu etc, são indicados por meio de verbo único: no guineense, *N tene dus mangu* para “Eu tenho duas mangas”; c) a ordem sentencial na maioria dos crioulos é SVO. Entretanto, há regras de movimento intencionais, geralmente à esquerda, para enfatizar algum elemento, como no Havaiano *Jan bin sii wan uman* para “João tinha visto uma mulher”; d) nas orações relativas, a estratégia comum é a cópia do sujeito, como na frase do Guineense *wan a dem a di man bin get di bam* para “Um deles era o homem QUE tinha a bomba”.

Alleyne (1971: 168) cita definições bloomfieldianas (1933) para crioulo, como “um pidgin que se tem nativizado” ou “um pidgin ou crioulo é uma forma reduzida ou simplificada de outra língua [européia]”, mas as descarta totalmente para pesquisas atuais. Para ele, pidgin e crioulo são conceitos dispensáveis, pois o processo de pidginização/crioulização resulta de aproximações sucessivas dos falantes de substrato à língua dominante, ou seja, resultam de uma desaculturação. Chaudenson (1977), por sua vez, considera o mesmo processo de uma outra perspectiva: aculturação rumo à língua dominante. Entrementes, ambos descartam o estágio intermediário entre pidgin e crioulo, por entenderem que a pidginização/crioulização é um processo contínuo que só termina com a perda da língua africana ou com a adoção da língua dominante, respectivamente (Cf. Couto, 1996: 184).

Mülhåusler (1986: 03-04) vê três estágios no ciclo pidgin-crioulo: (i) o jargão inicial se transforma diretamente em crioulo, como no Havaiano; (ii) o jargão inicial pode-se estabilizar antes do processo de crioulização, como no crioulo inglês de Torres Straits; (iii) pode acontecer estabilização do jargão inicial e ele expandir-se ainda como pidgin antes de se crioulizar, como no tok pisin da Nova Guiné. Todd (1992: 50-59) prevê quatro etapas neste ciclo evolutivo: (i) contato marginal de comerciantes e aventureiros com os nativos, na África, Ásia, América ou Austrália, usando inglês simplificado; (ii) nativização do pidgin, expandido entre nativos de línguas mutuamente ininteligíveis; (iii) influência da língua dominante, quando o pidgin passou a ser língua materna; (iv) o *continuum* pós-crioulo, emergência de variedades intermediárias entre o crioulo e a língua-base.

Todd (1992: 64-65) supõe que tais etapas possam ter coocorrido, sendo “provável que a fase 2 sobreponha-se à fase 1 e que, na mesma área, possam ter existido fases 1, 2 e 3 co-existentes aproximadamente no mesmo período... não há nenhuma fase em que se possa dizer: 'pidgins páram

aqui e Crioulos começam””. Bickerton (1975: 173) defende que o futuro falante de pidgin está na posição do aprendiz adulto que possui uma gramática estabelecida e é confrontado com outra bastante diferente da sua. A diferença é que o futuro falante de pidgin freqüentemente é multilíngüe, vindo de uma área onde são faladas várias línguas diferentes”.

Mufwene (2001: 07) contesta a idéia de crioulos como pidgins nativizados. Ele acredita que a história colonial vinculou pidgin com escravidão, acidentalmente, pois, na costa ocidental da África, eram comercializados marfim e ouro além de escravos. Com relação à semelhança na origem de crioulos e coínês, no período colonial, o autor explica em três diagramas: nas fileiras superiores (1), o contato das variedades metropolitanas dos colonos europeus; nas medianas (2), a “piscina de traços”; nas fileiras finais (3), as variedades que diferiam das variedades metropolitanas.

Nas palavras do autor (Mufwene, 2001: 04-05), o ponto da mistura pode ser assim descrito:

“as fileiras medianas representam a ‘arena’, onde os traços associados com as mesmas ou semelhantes funções gramaticais vieram a competir entre si. Também é o lugar de ‘misturar herança’, aqueles traços que são semelhantes, mas não necessariamente idênticos, vieram reforçar um ao outro.... as novas variedades reestruturaram não só combinações particulares de traços..., mas também o modo pelo qual os traços foram... ajustados aos novos sistemas.”

De acordo com a versão de Siegel (1997: 132), nos contatos iniciais da formação de pidgins e crioulos, houve mistura de variantes do superstrato e do substrato. Do superstrato, vieram vários dialetos regionais e sociais, versões de fala de estrangeiro, segundas variedades de língua de falantes estrangeiros, pidgins existentes com a mesma língua do lexificador, crioulos com a mesma língua do lexificador, segundas versões de língua pidgins estáveis ou crioulos existentes. Do substrato, vieram segundas versões de língua de vários modelos de superstrato com alguma transferência de primeiras línguas, línguas francas indígenas, versões de conversa de estrangeiro dessas línguas, formas ouvidas previamente pidginizadas do superstrato, pidgins estáveis existentes, crioulos existentes, segundas versões de língua pidgins estáveis ou crioulos existentes.

O nivelamento dessas variedades inicia-se quando as várias versões do superstrato transformam-se em meio de comunicação principal entre falantes de substrato diferente, e estes formam uma comunidade. Nesse ambiente, formas mais comuns têm mais chance de sobrevivência. O nascimento de crianças acelera o nivelamento. Embora, primeiro, elas aprendam a primeira língua de seus pais, a interação com outras crianças e seu *input* pode incluir uns ou outros traços de algumas das fontes listadas acima. Assim, emerge uma variedade nova, conforme Siegel (1997: 132-133):

“...nivelamento por adultos, aquisição de mistura de traços por criança e nivelamento subsequente por essas crianças. A língua emergente só pode ser usada como auxiliar ou segunda língua para comunicação do intergrupo, que ainda está debaixo da influência de línguas de substrato (pidgin estável) ou pode ser adotado como língua primária da comunidade, deslocando as línguas de substrato eventualmente (Crioulo)”

Siegel (1997:139) destaca, ainda, fatores lingüísticos e sociolingüísticos que promovem a seleção de alguns traços lingüísticos em detrimento de outros. Esses fatores são freqüência, maior taxa de ocorrência, regularidade, falta de exceções, saliência, facilidade de percepção, transparência, correspondência biunívoca entre forma e significado; economia, redundância mínima, não-marca, naturalidade. Siegel (1997:142) chega à conclusão de que, no desenvolvimento de pidgins e crioulos. no âmbito de fatores sociolingüísticos, “alguns ou todos estes fatores lingüísticos podem ser pertinentes em duas fases diferentes: primeiro, determinando que traços chegam à piscina designada (mistura) e, segundo, determinando quais traços são retidos e os que não o são (nivelamento)”.

**Processo Gradual ou Abrupto** — Relativamente ao processo temporal envolvido no ciclo evolutivo pidgin-crioulo, Bickerton (1988: 268) diz haver um modo gradual e outro catastrófico no surgimento de novas línguas. No gradual, há “divergência progressiva de dialetos relacionados, processo que na maioria das vezes se dá quando duas comunidades de falantes se isolam uma da outra”, como no caso do latim pós-queda do Império Romano”. No catastrófico, “novas línguas são criadas...no espaço de, no máximo, uma ou duas gerações”, como no caso dos crioulos. Bickerton (1981: 01) reporta que “antes de 1530 não existia o São-Tomense; antes de 1650, não havia o Sranan; antes de 1690, não existia o Haitiano; antes de 1880, não havia o Havaiano. No entanto, duas ou três décadas após... tais línguas já existiam” .

Sobre criouliização, Thomason (1997: 274) fala que “mudança induzida por contato não rompe linhas genéticas de evolução, a língua mudada pode ser reconhecida como produto de transmissão de uma única língua: um único conjunto léxico, fonológico, morfossintático, e estruturas semânticas de geração a geração, com incrementos relativamente pequenos em cada fase”. Mas, em alguns casos, mudança induzida por contato é rompente, em outros termos, não é linear, seqüencial. Por exemplo, crioulos que se desenvolveram “sem passar por um estágio pidgin completamente cristalizado”, até certo ponto, podem ser tratados como produtos de aprendizagem extremamente imperfeita de uma língua-alvo em um processo de troca de língua:

“Tais línguas não são... geneticamente relacionadas a quaisquer das línguas de suas origens; sua origem é não-genética. Em situações de troca de língua, estes casos extremos são aqueles nos quais a disponibilidade da TL [Target Language (língua-alvo)] era tão limitada que os falantes inconstantes adquiriram só o vocabulário da TL prosperamente, mas pouco ou nada de sua gramática... Crioulo Mauriciano, das Ilhas Seicheles, e alguns dos Crioulos caribenhos entram nesta categoria provavelmente. Nós chamamos este processo de “Crioulização abrupta...” (Thomason e Kaufman, 1991: 47-48).

Mufwene (2002: 09) critica a crioulização defendida por Bickerton (1984) e por Thomason e Kaufman (1988) como processo abrupto, pois, segundo ele, os vernáculos crioulos surgidos nas ilhas do Atlântico e Índico e colônias litorais passaram por basilectalização gradual. O caso do Gullah, crioulo do litoral da Carolina do Sul e da Geórgia nos EUA, desenvolvido no mesmo período de tempo que outros vernáculos do inglês americano, sugere que o processo é gradual. Mufwene (2002: 196) credita a evolução diferenciada entre essas línguas às “pressões que adultos de fundos etnolingüísticos diversos, com capacidades cognitivas desenvolvidas, sofreram para aprender componentes lingüísticos diferentes em um tempo mais curto do que leva uma criança para adquirí-los nativamente”.

Holm (1984: 133) comenta que Van Name (1869) compreendeu pidginização/crioulização como mudança de língua acelerada — “as mudanças processadas não são essencialmente diferentes em tipo, e dificilmente maiores em extensão do que essas, por exemplo, que separam o francês do latim, mas elas foram mais rápidas na maior violência das forças no trabalho... aqui duas ou três gerações bastaram para uma transformação completa.” Na atualidade, Lefebvre e Lumsden (1994: 48) também vêem mudança drástica e abrupta na gênese crioula, e defendem que as mesmas “são criadas em uma ou duas gerações de falantes e apresentam-se como língua claramente distintas das suas línguas fontes”, o que difere de “alteração de língua gradualmente durante séculos”.

**Línguas Crioulas versus Língua Não-Crioulas** — Calvet (2002: 55) considera crioulo uma língua “cuja única característica específica está em seu modo particular de emergência.” Alleyne (1971: 174) reitera que a situação dos crioulos assemelha-se a “nada além da situação de contato clássica (o latim com o céltico, o ibérico ou o Itálico) com diferenças no grau de integração social, na qualidade da situação de aprendizagem e, especialmente diferenças causadas pelos modos diversos nos quais europeus e africanos lidaram com a situação desenvolvida”.

Thomason e Kaufman (1997: 80) afirmam que, do ponto de vista sincrônico, um crioulo não difere de qualquer outra língua nativa e que, se “faltasse toda a informação social e histórica sobre um crioulo prototípico, inclusive informação sobre todas as línguas de *input*, crioulos seriam indistinguíveis de línguas com histórias de transmissão irrompível que se alongam milhares de anos”. Quanto à

posição de alguns autores de que os crioulos passaram por “processo histórico diferente de transmissão normal” ou “transmissões completas e prósperas, por falantes nativos, para crianças ou aprendizes adultos, de uma língua completa”, Mufwene (2002: 75) critica que esses autores não vêem língua como “um construto comunitário que não possui falante nativo ou completamente fluente”.

Mufwene (2002: 20-21) completa que os crioulos desenvolveram-se pelos mesmos processos de reestruturação das evoluções das línguas não-crioulas, especialmente no Novo Mundo:

“Em ambos os casos, um língua européia foi apropriada como vernáculo (em parte) por grupos que falavam línguas diferentes e devem ter influenciado sua reestruturação. As diferenças entre as evoluções que produziram o Crioulo e o vernáculo não-crioulo mostram-se especialmente no sentido ecológico: muito do resultado foi determinado por traços estruturais específicos de variedades européias aos quais os falantes não-nativos foram expostos, por meio de padrões de interação sob os quais o nativo mudou seus próprios vernáculos para línguas européias, pelos traços estruturais de línguas não-européias e assim por diante” .

Para Mufwene (2002: 192), “vernáculos crioulos não são resultados de desenvolvimentos anormais, incomuns, ou antinaturais em evolução de língua”. Ao contrário, os mesmos “apresentam processos de reestruturação evidente que devem ter acontecido na evolução de outras línguas”. Ele assegura que esse fato garante aos crioulos serem tratados como dialetos de seus lexificadores, “pelo menos até onde os falantes nativos também pensam assim” (Mufwene, 1991: 76-81).

Em contraponto, McWhorter (1998: 800), defensor do processo abrupto, alega que “somos forçados a não só concluir que muitos crioulos não se prestam a tratamento como variedades de seus lexificadores simplesmente, mas também que há o fato de não se saber se a exposição dos seus criadores europeus foi breve ou prolongada”. McWhorter (1998: 812-813) pontua que o “status de crioulos como resultado de uma ruptura na transmissão de um lexificador tem sido defendido por pensadores como Hymes (1971a), Kay e Sankoff (1974), Bickerton (1977), Mülhäsler (1980) e Seuren e Wekker (1986)” e critica os superstratistas que têm usualmente desafiado esta suposição:

“...reexaminando a definição de crioulo em vista de outras variedades de contato e empurrando implicações teóricas a extremos, porém, os dados, no final das contas, ditam que mantenhamos a concepção de crioulos como um tipo de língua único, nascido da pidginização e reconstituição subsequente de um lexificador, dentro de um contexto de transferência rica de línguas de substrato.”

Lightfoot (1991: 177-178) adiciona que não há “diferença qualitativa na aquisição das primeiras fases de um crioulo e na aquisição de holandês e do Ijo sob circunstâncias habituais”. Para ele (1991: 174-175; 182), embora a experiência lingüística de uma geração de crianças seja bastante diferente da geração precedente, “nas fases primeiras dos crioulos a experiência desencadeadora e a capacidade madura atingidas mostram como surgem sistemas normais e ricos baseados em *input* “empobrecido”. Essas crianças alcançam capacidade madura virtual e estruturalmente rica como a de crianças com *input* mais extenso e mais uniforme”, o que “simplesmente significa que crianças que recebem *input* lingüístico aparentemente empobrecido não são expostas a muita informação redundante.”

Couto encerra o assunto: “enfim, as comunidades de fala crioula são verdadeiros laboratórios lingüísticos. Não porque elas sejam de natureza diferente das línguas não crioulas, mas porque nelas tudo que ocorre com estas últimas se mostra de modo acirrado, quase em estado puro”.

**Processo Estrutural ou Processo Social** — McWhorter (1998: 809) define “crioulo” como classe tipológica definível sincronicamente, e “crioulos prototípicos” como línguas que reúnem três características sincrônicas, produto da transmissão suspensa de um lexificador: falta de afixos flexionais (1), nenhum uso de tom para contrastar monossílabos ou codificar sintaxe (2), e afixos derivacionais (3) com contribuição semântica transparente. Entre Ndjuka, Havaiano, Tok Pisin, Saramacan, Haitiano, St. Lucian, Mauriciano, Fa D’Ambu e Negerhollands, apenas os dois primeiros preencheram tais requisitos. Por isso, McWhorter (1989: 791-799) adianta que nem todo crioulo exibirá as três características, mas que um ou outro apresentará.

Crítico ferrenho do gradualismo e da definição de língua crioula como um termo sociohistórico, McWhorter (1989: 791-799) finaliza seu discurso com uma declaração, no mínimo, surpreendente: “podemos estar certos de que, depois de um período longo de tempo, com o desenvolvimento de flexão, alta carga funcional, contraste tonal, e/ou irregularidade semântica em derivação..., os crioulos realmente serão indistinguíveis das línguas regulares. Porém, hoje eles são prontamente distinguíveis, porque são as únicas línguas que combinam as três características que nós discutimos”.

Mufwene (1991: 70; 2000: 66-67) pontua que os crioulos não têm nenhum protótipo estrutural, e comenta que a tentativa de McWhorter (1998) em articular três traços estruturais para identificar crioulos falha “por exceções que ele mostra para cada traço dentro dos crioulos prototípicos” e que também é debilitada pela presença desta combinação de traços em algumas línguas não-crioulas que ele cita”. O autor em questão (1991) também é contrário ao crioulo prototípico de Thomason (1997),

citado logo abaixo, dizendo que “o tipo de variação que se obtém entre Crioulos não apóia a reivindicação da autora de que alguns crioulos são mais prototípicos que outros”.

Thomason (1997: 73) acredita que identificar crioulos por meio de características gramaticais é um tanto evasivo, pois “não há característica exclusiva ou universal em línguas consideradas crioulas”. Existem, sim, pidgins e crioulos prototípicos sociohistoricamente. Para Thomason e Kaufman (1997: 76-79), o pidgin prototípico, como o Chinook Jargon, “surge em uma situação de contato em que três ou mais grupos de falantes têm propósitos de comércio ou outros propósitos comunicativos limitados. O vocabulário do grupo dominante social ou economicamente é escolhido como a base léxica do pidgin emergente. Se o pidgin se estabilizar e seu uso permanecer constante, então, “um pidgin completamente cristalizado se desenvolve e permanece em uso”.

O crioulo prototípico compartilha características social e lingüística de pidgins prototípicos. Todavia, um crioulo prototípico é a língua principal de uma comunidade de fala e “têm todos os recursos lingüísticos em léxico e em estrutura que uma língua usual tem... Pitcairnese, Tok Pisin moderno e vários crioulos caribenhos. Todos estes ajustam-se à definição dada”. Thomason (1997: 264-278) argumenta que a causa principal do contato lingüístico é sociohistórica, podendo co-ocorrerem algumas causas estruturais: “fatores lingüísticos... são de importância estritamente secundária na determinação dos resultados lingüísticos atuais de mudança induzida por contato.”

Por desfecho, a reflexão sempre atual de Thomason e Kaufman (1991: 213; 1985: 277):

“é tempo de os lingüistas históricos abandonarem o método tradicional de sua inclinação lógica para só considerarem a possibilidade de causação externa quando todos os esforços para achar uma motivação interna para alguma mudança falharam. Aparte do fato de que uma motivação interna fraca é menos convincente como causa do que uma motivação externa forte, nós deveríamos nos lembrar da possibilidade da múltipla causalidade”

### **2.2.2. Hipóteses sobre a Origem**

As hipóteses mais destacadas sobre a origem de línguas crioulas e pidgins são estas: superstratista, substratista, língua mista, universalista, hipóteses mono e poligenética e hipótese criativista. E no bojo de cada uma delas, encontram-se teorias menores, como se verá a seu tempo. Antes disso, porém, serão revistos alguns aspectos a respeito dos estudiosos que colaboraram para o surgimento da crioulsica, na virada do século XIX para o XX.

Holm (1984: 2-3) destaca que Hugo Schuhardt (1842-1927), discípulo de Scheleicher<sup>7</sup> e da hipótese neogramática de que as línguas nascem, crescem e morrem como organismos naturais, ressaltou o papel de indivíduos no processo social que conduz à mistura de língua. No fim da carreira, Schuhardt envolveu-se numa polémica com Meillet, na qual sustentava firmemente que variedades crioulas e pidgins eram, de fato, línguas misturadas de algum tipo. Lucien Adan (1883) citado por Couto (1996: 126) articulou, posteriormente, a proposta teórica de que os crioulos seriam realmente línguas mistas, constituídas por “gramática indígena e vocabulário europeu”.

Dirk Hesseling (1897,1934 *citado por* Tarallo,1987: 112-113), defendia que “os escravos, no processo de aquisição da língua europeia, teriam partido das formas mais freqüentes, mais ouvidas, cristalizando-as em seu discurso”. Os europeus, posteriormente, teriam incorporado o resultado dessa ação inicial africana. Addison Van Name (*citado por* Holm, 1984: 133), considerou crioulos produtos de inovação e reestruturação, apontando como causas “[1] a idade madura dos escravos que foram trazidos da África,”no tempo da vida quando os seus órgãos vocais não eram mais flexíveis... quando o esforço intelectual necessário para o domínio de uma nova língua está... fora de questão.... [2] secundariamente, o fato de que eles constituíram o grande corpo do população.”

Adolfo Coelho (1967: 107-108), considerado o fundador dos Estudos Crioulos, adotava posição teórica muito semelhante ao que viria a ser chamado de teoria universalista, como se deduz nesta passagem: “os dialectos crioulos e formações semelhantes não revelam influência alguma directa, salvo no vocabulário, das línguas anteriores dos povos que os falam, mas que se deve ver neles apenas o resultado da acção de leis gerais a que obedece por toda parte o espírito humano”.

Isso posto, nos próximos parágrafos, procura-se descrever em seus pontos mais importantes as hipóteses supracitadas relativas à origem das línguas crioulas e pidgins:

**Hipótese Superstratista** — Explica a origem dos crioulos por intermédio da língua lexificadora, o superstrato. As línguas de substrato, dos colonizados, são relegadas ao papel de apenas receptoras. Os superstratistas interessam-se em livrar crioulos e pidgins da afiliação africana (Cf. Couto, 1996: 221)<sup>8</sup>. Chaudenson (1977) representa bem esta corrente, além de crioulistas como Bollée (1977: 53), partidária da *Evolutionstheorie*, que supõe os crioulos como continuadores diretos

<sup>7</sup> Para os neogramáticos, toda língua derivava de uma árvore genealógica, e a mudança fonética seguia princípios gerais e cegos. Logo, a evolução lingüística se dava tão-somente por processos internos.

<sup>8</sup> Couto (1966: 145), entretanto, faz esta ressalva: “é claro que os lingüistas que a defendem [Hipótese Superstratista] ainda hoje fazem-no com uma finalidade generosa, ou seja, de ‘elevar’ os crioulos ao nível das línguas europeias, de tirá-los do nível das línguas ‘selvagens”.

das línguas européias. Mufwene (2002: 21) posiciona-se expressivamente: “Nós, os lingüistas, temos que nos perguntar se, discutindo sem demonstração convincente que os Crioulos desenvolveram pelos próprios processos, não contribuimos para desvalorizar estes vernáculo novos”.

Teoria do Baby Talk – Esta teoria busca descrever crioulos com base na linguagem infantil. Todd (1992: 27-29) narra que, em 1876, viajantes escreveram que os falantes do pidgin inglês da costa da China e crianças usavam poucas palavras funcionais e muitas de conteúdo; era raro ou quase ausente mudança morfológica, entre outras coisas. Assim, autores como Bloomfield (1933) sugeriram o termo *Baby Talk* (BT) para explicar a origem de pidgins e crioulo. Ferguson (1971) acrescentou o termo *Foreigner Talk* (FT) ao cenário, que lhe pareceu mais sensato do que a idéia simplista do BT, e considerou ambos no contexto da simplificação lingüística, “uma das características marcantes de pidgins e crioulos relativamente à língua lexificadora.”

Teoria do Jargão Náutico – Em 1938, John Reinecke<sup>9</sup> notou a possível influência de uma língua náutica no origem de pidgins e Crioulos, nas tripulações formadas por homens de línguas e dialetos diversos. Esse ambiente teria provido o núcleo para um pidgin, que se teria ampliado conforme a língua materna dos aprendizes. Núcleos náuticos comparáveis justificam semelhanças e influências de línguas maternas diferentes, e explicam dessemelhanças entre pidgins e Crioulos Ingleses. Romaine (1988: 84) postula a existência de um jargão náutico passado aos africanos, asiáticos e outros. Jean-Louis Rougé (1988: 09 *citado por* Couto (1996: 1940) destaca como exemplos termos náuticos no Guineense, como *mbarka* = entrar em veículo (< embarcar), *grumeti* = cristão, entre outros. Mesmo Mühlhäusler (1986: 98), que refuta teorias baseadas em conjeturas, admite a provável influência do “inglês de navio” na formação dos crioulos ingleses do Atlântico no estudo comparativo de Hancock entre crioulos atlânticos com o jargão náutico do século XVII.

Estudos Modernos – Nos estudos superstratistas modernos, inclui-se Chaudenson (1977: 264-265) que defende dois tipos de crioulos: endógenos e exógenos. Os crioulos endógenos resultaram do contato entre “uma população indígena, servil ou não, e um grupo europeu cuja atividade era comercial em lugar de agrícola.” A língua vernácula da população nativa era usada na vizinhança imediata, como no caso dos lançados (v. 1.1.1). Em contato com os povos nativos, esse crioulo é mais propenso à descrioulização e/ou repidginização. Os crioulos exógenos surgem em ilhas ou áreas geográficas não-

<sup>9</sup> John Reinecke é considerado pai dos estudos crioulos modernos. Ele estabeleceu as fundações sociológicas do campo, assegurando que ele seria parte do que veio a se tornar sociolingüística. Foi ele quem cunhou os termos ‘crioulos endógenos e exógenos’ usados por Chaudenson e Alleyne, posteriormente (Holm, 1984: 37-38).

originárias dos grupos em contato, como nas sociedades de plantação (café, cana-de-açúcar etc.). Há diversidade étnica e lingüística entre os escravos, “freqüentemente separada de membros do seu grupo africano.... e integrado numa estrutura socioeconômica nova que provoca sua desaculturação”.

Chaudenson (1977: 266) acentua que a desaculturação ou aculturação do africano não foi fenômeno fortuito, mas “uma política combinada e sistemática que constituía um dos pilares principais das colônias dos séculos XVII e XVIII”. Nessa política, escravos mais jovens e mais adaptáveis eram preferidos<sup>10</sup>. E, como não havia superestrutura sócio-cultural nas colônias, os europeus residentes “freqüentemente de classe mais baixa e falando formas subpadrão ou dialetais de sua língua nativa, foram separados das pressões normativas e restrições exercitadas pelo sistema educacional e a influência direta dos modelos lingüísticos da classe alta”. Em suma, de todos os ângulos e sentidos, a plantação constituía um tipo de isolamento social, moral e econômico “que se prestou para a desaculturação/aculturação do africano perfeitamente”

Mufwene (2002: 11) defende a evolução gradual nos crioulos a partir da língua lexificadora, “sem suggestionar progresso de qualquer tipo de um estado menos satisfatório para um mais satisfatório, nem necessariamente de um mais simples a um sistema mais complexo ou vice e versa”. Ele (2002: 03-04) diz que, nas sociedades de habitação dos primeiros tempos, como os brancos estavam em número maior (o que chamou de Princípio Fundador), em vez de selecionar um único dialeto como a sua língua franca, os falantes de superstrato “desenvolveram um dialeto colonial novo que incluiu seus traços comuns, mas só aqueles que os distinguiram um de outro.” Essa coínê teria servido de base para se amalgamar com a fala dos africanos.

No Brasil, Naro e Scherre (1993, 2001) também filiam a formação do Português Brasileiro (PB) à matriz européia. Eles apontam o “multilinguismo generalizado entre falantes adultos que, no início do contato, não partilhavam língua comum, o contexto de colonização, as relações lingüísticas e sociais assimétricas” como condições ideais ao surgimento de línguas crioulas: os europeus eram oriundos de todas as regiões portuguesas e pertenciam a classes sociais diferentes, o que garantiu “diversidade geográfica e social natural” aos dados iniciais do PB. E concluem que:

---

<sup>10</sup> “Crianças de dez a quinze anos fazem os melhores cativos para enviar a América. O português só os leva àquela idade;... a pessoa os treina para adotar só hábitos e comportamento que são satisfatórios aos seus mestres; eles aprendem a língua do país e seus costumes, e Religião, mais prontamente; eles esquecem do seu país nativo...; eles aprendem a gostar dos seus mestres e são menos propensos a escapar” (Labat, 1731: 106-107 citado por Chaudenson, 1977: 266).

“o português moderno brasileiro é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal... exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes” (Naro e Scherre, 2001: 47).

**Hipótese Substratista** — A hipótese substratista prevê que as especificidades dos crioulos decorrem do influxo das línguas de substrato nas línguas do superstrato. Taylor (1956: 413) defendeu que o que parece simplificação grosseira do padrão gramatical europeu “pode ser a preservação de algo comum a várias línguas oeste-africanas”. Alleyne (1971: 170) filiou geneticamente o Jamaicano e quase todos os crioulos caribenhos às línguas oeste-africanas. Para esse autor, a situação de contato de cultura nos estabelecimentos de comunidades européias geraram processos de desaculturação e aculturação dos africanos. A criouliização é considerada, então, como o resultado da desaculturação/aculturação do africano em direção ao europeu.

Alleyne (1971: 174-175) acredita que a uniformidade cultural básica de África Ocidental pode “responder por semelhanças achadas em culturas de Mundo Novo, que foram criadas pela importação de escravos de África Ocidental”. As semelhanças em folclore, religião, música, língua são tantas que podem ser explicadas “pela homogeneidade básica relativa da área cultural de África Ocidental” (Cf. Alleyne, 1971: 179). No processo aculturativo, africanos que contataram primeiro com europeus foram portadores da cultura em desenvolvimento, e alcançaram “precisão na reprodução dos padrões estruturais da língua européia”. Os que vieram depois, com menor acesso, sofreram interferência das línguas nativas na “reprodução de padrões ingleses ou franceses”.

Em conclusão, Alleyne (1971: 182) conjectura:

“O argumento é que tentando falar inglês ou francês, africanos na África, como também no Mundo Novo, interpretaram padrões estruturais ingleses ou franceses em termos dos padrões nativos. Fatores socioculturais determinaram o grau de interferência em todos os lugares, de um território para outro e também em território único. Isto resultou em variação lingüística e instabilidade, que são características de qualquer processo aculturativo dinâmico”.

Siegel, (1997: 137) considera que, quando as condições sociais se mostram adequadas para o aparecimento de um crioulo, traços de substrato que se tornaram parte de um pidgin estável juntam-se à “piscina de traços” na comunidade de europeus e africanos. Ele defende dois tipos de influência de substrato na língua em formação na comunidade: transferência nas fases iniciais e reforço posterior.

**Língua Mista** — Trata-se da hipótese que credita a origem de crioulos e pidgins ao encontro de duas ou mais línguas, resultando em uma língua mista, híbrida. Para Schuhardt (1977) *citado por* Thomason e Kaufman (1988), “toda língua apresenta algum grau de mistura”. Convicto disso, liderou a oposição contra a escola neogramática de pureza da língua, e associou a expressão “língua mista” a pidgins e crioulos. Ele afirmou que toda língua descendia de suas antecessoras, mas que alguns crioulos mudaram por completo de filiação, como do português ao holandês, “ao passo que outros são tão mesclados que desafiam qualquer classificação” (Schuhardt, 1977: 151-152).

Couto (1996: 15) ressalta que Taylor, Adam e Sylvain são considerados “clássicos” da mescla lingüística. Por outro lado, Thomason e Kaufman (1988: 152-153) entendem pidginização/crioulização como um aspecto do fenômeno mais amplo do contato de línguas. Whinnom (1971: 111-112) também perfilha a idéia de língua mista, e afirma que “seria sábio não perder de vista o fato que há dialetos que se originam por um processo simples de hibridização primária, e há dialetos, como o crioulo jamaicano, que surgem de uma sucessão mais complexa de hibridização secundária, hibridização terciária (pidginização), creolização, e descreolização (processo de hibridização primária)”

Tarallo e Alkmin (1987: 09-14) argumentam a favor da mescla lingüística, estabelecendo uma distinção entre mescla intracomunidade e mescla inter-comunidades. A mescla do primeiro tipo, intracomunidade, se relaciona a variantes que convivem em uma comunidade de fala, onde só uma língua é falada. A mescla do segundo tipo, inter-comunidades, refere-se a línguas distintas que coexistem e se misturam numa mesma comunidade. É nessa última tipologia de mescla lingüística que se inscreve(m) o(s) processo(s) de pidginização/crioulização.

Para Lang (1999: 51), a crioulização tem início quando os falantes do substrato procuram “moldar as substâncias fônicas e semânticas do *foreigner talk* que eles ouvem às formas e estruturas da sua própria língua. Eles vertem a substância da língua desconhecida para novos moldes, ou seja, adaptam-na às formas das suas próprias línguas”. Daí, o autor especifica que “a crioulização pressupõe então uma 'mistura' ou ligação de línguas e esta ligação é fundamental para a crioulização. Assim, a qualificação de uma língua como crioula tem tanto mais cabimento quanto mais vestígios ela conserva deste primeiro processo, inevitável na aquisição não dirigida de uma segunda língua”.

Lang (1999: 51) contextualiza, explica o tema e completa seu pensamento no excerto abaixo:

“no passado, as teorias da 'mistura' foram prejudicadas sobretudo pelo facto de os seus defensores não terem conseguido exprimir de forma precisa as suas intuições, que em minha opinião estavam no fundo

correctas. Digo isto porque simplesmente não é verdade que o léxico de um qualquer crioulo 'europeu' seja europeu e que a sua gramática seja, p. ex., africana, como ainda nos poderia levar a acreditar o termo corrente de *lexifier language* [língua lexificadora], aplicado à chamada língua base. E tão-pouco é verdade que as expressões sejam europeias e que os seus conteúdos sejam africanos. Forma e substância existem tanto no léxico como na gramática, e tanto nas expressões como nos conteúdos de uma língua. Nos primeiros tempos, os crioulizadores só podiam recorrer à substância fónica e semântica da *foreigner talk* dos estrangeiros, ou seja, ao som e ao presumível sentido global do discurso europeu. E as formas às quais eles tentavam moldar estas substâncias eram forçosamente aquelas que eles conheciam das suas próprias línguas.”

**Hipótese Universalista** — Retrata-se como a busca por uma explicação cognitiva para o surgimento de pidgin e crioulos. Seu maior expoente é Bickerton (1984: 173-176) com a Hipótese do Bioprograma Genético (LHB). Para ele, os crioulos são inventados por crianças e somente crioulos que surgiram “muito cedo” interessam por atestarem “semelhanças fundamentais que derivam de um programa biológico de língua”. Ele assume que o crioulo Havaiano derivou do pidgin existente, numa só geração e que “as regras inovadoras desenvolvidas pelos filhos de imigrantes no Havaí seguem tendência característica de todas as situações em que a transmissão normal da língua de geração a geração é abruptamente interrompida”

Traçando as linhas históricas, Bickerton (1984:168-169) acredita que a superioridade numérica dos europeus, nas sociedades de plantação, foi insuficiente para o domínio razoável do superstrato pelos escravos, falantes de substrato. Os primeiros escravos ladinos passaram a forma pidginizada como modelo para os boçais recém-chegados. Foi essa variedade pidginizada da língua dos senhores que os primeiros filhos de escravos adquiriram como língua materna. Entretanto, diante da precariedade do modelo para as crianças, a faculdade de linguagem, dom biológico da espécie humana, precisou atuar intensamente naquelas circunstâncias.

Em favor do Bioprograma Lingüístico, Bickerton (1984: 182) indica semelhança estrutural entre crioulos de origens diversas, e pontua que as divergências devem-se à influência ulterior do superstrato. Bickerton rejeita qualquer explicação como a influência do substrato ou da monogênese na formação dos crioulos. Por exemplo, segundo ele, a reivindicação de Alleyne (1971) de que o tempo-aspecto crioulo deriva um sistema africano Ocidental generalizado não pode ser sustentado, pois há nada “em comum entre o sistema de verbo de Hausa que alinha seis jogos paradigmáticos que correspondam a cinco aspectos de Fula que combina três vozes e três aspectos que incluem vários tempos e o sistema dos línguas de Bantu...” (Bickerton: 1984: 184).

A hipótese do pidgin Afro-português desenvolvido nos séculos XV e XVI na África Ocidental e espalhado ao redor do mundo, para Bickerton (1977: 50-51), é indefensável. Isso porque se ajustaria ao estereótipo colonial de um “homem branco cem por cento ativo” e um “nativo cem por cento passivo”, ignorando-se que “comerciantes e marinheiros tivessem coisas melhores para fazer que ficar propagando uma língua... que uma porcentagem alta dos nativos era... multilíngües com estratégias ... para adquirir segundas, terceiras línguas, e não iriam localizar-se passivamente ao redor dos europeus... e aprendizagem de primeira ou segunda língua é um processo criativo e não imitativo.”

Bickerton (1977: 49-64) declarou que pidginização é segunda-língua que se aprende com *input* restringido, e crioulização é primeira-língua que se aprende com *input* restringido e que universais de língua aparecem apenas na crioulização. Como o pidgin é um modelo empobrecido, a criança tenderá a expandi-lo, interiorizando regras lingüísticas para as quais não havia dados primários. Tais regras devem ser derivadas diretamente da faculdade de linguagem com instruções analógicas do tipo: “se seu *input* não tiver marcador de aspecto não-puntual, empregue um preverbal...”.

Na concepção de Bickerton (1989: 66), línguas crioulas não foram adquiridas por métodos indutivos: “crianças as inventaram, e não poderiam tê-las aprendido de suas mães porque essas não as sabiam. Esse é o caso onde, se qualquer aprendizagem acontece, é feita pelas mães aprendendo de suas crianças. As crianças são capazes de tomar um vocabulário degenerado... do pidgin..., e transformá-lo em uma língua nativa completamente viável.” Nas palavras de Bickerton (1986: 66-67), essa ação das crianças sugere que o modelo da aprendizagem lexical conta melhor para os fatos crioulos que o modelo dos princípios e parâmetros. É o que se lê abaixo:

“Uma criança é supostamente capaz de fixar a colocação de princípios parametrizados na base do *input*. Mas, o pidgin empobrecido que serviu como *input* para a primeira geração crioula poderia, em muitos casos, não ter dado informações nas quais as colocações poderiam ser baseadas, porque ao próprio pidgin faltava um tipo de gramática coerente. ...Se as crianças tivessem tido que esperar no *input* para fixar parâmetros, nunca poderiam tê-los fixado. Por outro lado, o modelo da aprendizagem lexical parece fazer as predições corretas. Nesse modelo, a sintaxe é produzida pela interação entre léxico e princípios. Se os léxicos envolvidos na crioulização eram todos empobrecidos em modos similares, então se poderia prever que as sintaxes das línguas crioulas seriam muito similares – que é o que encontramos...” .

Diferindo de Bickerton (1984), Thomason e Kaufman (1991: 162) salientam que tendências estruturais universais baseadas em não-marca ou no bioprograma “são importantes onde as estruturas das línguas de substrato não coincidem substancialmente. Onde as estruturas de língua de substrato

coincidem tipologicamente, os falantes 'inconstantes' tenderão a retê-los, a menos que a pressão de uma TL [língua-alvo] prontamente disponível empurre em outra direção...". Para eles, contrariamente ao pensamento bickertoniano, a criança depende da produção lingüística dos seus pais para uma extensão crucial da aprendizagem.

**Hipótese Monogenética e Hipótese Poligenética** — Muitos estudiosos consideram a possibilidade de os crioulos provirem de uma única fonte. Outros sugerem que toda hipótese que não é monogenética é poligenética por implicar mais de uma fonte. Quanto à monogênese, Todd (1992: 32) adianta que quando os portugueses velejaram ao longo da costa ocidental da África, no século XV, poderiam ter usado a língua de contato mediterrâneo, o Sabir (v. 1.2.4.). E elenca referências à língua franca e ao chamado português bastardo na região: "Bardot (1746: 11) aconselha viajantes que vão da Guiné a ilhas americanas: ...é preciso aprender línguas, como o holandês, inglês, francês, Baixo Alemão, português e Língua }Franca"; "ao Leste, Jespersen (1922: 222) destaca a descrição do século XVIII sobre um chinês que falou um 'dialeto quebrado e misturado de inglês e português'".

De acordo com Couto (1996: 45), a hipótese monogenética foi considerada uma das idéias mais conseqüentes e consistentes historicamente na conferência realizada por Le Page em 1959. Whinnom (1956: 512) é o seu precursor no estudo sobre o crioulo português da ilha Ternate. Na oportunidade, ele havia declarado que "o vernáculo ternatenho levado para as Filipinas em 1658 não era o resultado do contato entre espanhol e dialetos malaios, mas do contato entre o espanhol e um pidgin português-malaio". Assim, todas as variedades do crioulo espanhol das Filipinas seriam continuação do pidgin-crioulo português em uso nas ilhas Molucas, formado na costa ocidental africana em meados do século XV.

Couto (1996: 159-160) comenta que Valkhoff (1966, 1975) endossou essa teoria e propôs que o Guineense, o Caboverdiano e o Principense fossem "relíquias do protocrioulo (ou protopidgin) português", e que Thompson (1961: 107) sugere que alguns traços que ligam "dialetos crioulos ingleses, franceses e outros da área do Caribe, como o papiamentu, também acontecem em vários dialetos crioulos portugueses do Velho Mundo, como nas ilhas de Cabo Verde, na costa da África, do subcontinente indiano, da Malásia e das ilhas indiano-orientais etc."

Porém, Decamp (1971: 20) criticou a falta de provas documentais para embasar cientificamente essa hipótese. E Chaudenson (1977: 259-260) acentuou que:

"...a hipótese monogenética é a mais atraente das hipóteses que não levam em conta todos os fatos

externos disponíveis, e que a versão que assume um pidgin proto-afro-português é menos censurável do que a do substrato africano comum. A existência de pidgins Português-baseado é firmemente estabelecida, e essas línguas são reportadas da costa de África Ocidental como também o de Índia no século XVII. No entanto, em todos os casos, e até mesmo se nos limitarmos à costa ocidental de África, nenhuma prova é oferecida da unidade ou semelhança destes pidgins que autores mencionam sem prover qualquer descrição ou amostra.”

Relexificação — Esse conceito foi sugerido por Stewart (1962) para explicar a origem dos crioulos sem a participação das línguas de substrato, no contexto monogenético. A pressuposição era a de que crioulos de base lexical espanhola, francesa e outros teriam-se originado da relexificação do protocrioulo português. A base gramatical do protocrioulo teria sido mantida, mas o vocabulário de origem portuguesa foi substituído pelo da “língua dos novos senhores”. Ironicamente, Lefebvre e Lumsden (1994: 48-50) utilizam atualmente o termo relexificação para explicar o papel das línguas de substrato na formação dos crioulos. Todavia, o conceito refere-se a “um processo mental que consiste em construir um novo léxico em duas etapas. Num primeiro período, um falante copia uma entrada lexical da sua língua materna; em um segundo, substitui a forma fonológica desta entrada por uma nova forma derivada de uma trama fonética da língua-alvo.” Ele opera de seguinte maneira:

“Os falantes das línguas do substrato têm um acesso muito limitado aos dados da língua de superstrato. Eles atribuem uma representação fonológica derivada das tramas fonéticas identificadas na língua de superstrato.... esses falantes podem criar... um vocabulário que, conservando ao mesmo tempo as propriedades semânticas e sintáticas das línguas do substrato, apresenta as formas fonéticas da língua de superstrato. Ademais, o vocabulário formado a partir da trama fonética de uma única língua constitui , para falantes de línguas de diferentes substratos, um vocabulário comum que permite comunicação entre eles” (Lefebvre e Lumsden, 1994: 48).

A relexificação decorre do grau de acesso à língua-alvo. Nos casos em que o acesso é limitado, a relexificação é o principal, mas não o único processo: ocorrem também reanálise e nívelamento dialetal. Para Lefebvre e Lumsden (1994: 232-233), a “reanálise é um processo mental que estende ou transfere a representação fonológica de uma categoria lexical (substantivo, verbo...) para a uma categoria funcional (determinante, marcador de caso...) em uma mesma língua”. Enquanto relexificação e reanálise são processos mentais, o nívelamento dialetal é um processo social, “e consiste numa negociação entre os falantes de diversas línguas de substrato sobre qual forma adotar. Ele visa reduzir a variação entre os léxicos produzidos pela relexificação de diferentes léxicos substratais. Os traços comuns a um grande número de línguas de substrato serão preferidos.”

Teoria do denominador comum ou Desenvolvimento Paralelo – Essa teoria refere-se ao pensamento de que o processo de pidginização/creolização aconteceu em lugares diferentes a tempos diferentes, mas sob circunstâncias paralelas que produziram resultados semelhantes (Cf. Holm 1984: 51-52). Conforme Hall (1962: 152-155), um pidgin pode surgir “sempre que uma situação de emergência pede comunicação num nível mínimo de compreensão” e, então, ele se torna a língua materna da comunidade, um crioulo. Em outra oportunidade, Hall (1966:193 *citado por* Todd (1992)) afirma que nem toda criouliização ocorre “sob condições de escravidão ou opressão econômica. Ela pode se desenvolver sempre que grupos multilíngües se formam de sua própria vontade”.

Enquanto Mühlhäusler (1986: 118-119) apresenta restrições à teoria em foco, relatando que existem nos crioulos construções que não podem ser atribuídas a nenhuma das línguas de base, “como ocorre com a distinção entre inclusivo e exclusivo na primeira pessoa do plural dos pronomes pessoais em tok pisin”, por sua vez, Todd (1992: 194) contesta essa posição, alegando que “o próprio senso comum admite que sempre que as circunstâncias são favoráveis surge um meio de comunicação interlingüístico que funcione como ponte entre povos aloglotas, ou seja, surge um pidgin.

Linguagem de reconhecimento – Essa teoria está inscrita no contexto monogenético, conforme descrição feita em 1.2.4. Naquela oportunidade, o conteúdo dessa teoria foi explicado detidamente. Nessa parte da tese, achou-se por bem fazer-se apenas um breve resumo da teoria em questão. Linguagem de Reconhecimento é a teoria que foi proposta por Naro (1972) para explicar a formação de pidgin português, nos meandros do século XV, que teria se espalhado às várias regiões de domínio português da época e estaria na fonte de todos os crioulos de base lexical portuguesa.

**Teoria Criativista** — Elaborada por Baker (1992), essa teoria de caráter histórico-evolucionista, postula que, no contato de povos aloglotas, geralmente, ocorre a criação de uma meio de comunicação interétnica (MIC). Essa forma de comunicação dispõe dos recursos circunstanciais, mas não se caracteriza como uma aprendizagem imperfeita da língua de superstrato, como sugerem outras tantas teorias. Ela é apenas o que o próprio nome sugere: Meio de Comunicação Interétnica. Indiretamente, nessa direção e no contexto geral dessa teoria, também parece poder ser inserido o pensamento de Lang (1999: 48) sobre o processo de criouliização, disposto logo abaixo:

“a criouliização ocorre quando falantes de várias outras línguas necessitam dela — por um lado, para comunicar-se com os falantes desta língua e, por outro lado, para comunicação entre eles próprios. Ao

que parece, uma língua crioula nasce quando este segundo objetivo se sobrepõe desde relativamente cedo ao primeiramente mencionado.”

Baker (1992) declara que o crioulo mauriciano, por exemplo, não resultou de tentativas mal-sucedidas dos imigrantes em adquirirem o francês, sua língua lexificadora. Essa língua foi criada por uma comunidade plural que, com os recursos disponíveis e algumas inovações, foi bem-sucedida em resolver seus problemas de comunicação. Mufwene (1991: 71) é contrário à essa posição de Baker, e argumenta que, “ao reivindicar que os escravos estavam mais interessados em desenvolver um MIC do que aprender qualquer coisa que estava no lugar, Baker (1997) fomenta situação mais enganosa do que a reivindicada por Thomason e Kaufman de que crioulos não tiveram um sistema-alvo”.

Enfim, como se pode constatar pelo mostruário que esta seção providencia, existem tanto defesas fervorosas como contestações contundentes das hipóteses sobre a origem dos crioulos. Em algumas ou em parte de todas elas, um pouco de verdade quase que (in)contestável. É por essa razão que, no desfecho da atual seção, corrobora-se a afirmação globalizante de Mühlhäusler (1986) de que “nenhuma explicação baseada em uma única causa ou fator é suficiente. Teorias baseadas em uma única causa ignoram a forte possibilidade de que pode haver uma conspiração de diferentes forças”.

### 2.2.3. — Descrioulização

Nesse item em que se discorre sobre descrioulização, processo comumente reconhecido como mudança de um crioulo rumo ao seu lexificador, apresentam-se as hipóteses do *continuum*<sup>11</sup> pós-crioulo e a dos sistemas coexistentes. Tomando-se por inicial a posição de Tarallo (1987: 106-107), o ciclo geral de vida pidgin-crioulo abrange as seguintes instâncias: contínuo pré-pidgin, pidgin cristalizado, pidgin em processo de despigginização (reabsorção pela língua-fonte), pidgin em processo de criouliização, crioulo cristalizado, crioulo em processo de descrioulização; contínuo pós-crioulo.

Para Thomason e Kaufman (1991: 203), descrioulização é essencialmente um processo de empréstimo. A população de fala crioula muda gradualmente por empréstimo estrutural e lexical para a língua de superstrato. Em suma, a descrioulização envolve convergência para estrutura de língua de vocabulário-base. Eles (Thomason e Kaufman: 1991: 198) advertem que pode acontecer de um crioulo

<sup>11</sup> De acordo com Holm (1984: 55-56), “a noção de *continuum* estava presente entre dialectologistas de línguas românicas e germânicas durante pelo menos um século, embora DeCamp (1961:82) tenha sido o primeiro lingüista a aplicar o termo à gradação de variedades entre crioulo e padrão o inglês no Caribe. Todavia, a noção de variedades crioulas coexistindo a distâncias diferentes do padrão volta para século XVIII: Oldendorp .”

descrioulizado ser identificado “erradamente como geneticamente relacionado com sua língua de vocabulário-base, posto que léxico e gramática emparelharão a maior parte nas duas línguas”.

Alleyne (1971: 182) garante que, quando superstrato e substrato continuam próximos, o crioulo tenderá a ser modificado na direção da língua-modelo e desaparecer com a continuidade do processo de aculturação. Para esse autor e para Chaudenson (1977: 266), em extremidades opostas, descrioulização corresponde às últimas etapas do processo aculturativo. Para Baker (1992 *citado por* Couto, 1996: 19), no crioulo mauriciano, a adoção de itens lexicais franceses no vocabulário “não significa uma descrioulização pois se trata de novas palavras para novos conceitos, não de palavras novas substituindo velhas palavras mauricianas de origem não-francesa”.

Questionado sobre o assunto, em entrevista concedida ao também lingüista De Graff (2001: 02), Mufwene retruca veementemente:

“a descrioulização é uma interpretação infeliz em uma lingüística que foi exercitada principalmente por estudiosos da classe média branca. Estes parecem não perceber que as populações desprivilegiadas, cujas variedades de língua eles investigaram, em geral, não têm problema de identidade social e não querem ser como eles ou falarem um vernáculo como o deles, entretanto alguns dos falantes crioulos podem sentir a necessidade de falar uma língua franca que acontece de ser semelhante à falada pelos estudiosos por razões socio-econômicas” .

**Continuum Pós-Crioulo** — Decamp (1977), em estudo gerativo do *continuum* pós-crioulo<sup>12</sup> na Jamaica, diz que um crioulo pode continuar sem mudança nas fases finais, como o haitiano. Pode ser extinto, como o Negerhollands. Pode evoluir para 'língua normal', mas dificilmente acham-se exemplos documentados, sendo mesmo difícil definir o que se quer dizer com língua 'não-crioula' ou 'ex-crioula'. Finalmente, continua DeCamp (1977: 350), “um crioulo pode fundir gradualmente com a língua padrão correspondente, como na Jamaica. Porém, não podemos identificar os fatores sociolingüísticos que determinam qual destes quatro cursos alternativos levarão o crioulo”.

DeCamp (1977: 350-351) sugere as condições descritas no excerto abaixo, na íntegra, para que um crioulo atinja a fase de Pós-Crioulo, o que não ocorre com todos:

“Primeiro, a língua oficial dominante da comunidade deve ser a língua padrão correspondente ao Crioulo. Segundo,.... deve haver mobilidade social suficiente para motivar números grandes de falantes crioulos a

<sup>12</sup> DeCamp, 1977: 349 ) sugere que em estudos de “comunidades de fala pós-crioula... comunidades em que o crioulo está no processo de fundir com o padrão.... poderíamos reconciliar os métodos para estes problemas por meio de sociolingüistas e lingüistas teóricos (especificamente, gerativos-transformationalistas)”.

modificarem sua fala na direção padrão, e deve haver o programa suficiente de educação e outras atividades aculturativas para mostrar pressões efetivas da língua padrão no Crioulo. Essas pressões corretivas não operam uniformemente em todos os falantes crioulos. Caso contrário o resultado somente seria o estreitamento uniforme da abertura entre padrão crioulo e, não um *continuum* lingüístico.... O grau de aculturação varia com fatores como idade, pobreza, e isolamento de centros urbanos.”

Para estudar o *continuum* pós-crioulo Jamaicano, DeCamp (1971: 353) criou o modelo da escala implicacional. Ele organizou traços lingüísticos variáveis de sete informantes da pesquisa num *continuum*, de acordo com o uso ou não de seis características lingüísticas, incluindo léxico (*child* inglês vs. *pikni* crioulo), fonologia (inglês /θ/ vs. /t/ crioulo), e sintaxe (*no* inglês vs. *no bem* crioulo). Conforme DeCamp (1977: 352), “uma troca simples entre dois estilos uniformes, um único traço binário [por exemplo [+oracional]] seria suficiente.

Somente após organizar a estrutura do *continuum* por critérios lingüísticos, DeCamp identificou socialmente os falantes da pesquisa. Em geral, revelou-se que os falantes mais próximos do crioulo eram camponeses, idosos e analfabetos; um falante específico era um jovem empresário, educado num centro urbano. DeCamp (1977: 354), então, considerou “que o correlato sociológico da variação lingüística é multidimensional: sexo, idade, educação, renda, ocupação etc..”

A busca evidente de DeCamp(1977) por uma explicação gerativa para o *continuum* preocupou o sociolinguista Labov (1971: 463), que alertou ser contraproducente “importar fonologia gerativa... na arena sociolingüística, alegando que “uma das limitações sérias... não está nas regras, mas...na relação do analista para com os dados”, e interpelou:

“O que acontecerá quando os seis itens usados por Decamp forem ampliados às centenas de diferenças de dialetos nos dados dele, e como classificar as pessoas que variam nos seus usos? Se for útil, esta técnica deve ser adaptada certamente à regras variáveis, como Stolz e Bills (1968) fizeram...: ordenação de variáveis sociolingüísticas incluiu, por exemplo., se um falante usou ou não usou mais ou menos uma certa freqüência do *got* passivo...” Labov (1971: 464).

No estudo do *continuum*, Bickerton (1980: 110) adianta: “sempre rejeitei, e continuarei a rejeitar, o termo *pós-* [em *continuum pós-crioulo*] proposto por DeCamp (1971), visto que sugere que o crioulo original deve ter desaparecido ou ter-se tornado irreconhecível, e este pode ser ou não o caso”. Ao desenvolver estudo sobre o Guianense, o autor afirma (1980: 52) que esse crioulo forma um *continuum* lingüístico, representado por variedades cujas extremidades são o crioulo e o inglês. O

*continuum* guianense é segmentado em *basileto* (variedade crioula mais distinta do inglês), *acroleto* (Inglês Guianense escolarizado) e *mesoleto* (variedade intermediária entre basileto e acroleto).

Bickerton (1980: 109-110) define descrioulização como fenômeno que ocorre onde quer que um crioulo entre em contato direto com a língua de superstrato relacionada. Desse modo, “falantes mudam a gramática basiletoal progressivamente de forma que sua produção vem se assemelhar à produção de uma gramática acroletoal gradualmente.” Essa operação produz “uma série de gramáticas que diferem uma das outras através de só uma regra (ou talvez, por agrupamentos pequenos de regras necessariamente unidas)... juntas, essas gramáticas enchem o espaço lingüístico entre um crioulo e seu superstrato e assim constituem a entidade lingüística conhecida como *continuum* crioulo”.

Bickerton (1980: 112-113) teoriza que “mudança de descrioulização é um desenvolvimento natural quando um crioulo entra em contato prolongado e íntimo com seu superstrato relacionado.” Porém, deixa claro que prefere falar em mudança "espontânea" e mudança "não-espontânea:

“Uma mudança espontânea é qualquer mudança em uma língua que não deve nada a qualquer fator externo àquela língua. Uma mudança não-espontânea é qualquer mudança em uma língua que deve sua existência à influência de outra língua. Claramente, descrioulização constitui um caso especial de mudança não-espontânea”.

Enquanto na mudança espontânea, uma forma ou estrutura existente adquire um significado novo, função ou distribuição, na descrioulização, uma função ou significado existente adquire uma forma nova ou estrutura. As mudanças do Latim para os Romances, por exemplo, foram espontâneas, segundo Bickerton (1980: 124), que também distingue os tipos de mudança psicologicamente: “espero que ninguém vá longe com a idéia que mudança por descrioulização é consciente, e mudança espontânea é inconsciente. Ambos residem além do conhecimento e do controle do falante.”

Bickerton (1980: 07) descreveu o *continuum* Guyanese como “uma única, se não homogênea, unidade”. Na ocasião, afirmou que sua posição e a do gerativista Chomsky divergiam no ponto em que ele (Bickerton) estava convicto “de que um modelo de uma comunidade de fala uniforme e homogênea... não constitui os melhores meios de atingir estas metas”, e também afirmou que sua análise e a do sociolingüista Labov diferiam no fato de ele (Bickerton) reconhecer “a existência de sistemas distintos dentro de línguas.” Bickerton (1974: 18-19) ressaltou, então, que “gramáticas de indivíduos relacionam-se à gramática poliletoal da comunidade”, reiterando que “estas gramáticas individuais... são os edifícios-blocos com as quais a gramática da comunidade é construída.”

Bickerton (1980: 164) aponta a co-existência de variedades polares no *continuum* Guianense, tais como “aspecto [+anterior] tempo, [± pontual], e distinção gramatical entre statives e não-statives, enquanto o outro tem aspecto [passado] tempo, [± contínuo] e [perfective], e nenhuma distinção gramatical consistente entre statives e não-statives” E relembra que, no sentido geral, língua poderia ser subdividida em várias entidades chamadas dialetos. No entanto, o Guianense não se enquadra nessas definições, por não constituir uma língua, na medida em que seu fim é indistinguível de inglês:

“também não pode ser um dialeto, uma vez que dialetos são supostamente mais homogêneos que a língua que os contém, e o Crioulo Guianense é menos homogêneo que o inglês. Assim o que é?, Labov (1971: 57) sugeriu um terceiro termo, 'sistema'.... Existe algum sentido em que possamos chamar o crioulo Guianense de 'sistema'? Eu acredito que sim, embora possa interpretar o termo 'sistema' de certo modo bastante diferente do de uso lingüístico comum” (Bickerton, 1974: 166).

Essa interpretação do conceito de sistema citado por Bickerton apareceu em um estudo de Labov (1971: 453) sobre a noção de sistema em estudos crioulos. Nesse estudo, Labov retrata o velho conceito de sistema: “geralmente um conjunto de elementos que são organizados assim firmemente que alguém não pode mudar a posição de um sem mudar a posição dos outros”, mas revela que “Pidgins e Crioulos oferecem testes e desafios ao conceito”, pelas razões expostas (Labov, 1971: 454):

“Primeiro, há pidgins que mostram um caráter flutuante e assistemático que se pode questionar se ou não são sistemas no sentido acima. Segundo, há crioulos... que mostram tal sobreposição profunda de fontes históricas em seus subsistemas centrais que não podemos afirmar que qualquer área de estrutura lingüística é imune a hibridização e influências externas. Em terceiro lugar, o complexo '*continuum*' em muitas comunidades pós-crioulas faz emergir a difícil questão de se nós estamos lidando com um sistema variável ou com vários sistemas co-existentes.”

Bickerton (1980: 169) diz que, em geral, sistemas são vistos como estáticos, com um número de partes fixas, com relações invariantes, mas que o Guianense só pode ser considerado um sistema “em virtude do fato de que as relações dentro dele, embora não invariantes, sejam sistemáticas. No Guianense, consoante o autor, “não há rastro sequer de mistura fortuita de elementos, mas, sim, mudanças ordenadas por regras que originam diferentes *outputs*. A diferença é que esse processo é um sistema dinâmico, não estático.”

E, por fim, Bickerton (1974: 197-198) chega ao tema da “gramática da competência” que incide na policompetência. Ele salienta que a maioria dos Guianenses, qualquer que seja sua capacidade

produtiva, tem a capacidade receptiva de processar qualquer variedade no *continuum*: “pode-se observar freqüentemente falantes na mesma conversação produzindo a níveis extensamente diferentes e ainda entendendo um ao outro perfeitamente”.

Tarallo (1987: 115) ressalta que há similaridades entre Bickerton e DeCamp, da perspectiva em que ambos garantem que a variação nos crioulos onde há um contínuo, “não é nem aleatória, nem caótica; ao contrário, a distribuição das variedades é ordenada no sentido de uma ‘implicar’ a outra”. Outro estudioso do tema, Todd (1992: 64-65), reitera essa idéia ao considerar que o *continuum* pós-crioulo ocorre quando entre o crioulo e a língua europeia padrão surgem variedades intermediárias.

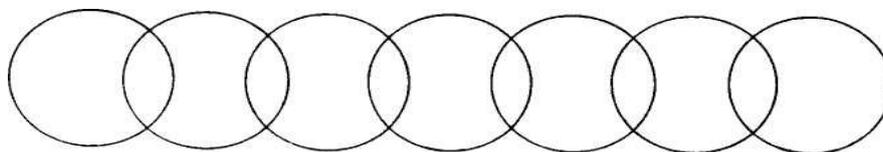
**Sistemas Coexistentes** — No estudo da variação no Havaiano (HE), Tsuzaki (1971) deparou com o problema de designar se aquela língua era um pidgin, um crioulo ou um dialeto do inglês. Nesse contexto, decidiu retomar a noção de sistemas coexistentes de Fries e Pike (1949: 49 *citados por* Tsuzaki, 1971: 329): “algumas línguas contêm arranjos fonêmicos que não estão completamente em equilíbrio; eles contêm elementos contraditórios que podem ser analisados como sistemas fonêmicos coexistentes. Sons só são pertinentes se fazem partes de um sistema, assim devem ser comparados sistemas com sistemas”, a despeito das posições em contrário.

Na visão ‘coexistente’ de Tsuzaki (1971: 329-330), os sistemas básicos do Havaiano consistem de um pidgin Inglês, de um Crioulo Inglês e de um dialeto do Inglês, constituído de uma variedade padrão e outra variedade não-padrão. Conforme Tsuzaki (1971: 327), a interpretação do Havaiano como um dialeto tem sido a mais popular. Entre os motivos para denominar o Havaiano de pidgin inglês está sua estrutura simplificada relativamente à língua lexificadora, e a falta de falantes nativos: seus falantes têm outras línguas- dialetos do Chinês, Havaiano, Japonês, Coreano, e línguas filipinas. E o Pidgin Inglês Havaiano manifesta traços de outros pidgins existentes no mundo: cláusulas sem cópula equacional (me/ I too much happy...), justaposição de substantivos sem o sufixo possessivo ou a preposição de (Meu kaukau de casa de marido nenhum bom 'A comida no casa ...')

Para chamar o inglês Havaiano de crioulo — Crioulo Inglês Havaiano — Tsuzaki (1971: 331-332) baseou-se na concepção de Hall (1966: 122-123) de que “um pidgin é identificável em qualquer determinado momento através de critérios lingüísticos e sociais, um crioulo só é identificável através de critérios históricos”. O critério de inteligibilidade mútua fortalece a interpretação crioula: “o fato de que falantes ingleses recém-chegados para o Havai têm dificuldade para entender certas variedades do inglês Havaiano..., conduziria a pessoa à conclusão que pelo menos uma parte de inglês Havaiano é

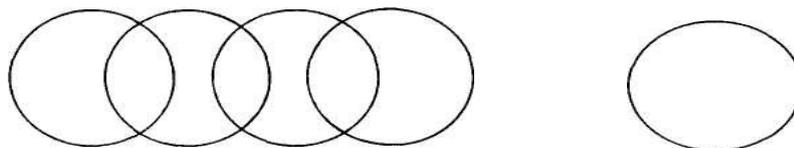
um Crioulo, em lugar de um dialeto.” Porém, a evidência mais contundente a favor da hipótese crioula reside nas semelhanças entre o crioulo inglês Havaiano e outros crioulos, em especial, os ingleses.

Enquanto Tsuzaki (1971: 334-335) assumiu não ter clareza sobre a sobreposição dos sistemas, sua extensão, existência ou não de conflitos entre eles, Day (1974), seu contemporâneo e de DeCamp (1971), reuniu as hipóteses desses dois autores como modos diferentes de expressar o mesmo fenômeno. Ele pressupôs que, em vez dos dois sistemas sobrepostos de Tsuzaki — o crioulo Havaiano e o dialeto Havaiano do Inglês — poderiam existir mais do que dois sistemas do crioulo para o padrão. Esta idéia é esboçada na figura representada abaixo (Day, 1974: 39-40):



*Esboço de um continuum pós-crioulo em que há vários sistemas sobrepostos.*

Na figura, o crioulo (ou 'basileto') é representado pelo círculo mais à esquerda e o padrão pelo mais à direita. As várias fases de descrioulização que o *continuum* sofre, os chamados mesoletos, são representados pelos círculos interseccionados. Logo abaixo, pode-se observar outra figura por meio da qual Day (1974: 40) representa “um primeiro passo de descrioulização”, estágio em que, para ele, “vários sistemas sobrepostos do *continuum* ainda não alcançaram o modelo padrão descrito pelo círculo mais à direita.”



*Esboço de uma fase primeira - o continuum pós-crioulo ainda não alcançou o estágio de descrioulização.*

De acordo com Day (1974: 40-42), em um *continuum*, o processo de descrioulização está a trabalho “para formar os vários sistemas sobrepostos”. Logo, nessa linha de raciocínio, as teorias de DeCamp e de Tsuzaki podem ser consideradas “variantes notacionais” uma da outra. Havendo elementos de um sistema recorrentes em outros sistemas, Day (1974: 43) garante que eles “são coexistentes porque são “todos encontrados juntos, como parte de um *continuum* da fala”, e resume:

“quando um crioulo e uma de suas línguas doadoras entram em contato, com alguns sistemas mistos ocorrendo, o resultado é um *continuum* pós-crioulo que é composto de uma série de sistemas coexistentes sobrepostos que exibem misturas condicionadas” (Day, 1974: 44).

Para concluir essa seção, menciona-se a concepção de Bailey (*citado por* Day, 1974: 43-44) a respeito do *continuum* e do processo de descrioulização em geral, respectivamente: “cada sistema numerado mais alto é o resultado de recreolização de um primeiro sistema sob a influência e na direção do padrão. A descrioulização pode ser entendida como “processo de novos crioulos sendo constantemente formados a partir dos crioulos mais antigos”<sup>13</sup>. O resultado dessa recreolização ininterrupta é um *continuum* pós-crioulo ou, conforme o autor, ‘descrioulização gradatum’”.

No próximo capítulo, o modelo teórico para análise do Caboverdiano, a Teoria da Otimidade.

---

<sup>13</sup> O professor Jüergen Lang, em seus comentários pessoais, questiona se essa colocação não ficaria melhor da seguinte maneira “... a partir da língua de base que continua presente”? Para o momento, como não se dispõem de mais material sobre essa concepção do autor, mantém-se a primeira a versão exposta do corpo do trabalho com a possibilidade de também a versão sugerida pelo professor ser uma das interpretações possíveis.

### III. MODELO TEÓRICO

---

“O único método de investigação é olhar firme para um problema sério e tentar aventar algumas idéias sobre o que poderia ser a explicação para ele”.

(Chomsky)

#### 3.0. Introdução

Ao longo dos anos, sucedem-se as teorias que visam a explicar, complementar ou mesmo contradizer o que se descobre sobre essa nossa quase (des)conhecida: a língua. A Teoria da Otimidade (OT) é uma delas. Em pesquisas da atualidade, o caráter inovador e a capacidade de generalização do modelo vêm sendo atestados com sucesso. Ancorada em fundamentos gerativistas, a OT congrega em seu bojo propostas modernas para antigos conflitos, como processos categóricos e variáveis, passado e presente das línguas, aspectos lingüísticos individuais e coletivos, entre outros temas. Neste capítulo, objetiva-se expor elementos dessa teoria que fundamentam sua escolha como aparato teórico-metodológico para a análise fonológica do Caboverdiano.

O presente capítulo encontra-se organizado em duas seções. Na primeira (3.1.), contemplam-se os fundamentos da Gramática Gerativa (3.1.1) e o Modelo da Teoria da Otimidade (3.1.2.). Na segunda (3.2.), resumem-se alguns dos estudos desenvolvidos no âmbito dessa teoria: sílaba e acento (3.2.1.), aquisição de L2 e estudos crioulos (3.2.2.) e variação e mudança pela OT (3.2.3.).

### **3.1. Fundamentos Teóricos**

A Teoria da Otimidade é o modelo desenvolvido para investigar a variação interlingüística por meio de restrições (ou condições de boa-formação estrutural) universais e violáveis, como se explicará em 3.1.2. Esse modelo encontra-se inserido na corrente gerativista de estudos da linguagem. Por isso, na presente seção, primeiramente, passa-se em revista a literatura mais conhecida sobre a Gramática Gerativa (GG) para, depois desse embasamento, apresentar o conteúdo elementar da OT.

#### **3.1.1. Gramática Gerativa**

A Gramática Gerativa (GG) surge com Noam Chomsky, em meados da década de 50. Pela gramática gerativa, um número limitado de regras permite a produção de número infinito de sentenças. Essencialmente explicativa sobre a natureza da língua, essa corrente de pensamento difere em concepção e conteúdo dos estudos normativos saussureanos e dos descritivos bloomfieldianos. O conhecimento da língua — origem, natureza e uso — deveria ser o ponto central dessa pesquisa com três questões básicas: (1) o que constitui o conhecimento da língua?; (2) como é adquirido o conhecimento da língua? e (3) como é usado o conhecimento da língua? (Cf. Chomsky, 1994: 23).

A questão (1) busca elucidar o modo em que se dá o processo de Aquisição da Linguagem, como a gramática se desenvolve na mente do falante. Na tradição racionalista de Chomsky (1996: 26), as propriedades centrais da linguagem são determinadas pelo Mecanismo de Aquisição da Linguagem (LAD), princípios e estruturas mentais que correspondem à Gramática Universal (GU)<sup>1</sup>. Uma língua é adquirida pela maturação e pelo desenvolvimento desse 'órgão mental-biológico'. Tal abordagem refuta o comportamentalismo Skinneriano que entende aquisição como sistema de hábitos e produção e interpretação de novas formas como analogia.

---

<sup>1</sup> "A GU é uma teoria do "estado inicial" da faculdade de linguagem... um componente inato da mente humana que origina uma língua particular pela interação com a experiência vivida..." (Chomsky, 1994: 23).

A questão (2) traz à tona o chamado *Problema de Platão*: “como podemos saber tanto a partir de uma evidência tão limitada?” Com base na ‘informação positiva’, que são expressões gramaticais do seu meio ambiente lingüístico, a criança desenvolve uma gramática interiorizada. De acordo com esse raciocínio, “o sistema da competência ou a gramática final resulta da interação entre os dados primários e o mecanismo mental de aquisição” (Cf. Raposo, 1992: 39-40). A ‘informação negativa’ ou correção das expressões inaceitáveis desempenha papel quase nulo na aquisição, dado que, segundo a teoria, as crianças não são instruídas por correção de erros ou explicações gramaticais explícitas.

A questão (3) retoma a dicotomia chomskiana competência-desempenho [performance]<sup>2</sup>, o que põe em relevo o fato de o ponto de referência da GG ser o da psicologia individual, o sujeito falante. Chomsky (1965: 83) ressalta o “aspecto misterioso da produção e uso criativo e inovador da linguagem”, uma vez que o estudo da competência implica que o objeto de estudo seja:

“um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente e que, ao aplicar seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e interesse e erros..”.

No estudo da língua pela GG, a noção do senso comum é abandonada por causa de sua dimensão sociopolítica. Chomsky (1994: 39-40) critica as definições de língua de Saussure — “sistema de sons associado a um sistema de conceitos” — e de Bloomfield — “totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade linguística, considerada homogênea”. E adverte que “conjuntos de indivíduos com o mesmo comportamento linguístico, não existem”, e que “cada indivíduo adquiriu uma língua no decurso de interações sociais complexas com pessoas que variam quer no modo como falam e como interpretam aquilo que ouvem, quer nas representações internas subjacentes ao seu uso da língua”. Todavia, daqui é extraída a noção de “Língua Externa”(LE):

“Vamos referir-nos a tais conceitos técnicos [conjuntos de ações, ou produções, ou formas lingüísticas (palavras, frases), etc] como instâncias de «língua externa» (língua-E), no sentido em que o constructo é compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro. Sob a mesma rubrica podemos incluir a noção de língua como um conjunto (ou sistema) de acções ou comportamentos de um certo tipo.... Em termos técnicos, a gramática pode ser vista como uma função que enumera os elementos da língua-E” (Chomsky, 1994: 39).

<sup>2</sup>“ A competência é o conhecimento mental ‘puro’ de uma língua particular por parte do sujeito falante, isto é, a sua gramática interiorizada. A ‘performance’, por sua vez, designa o uso concreto da linguagem em situações de fala concretas” (Chomsky, 1965: 03).

Chomsky (1994: 41-43) cita Jespersen, que defende a existência de uma “noção de estrutura” na mente do falante, que é suficientemente definida para guiá-lo na estruturação das suas próprias frases, em particular das ‘expressões livres’ que podem ser novas para o falante e para os outros”. Embasado nessa abordagem, Chomsky (1994: 41; 43) define sua concepção de ‘Língua Interna’ (LI):

“vamos referir-nos a esta ‘noção de estrutura’ como ‘língua interna’ (língua-I). A língua-I é, pois, um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte”. (...) “Considerando a língua como língua-I, a gramática seria, então, uma teoria da língua-I, que é o objecto a ser investigado... A GU está agora construída como a teoria das línguas-I humanas, um sistema de condições que deriva do equipamento biológico humano que identifica as línguas-I que são humanamente acessíveis em condições normais”.

Chomsky (1994: 43-44) destaca que a GG “mudou o foco de atenção do comportamento linguístico real ou potencial e dos produtos deste comportamento — o estudo da língua-E — para o sistema de conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua, e, mais profundamente, para a capacidade inata que permite aos humanos atingir tal conhecimento — o estudo da língua-I. Passou-se do “estudo da língua encarada como um objecto exteriorizado para o estudo do conhecimento da língua atingido e internamente representado na mente/cérebro”. Em suma, a GG busca explicar “o que uma pessoa sabe quando sabe uma língua”. É este o quadro traçado por Chomsky (1994: 44-45):

“A faculdade da linguagem é um sistema distinto da mente/cérebro, com um estado inicial comum à espécie... Dada experiência apropriada, esta faculdade passa de um estado inicial  $E_0$  para um estado final relativamente estável  $E_E$ , que, então, sofre apenas modificações periféricas (como, por exemplo, a aquisição de novo vocabulário). O estado atingido incorpora uma língua-I (é o estado em que se tem ou se conhece uma língua-I particular). A GU é a teoria do  $E_0$ ; as gramáticas particulares são teorias das várias línguas-I. As línguas-I que podem ser atingidas com o 0 fixo e a experiência linguística variável são as línguas humanas atingíveis, em que «língua» significa agora língua-I...”.

Raposo (1992: 25-27) acrescenta que a perspectiva mentalista concebe um sistema de regras e princípios radicados “na mente humana, e não em expressões linguísticas consideradas em si”, e a antimentalista considera a linguagem “instrumento essencial e produto *convencional* da cultura dos seres humanos... em sociedade, e não um produto *natural* da sua organização mental”. Chomsky (1994, 37-38) confirma a validade do estudo da língua como um produto social, mas salienta ser “difícil imaginar de que modo estes estudos poderão progredir.... sem se ter em conta... as propriedades do estado inicial da faculdade da linguagem caracterizadas pela GU”.

No tocante ao histórico das teorias gerativas, destaca-se a Teoria Padrão como a primeira dos estudos gerativistas. O objetivo era o de aplicar a noção de ‘regra transformacional’ aos dados linguísticos. Entretanto, a diversidade e a quantidade dos dados exigiam e geravam muitos mecanismos descritivos. Isso permitia construir diferentes gramáticas compatíveis com um mesmo conjunto de dados linguísticos. Foi preciso criar “‘medidas de avaliação’ para manter gramáticas com classificação mais elevada e rejeitar as demais” (v. Raposo, 1992: 49).

A Teoria Padrão Estendida (EST) dos anos 60 procurou retirar aspectos das regras que pudessem “ser convertidos em princípios gerais da linguagem” para restringir suas possibilidades descritivas, diminuir seu poder expressivo e simplificar seu formato (Cf. Raposo, 1992: 52-53). A organização interna dos componentes da teoria, como o lexical (regras de base) e o transformacional (pronomes e anáforas), entre outros, era simples, mas suas interações podiam ser complexas.

Na década de 80, surge a Teoria da Regência e Ligação ou Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). Essa teoria postula que a GU constitui-se em princípios rígidos, invariáveis, como o da projeção: as orações das línguas humanas possuem um NP sujeito e um VP predicado, entre outros; e um sistema de princípios abertos, os “parâmetros”, que têm valor definitivo atingido durante o “processo de aquisição, através da sua fixação (ou ligação) numa de duas posições possíveis [sim ou não] com base na informação obtida a partir do meio linguístico ambiente” (Raposo, 1992: 54-55).

Nesse modelo, a aquisição da gramática final pela criança consiste na aprendizagem das formas lexicais da língua, com as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas determinadas pelo “dicionário mental” e na atribuição do valor que possuem nessa língua (Cf. Raposo: 54-55). Quando todos os parâmetros estão ligados, a criança adquire a “gramática nuclear”. A aquisição é identificada com o crescimento e a maturação da Gramática Universal, que passa de um estado com parâmetros a fixar a outro com os parâmetros fixados.

No final dos anos 90, surge o Programa Minimalista (Chomsky, 1999). O ‘Minimalismo’ destaca as bases empíricas para a concepção ‘mínima’ da linguagem — “propriedades conceptualmente necessárias, sem as quais o objeto estudado não poderia ser uma linguagem humana”— e “procura simplificar análises, eliminar estipulações descritivas e outras soluções de “engenharia linguística” (Chomsky, 1994: 22-23). Esse é um dos últimos ‘programa de pesquisa’ de que se tem conhecimento sob a rubrica de Chomsky.

O modelo da OT (1993), embasado na GG, como se verá, é de autoria de outros estudiosos.

### 3.1.2. Teoria da Otimidade (OT)

No início da década de 90, Prince e Smolensky inauguraram o modelo da Teoria da Otimidade com *Optimality* (1993) e *Optimality Theory- Constraint and Interaction in Generative Grammar* (1993). Conforme os autores (1993: 01-06), “a idéia básica a ser explorada é a de que a Gramática Universal consiste em grande parte de um conjunto de restrições de boa-formação representacional, com o qual são construídas gramáticas individuais”. Para explicitar a gramática das línguas pela OT, foram desenvolvidas premissas, mecanismos funcionais além de uma representação específica.

Nas linhas abaixo, elencam-se as premissas da teoria:

1. Universalidade;
2. Violabilidade;
3. Hierarquização;
4. Inclusividade;
5. Paralelismo.

A primeira premissa é da Universalidade. Ancorada na asserção da gramática gerativa de que há aspectos que devem ser considerados universais, o modelo postula que a GU compreende um conjunto de restrições universais presentes em qualquer gramática. Isso quer dizer que as restrições precisam ser operativas em todas as línguas, não apenas em algumas, como se retomará adiante.

A segunda premissa é a da Violabilidade. “As restrições são violáveis [podem não ser cumpridas]; mas a violação é mínima” (Prince e McCarthy, 1993: 01-09). Uma restrição só pode ser violada para satisfazer outra restrição mais alta na hierarquia. O *output* que violar menos restrições na hierarquia de determinada língua é considerado o candidato ótimo, gramatical. Porém, nenhum *output* é perfeito — ‘falácia da perfeição’ —, dado que mesmo o melhor candidato pode violar alguma restrição. Pela OT, a violabilidade não implica agramaticalidade, tampouco é gratuita: uma restrição só é violada, repete-se, quando se é preciso satisfazer exigências de outra mais alta na hierarquia.

A terceira premissa é a da hierarquização. A hierarquia das restrições desenvolve-se com base na relevância, como comentam os fundadores da Teoria da Otimidade, Prince e McCarthy (1993: 05): “restrições são ranqueadas em bases de uma língua particular; a noção de violação mínima (ou melhor-satisfação) é definida em termos dessa hierarquia. Restrições ranqueadas mais abaixo podem ser violadas para garantir o sucesso de restrições ranqueadas mais alto”. Pela teoria, variação interlinguística é o resultado de diferenças na hierarquia das restrições.

A quarta premissa é a da Inclusividade. Costa (2001: 32) explica que “o conjunto de candidatos inclui unicamente expressões lingüísticas e suas análises, o Gerador [GEN, a ser visto adiante] deve ser restrito o bastante para gerar somente expressões ou análises que respeitem as propriedades da linguagem...”. Prince e McCarthy (1993: 01-09) complementam que “as análises dos candidatos... são admitidas por considerações muito gerais de boa-formação estrutural”.

A quinta premissa é a do Paralelismo. A OT não recorre a derivação ou a níveis intermédios de representação. Prince e McCarthy (1993: 01-09) asseguram que “a melhor satisfação da hierarquia de restrições é computada sobre toda a hierarquia e todo o conjunto de candidatos. Não existe derivação serial”. Isso equivale a dizer que a seleção do candidato gramatical é realizada pela comparação de todos os candidatos em paralelo relativamente a todas as restrições, sem camadas derivacionais.

A respeito dos mecanismos de funcionamento OT, Prince e Smolensky (1993: 01- 06) dizem que a GU dispõe de um vocabulário composto por consoantes, vogais, sílabas, categorias nome, verbo, etc para representação da língua, e que “a gramática deve definir um par de formas de subjacência e de superfície (*input*, *ouput*). Cada *input* é associado a um conjunto de candidato de possíveis análises por uma função Gen (‘Gerador’), uma parte fixada da Gramática Universal”.

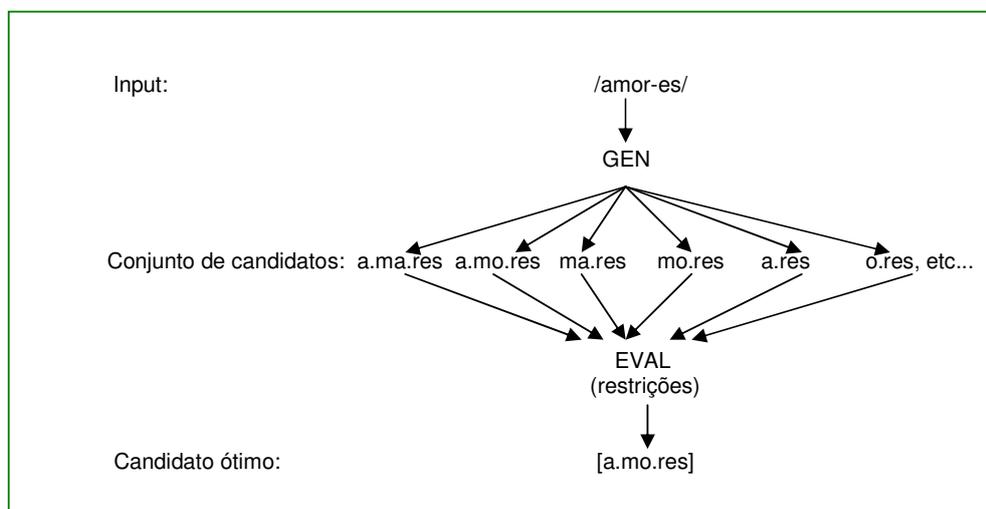
Para Prince e Smolensky (1993: 4), a estrutura da gramática teórica da Otimidade é a do primeiro quadro. McCarthy e Prince (1995: 4) representam a mesma estrutura no segundo:

|   |               |  |
|---|---------------|--|
| a. Gen ( $\mathbf{In}_k$ )                                | $\rightarrow$ | {Out <sub>1</sub> , Out <sub>2</sub> ,...}   |
| b. H-eval( Out <sub>i</sub>   $1 \leq i \leq \infty$ )    | $\rightarrow$ | Out <sub>real</sub>                          |
| a. Gen ( $\mathbf{In}_i$ )                                | $\rightarrow$ | {Cand <sub>1</sub> , Cand <sub>2</sub> ,...} |
| b. Eval ( {Cand <sub>1</sub> , Cand <sub>2</sub> , ...} ) | =             | Out <sub>real</sub>                          |

GEN (gerador) e EVAL (avaliador) intermedeiam a relação *input-ouput*. GEN cria candidatos potenciais a *ouput* para um dado *input*. EVAL seleciona o melhor *ouput* do conjunto para o *input*. De acordo com Prince e Smolensky (1993: 4), H-Eval [Avaliador de Harmonia] “determina a harmonia dos candidatos, impondo uma ordem no conjunto inteiro. Um *ouput* ótimo está no topo da ordem harmônica do conjunto de candidatos; por definição, ele melhor satisfaz o sistema de restrição”.

O Conjunto Universal de Restrições (Universal CONstraint Set), CON, define a hierarquia de restrições de uma dada língua. Os candidatos de GEN são selecionados por EVAL com base em CON. É a hierarquia das restrições de CON que EVAL usa para selecionar o candidato ótimo. As línguas têm acesso, e podem fazer uso do mesmo conjunto de restrições.

Com base no modelo de Archangelli (1997: 15), representa-se abaixo o funcionamento da OT:



Hinskens, Hout e Wetzels (2000:12) elaboraram um resumo da teoria até esse ponto:

“Um afastamento muito mais radical do modelo da fonologia gerativa padrão está representado pela Teoria da Otimidade ou TO (Prince & Smolensky 1993; McCarthy & Prince 1994). Aqui o ordenamento extrínseco das regras específicas da língua não existe mais. Ao contrário, adota-se um conjunto de restrições universais, o qual determina o modo como a estrutura de superfície pode afastar-se das representações lexicais. A... capacidade gerativa do modelo está numa função chamada GEN, para 'gerador', estipulada pela Gramática Universal. GEN projeta um conjunto ilimitado de possíveis candidatos a output.... O candidato que melhor satisfaz as restrições é selecionado como ótimo...”.

A denominação desse modelo como Teoria da Otimidade deve-se à procura pelo candidato que “melhor satisfaz o sistema de restrições”, o candidato ótimo (Prince e McCarthy, 1993: 05). Esse candidato é obtido pela ‘dominação (representada por >>)’ num conflito (ou interação) de restrições: o candidato ranqueado mais alto domina o candidato ranqueado mais baixo. A hierarquia de restrições é representada por *Tableaux* (tabelas). Em (1), está um *tableau* simples em que o candidato<sub>1</sub> domina o candidato<sub>2</sub> (Prince e McCarthy, 1993: 6-7). Em (2), apresentam-se as convenções relativas ao *tableau*:

(1) **Tableau de Dominação Simples (A >> B)**

| Candidatos                         | A  | B |
|------------------------------------|----|---|
| a. $\varnothing$ Cand <sub>1</sub> |    | * |
| b. Cand <sub>2</sub>               | *! |   |

- (2) “A ordem da coluna da esquerda para direita reflete a ordem de dominação [→] das restrições.
- A violação de uma restrição é marcada por \* [asterisco].
  - A satisfação é indicada por uma célula branca.
  - O símbolo ! chama atenção para violação fatal, aquela que é responsável pela não-otimidade dos candidatos. Ele ilumina o ponto onde o candidato perde para outros candidatos mais bem-sucedidos
  - O símbolo ☞ chama atenção para o candidato ótimo.
  - O sombreado enfatiza a *irrelevância* da restrição para o destino do candidato. Células de perdedores são sombreadas depois da confrontação total...”<sup>3</sup>.

Prince e Smolensky (1993) advertem que somente restrições em conflito podem ser hierarquizadas. O conflito ocorre quando há discordância sobre um par de candidatos. Kager (1998: 03) observa que a língua e qualquer gramática são consideradas sistemas de forças conflitantes na OT, e que essas “forças conflitantes são personificadas pelas restrições, que fazem exigências sobre algum aspecto gramatical das formas de *output*”. Logo, restrição é a “exigência estrutural que deve ser ou satisfeita ou violada por uma forma de *output*” (Kager, 1998: 04).

A OT estabelece dois tipos de restrição: MARKEDNESS [Marcação] e FAITHFULNESS [Fidelidade]. Restrições de Marcação ou restrições estruturais exigem que as formas de *output* apresentem algum critério estrutural de boa-formação. Elas exercem pressão em direção a tipos não-marcados de estruturas. Estruturas não-marcadas são favorecidas universalmente. Em (3) expõem-se restrições de marcação que proíbem estruturas fonológicas marcadas (Kager, 1998: 07):

- (3) a. Vogais não devem ser nasais;  
 b. Sílabas não devem ter codas;  
 c. Obstruintes não devem ser vozeadas na posição de coda;  
 d. Sonoras devem ser vozeadas;  
 e. Sílabas devem ter onsets [ataque = início];  
 f. Obstruintes devem ser vozeadas depois de nasais.

As restrições de Fidelidade exigem que os *outputs* preservem as propriedades lexicais das formas básicas, a similaridade *input-output*, possibilitando às línguas expressarem significados diferentes por meio de conjuntos de itens lexicais formalmente distintos. Essa é a força da combinação dos fatores gramaticais para preservar contrastes lexicais. Fidelidade contrabalança Marcação ao

<sup>3</sup> Vale adiantar que uma linha pontilhada entre duas restrições significa que não existe dominância entre elas, ou seja, elas têm a mesma importância na hierarquia, sendo flexíveis para trocarem de posição entre si na hierarquia. Em determinadas circunstâncias, a posição mais alta ou mais baixa de uma delas pode definir o candidato ótimo.

fazer cumprir a forma fonológica dos itens lexicais no *output*. Em (4) apresentam-se algumas restrições de Fidelidade que atuam contra os ‘poderes erosivos’ de Marcação (Kager, 1998: 07):

- (4) a. O *Output* deve preservar todos os segmentos presentes no *input*;  
 b. O *output* deve preservar a ordem linear dos segmentos do *input*;  
 c. Os segmentos do *output* devem ter contrapartes no *input*;  
 d. Os segmentos do *output* e segmentos de *input* devem compartilhar valores para [voz].

Restrições de Fidelidade e de Marcação são universais, os ranqueamentos não. Eles são próprios da hierarquia de restrições estabelecida por cada língua. Archangelli (1997a: 20-24) mostra de (5) a (8) hierarquias distintas para as restrições de Marcação e de Fidelidade<sup>4</sup> na silabificação de sequências de três consoantes em Yawelmani, Espanhol, Inglês e Berbere.

(5) **FaithV é Dominada em Yawelmani: \*Complex, FaithC, Peak >> Faith V**

| /logw-hin/   | *COMPLEX | FAITH C | PEAK | FAITH V |
|--------------|----------|---------|------|---------|
| logw.hin     | *!       |         |      |         |
| log.whin     | *!       |         |      |         |
| log.w.hin    |          |         | *!   |         |
| log.hin      |          | *!      |      |         |
| ☞ lo.giw.hin |          |         |      | *       |

(6) **FAITHC é Violada em Espanhol: FaithV, Peak, \*Complex >> FaithC**

| /absorb-to/  | FAITH V | PEAK | *COMPLEX | FAITH C |
|--------------|---------|------|----------|---------|
| ☞ ab.sor.to  |         |      |          | *       |
| ab.sorb.to   |         |      | *!       |         |
| ab.sor.be.to | *!      |      |          |         |
| ab.sor.b.to  |         | *!   |          |         |

Em Yawelmani, a violação a FaithV permite epêntese da vogal [i], e, por conseguinte, que a sequência de três consoantes seja silabificada. Dessa forma, evitam-se sílabas de margens complexas e se mantém todas as consoantes da palavra, como na forma vencedora “lo.giw.hin”. Em Espanhol, a consoante extra é eliminada pela violação a Faith C. Tal violação apaga o segmento [b]

<sup>4</sup> As restrições de Marcação (estruturais) utilizadas por Archangelli (1997: 8) são as seguintes: Peak= sílabas devem ter uma vogal; \*Complex= sílabas devem ter pelo menos uma consoante na extremidade. Como a autora não define as duas restrições de Fidelidade, achou-se por bem defini-las do seguinte modo: FaithC= consoantes do input devem ser preservadas tal qual no output (não retirar, acrescentar ou modificar segmentos) ; FaithV= vogais do input devem ser preservadas no output (não retirar, acrescentar ou modificar segmentos).

no *output*, mas não é fatal porque essa restrição está ranqueada mais baixo na hierarquia. Isso resulta no candidato ótimo “ab.sor.to”, aquele que tem um segmento só, e não dois na posição de coda.

(7) **\*COMPLEX é Violada em Inglês: FaithV, FaithC, Peak>>\*Complex**

| /limp-nɛs/ | FAITH V | PEAK | FAITH C | *COMPLEX |
|------------|---------|------|---------|----------|
| ☞ limp.nɛs |         |      |         | *        |
| lim.nɛs    |         |      | *!      |          |
| lim.pi.nɛs | *!      |      |         |          |
| lim.p.nɛs  |         | *!   |         |          |

(8) **PEAK é Dominado em Berbere: FaithV, FaithC, \*Complex>> Peak**

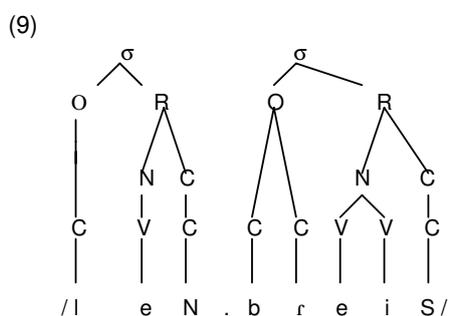
| /t-fsi/ | FAITH V | *COMPLEX | FAITH C | PEAK |
|---------|---------|----------|---------|------|
| t.fsi   |         | *!       |         | *    |
| _si     |         |          | *!*     |      |
| _f.si   |         |          | *!*     | *    |
| t_si    |         |          | *!*     | *    |
| tif.si  | *!      |          |         |      |
| ☞ tf.si |         |          |         | *    |

Em Inglês e Berbere é mais importante manter fidelidade às formas lexicais do que se obter sílabas simples. A forma vencedora do Inglês sem epêntese vocálica e com coda complexa, “limp.nes”, atesta esse fato. Em Berbere, como informa Archangelli (1997: 23), existem palavras sem vogais, como *trglt* ‘lock’, *txdmt* ‘gather wood’. Na hierarquia dessa língua, então, a restrição PEAK é ranqueada mais baixo, isso permite que consoantes assumam a posição reservada às vogais.

Quanto ao input, a OT apresenta algumas idéias gerais que vigoram desde teorias gerativas anteriores<sup>5</sup>, como *Riqueza da Base* — a gramática de uma língua é alimentada pelo conjunto universal de todos os inputs possíveis resultantes em seus inventários gramaticais, os *outputs* emergentes; *Otimização do Léxico* — os falantes pressupõem como *input* a forma mais semelhante ao *output*, quando houver formas subjacentes alternativas para um mesmo *output*; *Emergência do Não-Marcado* — certas restrições, apenas sob certas circunstâncias, operam na língua. Outras dessas idéias/algoritmos não constam aqui por não serem elementares, como o é o propósito deste estudo.

<sup>5</sup> Maiores esclarecimentos nesse aspecto comparativo da OT com teorias gerativas anteriores, questões controversas da Teoria e aspectos inovadores da OT podem ser obtidos ao se consultar obras como Prince & Smolensky (1993), Archangeli (1997), Kager (1998), Costa (2001) e Collischonn e Scwindt (2003).

A Teoria da Otimidade, tendo surgido para tratar prioritariamente do componente fonológico das gramáticas, aborda em seus estudos iniciais a sílaba e o acento. Quanto à sílaba ( $\sigma$ ), é mantida a sua definição autosegmental como constituinte fonológico composto por três elementos: Onset (Ataque), Núcleo e Coda. No núcleo, estão as vogais, obrigatoriamente. Na margem inicial está o Onset e, na final, a Coda. Onset e Coda são posições opcionais, preenchidas ou não por consoantes. Núcleo e coda formam a unidade chamada Rima, na qual a vogal é nuclear e a coda secundária. Em (9) visualizam-se esses componentes nos dois tipos silábicos constituintes do vocábulo *lembréis*:



Prince e Smolensky (1993: 89) acentuam que a forma CV é a mais harmônica de todas, e que nenhuma língua pode proibir sua ocorrência. Assim, “nenhuma língua proíbe Onsets ou exige Codas”. Eles assinalam que a GU “provê um conjunto de restrições violáveis na estrutura da sílaba, e gramáticas individuais fixam os ranqueamentos relativos dessas restrições. A tipologia das línguas — estudo dos sistemas que o re-ranqueamento permite — é dada pelo conjunto de todos os ranqueamentos possíveis”. Baseado em Costa (2001: 52), em (10) expõem-se as hierarquias das estruturas silábicas possíveis:

| (10) Padrão de Estrutura Silábica | Hierarquização                   |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| (C)V(C)                           | a. Fidelidade >> {Ataque, *Coda} |
| CV                                | b. {Ataque, *Coda} >> Fidelidade |
| CV(C)                             | c. Ataque >> Fidelidade >> *Coda |
| (C)V                              | d. *Coda >> Fidelidade >> Ataque |

A predição feita em (10a) é a de que ataques e codas são opcionais quando especificados no *input*. Em (10b), de acordo com a hierarquia, o formato CV é obrigatório, sendo ataques obrigatórios e

codas proibidas. No caso de (10c), a predição feita é a de que os ataques são obrigatórios e as codas possíveis de acordo com especificação do *input*. Em (10d) é predito pela hierarquia que, se especificados no *input*, os ataques são realizados e as codas proibidas (Costa, 2001: 59).

Prince e Smolensky (1993: 85; 87) afirmam que as hierarquias silábicas possíveis são divididas em grupos de restrições universalmente sem marca (11a) e restrições de Fidelidade que reforçam a relação entre *input* e *output* (11b). Em (12), listam-se restrições presentes em todos sistemas:

(11) **a- Onset-**

As sílabas devem ter onsets [ataques].

– **Co**

As sílabas não devem ter coda.

**b- Parse**

Os segmentos subjacentes devem ser analisados gramaticalmente em estrutura de sílaba.

**Fill**

Os ranqueamentos de sílaba devem ser preenchidos com segmentos subjacentes.

(12) **a- Nuc**

As sílabas devem ter núcleos.

**\*Complex**

Não mais do que um C ou V pode associar-se a qualquer nó de posição na sílaba.

**b- \*M/V**

V não pode associar-se a nós de Margem (Onset e Coda).

**\*P/C**

C não pode associar-se a nós de Pico (Nuc).

Onset e NoCoda (12a) são restrições de Marcação, Parse e Fill (12b), de Fidelidade. Prince e Smolensky (1993: 88-93) asseguram que a estrutura da sílaba é governada por todas as restrições supracitadas. Em (13), Prince e Smolensky (1993: 88; 91) fazem duas asserções relativas a processos que atuam na transformação da estrutura silábica nas línguas: apagamento (*underparsing*) de segmentos e epêntese (*overparsing*) ou inserção de segmentos<sup>6</sup>:

(13) **a- Underparsing Foneticamente realizado como Apagamento.**

Um segmento de *input* não-associado a uma posição de sílaba ('underparsing) não é foneticamente realizado.

<sup>6</sup> Ambos os termos *underparsing* e *overparsing* referem-se a *parses* (análises[ligações] gramaticais) que violam Fidelidade: "a restrição parse é encontrada em estruturas nas quais todos os segmentos subjacentes são associados a posições de sílaba; cada segmento não-associado ou livre ganha uma marca \*Parse. Esta é a penalidade para apagamento. Fill fornece a penalidade para epêntese: cada nó de posição de sílaba não preenchido ganha uma marca \*FILL" (Prince & Smolensky, 1993: 88; 89).

**b- *Overparsing* Foneticamente realizado como Epêntese.**

Um nó de posição de sílaba não-associado a um segmento de *input* ('overparsing') é foneticamente realizado por meio de alguns processos de preenchimento em valores de traços *default*.

Esse primeiro modelo de Prince e Smolensky (1993) ficou conhecido como conhecido dentro do arcabouço da OT como Teoria de Retenção. No seguimento desse modelo teórico, foi elaborada a Teoria da Correspondência (McCarthy e Prince, 1995: 14) que trata da relação entre duas estruturas correspondentes como *input* e *output*, na fonologia, ou base e reduplicante, na morfologia.

Em (14), encontram-se compiladas algumas restrições da Teoria da Correspondência (McCarthy e Prince, 1995: 16). Como neste estudo essas restrições serão aplicadas no campo da fonologia, elas serão descritas relativamente à relação IO (*input-output*) e não BR (*base-reduplicante*):

(14) **1. Família de Restrição MAX**

**MAX-IO**

Todo segmento do *input* tem um correspondente no *output* (nenhum apagamento).

**2. Família de Restrição DEP**

**DEP-IO**

Todo segmento de *output* tem um correspondente no *input* (nenhuma epêntese)

**3. Família de Restrição IDENT(F)<sup>7</sup>**

**IDENT-IO (F)**

*Outputs* correspondentes de um segmento de *input* [ $\gamma$ F] são sempre [ $\gamma$ F]

No contexto dos estudos do acento pela Teoria da Otimidade, McCarthy e Prince (1993: 43) assinalam que as restrições padrões devem ser definidas em termos de unidades prosódicas. Essas unidades são a mora, a sílaba, o pé métrico e a palavra prosódica, como se pode observar na hierarquia prosódica demonstrada na representação exposta na página seguinte:

---

<sup>7</sup> Em IDENT(F), o segmento entre parênteses representa os traços (features) dos segmentos em questão. Isso fica claro nesta explicação adicional fornecida pelos autores, McCarthy e Prince (1995: 17): "as restrições IDENT exigem que segmentos correspondentes sejam idênticos em traços um ao outro. (...) Dominação crucial de uma ou mais restrições IDENT (F) leva a disparidade de traços, e alternância fonológica."

**Hierarquia Prosódica**

|          |                                     |
|----------|-------------------------------------|
| PrWD     | [Palavra Prosódica (Prosodic Word)] |
|          |                                     |
| Ft       | [Pé (Foot= Ft= $\Sigma$ )]          |
|          |                                     |
| $\sigma$ | [Sílabas]                           |
|          |                                     |
| $\mu$    | [Mora]                              |

Kager (1998: 113) assinala que a quantidade de uma sílaba é uma função de seu número de moras— unidades de peso. Vogais curtas são representadas por uma mora; vogais longas, por duas. Sílabas leves são monomoraicas e pesadas são bimoraicas. Quanto aos pés métricos, em (15) representam-se os tipos moraicos e o tipo silábico descritos por McCarthy e Prince (1993: 43)<sup>8</sup>:

|      |                    |                     |                     |
|------|--------------------|---------------------|---------------------|
| (15) | <b>(a) Iâmbico</b> | <b>(b) Trocaico</b> | <b>(c) Silábico</b> |
|      | LH                 | H, LL               | $\sigma\sigma$      |
|      | LL, H              |                     |                     |

Pés constituídos de só uma única sílaba leve, os degenerados, estão ausentes da tipologia dos pés. A restrição em (16a) é a responsável por evitar a formação desse tipo de pé. Em (16b) McCarthy e Prince (1993: 43-44) comentam a interação dessa restrição com a hierarquia prosódica:

(16) **a. Foot-Binarity (FTBin)**

Pés devem ser binários sob análise silábica ou moraica.

**b.** "A Hierarquia prosódica e a restrição Foot-Binarity [FTBin= binaridade do pé], tomadas juntas, derivam a noção de "Palavra Mínima"... De acordo com a Hierarquia prosódica, qualquer caso da categoria Palavra Prosódica (PrWd) deve conter, pelo menos, um Pé(Ft). Pela restrição Foot Binarity, todo Pé deve ser bimoraico ou dissilábico".

McCarthy e Prince (1993: 02) declaram que, em processos fonológicos e morfológicos, as extremidades dos componentes podem ser resumidos por uma única família de restrições, a do Alinhamento Generalizado — emparelhamento de extremidades morfológicas e categorias prosódicas, e extremidades de componentes fonológicos ( $\sigma$ , Ft, PrWd). Em (17), para completar a atual seção,

<sup>8</sup> Na terminologia métrica, L (light) significa sílaba leve (ou fraca), quer dizer, sílaba sem acento, e H (heavy) significa sílaba pesada (ou forte), ou seja, sílaba acentuada.

expõem-se algumas das restrições que compartilham o formato geral da Teoria do Alinhamento Generalizado (Kager, 1998: 126-136):

(17) **1. FT-BIN**

Pés são binários sob análise moraica ou silábica.

**2. PARSE-SYL**

Pés são analisados gramaticalmente através de sílabas.

**3. \*CLASH**

Nenhuma sílaba acentuada é adjacente.

**4. NONFINALITY**

Nenhuma cabeça prosódica [sílaba acentuada] é final em PrWd.

**5. LEFTMOST** ou **ALIGN (Hd-Ft, Esquerda, PrWd, Esquerda).**

O pé-cabeça é mais à esquerda em PrWd [palavra prosódica].

**6. RIGHTMOST** ou **ALIGN (Hd-Ft, Direita, PrWd, Direita).**

O pé-cabeça é mais à direita em PrWd [palavra prosódica].

**7. WSP (Weight Stress Position)**

Sílabas pesadas são acentuadas.

### 3.2. Estudos pela Teoria da Otimidade

De 1993 até os dias atuais, partindo da fonologia, componente para o qual a teoria foi originalmente traçada, os estudos em OT tem se diversificado nas várias áreas da gramática: fonética, sintaxe, morfologia e interfaces desses componentes. Nos subitens da presente seção, descrevem-se alguns trabalhos desenvolvidos com o suporte teórico da OT: sílaba e acento (3.2.1.), aquisição de L2 e estudos Crioulos (3.2.2.) e variação e mudança (3.2.3.).

#### 3.2.1. Sílaba e Acento

Nos estudos sobre sílaba e acento pela OT, o estudo de Hammond (1997: 33-58) sobre o acento em Inglês é o primeiro trabalho a ser descrito. Ele refere-se à prosódia como “organização de sons dentro de unidades fonológicas maiores”, que são sílabas (agrupamentos de sons) e pés (agrupamentos de sílabas), e apresenta o Inglês como língua (O)V(C), em que o núcleo é obrigatório e onsets e codas alternam em grupos consonantais como nos vocábulos *twin* e *bring* “gêmeos e trazer”, *cylindrical* e *hamster* “cilíndrico e hamster”, *milk* e *esculp* “leite e esculpir”.

Na estrutura silábica do Inglês, Hammond (1997: 41) comenta que a restrição Fidelidade está hierarquizada acima das restrições Onset e NoCoda, e que a restrição \*COMPLEX está ranqueada abaixo. As seqüências de consoantes nas extremidades de sílabas devem obedecer a restrição SONORIDADE (Sonor) — onsets aumentam e codas diminuem em sonoridade — adequadamente.

Com relação ao acento no Inglês, Hammond (1997: 43-57) esclarece que cada padrão de alternância de acento contém uma sílaba acentuada à esquerda e no máximo uma sílaba átona à direita [HL], o chamado pé troqueu. O autor baseia-se na síncope — queda de segmentos vocálicos ou consonantais no meio de um vocábulo — em fala rápida. A vogal que exhibe síncope deve ser átona, e se localizar no início de palavras, como em (18a) ou no meio de palavras, como em (18b), antes de uma seqüência de uma ou mais sílabas átonas. Em palavras mais longas como as que se vê em (18c), existem outras opções:

| (18) | <b>Síncope de fala rápida</b>                              | <b>Devagar</b>               | <b>Rápido</b>               |
|------|--|------------------------------|-----------------------------|
| a.   | No início de palavras                                      | paráde<br>Toronto            | práde<br>trónto             |
| b.   | Antes de uma sílaba átona                                  | ópera<br>chocolate           | ópra<br>chóclate            |
| c.   | Depois de uma sílaba átona<br>e antes de uma sílaba tônica | réspiratòry<br>glòrificátion | réspirtòry<br>glòrificátion |

Abaixo, destacam-se as restrições para o estudo do acento no caso da síncope em Inglês:

- a. Fidelidade (♯)  
“Pronuncie vogais acentuadas”.
- b. \*FOOTLESS  
“Nenhuma sílaba sem pé” [ ou “toda sílaba deve estar ligada a um pé”].
- c. Fidelidade(♯)  
“Pronuncie vogais átonas”.

Em Inglês, vogais acentuadas não podem sincopar. Consoante Hammond (1997: 49-50), esse fato é representado pela seguinte hierarquia de restrições: Faith(♯) >> \*Footless >> Faith(♯). Esse quadro é perturbado em palavras como “*general*”, no *tableau* (19), em que emergem dois candidatos, mas que somente um é aceitável na língua. O outro candidato é selecionado como ótimo incorretamente, e é representado pelo símbolo ⊙.

(19)

| /general/     | Faith (♣) | *FOOTLESS | Faith (♠) |
|---------------|-----------|-----------|-----------|
| g(é)neral     | *!        | **        |           |
| ♣ [gén(e)ral] |           |           | *         |
| ⊙ [géner(a)]  |           |           | *         |
| [géne]ral     |           | *!        |           |

A solução encontrada é acrescentar a restrição  $F_{(F)}$  — FIDELIDADE (FINAL) — segmentos ou sílabas em posição final de palavra no *output* devem ser respeitados tal qual no *input* —, ranqueada mais alto do que FOOTLESS. Dessa maneira, obtém-se apenas o *output* ótimo, como em (20):

(20)

| /general/     | F(♣) | $F_{(F)}$ | *FOOTLESS | F(♠) |
|---------------|------|-----------|-----------|------|
| g(é)neral     | *!   |           | **        |      |
| ♣ [gén(e)ral] |      |           |           | *    |
| [géner(a)]    |      | *!        |           | *    |
| [géne]ral     |      |           | *!        |      |

Hammond (1997: 50) defende que esse estudo do acento do Inglês pela OT demonstrou que a diferença entre vogais acentuadas e átonas é que as primeiras resistem à síncope, com ranqueamento de Faith(♣) acima de FAITH(♠)". E sílabas finais resistem à síncope até quando átonas, se FIDELIDADE (FINAL) estiver posicionada mais alto na hierarquia de restrições. \*FOOTLESS pressiona a ocorrência de síncope. Em conjunção com as outras restrições hierarquizadas, isso resulta naturalmente no fato de que somente as sílabas nas posições indicadas em (18) podem sincopar.

Lee (1999: 01-09) desenvolveu um estudo sobre a silabificação do Português Brasileiro (PB). O autor utiliza restrições estruturais e de fidelidade com base em McCarthy e Prince (1993,1995):

#### a. Restrições Estruturais

**Onset:** Toda sílaba deve ter Onset

**Nuc:** As sílabas devem ter núcleo

**No-Coda:** Codas são proibidas

**Coda-Condition:** a Coda pode ter somente [- vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal]

**NoComplex:** Mais de um C ou um V não podem se associar às posições da sílaba

#### b. Restrições de Fidelidade

**Max I/O:** Todos segmentos/traços da saída têm correspondente idêntico na entrada (...).

Essa restrição proíbe o apagamento de segmentos/traços dados na saída (...).

**Dep I/O:** Todos segmentos/ traços da entrada têm correspondente idêntico na saída.

Esse restrição proíbe a inserção de consoante ( $Dep^{onset}$ ) e de vogal ( $Dep^{Nuc}$ ) no *output*

**Contigüidade:** a saída é contígua à entrada.

Lee (1999: 01) diz que Onset e Coda são opcionais na estrutura silábica do PB. Nessa língua, é possível ter uma sílaba com uma só vogal sem inserção de onset, como /a/ em 'asa'. Na interação de restrições para 'asa' representada no *tableau* (2), Onset entra em conflito com  $Dep^{onset}$ <sup>9</sup>. E o candidato (a) é o vencedor por violar apenas Onset, ranqueada mais baixo nessa hierarquia:

(21)

| /aza/     | $Dep^{onset}$ | Max | Onset |
|-----------|---------------|-----|-------|
| ☞ a. a.za |               |     | *     |
| b. □a.za  | *!            |     |       |
| c. (a).za |               | *!  |       |
| d. az.a   |               |     | **!   |
| e. □az.a  | *!            |     | *     |

A coda no PB é permitida, mas restringe-se aos segmentos /R/, /S/, /l/, /N/ e semivogais. Pelo *tableau* (22), observa-se que Coda-Cond é ranqueada mais alto na hierarquia e queNoCoda é ranqueada mais baixo na análise da consoante final da palavra *varig*. Por esse ranqueamento, o candidato similar ao *input* (a) e aquele com apagamento (c) são eliminados. O candidato com epêntese (b) é vencedor, o que demonstra a importância de se ter segmentos específicos para ocuparem a posição final no PB.

(22)

| /varig/         | Coda-Cond | Max | $Dep^{Nuc}$ | NoCoda |
|-----------------|-----------|-----|-------------|--------|
| a. .va.rig.     | *!        |     |             | *      |
| ☞ b. .va.ri.g□. |           |     | *           |        |
| c. .va.ri.(g)   |           | *!  |             |        |

<sup>9</sup> Pelas convenções relativas aos *tableaux*, as linhas pontilhadas servem para indicar restrições, como  $Dep^{onset}$  e Max em (21), que podem ter a ordem alterada na hierarquia sem mudar o resultado final do ranqueamento.

No caso dos segmentos complexos, como em *cravo*, *palavra*; *flauta*, *atlas*; *transporte*, *perspicaz*, Lee (1999: 05) revela que a restrição NoComplex entra em conflito com a restrição Dep<sup>Nuc</sup>, como representado abaixo no *tableau* (23). Essa última restrição domina NoComplex para que o candidato com onset complexo (a) seja o vencedor em detrimento dos demais candidatos.

(23) DepNuc &gt;&gt; NoComplex

| /prato/      | Sonor | Coda-Cond | Dep <sup>Nuc</sup> | NoComplex | NoCoda |
|--------------|-------|-----------|--------------------|-----------|--------|
| a. .pra.to.  |       |           |                    | *         |        |
| b. .p.ra.to. |       | *!        | *                  |           | *      |
| c. .p.ra.to. |       |           | **!                |           |        |
| d. p.ra.to.  |       |           | *!                 |           |        |

Para explicar grupos de segmentos complexos nas posições de Onset e Coda, além de Dep<sup>Nuc</sup> dominar NoComplex, recorre-se ao posicionamento da restrição **Sonor** no alto da hierarquia. A restrição **Contig** é introduzida para explicar a vogal epentética como onset no início de palavra na hierarquia do PB. Ao final desse estudo sobre a silabificação no Português Brasileiro, Lee (1999: 6-8) chega à conclusão de que a hierarquia geral das restrições da Teoria da Otimidade no processo de silabificação dessa língua pode ser representada como: Sonor, Max, Dep<sup>Onset</sup>, Nuc, Coda-Cond » Dep<sup>Nuc</sup> » Contig » Onset » NoCoda, NoComplex.

Lee (2002: 01-12), no estudo do acento dos não-verbos do Português Brasileiro pela OT por meio da Teoria do Alinhamento Generalizado desenvolvida por McCarthy e Prince (1993), esclarece que no PB o acento primário é distintivo como em *sábia*, *sabia*, *sabiá*; em palavras paroxítonas, o acento cai na penúltima sílaba quando a palavra terminar em vogal temática, como em *casa* e *bonito*, ou quando, excepcionalmente, terminar em consoante, como em *túnel* e *fácil*.

No PB, Lee (1999: 01-02) destaca que, normalmente, o acento incide na sílaba final quando a palavra terminar em consoante, como em *feliz* e *anel*. A sílaba acentuada em posição final de palavras é sempre a que termina em vogal não-temática, como em *sofá*, *fé* e *jacaré*. No caso excepcional das proparoxítonas, a sílaba antepenúltima pode ser acentuada se a palavra terminar em vogal temática ou em sílaba fechada. As restrições utilizadas pelo autor neste estudo são:

**Rooting** (Lx ≈ PrWd): Palavras de Conteúdo devem ser acentuadas (Hammond, 1995)

**FtBin** (Foot Binarity): Pés são binários a algum nível de análise ( $\mu$ ,  $\sigma$ )

**Parse- $\sigma/\mu$**  : Toda  $\sigma/\mu$  deve ser analisada gramaticalmente em pés (McCarthy e Prince, 1993)

**Weight-to-Stress (WSP)**: Sílabas pesadas são acentuadas

**Troqueu** Left-headed: Align ( $\Sigma$ , L, H( $\Sigma$ ), L)<sup>10</sup>

**lâmbico** Right-headed: Align ( $\Sigma$ , R, H( $\Sigma$ ), R) (Hammond, 1995)

De acordo com Lee (1999: 03), o acento no PB pode ser analisado como iâmbico ou trocaico. O pé Trocaico (HL) é obtido alinhando-se a cabeça de pé à extremidade esquerda do pé. O pé lâmbico (LH) resulta do alinhamento da cabeça (H) de pé à extremidade direita do pé. Todavia, Lee (1999: 08) considera a análise do acento primário no PB como troqueu complicada, porque o peso silábico é relevante nesse tipo de pé e as sílabas pesadas finais geralmente são acentuadas. No acento excepcional de proparoxítonas e oxítonas, um candidato não-ótimo pode ser selecionado como ótimo. Em (24), o candidato ótimo é obtido pela hierarquia Align ( $\Sigma$ ,R, H( $\Sigma$ ), R) » Align ( $\Sigma$ ,L,H( $\Sigma$ ), L).

(24)

| Candidatos | FtBin | Align ( $\Sigma$ ,R, H( $\Sigma$ ), R) | Align ( $\Sigma$ ,L, H( $\Sigma$ ), L) | Ft-R | WSP | Parse |
|------------|-------|--|--|------|-----|-------|
| a.ca(fé.)  | *!    |  |  |      |     | *     |
| b. (café)  |       | *!                                     |  |      |     |       |
| ☞ c.(café) |       |  | *                                      |      |     |       |
| d.(cá.)fé  | *!    |  |  | *    |     | *     |

A análise do acento primário do PB como lâmbico, de acordo com Lee (1999: 09) seria mais produtiva. Uma vez que vogais de tema não são acentuadas em português, generalizadamente, o acento primário incide na extremidade direita da raiz derivacional, como em jacaré, feliz, cas+a. Isto significa que a extremidade direita de raiz sempre coincide com a extremidade direita de um pé. A restrição Align (Stem, Right; Ft, Right) ou Stem-Ft-R e Nol-R (Stem, Ft,  $\sigma$ ) favorece a análise iâmbica:

(25) **Stem-Ft-R >> Ft-R**

| Candidatos      | Stem-Ft-R | Align ( $\Sigma$ ,R, H( $\Sigma$ ), R) | Ft-R | Parse |
|-----------------|-----------|--|------|-------|
| ☞ a. (bo ní) to |           |  |      | *     |
| b. (bó ni) to   |           | *!                                     | *    | *     |
| c. bo(nito)     |           | *!                                     |      | *     |
| d. bo (ni to)   | *!        |  |      | *     |

<sup>10</sup> McCarthy e Prince (1993: 11) advertem que restrições que determinam o encabeçamento [*Headedness*] pode ser expressas em termos de Alinhamento Generalizado, como é o caso de Trocaicidade = Align (Ft, L, H(Ft), L) ou Align( $\Sigma$ ,L, H( $\Sigma$ ), L), como usa Lee (1999). Traduzindo: Alinhamento (Pé, Esquerdo, Cabeça(Pé), Esquerda).

Em (25) a raiz derivacional {bonit-} não combina com o pé (boni) e a consoante de raiz final é excluída da sílaba com pé. Em (26) Não há violação a restrição Nol-R (Raiz, Ft,  $\sigma$ ), pois nenhuma sílaba intervém entre a extremidade direita da raiz e a extremidade direita do pé. Os não-verbos dissílabicos que têm vogais temáticas sempre violam Ft-Bin, Ft-R e Parse, devido a Nol-R. Entretanto, essa restrição nunca é violada pelo candidato ótimo (a).

(26) **Stem-Ft-R >> FtBin**

| Candidatos  | Nol-R | Align( $\Sigma, R, H(\Sigma), R$ ) | Ft-Bin | Ft-R | Parse |
|-------------|-------|------------------------------------|--------|------|-------|
| ☞ a. (cá)sa |       |                                    | *      | *    | *     |
| b. (cá)sa   | *!    | *                                  |        |      |       |
| c. (casa)   | *!    |                                    |        |      |       |

Em palavras com mais de três sílabas, como mostrado no *tableau* (27), a restrição Ft-Bin domina Parse, gerando um pé iâmbico não-iterativo binário (Lee, 1999: 9-10).

(27) **Ft-Bin >> Parse**

| Candidatos    | Nol-R | Align( $\Sigma, R, H(\Sigma), R$ ) | Ft-Bin | Ft-R | Parse |
|---------------|-------|------------------------------------|--------|------|-------|
| ☞ a. a(nimál) |       |                                    |        |      | *     |
| b. aní(mal)   |       |                                    | *!     |      | **    |
| c. (aní)mal   | *!    |                                    |        | *    | *     |

Por esta análise, verifica-se que os não-verbos com acento final podem ser tratados como não-verbos acentuados finais terminados em sílaba pesada. Além disso, o pé é sempre binário em acentos excepcionais, dado que o acento cai na antepenúltima sílaba quando a palavra tiver uma vogal temática e, do contrário, na penúltima. Logo, FtBin domina Align( $\Sigma, R, H(\Sigma)$ ). Em (28) observa-se o acento na penúltima sílaba de *jovem* com sílaba final pesada.

(28) **FtBin >> Align( $\Sigma, L, H(\Sigma), L$ )**

| Candidatos   | Rooting; Nol-R | Align( $\Sigma, L, H(\Sigma), L$ ) | Ft-Bin | Align( $\Sigma, R, H(\Sigma), R$ ) | Ft-R | Parse |
|--------------|----------------|------------------------------------|--------|------------------------------------|------|-------|
| a. jovem     | *!*            |                                    |        |                                    |      | **    |
| ☞ b. (Jó)vem |                |                                    |        | *                                  |      |       |
| c. (jovém)   |                | *!                                 |        |                                    |      |       |
| d. (jó)vem   | *!             |                                    | *      |                                    | *    | *     |
| e. jo(vém)   |                |                                    | *      |                                    |      | *     |

Lee (1999: 11) reitera seu argumento em defesa da análise iâmbica dos não-verbos do Português, após constatar que “palavras que têm sílaba aberta de final de palavra acentuada não são mais vistas como acentos excepcionais”, e “acentos verdadeiramente excepcionais, que são marcados em português”, podem ser explicados pela hierarquia  $\text{Align}(\Sigma, L, H(\Sigma), L) \gg \text{Align}(\Sigma, R, H(\Sigma), R)$ .

### 3.2.2. Aquisição de L2 e Estudos Crioulos

Em Aquisição de L2 pela Teoria da Otimidade (OT), Broselow, Chen e Wang (1998: 261-279) tratam da “emergência do não-marcado” (v. 3.1.2.) na simplificação de vocábulos terminadas em obstruintes por falantes de Mandarim aprendizes de Inglês. Eles dizem que o modelo da OT é o mais adequado para tratar desse tema, uma vez que pressume-se que “o aprendiz deve induzir os ranqueamentos das restrições dos dados, em vez das restrições em si”.

Os autores (1998: 263-265; 267-268 ) também esclarecem que as codas caracterizam o erro mais freqüente no aprendizado do Inglês. Em Mandarim, a nasal [m] não pode ser coda, apenas [n] e [ŋ], líquidas ou obstruintes. Em Inglês, glides, líquidas, nasais (m, n, ŋ), obstruintes vozeadas e desvozeadas podem ser codas. Para transformar em legal uma forma de sílaba impossível na língua materna, os falantes de Mandarim aprendizes de Inglês ou usam codas oclusivas, ou adicionam uma vogal depois da coda oclusiva, ou apagam a coda oclusiva ou desvozeam coda oclusiva sonora.

Em (29), encontram-se as restrições atuantes nesse caso em questão:

- (29) **a. NO OBS CODA:** Codas de sílabas não podem conter obstruintes.  
**b. MAX (C):** Maximize as consoantes no *input* (não apague consoantes)  
**c. DEP (V):** As vogais no *ouput* deveriam ser dependentes no *input* (não adicione vogais)

Em (30) estão os *tableaux* representativos do padrão silábico inglês, e da deleção e epêntese em Mandarim para o *input* /vig/:

(30) **a. Inglês**

| <i>Input</i> : vig   | MAX (C) | DEP(V) | NO OBS CODA |
|----------------------|---------|--------|-------------|
| a. $\varnothing$ vig |         |        | *           |
| b. vi                | *!      |        |             |
| c. vigə              |         | *!     |             |

**b. Sujeitos de Mandarim favorecendo Apagamento**

| <i>Input:</i> víg   | NO OBS CODA | DEP(V) | MAX(C) |
|---------------------|-------------|--------|--------|
| a. víg              | *!          |        |        |
| b. $\Rightarrow$ vi |             |        | *      |
| c. vígə             |             | *!     |        |

**c. Sujeitos de Mandarim favorecendo Epêntese**

| <i>Input:</i> víg     | NO OBS CODA | MAX(C) | DEP (V) |
|-----------------------|-------------|--------|---------|
| a. víg                | *!          |        |         |
| b. vi                 |             | *!     |         |
| c. $\Rightarrow$ vígə |             |        | *       |

Na escolha da estratégia de aprendizagem, alguns aprendizes optam por epêntese, outros, por apagamento. Para os autores, nesse caso, é preciso inserir mais uma restrição na hierarquia: WDBIN — palavras devem consistir-se de duas sílabas. Como palavras dissilábicas constituem apenas leve tendência em Mandarim, a preferência para formas dissilábicas na interlíngua dos falantes de Mandarim assemelha-se ao caso de emergência do não-marcado:

“De acordo com as suposições da OT, a presença de WDBIN na gramática de uma língua implica que ela esteja presente na gramática de todas as línguas, embora seus efeitos possam ser mascarados por restrições ranqueadas mais alto — especificamente restrições que exigem fidelidade ao *input*. Logo, WDBIN está presumivelmente presente na gramática de Mandarim, embora ranqueada abaixo das restrições de fidelidade.... formas de *input* que não podem ser realizadas fielmente de forma alguma — isto é, formas que devem ser alteradas para evitar violação de alguma restrição ranqueada mais alta, como NO OBS CODA — serão alteradas para satisfazer WDBIN” (Broselow, Chen e Wang, 1998: 272).

Nos *tableaux* de (31) a (33), ilustram-se hierarquias para algumas palavras nativas e de interlíngua (monossílabos e dissílabos) da gramática de falantes de Mandarim aprendizes do Inglês:

**(31) Forma Nativa de Mandarim (kan)**

| <i>Input:</i> /kan/  | NO OBS CODA | DEP(V), MAX(C) | WD BIN |
|----------------------|-------------|----------------|--------|
| a. $\Rightarrow$ kan |             |                | *      |
| b. ka.nə             |             | *!             |        |
| c. ka                |             | *!             | *      |

## (32) Forma de Interlíngua: Monossilábica (vig)

| Input: /vig/      | NO OBS CODA | DEP(V), MAX(C) | WD BIN |
|-------------------|-------------|----------------|--------|
| a. vig            | *!          |                | *      |
| b. $\varphi$ vigə |             | *              |        |
| c. vi             |             | *              | *!     |

## (33) Forma de Interlíngua: Dissilábica (fealig)

| Input: /filig/    | NO OBS CODA | DEP(V),MAX(C) | WD BIN |
|-------------------|-------------|---------------|--------|
| a. filig          | *!          |               | *      |
| b. filigə         |             | *             | *!     |
| c. $\varphi$ fili |             | *             |        |

A forma nativa /kan/ de (31) satisfaz a restrição ranqueada mais alta, NO OBS CODA, como fazem seus competidores, com epêntese e apagamento. Entretanto, (b) e (c) são eliminados por violarem as restrições abaixo na hierarquia. Em (32), ou epêntese ou apagamento é exigido para mover a oclusiva da posição de coda. O candidato dissilábico (b), apesar de violar NO OBS CODA, é o vencedor. Na forma dissilábica de (33), /filig/, a forma fiel (a) é eliminada por NO OBS CODA. Vence a forma com apagamento (c), que satisfaz o requisito que palavras sejam dissilábicas.

Além do uso da epêntese e do apagamento no ajuste das estruturas do Inglês ao Mandarim, alguns falantes empregam a estratégia do desvozeamento. Para Broselow, Chen e Wang (1998: 274), esse também é um caso de emergência do não-marcado. As restrições envolvidas são **NO VOICED OBS CODA**— a coda de sílabas não pode conter obstruintes sonoras, e **IDENT VOI**— um segmento de *output* deve ser idêntico em vozeamento ao segmento correspondente de *input*.

No excerto abaixo, Broselow, Chen e Wang (1998: 276) comentam a escolha de alguns falantes, o desvozeamento, e, no *tableau* (34) ilustram a hierarquização das restrições citadas:

“...alguns falantes... escolheram o desvozeamento, o que indica que eles desenvolveram uma gramática de interlíngua que difere das gramáticas da língua materna e da língua-alvo... Porém, nós não dizemos que os aprendizes adquiriram uma regra presente nas gramáticas nativa ou da língua-alvo. Ao contrário, nós descrevemos isso como um re-ranqueamento de restrições que já estão presentes na sua gramática de língua materna. ...os falantes de Mandarim que empregam desvozeamento movem a restrição NO OBS CODA abaixo no ranqueamento, abaixo de NO OBS VOICED CODA e IDENT (VOI). Uma vez que NO VOICED OBS CODA é ranqueada mais alto que NO OBS CODA, a possibilidade de codas obstruintes surdas é introduzida”.

(34)

| <i>Input:</i><br><i>/vig/</i> | NO VOICED OBS CODA | MAX (C), DEP(V) | IDENT(VOI) | NO OBS CODA |
|-------------------------------|--------------------|-----------------|------------|-------------|
| a. $\varnothing$ vik          |                    |                 | *          | *           |
| b. vig                        | *!                 |                 |            | *           |
| c. vi                         |                    | *!              |            |             |
| d. vig $\varnothing$          |                    | *!              |            |             |

Broselow, Chen e Wang (1998: 277-279) declaram que, sob pressão de dados de interlíngua, os aprendizes constroem uma gramática com ranqueamentos que diferem da língua materna: efeitos estruturais que não são visíveis na língua nativa ou na língua-alvo podem ganhar visibilidade na interlíngua. Pela OT, reforça-se que a GU dota os falantes com um conjunto de restrições universais. GEN oferece as possibilidades de modificações na representação subjacente por epêntese, apagamento ou desvozeamento. Assim, “a tendência dos aprendizes para estruturas menos marcadas em gramáticas de interlíngua pode ser vista como efeitos de restrições universais”.

Nos Estudos Crioulos, Alber e Plag (2000: 813-836) tratam da epêntese, apagamento e emergência dos candidatos ótimos na estrutura silábica do crioulo inglês Sranan pela OT, cogitando a contribuição do superestrato, substrato e universais na formação das sílabas crioulas. De início, no estudo do processo de epêntese (ou inserção), Alber e Plag (2000: 813-815) esclarecem que ele ocorre somente em final de palavra, como ilustrado por *top* > *tapu* e *walk* > *waka*.

No final de palavras, o Sranan ajusta consoantes inglesas por meio de vogal epentética. Todavia, “as sílabas de Sranan quase nunca terminam em consoante diferente de uma nasal, nem no interior de palavra, nem na extremidade da palavra”. Isso é resultado da restrição dominante **CodaCond**— só nasais são codas possíveis. A epêntese deve-se ao fato de a restrição **Dep** (que proíbe epêntese) ser ranqueada mais baixa do que a restrição **Max** (que proíbe apagamento).

O processo de apagamento pode acontecer no início, no meio e no final de palavra, de acordo com os exemplos selecionados dentre os citados por Alber e Plag (2000: 816, 822), em que as palavras inglesas são modificadas em Sranan. No início: *speak* > *piki*, *stand* > *tand*, *story* > *tori*. No meio: *nastly* > *nasi* (st > s), *sister* > *sisá* (st > s). E no final: *haste* > *hesi*, *soft* > *safu*. Normalmente, enquanto que em inglês ocorrem onsets complexos, grupos consonantais são apagados em Sranan. Todavia, como notado no nome — **S(C1)r(c2)anan** — a mesma não proíbe onsets complexos.

Grupos consonantais complexos, como “st” em *strong* → *tranga*, são apagados, porque essa seqüência de sonoridade pode ter sido interpretada como ruim pelos criadores do Sranan, pois a sonoridade do onset diminui rumo ao pico, violando o Princípio de Seqüência de Sonoridade ( **SSP** ):

**Princípio de seqüência de sonoridade (SSP)**— Sonoridade deve aumentar em direção ao PICO;

**Hierarquia de sonoridade:** Oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < vogais.

Geralmente, Sranan escolhe o apagamento de C1 (*strong* → *tranga*) para evitar diminuição da sonoridade no início de palavra dentre as outros procedimentos também possíveis para resultarem no mesmo efeito— apagamento de C2 (*strong* → *sranga*) e epêntese (*strong* → *sitranga*). Nesse processo, Alber e Plag (2000: 824) seguem McCarthy e Prince (1995) para definir as restrições:

**I-Contigüidade** = No Skip [salto, pulo]: 'nenhum apagamento interno!'

A porção de base [*input*, aqui] que está em correspondência forma uma série contígua.

**O-Contigüidade** = No Intrude [intrusão]: 'Nenhuma epêntese interna!'

A porção do *output* que está em correspondência forma uma série contígua.

Enquanto as restrições de Fidelidade são ranqueadas mais baixo, restrições estruturais como **SSP e CodaCond** são ranqueadas mais alto. Isso indica que essas últimas restrições são mais importantes na fonologia dessa língua do que as de Fidelidade. Em (35), é feita a avaliação da forma *strong*. Na seqüência, a análise dos candidatos pelos próprios autores (Alber e Plag, 2000: 826):

| (35) Base: <i>strong</i> | SSP | CODACOND | NO INTRUDE | NO SKIP | MAX | DEP |
|--------------------------|-----|----------|------------|---------|-----|-----|
| ☞ (a) <i>tranga</i>      |     |          |            |         | *   |     |
| (b) <i>sranga</i>        |     |          |            | *!      | *   |     |
| (c) <i>sitranga</i>      |     |          | *!         |         |     | *   |
| (d) <i>stranga</i>       | *!  |          |            |         |     |     |
| (e) <i>i.stranga</i>     | *!  |          |            |         |     | *   |
| (f) <i>is.tranga</i>     |     | *!       |            |         |     | *   |

“A alta hierarquia do princípio de seqüência de sonoridade garante que o grupo consonantal inicial [St] não sobreviva. Então, embora fiel ao input *strong*, o candidato (d) deve falhar. Os candidatos (b) e (c) obedecem ao SSP, mas cada um viola uma restrição de contigüidade. O candidato (b) apaga uma consoante medial de palavra, violando NoSkip. No candidato (c), a vogal epentética rompe a seqüência de segmentos no *oupu*., violando NoIntrude. Os candidatos (e) e (f) mostram que a epêntese na extremidade de palavra, embora útil para evitar violações de CodaCond, não é uma estratégia possível

aqui. Não importa quão baixo Dep é ranqueado.... candidato (e) é eliminado por uma violação a SSP e o candidato (f) porque a primeira sílaba tem uma coda que não é uma nasal”.

No apagamento de grupo consonantal em posição final de palavra, ocorre quase o mesmo que em início de palavra. Em **haste** > **hesi** (Alber e Plag, 2000: 827), vêm-se as mesmas estratégias: ou uma das duas consoantes é apagada ou uma consoante epentética é inserida. No *tableau* (36), o grupo consonantal [st] não será preservado por violar SSP (d) e condição de coda (e). As soluções de epêntese interna (b) ou apagamento (c) violam as duas restrições de Contigüidade. A solução para satisfazer as restrições ranqueadas altas é apagar /t/, como em (a):

(36)

| Base: <i>haste</i> | SSP | CODACOND | NO INTRUDE | NO SKIP | MAX | DEP |
|--------------------|-----|----------|------------|---------|-----|-----|
| ☞ (a) hesi         |     |          |            |         | *   |     |
| (b) heti           |     |          |            | *!      | *   |     |
| (c) hesiti         |     |          | *!         |         |     | *   |
| (d) he.sti         | *!  |          |            |         |     |     |
| (e) hes.ti         |     | *!       |            |         |     |     |

Nesse estudo da reestruturação de sílabas em criouliização, Alber e Plag (2000: 836-837) compararam as primeiras palavras ou as mais antigas do Sranan com seu étimo inglês, chegando à conclusão de que a ocorrência de epêntese em alguns ambientes e apagamento em outros resultam da complexa interação de restrições de Marcação e de Fidelidade. Além disso, eles avaliam a contribuição do superstrato, do substrato e dos universais lingüísticos na composição dessa língua:

“...o ranqueamento alto de restrições estruturais universais é responsável pela emergência de sílabas bastante simples, o que dá ao fenômeno seu sabor universal. O ranqueamento alto de restrições estruturais na hierarquia é transferido das línguas de substrato, com a finalidade de que aspectos de gramática africana sejam impostos nas palavras inglesas de base. Porém, quando restrições de estrutura da sílaba permitirem-no, o *output* inglês é fielmente preservado. O superestrato, em suma, fornece o material segmental no qual operam as restrições estruturais e restrições de fidelidade”.

O último estudo desse item é o de Singler (2000: 335-351) sobre a restrição de Palavra Mínima no Inglês Liberiano Vernáculo (VLE) — VLE da Costa e VLE do Interior — pela OT. Para o autor, na fonologia de um Pidgin/Crioulo (PC), o *input* vem da língua lexificadora, “as restrições que governam o *output* do PC são parte de Gramática Universal e o ranqueamento dessas restrições nos PC vem em

parte ou completamente das línguas de substrato do PC” (Singler, 2000: 339). Neste estudo, são assumidas as seguintes restrições da Teoria de Correspondência e de Fidelidade:

- MAX** Todo segmento do *input* tem um correspondente no *Output* (isto é, nenhum apagamento fonológico).
- DEP** Todo segmento do *output* tem um correspondente no *Input* (isto é, nenhum segmento epentético).
- DEP-C** Toda consoante do *output* tem um correspondente no *Input* (isto é, nenhuma consoante epentética).
- DEP-V** Toda vogal do *output* tem um correspondente no *Input* (isto é, nenhuma vogal epentética).
- Adicionalmente:** **ONS-** Sílabas devem ter Onsets.  
**NOCODA-** Sílabas são abertas.

No VLE do Interior há uma exigência de palavra mínima, a restrição MINIMALITY ou **MIN** — “palavras prosódicas (PrWd) não podem ser menores do que duas sílabas” (Singler, 2000: 340). No *tableau* (37) demonstra-se que “embora MIN exija que palavras sejam minimamente dissílabicas, quando o *input* tem a forma CV, outras restrições dominam MIN, como DEP-C e ONS”:

(37) **VLE do Interior** /du/ para 'to do'

|       | DEP-C | ONS | MIN | DEP-V | MAX |
|-------|-------|-----|-----|-------|-----|
| ☞ du  |       |     | *   |       |     |
| du.i  |       | *!  |     | *     |     |
| du.ti | *!    |     |     | *     |     |

No *tableau* (38), pode-se observar que a restrição MIN é dominante na hierarquia do VLE do Interior. O candidato gramatical ou ótimo, é aquele que contém uma vogal paragógica no *output*.

(38) **VLE do Interior** /tek/ para 'take'

|         | NOCODA | MIN | DEP-V | MAX |
|---------|--------|-----|-------|-----|
| ☞ te.ke |        |     | *     |     |
| te      |        | *!  |       |     |
| tek     | *!     | *!  |       |     |

No *tableau* (39), na página seguinte, evidencia-se que o candidato ótimo em VLE da Costa não é a forma dissilábica “teke”, e, sim, a monossilábica “te”. Nessa variedade, então, “a resposta ótima para consoantes inglesas de coda é eliminá-las do *output*”.

(39) **VLE da Costa** /tek/ para 'take'

|       | NOCODA | DEP | MIN | MAX |
|-------|--------|-----|-----|-----|
| te    |        |     | *   | *   |
| tek   | *!     |     | *   |     |
| te.ke |        | *!  |     |     |

Singler (2000: 342) registra a diferença crucial entre VLE da Costa e do Interior: “não importa quão basiletal a gramática de VLE da Costa seja, vogais epentéticas nunca são adicionadas no final de palavras... em VLE do Interior, vogais epentéticas finais de verbos acontecem freqüentemente..”. Essas vogais só ocorrem em verbos, ao passo que, em VLE da Costa, com verbos e qualquer outra classe de palavras. Os dados abaixo ilustram o comentado nesse parágrafo:

#### VLE da Costa

##### Verbos

Mi 'to meet'  
fɔ 'to flog'

##### Não-Verbos

mi 'meat'  
frɔ 'frog'

#### VLE do Interior

##### Verbos

mi.ti 'to meet'  
fɔ.ge 'to flog'

##### Não-Verbos

mi 'meat'  
frɔ 'frog'

Nos verbos do VLE do Interior, os dados sugerem o ranqueamento alto de MIN na hierarquia. Então, se adicionaria a restrição **MIN-VERB** — “um verbo não pode ser menor do que duas sílabas”. Porém, Singler (2000: 344) argumenta que ser preciso observar a história do VLE para entender o fato:

“...porque VLE evoluiu por um período de um a dois séculos na costa antes de se estender ao interior, vem a ser apropriado olhar para o VLE da Costa e as línguas de substrato influenciando-o. Os substratos mais importantes para o VLE da Costa são as línguas Kru, especialmente Bassa e Klao. ... as do interior são Mande. Como as línguas Mande do interior, Bassa e Klao não permitem nenhuma consoante de coda, MIN é ranqueada muito baixo. As línguas Kru não exigem que PrWd seja minimamente dissilábica. A hierarquia de restrições em Bassa e Klao é.... [NOCODA » DEP » MIN, MAX"]. Essa mesma hierarquia serve para o VLE da Costa.’

A distribuição de consoantes inglesas de coda indica que o Inglês forneceu o *input* para VLE da Costa. Esse, por sua vez, forneceu o *input* para o VLE do Interior. Como não foi o Inglês diretamente, mas, sim, o VLE da Costa que forneceu esse *input* ao VLE do interior, os verbos são as únicas palavras cujos *inputs* têm coda consoantes nessa última variedade. Para Singler (2000: 345-346) isso descaracteriza a restrição Min-Verbo, porque o fato de os verbos serem as únicas palavras CVC é consequência histórica, expressa no *input* desses itens léxicos, não uma restrição sensível a categoria. Na conclusão, o autor afirma que o “VLE da Costa herdou seu ranqueamento de restrição de seu substrato Kru. O *output* de VLE da Costa, então, formou a base para o *input* para VLE Interior...”.

### 3.2.3. Variação e Mudança

Pela OT, como comenta McCarthy (2002: 15), “uma gramática é um ranqueamento específico de restrições em CON. Variação sincrônica ou diacrônica em uma língua, então, deve refletir diferenças no ranqueamento.” Contudo, a OT clássica apresenta uma hierarquização específica que dispõe de “recursos limitados para descrever processos opcionais”. Por isso, têm surgido vários estudos, modelos e propostas que possam contemplar a variação e mudança no âmbito da OT. Antilla (1995: 03), por exemplo, produz uma “tentativa de reconciliar variação e gerativa”<sup>11</sup>. O autor começa por explicar que a gramática de OT impõe ordem total nas restrições, como a que se vê no *tableau* (40a):

(40) **Tableau a:** A >> B, A >> C, B >> C

|                        | A | B  | C |
|------------------------|---|----|---|
| a. → cand <sub>1</sub> | * | *! |   |
| b. cand <sub>2</sub>   | * |    | * |

**Tableau b:** A >> C, A >> B, C >> B

|                        | A | C  | B |
|------------------------|---|----|---|
| a. → cand <sub>1</sub> | * |    | * |
| b. cand <sub>2</sub>   | * | *! |   |

<sup>11</sup> Muitos estudos em variação e mudança surgiram a partir da OT Clássica, como Kiparsky (1993) e Coetzee (2001) entre outros tantos não apresentados neste estudo, mas que podem ser encontrados no site [www.rutgers.edu](http://www.rutgers.edu).

No *tableaux* (40a), a ordem de dominância é  $A \gg B \gg C$ . Se duas variantes competem, a variante que incorre em violação mais alta perde. Nos dois *tableaux*, uma gramática única corresponde a dois *tableaux* — o *cand2* vence no *tableau* (a), e *cand1* no *tableau* (b). Removendo-se o ranqueamento  $B \gg C$  de (40a), obtém-se uma gramática parcialmente ordenada, em que B não é mais ranqueado com relação a C em (40b). Antilla (1995: 11), então, supõe que se a gramática é capaz de permitir tais ranqueamentos, também permite seus *outputs*, isto é, prediz variação.

McCarthy (2002: 15), seguindo na mesma direção, apresenta a dominância de restrições  $[[C1 \gg \{C2, C3\}]]$ , em que  $[[C1 \gg C2 \gg C3]]$  ou que  $[[C1 \gg C3 \gg C2]]$ , e destaca que, a cada vez, “um *input* é selecionado para um *output*”. E, assim, a gramática produz variação. Em outra obra, Antilla e Cho (1998: 31-53) analisaram a geração de três sistemas (dialetos) invariantes A, B, C derivados da queda e da subida dos *r* ingleses. As restrições atuantes utilizadas no estudo descrito (Antilla e Cho, 1998: 35-36) foram: ONSET — “Sílabas tem inícios”, \*CODA — “Sílabas não têm codas” e FAITH — “Não apague, não insira”. As diferentes hierarquias estão presentes nos três *tableaux* de (41).

(41)

| Dialeto A          | FAITH | *CODA | ONSET |
|--------------------|-------|-------|-------|
| a. → Wanda left    |       |       |       |
| Wanda[r] left      | *!    | *     |       |
| b. → Homer left    |       | *     |       |
| Home<r> left       | *!    |       |       |
| c. → Wanda arrived |       |       | *     |
| Wanda[r] arrived   | *!    |       |       |
| d. → Homer arrived |       |       |       |
| Home<r> arrived    | *!    |       | *     |

| Dialeto B          | *CODA | FAITH | ONSET |
|--------------------|-------|-------|-------|
| a. → Wanda left    |       |       |       |
| Wanda[r] left      | *!    | *     |       |
| b. → Homer left    | *!    |       |       |
| Home<r> left       |       | *     |       |
| c. → Wanda arrived |       |       | *     |
| Wanda[r] arrived   |       | *!    |       |
| d. → Homer arrived |       |       |       |
| Home<r> arrived    |       | *!    | *     |

| Dialeto C          | *CODA | ONSET | FAITH |
|--------------------|-------|-------|-------|
| a. → Wanda left    |       |       |       |
| Wanda[r] left      | *!    |       | *     |
| b. → Homer left    | *!    |       |       |
| Home<r> left       |       |       | *     |
| c. → Wanda arrived |       | *!    |       |
| Wanda[r] arrived   |       |       | *     |
| d. → Homer arrived |       |       |       |
| Home<r> arrived    |       | *!    | *     |

A hipótese básica da OT é a de que toda restrição é ranqueada com respeito a todas as outras. Em (41), as restrições interagem em três hierarquias: (a) \*CODA >> ONSET, (b) \*CODA >> FAITH e (c) ONSET >> FAITH, e em um *tableau* único: \*CODA>>ONSET>>FAITH. Para detectar ordens parciais implícitas no conjunto dos ordenamentos totais, vai-se removendo os ranqueamentos um por um “até que o conjunto esteja vazio”. O inventário de gramáticas resultante caracteriza uma espécie de “semi-inventário onde cada nó é uma ordem parcial” (Cf. Antilla e Cho, 1998: 36-37).

A teoria de gramáticas parcialmente ordenadas ou Teoria do Ordenamento Parcial prediz que “o conjunto de gramáticas possíveis inclui sistemas invariantes e variáveis, sendo “esses tipos de gramáticas nós no inventário gramatical. Em alguns tipos, o ranqueamento converge em um vencedor (invariância), em outros várias soluções são achadas (variação)” (Antilla e Cho, 1998: 40).

Por esse modelo, pode-se também visualizar a mudança atravessando o inventário gramatical (Antilla e Cho, 1998: 41): “o caminho de mudança passa por duas gramáticas parcialmente ordenadas com *outputs* variáveis” e, “devido a fatores externos como sobreposição generacional, a língua tende a mudar, não por saltos de uma gramática invariante para outra, mas por séculos de variação, com dialetos adjacentes temporariamente diferindo um do outro minimamente”. Por fim, Antilla e Cho (1998: 54) concluem que as restrições e hierarquias da OT, combinadas com a teoria do ordenamento parcial, favorecem o modelo para tratamento de fenômenos categóricos e variáveis nas gramáticas.

No estudo do Apagamento em final de palavra em Faetar, dialeto Franco-provençal falado ao sul da Itália, Nagy e Reynolds (1994: 37) propõem restrições flutuantes (Floating Constraints (FCs)) na hierarquia, ou seja, restrições específicas que podem, dentro de uma gramática única, se localizar em

qualquer lugar da hierarquia. Para os autores, foi preciso acrescentar essa noção à Teoria da Otimidade (OT) para acomodar formas oriundas de falantes individuais.

As restrições flutuantes podem mudar “em relação a um subconjunto de outras restrições cujo ranqueamento é fixado, permitindo que formas diferentes sejam ótimas em diferentes ranqueamentos”, conforme Nagy e Reynolds (1994: 39). Eles acrescentam que, embora a OT padrão apresente inflexibilidade, é possível “mostrar que se pode expandir para incluir formas variantes dentro de uma gramática única” e que “não é um grande salto estender a teoria para permitir alguma variação no seu ranqueamento a fim de responder pela variação inerente entre os falantes de uma língua”.

Abaixo, Nagy e Reynolds (1994: 41-43) listam restrições na estrutura prosódica do Faetar:

**ALIGN PROSODIC WORD** (ALign-PrWd): A extremidade direita de uma palavra prosódica coincide com a extremidade direita da sílaba-cabeça [sílaba acentuada principal].

**PARSE** (PARSE): Todo material segmental deve ser analisado gramaticalmente [deve emergir].

**LEXICAL WORD** ≈ **PROSODIC WORD** (Lx=Pr): Toda palavra lexical corresponde a uma palavra prosódica.

\***AMBISSILABILITY** (\*AMBI): os segmentos não podem ser simultaneamente licenciados pela coda de uma sílaba e o onset da sílaba seguinte

\***COMPLEX CODA** (\*CxCod): Um grupo consonantal ou valores múltiplos para uma dado traço traço podem não aparecer em codas de sílaba, exceto no final de palavras.

**FILL**: Epêntese não é permitida.

\***COMPLEX ONSET** (\*CxONS): Um grupo consonantal de consoantes ou valores múltiplos para um dado traço não podem aparecer em onsets de sílabas, exceto no início de palavras.

**NO CODA** (\*Coda): Sílabas não têm codas [consoantes finais].

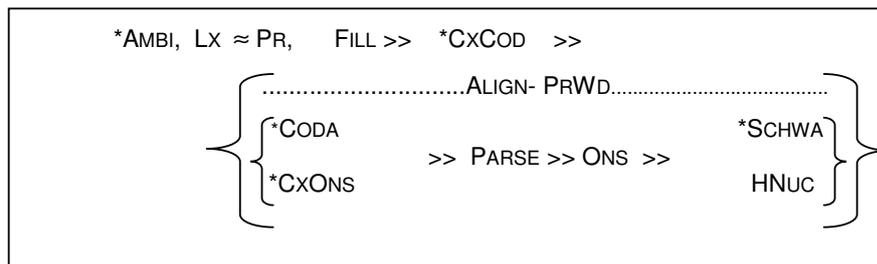
**ONSET**(Ons): Sílabas têm onset [consoante inicial].

**HARMONIC NUCLEUS** (HNuc): Um núcleo de sonoridade mais alta é mais harmônico do que um núcleo de sonoridade mais baixa.

**SCHWA**: Núcleos de sílabas átonas não são analisados gramaticalmente [*parsed*].

Na concepção de Nagy e Reynolds (1994: 43) as restrições não se encaixam dentro de um único ranqueamento, porque existem restrições ancoradas normais e FCs ranqueadas, como no quadro (43). Logo após, os autores (1994: 43) comentam a composição do referido quadro, que, aqui, encontra-se representado na página seguinte:

(43)



“\*Ambi, LX ≈ PR, Fill, e \*CxCod são restrições fixadas, cujos ranqueamentos relativos nunca variam. ALIGN-PrWd é uma restrição flutuante que pode aparecer em qualquer posição dentro de seu domínio, isto é, adjacente a qualquer uma das restrições ancoradas listadas embaixo dela (\*Coda, \*CxOns, PARSE, Ons, \*Schwa, HNuc). \*Coda também é uma restrição flutuante cujo domínio é \*CxOns. Ela pode ser ranqueada ou acima ou abaixo de \*CxOns. Igualmente, \*Schwa é uma restrição flutuante cujo domínio é HNuc”.

Os *tableaux* reunidos em (44) — (1- 2, 9 -10) — foram elaborados por Nagy e Reynolds (1994: 44-45). Neles, é possível observar a movimentação e a interação das restrições flutuantes \*CODA e ALIGN-PrWd (em (9) e (10)) com as restrições ancoradas, fixadas na hierarquia:

(44)

| Tableau 1<br>/bró.kə.lə/ | LX-PR | FILL | ALIGN<br>PRWD | *CXONS | *CODA | PARSE | ONS | *SCHWA | HNUC |
|--------------------------|-------|------|---------------|--------|-------|-------|-----|--------|------|
| ☞ brok                   |       |      |               |        | *     | ***   |     |        |      |
| bró.kə                   |       |      | *!            |        |       | **    |     | *      |      |
| bró.kl                   |       |      | *!            |        |       | **    |     |        | *    |
| bró.kə.lə                |       |      | **!           |        |       |       |     | **     |      |
| bró.kəl                  |       |      | *!            |        | *     | *     |     | *      |      |
| bró.klə                  |       |      | *!            | *      |       | *     |     | *      |      |

| Tableau 2<br>/bró.kə.lə/ | LX-PR | FILL | ALIGN<br>PRWD | *CODA | *CXONS | PARSE | ONS | *SCHWA | HNUC |
|--------------------------|-------|------|---------------|-------|--------|-------|-----|--------|------|
| ☞ brok                   |       |      |               | *     |        | ***   |     |        |      |
| bró.kə                   |       |      | *!            |       |        | **    |     | *      |      |
| bró.kl                   |       |      | *!            |       |        | **    |     |        | *    |
| bró.kə.lə                |       |      | **!           |       |        |       |     | **     |      |

| Tableau 9<br>/bró.kə.lə/ | LX-PR | FILL | *CXONS | *CODA | ALIGN<br>PRWD | PARSE | ONS | *SCHWA | HNUC |
|--------------------------|-------|------|--------|-------|---------------|-------|-----|--------|------|
| brok                     |       |      |        | *!    |               | ***   |     |        |      |
| bró.kə                   |       |      |        |       | *             | **    |     | *!     |      |
| ☞bró.kl                  |       |      |        |       | *             | **    |     |        | *    |
| bró.kə.lə                |       |      |        |       | **!           |       |     | **     |      |

| Tableau 10<br>/bró.kə.lə/ | LX-PR | FILL | *CODA | *CXONS | ALIGN<br>PRWD | PARSE | ONS | *SCHWA | HNUC |
|---------------------------|-------|------|-------|--------|---------------|-------|-----|--------|------|
| brok                      |       |      | *!    |        |               | ***   |     |        |      |
| bró.kə                    |       |      |       |        | *             | **    |     | *!     |      |
| ☞bró.kl                   |       |      |       |        | *             | **    |     |        | *    |
| bró.kə.lə                 |       |      |       |        | **!           |       |     | **     |      |

Doravante, passa-se ao estudo de Collischonn (2000: 285-318) sobre a epêntese vocálica no Português do Sul do Brasil, na parte em que a autora (Collischonn, 2000: 297) inclui a variação, usando a Teoria de Ordenamento Parcial de Antilla e Cho (1998) e Restrições Flutuantes de Nagy e Reynolds (1994). Abaixo, citam-se algumas das restrições utilizadas por Collischonn (2000: 300-304):

#### Restrições da sílaba

**Coda-Condition:** a Coda pode ter somente [-vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal].

**Depl/O:** todos os segmentos/traços da saída têm correspondente idêntico no *input*.

Esta é uma família de restrições da qual retemos apenas DEPnuc.

**Maxl/O:** todos os segmentos/traços da *input* têm correspondente idêntico na saída.

#### Restrições de acento

**PÉ (ALINH<sub>cab-esa</sub>):** a cabeça de um pé deve estar alinhada à borda esquerda do mesmo, ou seja, o pé é troqueu) (chamaremos aqui sucintamente apenas PÉ).

**PARSE<sub>☞</sub>:** todas as sílabas fazem parte de pés

**ALINH<sub>pé-dir</sub>:** os pés estão tão próximos da borda direita da palavra quanto possível (numa atribuição múltipla de pés haverá fatalmente violações dessa restrição)

**ROOTING :** palavras têm acento ou, pelo menos, um acento por palavra (Hammond, 1997).

Nas realizações variáveis da Epêntese no sul do Brasil, Collischonn (2000: 312) conjectura que, para explicar a realização do *ouput* [mó.gi.no] para 'mogno', ou de [mag.ná.ta] para 'magnata', é

preciso que **Coda-Cond** e **DepNuc** estejam parcialmente ordenadas (Anttila: 1997), isto é, “totalmente ordenadas em relação a todas as outras restrições, mas incompletamente ordenadas uma em relação à outra”. Para tanto, são gerados dois *tableaux* em (45), com um candidato ótimo [←] em cada: “[ma.gi.(ná.ta)] (com epêntese) e [mag.(ná.ta)] (sem epêntese)”.

(45) a. **Coda-Cond » DEPnuc**

| /magnata/          | Sonor: | Max | BINPÉ | PÉ | ALIGN<br>H PÉ-DIR | Coda-Cond | DepNuc | NoCoda | PARSE <sup>σ</sup> |
|--------------------|--------|-----|-------|----|-------------------|-----------|--------|--------|--------------------|
| ↻ a. mag.(ná.ta)   |        |     |       |    |                   | *         |        | *      | *                  |
| ← b. ma.gi.(ná.ta) |        |     |       |    |                   |           | *      |        | **                 |
| c. (ma.gi)(ná.ta)  |        |     |       |    | *                 |           |        |        |                    |
| d. ma_(ná.ta)      |        | *   |       |    |                   |           |        |        |                    |
| e. ma.(gná.ta)     | *      |     |       |    |                   |           |        |        |                    |

b. **DEPNuc » Coda-Cond**

| /magnata/          | Sonor: | Max | BINPÉ | PÉ | ALIGN<br>H PÉ-DIR | DepNuc | Coda-Cond | NoCoda | PARSE <sup>σ</sup> |
|--------------------|--------|-----|-------|----|-------------------|--------|-----------|--------|--------------------|
| ← a. mag.(ná.ta)   |        |     |       |    |                   |        | *         | *      | *                  |
| ↻ b. ma.gi.(ná.ta) |        |     |       |    |                   | *      |           |        | **                 |
| c. (ma.gi)(ná.ta)  |        |     |       |    | *                 |        |           |        |                    |
| d. ma_(ná.ta)      |        | *   |       |    |                   |        |           |        |                    |
| e. ma.(gná.ta)     | *      |     |       |    |                   |        |           |        |                    |

O candidato [magnata] surge da inversão de ordem entre Coda-Cond e DEPnuc. Para ‘mogno’, a inversão nas restrições não resolve. A forma “[mó.gi.no] com epêntese não surge como ótima num *tableau* em que DEPnuc domina Coda-Cond por ser bloqueada pelas restrições de acento ([mog.no] permanece sendo a forma ótima)” (Collischonn, 2000: 313). É a representação de (46).

(46) **DepNuc >> Coda-Cond**

| /mɔɡno/         | SONOR: | MAX | BINPÉ | PÉ | ALIGN<br>H PÉ-DIR | DepNuc | Coda-Cond | NoCoda | PARSE <sup>σ</sup> |
|-----------------|--------|-----|-------|----|-------------------|--------|-----------|--------|--------------------|
| ← a. .(móg.no)  |        |     |       |    |                   |        | *         | *      |                    |
| b. .(mó.gi)(no) |        |     | *     | *  | *                 | *      |           |        |                    |
| ↻ c. (mó.gi.no) |        |     | *     |    |                   | *      |           |        |                    |
| d. (mó_ no)     |        | *   |       |    |                   |        |           |        |                    |
| e. (mó.gno)     | *      |     |       |    |                   |        |           |        |                    |
| f. (mó.gi)no    |        |     |       |    | *                 | *      |           |        | *                  |

Entretanto, se a restrição Coda-Cond subir na hierarquia, o candidato (f) [mó.gi.no] é alçado à condição de forma ótima nessa gramática, como demonstrado em (47).

(47) **Coda-Cond » ALINH pé-dir**

| /mɔŋno/         | SONOR: | MAX | BINPÉ: | PÉ | Coda-Cond | ALIGN<br>H PÉ-DIR | DepNuc | NoCoda | PARSE <sup>σ</sup> |
|-----------------|--------|-----|--------|----|-----------|-------------------|--------|--------|--------------------|
| ☞ a. . (móg.no) |        |     |        |    |           |                   |        | *      |                    |
| b. .(mó.gi)(no) |        |     | *      | *  | *         | *                 | *      |        |                    |
| c. (mó.gi.no)   |        |     | *      |    |           |                   | *      |        |                    |
| d. (mó._no)     |        | *   |        |    |           |                   |        |        |                    |
| e. (mó.gno)     | *      |     |        |    |           |                   |        |        |                    |
| ☛ f. (mó.gi)no  |        |     |        |    |           | *                 | *      |        | *                  |

A proposição de Collischonn (2000: 314) é a de que a variação no *output* da epêntese não é efeito do ordenamento parcial de **Coda-Cond** somente em relação a **DepNuc**, como suposto, mas que seja resultado da flutuação de Coda-Cond, que se move ao longo da hierarquia, por exemplo, entre PÉ e NoCoda. Assim, a autora considera **Coda-Cond** como restrição flutuante, e as outras restrições, ancoradas na hierarquia. Desse modo, são gerados três *tableaux* com as posições de deslocamento de Coda-Cond para cada forma, todos “com um candidato ótimo em cada um”.

Ao final, Collischonn (2000: 315) reitera que, no caso da variação, o processo de epêntese resulta dos movimentos da restrição flutuante Coda-Cond em relação às demais restrições ancoradas (fixas). No quadro a seguir, podem ser observadas as posições de Coda-Cond na hierarquia:

Sonor/MAXI/O » BINPÉ/PÉ » ALINH pé-dir » DepNuc » Coda-Cond » NoCoda » PARSE<sup>σ</sup>

Sonor/MAXI/O » BINPÉ/PÉ » ALINH pé-dir » Coda-Cond » DepNuc » NoCoda » PARSE<sup>σ</sup>

Sonor/MAXI/O » BINPÉ/PÉ » Coda-Cond » ALINH pé-dir » DepNuc » NoCoda » PARSE<sup>σ</sup>

No caso da mudança lingüística pela OT, que quase sempre é um processo estudado na perspectiva diacrônica, Lee e Oliveira (2003: 73) reproduzem o *tableau* (abaixo) e relatam como esse fenômeno pode ser explicado pela Teoria da Otimidade sob a ótica de Cho (1998, apud. MCCARTHY, 2002): “a mudança lingüística passa por três etapas - na primeira etapa, a restrição A domina a restrição B (A » B); na segunda etapa essa dominância é dissolvida (A:B), criando-se a variação; por último, a restrição B domina a restrição A (B»A), caracterizando-se a mudança.”

|                  | A | B | C |
|------------------|---|---|---|
| ☞ a. Candidato 1 | * | * |   |
| ☞ b. Candidato 2 | * |   | * |

Nos estudos específicos sobre variação e mudança na perspectiva diacrônica, ressaltam-se algumas passagens dos trabalhos de Bermúdez-Otero (1996) e de Jacobs (1995). Em comum, ambos os autores consideram o re-ranqueamento de restrição (RR), como “mecanismo principal de mudança de língua”. Por seu turno, Bermúdez-Otero (1996: 02) define mudança de língua como “uma função que relaciona dois estados sucessivos de uma gramática  $G$  —  $G^a$  e  $G^b$  —, assumindo que  $G^a$  e  $G^b$  devem ser cronologicamente adjacentes, isto é, não separados por um estado interveniente distinto de  $G$  caracterizado por formas de superfície diferentes das de  $G^a$  e  $G^b$ ”.

Bermúdez-Otero (1996: 2) argumenta que ,para haver gradualidade na mudança, a Gramática Universal deve fixar “um limite ao número de restrições que podem ser reranqueadas por um único exemplo de mudança de língua. Caso contrário, os conjuntos de formas de superfície gerados por  $G^a$  e  $G^b$  poderiam diferir ao ponto de causar um desarranjo de comunicação entre gerações”. O autor (1996: 05) acrescenta que, “entre duas fases históricas sucessivas quaisquer, diferentes, não-variáveis, intervirá um período de variação livre”, conforme suposição anterior de Antilla (1995).

Jacobs (1995: 1-13), no estudo da passagem do Galo-Românico ao Francês Antigo, argumenta que as evoluções silábicas podem ser descritas como re-ranqueamento da restrição ALIGN (Stem, R,  $\sigma$ , R) — “a extremidade direita final do radical deve corresponder à extremidade direita final de uma sílaba” — abaixo das restrições que definem codas possíveis. Essa ranqueada mais baixo, e ALIGN (Word, R,  $\sigma$ , R) — “a extremidade direita final de uma palavra morfológica deve corresponder à extremidade direita final de uma sílaba” — ranqueada mais alto, geram a situação propícia para que grupos consonantais finais de sílaba sejam realizados em final de palavras, mas não no interior delas.

Nos *tableaux* (a) e (b) abaixo, encontram-se a representação do que foi dito:

| (a) /chefs/ | Align(Word, R, $\sigma$ , R) | Align(Stem, R, $\sigma$ , R) | Fill | -COD | PARSE |
|-------------|------------------------------|------------------------------|------|------|-------|
| f<s>.       | *!                           |                              |      | *    | *     |
| <f><s>.     | *!                           | *                            |      |      | **    |
| <f>s.       |                              | *!                           |      |      | *     |
| ☞ fs.       |                              |                              |      | *    |       |

| (b) /chefs/         | Align(Word, R, $\sigma$ , R) | Fill | -COD | PARSE | ALIGN (Stem, R, $\sigma$ , R) |
|---------------------|------------------------------|------|------|-------|-------------------------------|
| f<s>.               | *!                           |      | *    | *     |                               |
| <f><s>.             | *!                           |      |      | **    | *                             |
| $\Rightarrow$ <f>s. |                              |      |      | *     | *                             |
| fs.                 |                              |      | *!   |       |                               |

Nas linhas abaixo, a despeito da alteração necessária de números e letras das restrições originais para adequar-se ao conteúdo deste texto, transcreve-se o comentário de Jacobs (1995: 12) relativamente aos dois *tableaux* supracitados:

“O candidato ótimo em (a) é o que não implica violações à restrição ALIGN (Stem, R,  $\sigma$ , R) ou à restrição ALIGN (Word, R,  $\sigma$ , R). O último candidato, no qual a extremidade final do radical corresponde à extremidade de sílaba (pela silabificação do final do radical) e no qual a extremidade morfológica corresponde à extremidade de sílaba (pela silabificação do s de final de palavra), é o candidato ótimo. Todos os outros possíveis candidatos em (a) são eliminados como resultado da violação à restrição ALIGN (Word, R,  $\sigma$ , R) ou à restrição ALIGN (Stem, R,  $\sigma$ , R). Em (b), pelo ranqueamento baixo da restrição de ALIGN (Stem, R,  $\sigma$ , R), o candidato ótimo é o que não exige violação da restrição ranqueada mais alto ALIGN (Word, R,  $\sigma$ , R)... . O terceiro candidato não viola a restrição ALIGN (Word, R,  $\sigma$ , R) nem as restrições FILL ou -COD (coda **s** sendo permissível). Os outros candidatos em (b) são eliminados por violarem três restrições ranqueadas mais alto. O ranqueamento de restrição em (a) é o que assumiremos para o Galo-Românico e o Francês Antigo, e o ranqueamento em (b) para o Francês Antigo do século XII. A evolução da estrutura da sílaba pode ser, então, justificada pelo re-ranqueamento de restrição”.

Por fim, tendo especificado o modelo teórico de análise neste capítulo, e dado exemplos de sua aplicação em campos (co-)relacionados, encaminha-se ao capítulo seguinte para o estudo da fonologia do Caboverdiano pela Teoria da Otimidade (OT).

#### IV. FONOLOGIA DO CABOVERDIANO

---

“Ta kontise ki lingua é um kusa bibu, dinámiku y, purtantu, sénpri ku tendénsa pa mudánsa”.

(Manuel Veiga)

#### **4.0. Introdução**

Interpretar o homem e sua ação no mundo por meio das palavras implica, muitas das vezes, analisar a língua e a trajetória de contato dos povos, seus contextos de produção de linguagem e os esforços empreendidos na tarefa de se compreender e de se fazer compreendido. Nesse desvendar do intrincado conjunto de sons, arranjos e rearranjos de significantes e significados, uma análise de cunho estrutural é imprescindível, complementada pelos fatos sociohistóricos fundamentais. Por essa razão, neste capítulo, primacialmente, procede-se à análise de aspectos lingüísticos do Caboverdiano, e, secundariamente, discutem-se aspectos sociohistóricos e teóricos correlacionados. Tal conjunção assoma-se imprescindível no estudo da fonologia dessa língua.

O presente capítulo compreende os itens (4.1) e (4.2). Em (4.1) — Contexto Geral — expõem-se estudos sobre o Caboverdiano, e descrevem-se aspectos fonológicos gerais dessa língua. Em (4.2.) — Contexto Específico pela Teoria da Otimidade —, analisam-se a sílaba (4.2.1.) e o acento (4.2.2.) por meio da hierarquia e da interação entre as restrições da OT. Completa-se a seção com a questão da Unidade e Variedade (4.2.3.) nos aspectos sociolingüísticos e teóricos correlacionados.

#### 4.1. Contexto Geral

Como primeiro passo nesta seção, resolveu-se destacar alguns estudos que representam o caminho trilhado na descrição e explicação da fonologia do Caboverdiano. Dos estudos dialetológicos aos estruturalistas e gerativistas, essa é uma pequena amostra das obras que co-habitam o universo da literatura empírica e especializada sobre a fonologia da língua de Cabo Verde.

Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886) escreveram *O crioulo de Cabo Verde. Breves Estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo verde*, um dos primeiros estudos dialetológicos do Caboverdiano. Eles propõem-se à demonstrar as formas “aclimatadas” das palavras em cada uma das ilhas(i); regras e explicações relativas às diversas partes do discurso(ii); versão de um texto português em crioulo de cada uma das ilhas, provérbios e expressões idiomáticas(iii).

Antônio de Paula Brito (1887) é autor da primeira tentativa de descrição da gramática do Caboverdiano, *Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde*, escrita em crioulo e português. Na fonologia, o autor trata dos sons e suas representações. Na morfologia, trata das classes de palavras. Nas “Variedades Crioulas”, encontram-se alguns nomes próprios(i), provérbios populares(ii), poesias(iii), adivinhações (iv), frases soltas(v) e vocabulário(vi).

Adolfo Coelho (1880) apresenta visão geral da fonologia, da morfologia e do léxico do Caboverdiano em *Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*, obra de cunho eminentemente filológico. No tópico Dialectos Portugueses, apresenta frases, adivinhações, observações fonéticas, morfológicas e lexiológicas, hipocorísticos de Santiago. Do Caboverdiano ao Santomense, passa às considerações gerais sobre o estado das línguas românicas fora da Europa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Essas três obras citadas integram o livro de Jorge Morais-Barbosa (1967), *Estudos Lingüísticos Crioulos*.

Baltasar Lopes da Silva (1957), com a obra *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, contribuiu significativamente com os estudos filológicos do Caboverdiano. O estudo descritivo-comparativo entre Sotavento e Barlavento oferece visão geral do falar Caboverdiano: fonemas e transformações ocorridas na passagem do português quinhentista para o crioulo, o léxico, a morfologia e a sintaxe do crioulo.

Maria Dulce de Oliveira Almada (1961) descreveu o crioulo da Ilha de São Vicente em *Cabo Verde — Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*, obra dividida em Fonética, Morfologia e Sintaxe. Em *Bilinguismo ou Diglossia* (1998), de natureza dissertativa, a autora dedica-se a temas relativos ao Caboverdiano falado e escrito do século XX, como nos textos “Em Cabo Verde, a vida decorre em Crioulo”, “A problemática da utilização das línguas nacionais”, entre outros.

Donaldo Macedo (1979), em *A Linguistic Approach to the Capeverdean Language*, produz estudo de natureza gerativista, contemplando a pidginização e criouliização no Caboverdiano (diacronia), e as regras que governam o sistema fonológico dessa língua (sincronia). Ao discutir a estrutura fonêmica, e identificar fonemas e alofones, Macedo (1979: 87) defende ortografia uniforme para o Caboverdiano, baseando-se em princípios fonéticos, que argumenta serem de ordem política e social.

Manuel Veiga, um dos autores mais representativos da produção caboverdiana atual, escreveu *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdiana* (1982), destacando as ilhas de Santiago, Fogo, São Vicente e Santo Antão<sup>2</sup>. A tônica reside na fonética e na fonologia a partir das modificações dos fonemas portugueses no crioulo. E nos contrastes—*Strutura Diferencial*— entre essas variedades dialetais. Em *O Crioulo de Cabo Verde – Introdução à Gramática* (1996), Veiga destaca a origem do Caboverdiano; e produz um estudo gerativo-transformacional da Fonética, Fonologia, Morfologia e Sintaxe da língua.

Eduardo Cardoso (1989) descreveu *O Crioulo da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde* na morfologia, sintaxe, fonética e fonologia. Apesar de São Nicolau não ser uma das ilhas pesquisadas, essa obra é citada nessa sùmula por conter estudo detalhado da fonética e da fonologia dessa ilha, incluindo consoantes, vogais, sílabas e um apêndice com dados crioulos traduzidos para o português.

Jüergen Lang, autor que se tem dedicado ao estudo do Santiaguense, escreveu *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago* (2002) e *Grammatik de Kapverdischen Kreols von Santiago* (2002), obra em que trata da fonética e fonologia na primeira parte—*Laut und Schrift*. A gramática em geral, o autor tem exposto em vários artigos, como “Estruturas Eventualmente Africanas no Crioulo de Cabo Verde” (1994) e “O Crioulo de Santiago (Cabo Verde): Exotismo de Aparência Românica” (1999), entre outros.

---

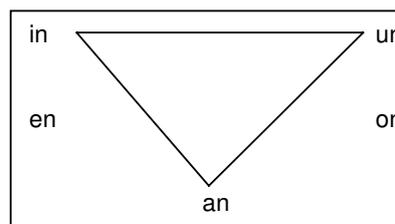
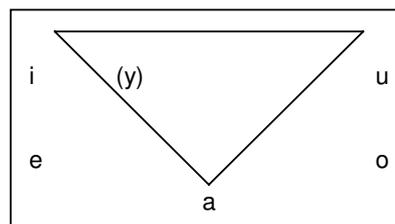
<sup>2</sup> Essa obra serviu de inspiração para este estudo e a seleção das ilhas que foram visitadas em Cabo Verde.

Nicolas Quint-Abrial (2000) escreveu a *Gramática da Língua Caboverdiana— estudo descritivo e compreensivo do crioulo afro-português das Ilhas de Cabo Verde*, entre outras publicações. Essa obra de natureza estruturalista contempla a variedade rural de Santiago, o Badio: inventário fonético-fonológico do Badio Moderno; a questão da ortografia; do Português ao Badio — método diacrônico, e morfologia — categorias gramaticais e fronteiras de palavras.

As obras citadas constituem referência ao estudo do Caboverdiano de qualquer época. Contudo, nessa parte inicial, dedica-se apenas às formas sincrônicas do Caboverdiano (2002). Isso porque nos estudos crioulos pela OT de que se tem conhecimento, por serem os primeiros nessa área, como os de Alber e Plag (2001) e Singler (1997) (Cf. 3.2.2), há um destaque quase natural para a diacronia das línguas crioulas em detrimento da sincronia<sup>3</sup> das mesmas como línguas autônomas.

Na escrita do Caboverdiano será utilizado o **ALUPEC**—(Alfabeto Unificado para Escrita do Crioulo (Cf. Veiga, 1996: 42)—, representado abaixo pelos quadros consonantais<sup>4</sup> e vocálicos<sup>5</sup>.

|   |   |    |    |   |
|---|---|----|----|---|
| p | t | tx | k  |   |
| b | d | dj | g  |   |
| m | n | nh | ˈn |   |
| f | s | x  |    |   |
| v | z | j  |    |   |
|   | l | lh |    |   |
|   | r |    |    |   |
|   |   |    |    | h |



<sup>3</sup> Reconhece-se que esses dois eixos sejam intrinsecamente interrelacionados — um pressupondo a existência do outro—, de modo a dificultar a visão do estudioso que resolva separá-los em favor da análise. Entretanto, devido ao objetivo da pesquisa e encaminhamento didático do texto, espera-se poder realizar tal tarefa.

<sup>4</sup> Destaque para o quadro das consoantes: “o [h] mudo que é uma consoante desintegrada do sistema... só aparece como símbolos (*sic*) de palavras, como por exemplo, “hora” (h). O [h] aspirado ouve-se por vezes em expressões como: *han!*, *han-han* (forma de responder e de dizer que sim, respectivamente).” Veiga (1996: 78-79)

<sup>5</sup> Destaque para o quadro das vogais: “embora a forma *y* não figure em nosso alfabeto, convencionalmente, nós a adotamos para representar a conjunção coordenativa [e] que tem som de *i*.” Nos casos em que há ocorrências de formas com ditongos, as semivogais [j] e [w], pelo IPA] podem ser representadas por *i* e *u*”, segundo Veiga (1982: 29).

Esta seção compreende estudo demonstrativo do sistema geral do Caboverdiano, consoantes (1) e vogais (2), representado essencialmente por Sotavento em função da posição histórico-político-cultural: primeiro grupo a ser povoado, onde reside a maioria da população, localização do Poder Central e, em especial, onde se fala a variedade mais conservadora e mais estudada do caboverdiano.

### (1) Quadro Fonológico das Consoantes do Caboverdiano em Geral

| MODO DE ARTICULAÇÃO |          | PONTO DE ARTICULAÇÃO |             |        |          |         |              |       |
|---------------------|----------|----------------------|-------------|--------|----------|---------|--------------|-------|
|                     |          | Bilabial             | Labiodental | Dental | Alveolar | Palatal | Alveopalatal | Velar |
| Oclusivas           | surda    | p                    |             | t      |          |         |              | k     |
|                     | sonora   | b                    |             | d      |          |         |              | g     |
| Fricativas          | surda    |                      | f           |        | s        | ʃ       |              |       |
|                     | sonora   |                      | v           |        | z        | ʒ       |              |       |
| Africadas           | surda    |                      |             |        |          |         | tʃ           |       |
|                     | sonora   |                      |             |        |          |         | dʒ           |       |
| Nasal               |          | m                    |             | n      |          | ɲ       |              |       |
| Líquidas            | Laterais |                      |             |        | l        | ʎ       |              |       |
|                     | Vibrante |                      |             |        | r        |         |              |       |

No quadro (1), encontram-se expostos vinte (20) fonemas para o Caboverdiano. Macedo (1979) adiciona a vibrante alveolar múltipla /r/, contabilizando vinte e um (21) fonemas. Manuel Veiga (1996) não apresenta essa vibrante, mas subentende-se que ele considere essa como variante da vibrante simples [r], e acrescenta a nasal velar /ɲ/, totalizando vinte e um (21) fonemas. Em (1), não constam os segmentos [r] e [ɲ]. Eles foram considerados variantes de outros fonemas, como se representará em (1a) e (1b).

### (1a) Quadro Fonético das Consoantes das Ilhas de Santiago e Fogo (Sotavento)

| MODO DE ARTICULAÇÃO |         |           | PONTO DE ARTICULAÇÃO |              |        |          |         |              |       |
|---------------------|---------|-----------|----------------------|--------------|--------|----------|---------|--------------|-------|
|                     |         |           | Bilabial             | Labio Dental | Dental | Alveolar | Palatal | Alveopalatal | Velar |
| Oclusivas           | surda   |           | p                    |              | t      |          |         |              | k     |
|                     | sonora  |           | b                    |              | d      |          |         |              | g     |
| Fricativas          | surda   |           | f                    |              | s      | ʃ        |         |              |       |
|                     | sonora  |           | v                    |              | z      | ʒ        |         |              |       |
| Africadas           | surda   |           |                      |              |        |          |         | tʃ           |       |
|                     | sonora  |           |                      |              |        |          |         | dʒ           |       |
| Nasal               |         |           | m                    |              | n      |          | ɲ       |              | ŋ     |
| Líquidas            | Lateral |           |                      |              | l      | ʎ        |         |              |       |
|                     |         | Vibrantes | Simples              |              |        | r        |         |              |       |
|                     |         | Múltipla  |                      |              |        | r        |         |              |       |

No quadro fonético em (1a), encontram-se registrados vinte e dois (22) fones para Sotavento. Isso se deve à inserção da vibrante múltipla /r/ e da nasal velar /ŋ/. As vibrantes simples e múltipla são freqüentes em Santiago e Fogo. À primeira vista, elas parece terem-se fundido numa vibrante mista entre /r/ e /r /, mas Lopes da Silva (1984: 105) ressalta que o que há é alternância entre ambas, sendo característico de Santiago a ocorrência do “r vibrante múltiplo substituído pelo simples, e, inversamente, o vibrante simples pelo múltiplo, quando em posição intervocálica”, como *téra* para terra (terra).

Nos dados da ilha de Santiago e Fogo, registraram-se as formas *bariga* (barriga), *buru* (burro) e *karu/karu* (carro/caro). Sobre a alternância entre a vibrante simples /r / pela vibrante múltipla /r/, o autor em foco diz que ocorre em Fogo, raramente. Ele exemplifica com *moru* (morro) e *karapáti* (carrapato). Deste modo, não com base nos dados coletados, mas embasando-se na literatura que destaca a menor regularidade — ocorrer em menos contextos e com menos freqüência —, considerou-se a vibrante simples /r/ como fonema e a múltipla [r] como alofone desta em alguns contextos de Santiago e Fogo.

De acordo com Veiga (1996: 51), a nasal velar [ŋ] “tem pouco rendimento funcional em crioulo”. Porém, na forma da primeira pessoa do singular (N= eu), essa nasal é geral em todo o Arquipélago. No Caboverdiano, conforme Macedo (1979: 129): “uma consoante nasal incorpora as traços da consoante que precede.” Devido a essa dependência contextual, essa velar será considerada variante de /n/ e /m/ em Santiago e Fogo, que também aparece em formas cristalizadas como *sin* [siŋ] e *tambén* [tãbeŋ].

#### (1b) Quadro Fonético das Consoantes das Ilhas de Santo Antão e São Vicente (Barlavento)

| MODO DE ARTICULAÇÃO |          | PONTO DE ARTICULAÇÃO |             |        |          |         |           |       |          |
|---------------------|----------|----------------------|-------------|--------|----------|---------|-----------|-------|----------|
|                     |          | Bilabial             | Labiodental | Dental | Alveolar | Palatal | Alveopal. | Velar | Uvular   |
| Oclusivas           | surda    | p                    |             | t      |          |         |           | k     |          |
|                     | sonora   | b                    |             | d      |          |         |           | g     |          |
| Fricativas          | surda    |                      | f           |        | s        | ʃ       |           |       |          |
|                     | sonora   |                      | v           |        | z        | ʒ       |           |       |          |
| Africadas           | surda    |                      |             |        |          |         | tʃ        |       |          |
|                     | sonora   |                      |             |        |          |         | dʒ        |       |          |
| Nasal               |          | m                    |             | n      |          | ɲ       |           | ŋ     |          |
| Líquidas            | Lateral  |                      |             |        | l        | ʎ       |           |       |          |
|                     | Vibrante |                      |             |        | r        |         |           |       | <b>R</b> |

Em (1b), registram-se vinte e dois (22) fones para Barlavento, devido ao acréscimo da vibrante uvular [R] e da nasal velar [ŋ]. Em Santo Antão e São Vicente, a vibrante uvular [R] é um traço característico. Ela é mais freqüente do que a vibrante simples (a vibrante múltipla quase nem aparece). Em posição inicial, apenas a vibrante uvular é realizada, como em *rót* (rato), *roxpet/repet* (respeito). Na posição medial e final, essas vibrantes realizam-se distintivamente, como em *kór* e *kórr* (caro, carro).

Em suma, em Santo Antão e São Vicente, as vibrantes uvular e simples são distintas no meio e no fim de palavras. Lopes da Silva (1984: 139) acrescenta que o “R mantém-se uvular [R] ou alveolar [r] nas ilhas”, e que “este último é mais corrente em Sotavento, mas também se encontra em Barlavento, ao lado do r uvular. Sucede mesmo coexistirem os dois tipos de r entre diferentes membros da mesma família. O r uvular é quase de regra na ilha de Santo Antão...”.

A ocorrência da nasal velar /ŋ/ é menos frequente em Barlavento do que em Sotavento no final de palavras. Nessa posição, pairam dúvidas entre a ocorrência desse segmento e um “vazio fonético”, como em [algeŋ] e [alge] (alguém). Certeza, somente no vocábulo *yaŋ* (sim), interjeição muito utilizada. Logo abaixo, expõem-se vocábulos com fonemas consonantais das ilhas em destaque:

| FONEMAS | SANTIAGO               | FOGO                | SANTO ANTÃO           | SÃO VICENTE           |
|---------|------------------------|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| /p/     | ténpu (tempo)          | poku (pouco)        | pilód (pilado)        | prop (próprio)        |
| /b/     | batuku (bataque)       | baka (vaca)         | sábi (saboroso)       | kób (cabo, canto)     |
| /t/     | ténpra (temperar)      | téra (terra)        | partera (parteira)    | féxta (festa)         |
| /d/     | dentu (dentro)         | dinheru (dinheiro)  | kaxkód (fixo)         | dzê (dizer, falar)    |
| /k/     | katxupa (prato típico) | kabra (cabra)       | kápsa (cápsula)       | rekód (recado)        |
| /g/     | genti (gente)          | sangi (sangue)      | gotxad (escondido)    | gelinha (galinha)     |
| /f /    | fla (falar)            | friánsa (friagem)   | friód (feriado)       | flanu (fulano)        |
| /v/     | virjen (virgem)        | vaporu (navio)      | vela (vela)           | lavorux (atividades)  |
| /s/     | kusa ~ kosa (coisa)    | kabésa (cabeça)     | susegód (sossegado)   | sodad (saudade)       |
| /z/     | zóna (região)          | gulozidadi (gula)   | rezérva (reserva)     | biziá (cuidar)        |
| /ʃ/     | xibinho (sobrinho)     | dibaxu (debaixo)    | xíkra (chícara)       | xarôp (xarope)        |
| /ʒ/     | jélu (gelo)            | jóven (jovem)       | sua (suar)            | jinéla (janela)       |
| /tʃ/    | txuma~txoma (chamar)   | txeu (muito)        | txorá (chorar)        | katxorróna(Folcl.)    |
| /dʒ/    | djedjé (alga/erva)     | djagasida (comida)  | djatu (jato)          | fidjon~fixon (feijão) |
| /m/     | minin (menino)         | mérka (américa)     | merid (marido)        | irmá (irmã)           |
| /n/     | nundi (aonde)          | nargun (em algum)   | nun (não)             | kanilinha (Folcl.)    |
| /ɲ/     | nha (meu, minha)       | tosinhu (toucinho)  | kaxkinha (casquinha)  | Nhunha (nominho)      |
| /l/     | lénbra (lembrar)       | lobu (lobo)         | likrin (alecrim)      | kortél (quartel)      |
| /ʎ/     | rolha (rolha)          | pilha~pilja (pilha) | kulher~kuier (colher) | ropolh (repolho)      |
| /r/     | bariga (barriga)       | ruba (em cima)      | kansera (canseira)    | barót (barato)        |

Por fim, seguem-se por comentários referentes às alternâncias consonantais entre as ilhas. As consoantes serão reunidas pelo ponto de articulação para que se proceda aos referidos comentários.

**Oclusivas /p, b, t, d, k, g/**— em Santiago e Fogo, há casos de alternância entre /b/ e [g] como *dugudja* (debulhar) e *gorgoléta* (borboleta). Em Santo Antão e São Vicente, a labial /b/ alterna com [p] em *bstid~pstid* [~*vstid*] (vestido). No campo das dentais, com exceção de Santiago, há alternância em todas as ilhas entre /d/ e [t], como *tspois~txpox* (depois), *tkaí* (decair). Em Sotavento, /d/ e [r] alternam em *sábadu~sabru* (sábado). Nos dados, registraram-se *rabida~ravira* (revidar, revirar) para Sotavento e *rabidâ~ruvrá* (revirar) para Barlavento. Para Lopes da Silva (1984: 105), "dadas as relações entre o d e o r vibrante simples [alveolares, sonoras]... não admira que nas ilhas do Fogo e de Santiago se encontrem alguns vocábulos em que o r foi substituído por d". Em Fogo, ele cita *dispadise* (espairecer) e *karéda* (carreira). Em Santiago, *rosadi* (rosário), *bida* (virar). Entre as velares /g/ e [k], registraram-se em Santiago e Santo Antão os casos: *gafanhotu~kafanhotu* (gafanhoto) e *gud~kut* (agudo). **Fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/**— em todo o Arquipélago, as labiodentais /v/ e [b] alternam em formas como *bes~ves* (vez), *vstid~bstid*, *bida~vida*. Entre as alveolares /s/ e [z], ocorre neutralização, em todas as ilhas, no contexto de "vogal aberta + s e no contexto pré-consonantal com consoante sonora", como em *mas~maz* e *mezma~mesma* (mesma).<sup>6</sup> Lopes da Silva (1984: 106-107) descreve que no Arquipélago, "o s tem o valor de s antes de consoante surda, e de z antes de consoante branda." Somente em Santo Antão e São Vicente, têm "o valor" de /ʃ/ e /ʒ/, respectivamente. Em Barlavento, a fricativa alveolar /s/ alterna com a palatal [j] em posição inicial em *skóla~xkóla* (escola). Nas ilhas, há troca entre /s/ e [j] como em *xinta~xintâ* (sentar), *manxi~manxê* (amanhecer). Em Santiago, há a troca característica entre /s/ e [z], como em *fasi* (fazer) e *kasa* (casa). Nessa ilha e em Fogo, /s/ alterna com [ʒ], como em *franzidu~franjidu* (franzido) e *rezistu~rejistu* (registro). Em todas as ilhas, ocorre alternância /s/ ~ [j] em formas do tipo: *dipos~dipoj* (depois). Diferentemente das demais ilhas, a fricativa palatal /ʒ/ realiza-se como [g] em Santiago: *jenti* = *genti* e alterna-se em Fogo. Em Santiago e Santo Antão, /ʒ/ alterna-se [dʒ]: *djogu~jogu* (jogo) e *kándja~kánja* (canja). Nas quatro ilhas, /ʒ/ alterna com [j]: *greja~grexa* (igreja), *biaji~biaksi* (viagem), *sux~xux* (sujo), *xenti~jenti* (gente). A alternância entre e /ʒ/ e [d] se dá mais comumente em Santiago: *juelhu~djuedju~duedju* (joelho).

**Africadas e Nasais /tʃ, dʒ, ɲ, n, ŋ/** — Nas ilhas de Santiago e Fogo, a africada alveopalatal alterna com a fricativa palatal /ʃ/ em *txuma~txoma~txumá~txomá* (chamar), *txuba~txuva* (chuva), etc. Em

<sup>6</sup> Nesse particular, concorda-se com Veiga (1982: 38) de que essa é uma "configuração difícil de ser identificada".

Santo Antão e São Vicente, respectivamente, a africada palatal típica de Sotavento /d<sub>3</sub>/ alterna com [j] em badju~baj (baile) e odjá~ojá~oá (olhar). Em todas as ilhas, a nasal palatal /ɲ/ e a alveolar [n] alternam-se, como em *konxi~konxê* (conhecer) e *manxi~manxê* (amanhecer); e a bilabial /m/ com a dental /n/ em *kunsá~kumsá* (começar). A alternância de [ɲ] com a alveolar /n/ não é freqüente no Caboverdiano. Nos dados coletados, identificou-se casos dessa configuração, quando a palavra consistia frase sozinha ou estava no final de uma frase completa. Os exemplos são: *algen~algeɲ~alge* (alguém), *tem~teɲ* (tem), *sin~siɲ~si* (sim), *yan~yaɲ~yá* (sim).

**Líquidas /l, ʎ, r/** — A rotacização de /l/ em [r] ocorre em todas as ilhas, mas é característica de Fogo. Em todo Arquipélago, a palatal /ʎ/ alterna com [d<sub>3</sub>]: *fólha~fódja~fója* (folha), *fidju~filhu~filju~fii* (filho). Em Barlavento, o /ʎ/ não alterna com [d<sub>3</sub>], como é comum em Sotavento. A yodização do /ʎ/ e do /ɲ/ em [j] é comum: *trabólh~trabói* (trabalho), *fidj~fik~fi* (filho). Em nenhuma ilha, registrou-se alternância ou vocalização do /l/ em [w]. No terreno das **Vibrantes**, as alternâncias mais evidentes foram comentadas depois de (1a) e (1b). Todavia, para Santiago e Fogo, citam-se ocorrências entre a vibrante simples /r/ e a lateral [l] e a semivogal [j], como em *letratu* (retrato) e *katxol~katxoi* (cachorro).

Neste ponto, aproveita-se para destacar entradas recentes e eruditas que não têm sido alteradas ou alternadas como de costume no Caboverdiano registrados em campo (i), e casos citados literatura (ii). No âmbito de (i), não têm havido substituição das fricativas /ʃ/ e /ʒ/ pelas africadas /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente, em vocábulos como *lixu* e *lix* (lixo) e *jaru* e *jórr* (jarro), nos dois grupos de ilhas. Em formas de entrada recente como *tilvizon~tilvizãu* (televisão), o fonema /v/ não se alterna com [b] nas ilhas. Em Sotavento, há casos como o de *izami~inzami~izam* (exame) em que o /z/ tem ocorrido intervocalicamente no vocábulo, no lugar de [s] como era de costuma. A palatal /ʎ/ em vez de [d<sub>3</sub>] está mais freqüente nas ilhas em geral. No contexto de (ii), estão /t/ e /d/ retroflexas antes de [a, e, i, u] (Cf. Lopes (1984: 95) e as oclusivas aspiradas: *khoph* (copo) e *photh* (pote), que não foram mais registradas em Barlavento; alternâncias entre [k] ~ [g] em *kósqa~gosqa* (cócegas); [k] ~ [tʃ] em *kentã~txentã* (esquentar); [s] ~ [r] em *losna~lorna* (losma), [g] ~ [ʒ] em *sangi~sanji* (sangue); [l] ~ [j] em *alkatron~aikatron* (alcatrão); [r] em [j] em *barbanti~baibanti* (Cf. Macedo, 1979: 95-98; 121).

Descritos os segmentos consonantais e algumas alternâncias entre alguns deles, passa-se à exposição dos fonemas vocálicos do Caboverdiano em geral no quadro (2) a seguir:

**(2) Quadro Fonológico das Vogais do Caboverdiano em Geral**

| ALTURA DA LÍNGUA | POSIÇÃO DA LÍNGUA |         |           |
|------------------|-------------------|---------|-----------|
|                  | Anterior          | Central | Posterior |
| Alta             | i                 |         | u         |
| Médias           | e                 |         | o         |
|                  | ɛ                 |         | ɔ         |
|                  |                   | ə       |           |
| Baixa            |                   | a       |           |

Em (2), constam oito (8) fonemas vocálicos para o Caboverdiano. Lang (1999, 2000( ms)) e Quint-Abrial (2000: 19) também descrevem oito vogais orais para o Caboverdiano. Veiga (1982: 28) representa oito vogais: /a, a, é, ó, e, o, i, u/. Entretanto, em outra obra (1996: 88; 92), o autor exclui o /ə/ médio por considerar a distinção entre a central baixa e a média não-funcional. Macedo (1979: 90-93) apresenta seis (6) vogais: / a, ə, e, o, i, u/, excetuando as médias abertas do quadro por considerá-las alofones das médias fechadas. Para tanto, defende que “[é, ó] trata-se, respectivamente, da relação contextual do /e/ e do /o/”. O primeiro, em contexto líquido: *fera* (feira), *bera* (beira). O segundo, em contexto inicial, e na posição média, quando seguido de uma líquida: *fódja* (folha), *kórta* (corta).

Veiga (1986: 92-93) discorda das asserções de Macedo (1979: 90-93) de que “a variação entre [e] e [é] é fonémica apenas em alguns casos e, portanto, lingüísticamente pouco significativa”. Ele argumenta que encontram-se “particularmente em Santiago, oposição distintivas entre /e/ e /é/: *era~éra* (era, era), *fera~féra* (feira, fera), *ntera~ téra* (enterrar, terra), *sera~séra* (serrar, serra).” Para /o, ɔ/, Veiga (1994: 92-93) apresenta pares mínimos: *ora~óra* (orar, hora), *rota~rótxa* (apertar, rocha). Nos dados desta pesquisa, encontraram-se pares mínimos para os dois casos: *séu e seu~se* (céu e seu), *péli e pelu* (pele e pêlo), *mél e meu* (mel, meu), *kólu e koru* (colo, couro), *kóva e kov* (cova, couve). No atual estudo, as médias abertas e fechadas foram consideradas fonemas distintos.

Outro aspecto geral da fonologia do Caboverdiano é o das semivogais /j/ e /w/ que não figuram no quadro (2). O *status* desses segmentos ainda não é consensual nessa língua. Eles são tratados, ora como

semivogais, ora consoantes. Esses sons — descreve Veiga<sup>7</sup> (1982: 29)— “intermediários entre vogais e consoante”, são “foneticamente consuantizados” devido a uma rápida oclusão articulatória. Duarte (1961) e Veiga (1982, 1996) classificam-nos como semivogais. Cardoso (1979: 81) e Quint-Abrial (2002: 27-28) consideram-nos como semiconsoantes pré-palatal (j) e labiodorsovelar (w).

No Guineense, Couto (1994) considera /j, w/ consoantes, quando antecedem vogais— como em *wuntu* (untar) e *yanda* (andar), em que as semivogais ocupam a posição de consoantes para o núcleo da sílaba inicial- e as considera vogais, quando sucedem vogais. No atual estudo, esses sons serão considerados alofones de /i/ e /u/, funcionando como semivogais pré-vocálicas e pós-vocálicas. Isso equivale a dizer que, quando houver um ditongo, a análise irá prever duas vogais- V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>- dominadas pelo mesmo núcleo (v. 4.2.1).

Dados os aspectos gerais relativos às vogais, passa-se aos quadros específicos em (2a) e (2b):

(2a) Quadro Fonético das Vogais das Ilhas de Santiago e Fogo

| ALTURA DA LÍNGUA | POSIÇÃO DA LÍNGUA |         |           |
|------------------|-------------------|---------|-----------|
|                  | Anterior          | Central | Posterior |
| Alta             | j                 |         | w         |
|                  | i                 |         | u         |
| Médias           | e                 |         | o         |
|                  | ɛ                 |         | ɔ         |
|                  |                   | ə       |           |
| Baixa            |                   | a       |           |

Para as ilhas de Santiago e Fogo, listaram-se 10 fones por causa das semivogais [j] e [w]. Como se tratou das semivogais em (1), desta feita, abordam-se peculiaridades de Santiago e Fogo, como a alternância entre as vogais central baixa [a] e central média [ə], como em *kal~kəl* (qual). Em Sotavento, no contexto tônico, a ocorrência de [a] parece mais freqüente. Mas, somente por um grau na altura, torna-se difícil diferenciá-las, a não ser pela posição que ocupam nos vocábulos. Em posição átona, identifica-se

<sup>7</sup> Veiga (1996: 91) constata que “todas as vogais e semivogais têm o traço “soante” e que o mesmo “não marca nenhuma oposição distintiva”. Mas que, todavia, “o traço silábico (ou vocálico) opõe as vogais às semivogais (y,w). Estas não são nunca silábicas, isto é, nunca têm acento próprio. Servem de suporte à vogal principal e é talvez por isso que em inglês são designadas por ‘glide’”.

mais facilmente a ocorrência de [ə]. Assim, em Santiago e Fogo, considera-se /a, ə/ fonemas distintos na posição tônica e alofones, na átona.

**(2b) Quadro Fonético das Vogais das Ilhas de Santo Antão e São Vicente**

| ALTURA DA LÍNGUA | POSIÇÃO DA LÍNGUA |         |           |
|------------------|-------------------|---------|-----------|
|                  | Anterior          | Central | Posterior |
| Alta             | j                 |         | w         |
|                  | i                 |         | u         |
| Média            | e                 |         | o         |
|                  | ɛ                 |         | ɔ         |
|                  |                   | ə       |           |
| Baixa            |                   | a       |           |

Para as ilhas de Santo Antão e de São Vicente, listaram-se 10 fones com o acréscimo das semivogais [j] e [w]. Dedicar-se, aqui, ao tratamento dos traços peculiares dessas ilhas, dado que as semivogais já estiveram em pauta, como se disse anteriormente. Em Santo Antão e São Vicente, a vogal central média /ə/ parece mais freqüente (mais aparente) do que a baixa /a/. Fica-se na dúvida se a prolação foi a da média ou a da central baixa. Dessa maneira, em Santo Antão e São Vicente, as vogais [a, ə] podem ser consideradas fonemas e alofones livres de /a/ e de /ə/, nas posições tônicas e átonas.

Agora, a exemplo do que se fez com as consoantes, descreve-se a realização dos fonemas vocálicos, ou fones, nas ilhas de Santiago e de Fogo e nas ilhas de Santo Antão e de São Vicente:

| FONEMAS | SANTIAGO               | FOGO           | SANTO ANTÃO          | SÃO VICENTE      |
|---------|------------------------|----------------|----------------------|------------------|
| /a/     | abri (abrir)           | arvi (árvore)  | sidad (cidade)       | sap (sapo)       |
| /ə/     | odja (olhar)           | mensa (mesa)   | panéla (panela)      | bera (beira)     |
| e/      | dedu (dedu)            | leti (leite)   | pedoron (pedrona)    | kodê(caçula)     |
| /ɛ/     | oréla (auréola)        | époka (época)  | farél (farelo)       | ménux (menos)    |
| /o/     | xoroteru (erva típica) | otu (outro)    | onz (onze)           | nov (novo)       |
| /ɔ/     | bódi (bode)            | pódi (pode)    | kónd (quando)        | tónt (tanto)     |
| /i/     | inda (ainda)           | bila (vila)    | flisidad(felicidade) | ligria (alegria) |
| /u/     | uniku/ úniku (único)   | amingu (amigo) | urtolã (hortelã)     | soúd (saúde)     |

As vogais geram grandes diferenças no Caboverdiano: sua presença ou ausência em determinada posição, sua tonicidade ou não podem determinar a forma do vocábulo de uma ilha a outra. Em todas as ilhas, é comum a ocorrência das vogais médias /ɛ/ e /ɔ/ em sílaba tônica de paroxítonas terminadas em /ə/ ou /a/. Para a média aberta /ɛ/, há casos como *kabésa* (cabeça) e *manéra* (maneira). Para a média aberta /ɔ/, *góta* (gota), *bóka* (boca) e *fórsa* (forsa). Em Sotavento, há casos esparsos da vogal média em vocábulos terminados em /u/ ou /r/: *sédu* (cedo), *ténpu* (tempo) e *sér* (verbo ser).

Entre as ilhas do Sul e as ilhas do Norte um traço distintivo marcante é a existência das vogais altas /i/ e /u/ no final de vocábulos somente em Sotavento. Enquanto que em Barlavento, nessa posição, é realizado um zero fonético, um *schwa* (a média /ə/) ou um “e mudo”. E esse fato acarreta alguns dos processos diferenciais que se observam entre os dois grupos dialetais do Arquipélago.

Quando a palavra termina em /u/ em Santiago e Fogo, a sílaba tônica com /a/ é realizada como a vogal média aberta anterior /ɔ/ em Santo Antão e São Vicente: *piladu-pilód* (pilado) e *fatufót* (roupa). Quando a palavra termina em /i/ em Santiago e Fogo, a sílaba tônica com /a/ é realizada como a vogal média aberta anterior /ɛ/, em Santo Antão e São Vicente: *lakri-lékr* (lacre) e *vinagri-vinégr* (vinagre). Em paroxítonas de Sotavento terminadas por /ə/ ou /u/ com sílaba tônica /i/, a sílaba pre-tônica com [ə] é realizada com /e/: *galinha-gelinha* (galinha) e *amigu-emig* (amigo), em Santo Antão e São Vicente.

Em Santiago e Fogo, em paroxítonas terminadas em /i/, a média anterior tônica /e/ realiza-se como /ɛ/, como em *lébi* (leve), *alégri* (alegre). Em Santo Antão e São Vicente, ocorre a média fechada, como *lêv* (leve) e *alêgr* (alegre). Em paroxítonas terminadas em /u/, a vogal média anterior /e/ tônica realiza-se como a média aberta /ɛ/, em Santiago e Fogo, como em *marélu* (amarelo), *xinélu* (chinelo). Em Santo Antão e São Vicente, o vogal realizada é a média fechada /e/, como em *xinêl* (chinelo) e *marêl* (amarelo). Em Sotavento, há casos esparsos e cristalizados: *é= e* até = te, *só=so*.

Em paroxítonas terminadas em /i/, em Santiago e Fogo, a média posterior tônica /o/ realiza-se como /ɔ/, como em *bódi* (bode), *póbri* (pobre). Em Santo Antão e São Vicente, ocorre a média fechada /o/, como em *bôd* (bode), *pôbr* (pobre). Em Barlavento, esse fechamento é comum em monossílabos e oxítonas: *fê* (fé), *marê* (maré). Em Sotavento, ocorrem médias abertas. Em paroxítonas terminadas em /u/, a média /o/ tônica realiza-se como a média aberta /ɔ/, em Santiago e Fogo, como em *katólíku* (católico). Em Barlavento, essa palavra ocorre com a média fechada: *katôlk* (católico).

Para iniciar o assunto das vogais nasais no Caboverdiano, citam-se opiniões de alguns autores. Lang (1999: 51) descreve oito vogais orais e cinco nasais no Caboverdiano, excetuando-se /ɛ/ e /ɔ/. Macedo (1971: 88-89) postula seis vogais orais [a, ə, e, o, i, u] e seis contrapartes nasais, dado que os fonemas orais “passam por um processo de nasalização no ambiente de consoantes nasais”. Veiga (1996: 63) revela que “o comportamento das vogais nasais é praticamente o mesmo que o das vogais orais, por isso não tiveram tratamento à parte.”

Em outro texto, porém, Veiga (1982, 1996: 79) declara que “toda vogal oral pode se nasalizar, visto que “a nasalização não é uma marca vocálica, mas sim um condicionamento contextual de vogal + consoante nasal, ou seja, nasais são vogais orais + traço nasal (n).” Assim como Veiga (1996) e Couto e Souza (2006), acredita-se que as vogais nasais do caboverdiano são nasais do ponto de vista fonético. Do fonológico, a elas se aplica a interpretação de Macedo (1979):  $\tilde{v} = V + N$ : “quando uma vogal precede uma consoante nasal que é seguida por outra consoante” ou “quando uma vogal é seguida por uma consoante nasal que está no limite de palavra”.

Logo abaixo, organizou-se um painel demonstrativo com exemplos de vocábulos que contêm as chamadas vogais nasais para Santiago, Fogo e Santo Antão e São Vicente :

| <b>FONES</b> | <b>SANTIAGO</b>     | <b>FOGO</b>          | <b>SANTO ANTÃO</b>   | <b>SÃO VICENTE</b> |
|--------------|---------------------|----------------------|----------------------|--------------------|
| [an]         | Santiagu (Santiago) | tanboru (tambor)     | Santanton~Sintanton  | Sanvisent~Sansent  |
| [ən]         | Ganga (folc.)       | André (nome próprio) | bextent (bastante)   | ranjá (arranjar)   |
| [ɛn]         | lénbra (lembrar)    | sesénta (sessenta)   | éntx (também)        | duénsa (doença)    |
| [en]         | dentu (dentro)      | entxi (encher)       | tenben~tenbe (antes) | sentód (sentado)   |
| [on]         | dierson (direção)   | Son Sebaxtion        | pon (pão)            | konprá (comprar)   |
| [ɔn]         | kónta (conta)       | skóntra (substância) | xfriksón (fricção)   | brónk (branco)     |
| [in]         | íntimu (íntimo)     | linpâ (limpar)       | min (mim)            | brinká (brincar)   |
| [un]         | djuntu (junto)      | unta (untar)         | kolun (coluna)       | kunpanher          |

Dulce Duarte (1961) registrou e reiterou o “desgaste da vogal nasal” no Caboverdiano que havia sido comentado por Lopes (1984[1957]). No contexto de vogal central baixa + N, por exemplo, esse fato parece ser corriqueiro como sinalizam esses vocábulos: djánta (janta) e matánsja (matança). Em paroxítonas terminadas na vogal central média / ə /, antes de m, n, nh, o /a/ tônico realiza-se totalmente aberto no Arquipélago: áma (ama), ántis (antes), banána (banana), máanha (manha). Veiga (1996: 45) cita *pánu* e *pón* (pano) para Sotavento e Barlavento, respectivamente. Quint-Abrial (2002: 105) cita *mai* (mãe) e *máma* (seio) para o Badio, variedade da ilha de Santiago.

Quanto ao [ã] final, em Santo Antão, a nasalidade foi conservada em certas formas e desapareceu em outras. No caso da vogal média fechada anterior tônica /e/ seguida por /m, n, ɲ/, em paroxítonas terminadas em / ə / ou /a/, em todas as ilhas, passou a ser aberta, como em *krénsa* (crença) e *lénha* (lenha). Quanto ao /o/ seguido de nasal + vogal em sílaba final terminada em /a/, os exemplos *brigónha~vergónha* (vergonha), *afróna* (afronta) atestam a média aberta sem nasalidade nas ilhas.

Em Santiago e Fogo, nas paroxítonas terminadas em /i/, seguidas de /m, n, ɲ/, ocorrem médias abertas sem nasalidade: *krémi* (creme), *sénpri* (sempre). Em Santo Antão e São Vicente, a média anterior é fechada e sem nasalidade: *krem* e *senpr*. Em Barlavento, nas paroxítonas terminadas por “e mudo” (ou zero fonético), as centrais /a, ə/ tônicas palatalizaram-se em [e]: *barbent* (barbante) e *grend* (grande). E, nas paroxítonas terminadas em /u/ de Sotavento, as centrais /a, ə/ tônicas velarizaram-se em [o]: *tántu* = *tónt* (tanto), *bránku* = *e brónk* (branco). Isso posto, encaminha-se à seção 4.2.

#### 4.2. Contexto Específico pela Teoria da Otimidade

As restrições gerais e de caráter universal da OT compreendem, na fonologia, a organização dos fonemas em sílabas e das sílabas em pés métricos, a chamada prosódia das línguas. É o que se pretende abranger nessa seção dedicada à análise das variedades de Santiago-Fogo e de Santo Antão-São Vicente pela OT. Em (4.2.1.), dedica-se ao estudo da sílaba. Em (4.2.2.), ao estudo do acento. Desse epicentro, encaminha-se à questão da unidade e variedade no Caboverdiano ( 4.2.3.).

Nas duas primeiras subseções, (4.2.1) e (4.2.2.), que abordam, respectivamente, o estudo da sílaba e o do acento nas ilhas de Santiago-Fogo (Sotavento) e Santo Antão-São Vicente (Barlavento), o *input* — entrada lexical, gramatical, semântica — será sincrónico. Os vocábulos registrados na Pesquisa de Campo em Cabo Verde (2001/2002) serão os *inputs* a serem analisados nos *tableaux* da OT.

Nos tipos silábicos ou acentuais iguais, o *input* será único para as ilhas. No caso de diferenças características entre as ilhas, tanto *inputs* como *outputs* poderão variar. As alternâncias serão denominadas Opcionalidade<sup>8</sup>, interpretada no sentido *lato* como seleção de mais de um candidato ótimo, gramatical mediante um só ou mais de um *input* sob determinada circunstância lingüística, hierarquia de

<sup>8</sup> Para maiores esclarecimentos sobre a noção de Opcionalidade, conferir Pesetsky (1998), Keer e Bakovic (1997) e Lee (2001), encontrados resumidos nas obras de Costa (2001) e em Auger (2002).

uma ou mais variedades de uma língua ou mediante sistema geral da língua. Nesse estudo do Caboverdiano haverá a Opcionalidade Comum e a Diferencial.

A Opcionalidade Comum — variação livre ou inerente na sociolingüística — corresponde a um só *input* realizado de modos diferentes nas ilhas. A forma mais regular, que ocorre com mais freqüência ou em mais contextos, será considerada o *input* para dois (ou mais) *outputs*, de acordo com a OT variacional. Neste estudo, em caso de empate ou de incerteza quanto à regularidade, haverá dois *tableaux*: um *input* para cada um e dois *outputs* em cada, sendo um ótimo e outro subótimo.

A Opcionalidade Diferencial — variação complementar ou condicionada na sociolingüística — corresponde a um *input* para cada grupo de ilhas, cada qual realizado de uma maneira específica. Em outros termos, um *input* e um *output* correspondente para cada ilha ou grupo de duas ilhas. Esse fato reflete a variação no interior de uma determinada língua, suas variantes ou dialetos. À luz da OT, esses fatos serão interpretados como diferenças na hierarquia do sistema geral do Caboverdiano.

Na terceira subseção, (4.2.3.), que contempla a Unidade e Variedade do Caboverdiano, destacam-se aspectos relativos ao histórico das ilhas de Santiago-Fogo e de Santo Antão-São Vicente e a processos fonológicos diacrônicos que podem ter contribuído no formato da sílaba e do acento atuais. Os *inputs* diacrônicos serão extraídos da literatura: formas vocabulares passadas ou deduzidas de formas passadas ou alguma forma reestruturada de uma forma presente. Isso envolverá tanto vocábulos do Português Europeu (PE) como do Crioulo Caboverdiano (CV).

Os estudos de referência serão Costa e Duarte (1967), Lopes da Silva (1984), Teyssier (1990), Diagne (1971), Balde e Dramé (1982), Rosine Santos (1979) e Veiga (1995). Nos estudos crioulos, a maioria dos autores utilizam o *input* do superstrato (v. 3.2.1.). Este também, por falta de bibliografias sobre as línguas africanas constitutivas do Caboverdiano, ficará em débito com o substrato, aguardando a conjugação do substrato, do superstrato e dos universais lingüísticos num estudo futuro pela OT.

Ainda aqui, é preciso esclarecer o porquê de, uma vez que a tônica deste trabalho é sincrônica, dedicar-se espaço e tempo a aspectos diacrônicos: enquanto muitos estudos abrangem apenas a diacronia das línguas crioulas (v. 3.2.1.), aqui, procura-se não incorrer no risco de abarcar apenas um lado da questão ao se estudar a sincronia e deixar a diacronia totalmente fora de questão<sup>9</sup>. Nesse intuito, a diacronia pode completar as subseções (4.2.1) e (4.2.2.) e, além disso, essa união parecer ser proveitosa para o constituinte fonológico que representará o Caboverdiano de um modo geral.

---

<sup>9</sup> Se comparada a outras línguas, parece ser um tanto recente a diacronia nas línguas crioulas, por isso a dificuldade em se desenvolver um estudo sincrônico sem recorrer a qualquer aspecto diacrônico que seja.

Explicada esta parte, direciona-se à descrição das restrições de marcação e de Fidelidade da OT que serão utilizadas em (4.2.1.), (4.2.2.) e (4.2.3.). Elas serão reunidas sob o título de restrições de sílaba ou de acento. Porém, nem todas serão empregadas em todas as subseções. No contexto da sílaba nas Ilhas de Cabo Verde, (4.2.1.), a análise será feita com base nos estudos clássicos de McCarthy e Prince (1993, 1995), Pulleyblank (1997), Kager (1998) e nos estudos variacionistas de Antilla e Cho (1998: 31-53) e de Nagy e Reynolds (1994: 41-43). Em (3a-b), estão as restrições para sílaba.

### (3) (a) Restrições de Marcação (ou estruturais)

|           |   |
|-----------|---|
| ONSET     | Sílabas devem ter onset   |
| NUC       | Sílabas devem ter núcleo  |
| *CODA     | Sílabas não devem ter coda [ou sílabas são abertas]   |
| *COMPLEX  | Sílabas não devem ter mais de uma consoante em cada extremidade.<br>Essa restrição se desdobra em *COMPLEX <sup>onset</sup> , *COMPLEX <sup>núcleo</sup> , *COMPLEX <sup>coda</sup> |
| SONORITY  | Onsets devem aumentar e Codas devem diminuir em sonoridade.   |
| *MID      | Vogais médias são proibidas.  |
| SCHWA     | Núcleos de sílabas átonas não são analisados gramaticalmente.   |
| CODA-COND | Coda pode ter somente [- vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal]   |

### (b) Restrições de Fidelidade

|                      |  |
|----------------------|--|
| MAX-IO               | Todo segmento do <i>input</i> tem um correspondente no <i>output</i> (nenhum apagamento).  |
| DEP-IO               | Todo segmento de <i>output</i> tem um correspondente no <i>input</i> (nenhuma epêntese <sup>10</sup> )                               |
| DEP <sup>NUC</sup>   | Proibida inserção de vogal no Núcleo.  |
| DEP <sup>onset</sup> | Proibida inserção de vogal no Onset  |
| IDENT-IO (HIGH)      | O valor de um traço de altura [high] de um segmento vocálico de <i>input</i> deve ser preservado em seu <i>output</i> correspondente |
| IDENT-IO (PLACE)     | A especificação para lugar de articulação de um segmento de <i>input</i> deve ser preservada em seu <i>output</i> correspondente     |
| IDENT-IO (VOICE)     | O valor de um traço de vozeamento [voice] de um segmento de <i>input</i> deve ser preservado em seu <i>output</i> correspondente     |

<sup>10</sup> Os processos de inserção – prótese, epêntese e paragoge – são, geralmente, denominados em OT por “Epêntese”, representada por vogal, consoante ou por □.

No contexto do acento nas ilhas de Cabo Verde, (4.2.2.) a interação de restrições de marcação e de fidelidade, que geram os tipos acentuais de pés troqueus (proeminência à esquerda) e iâmbicos (proeminência à direita), serão analisadas também pelos formalismos clássicos da OT e também pelos modernos aspectos variacionistas da teoria. Em (4a-b), expõem-se as restrições ancoradas nos estudos de McCarthy e Prince (1993), Hammond (1997) e Kager (1998):

#### (4) (a) Restrições de Marcação

|                              |  |
|------------------------------|--|
| FT-BIN                       | Pés são binários sob análise moraic ou silábica.                               |
| PARSE                        | Pés são analisados gramaticalmente através de sílabas.                         |
| WSP (Weight Stress Position) | Sílabas pesadas são acentuadas.  |
| ROOTING                      | Palavras devem ser acentuadas  |
| GRWD-PRWD                    | Uma palavra gramatical deve ser uma palavra prosódica                          |
| *CLASH                       | Sílabas acentuadas adjacentes são proibidas.                                   |
| ALIGN-T (TROQUEU)            | Pés são troqueus- cabeça à esquerda [ALIGN ( $\Sigma$ , L, H ( $\Sigma$ ), L)] |
| ALIGN-I (IAMBO)              | Pés são iâmbicos- cabeça à direita [ALIGN ( $\Sigma$ , R, H ( $\Sigma$ ), R)]  |
| *FTFT                        | Pés não podem ser adjacentes.  |
| *FOOTLESS                    | Nenhuma sílaba sem pé” ( ou “toda sílaba liga-se a um pé)                      |

#### (b) Restrições de Fidelidade

|                         |  |
|-------------------------|--|
| FIDELIDADE ( $\sigma$ ) | Pronuncie vogais acentuadas.                       |
| FIDELIDADE ( $\sigma$ ) | Pronuncie vogais átonas.                           |
| FAITH FINAL ( $F_F$ )   | Pronuncie sílabas finais a despeito do seu acento. |

Terminada esta introdução, seguem-se às três subseções integrantes ((4.2.1.), (4.2.2.), (4.2.3.))<sup>11</sup> deste item que, a seu modo e conteúdo, podem compor um quadro geral da fonologia do Caboverdiano para que se consiga cumprir com os objetivos elencados na introdução deste estudo, dar respostas às perguntas elaboradas e refutar ou confirmar as hipóteses formuladas e, finalmente, defender a tese que subjaz implícita no título deste estudo: “Fonologia do Caboverdiano; das Variedades Insulares à Unidade Nacional”. Desse ponto em diante, transpõe-se ao estudo da sílaba nas ilhas de Cabo Verde.

<sup>11</sup> Ressalta-se que esta última seção, de natureza diacrônica, será importante para complementar as duas anteriores que tratarão da sincronia do Caboverdiano. Quem sabe, essa conjugação possibilite observar a importância do “uso do passado para explicar o presente” e vice-versa, destacada por sociolinguistas como Labov (1966: 18-20). Entretanto, a intenção primeira deste estudo ao organizar esta seção (4.2.3.) é propiciar descrição de alguns processos fonológicos pela OT diacrônica (Re-hierarquização), na busca de complementos para a explicação sobre a unidade e variedade no Caboverdiano, no âmbito social e no cognitivo.

#### 4.2.1. A Sílabas nas Ilhas de Cabo Verde

Em geral, pode-se descrever a sílaba como “um V antecedido ou seguido por um C”. A partir do modelo canônico CV, as línguas efetuam as operações “apagar C ou inserir C” para chegar aos tipos básicos: CV, V, VC e CVC. No estudo da sílaba nas ilhas pesquisadas em Cabo Verde — Santiago e Fogo (Sotavento) e Santo Antão e São Vicente (Barlavento) — esses tipos silábicos e correlatos serão agrupados pelos constituintes básicos da sílaba — Núcleo (4.2.2.1.), Onset (4.2.1.2.) e Coda (4.2.1.3.).

##### 4.2.1.1. NÚCLEO

A vogal é o centro da sílaba. Por isso, antes de se observar onset e coda, decidiu-se estudar os tipos silábicos que contêm somente núcleo em sua constituição. A opção de se ter uma sílaba com apenas núcleo representa a flexibilidade da língua em ter onsets e codas opcionais, um sistema (C)V(C), em que apenas o núcleo é totalmente obrigatório, sendo a infração a esta condição motivo para que a sílaba desapareça e/ou reapareça como parte de sílaba que a segue ou a antecede.

Nas Ilhas de Santiago e Fogo e Santo Antão e São Vicente, no constituinte Núcleo, agrupam-se o tipo silábico V e seu correlato VV. As vogais são silábicas por natureza. Isso justifica porque na categoria núcleo, elas, e somente elas, podem figurar como pico de sílabas. As semivogais antecede ou seguem a vogal em núcleo ramificado como em VV, o conhecido ditongo. Em (5) e em (6) podem-se observar alguns exemplos dos tipos V e VV nas quatro ilhas citadas:

|     |                    |                      |                    |             |
|-----|--------------------|----------------------|--------------------|-------------|
| (5) | <b>SANTIAGO</b>    |                      | <b>FOGO</b>        |             |
| V   | /a.ˈtɛ /           | até~té, ate~te (até) | /ˈo.mi/            | omi (homem) |
| VV  | /ˈoi.tu/           | oitu (oito)          | /ˈiə/              | yâ (sim)    |
| (6) | <b>SANTO ANTÃO</b> |                      | <b>SÃO VICENTE</b> |             |
| V   | /ˈo.tu/            | otu (outro(a))       | /be.ˈi. ə/         | beía (baía) |
| VV  | /ˈfo.iə/           | foia (folha)         | /ˈoi/              | oi (olho)   |

Na posição de sílaba inicial no vocábulo, as oito vogais do Caboverdiano, /a, ə, ε, e, ɔ, o, i, u/, podem constar como V, especialmente se forem tônicas. Quando átonas, essa sílaba oscila entre o V e o zero fonético numa mesma ilha e entre as quatro ilhas citadas. Esse é o caso do vocábulo *até* (até) que será analisado no *tableau* (7). Em (8), será analisado o vocábulo *té* que alterna com *até* nas quatro ilhas.

Em (7) e em (8) cada *tableau* terá seu próprio *input* e *output* correspondentes. Em (9), haverá um só *input* para dois *outputs* opcionais ótimos, mediante ordenamento parcial das restrições na hierarquia.

**(7) MAX-IO, DEP-IO >> CODA >> ONSET**

| /a.'tɛ/     | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|-------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [t'ɛ]    | *!     |        |       |       |
| b. [at.'tɛ] |        | *!     | *     | *     |
| c. [at.'ɛ]  |        |        | *!    | **    |
| d. [a.'tɛ]  |        |        |       | *     |

**(8) MAX-IO, DEP-IO >> \*CODA >> ONSET**

| /'tɛ/      | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [t'ɛ]   |        |        |       |       |
| b. [a.'tɛ] |        | *!     |       | *     |
| c. [ɛ]     | *!     |        |       | *     |
| d. [at.ɛ]  |        |        | *!    | **    |

**(9) DEP-IO, CODA >> ONSET, MAX-IO**

| [a.'tɛ]    | DEP-IO | CODA | ONSET | MAX-IO |
|------------|--------|------|-------|--------|
| a. [t'ɛ]   |        |      |       | *      |
| b. [a.'tɛ] |        |      | *     |        |

Em (7), as restrições de Fidelidade dominam as de marcação. Uma vez que as palavras encontram-se configuradas como *inputs* para os falantes-ouvintes de uma dada comunidade, há uma forte militância das restrições MAX-IO e DEP-IO para a manutenção ou não-erosão de suas formas. ONSET, em conflito com fidelidade, é ranqueada abaixo na hierarquia para que o candidato ótimo até (7d) possa ser realizado na saída tal qual se encontra na entrada, isto é, seja o candidato ótimo. Em (7a), houve violação a MAX-IO que milita contra quedas. E em (7b), violação a DEP-IO que proíbe inserções. Ambas são a favor da manutenção da identidade *input-output* e estão altas na hierarquia. Por isso, os candidatos com aférese (7a) e epêntese (7b) são eliminados. O candidato (7c) foi eliminado por violar \*CODA e ONSET, e, assim, violar o onset da primeira sílaba como coda da segunda.

Entretanto, se a posição fosse inversa, como mostrado em (8) para a forma *té*, a forma com V protético, (8b), é que violaria uma restrição de fidelidade, DEP-IO, que proíbe a inserção de segmentos não presentes no *input*. A forma (8a) é a sílaba ótima CV por não violar as restrições de marcação nem fidelidade. Em (8), a dominação entre as restrições de fidelidade não existe (linhas pontilhadas no *tableau* e vírgulas entre as restrições acima do *tableau*): em qualquer posição, a restrição de fidelidade específica iria eliminar fatalmente os candidatos a *output* (8b) ou (8c).

Em (9), para contemplar a opcionalidade comum num só *tableau*, a restrição MAX-IO é rebaixada na hierarquia: do topo ao cabo. No caso de (9a), a forma ótima apresenta aférese relativamente ao *input*. Essa violação é aceita devido ao baixo-ranqueamento de MAX-IO. Assim, MAX-IO e a restrição anteriormente mais baixa, ONSET, ficam parcialmente ordenadas uma em relação à outra. A alternância na posição delas, resultará em um ou em outro candidato ótimo, refletindo a variação. Nessa ‘concorrência-alternância um-a-um’, nenhum dos dois candidatos será eliminado.

Neste estudo, cogita-se outra maneira de contemplar a opcionalidade comum pela OT. Porém, ela implicaria na alteração da representação e, talvez, conceitos da teoria como a noção de localização e conteúdo do *input* que teria que ser alargada para abranger tanto a forma que é ouvida e/ou realizada num dado momento como qualquer outra forma a ela correspondente em ambiente condizente. Assim, as formas opcionais poderiam constar na coluna relativa ao *input*, sendo realizada uma outra forma consoante vontade ou necessidade do *falante-ouvinte-real* dentre as opções disponíveis na gramática:

#### Possibilidade de Representação da Opcionalidade pela Teoria da Otimidade

| [a.'tɛ, 'tɛ, a.'tɛ, tɛ] | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|-------------------------|--------|--------|-------|-------|
| ✓ a. ['tɛ]              |        |        |       |       |

Contudo, sendo esta uma idéia inicial, endereça-se esse assunto para trabalhos futuros, e continua-se o atual estudo da fonologia coboverdiana pelos modelos assentes na Teoria da Otimidade<sup>12</sup>.

Na posição de sílaba inicial, o tipo V comum em todas as ilhas é o advindo de ditongos, como *otu* (outro) e *Oropa* (Europa). De fato, na sincronia das ilhas o que se registra é um V sem nenhuma oscilação ditongo-montongo. Nas ilhas de Barlavento, geralmente, a sílaba V sozinha é acrescida da consoante de onset da sílaba seguinte como coda, ao passo que a vogal alta /u/ não ocorre. Em (10) e (11), serão analisados vocábulos em opcionalidade diferencial no sistema geral do Caboverdiano:

#### (10) MAX-IO, DEP-IO >> \*CODA >> ONSET

| /o.tu/       | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|--------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [ot]      | *!     |        | *     | *     |
| ↵ b. ['o.tu] |        |        |       | *     |
| c. [ot.u]    |        |        | *!    | *     |
| d. ['zo.tu]  |        | *!     | *     | *     |

<sup>12</sup> Nesse sentido, destaca-se um estudo embrionário do Caboverdiano (2003) em que se buscava representar a variação e a mudança pela OT. Uma possibilidade aventada com o orientador desta tese, Prof. Dr. Hildo Honório do Couto, foi a da “Hierarquia em Gen” que implicava “em um só *input* de entrada e dois [ou mais] *outputs* como saídas, dentro de um mesmo sistema, representado por uma hierarquização [na coluna dos outputs] (...)”.

**(11) MAX-IO, DEP-IO >> ONSET >> \*CODA**

| /ot/      | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|-----------|--------|--------|-------|-------|
| a. [ot]   |        |        | *     | *     |
| b. [o.tu] |        | *!     |       | *     |
| c. [ot.u] |        |        | *!*   | *     |
| d. [zot]  |        | *!     |       | *     |

Em Santiago e Fogo, Santo Antão e São Vicente, o tipo silábico V inicial decorre do fato de a restrição ONSET encontrar-se dominada pelas restrições de fidelidade e estar baixo-ranqueada. Então, em (10), o candidato ótimo é (10b) de acordo com o *input*. Qualquer candidato sub-ótimo seria eliminado pelo alto-ranqueamento das restrições de fidelidade. Assim, as formas com apócope (10a), com coda (10c) e com prótese (10d) são eliminadas em consonância com a hierarquia especificada.

No *tableau* (11), o fato de \*CODA estar mais baixa na hierarquia permite ao candidato (11a) sair como *output* ótimo do *tableau*, mesmo tendo violado as restrições ONSET e CODA, e, por isso, apresentar vogal inicial e sílaba travada. Logo, violar restrições de marcação é melhor aceito pelo Caboverdiano do que violar restrições de fidelidade. Por violarem essa condição, (11b) e (11d) são eliminados fatalmente do conjunto de candidatos a *output*. O candidato (11c) extrapolou ao violar Onset nas duas sílabas, deixando a silabação totalmente desregulada de acordo com o *input* fornecido.

Na posição de sílaba medial, o tipo silábico V é raro no Caboverdiano em geral. O motivo é que, nesse contexto, ele caracteriza o hiato. E o hiato, como se sabe, é evitado na maioria das línguas do mundo. Esse tipo silábico é mais fácil de se localizar nas ilhas de Santiago e Fogo do que em Santo Antão e São Vicente. Com o vocábulo terminando pela vogal média central /a/ como *baía* ou por consoante + /a/, como em *tuádja* ou *tuája*, a realização é muito semelhante entre as ilhas.

Nas ilhas de Santo Antão e São Vicente, na posição de sílaba medial, quando o hiato antecede uma sílaba começada por consoante e terminada por vogal átona em Santiago e Fogo, como *saúdi*, a realização é alterada para *soúd*. Desaparece o hiato em V para dar lugar a uma sílaba VC, de trissílabo para dissílabo. Esse tipo VC de Barlavento, próprio dos tipos com coda (4.2.3.3.) será analisado aqui pela correlação com o tipo V de Sotavento. Nos *tableaux* (12) e (13) analisam-se os casos.

**(12) MAX-IO, DEP-IO >> IDENT (HIGH) >> \*CODA, ONSET**

| /sa.'u.di/    | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | *CODA | ONSET |
|---------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. [su.di]    | *!     |        |             |       |       |
| b. [sa.'u.di] |        |        |             |       | *     |
| c. [so.'u.di] |        |        | *!          |       | *     |
| d. [sa.ul.di] |        | *!     |             | *     | *     |

**(13) MAX-IO, DEP-IO>>IDENT(HIGH)>>ONSET, CODA**

| /so.'ud/      | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|---------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. [so.'u]    | *!     |        |             | *     |       |
| b. ['sa.ud]   |        |        | *!          |       |       |
| c. [sa.'u.di] |        | *!     |             | *     |       |
| d. [so.'ud]   |        |        |             | *     | *     |

No *tableau* (12), MAX-IO e DEP-IO eliminaram os candidatos (12a), por queda de segmento, e (12d), por inserção. O candidato (12c) violou a restrição IDENT (HIGH) que exigia identidade entre o traço de altura da vogal do *input* e a do *output*. O candidato (12b), embora seja ótimo, viola ONSET. Essa violação não é fatal, pois abaixo na hierarquia, garante ao candidato a condição de ótimo, depois de outros concorrentes terem violado restrições ranqueadas mais alto. Essa situação é para Sotavento.

Em (13d), o candidato ótimo viola ONSET e \*CODA, mas não tem hiato tal qual o *input* dado. ONSET, ranqueada abaixo, permite que sílabas com vogal inicial vigorem; e os vocábulos com coda poderem ser realizados massivamente em Barlavento. Mesmo tendo violado \*CODA, o candidato que passou de CV.V.CV a CV.VC é considerado ótimo. Os candidatos (13a), (13b) e (13c), respectivamente, permitiram apócope, mudança de traço da vogal do *input* e paragoge não existente no *input*.

Na posição de sílaba final, o tipo silábico V pode ser realizado com vogais tônicas /a, ε, e, ə, o / ou a átona / ə / nas quatro ilhas. O tipo V final nas ilhas, tipicamente um hiato, terminado pela média-baixa central / ə / é mais resistente à apócope, como se vê no exemplo *turdia* (outro dia) comum às ilhas de Santiago e Fogo e de Santo Antão e São Vicente, vocábulo a ser analisado no *tableau* (14) pela OT:

**(14) MAX-IO, DEP-IO>>NOCOMPLEX>> SONOR>>\*CODA, ONSET**

| /tur.di.a/     | MAX-IO | DEP-IO | *COMPLEX <sup>ons</sup> | SONOR | *CODA | ONSET |
|----------------|--------|--------|-------------------------|-------|-------|-------|
| a. [stur.di.a] |        | *!     | *                       | *     | *     | *     |
| b. [tu.di.a]   | *!     |        |                         |       |       | *     |
| c. [tru.di.a]  |        |        | *!                      |       |       | *     |
| d. [tur.di.a]  |        |        |                         |       | *     | *     |

A hierarquia em (14) apresenta as restrições \*COMPLEX<sup>ons</sup> e SONOR. A primeira proíbe grupos consonantais no onset de sílaba. A segunda exige que a sonoridade rumo ao núcleo seja crescente. O candidato (14a) viola DEP-IO, porque insere um segmento no onset da sílaba primeira. Ele também viola \*COMPLEX<sup>ons</sup> e SONOR por dispor uma oclusiva mais próxima do núcleo do que a fricativa, mais sonora. O candidato (14c) viola \*COMPLEX<sup>ons</sup> ao constituir grupo complexo (“metátese”). O candidato ótimo, (14d), violou \*CODA e ONSE, ranqueadas abaixo e em ordenamento parcial na hierarquia.

O tipo silábico VV com núcleo ramificado revela que a hierarquia da sílaba nas ilhas estudadas permitem ditongos. O ditongo pode ser decrescente, quando o primeiro V é vogal e o segundo, semivogal. E crescente, quando o primeiro V é semivogal e o segundo, vogal. Em sílaba inicial, são ditongos decrescentes: *oitu* (oito) e *yâ* (sim), *uâ* (interjeição). E crescentes: *iolanda* e *rua* (em Sotavento). Em (15) e (16), analisam-se um par de ditongos decrescentes em opcionalidade diferencial nas ilhas:

**(15) MAX-IO, DEP-IO>>\*CODA>>ONSET**

| /oi.tu/      | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|--------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [oit]     | *!     |        | *     | *     |
| ☞ b. [oi.tu] |        |        |       | *     |
| c. [oit.u]   |        |        | *!    | *     |
| d. [oi.tu]   |        | *!     | *     | *     |

**(16) MAX-IO, DEP-IO>>ONSET, CODA**

| /oit/       | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|-------------|--------|--------|-------|-------|
| ☞ a. ['oit] |        |        | *     | *     |
| b. ['oi.tu] |        | *!     | *     |       |
| c. ['ot]    | *!     |        | *     | *     |
| d. ['oi.tu] |        | *!     | *     | *     |

O candidato vencedor, (15b), para Santiago e Fogo violou ONSET, o que é esperado sílaba apenas com núcleo. Esse *output* se distancia do candidato (16a) que será o candidato ótimo para Santo Antão e São Vicente por manter a fidelidade I-O preconizada por MAX-IO e DEP-IO. Em comum nos *tableaux*, a aceitação total da violação ONSET e parcial de \*CODA e a não-aceitação de violação às restrições de Fidelidade: candidatos que apagaram (15a, 16c) ou que inseriram (15d, 16b, 16d) foram eliminados.

O tipo VV não foi registrado como sílaba medial ou final. Nesses casos, ele ocorre como núcleo de tipos silábicos como CVV, CCVV ou CVVC e CVVCC entre outros, apreciados na seqüência.

#### 4.2.1.2. ONSET

No constituinte Onset, agrupam-se o tipo CV e seus correlatos CVV, CCV, CCVV, CCCV nas variedades de Santiago e Fogo. Nas variedades de Santo Antão e São Vicente, além desses, há o tipo CCCCV. Em todas as ilhas, a posição de sílaba inicial dos vocábulos pode ser ocupada por quase todos os segmentos consonantais /p, b, t, d, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, m, n, l, r/, exceto pelas alveopalatais /ɲ/<sup>13</sup> e /ʎ/.

Em (18) e (19), citam-se exemplos dos tipos silábicos nas quatro ilhas caboverdianas:

<sup>13</sup> Registrou-se um vocábulo com /ɲ/ na posição inicial em São Vicente: Nhunha (nominho).

|              |                    |                   |                    |                   |
|--------------|--------------------|-------------------|--------------------|-------------------|
| <b>(18)</b>  | <b>SANTIAGO</b>    |                   | <b>FOGO</b>        |                   |
| CV           | /ka/               | ka (não)          | /bi.la/            | bila (vila)       |
| CVV          | /ma.ria/           | maria (maria)     | /t'eu/             | txeu (muito)      |
| CCV          | /fla.du/           | fladu (falado)    | /fra/              | frâ (falar)       |
| CCVV         | /skui/             | skui (escolher)   | /kria/             | kria (queria)     |
| CCCV         | /stre.tu/          | stretu (estreito) | /ngre.zə/          | ngréza (inglesa)  |
| <b>(19)</b>  | <b>SANTO ANTÃO</b> |                   | <b>SÃO VICENTE</b> |                   |
| CV           | /ko.'de/           | kodê (caçula)     | /po/               | po (pôr ou pó)    |
| CVV          | /rei/              | rei (rei)         | /kai.'toN/         | kaiton (Caetano)  |
| CCV          | /dva.'gar/         | dvagar (devagar)  | /tra/              | trá (tirar)       |
| CCVV         | /spia/             | xpiá (espia)      | /li.'gria/         | ligria (alegria)  |
| CCCV         | /stra.'ga/         | xtragá (estragar) | /ngra.'ja/         | ngraxá (engraxar) |
| <b>CCCCV</b> | _____              | _____             | /dstre.'i/         | dxtreí (distrair) |

O tipo CV é o modelo canônico nas línguas do mundo. Ele adquire papel de relevo nas situações comuns de aquisição de L1 e contextos de contatos de línguas que resultam na aquisição de L2 e, posteriormente, L1, como no caso das línguas com histórico de crioulização. Esse tipo silábico satisfaz as restrição ONSET, por apresentar uma consoante antes da vogal, e \*CODA por apresentar uma vogal final caracterizando uma sílaba não-travada. Ele constitui sílaba aberta, a chamada sílaba ótima.

Na posição de sílaba inicial de vocábulos, há alternâncias na consoante do tipo CV entre Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente em casos como o de /b/ e /v/, /s/ e /z/, /d<sub>3</sub>/ e /z/. Enquanto no Sul há recorrência dos primeiros segmentos dos pares, nas ilhas do norte, a escolha é pelos segundos. Apesar disso, na fala de um ou entre participantes, registraram-se alternâncias entre os dois tipos de segmentos nas ilhas de Santiago e Fogo. Em Barlavento, tal fato é raro, mas não de todo inusitado.

Em (20) e (21), analisa-se a opcionalidade diferencial. Em (22), a opcionalidade comum.

**(20) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(PLACE)>> \*COMPLEX>>ONSET,\*CODA**

| /bida/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(PLACE) | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | ONSET | *CODA |
|--------------|--------|--------|--------------|-------------------------|-------|-------|
| a. [ˈvi.da]  |        |        | *!           |                         |       |       |
| b. [bri.da]  |        |        |              | *!                      |       |       |
| c. [bi.das]  |        | *!     |              |                         |       | *     |
| ☞ d. [bi.da] |        |        |              |                         |       |       |

**(21) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(PLACE)>> \*COMPLEX>>ONSET,\*CODA**

| /vida/        | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(PLACE) | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | ONSET | *CODA |
|---------------|--------|--------|--------------|-------------------------|-------|-------|
| ☞ a. [ˈvi.da] |        |        |              |                         |       |       |
| b. [vid]      | *!     |        |              |                         |       | *     |
| c. [vda]      | *!     |        |              | *                       |       |       |
| d. [bi.da]    |        |        | *!           |                         |       |       |

**(22) MAX-IO, DEP-IO,\*COMPLEX, ONSET,\*CODA->>IDENT(PLACE)**

| /bida/      | MAX-IO | DEP-IO | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | ONSET | *CODA | IDENT(PLACE) |
|-------------|--------|--------|-------------------------|-------|-------|--------------|
| a. ['bi.da] |        |        |                         |       |       |              |
| b. [vi.da]  |        |        |                         |       |       | *            |

Em (20d), o candidato ótimo não violou restrição alguma, assim como o candidato (21a). Eles caracterizam o tipo silábico ótimo, o CV. Nos *tableaux*, as restrições de marcação são dominadas por fidelidade, o que significa que a língua opta por preservar a fidelidade IO. A diferença está nos traços dos segmentos da primeira sílaba: oclusivo labial (20) e fricativo alveolar (21). O conflito reside na correspondência aos traços dos segmentos que devem ser mantidos no *output* à semelhança do *input*.

Por violar a restrição ranqueada alto da hierarquia IDENT, o candidato (20a) é eliminado do *tableau*, e (20d) se eleger como o candidato gramatical nesse contexto. Para o *input* de (21), o candidato (21a) é considerado ótimo, enquanto o (21d) falha por violar fidelidade. Em (22), a restrição IDENT(PLACE) é ranqueada abaixo a fim de se obter dois candidatos ótimos a partir de uma só entrada. O candidato (22b) viola tal restrição que só não é fatal devido ao providencial rebaixamento da restrição. Se o *input* fosse relativo ao *output* (22b), o candidato ótimo (22a) é que violaria a restrição em pauta.

O tipo CV de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente é reforçado por vocábulos de natureza, diga-se assim, de ex-dtongos: nóda-nóda (nódoa), bera-bera (beira), baxu-bóx (baixo), noti-not (noite), partera (parteira), kartera (carteira), fitisera (feiticeira), konpanheru-konpenher (companheiro). No *tableau* (23), a análise de um vocábulo de ocorrência comum nas quatro ilhas:

**(23) MAX-IO, DEP-IO->>\*COMPLEX<sup>NUC</sup>->>ONSET, \*CODA**

| /'be.rə/    | MAX-IO | DEP-IO | *COMPLEX <sup>NUC</sup> | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------------------------|-------|-------|
| a. ['be]    | *!*    |        |                         |       | *     |
| b. [bei.rə] |        | *!     | *                       |       |       |
| c. ['be.rə] |        |        |                         |       |       |
| d. ['brə]   | *!     |        | *                       |       |       |

Em (23), os pontilhados entre MAX-IO e DEP-IO e ONSET e \*COMPLEX demonstra que essas restrições são ordenadas entre si. A alternância entre elas pode alterar a ordem, mas não o resultado de candidatos vencedores ou perdedores. Diferentemente de \*COMPLEX<sup>NUC</sup> que é dominada por elas, mas domina ONSET e \*CODA. Por causa dessa restrição, não há a possibilidade de o candidato (23d), com síncope da vogal do radical e passou a ter onset complexo, ser vencedor, ainda que restasse uma leve assonância constricta dessa vogal, do tipo [ê], pelo fato de ela ser a tônica do vocábulo do *input*.

O candidato com ditongo (23b) com /i/ epentético representa uma possibilidade na língua, mas por nenhum meio patente nesse caso, por violar DEP-IO e ser eliminado também por \*COMPLEX<sup>NUC</sup>. O candidato (23a) cometeu duas “retiradas”, duas violações fatais ao *input*. Vence, portanto, o candidato (23c). Em resumo, um tipo CV genuíno não viola fidelidade tampouco marcação. Não é à toa que essa é a sílaba modelar recorrente nas línguas do mundo e, naturalmente, nas ilhas caboverdianas.

Na posição de sílaba Inicial e medial, há um tipo CV peculiar nas ilhas em destaque. Esse é o caso das vogais médias abertas tônicas, normalmente em paroxítonas, seguidas por sílaba terminada com a vogal central baixa /ə/, como em *góta* e *bóka*, *kabésa*, *manéra*. Nos *tableaux* (24) e (25) analisam-se ocorrências em /ɛ/ e /ɔ/ comuns às ilhas quatro ilhas investigadas:

**(24) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(HIGH)>> ONSET, CODA**

| /ka.'bɛ.sə/      | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|------------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. [ka.be.sə]    |        |        | *!          |       |       |
| ☞ b. [ka.'bɛ.sə] |        |        |             |       |       |
| c. [ka.'bɛ.səʃ]  |        | *!     |             |       | *     |
| d. [ka.'bɛs]     | *!     |        |             |       | *     |

**(25) MAX, DEP-IO, IDENT(HIGH) >> ONSET, CODA**

| /'gɔ.tə/      | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|---------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. ['gɔ.tə]   |        |        | *!          |       |       |
| b. ['gɔ.təʃ]  |        | *!     |             |       | *     |
| ☞ c. ['gɔ.tə] |        |        |             |       |       |
| d. ['gɔt]     | *!     |        |             |       | *     |

Essa é, basicamente, uma questão de fidelidade à restrição IDENT(HIGH), que preserva a vogal tônica do vocábulo não permitindo que se lhe mudem os traços<sup>14</sup>. O candidato (24a) viola a identidade do traço principal da vogal tônica. O candidato (24c) apresenta marca de plural (ainda inexistente em algumas variedades). E, ao inserir essa marca, mesmo não mudando seu acento, viola DEP-IO e muda a estrutura da última sílaba, portanto é inadequado para representar o *input* posto. O candidato (24d) assemelha-se a uma das realizações de Barlavento, mas, nesse *tableau*, ele é eliminado por violar a MAX-IO, a restrição mais alta da hierarquia. O candidato ótimo, (24b), sai ileso dessa avaliação.

<sup>14</sup> Analisando o *tableau* (24) para o caso do /ɛ/ e o (25) para o caso do /ɔ/, pode-se, eventualmente pensar que há um equívoco e que as duas vogais médias tratam-se do *schwa*, o símbolo usado para representar a vogal central média baixa /ə/ neste estudo. Todavia, isso pode até ter acontecido há alguns séculos (v.4.2.3.), mas o que se ouviu e se registrou nas ilhas caboverdianas (2001/2002), nessa posição em foco, foram as vogais médias.

No *tableau* (25), o candidato ótimo (25c) representa a palavra ótima CV.CV. O seu concorrente mais próximo seria (25a), mas é eliminado por violar IDENT(HIGH) no início da avaliação. Outro que poderia ser um concorrente em potencial é (25b), o vocábulo com a marca de plural. Mas, ao inserir um elemento na coda da sílaba, violou DEP-IO e foi eliminado de pronto. O candidato mais improvável, (25d), mesmo para Barlavento (onde há tendência de queda da vogal final, que não seja o /a/ central), é eliminado devido à paragoge e à alteração silábica que geraria confusão semântica, nesse caso.

Na posição final de vocábulos, há um tipo de sílaba CV que gera grandes diferenças norte-sul e que se repercute em alternâncias contrastivas entre as ilhas. Está se falando da condição essencial (v.4.1.) de, além da baixa central, apenas as vogais altas /i, u/ ocorrerem na posição átona final em Santiago e Fogo. E, em Barlavento, nessa posição, ocorrer um vazio fonético, conforme Pesquisa de Campo (2001/2002) ou um “e mudo” ou mesmo o *schwa*, como prevê a literatura para a escrita e a fala, respectivamente. Em outros termos, em Sotavento existe a condição básica de que a sílaba seja aberta. Em Barlavento, de que a sílaba seja travada.

No caso contrastivo da queda do /u/ átono final de Sotavento em Barlavento, destaca-se as formas em opcionalidade diferencial podem ser bem distintas se a vogal tônica for uma central baixa /a/. E esse é o caso é extensivo a muitas categorias: verbos da primeira conjugação em particípio, verbos e pronomes átonos, como *bota-bu - botób, dá-bu - dób*, e também adjetivos e substantivos mais comuns, como *baru-bórr, lagartu-lagórt, maiu- mói*. Nos tableaux (26) e (27) analisa-se um par em opcionalidade diferencial entre as ilhas de Santiago-Fogo (26) e Santo Antão-São Vicente (27):

**(26) MAX-IO,DEP-IO>>IDENT(HIGH)>>ONSET,\*CODA**

| /pa.tu/    | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a.[pɔt]    | *!     |        | *           |       | *     |
| b.[pa.tu]  |        |        |             |       |       |
| c.[par.tu] |        | *!     |             |       | *     |
| d.[pɔ.tu]  |        |        | *!          |       |       |

**(27) MAX-IO, DEP-IO>>IDENT(HIGH)>>ONSET,\*CODA**

| /pɔt/     | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|-----------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a.[pɔ]    | *!     |        |             |       |       |
| b.[pa.tu] |        | *!     | *           |       |       |
| c.[pɔt]   |        |        |             |       | *     |
| d.[pɔt]   |        |        | *!          |       | *     |

Em (26) e em (27), primeiramente, se constata a realização de uma forma ou de outra em cada grupo de duas ilhas, o que confirma um *input* atual diferente para cada um desses grupos destacados. Na

atualidade, as formas de Sotavento que têm /a/ na sílaba tônica e terminam em /u/ atendem a fidelidade e marcação em tipos silábicos CV. Por isso, em (26b), a forma vencedora não viola restrição alguma, ao passo que a forma com apócope (26a), epêntese de uma consoante de coda (26c) e a com mudança na abertura e altura da vogal do radical (26d) saíram perdedoras no ranqueamento.

Em (27), o *input* de Barlavento apresenta um monossílabo com coda, uma sílaba CVC. A retirada de algum segmento pode promover erosão no significado total. Então, (27a) está eliminada. Não pode haver inserção (ou manutenção) de um /u/ final e nem mudança nos traços da vogal tônica, resultando numa forma igual à de Sotavento. Por isso também (27b) é considerada inadequada. O forma candidata ótima é (27c) por manter-se fiel ao *input* e violar \*CODA, ranqueada baixo em especial em Barlavento. Estando esta selecionada, a concorrente mais próxima, (27d), é eliminada ao violar IDENT(HIGH).

Alternâncias da vogal tônica central /a/ para /e/ em vocábulos terminados por /i/ em Sotavento são menos expressivas do que os casos com final /u/, mas ocorrem em Barlavento em exemplos do tipo: lakri-lekr, amigu-emig, grandi-grend. Mesmo não se tendo encontrado exemplos CV, analisa-se essa ocorrência em (28) e (29), mais por causa da natureza do processo do que da sílaba em questão.

**(28) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(HIGH) >> \*CODA >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup> >> \*COMPLEX<sup>cod</sup>**

| /la.kri/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | *COMPLEX <sup>cod</sup> |
|----------------|--------|--------|-------------|-------|-------------------------|-------------------------|
| a. [l'akr]     | *!     |        |             | **    |                         | *                       |
| b. [l'e.kri]   |        |        | *!          |       | *                       |                         |
| c. [l'a.ki.ri] |        | *!     |             |       |                         |                         |
| d. [l'a.kri]   |        |        |             |       | *                       |                         |

**(29) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(HIGH) >> \*CODA >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup> >> \*COMPLEX<sup>cod</sup>**

| /l'ekr/      | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | *COMPLEX <sup>cod</sup> |
|--------------|--------|--------|-------------|-------|-------------------------|-------------------------|
| a. [l'ek]    | *!     |        |             | *     |                         |                         |
| b. [l'ekr]   |        |        |             | **    |                         | *                       |
| c. [l'akr]   |        |        | *!          | **    |                         | *                       |
| d. [l'e.kri] |        | *!     | *           |       | *                       |                         |

Os candidatos ótimos (28d) e (29b) violaram \*COMPLEX<sup>ONS</sup> e \*COMPLEX<sup>cod</sup>. Entretanto, onsets e codas complexas são aceitos na gramática do Caboverdiano em geral. Todos os candidatos que apresentam a possibilidade de serem ótimos em uma outra circunstância, como (28a), (29a) e (28c), (29d) e (28b), (29c) foram eliminadas por violarem as restrições de Fidelidade dominantes na hierarquia, MAX-IO, DEP-IO e IDENT(HIGH). Por essa análise, a realização do vocábulo ou a vitória do *output* ótimo em cada um dos *tableaux* deve-se, especialmente, à presença das restrições IDENT(HIGH) e \*COMPLEX<sup>cod</sup> na hierarquia, quando da avaliação de todos os candidatos.

Na posição de sílaba final, há sílabas CV terminadas em /i, u/ que tem as vogais tônicas /e, o/ em Sotavento realizadas como /ɛ,ɔ/ em Barlavento. Diferentemente dos dois casos anteriores, a forma vocálica aberta de Santiago e Fogo fecha-se em Santo Antão e São Vicente. São exemplos: alégri-alegr, lévi-lev, bódi-bod (bode), póbri-pobr (pobre) e marélu-marel (amarelo) e katóliku-katolik~katolk (católico). Em (30) e (31), analisa-se o caso com /u/ átono final e zero fonético nas ilhas respectivas:

**(30) IDENT(HIGH)>> MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA**

| /ma.'re.lu/      | IDENT(HIGH) | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|------------------|-------------|--------|--------|-------|-------|
| ☞ a. [ma.'re.lu] |             |        |        |       |       |
| b. [ma.'rel]     |             | *!     |        |       | *     |
| c. [a.ma.'re.lu] |             |        | *!     | *     |       |
| d. [ma.'re.lu]   | *!          |        |        |       |       |

**(31) IDENT(HIGH)>> MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA**

| /ma.'rel/       | IDENT(HIGH) | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|-----------------|-------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [ ma.'rel]   | *!          |        |        |       | *     |
| b. [ ma.'el]    |             | *!     |        | *     | *     |
| c. [ ma.'re.lu] |             |        | *!     |       |       |
| ☞ d. [ ma.'rel] |             |        |        |       | *     |

Em (30), o candidato ótimo (30a) é composto de três sílabas CV. Ele é avaliado, eleito e realizado por não violar restrição alguma. O candidato (30d) violou IDENT(HIGH) ao modificar a natureza da vogal. O candidato com epêntese (30c) cometeu violação à restrição proibitiva de epêntese, DEP-IO, e mesmo eliminado, ainda se percebe que ele viola ONSET. O candidato (30c) por nenhum meio poderia ser o vencedor porque violou uma restrição de fidelidade alta na hierarquia, MAX-IO. Este *tableau* confirma que as restrições de fidelidade são, de fato, dominantes na hierarquia do caboverdiano moderno. Em (31), em se considerando que o *input* é uma forma com sílaba travada final, o candidato ótimo só poderia ser o (31d) que, ainda assim, viola \*CODA, baixo ranqueada. Os candidatos (31a), (31b) e (31c) incorrem em violações mais caras, sendo eliminados como possíveis formas ótimas.

Em (32) e (33), analisa-se a ocorrência de /i/ átono final e zero fonético nas respectivas ilhas:

**(32) MAX-IO, DEP-IO>>IDENT(HIGH)>>ONSET,\*CODA**

| / 'bɔ.ti /    | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|---------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| ☞ a. ['bɔ.ti] |        |        |             |       |       |
| b. ['bot]     | *!     |        | *           |       | *     |
| c. ['bɔ.tis]  |        | *!     |             |       | *     |
| d. ['bo.ti]   |        |        | *!          |       |       |

**(33) MAX-IO, DEP-IO >> IDENT(HIGH) >> ONSET, \*CODA**

| /ˈbɔt/      | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. [ˈbɔ.ti] |        | *!     | *           |       |       |
| b. [ˈbɔt]   |        |        |             |       | *     |
| c. [bɔ]     | *!     |        |             |       |       |
| d. [ˈbɔt]   |        |        | *!          |       | *     |

Nas ilhas de Santiago e Fogo, o candidato ótimo é o (32a) que não viola restrição alguma. O candidato (32b) e o candidato (32c) violam restrições de fidelidade dominantes na hierarquia, respectivamente, MAX-IO e DEP-IO. O candidato (32d) não viola as duas restrições anteriores, tampouco ONSET e CODA, por constituir-se de tipos silábicos perfeitos, dois CVs. Porém, viola IDENT(HIGH) que proíbe mudança de traço na vogal do *input*. É eliminado como os dois anteriores.

Em (33), percebe-se que para as ilhas de Santo Antão e São Vicente a situação é bem diferente, a começar pelo *input* que não dispõe de duas sílabas e sim de uma, CVC. Pela OT sincrônica, o fechamento vocálico do norte relativamente ao Sul reflete a dominância de fidelidade sobre marcação. Daí que o candidato com uma violação a \*CODA, (33b), seja ótimo em detrimento de (33a) e (33d) que violam duas restrições altas na hierarquia, e ainda de (33c) que foi eliminado por MAX-IO.

Na sílaba posição de sílaba final de verbos regulares das quatro terminações {-ar, -er, -ir, -or}, o tipo CV é comum nas quatro ilhas estudadas: kanta-kantá, podi-podê entre outras. Existem formas nominais que oscilam na mesma ilha e entre as ilhas: mudjer-mudjê, kudjer-kudjê, etc. Em (34), analisa-se um verbo com acentuação de Barlavento, mas com estrutura silábica comum às quatro ilhas:

**(34) MAX-IO, DEP-IO >> ONSET, \*CODA >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /koN.ˈpo/    | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|--------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| a. [kõ.ˈpɔr] |        | *!     |       | *     |                         |
| b. [ˈkpo]    | *!     |        |       |       | *                       |
| c. [kõ.ˈpo]  |        |        |       |       |                         |
| d. [kõp.o]   |        |        | *!    | *     |                         |

Em (34), MAX-IO e DEP-IO eliminaram (34a) e (34b) para evitar conflitos de *Input-Output* (IO). A forma ótima (34c) não viola restrição alguma. Ela violaria \*Coda, se o segmento fonológico /N/ não fosse interpretado como um suprasegmento que repousa sobre o /o/ e deixe a sílaba aberta, o CV clássico. O candidato (34d) deixou uma sílaba sem Onset e acresceu o segmento [p] como coda: silabou incorretamente, violando ONSET e \*CODA, que, mesmo baixas na hierarquia, e dependendo da forma de *input*, estão habilitadas a eliminar o candidato que violar qualquer condição de boa-formação silábica.

O tipo silábico CVV é comum às quatro ilhas focalizadas em vocábulos como gaita (gaita) e raiba (raiva), e, em especial, em monossílabos tônicos como boi (boi), bai~ba (vai), séu (céu), seu~se-si (seu). Na posição de sílaba medial, os exemplos extraídos da literatura foram pernoiti-pernoit, dizoitu-dzoit e dos dados de campo extraiu-se somente o nome próprio *Kaiton* (Caetano). Nos tableaux (35) e (36), registra-se um *input* e um *output* de cada vez. Em (37), haverá um só *input* para dois *outputs*:

**(35) MAX-IO, DEP-IO >> ONSET, \*CODA**

| /bai/   | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|---------|--------|--------|-------|-------|
| a.[bai] | *!     |        |       |       |
| b.[bai] |        |        |       |       |

**(36) MAX-IO, DEP-IO >> ONSET, \*CODA**

| /ba/    | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|---------|--------|--------|-------|-------|
| a.[ba]  |        |        |       |       |
| b.[bai] |        | *!     |       |       |

**(37) MAX-IO >> ONSET, \*CODA >> DEP-IO**

| /bai/   | DEP-IO | ONSET | *CODA | MAX-IO |
|---------|--------|-------|-------|--------|
| a.[bai] |        |       |       | *      |
| b.[bai] |        |       |       |        |

O candidatos ótimos (35b) e (36a) mantiveram fidelidade e não violaram restrição alguma. O candidato eliminado (35a) apagou o /i/ final e o candidato (36b) inseriu o dito segmento. Esse conflito entre acrescentar ou não um segmento e a opcionalidade nas ilhas pode ser analisado em (37). Nesse *tableau*, MAX-IO foi rebaixada providencialmente na hierarquia para permitir, a partir de um *input*, a realização de um *output* ótimo e um sub-ótimo. O candidato sub-ótimo (37a) viola MAX-IO. Caso o *input* fosse esse vocábulo CV, então, DEP-IO seria rebaixada e o candidato (37b) seria o sub-ótimo.

Na posição de sílaba final, o tipo CVV implica em alternância respectiva de ditongos a hiatos como núcleos de sílabas nas ilhas de Santiago e Fogo e de Santo Antão e São Vicente. As sílabas finais dos nomes *maria* (Maria) e *día* (dia) são realizados como os ditongos [ma.ria] e [dia] em Santiago e Fogo (nesta, ocorre também “moria”) e como hiatos [ma.ri.a], [di.a] em Santo Antão e São Vicente. Nos *tableaux* (39) e (40), busca-se analisar um caso que reflita essas ocorrências:

**(39) MAX-IO, DEP-IO >> ONSET, CODA >> \*COMPLEX<sup>NUC</sup>**

| /dia/     | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>NUC</sup> |
|-----------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| a.[di]    | *!     |        |       |       |                         |
| b.[di.a]  |        |        | *!    |       |                         |
| c.[dia]   |        |        |       |       | *                       |
| d.[di.as] |        | *!     |       |       |                         |

**(40) MAX-IO, DEP-IO >> \*COMPLEX<sup>NUC</sup> >> ONSET, \*CODA**

| /di.a/     | MAX-IO | DEP-IO | *COMPLEX <sup>NUC</sup> | ONSET | *CODA |
|------------|--------|--------|-------------------------|-------|-------|
| a. [ˈdi]   | *!     |        |                         |       |       |
| b. [di.as] |        | *!     |                         | *     |       |
| c. [ˈdia]  |        |        | *!                      |       |       |
| d. [ˈdi.a] |        |        |                         | *     |       |

No *tableau* (39), sai vencedora a forma (39c) que não entrou em conflito com qualquer das restrições altas na hierarquia, exceto com a que proíbe núcleos complexos, \*COMPLEX<sup>NUC</sup>. Destaca-se que \*COMPLEX<sup>NUC</sup> tem a condição de localidade variável dentro da hierarquia. Nos dois *tableaux*, os candidatos que retiraram (39a-40a), acrescentaram (39d-40b) ou silabaram (39b-40c) o vocábulo em desacordo com o *input* foram eliminados; vigorando o ditongo em (39) para Sotavento e o hiato em (40) para Barlavento. Essa ocorrência alerta para o fato de que não haver só em Barlavento tendência para a fusão de sílabas. Em escala mais discreta, sotavento também compartilha algumas dessas preferências.

Os tipos silábicos CCV, CCVV, CCCV e CCCC<sub>6</sub> formam grupos consonantais. A especificação silábica para as ilhas caboverdianas será C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub> V C<sub>4</sub>C<sub>5</sub>C<sub>6</sub> para abarcar sílabas com onset e coda (tri-)complexas. No tipo CCV, a posição de C<sub>2</sub> é ocupada por oclusivas e a de C<sub>3</sub>, por líquidas, como em [pr, pl, br, bl, tr, tl, fl, fr, vr, kr, kl, gr, gl]. A posição de C<sub>1</sub> é reservada à nasal /N/ e a fricativa /s/, como em (53) e (54). São exemplos do tipo CCV inicial: prasa-prasa (praça), trakinu-trekin (traquino), trobon-trovãu (trovão), krima-klima (clima) entre outros. Em (41), analisa-se um caso comum às ilhas:

**(41) MAX-IO, DEP, IO >> ONSET, \*CODA >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /ˈpra.sə/      | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|----------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| a. [ˈpa.sə]    | *!     |        |       |       |                         |
| b. [ˈpra.sə]   |        |        |       |       | *                       |
| c. [pə.ˈra.sə] |        | *!     |       |       |                         |
| d. [ˈpar.sə]   |        |        |       | *!    |                         |

Em (41c), por epêntese, a palavra dissilábica foi transformada em trissilábica, formando três sílabas ótimas CV. Mas, como o *input* prevê uma forma com Onset complexo, essa forma é eliminada em seguida. A forma com queda em síncope de (41a), que parece ser característica das primeiras fases de aquisição de L1 do que de L2, também remonta ao modelo básico CV. Todavia, é eliminada por violar MAX-IO que invalida esse tipo de operação para o *output* desejado. A possibilidade de uma metátese, como em (41d), é vetada pela restrição que prevê sílaba sem coda, em qualquer posição do vocábulo. A candidata vitoriosa, (41d), traz um onset complexo por violar COMPLEX<sup>ONS</sup>, baixa nessa hierarquia.

Em sílaba inicial de Sotavento e Barlavento, existe uma gama do tipo silábico CCV em que, diferentemente das ilhas do Norte, mais se parece com formas cristalizadas e não produtivas nas ilhas do Sul. Contudo, elas apontam para a tendência, ainda que estacionada no tempo, de nas ilhas do Sul também haver queda de alguns segmentos do tipo CV para formar onsets complexos com outra sílaba. Essa ocorrência se dá em ex-dissílabos e trissílabos realizados como monossílabos ou dissílabos. São exemplos: tra-trá (tirar), fra-frá (furar), vra-vrá (virar), kre-kre (querer, crer), fla-fra-flâ (falar), fri-frí (ferir), bráku-brók (buraco), dretu-dret (direito, certo), prigu-prig (perigo), flánu-flan (fulano).

O tipo CCV supracitado apresenta um tipo correlato semelhante, mas que pode ser descrito em opcionalidade diferencial em Sotavento e Barlavento. O resultado é parecido com o citado acima, mas, nesse caso, as ocorrências complexas descritas, atualmente, são produtivas apenas em Barlavento. O tipo CV de Sotavento se realiza como o tipo CCV com vogal tônica final, monossílabo quase sempre, com onsets complexos em Barlavento: subi-sbí (subir), pidi-pdí (pedir), bota-ptá (botar, colocar), fika-fká (ficar), pkê-pkê~purk (porque), kume-kmê (comer), kudi-kdí (acudir), kusta-kxtá (custar, demorar), bira-vrá (virar), buli-bli (bulir, mexer), fasi-fzê (fazer), kupa-kpá (ocupar). Ressalta-se que.

Para contemplar os dois últimos parágrafos, no *tableau* (42), desenvolve-se a análise de um vocábulo em opcionalidade comum nas ilhas. Em (43) e (44), análises de vocábulos em opcionalidade comum e diferencial. Em (45) e (46), analisa-se um par em opcionalidade diferencial apenas:

**(42) MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA>> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /kʁe/      | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| a.[kʁer]   |        | *!     |       | *     | *                       |
| b.[ke.ʁer] |        | *!*    |       | *     |                         |
| ☞c.[kʁe]   |        |        |       |       | *                       |
| d.[ke]     | *!     |        |       |       |                         |

**(43) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(HIGH)>> ONSET, \*CODA>> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /bra.ku/     | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|--------------|--------|--------|-------------|-------|-------|-------------------------|
| a.[brɔ.ku]   |        |        | *!          |       | *     | *                       |
| b.[brak]     | *!     |        |             |       | *     | *                       |
| c.[bu.ra.ku] |        | *!     |             |       |       |                         |
| ☞d.[bra.ku]  |        |        |             |       |       | *                       |

**(44) MAX-IO, DEP-IO, IDENT(HIGH)>> ONSET, \*CODA>> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /brɔk/     | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------|--------|--------|-------------|-------|-------|-------------------------|
| ☞a.[brɔk]  |        |        |             |       | *     | *                       |
| b.[brak]   |        |        | *!          |       | *     | *                       |
| c.[bra.ku] |        | *!     |             |       |       | *                       |
| d.[bu.ɔk]  |        | *!     |             |       | *     |                         |

**(45) MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA>>\*COMPLEX<sup>onset</sup>**

| /ku.di/                  | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>onset</sup> |
|--------------------------|--------|--------|-------|-------|---------------------------|
| a.[kud.i]                |        |        | *!    | *     |                           |
| b.[a.'ku.di]             |        | *!     | *     |       |                           |
| c.[ <sup>ə</sup> 'ku.di] |        |        |       |       |                           |
| d.['kdi]                 | *!     |        |       |       | *                         |

**(46) MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA>>\*COMPLEX<sup>onset</sup>**

| /'kdi/                   | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>onset</sup> |
|--------------------------|--------|--------|-------|-------|---------------------------|
| a.[kdir]                 |        | *!     |       | *     | *                         |
| b.[ <sup>ə</sup> 'kdi]   |        |        |       |       | *                         |
| c.[ <sup>ə</sup> 'ku.di] |        | *!     |       |       |                           |
| d. [di]                  | *!     |        |       |       |                           |

Em (42c) o tipo silábico CCV ótimo viola a restrição \*COMPLEX<sup>ONS</sup>, esta restrição é ranqueada baixo no Caboverdiano, o que permite onsets complexos. No mais, (42a) que procede à paragoge, (42b) que acrescenta epêntese vocálica e paragoge consonantal e (42d) que pratica a síncope relativamente ao *input* são violadas sumariamente do primeiro ao segundo momento da avaliação para *output* ótimo. Nos *tableaux* (43) e (44), a diferença na realização dos dois vocábulos reside na sílaba CCV. do primeiro que é transformada em CCVC., no segundo. Para além da harmonização [a+u] de Sotavento em /ɔ/, em Barlavento, a questão diz respeito a \*CODA e \*COMPLEX<sup>ONS</sup> que, estando baixas na hierarquia, permitem coda e onset complexos. Onset complexo que, como se vê, consta na forma de Sotavento.

Em (45), o candidato ótimo (45c) não viola restrição alguma, caracterizando o autêntico modelo CV no também vocábulo modelar CV.CV. Em (46), o *output* ótimo (46b) seria vetado caso a restrição violada estivesse no topo das restrições de marcação. Em Santiago e de Fogo, a prótese não parece boa opção, tanto assim que o candidato (45b) foi eliminado por DEP-IO. Em Santo Antão e São Vicente parece mais natural executar prolações complexas, como no caso de (46c) que viola a restrição DEP-IO, do que simplificá-las por meio de epêntese que resultaria numa forma igual à de Santiago e de Fogo.

A queda de segmento faz com que em (45d) e (46d) violem a mais alta das hierarquias de fidelidade, MAX-IO. Os candidatos (45a) e (46a) saem perdedores da corrida à realização no discurso, porque violam Onset e \*Coda, o primeiro, e \*Coda e \*COMPLEX<sup>onset</sup>, o segundo. Quanto às linhas pontilhadas que indicam o ordenamento parcial das restrições, constata-se que ONSET e \*CODA têm-se mantido assim há muitos *tableaux* na hierarquia do Caboverdiano e que MAX-IO e DEP-IO também. Essa relação só é desfeita para surgir uma dominância se, e somente se, o contexto o exigir.

Na sílaba inicial de vocábulo, e apenas nela, ocorre um tipo CCV característico do Caboverdiano: o das consoantes pré-nasalizadas e consoantes “fricativizadas”, diga-se assim. Baseando-se no modelo  $C_1C_2C_3V C_4C_5C_6$  para a sílaba caboverdiana, o tipo CCV envolve /N/ ou /S/ na posição de  $C_1$ , seguida por uma oclusiva como  $C_2$ , como em *skóla-xkóla* (escola), *skada-xkada* (escada), *nxina-nxinâ* (ensinar/aprender), *ngata-ngatâ* (engatar), entre outros exemplos com os segmentos complexos [np, nt, nk, nd, nb]<sup>15</sup>, etc. Nos *tableaux* (47) e (48), analisam-se a fricativa e a pré-nasalizada. Em (49) e (50), as formas com /i/ protético em “fracá” concorrência com as formas com o onset complexo nas ilhas:

(47) MAX-IO, DEP-IO >> NUC >> ONSET, \*CODA >> SONOR >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>

| /sta.lə/       | MAX-IO | DEP-IO | NUC | ONSET | *CODA | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|----------------|--------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|
| a. [stal]      | *!     |        |     |       | *     | *     | *                       |
| b. [s.'ta.lə]  |        |        | *!  |       |       |       |                         |
| c. ['sta.lə]   |        |        |     |       |       | *     | *                       |
| d. [is.'ta.lə] |        | *!     |     | *     |       |       |                         |

(48) MAX-IO, DEP-IO >> NUC >> ONSET, \*CODA >> SONOR >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>

| /Nta.lə/      | MAX-IO | DEP-IO | NUC | ONSET | *CODA | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|---------------|--------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|
| a. [ntal]     | *!     |        |     |       | *     | *     | *                       |
| b. [n.'ta.lə] |        |        | *!  |       |       |       |                         |
| c. ['nta.lə]  |        |        |     |       |       | *     | *                       |
| d. [ĩ.'ta.lə] |        | *!     |     | *     |       |       |                         |

(49) MAX-IO >> NUC >> \*CODA >> ONSET >> SONOR >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup> >> DEP-IO

| /sta.lə/       | MAX-IO | NUC | *CODA | ONSET | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | DEP-IO |
|----------------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|--------|
| a. ['sta.lə]   |        |     |       |       | *     | *                       |        |
| b. [is.'ta.lə] |        |     |       | *     |       |                         | *      |

(50) MAX-IO >> NUC >> \*CODA >> ONSET >> SONOR >> \*COMPLEX<sup>ONS</sup> >> DEP-IO

| /Nta.lə/      | MAX-IO | NUC | *CODA | ONSET | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | DEP-IO |
|---------------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|--------|
| a. ['nta.lə]  |        |     |       |       | *     | *                       |        |
| b. [ĩ.'ta.lə] |        |     |       | *     |       |                         | *      |

Nos *tableaux* (47) e (48), a restrição NUC, que exige que toda sílaba tenha um núcleo, elimina os candidatos (47b) e (48b) por apresentarem consoante sozinha. É preciso que a sílaba tenha um núcleo. Então, a consoante agrega-se ao onset da sílaba seguinte e, assim, viola \*COMPLEX<sup>ONS</sup>. Os candidatos (47c) e (48c) vencem porque essa mesma restrição está baixa na hierarquia. Eles também violaram SONOR, que exige que toda onset cresça e que as codas decresçam em sonoridade, visto haver uma obstruente depois de uma nasal e/ou uma fricativa. Os candidatos (47a) e (48d) foram eliminados na avaliação porque violaram restrições básicas da correspondência I-O, MAX-IO e DEP-IO.

<sup>15</sup> As líquidas /l, r/, que vêm depois das oclusivas, ficaram na posição de  $C_3$ , como se verá nos *tableaux* (53) e (54).

Os candidatos com [i] protético (49b) e (50b) não violam a restrição SONOR que, por enquanto, está ranqueada mais baixo na hierarquia, demonstrando o motivo de os candidatos “pré-nasalizados” serem ainda os mais realizados no Caboverdiano. A restrição ONSET encontra-se ranqueada mais alto, implicando na eliminação dos candidatos com prótese em um *tableau* que fosse exclusivo. Como os *tableaux* (49) e (50) são inclusivos, ou seja, tentam reunir os *outputs* ótimo e sub-ótimo, poderia mesmo pensar-se no *input* com /i/, como de fato já ocorre, e também cogitar-se a não-dominância entre ONSET e SONOR, marcada por linhas pontilhadas, para que ora um candidato seja o ótimo e ora o outro seja sub-ótimo e vice-versa.

Na posição de sílaba medial do tipo CCV, as ocorrências são muitas e estendidas às quatro ilhas. Todas as consoantes que podem ocorrer no início da sílaba CCV podem ocorrer nessa posição medial, exceto as pré-consonantais e as “fricativizadas”. O tipo CCV medial comum nas ilhas ocorre, principalmente, quando a sílaba final do vocábulo é a média central baixa /a/, especialmente em verbos. No *tableau* (51), mostram-se as interações entre as restrições que resultam no tipo CCV medial. Desta feita, o exemplo é um vocábulo verbal com acentuação típica de Barlavento, o que não altera a sílaba nas ilhas em pauta:

(51) **MAX-IO, DEP-IO>>ONSET, \*CODA>>\*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /koN.tɾa.'ta/    | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| a.[kõ.'tɾat]     | *!     |        |       | *     | *                       |
| b.[kõ.ta.ra.'ta] |        | *!     |       |       |                         |
| ⇒ c.[kõ.tɾa.'ta] |        |        |       |       | *                       |
| d. [kõt. a.'ta]  |        |        | *!    | *     |                         |

No *tableau* acima, o candidato (51a) incorreu em três violações. Mas sua eliminação deveu-se a MAX-IO por gerar o tipo CCVC diferente do CCV do *input*. O candidato (51b), ao criar uma forma polissilábica, violou DEP-IO e foi eliminado. O Candidato (51d) violou a mais alta das restrições de marcação, ONSET, ao silabar a consoante do onset da segunda sílaba como coda da primeira, e deixar uma vogal sem ataque. O candidato (51c) vence por fidelidade ao *input* e pela baixa posição de \*COMPLEX<sup>ONS</sup> que sugere ser preferível ao Caboverdiano este tipo de violação às demais.

O tipo silábico CCV final é comum entre Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente, normalmente, em vocábulos finalizados por /a/ ou /ə/ como *kabra-kabra* (cabra). Há também sílabas CCV finais que divergem entre as ilhas, geralmente, em vocábulos terminados por /i/ e /u/, ou /ə/, como em *nunbru-nunbr* (número). Esse e outros exemplos serão tratados na subseção do constituinte CODA. Quanto ao CCV final comum entre as ilhas, como as restrições, a hierarquia e a análise seriam idênticas ao do *tableau* (51), exceto a posição da sílaba, resolveu-se prescindir dessa análise em benefício da continuidade do texto.

Para o momento, transfere-se ao próximo tipo silábico do Caboverdiano: o CCVV. Esse tipo apresenta onset complexo e núcleo ramificado. É o tipo menos comum nas ilhas de Santiago-Fogo e de Santo Antão-São Vicente. Na posição de CCVV inicial, há os pares *skui-skuí* (escolher), *spia-xpiá* (espiar), que se realizam com ditongos em Sotavento e hiatos finais em Barlavento. Mas, em formas como *kria-kria* (queria) as realizações são idênticas nas quatro ilhas. Na posição de sílaba medial não se registrou esse tipo silábico, embora se cogite que devam existir exemplo no Caboverdiano. Na posição de sílaba final, o tipo CCVV ocorre em monossílabos como friu (frio) que, também em Sotavento, pode ser realizado como fru (CCV). Em (52), analisa-se o primeiro vocábulo do par *skoá-skoâ* (escoar):

(52) MAX-IO, DEP-IO>>ONSET, \*CODA>>SONOR>> \*COMPLEX<sup>ONS</sup>, \*COMPLEX<sup>NUC</sup>

| /'skoə/     | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | *COMPLEX <sup>NUC</sup> |
|-------------|--------|--------|-------|-------|-------|-------------------------|-------------------------|
| ☞ a.['skoə] |        |        |       |       | *     | *                       | *                       |
| b.['koə]    | *!     |        |       |       |       |                         |                         |
| c.['is.koə] |        | *!     | *     | *     |       |                         |                         |
| d.[sko.'a]  |        |        | *!    |       | *     | *                       |                         |

O candidato (52a) comete violações aceitas pela língua, por isso estão localizadas num ponto baixo da hierarquia. Os candidatos (52b) e (52c) violaram as restrições de fidelidade que proíbem aférese e prótese, MAX-IO e DEP-IO, respectivamente. O candidato (52d), igual ao de Barlavento, perde neste *tableau* ao violar a restrição ONSET, porque o *input* não prevê palavra dissilábica com sílaba inicial CCV E final V, mas, sim, estrutura monossilábica CCVV. Atesta-se, assim, um pouco da tendência em Sotavento, tão marcada em Barlavento, de as sílabas ficarem cada vez mais agrupadas.

O tipo silábico CCCV restringe-se à posição inicial e é comum nas ilhas de Santiago-Fogo, Santo Antão-São Vicente. Esse tipo apresenta um onset mais complexo do que o CCV, em que se abordou, pela primeira vez, o tema das consoantes pré-nasalizadas e das “fricativizadas”. Aqui, não fosse por esse C a mais, o tema se repetiria. Diferentemente do tipo CCV, no tipo CCCV ocorre as três consoantes iniciais da especificação silábica máxima para o Caboverdiano: C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub> V C<sub>4</sub>C<sub>5</sub>C<sub>6</sub>. Veiga (1982) assegura que “sons duplos ou triplos têm bastante rendimento funcional no crioulo: skr, spr, str, npr...” E os pares *npregu-npreg* (emprego), *skrebi-skrevê* (escrever), *spritu-sprit* (espírito), *spludi-xpludí* (explodir), *straga-xtragá* (estragar), *ntrega-ntregá* (entregar), *stretu-xtret* (estrito) confirmam isso.

No *tableau* (53), analisa-se um vocábulo com a fricativa inicial antes da obstruinte e da líquida. No *tableau* (54), um vocábulo com a nasal inicial. A alternância com o [i] não será representada por se considerar suficiente a análise desenvolvida com o tipo congênere CCV nos *tableaux* (45) e (46).

**(53) MAX-IO, DEP-IO>>NUC>>ONSET, \*CODA>>SONOR>>\*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /stra.da/        | MAX-IO | DEP-IO | NUC | ONSET | *CODA | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------------|--------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|
| a. [ˈsta.da]     | *!     |        |     |       |       | *     | *                       |
| b. [is.ta.ra.da] |        | *!*    |     | *     |       |       |                         |
| c. [ˈstra.da]    |        |        |     |       |       | *     | *                       |
| d. [is.ˈtra.da]  |        | *!     |     | *     | *     |       | *                       |
| e. [s.ˈtra.da]   |        |        | *!  |       |       |       | *                       |

**(54) MAX-IO, DEP-IO>>NUC>>ONSET, \*CODA>>SONOR>>\*COMPLEX<sup>ONS</sup>**

| /Ntra.da/       | MAX-IO | DEP-IO | NUC | ONSET | *CODA | SONOR | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|-----------------|--------|--------|-----|-------|-------|-------|-------------------------|
| a. [ˈnta.da]    | *!     |        |     |       |       | *     | *                       |
| b. [n.ˈtra.da]  |        |        | *!  |       |       |       | *                       |
| c. [nta.ˈra.da] |        |        |     |       |       |       |                         |
| d. [i.ˈtra.da]  |        | *!     |     | *     |       |       | *                       |
| e. [ˈntra.da]   |        |        |     |       |       | *     | *                       |

Nos *tableaux* (53) e (54), as sílabas iniciais desses nomes têm onsets complexos e violam a restrição que prima pela seqüência de sonoridade, SONOR. Contudo, (53c) e (54e) são aceitas e realizadas assim mesmo, porque o Caboverdiano fez uma opção por ter uma gramática com onsets complexos, a despeito das restrições estruturais, que estarão localizadas abaixo em sua hierarquia. Pelo menos, em casos como o de onset CCCV. As outras candidatas, até as com /i/ protéticos nos dois *tableaux* são eliminadas por incorrerem em violações que estão ranqueadas bem mais alto na hierarquia. Essa posição mais alta é sempre contada da esquerda para a direita: aquelas que estão mais próximas do *input*, mais pressão exercem sobre o *output* para que ele mantenha a semelhança com o *input*. A restrição NUC entra em cena em (53) e (54) para evitar a ocorrência de um eventual candidato que desmembrasse a seqüência complexa de sonoridade do onset, mas que deixasse uma sílaba sem identidade definida: onset ou coda? Para a boa-formação prosódica é preciso, fundamentalmente, que a sílaba tenha vogal. Por violar essa condição, os candidatos (53e) e (54b) foram eliminados.

Na posição de sílaba medial do vocábulo, o tipo CCCV não ocorre no Caboverdiano. Ao menos não se encontrou em campo (2201/2002) ou na literatura. Na posição de sílaba final, situação idêntica. Isso posto, para concluir a subseção do constituinte ONSET, vale apresentar o tipo silábico CCCC<sub>7</sub>V do vocábulo *dxtreí* (CCCC<sub>7</sub>V = distrair), registrado somente em São Vicente. Esse tipo silábico não havia entrado na definição da estrutura silábica maior do Caboverdiano pelo fato de ele ou ser raramente realizado em palavras comuns que têm esse morfema em sua constituição ou ser propriamente realizado em palavras derivadas que apresentem essa sílaba como prefixo {des-}, realizada [dx-] em Barlavento. Achou-se por bem, para o caso de um estudo futuro incluindo palavras derivadas, estender a estrutura silábica do Caboverdiano para C<sub>0</sub>C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>VC<sub>4</sub>C<sub>5</sub>C<sub>6</sub>C<sub>7</sub>, com {-dx} inicial como C<sub>0</sub>.

### 4.2.1.3. CODA

No constituinte Coda, agrupam-se os tipos silábicos VC, CVC, CVVC, CCVC, CVCC, em Santiago e Fogo. Em Santo Antão e São Vicente, mais estes: VVC, CCCVC, VCC, CCVCC, CVVCC, CVCCC. Na posição de coda ou elemento final da trilogia (C)V(C), há semelhanças e diferenças no Caboverdiano em geral. Em Santiago e Fogo, a coda restringe-se à /r, l, /s, z/ e l /N/. Em Santo Antão e São Vicente, a todos os segmentos consonantais — /p, b, t, d, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, m, n, l, r, ɲ, ʎ/ .

Tanto quanto o constituinte Onset, a Coda apresenta grupos consonantais complexos. Por isso, a especificação geral para sílaba cunhada na subsecção (4.2.1.2.) e acrescida de uma consoante inicial —  $C_0C_1C_2C_3 V C_4C_5C_6$  — será aplicada nessa parte do estudo da sílaba. Exemplos dos tipos silábicos com coda simples e complexa nas variedades insulares de Santiago e de Fogo (Sotavento) e nas variedades de Santo Antão e de São Vicente (Barlavento) podem-se observados em (55) e (56):

|              |                            |                      |                            |                       |
|--------------|----------------------------|----------------------|----------------------------|-----------------------|
| <b>(55)</b>  | <b>SANTIAGO</b>            |                      | <b>FOGO</b>                |                       |
| VC           | /a <u>l</u> .tu/           | altu (alto)          | /ʔ <u>a</u> N.tis/         | ántis (antes)         |
| CVC          | /ʔ <u>s</u> er/            | sér (ser)            | /k <u>æ</u> r.ʔker/        | karkér (qualquer)     |
| CVVC         | /d <u>ue</u> N.ʔsi.a/      | duensia (adoecia)    | /ʔd <u>i</u> os/           | Dios~Diós (Deus)      |
| CCVC         | /ʔf <u>re</u> s.ku/        | fresku (fresco)      | /ʔsker.du/                 | skerdu (esquerdo)     |
| CVCC         | /ʔdeNt/                    | dent~dend (dentro)   | /kuN.di.ʔsoNs/             | kundisons (condições) |
| <b>(56)</b>  | <b>SANTO ANTÃO</b>         |                      | <b>SÃO VICENTE</b>         |                       |
| VC           | /u <u>r</u> .to.ʔlaN/      | urtolan(ortelã)      | /ʔom/                      | om (homem)            |
| CVC          | /ʔg <u>o</u> t/            | gót (gato)           | /so.ʔdad/                  | sodad (saudade)       |
| CVVC         | /ʔk <u>ua</u> ʒ/           | kuaj (quase)         | /liN.ʔqu <u>o</u> d/       | linguad (linguado)    |
| CCVC         | /ʔN <u>b</u> ig/           | nbig (umbigo)        | /ʔp <u>r</u> op/           | prôp (próprio)        |
| CVCC         | /k <u>ó</u> Np/            | kónp (campo)         | /li.ʔ <u>s</u> erS/        | lisérs (alicerce)     |
| <b>VVC</b>   | /ʔoit/                     | oit (oito)           | /ʔoit/                     | oit (oito)            |
| <b>CCCVC</b> | /ʔp <u>k</u> nin/          | pknin (pequeno)      | /b <u>s</u> tid/           | bxtid (vestido)       |
| <b>VCC</b>   | /ʔ <u>o</u> lk/            | ólk (álcool)         | /ʔ <u>o</u> ts/            | otx (outros)          |
| <b>CCVCC</b> | /ʔ <u>s</u> f <u>o</u> rs/ | xfors (esforço)      | /ʔb <u>r</u> oNk/          | bronk (branco)        |
| <b>CVVCC</b> | /ʔk <u>uo</u> Nt/          | kuónt ~kónt (quando) | /koN.ʔ <u>f</u> iaNt/      | konfiánt (confiante)  |
| <b>CVCCC</b> | /ʔ <u>s</u> eN <u>p</u> r/ | senpr (sempre)       | /ʔ <u>n</u> uN <u>b</u> r/ | nunbr (número)        |

O tipo silábico VC com núcleo e coda simples é comum às quatro ilhas estudadas. Na posição de vogal inicial do tipo VC podem figurar as oito vogais do Caboverdiano, apresentadas na seção (4.1.). Na posição de coda simples, podem constar as consoantes líquidas, as fricativas e as nasais. No *tableau* (57), analisa-se um vocábulo recorrente nas quatro ilhas em destaque neste estudo:

**(57) MAX-IO, DEP-IO>>\*CODA, ONSET**

| /ʔɔr.tə/      | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|---------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [ʔɔ.tə]    | *!     |        | *     |       |
| b. [ʔɔ.ri.tə] |        | *!     | *     |       |
| ☞ c. [ʔɔr.tə] |        |        | *     | *     |
| d. [ʔɔr.təs]  |        | *!     | *     | **    |

No *tableau* (57), a forma ótima (57c) quase empata com (57d). Mas o fato (57d) ter acrescentado um segmento ao input dado faz dele um perdedor, tendo violado DEP-IO. Em (57a) ocorreu a síncope, violação a MAX-IO e ONSET. Como todas as candidatas violaram ONSET, (57b) seria uma ótima realização caso não violasse DEP-IO, que proíbe inserções ainda que estas resultem em sílabas CVs.

O tipo VC inicial alterna entre Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente. Algumas vezes, nas ilhas de Barlavento, esse tipo silábico pode ser o resultado da junção de um núcleo a um onset seguinte, que se transforma em sua coda, como em *om* (homem) e *os* (osso) vocábulos realizados *omi* e *osu* em Santiago-Fogo, conforme comentado e analisado no tipo CV. Logo, parte-se para outro tipo de VC inicial.

Nas ilhas em foco, na sílaba VC inicial, acontece o processo de rotacização de /l/ em /r/, como em *altu~artu* (alto), *algen~argen~arge* (alguém). Esse processo é mais comum em Fogo. Em se tratando do mesmo processo, a sílaba CCV também passa por rotacização opcional nas quatro ilhas, como nos exemplos: *fla-frâ* (falar), *volta-vorta* (volta), *planta-pranta* (planta), *bloku-broku* (bloco), *galinha-garinha* (galinha), *lugar-rugar* (lugar), entre outros. Em (58) e (59), um exemplo do tipo VC para ser analisado:

**(58) MAX-IO, DEP-IO>>IDENTC>>ONSET, \*CODA**

| /artu/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(PLACE) | ONSET | *CODA |
|--------------|--------|--------|--------------|-------|-------|
| a. [ˈa.tu]   | *!     |        |              | *     |       |
| ☞ b. [ar.tu] |        |        |              | *     | *     |
| c. [al.tu]   |        |        | *!           | *     | *     |

**(59) MAX-IO, DEP-IO>>IDENTC>>ONSET, \*CODA**

| /aitu/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(PLACE) | ONSET | *CODA |
|--------------|--------|--------|--------------|-------|-------|
| a. [ˈa.tu]   | *!     |        |              | *     |       |
| b. [ar.tu]   |        |        | *!           | *     | *     |
| ☞ c. [al.tu] |        |        |              | *     | *     |

Em (58b), o candidato ótimo preservou a identidade relativamente ao *input*, mas violou restrições essenciais da boa-formação silábica. Esse é o custo para se ter sílabas iniciadas por vogal e terminadas por consoantes, VC. Em (59c), o mesmo caso. Os candidatos (58a) e (59a) violam MAX-IO e são eliminados imediatamente. Em (58c) e em (59b), as formas concorrentes para o *input* de cada *tableau*. Todavia, em cada uma delas, uma violação à restrição de correspondência IDENT(PLACE): [r] e [l],

ambas líquidas, mas a primeira é vibrante e a segunda, lateral. Logo, são semelhantes, não iguais. Poder-se-ia organizar *tableau* único para as duas saídas opcionais, mas basta destacar que o conflito deve-se a IDENT(PLACE), que será violada por um dos dois *outputs* qualquer que seja o *input* dado.

O tipo VC medial não foi registrado na pesquisa de campo em Cabo Verde (2001/2002). Em posição de sílaba final de vocábulo, registrou-se a ocorrência *soúd* [so.ud] (saúde) em Barlavento. Esse mesmo vocábulo ocorre como três sílabas distintas em Santiago e Fogo: sa.ú.di. Pensa-se que este fato foi comentado suficientemente na seção (4.2.1.1.), que contemplou o o tema do hiato (tipo V) nas ilhas. Cogita-se uma remota possibilidade de haver mais exemplares desse tipo em Santo Antão e São Vicente (Barlavento), mas, talvez, quase nenhum na ilha de Santiago e ilha do Fogo (Sotavento).

Nos tipos silábicos VVC e VCC, o primeiro tem núcleo ramificado com coda simples e o segundo, núcleo simples com coda complexa. Eles são específicos de Barlavento. No contraste das sílabas atuais de um grupo de ilhas a outro, esses tipos são equivalentes à formas de Sotavento sem a vogal final. Assim, os tipos VVC e VCC de Barlavento equiparam-se ao tipo CV básico de Sotavento. São exemplos respectivos os pares *oitu-oit* (VVC (oito)) e *onzi-onz* (V(C)C (onze))<sup>16</sup>.

Em (60) e (61), realiza-se a análise dos tipos silábicos citados relativos às ilhas de Barlavento:

**(60) MAX-IO, DEP-IO>>ONSET, \*CODA**

| /oit/       | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------|-------|
| a. ['oi.tu] |        | *!     | *     |       |
| b. ['ot.u]  | *!     | *      | **    | *     |
| ☞c. ['oit]  |        |        | *     | *     |
| d. ['ot]    | *!     |        | *     | *     |

**(61) MAX-IO, DEP-IO>>ONSET, \*CODA**

| /oNz/      | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|------------|--------|--------|-------|-------|
| a. ['õz.i] |        | *!     | **    | *     |
| b. ['zõz]  |        | *!     |       | *     |
| ☞c. ['õz]  |        |        | *     | *     |
| d. ['oz]   | *!     |        | *     | *     |

Em (60a) e (61a) ocorrem três violações, uma delas fatal a DEP-IO por implicar em epêntese, resultando, respectivamente, nos tipos VV.CV e VC.V que não correspondem aos tipos VVC e V(C)C dos *inputs*. Em (60b), o fato grave foi o apagamento da segunda vogal do tipo VVC e inserção e silabação de uma vogal sozinha. Em (61b), a prótese culmina na violação de DEP-IO e de \*CODA. Essa última relacionada ao fato de codas serem “abundantes” em Barlavento e restritas em Sotavento.

<sup>16</sup> O (C) relativo à nasal está entre parênteses, devido ao fato de ele ser um segmento flutuante que só aparece em sua forma consonantal na transcrição fonológica; na fonética, ele é representado por um til (~), como se sabe.

Os candidatos vencedores, (60c) e (61c) violaram restrições de marcação baixas na hierarquia saindo ilesos da avaliação. Nesses casos, hierarquia é sempre a mesma, o que muda são os números de violações em que um ou outro candidato incorre, e a importância e o poder de cada uma dessas restrições em eliminá-los ou alçá-los a condição de vencedores. Os candidatos (d), por exemplo, violaram uma restrição localizada no topo da hierarquia, MAX-IO. Portanto, foram violados de início.

O tipo silábico CVC representa a forma da sílaba travada, mas, ao mesmo tempo, o da sílaba completa no sentido de que ela é dotada dos três constituintes elementares da sílaba: onset, núcleo e coda. Esse tipo silábico é muito comum entre as ilhas em realizações idênticas, especialmente na posição medial, em vocábulos terminados por /a/ ou consoante líquida, fricativa ou nasal, como em vista (vista), pista (pista), dór-dor (dor), amor (amor). Vocábulos terminados em / i, u / e também em consoantes, por vezes, passam por alternâncias. Em (62) e (63), a análise em opcionalidade diferencial nas ilhas:

**(62) MAX-IO, DEP-IO>>IDENTV>>ONSET,\*CODA**

| /ser/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. ['sɛ]    | *!     |        |             |       |       |
| b. ['ser]   |        |        |             |       | *     |
| c. ['ser]   |        |        | *!          |       | *     |
| d. ['se.re] |        | *!     |             |       |       |

**(63) MAX-IO, DEP-IO>>IDENTV>>ONSET, \*CODA**

| /ser/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. ['se]    | *!     |        |             |       |       |
| b. ['ser]   |        |        |             |       | *     |
| c. ['ser]   |        |        | *!          |       | *     |
| d. ['se.re] |        | *!     |             |       |       |

Os candidatos com apócope (62-63a) violarem MAX-IO e geraram a sílaba CV, não correspondente ao tipo CVC do *input*. Os candidatos ótimos (62b) e (63b) mantêm a abertura e altura vocálica especificados no *input*, só violam a restrição baixa \*Coda. Os *outputs* (62c) e (63c) demonstraram no *tableau* errado a vogal aberta em Santiago-Fogo e a vogal fechada Santo Antão-São Vicente. Eles violaram IDENT(HIGH) que postula identidade entre os traços dos segmentos de *input-output*. Os candidatos (62-63d), resultam na palavra ótima CV.CV, contudo violaram a condição de sílaba única inscrita no *input*.

Na posição de sílaba final do tipo CVC, encontram-se vários monossílabos e alguns monotongos nas quatro ilhas em foco, como ten (tem), kel (aquele), del (dele), dos-dox (dois). Nessa posição, figuram tipos característicos de Barlavento como os primeiros vocábulos dos pares: dôs-dosi (dosi), linga-língua (língua), roxpét-rospetu (respeito), not-noti (noite), mótx-matxu (macho), pasód-pasadu (passado), fetis-fetisu (feitiço), tosinh-tosinho (toucinho). Em (64), análise de um monossílabo CVC comum às ilhas:

**(64) MAX-IO, DEP-IO>> ONSET, \*CODA**

| /del/       | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|-------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [ˈde.li] |        | *!     |       |       |
| b. [de.ˈel] |        | *!     | *     | *     |
| c. [ˈdel]   |        |        |       | *     |
| d. [ˈde]    | *!     |        |       |       |

O candidato ótimo (64c) viola a restrição \*CODA apenas, que se encontra ranqueada baixa na hierarquia. Isso explica grande parte da aceitação de pronomes em CVC na língua. Candidatos com queda (64d) e com inserção (64a) (64b) são eliminados por criarem, respectivamente, os tipos silábicos CV, CV.CV, CV.VC, todos diferentes da especificação do *input* que requer uma forma única CVC.

O tipo silábico CVVC inicial não é muito comum nas variedades caboverdianas. Na posição medial não se encontrou exemplos, talvez porque trissílabos e polissílabos sejam em menor número no Cabo-verdiano, especialmente em Barlavento. Na posição final, os exemplos vêm de Barlavento em estreita correlação com os de Sotavento, que contêm mais material fonético fonológico para o contraste. Para a posição de sílaba inicial, citam-se os vocábulos *duensia* (adoecia) e *Diós* (Deus), e, para a final, *kuaj* (quase) e *linguód* (linguado). Macedo (1979) cita *piad, pioj, mead, bain, kauz, muíd, buat*.

Em (65), analisa-se um tipo CVVC legítimo em Sotavento e “meio incerto” em Barlavento:

**(65) MAX-IO, DEP-IO, IDENTV>> ONSET>>\*CODA**

| /diɔs/       | MAX-IO | DEP-IO | IDENT(HIGH) | ONSET | *CODA |
|--------------|--------|--------|-------------|-------|-------|
| a. [ˈdiɔs]   |        |        |             |       | *     |
| b. [ˈdiɔ]    | *!     |        |             |       |       |
| c. [ˈdeɔs]   |        |        | *!          |       | *     |
| d. [ˈdiɔ.su] |        | *!     |             |       |       |
| e. [di.ˈɔs]  |        |        |             | *!    | *     |

As restrições ONSET e \*CODA separadas por uma linha reta no *tableau* não podem ter sua posição alterada na hierarquia, sob o risco de o candidato (65e) com hiato (que parece ocorrer também em Barlavento) concorrer com o candidato ótimo (65a) que violou \*CODA e tem uma sílaba CVVC. O candidato (65d) inseriu uma consoante de coda, violou DEP-IO, que milita contra epêntese de qualquer natureza. A forma (65b), ao violar MAX-IO, apaga uma vogal e é eliminada sumariamente. MAX-IO assemelha-se a uma restrição-sentinelas, no topo da hierarquia, não permitindo que formas lexicais percam, juntamente com os segmentos, pouco ou muito do seu sentido. A forma (65c) viola \*CODA como as demais. Mas de nada adianta ser CVVC, e ter forma fonética eventualmente parecida com a das ilhas de Barlavento, se ela foi infiel à vogal do *input* especificado: é perdedora também.

O tipo CCVC formado por obstruinte e líquida é comum em Santiago e de Fogo, como em *fresku* (fresco). Em vocábulos com final /a/, esse tipo é comum nas quatro ilhas: *presta-prestá* (prestar). Em Barlavento, o tipo CCVC ocorre em: *trig-trigu* (trigo), *gron-gráu* (grão), *prót-pratu* (prato), *kabrit-kabritu* (cabrito). No tipo CCVC formado por fricativa ou nasal seguida por obstruinte, são exemplos os vocábulos: *nbarka-nbarká* (embarcar), *nportant-nportanti* (importante), *sfors-xfors* (esforço), *likrin-likrin* (alícrim), *franjid-franjid* (franzido/enrugado), comuns às quatro ilhas. E os primeiros vocábulos dos pares *Nbig-Nbigu-biku* (umbigo), *gzód-gizadu* (guizado) são exemplos relativos a Santo Antão e São Vicente.

O tipo silábico CVCC ocorre na posição final de sílaba em vocábulos nas ilhas de Santiago-Fogo (Sotavento) e Santo Antão e São Vicente (Barlavento). Ele pode ser exemplificado pelos dois pares relativos aos grupos de ilhas investigados neste estudo: *dent-dend* (dentro) e *kundisons-kundisonx* (condições). Somente em Barlavento, o tipo CVCC é encontrado em vocábulos como *kónp* (campo), *lisérs* (alicerce), *rokurs* (recurso), *konkurs* (concurso), *linp* (limpo), *lekr* (lacre), *kofr* (kofre), *vinegr* (vinagre), *lens* (lenço), *pork* (porco), *kold* (caldo), *ters-terstu* (terço), *karn* (carne) *konform* (conforme). Todos esses são vocábulos que apresentam uma vogal alta final /i/ ou /u/ nas ilhas de Sotavento.

Os tipos silábicos CVVCC, CCVCC, CCVVC, CCCVC, CVCCC foram registrados somente em Santo Antão e São Vicente. Para CVVCC, registram-se os exemplos: *kuand-kuandu* (quando), *konfiánt-kunfianti* (confiante). Para CCVCC: *predx-paredis* (paredes), *brónk-branku* (branco). Para CCVVC, esse apenas: *dzoit-dzoitu* (dezoito). Para CCCVC, apenas um: *bxtid-bistidu* (vestido). E para CVCCC, três: *senpr* (sempre), *nunbr* (número), *lurds* (Lurdes)<sup>17</sup>. O tipo silábico CCCVVC foi registrado em Santo Antão no vocábulo *txpois* (depois). Nas quatro ilhas, esse vocábulo pode variar: *udixpox*, *dipoi*, *dpox*, *dxpox*, *dxpoix* *adixpox*, *txpox* (essa forma com coda desvozeada e (tri-)complexa é do Norte).

No tocante ao estudo da Sílaba, encerra-se esta subseção afirmando que pelo prisma das quatro ilhas estudadas, o Caboverdiano caracteriza-se como um tipo de língua (O)V(C), em que o núcleo é obrigatório e os constituintes Onset e Coda são opcionais. Assim, é possível exibir codas e onsets simples e complexos e que, a despeito de tipos diferenciais entre os dois conjuntos de ilhas para um mesmo vocábulo, as alternâncias podem ser interpretadas como deslocamentos de uma restrição na hierarquia em relação à outra, mas que são as mesmas e operam num mesmo e variável sistema.

Daqui para frente, prossegue-se com o estudo do acento nas ilhas de Cabo Verde.

<sup>17</sup> O tipo silábico CVCCCC para o vocábulo *monstr* (monstro) (Cardoso, 1990:83) não foi registrado nesse estudo, tampouco os tipos CCCVC e CCCCVCV (Quint-Abril, 2000: 35).

#### 4.2.2. O Acento nas Ilhas de Cabo Verde

Se a vogal constitui o núcleo da sílaba, a sílaba tônica constitui o núcleo de um vocábulo, margeada ou não por outras sílabas. Na sílaba tônica, descansa o apelo mais forte do vocábulo — ela é o local de pouso e repouso do acento. Nela residem proeminência, alongamento, peso e sentido próprios que caracterizam um vocábulo como tal e não como outro qualquer. Nas ilhas de Cabo Verde, o acento será estudado três subseções: Dissílabos (4.2.2.1.), Trissílabos (4.2.2.2.) e Polissílabos (4.2.2.3.).

##### 4.2.2.1. Dissílabos

Os dissílabos são vocábulos que, como o próprio nome indica, apresentam duas sílabas, como na palavra ótima de duas sílabas abertas, CV.CV, ou nas palavras CCV.CV., CV.CCV ou CVC.CV e tipos correlatos. A condição precípua é a de que em cada um dos núcleos da palavra haja vogal, devendo ser uma delas mais proeminente que a outra. Em termos da hierarquia prosódica, as sílabas organizam-se em pés, reunião de duas sílabas, sendo uma delas acentuada (Cf. Costa, 2001: 72). Pés com proeminência à esquerda são Troqueus e pés com proeminência à direita são Iambos.

Os dissílabos apresentam interessante aspecto para a teoria fonológica: ou eles são troqueus ou são iâmbicos, ou seja, não há meio termo por causa de sua constituição binária. Nesse subitem, serão expostas ocorrências envolvendo alguns contextos de vocábulos dissilábicos: dissílabos trocaicos e iâmbicos em nomes e verbos, dissílabos trocaicos e iâmbicos advindos de trissílabos, dissílabos que se tornaram monossílabos e monossílabos tônicos em geral. Nos quadros (66a) e (66b), apresentam-se exemplos de dissílabos trocaicos e de dissílabos iâmbicos para as quatro ilhas estudadas:

|            |     |                    |                    |                    |                 |
|------------|-----|--------------------|--------------------|--------------------|-----------------|
| (66)       | (a) | <b>SANTIAGO</b>    |                    | <b>FOGO</b>        |                 |
|            |     | [ˈfe.tu]           | fetu (feito)       | [ˈkri.ma]          | krima (clima)   |
|            |     | [ˈsa.bi]           | sábi (gostoso)     | [ˈer.ba]           | érba (erva)     |
|            |     | [ker.ˈse]          | kersê (crescer)    | [a.ˈli]            | ali (aqui)      |
|            |     | [kã.ˈsãw]          | kansãu (canção)    | [do.ˈtor]          | dotor (doutor)  |
|            | (b) | <b>SANTO ANTÃO</b> |                    | <b>SÃO VICENTE</b> |                 |
| [ˈklas]    |     | klas (série)       | [ˈpra.sə]          | prasa (praça)      |                 |
| [ˈbɔ.brɔ]  |     | bóbra (abóbora)    | [ˈbɔ.l.sɔ]         | bólsa (bolsa)      |                 |
| [kõ.ˈform] |     | konform (conforme) | [ba.ˈbɔs]          | babós (babosa)     |                 |
|            |     | [bar.ˈbitʃ]        | barbitx (barticha) | [bo.ˈdɔk]          | bodók (bodoque) |

Nos vocábulos das ilhas caboverdianas, em que grande parte das ocorrências é dissilábica por natureza, há que se destacar especialmente o caso dos verbos em termos acentuais. Conforme dito em 4.2.1., no Caboverdiano como sistema geral, verbos regulares de todas as terminações formam sílabas abertas, terminadas por vogal antecédida por um ou mais C. Geralmente, esses verbos são dissilábicos. Quando não, muitos deles passam por algumas modificações que os encaminham nessa direção.

Em Santiago, o verbo dissilábico apresenta um padrão categoricamente paroxítono, troqueu. Em Fogo, os verbos apresentam certa oscilação entre o padrão paroxítono e o oxítono. A um primeiro olhar, o padrão acentual de Fogo parece oxítono, com a prolação de vogais tônicas ou finais mais fechadas, como em frá (falar), konpô (compor), nbentâ (inventar), e papiâ~popiâ (papiar). Porém, a um olhar mais acurado, detectam-se alternâncias ocasionais na fala dos participantes: nxina-nxinâ (ensinar), rita-ritâ (irritar), ditxa-ditxâ (deixar), djunta-djuntâ (juntar), kume-kumê (comer), pidi-pidí (pedir).

Todavia, o padrão determinante em Fogo para grande parte dos verbos é trocaico como em Santiago. Em (67a-b) dispõem-se exemplos variados, não só dissilábicos, desse último tipo:

**(67) (a)** spadja (espalhar), konpra (comprar), kema (queimar), larga (largar), lénbra (lembrar), odja (olhar), kursa (cursar), txuma~xuma (chamar), txiga (chegar), kúdi (acudir), linpa (limpar), konta (contar), kanta (cantar), pódi (poder), skapa (escapar), studa (estudar), txora (chorar), modja (molhar), riska (riscar), trata (tratar, combinar), sóta (soltar), pénsa (pensar), kema (queimar), sinta (sentar), sinti (sentir) servi (servir), skisi~skesi (esquecer), ngana (enganar), pára (parar), kaba (acabar), ntendi (entender), atxa (achar), debe (dever), pasa (passar), dixé (dizer), mata (matar, marca (marcar), rinka (arrancar), sabi (saber), piska (pescar), prende (prender), manda (mandar), prexia (apreciar), pensa (pensar), panha (apanhar), otxa (achar), ilujia (elogiar, elogio= subst. e verbo), kunsigi (conseguir), kerdita (acreditar), konpleta (completar), kustuma (costumar), kondedja (aconselhar), konpromiti (comprometer), purbeita (aproveitar), kuzinha (cozinhar), mindjóra (melhorar), rejista (registrar), kontinua (continuar), konpreta (completar), konpartilha (compartilhar), dispenja (despejar), diskaréga (descarregar), diskansa (descansar), distronka (destronar), diskonta (descontar), diskubri (descobrir), prigunta~prugunta (perguntar), rabida (revirar, revidar), sakúdi (sacudir), dizeja (desejar), prusiza (precisar), rakruta (recrutar), pruveita~prubeita (aproveitar), repara (reparar), resebi (receber), trabadja (trabalhar);

**(b)** éra (era), stava~staba~tava (estava), tene~ten (tem), teve (teve), tinha (tinha) skribidu (escrito), vivedu (vivido), linpadu (limpo), fazidu (feito), kontisedu (acontecido), matadu (matado, morto), saídu (saído), tradu (tirado), kumedu (comido), kumeda diskubridu (descoberto), fradu (falado), drumidu (dormido), sintadu (sentado), labantadu (levantado [=tempo antigo]), (comia), viajaba (viajava), vortaba (voltava), sintiba (sintia), gostava (gostava), fazeba (fazia), ferveba (fervia), kontaba (contava), izistiba (existia), baba (ia), flaba (falava), daba (dava), xigaba (chegava), pagaba (pagava).

Em Santo Antão e São Vicente, ao contrário das ilhas de Sotavento, os verbos são oxítonos. Essa observação é confirmada na declaração de Veiga (1998: 107) de que os verbos regulares, em São Vicente, são oxítonos e “contrastam com as mesmas formas verbais em Santiago que são, normalmente, paroxítonas.... larga-largá [largar], xinta- sentá [sentar], kume-kmê [comer], fuxi-fjí [fugir]” E salienta que “os verbos irregulares não obedecem a referida regra: éra-éra [era], kumeba-tava kmê [comia]”, como observado em (67b), juntamente com a acentuação idêntica nas ilhas entre os participípios.

Assim, enquanto os verbos regulares em geral das ilhas do sul detêm o padrão acentual trocaico com proeminência à esquerda, (\*.), e os das ilhas do norte detêm o padrão acentual iâmbico com proeminência à direita, (.\*), os verbos irregulares mantêm-se semelhantes em todas as ilhas. Esta é, em suma, a opcionalidade diferencial maior entre as ilhas estudadas: o padrão troqueu de Santiago, o padrão trocaico e iâmbico de Fogo e o padrão iâmbico de Santo Antão e São Vicente nos verbos.

No *tableau* (68), analisa-se o padrão trocaico básico de Santiago. No *tableau* (69), o padrão iâmbico de Barlavento. E, nos tableaux (70) e (71), analisa-se a alternância eventual da ilha de Fogo.

**(68) ALIGN-T>> PARSE, FT-BIN>> \*CLASH >> ALIGN-I**

| /kaN.ta/     | ALIGN-T | PARSE | FT-BIN | *CLASH | ALIGN-I |
|--------------|---------|-------|--------|--------|---------|
| ☞ a. (kã.ta) |         |       |        |        | *       |
| b. (kã.'ta)  | *!      |       |        |        |         |
| c. ('kã.'ta) | *       |       |        | *!     | *       |
| d. ('kã).ta  |         | *     | *!     |        |         |

**(69) ALIGN-I>> PARSE, FT-BIN>> \*CLASH >> ALIGN-T**

| /kaN.'ta/     | ALIGN-I | PARSE | FT-BIN | *CLASH | ALIGN-T |
|---------------|---------|-------|--------|--------|---------|
| ☞ a. (kã.'ta) |         |       |        |        | *       |
| b. ('kã.ta)   | *!      |       |        |        |         |
| c. ('kã.'ta)  | *       |       |        | *!     | *       |
| d. kã.'(ta)   |         | *     | *!     |        |         |

**(70) PARSE, FT-BIN>> \*CLASH >> ALIGN-T>> ALIGN-I**

| /'ku.me/      | PARSE | FT-BIN | *CLASH | ALIGN-T | ALIGN-I |
|---------------|-------|--------|--------|---------|---------|
| ☞ a. ('ku.me) |       |        |        |         | *       |
| ☞ b. (ku.'me) |       |        |        | *       |         |

**(71) PARSE, FT-BIN \*CLASH >> ALIGN-I>> ALIGN-T**

| /'ku.'me/     | PARSE | FT-BIN | *CLASH | ALIGN-I | ALIGN-T |
|---------------|-------|--------|--------|---------|---------|
| ☞ a. (ku.'me) |       |        |        |         | *       |
| b. ('ku.me)   |       |        |        | *       |         |

Em (68) e (69), pode-se observar que os candidatos (b, c, d) violaram restrições estruturais que implicaram em sua eliminação, porque, no Caboverdiano como em qualquer outra língua, a fidelidade ao *input* deve ser mantida, então, se há a condição de que o candidato seja troqueu, ele não poderia ser

iâmbico e vice-versa, caso dos candidatos (b) nos dois primeiros *tableaux*. Os candidatos (c) apresentam duas sílabas adjacentes e acentuadas. Foram eliminados pelos formalismos da teoria que não permitem violação a \*CLASH impunemente. Os candidatos (d) violaram restrições fundamentais, PARSE e FT-BIN, que exigem, respectivamente, sílabas analisadas gramaticalmente e pés binários e não monossilábicos e, ou seja, reivindicam que a palavra seja bem constituída prosodicamente.

As hierarquias de (68) a (69) apresentam diferença de ordenamento entre as restrições ALIGN-T e ALIGN-I. Onde a primeira restrição que exige a formação do pé troqueu seja alto ranqueada, vencem os candidatos com proeminência acentual à esquerda, troqueus (acento paroxítono), como em (68a) e (70a). Onde esta restrição é baixo ranqueada, os candidatos (68a) e (71a) com proeminência acentual à direita, iâmbicos (acento oxítono), não violam a restrição ALIGN-I; e vencem mesmo tendo violado ALIGN-T dominada por outras restrições na hierarquia. Esse pode ser considerado, em suma, o retrato geral da opcionalidade diferencial no ambiente dos verbos regulares nas ilhas focalizadas neste estudo.

Quanto aos casos de alternância na Ilha de Fogo, os *tableaux* (70) e (71) demonstram que o deslocamento das restrições ALIGN-T e ALIGN-I para o topo ou para o final da hierarquia pode determinar a realização do candidato ótimo que será idêntico ao *input* ou do candidato sub-ótimo — aquele que a gramática do falante ou da coletividade aceita na ausência ou presença de um outro candidato melhor — que será também considerado gramatical na mesma hierarquia. As restrições ALIGN-T e ALIGN-I, quando no fim da hierarquia, relacionam-se de modo parcialmente ordenado. Isso equivale a dizer que a posição anterior ou posterior delas resulta num ou noutro *output* ótimo.

Dissílabos nominais que caracterizam pés trocaicos, com tipo de acentuação paroxítona, são comuns nas ilhas de Santiago-Fogo, Santo Antão-São Vicente em vocábulos com /a, ə / ou líquidas /r,l / e nasais finais, como em kobra (cobra), greja-grexa (igreja), skóntra (substância química), róxta (rocha), bintén (vintém), xerén (xerém), karretel (carretel), dottor (doutor). Veiga (1996: 105) declara que a acentuação caboverdiana “é, largamente, de natureza paroxítona”, mas que “consoante líquida final [também nasal final] indica preditibilidade oxítona”, como nos exemplos finais do período anterior.

Em (72), analisa-se dissílabo nominal iâmbico terminado em vibrante, comum às quatro ilhas:

**(72) ALIGN-I >> PARSE, FT-BIN >> WSP >> ALIGN-T**

| /a.'mɔr/      | ALIGN-I | PARSE | FT-BIN | WSP | ALIGN-T |
|---------------|---------|-------|--------|-----|---------|
| a. ('a.mɔr)   | *!      |       |        | *   | *       |
| b. a.'mɔr     |         | *!*   | *      |     |         |
| ☞ c. (a.'mɔr) |         |       |        |     | *       |
| d. a.('mɔr)   |         | *     | *!     |     |         |

O candidato (72a) é eliminado por diferir do padrão do *input* ao alinhar o pé principal à extremidade esquerda e por violar a restrição WSP, que prevê sílabas pesadas acentuadas. O candidato (72b) violou duas vezes PARSE, que exige que toda sílaba seja analisada gramaticalmente em pés (no *tableau*, essa ligação/relação é representada por parênteses). Quando violou FT-BIN, sua avaliação estava encerrada. O candidato ótimo (72c) é iâmbico (acento oxítono) e possui uma sílaba pesada em seu final. Recebe o acento exatamente nela. Sua violação à ALIGN-T no final da hierarquia é aceita na língua. O candidato (72d) apresenta um pé não incluso na formação binária do iambo. Ele viola FT-BIN por causa do pé mal-formado com uma sílaba sem afiliação/análise gramatical necessária.

Dissílabos terminados em vogais altas finais /i,u/ em Sotavento e zero fonético em Barlavento, que foram vistos em (4.2.1.), também geram alternâncias na descrição acentual do Caboverdiano. Os casos em que há fechamento da vogal média em Barlavento, como nos vocábulos finais dos pares póbri-pobr, marélu-marel, bem como os casos de harmonização vocálica (radical + vogal temática), como em lakri-lekr, mariadu-mariód podem ser inseridos neste contexto que será analisado pela OT nos *tableaux* abaixo. Nos *tableaux* (73) e (74), apresentam-se análise de um desses pares diferenciais entre as ilhas:

**(73) ALIGN-T >> PARSE >> FT-BIN >> ROOTING >> ALIGN-I**

| /dedu/        | ALIGN-T | PARSE | FT-BIN | ROOTING | ALIGN-I |
|---------------|---------|-------|--------|---------|---------|
| a. (de.'du)   | *!      |       |        |         |         |
| b. de.(du)    |         | *!    | *      | *       |         |
| c. (ded)      |         |       | *!     | *       |         |
| ⇒ d. ('de.du) |         |       |        |         | *       |

**(74) ALIGN-I >> PARSE >> ROOTING >> ALIGN-T >> FT-BIN**

| /ded/       | ALIGN-I | PARSE | ROOTING | ALIGN-T | FT-BIN |
|-------------|---------|-------|---------|---------|--------|
| a. ded      |         | *!    | *       |         |        |
| ⇒ b. (ded)  |         |       |         |         | *      |
| c. ('de.du) | *!      |       |         |         |        |
| d. (de)d    |         | *!    | *       |         |        |

Nos *tableaux* (73) e (74) há uma observação relativamente ao ordenamento/localidade das restrições na hierarquia. O que se constata, de uma maneira geral, é que as restrições de alinhamento ALIGN-T e ALIGN-I fluam no *tableau*, mas com certa regularidade no início ou no fim da hierarquia. Todavia, nesse caso dos dissílabos trocaicos de Sotavento que foram gramaticalizados e que são realizados em Barlavento como monossílabos (trocaicos, iâmbicos ou, simplesmente, monossílabos tônicos, como se discutirá adiante), também se considera fluante a restrição FT-BIN que é deslocada para o final da hierarquia a fim de que o candidato fiel ao *input* seja escolhido como o *output* vencedor.

No *tableau* (73), o candidato ótimo (73d) por ser troqueu, viola a restrição raqueada baixo ALIGN-I, sem maiores problemas. Ele não incorre em violação fatal, como (73a) que violou a restrição ALIGN-T contrária ao *input* dado. O candidato (73b) incorreu em violação fatal a ROOTING por esta restrição exigir que as palavras sejam acentuadas. O candidato (73c) violou FT-BIN o monossílabo a um pé. No *tableau* (74), com *input* [ˈded] do Norte, o deslocamento de ALIGN-I para o topo da hierarquia faz com que o candidato (74c), idêntico ao *output* ótimo de (73d), seja eliminado como ocorrência em Bralvento. E, assim, sai vencedor no *tableau* o candidato (74b) que possui estrutura monossilábica.

Todavia, a questão de esta forma do norte ser monossílabo tônico retoma uma questão bastante discutida na OT: o *status* do monossílabo e quais restrições entram em conflito ou interação nesse caso. Há autores que defendem o alto ranqueamento da restrição ROOTING, que exige que as palavras sejam acentuadas, e o baixo ranqueamento de FT-BIN, que exige que os pés tenham duas sílabas (Hammond, 1997: 43). Contudo, outros autores postulam que a restrição GrWd=PrWd, que requer que “toda palavra gramatical seja uma palavra prosódica” (cf. Kager, 1998: 118, 131), esteja mais alta na hierarquia e FT-BIN mais abaixo para resolver o conflito e permitir a realização do monossílabo.

No presente estudo, monossílabos simples ou complexos de Barlavento contrastantes com as formas vocabulares de Sotavento com vogais finais altas /i,u/ em dissílabos (ou trissilábicos) trocaicos serão interpretados como monossílabos tônicos, não iambos ou troqueus como pensado à princípio. Essa primeira possibilidade deveu-se ao tratamento de Hammond (1997: 43) ao monossílabo tônico como trocaico para o Inglês, língua reconhecidamente trocaica. O Caboverdiano, por seu turno, está sendo analisado pela primeira vez no âmbito da OT. Torna-se, então, complicado decidir essa questão. Assim, considera-se a forma de Barlavento como monossílabo tônico a melhor opção para o momento.

Os monossílabos átonos e tônicos, em geral, são comuns às variedades insulares de Santiago-Fogo, em Sotavento (Ilhas do Sul) e de Santo Antão-São Vicente, em Barlavento (Ilhas do Norte) sob ponto de vista das semelhanças do Caboverdiano como sistema lingüístico geral. Para demonstrar alguns exemplos desses monossílabos comuns às quatro ilhas e mesmo alguns que são variáveis entre as ilhas, produz-se um mostruário desse tipo vocabular nas ilhas citadas no quadro (75), logo abaixo:

| (75) | (a) | SANTIAGO            | FOGO               |
|------|-----|---------------------|--------------------|
|      |     | [ˈba] ba (vai)      | [ˈar] ar (ar)      |
|      |     | [ˈflor] flor (flor) | [ˈka] ka (não)     |
|      |     | [ˈtra] tra (tirar)  | [ˈfra] frâ (falar) |
|      |     | [el] el (ele(a))    | [ˈdu] du (nós)     |

|     |                      |                               |
|-----|----------------------|-------------------------------|
| (b) | <b>SANTO ANTÃO</b>   | <b>SÃO VICENTE</b>            |
|     | [del] del (dele(a))  | [nu] nu (nós)                 |
|     | ['febr] febr (febre) | ['dret] dret (certo, direito) |
|     | ['ag] ag (água)      | ['dnher] dnher (dinheiro)     |
|     | ['vra] vrá (virar)   | ['pí] pedir (pedir)           |

Dissílabos trocaicos (e alguns trissílabos) de Sotavento e Barlavento encaixam-se nesta descrição: vogais médias fechadas /e,o/ seguidas por sílaba terminada em consoante e vogal central média ou *schwa* /ə/ são realizadas como médias abertas, como se viu no estudo da sílaba CV (4.2.1.). Esse é o caso de *ból*sa (bolsa), *mané*ra (maneira), etc. Mas em alguns dissílabos trocaicos isso não ocorre nas ilhas, como ditongos em [wa]: *mí*ngua e *tré*gua. E também em verbos e nomes como *rod*ia (roda), *ond*ia (onda), *mar*ia (nome próprio), *mar*ia (marear (verbo)) apenas em Santiago e Fogo.

Nos *tableaux* (76) e (77), realizam-se as análises para os exemplos *ból*sa e *ond*ia:

**(76) \*CLASH >> ALIGN-T>> PARSE, FT-BIN>> WSP>> ALIGN-I**

| /bɔl.sa/       | ALIGN-T | PARSE | FT-BIN | WSP | ALIGN-I |
|----------------|---------|-------|--------|-----|---------|
| a. ('bɔl.sa)   |         |       |        |     | *       |
| b. (bɔl.'sa)   | *!      |       |        | *   |         |
| c. ('bɔl).(sa) |         |       | *!*    |     |         |
| d. ('bɔl).sa)  |         | *!    | *      |     |         |

**(77) \*CLASH >> ALIGN-T>> PARSE, FT-BIN>> WSP>>ALIGN-I**

| /oN.dia/      | ALIGN-T | PARSE | FT-BIN | WSP | ALIGN-I |
|---------------|---------|-------|--------|-----|---------|
| a. ('õ.dia)   |         |       |        | *   | *       |
| b. (õ.'dia)   | *!      |       |        |     |         |
| c. ('õ).(dia) |         |       | *!*    | *   |         |
| d. 'õ.(dia)   |         | *!    | *      | *   |         |

Nos *tableaux* (76) e (77), os candidatos (d) violaram as restrições estruturais PARSE e FT-BIN que, nesse caso, estão parcialmente ordenadas: incorreram na falha de não analisar gramaticalmente uma sílaba e, com isso, as duas sílabas não puderam constituir um pé binário básico. Os candidatos (c) violaram FT-BIN duplamente. O motivo é que ambos apresentam duas sílabas adjacentes, cada qual analisada sozinha, o que é vetado pelas restrições estruturais de boa-formação dos pés métricos.

Os candidatos (76b) e (77b) seriam alçados à condição de candidatos sub-ótimos não fosse ALIGN-T. Por causa da acentuação que não se alinha com a do *input*, os candidatos foram eliminados. No caso do candidato (76b) ainda há a violação a WSP. Os candidatos (a) dos dois *tableaux* em foco venceram porque não têm embate de acentos, são trocaicos, têm duas sílabas que são filiadas aos pés relativos ao input. Mesmo que o candidato (77a) tendo violado a restrição WSP, os dois *outputs* em destaque são elevados à condição de vencedores em cada *tableau* respectivo.

Existem dissílabos iâmbicos, oxítonos, em Sotavento e Barlavento. Em Santo Antão e São Vicente, esse número é mais expressivo que em Santiago e Fogo. Nas quatro ilhas há exemplos nominais: algum (algum), animal~animar (animal), anton (então), kastél-kaxtel (castelo), rolon (rolão/rocambole), migranti-migrant (imigrante), midjór (melhor), menus-menux (menos), nómi-nom (nome), dakel (dquele), purkê (porque), dprésa-diprésa (depressa), enfin~infin~nfin (enfim), diazá (a tempos), karta (carta), fóra (fora, zona rural), kodê (caçula), Dakar (Dakar), raiba~raiva (raiva), bodok-bodóki (bodoque), akes (aqueles), melon (melão), flana (fulana), flanu-flan (fulano), spesial (especial). Nos verbos, ocorre oscilação acentual entre os grupos, sendo o modelo iâmbico, representado pelo segundo elemento de cada par de exemplos, típico das ilhas do Norte: studa-xtudá (estudar), gradise-gradsê~gratsê (agradecer), panha-panhá (apanhar), fura-furá~frâ-frá (furar), toma-tomá (tomar), kaba-kaba (acabar), gaba~gava-gavá (gavar), firbi~firvi-fervê (ferver), kumesa- kmesá (começar), kubri-kbrí (cobrir), podi~pudi-podê (poder), kunxi-kunxê (conhecer), kuntisi- kuntsê (acontecer).

No Caboverdiano em geral, o grupo dos dissílabos iâmbicos nominais apresenta grande visibilidade quando terminado em consoante líquida tanto vibrante como a lateral, como nesses exemplos: anel-anel (anel), sentral-sentral (central), kadril-kadril (quadril), kalor-kolor (calor), kontrol-kontrol (controle), grasas-grasax (graças), mudjer-mudjê~mujé-mulhé-muié (mulher), kudjer-kujê~kujé-kulhé-kuié (colher), entre outros. Há também exemplos de dissílabos iâmbicos comuns às ilhas em foco com vogal tônica final: kafé-kafê (café), kroxê-kroxê (crochê), mestê-mestê (merecer), etc.

Logo abaixo, nos *tableaux* (78) e (79), analisam-se dois casos de dissílabos iâmbicos terminados em consoante comuns às ilhas de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente. Em (80), expõe-se um caso de dissílabo iâmbico comum às ilhas terminado em vogal tônica.

**(78) ALIGN-I >> PARSE, FT-BIN>>WSP>>ALIGN-T**

| /do.'tor/     | ALIGN-I | PARSE | FT-BIN | WSP | ALIGN-T |
|---------------|---------|-------|--------|-----|---------|
| a.('do).(tor) |         |       | *!     | *   | *       |
| b.do.('tor)   |         | *!    | *      |     |         |
| ☞c.(do.'tor)  |         |       |        |     | *       |
| d.('do.tor)   | *!      |       |        | *   |         |

**(79) ALIGN-I >> PARSE, FT-BIN>>WSP>>ALIGN-T**

| /a.'nɛl/     | ALIGN-I | PARSE | FT-BIN | WSP | ALIGN-T |
|--------------|---------|-------|--------|-----|---------|
| a.('a).(nɛl) |         |       | *!     | *   | *       |
| b.a.('nɛl)   |         | *!    | *      |     |         |
| ☞c.(a.'nɛl)  |         |       |        |     | *       |
| d.('a.nɛl)   | *!      |       |        | *   |         |

**(80) ALIGN-I >> PARSE, FT-BIN >> ROOTING >> ALIGN-T**

| /ka.ʔε/      | ALIGN-I | PARSE | FT-BIN | ROOTING | ALIGN-T |
|--------------|---------|-------|--------|---------|---------|
| a. (ʔka.ʔε)  | *!      |       |        |         |         |
| ☞ b. (ka.ʔε) |         |       |        |         | *       |
| c. ka.ʔε     |         | *!*   | *      | *       |         |
| d. ka.(ʔε)   |         | *!    | *      |         |         |

Nos *tableaux* (78) e (79) com dissílabos iâmbicos comuns às ilhas, percebe-se nos vencedores, (78c) e (79c), a vantagem de terem violado somente ALIGN-T, a restrição que implica menos custos para a língua por estar ranqueada baixo. Os candidatos que poderiam ser sub-ótimos, (78d) e (79d), não coincidem com o acento do *input* e não são acentuados na sílaba pesada. O acento na sílaba inicial gera um pé com proeminência direita que viola a restrição mais alta nesta hierarquia, ALIGN-I. Os demais candidatos cometem violações fatais a PARSE e FT-BIN. Essas restrições, quando altas na hierarquia e violadas, acarretam a formação inadequada de pés, acento incorreto, como em (78a) e (79a) bem como a não-análise gramatical do pé por meio de sílabas, como nos candidatos (78b) e (79b).

No *tableau* (80), o candidato ótimo (80b) viola apenas ALIGN-T. O candidato oposto em acentuação (80a) incorre em uma violação à restrição ranqueada mais alto na hierarquia, no topo dela ressalte-se, no caso de *inputs* iâmbicos, que é ALIGN-I. O candidato (80c) e o candidato (80d) perdem a corrida para *output* ótimo no meio do caminho porque violaram a restrição PARSE ao não filiarem todas as sílabas a pés, o que fez com sua métrica não coadunasse com a do padrão indicado no *input*.

Dissílabos advindos de palavras polissilábicas e trissilábicas (v. 4.2.3.) são comuns nas quatro ilhas em foco no presente estudo. Porém, sincronicamente, eles são o que mostram ser: simplesmente dissílabos. Exemplos de dissílabos dessa natureza, comuns às ilhas do Sul (Santiago-Fogo) e às do Norte (Santo Antão-São Vicente), são encontrados frequentemente no Arquipélago: bóbra-bóbra (abóbora), mérka-mérka (América), bésa-vésa (véspera), kápsa-kápsa (cápsula), kanbra-kanbra-kamra (câmara). Vale ressaltar o fato de que todos esses vocábulos são terminados em vogal central média /ə/.

Esse tipo de dissílabo, quando terminados em /i, u/, são realizados como monossílabos em Barlavento, conforme comentado noutra parte deste estudo e reiterado com os seguintes exemplos: pásu-pós (pássaro), kalku-kolk (cálculo), teknus-teknx (técnicos). Esse caso parece endereçar-se mais ao aspecto geral da relação das proparoxítonas-paroxítonas na diacronia das línguas neo-latinas (v.4.2.3). E, no Caboverdiano em especial, ao caso das paroxítonas-oxítonas, que será tratado especificamente na parte dedicada aos trissílabos e polissílabos. Daqui, parte-se para o estudo dos trissílabos.

#### 4.2.2.2. Trissílabos

Trissílabos são vocábulos que apresentam três sílabas, conforme o nome revela. Geralmente, as sílabas que o compõem são CV, CCV, CVC entre outras mais. Cada uma das três sílabas representa uma possibilidade de receber acento e formar um tipo de pé. Havendo a restrição de que os pés sejam constituídos por duas sílabas, sempre haverá um pé à solta num trissílabo, o *pé degenerado*. Por isso, muitas vezes, as línguas os reduzem para dissílabos ou põem em ação a extrametricidade, operação que torna invisível dada sílaba para o acento, sem prejuízo formal e semântico para o vocábulo.

Nesta subseção, serão estudados trissílabos trocaicos que geram paroxítonas e trissílabos iâmbicos que criam as oxítonas no Caboverdiano. E serão vistos algumas transformações, quais sejam: trissílabos trocaicos em Sotavento realizados como dissílabos trocaicos ou iâmbicos ou monossílabos em Barlavento. Em (81), apresentam-se exemplos de vocábulos trissílabos nas ilhas investigadas:

|             |                       |                         |                        |                          |                      |
|-------------|-----------------------|-------------------------|------------------------|--------------------------|----------------------|
| (81)        | (a)                   | <b>SANTIAGO</b>         |                        | <b>FOGO</b>              |                      |
|             |                       | [pi'dɛla]               | pidéla (pedalar)       | [bru'mɛdʒu]              | brumedju (vermelho)  |
|             |                       | [ã'gɔla]                | Angóla (Angóla)        | [kal'deras]              | kalderas (caldeiras) |
|             |                       | [ˈprɔsimu]              | prósimu (próximo)      | [ˈultimu]                | últimu (último)      |
|             |                       | [ˈláminas]              | lâminas (lâminas)      | [ˈuniku]                 | úniku (único)        |
|             |                       | [karna'val]             | karnaval (carnaval)    | [diku'me]                | dikumê (comida)      |
|             |                       | [kura'sãw]              | kurasãu (coração)      | [ani'mar]                | animar (animal)      |
|             | (b)                   | <b>SANTO ANTÃO</b>      |                        | <b>SÃO VICENTE</b>       |                      |
| [ko'torniz] |                       | kotorniz (codorniz)     | [ka'besa]              | kabésa (kabesa)          |                      |
| [ke'ʃupə]   |                       | kexupa (cachupa)        | [pi'duka]              | piduka (nominho/apelido) |                      |
| [ˈkãfora]   |                       | kânfora (cânfora)       | [ˈfabrika]             | fábrika (fábrica)        |                      |
| [ˈmakina]   |                       | mákina (máquina)        | [ˈmaʃ karə]            | máskara (máscara)        |                      |
| [si tã'tõ]  |                       | sintanton (santo antão) | [meri'kon]             | merikon (americano)      |                      |
| [flisi'dad] | flisidad (felicidade) | [kõpri'mid]             | konprimid (comprimido) |                          |                      |

Trissílabos trocaicos são comuns às ilhas de Santiago-Fogo e às de Santo Antão-São Vicente. Eles caracterizam a acentuação paroxítona em vocábulos terminados em vogal e em consoantes: vulkano (vulcão), kaldera (caldeira), lisboa-lixboa (Lisboa), riseita (receita), kuzinha (cozinha), manduku (manduco), bariga-berriga (barriga), katxupa-kexupa (cachupa), brigónha-vergonha (vergonha), mãuzada (muitos), fazenda-fezenda (tecido), família-femília (família), mantega (manteira), agóra (opcionalidade comum nas quatro ilhas: agó~gó—agór~gó e mais palavras derivadas: agósi, agosin, grinha, grinhasin), krendises-krendisix (crendices, superstições), kriánsa (criança), konvérsa (conversa), novéla (novela), refórma~rafórma (reforma), pidrinha (pedrinha), etc. Nos verbos, o padrão pararoxítono é encontrado somente em Sotavento: pidéla~pidala (pedalar), tenpra (temperar).

Entre os trissílabos trocaicos terminados em consoante, destacam-se: sensível (sensível), amável (amável), asúkar (asúka, sukra, sukri, asúkara), pedoron (pedrona), etc. Nesse ambiente trocaico/paroxítono, acrescentam-se os casos com vogal média aberta na sílaba tônica em palavras terminadas em /a, ə/, como sertéza (certeza), franséza (francesa), beléza (beleza), etc, que foram comentados em (4.1), (4.2.1.) e no tratamento dos dissílabos (4.2.2.1.). No *tableau* (82), analisa-se um trissílabo trocaico terminado por consoante. No (83), um trissílabo trocaico com vogal média aberta na sílaba tônica e sílaba final em /a/. Ambos são comuns às quatro ilhas.

**(82) ALIGN-T>> FT-BIN>>WSP>> ALIGN-I>>PARSE**

| /a.'ma.vel/     | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|-----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (a.'ma).vel  | *!      |        | *   |         | *     |
| b. ('a.ma.vel)  |         | *!     | *   |         |       |
| c. a.(ma.'vel)  | *!      |        |     |         | *     |
| ☞ d. a.(ma.vel) |         |        | *   | *       | *     |

**(83) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /ser.'te.za/     | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|------------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (ser.'te).za  | *!      |        | *   |         | *     |
| b. ('ser.te.za)  |         | *!     |     |         |       |
| c. ser.(te.'za)  | *!      |        | *   |         | *     |
| ☞ d. ser.(te.za) |         |        | *   | *       | *     |

Nos dois *tableaux* acima, cada um com um expondo um aspecto dos vocábulos trissilábicos em comum nas ilhas, há sempre uma sílaba extrassilábica, ou seja, uma sílaba que fica fora do pé formado por duas sílabas. Em trabalhos anteriores, como Kager (1998), a extrametricidade era interpretada pela restrição NONFINALITY — “nenhuma cabeça prosódica é final em PrWd” —, mas, aos poucos, seu uso foi sendo substituído por ALIGN-T e, depois, por ALIGN-T e ALIGN-I, que ocupam posições diferentes, mas prevêm os dois tipos de pés acentuais possíveis. Assim, num vocábulo com um pé formado (ou dois), a sílaba sem afiliação pode ocorrer tanto no início como no fim das Palavras Prosódicas (PrWd).

Então, o que se tem em (82), (83) são vocábulos trissilábicos trocaicos, em que a terceira sílaba de todos os candidatos (a), (c) e (d) respectivos violam a restrição PARSE. Por isso PARSE, nesse caso, precisa ser uma restrição dominada, que flutuou ou foi deslocada para ser localizada no final da hierarquia para não eliminar esse pé degenerado que resta nos vocábulos com mais de duas sílabas e a palavra não ficar apenas com duas sílabas, vindo a sofrer erosão de seu significado total.

O candidato ótimo dos trissílabos trocaicos terminados em consoante, (82d), e terminados em vogal com sílaba tônica média aberta (83d) — previsibilidade acentual no Caboverdiano —, violam

PARSE, WSP e ALIGN-I. Esse fato atesta a *falácia da perfeição*, ou seja, o *output* ótimo nem sempre é perfeito, apenas comete violações menos fatais que outros. Nesse caso, os candidatos (82a-b-c), (83a-b-c) que violaram três restrições estruturais importantes na hierarquia caboverdiana, ALIGN-T, FT-BIN, ALIGN-T, respectivamente, e foram eliminados no começo do ranqueamento de cada *tableau*.

Trissílabos iâmbicos são recorrentes em Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente. Esses trissílabos de acento do tipo oxítono podem terminar em consoantes: *konseison* (Conceição), *alsopon* (alçapão), *plantason* (plantação), *plamanhán* (pela manhã), *japonex* (japones), Portugal (Portugal), *pimenton* (pimentão), *surbunet* (tipo de peixe), *alugél* (aluguel), Tarafal-Tarrafal (Tarrafal), *parabénx* (parabéns), *prusison* (procissão), *uspital* (hospital), *imagen* (imagem), *tantarék* (canto da kodorniz); e em vogais: *eropeu~oropeu* (europeu), *Santumé* (São Tomé), *kapitáu* (capitão), *kundisáu* (condição), etc.

Trissílabos iâmbicos verbais na forma infinitiva, entretanto, como em *armusâ* (almoçar), *pusuí* (possuir), *konformá* (conformar), *suxpendê* (suspender), *resorbê~rasorbê* (resolver) e *xklarisê* (esclarecer), são característicos somente das ilhas de Barlavento. E, como visto em 4.2.2.1., aparecem em alternância na Ilha de Fogo com alguma frequência. Em (84), analisa-se um trissílabo nominal comum às quatro ilhas. Em seguida, no *tableau* (85), um trissílabo verbal diferencial nas ilhas com acentuação típica das ilhas de Santo Antão e São Vicente, oxítona, constituindo o referido pé iâmbico:

**(84) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /al.gu.doN/     | ALIGN-I | FT-BIN | WSP | ALIGN-T | PARSE |
|-----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (al.gu.'dõ)  |         | *!     |     | *       |       |
| ⊖b. al.(gu.'dõ) |         |        |     | *       | *     |
| c. al.('gu.dõ)  | *!      |        | *   |         | *     |
| d. ('al.gu).dõ  | *!      |        | *   |         | *     |

**(85) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /kra.ri.'se/     | ALIGN-I | FT-BIN | WSP | ALIGN-T | PARSE |
|------------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (kra.ri.'se)  |         | *!     | *   | *       |       |
| ⊖b. kra.(ri.'se) |         |        | *   | *       | *     |
| c. kra.('ri.se)  | *!      |        | *   |         | *     |
| d. ('kra.ri).se  | *!      |        |     |         | *     |

Tanto o vocábulo nominal de (84) como o verbal de (85) podem ser analisados dentro de uma mesma hierarquia por terem em comum a extensão do vocábulo, trissílabo, e a proeminência na mesma posição, direita final, o que caracteriza o modelo do pé iâmbico nas variedades insulares caboverdianas. Entre os *tableaux* (84, 85) e os anteriores (82 a 84), a diferença centra-se na posição da restrição ALIGN-I, que localiza-se no topo da hierarquia em (84-85) por estarem em foco pés iâmbicos. Observa-se, assim que as restrições de alinhamento movimentam-se na hierarquia para possibilitar ao *output* da vez ser

realizado como o *input* e de acordo com a restrição de alinhamento correspondente. Em ambos, a restrição FT-BIN é dominada e a restrição PARSE é localizada no fim da hierarquia para a boa-formação do pé binário nos trissílabos, apesar da presença de um pé degenerado.

Na avaliação dos candidatos na hierarquia, os candidatos (84-85a) violam a restrição FT-BIN ao construir um pé trissilábico, vetado pela binaridade explícita na própria restrição. Eles são eliminados fatalmente. Os candidatos (84-85c) e (84-85d) violam quase que as mesmas restrições na hierarquia. Mesmo diferentes na afiliação dos pés, ambos são trocaicos, como prevê a restrição ALIGN-T, e ambos excluem uma sílaba do pé, o que, por via indireta, é assimilado pela teoria pelo rebaixamento da restrição PARSE na hierarquia. Os candidatos (84c-d) e (85a-b-c) cometem infração à restrição WSP por não terem posicionado o acento na sílaba mais pesada do vocábulo, porém, excetuando-se (85b), eles haviam sido eliminados quando a referida violação aconteceu. O candidato mais bem-sucedido a *output* é (85b) que resulta como o candidato ótimo em seu respectivo *tableau*.

Trissílabos trocaicos de Santiago-Fogo, na maioria das vezes em que os vocábulos terminam por vogais altas nas ilhas do Sul, realizam-se como dissílabos iâmbicos em Santo Antão-São Vicente: *brazileru-braziler* (brasileiro), *banarera-banener~benener* (bananeira), *flisidadi-flisidad* (felicidade), *animadu-animód* (animado), *korajen~koraja-koraj* (coragem), *viajen~biaja-viaj* (viagem), *padrinhu~pedrin* (padrinho), *kuadradu-kaudród* (quadrado), *kuidadu-kuidód* (cuidado), *lagartu-lagórt* (lagarto), *kansadu-kansód* (cansado), *prumeru-purmeru~primer* (primeiro), *mandadinhu-mandedin~mandadin* (mandadinho), *pelurinhupelurin* (pelourinho), *artrosi-artrós* (artrose), *kunpadri-kunpad* (compadre), *ramédi-ramed* (remédio), *golozu-guloz* (guloso), *babósa-babós* (babosa (erva natural nas ilhas)).

Alternâncias trissílabos-dissílabos são frequentes entre as quatro ilhas estudadas. Dentre os motivos para se relacionar ou se creditar a realização do dissílabo do Norte ao trissílabo do Sul está o fato da forma sulista dispor de mais material fonético-fonológico para análise e, mais do que isso, ser a pressuposta como a forma mais antiga no Arquipélago. E, assim, de certo modo, neste estudo, naturalmente, a análise tem-se encaminhado das Ilhas do Sul para as ilhas do Norte, apesar de se tentar a muito custo circunscrever a análise aos aspectos sincrônicos do Caboverdiano. Contudo, espera-se deixar claro que cada ilha têm o seu *input* atual, embora seja possível imaginar-se uma linha invisível a uni-las, um *continuum vivo presente* que pode(ria) ter sido (o) atuante no passado (v.42.3.).

Nos *tableaux* (86) e (87), realizam-se as análises de um par trissílabo-dissílabo de Sotavento a Barlavento que apresenta alternância de pés acentuais — de troqueu a iambo.

**(86) ALIGN-T>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-I>>PARSE**

| /ra.'mɛ.di/       | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|-------------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| ☞ a. ra.(.'mɛ.di) |         |        |     | *       | *     |
| b. ('ra.'mɛ).di   | *!      |        |     |         | *     |
| c. (ra.'mɛd)      | *!      |        |     |         |       |
| d. ('ra.mɛ.di)    |         | *!     |     |         |       |

**(87) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /ra.'med/      | ALIGN-I | FT-BIN | WSP | ALIGN-T | PARSE |
|----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| ☞ a. (Ra.'med) |         |        |     | *       |       |
| b. ('Ra.med)   | *!      |        | *   |         |       |
| c. Ra.(.'med)  |         | *!     |     |         | *     |
| d. ('Ra).med   |         | *!     | *   |         | *     |

Os candidatos (86a) e (87a) são vencedores em seus *tableaux* respectivos. Eles não saíram ilesos da avaliação, todavia. Violaram a restrição de alinhamento que lhes representava o pé do tipo oposto. No caso de (86a), o pé é um troqueu, a acentuação é do tipo paroxítona. Então, a restrição violada foi ALIGN-I, que previa pés iâmbicos. A restrição PARSE acabou sendo violada pelo vocábulo com sílaba sem afiliação a algum pé. O candidato (87a), consoante o vocábulo de *input*, a restrição de alinhamento ranqueada alto passou a ser ALIGN-I, que prevê o formato desejado neste caso. A violação ocorreu em ALIGN-T, que postulava uma forma trocaica incomum em Barlavento, nesse contexto.

Os demais candidatos que violaram de início ALIGN-T e PARSE, (86b); ALIGN-I e WSP, (87b) saíram perdedores nos dois *tableaux* em destaque. O candidato (86c), forma semelhante ao *input* de (87) numa outra hierarquia e outra avaliação, foi eliminado por ALIGN-T. Mesmo tendo acentuado a sílaba pesada do pé, ele foi derrotado por não ser previsto como input no Sul. O candidato (87c) deixou uma sílaba acentuada e uma sílaba adjacente próximas sem ligação para formar um pé. Apenas uma das sílabas foi marcada para o acento. Assim, a binaridade dos pés foi violada e o candidato teve sua corrida rumo à fala encerrada exatamente neste ponto.

Os candidatos (86d) e (87d) violam FT-BIN por motivos semelhantes, mas diferentes. Semelhantes porque houve um equívoco em ambos: em (86d) uma sílaba a mais foi afiliada a um pé que deveria conter apenas duas delas e em (87d), havendo duas sílabas, apenas uma foi afiliada a um pé, o que implicou em falta grave na avaliação. Enquanto o candidato do Sul, (86d), foi eliminado na primeira violação, o do Norte continuou com mais duas violações que não eram mais relevantes, naquela altura, porque já havia sido eliminado, de antemão. Aliás, vale a pena lembrar que as colunas sombreadas representam as restrições ou as violações às restrições que são irrelevantes em determinado momento da avaliação.

Trissílabos iâmbicos das ilhas de Sotavento, proeminência direita (oxítone), podem ser realizados com alternância silábica nas ilhas de Barlavento. Entretanto, eles mantêm acentos e pés idênticos. Esse é o caso dos trissílabos iâmbicos de Santiago-Fogo realizados no formato dissilábico de Santo Antão-São Vicente, com a mesma prolação oxítone em ambos os grupos, como nos exemplos: *prufisor-prufisor* (professor), *piskadór-pxkador* (pescador). Em (88) e (89), analisam-se esse caso de padrão iâmbico que mantém-se comum nas ilhas, a despeito da alteração silábica do vocábulo.

**(88) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /pis.ka.'dɔr/      | ALIGN-I | FT-BIN | WSP | ALIGN-T | PARSE |
|--------------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (pis.ka.'dɔr)   |         | *!     |     |         |       |
| ⇒ b. pis.(ka.'dɔr) |         |        |     | *       | *     |
| c. pis.('ka.dɔr)   | *!      |        |     |         | *     |
| d. ('pis.ka).dɔr   | *!      |        |     |         | *     |

**(89) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /pxka.'dɔr/      | ALIGN-I | FT-BIN | WSP | ALIGN-T | PARSE |
|------------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. ('pxka.dɔr)   | *!      |        |     |         |       |
| ⇒ b. (pxka.'dɔr) |         |        |     | *       |       |
| c. pxka.('dɔr)   |         | *!     |     |         | *     |
| d. ('pxka).dɔr   |         | *!     | *   |         | *     |

No *tableau* (88), o candidato (a) cometeu uma violação fatal a FT-BIN por ter formado um pé ternário, o que não é permitido quando essa restrição é dominante na hierarquia. O candidato (b) saiu como ótimo porque não violou restrição que o eliminasse antes dos demais. E as que ele violou foram justamente as duas inevitáveis ao seu formato, posto ser ele iâmbico e, naturalmente, violar a restrição ALIGN-T e a restrição PARSE. Os candidatos (c) e (d) foram eliminados no começo da avaliação por terem sido realizados como troqueus, violando ALIGN-I. Eles violaram PARSE, o que é comum e inerente aos trissílabos; sem contar que essa restrição é baixa e não relevante nessa hierarquia.

No *tableau* (89), o primeiro candidato apresentou um alinhamento troqueu para um *input* iâmbico. Violou ALIGN-I e foi eliminado. O candidato ótimo, (89b), é iâmbico. A restrição que poderia eliminá-lo foi deslocada para o final da hierarquia para que ele sobrevivesse, mesmo com uma violação. Os candidatos (89c) e (2d) foram ambos eliminados quase pelas mesmas restrições, FT-BIN e PARSE: entre escolher serem iâmbos ou troqueus apenas, uma questão de alinhamento, eles incorreram na falta grave de não analisar um pé gramaticalmente (*parsing*) e, assim, como só haviam duas sílabas, apenas uma foi ligada a um pé que não pôde ser completado. Falha dupla, embora apenas a primeira violação tenha sido suficiente para promover a saída desses candidatos da avaliação.

O candidato (89d) ainda teve o agravante de violar uma restrição ainda alta na hierarquia, WSP, que prevê acento nas formas pesadas. Enquanto no *tableau* (88), tal restrição ficou de certa forma não-atuante por causa de duas sílabas pesadas no início e no fim do vocábulo. Nesse caso, explica-se que por pesado se considera uma sílaba com mais de dois elementos (CV), tendo três ou mais constituintes como {pis-} e {-dor}. Em (89d), a sílaba com onset (tri-)complexo (pxka.=CCCV.) poderia atrair o acento para si, mas este ficou localizado na sílaba (.dor), assim como no *output* ótimo de (88).

Trissílabos trocaicos proparoxítonos em opcionalidade comum às Ilhas de Santiago-Fogo e de Santo Antão e São Vicente, podem ser atestados nesses exemplos: Évora (Évora), époka-époka (época), lámina-lámina (lâmina), kímika-kímika (química), kánfora-kánfora (cânfora), mákina-mákina (máquina), máscara-máxkara (máscara), fábrica-fábrica (fábrica), prósima-próxima (próxima). Como se pode observar, todos os vocábulos citados apresentam vogal final central baixa ou central média /a, ə/. No *tableau* (90), realiza-se a análise de um trissílabo trocaico proparoxítono:

**(90) ALIGN-T>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-I>>PARSE**

| /ˈfa.bri.ka/    | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|-----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. fa.(bri.'ka) | *!      |        | *   |         | *     |
| b. ('fa.bri.ka) |         | *!     | *   |         |       |
| c. (fa.'bri).ka | *!      |        |     |         | *     |
| d. ('fa.bri).ka |         |        | *   | *       | *     |

No *tableau* (90), a forma trissilábica proparoxítona é comum às quatro ilhas em foco. Como nos trissílabos em geral há dominância de FT-BIN sobre as demais restrições de marcação e o posicionamento de PARSE no final da hierarquia. Nesse caso, a restrição ALIGN-T relativa à natureza do pé trocaico é dominante na hierarquia toda. Por isso, o candidato (90a), com pé iâmbico, é cancelado no início do ranqueamento. As outras duas restrições violadas por ele, WSP e PARSE, passam a ser irrelevantes tendo havido violação anterior a uma restrição mais alta na hierarquia.

O candidato (90b) produz um tipo de silabação em que não se forma um pé com duas sílabas e um pé fica sem afiliação, como ocorre nos trissílabos. Então, a violação à binaridade exigida por FT-BIN, o eliminou da competição para ser o *output* ótimo. Nessa altura, sua violação à restrição WSP nem conta mais na avaliação. O candidato (90c) é eliminado pelo mesmo motivo que (90a), porém, acrescenta-se apenas sua violação irrelevante à restrição PARSE. E, por fim, o candidato (90d) consegue ser o *output* ótimo dessa avaliação. Ele violou restrições menos graves na hierarquia mediante o *input* que foi dado e os outros candidatos concorrentes que foram apresentados.

Trissílabos trocaicos proparoxítonos de Santiago-Fogo, às vezes, constroem com os de Santo Antão-São Vicente na estrutura silábica, mas mantêm acentos e pés idênticos, como em: íntimu-íntim (íntimo), prósimu-prósim (próximo), úniku-unik (único), asídu-asid (ácido), médiku-médik (médico), último-últim (último), abóbra~bóbra-bóbra (abóbora), músika-muska~musga (música), simana~sumana-smana (semana), véspera-véspra-béspra~véspra (véspera), prátiiku-prátiik (prático), rústiku-rústik (rústico), katólka-katolk (católico), kámara-kánbra- kámra (câmara). Em (91) e (92), analisam-se vocábulos em opcionalidade diferencial:

**(91) ALIGN-T>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-I>>PARSE**

| /pra.ti.ku/     | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|-----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. ('pra.ti).ku |         |        |     | *       | *     |
| b. (pra.'ti).ku | *!      |        |     |         | *     |
| c. pra.('ti.ku) |         |        | *!  | *       | *     |
| d. ('pra.ti.ku) |         | *!     |     |         | *     |

**(92) ALIGN-I>>FT-BIN>>WSP>> ALIGN-T>>PARSE**

| /pra.tik/      | ALIGN-T | FT-BIN | WSP | ALIGN-I | PARSE |
|----------------|---------|--------|-----|---------|-------|
| a. (pra.'tik)  | *!      |        |     |         |       |
| b. ('pra.tik)  |         |        |     | *       |       |
| c. ('pra).tik  |         | *!     |     |         | *     |
| d. (pra).(tik) |         | *!*    |     |         |       |

Em (91), o candidato vencedor (91a) é um perfeito trissílabo trocaico proparoxítono em Santiago-Fogo em consonância com o *input*: as variedades do Sul não optarem pela queda das pós-tônicas finais. Então (91a) vence por violar apenas a restrição de alinhamento, ALIGN-I, que contrária à sua especificação, ALIGN-T, ou seja, um pé trocaico. Vale ressaltar que, em momentos anteriores da OT, havia apenas a restrição ALIGN-T. Aos poucos, foi-se percebendo que a posição de duas restrições de alinhamento na hierarquia seria mais produtora para se determinar o candidato vencedor. Desse modo, ALIGN-T e ALIGN-I constarão no *tableau* sempre que o alinhamento dos pés estiver em pauta.

Em (92), o candidato ótimo (92b) representa um legítimo dissílabo trocaico de acento proparoxítono nas ilhas de Barlavento. Na atualidade, o que se observa nas variedades de Santo Antão-São Vicente é que se realiza uma forma vocábulos mais simples por ser dissilábica, mas muito complexa silabicamente: o vocábulo dispõe de duas sílabas com três elementos cada uma, trazendo dúvidas sobre qual delas é a mais pesada. É por isso que a restrição WSP consta no *tableau* (92), mas é não-atuante no em (91), em que eliminou um candidato que não acentuou a sílaba mais pesada do vocábulo.

Em (91), foram eliminados o candidato iâmbico, (b), o candidato troqueu sem acento na sílaba mais pesada, (c), e o candidato que infringiu FT-BIN, (d). Eles e o *output* ótimo, (a) violaram PARSE. Em (92), o candidato (a) violou ALIGN-T ao produzir um *output* oxítono. O candidato (c) violou FT-BIN fatalmente e PARSE inevitavelmente: um pé sem *parse* e outro em *parse* sozinho, quando ambos deveriam formar um pé em conjunto. O candidato (d) realiza a afiliação de duas sílabas — uma sílaba sozinha por vez —, assim, viola duas vezes a restrição FT-BIN e é eliminado da avaliação.

Da forma que se procede neste estudo dos trissílabos, o quadro geral utilizado para as restrições FT-BIN e PARSE é o seguinte: o *output* que tem uma sílaba acrescentada a duas sílabas que formam um pé, viola FT-BIN, mas não PARSE dado que a sílaba foi afiliada mesmo inadequadamente. No caso de dissílabos, o *output* que deixa uma sílaba sem afiliação, viola tanto FT-BIN como PARSE. Nos trissílabos, a sílaba sem afiliação viola PARSE, mas não FT-BIN, porque esse artifício ou recurso “técnico/teórico” é altamente necessário para a boa-formação de um pé binário.

Trissílabos trocaicos proparoxítonos de Sotavento que se realizam como dissílabos trocaicos em Barlavento foram vistos na análise anterior. Agora, trata-se do trissílabo trocaico proparoxítono que se alterna em dissílabo trocaico em Sotavento (final em vogal alta) e em monossílabo em Barlavento (final em consoante): fósforu~fósfu-fosf~fos (fósforo), árvuri~árvi-arvr~arv (árvore), páсарu~pásu-pas~pós (pássaro), stomagu~stangu-stong (estômago), múskulu~músklu-muskl (músculo) e sábadu~sabru-sóbd (sábado) e. Nos tableaux (93), (94) e (95), análises do caso trissílabo-dissílabo-monossílabo:

**(93) ALIGN-T>>FT-BIN>>ROOTING>> F (σ)>>ALIGN-I>>PARSE>>NUV>>\*COMPLEX**

| /mus.ku.lu/       | ALIGN-T | FT-BIN | ROOTING | F (σ) | F (σ) | ALIGN-I | PARSE | NUC | *COMPLEX |
|-------------------|---------|--------|---------|-------|-------|---------|-------|-----|----------|
| ☞ a. ('mus.ku).lu |         |        |         |       |       | *       | *     |     |          |
| b. (mus.'ku).lu   | *!      |        |         |       |       |         | *     |     |          |
| c. ('mus.klu)     |         |        |         | *!    |       | *       | *     |     | *        |
| d. ('mus.kl)      |         |        |         | *!*   |       |         |       | *   | *        |

**(94) ALIGN-T>>FT-BIN>>ROOTING>> F (σ)>>ALIGN-I>>PARSE>>NUV>>\*COMPLEX**

| /mus.klu/       | ALIGN-T | FT-BIN | ROOTING | F (σ) | F (σ) | ALIGN-I | PARSE | NUC | *COMPLEX |
|-----------------|---------|--------|---------|-------|-------|---------|-------|-----|----------|
| ☞ a. ('mus.klu) |         |        |         |       |       | *       |       |     | *        |
| b. (mus.'klu)   | *!      |        |         |       |       |         |       |     | *        |
| c. ('mus.ku).lu |         |        |         | *!    |       | *       | *     |     |          |
| e. ('mus.ku)    |         |        |         | *!    |       |         | **    | *   |          |
| d. (muskl)      |         | *!     | *       | *     | *     |         |       |     | *        |

**(95) ALIGN-I>>PARSE>>ROOTING>> F (σ)>>ALIGN-T>>FT-BIN>>NUC>>\*COMPLEX**

| /muskl/       | ALIGN-I | PARSE | ROOTING | F (σ) | F (σ) | ALIGN-T | FTBIN | NUC | *COMPLEX |
|---------------|---------|-------|---------|-------|-------|---------|-------|-----|----------|
| ☞ a. (muskl)  |         |       |         |       |       |         | *     |     | *        |
| b. muskl      |         | *!    | *       |       |       |         |       |     | *        |
| c. ('mus.klu) | *!      |       |         |       | *     |         |       | *   | *        |
| d. (muk)      |         |       |         |       | *!    |         | *     |     |          |

O *input* de (93) não é comum nas ilhas, mas ocorre em falas mais cuidadas, monitoradas ou pausadas, e na fala das pessoas mais instruídas. Em Santiago e Fogo, há registros dessa ocorrência nos dados de campo (2001/2002). O *input* de (94) é a forma mais comum nas ilhas de Santiago-Fogo, com a síncope da vogal pós-tônica. Nas ilhas de Barlavento, a forma de (94) não ocorre. Em seu lugar, em Santo Antão e São Vicente, ocorre uma forma ainda mais reduzida por causa da falta da vogal final ou, pode-se assim dizer, da vogal pós tônica que consta em (94). O *input* de (95) comprova o que se disse: ele tem coda (tri-)complexa,  $C_4C_5C_6$ , e uma vogal nuclear no monossilábico.

Vale esclarecer de antemão que, devido ao espaço no *tableau*, a restrição \*COMPLEX não pode ser subdividida em \*COMPLEX<sup>ONS</sup> e \*COMPLEX<sup>COD</sup>. Ficando ao encargo da redação a informação de quando a restrição refere-se ao Onset ou à Coda complexa de cada *output*. Também vale reiterar que a posição de coda em Sotavento (4.2.1.3.) é restrita às consoantes /l, r, s, N/ e, dependendo da análise, às semiconsoantes (aqui elas foram tratadas como semivogais, V2). Em Barlavento, como se afirmou, todas as consoantes podem ocupar a posição de codas simples ou complexas.

É preciso ainda, antes das análises, esclarecer que, pelos pressupostos da Teoria da Otimidade, existe entre as restrições de sílaba e de acento um paralelismo e não dominância de uma camada sobre a outra, como nas teorias derivacionais. Quando nos *tableaux* (93), (94) e (95) precisou-se recorrer a algumas restrições de sílaba para explicar o acento e vice-versa, confirmou-se que as restrições de acento e de sílaba possam interagir na boa-formação do vocábulo. Elas não foram agrupadas antes, como o fez Collischonn (2000: 258-318), por uma questão de didática e de clareza<sup>18</sup>.

No *tableau* (93), o candidato ótimo (93a) é avaliado até a metade da hierarquia sem qualquer violação. A violação inicial à ALIGN-I e, depois, à PARSE faz com que ele não seja perfeito, mas que seja o *output* escolhido deste *tableau*. Nessa gramática, diante dos outros concorrentes, ele é o melhor. O candidato (93b) violou o alinhamento logo de início com um pé iâmbico em sua estrutura. E, adiante, violou também PARSE por ser trissilábico. O candidato (93c) apresentou um pé troqueu, como o solicitado pelo *input* dado. Contudo, não foi o suficiente: ao promover a síncope da vogal postônica, na sílaba medial do trissílabo, ele gerou uma forma dissilábica que desrespeita a restrição F (☞), que prevê fidelidade às sílabas átonas ou, textualmente: “sílabas átonas devem ser pronunciadas”.

<sup>18</sup>Devido aos formalismos e complexidades da OT em certos aspectos, decidiu-se trabalhar cada elemento por vez: primeiro, a sílaba e suas restrições e, depois, o acento e suas restrições pertinentes. Mas, neste caso específico, quando as restrições foram (quase) todas utilizadas em outras seções, agrupa-las pareceu oportuno e necessário.

O candidato (93c) que poderia ser o candidato sub-ótimo na hierarquia é eliminado porque o *tableau* (93) para trissílabo trocaico proparoxítono prevê apenas um vencedor. O candidato (93d) violou duplamente a restrição F (☞). Além disso, ele viola NUC que, embora irrelevante neste momento da avaliação, não permite que um onset figure sozinho sem uma vogal: ou ele junta-se à sílaba seguinte como coda ou acresce uma vogal ao seu núcleo. Se ela já existir, ele não pode derrubá-la como ocorreu. Aliás, isso poderia suscitar o uso da restrição FINAL, que exige que sílabas finais sejam pronunciadas, mas não há espaço nem necessidade dessa restrição havendo F (☞) e NUC atuantes na hierarquia.

No *tableau* (94), o candidato ótimo (94a) é o que ocorre mais natural e frequentemente em Santiago e Fogo relativamente ao candidato ótimo de (93). Esse modelo vocábulo dissilábico trocaico do input só é violado pelo candidato (94b) que produz um tipo de pé iambo. O candidato (94c), vocábulo ótimo no *tableau* anterior, aqui, é eliminado por violar a restrição de fidelidade à sílaba átona, pois separou o grupo complexo dessa sílaba e inseriu um segmento vocálico não-presente no *input*.

O candidato (94d) também violou a restrição F (☞) e foi eliminado por causa disso, apesar de, assim como os anteriores, ter cometido outras restrições irrelevantes depois do primeiro mau-passo dado. O candidato (94e) violou FT-BIN. Como se sabe, os pés devem ser binários: não podem ser monossilábicos ou trissilábicos. Esse vocábulo com uma sílaba sozinha forma um *pé degenerado*. Isso foi até mais agravante para sua avaliação, estando FT-BIN alto ranqueada, do que sua violação à sílaba átona (.klu) e à sílaba tônica ('mus.) que teve sua coda aumentada por [.kl-], vindo a ser (muskl).

No *tableau* (95) para as ilhas de Santo Antão e São Vicente (Barlavento), o candidato ótimo é a forma monossilábica (95a). Em relação aos *tableaux* anteriores, (93) e (94), a restrição ALIGN-I foi deslocada para o topo da hierarquia. Esse recurso é utilizado na avaliação para que o concorrente direto de (95a), o candidato (95c) no formato de Sotavento, seja eliminado no início da avaliação (v. (74)). Assim, entre a hierarquia da forma corrente e mais popular em Sotavento, (94a), e a forma corrente em Barlavento, (95a), a diferença reside nas posições das restrições de alinhamento.

A posição da restrição ROOTING— “palavras devem ser acentuadas”— no alto da hierarquia serve para deixar que o monossílabo sobreviva à FT-BIN, localizada abaixo na hierarquia. O candidato (95b) é eliminado por ter violado PARSE. Em seguida, as restrições ROOTING e \*COMPLEX, nesse caso \*COMPLEX<sup>COD</sup>. O candidato (95d) foi bem até o ponto da avaliação em que se deparou com a restrição de fidelidade à sílaba tônica, F (☞). Nesse ponto, ele foi eliminado por ter realizado a coda complexa da sílaba tônica, típica do vocábulo de Barlavento, como uma coda simples.

Para completar o estudo dos trissílabos, destaca-se o caso de trissílabos e dissílabos trocaicos estudado por Lang (1994a, 1999), em Santiago (Sotavento), que configuram ou na categoria dos verbos ou na dos nomes dependendo da abertura da vogal média tônica. Em vocábulos terminados em /a, i/, as vogais médias fechadas /ə, e, o/ ocorrem nos verbos e as abertas /a, ε, ə/, em substantivos e adjetivos. Isso pode ser observado nos pares: kareka (ficar careca (verbo)) - karéka (calvo, careca (substantivo)), nebua (nevoar (verbo)) - nébua (névoa (substantivo)), koba (covar (verbo)) - kóba (cova (substantivo)).

Esse processo descrito por Lang (1994a, 1999) parece ser mais morfofonológico do que fonológico: a classe gramatical consoante a altura/abertura da vogal tônica. A sílaba e o acento, não. Ainda assim, resolveu-se analisar essa ocorrência e inseri-la no contexto do acento, depois de se ter desenvolvido análises tanto com a sílaba e o acento e suas restrições respectivas<sup>19</sup>. Em (97) e (98), analisa-se um dos pares citados pelas restrições de acento com uma restrição da sílaba, IDENT (HIGH).

**(97) ALIGN-T>>FT-BIN>>IDENT(HIGH)>>ALIGN-I>>PARSE**

| /ka.'re.kə/       | ALIGN-T | FT-BIN | IDENT(HIGH) | ALIGN-I | PARSE |
|-------------------|---------|--------|-------------|---------|-------|
| ☞ a. ka.(.'re.kə) |         |        |             | *       | *     |
| b. ka.(.'re.kə)   |         |        | *!          | *       | *     |
| c. ka.(re.'kə)    | *!      |        |             |         | *     |
| d. ka.(.'re).kə   |         | *!     |             |         | **    |

**(98) ALIGN-T>>FT-BIN>>IDENT(HIGH)>>ALIGN-I>>PARSE**

| /ka.'re.kə /      | ALIGN-T | FT-BIN | IDENT(HIGH) | ALIGN-I | PARSE |
|-------------------|---------|--------|-------------|---------|-------|
| ☞ a. ka.(.'re.kə) |         |        |             | *       | *     |
| b. ka.(.'re.kə)   |         |        | *!          | *       | *     |
| c. ka.(re.'kə)    | *!      |        |             |         | *     |
| d. ka.(.'re).kə   |         | *!     |             |         | **    |

Em (97a), o candidato ótimo apresenta um pé trocaico com vogal tônica média fechada. Em (98a), o candidato ótimo é trocaico com vogal tônica média aberta. Ambos violam à PARSE. Em cada *tableau*, os candidatos (b) correspondem ao oposto da forma de *input* e violam a restrição de correspondência IO, IDENT(HIGH), que prevê que os traços da vogal do *input* e do *outputs* sejam idênticas. E, assim, são eliminados da avaliação. Os candidatos (c) e (d) dos dois *tableaux* violam, cada qual por seu turno, prioritária e fatalmente, ALIGN-T e FT-BIN. Como violação secundária, o candidato (c) comete uma violação e o candidato (d), duas violações à restrição PARSE.

Doravante, prossegue-se com o estudo dos polissílabos e os tipos de pés a ele relacionados.

<sup>19</sup> Esse assunto também poderia estar localizado na subseção que tratou da sílaba tendo em vista o envolvimento dos traços das vogais médias tônicas na definição na forma e no sentido dos vocábulos.

### 4.2.2.3. Polissílabos

Polissílabos são vocábulos que apresentam mais de três sílabas; normalmente, quatro ou mais. Geralmente, por serem extensas, essas formas tendem a ser diminuídas nas línguas do mundo. Nos vocábulos dessa natureza, e, como se viu nos trissílabos da subseção anterior, há espaço para que exista o acento na antepenúltima sílaba, o acento proparoxítono. Esse acento é marcado por ser menos utilizado nas línguas em geral. Em (103) apresentam-se polissílabos nas quatro ilhas em estudo:

|            |              |                         |                      |                          |                         |
|------------|--------------|-------------------------|----------------------|--------------------------|-------------------------|
| (99)       | (a)          | <b>SANTIAGO</b>         |                      | <b>FOGO</b>              |                         |
|            |              | [riba'neti]             | ribaneti (rabanete)  | [ameri'kanu]             | amerikanu (americano)   |
|            |              | [batu'kada]             | batukada (batucada)  | [reza'dera]              | rezadera (rezadeira)    |
|            |              | [ka'tolika]             | katólíka (católica)  | [re'públíka]             | repúblíka (república)   |
|            |              | [----- ]                | [----- ]             | [pa'sífíku]              | pasífíku (pacífico)     |
|            |              | [opera'sâw]             | operasâu (operação)  | [imigra'sâu]             | imigrasâu (imigração)   |
|            | [munisi'pal] | munisipal (municipal)   | [kaza'mêtu]          | kazamêtu (casamento)     |                         |
|            | (b)          | <b>SANTO ANTÃO</b>      |                      | <b>SÃO VICENTE</b>       |                         |
|            |              | [bake'tela]             | baketela (bagatela)  | [Rape'rigə]              | raperiga (moça)         |
|            |              | [bane'nera]             | banenera (bananeira) | [nutisi'arju]            | nutisiáriu (noticiário) |
| [a'sukara] |              | asúkara (açúcar)        | [al'fádiga]          | alfândiga (alfândega)    |                         |
|            | [dvaga'rij]  | dvagarinh (devagarinho) | [avêtu'ra]           | aventurá (aventurar)     |                         |
|            | [tilivi'zô]  | tilivizon (televisão)   | [malumo'rɔd]         | malumoród (mal-humorado) |                         |

Na mão aposta aos monossílabos e dissílabos, estão os polissílabos. Enquanto os monossílabos ficam sem categorização quanto ao tipo de pé por lhes faltarem elementos para formar um pé troqueado ou iâmbico e os dissílabos apresentam duas possibilidades inscritas em suas duas extremidades, os polissílabos excedem em elementos na extremidade esquerda ou direita. Isso pode gerar dois pés, o que é, por todos os meios inviável, por implicar em choques de acentos em palavras primárias e adjacência não-oportuna de pés. Por isso, no estudo dos polissílabos acrescentam-se as restrições FTFT, que prediz que “pés não podem ser adjacentes” e \*CLASH que postula que “sílabas acentuadas são proibidas”.

Em Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente, polissílabos trocaicos com acentuação proparoxítona e sem alterações na forma são raros, mas comuns às quatro ilhas: alfândiga (alfândega), repúblíka (república), diáspora (diáspora, dispersão), vulkamonológíku (vulcanológico). Já os polissílabos trocaicos, com acentuação paroxítona, são em maior número e comuns às ilhas: brasileira-brezilera (brasileira), mandióka (mandioca), ikunomias-ikunumíax (economias), kurióza (curiosa), medrugada-medrugada (madrugada), tanbarina (tamarina), konprimidus-konprimidux (comprimidos), nbarkadista-nbarkadixta (embarcador), Katxorróna (figura folclórica), Kanilíha (figura folclórica), Gongonhána (figura folclórica), (i)speránsa-xperánsa (esperança), retxeada (recheada), malkriadéza (má-criação).

Nos *tableaux* (100) e (101), analisam-se respectivamente, um caso de opcionalidade comum para polissílabo trocaico proparoxítono e um caso para polissílabo trocaico paroxítono:

**(100) \*CLASH>>ALIGN-T>> FTFT>>FT-BIN >>ALIGN-I>>PARSE**

| /al.'fã.di.gə/      | *CLASH | ALIGN-T | FTFT | FT-BIN | ALIGN-I | PARSE |
|---------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. al.(fã.di).gə    |        |         |      |        | *       | **    |
| b. al.(fã.'di).gə   |        | *!      |      |        |         | **    |
| c. (al.fã).(di.gə)  |        |         | *!   | *      | *       |       |
| d. (al.'fã).(di.gə) | *!     | *       | *    | *      | *       |       |

**(101) \*CLASH>>ALIGN-T>> FTFT>>FT-BIN>>ALIGN-I>>PARSE**

| /tã.ba.'ri.na/      | *CLASH | ALIGN-T | FTFT | FT-BIN | ALIGN-I | PARSE |
|---------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a.tã.ba.(ri.na)     |        |         |      |        | *       | **    |
| b. tã.ba.(ri.'na)   |        | *!      |      |        |         | **    |
| c.(tã.ba).(ri.na)   |        |         | *!   | *      | *       |       |
| d. (tã.'ba).(ri.na) | !*     | *       | *    | *      | *       |       |

O candidato ótimo (100a) viola duas vezes a restrição PARSE, ao deixar as sílabas iniciais e finais do vocábulo sem afiliação a pé. Contudo, ele é trocaico como prevê o *input*, não tem choque de acento, não forma dois pés binários. Suas violações são irrelevantes: ALIGN-I e PARSE, baixas na hierarquia. O candidato (100b), viola uma vez apenas, e fatalmente, a restrição de alinhamento trocaico ALIGN-T. No fim da avaliação, viola duas vezes PARSE – duas sílabas sem afiliação alguma. O candidato (100c) formou dois pés binários proibidos por FTFT, que veta a ocorrência de pés adjacentes. Essa restrição domina FT-BIN, que, assim, não pode salvar o candidato. O candidato (100d) formou dois pés adjacentes, mas antes disso, ele acentuou as duas sílabas de cada pé, sendo eliminado de imediato. As outras violações não contaram na avaliação geral.

O candidato ótimo (101a) viola o alinhamento contrário à especificação do *input* e a restrição que previa análise gramatical de duas sílabas que ficaram sem afiliação a pé. Mas, é preferível violar PARSE no caso dos polissílabos do que violar a restrição FTFT ou \*CLASH. O candidato (101b) violou ALIGN-T ao formar um pé iâmbico final. A violação posterior a PARSE não foi levada em consideração para o ranqueamento. O candidato (101c) violou FTFT ao permitir a formação de dois pés adjacentes. E, por conseguinte, violou uma vez à restrição FT-BIN. Seu alinhamento também é contrário ao especificado no *input*. O candidato (101d) foi eliminado por \*CLASH ao produzir um choque de acentos. No encadeamento dessa violação inicial, as demais restrições foram violadas, exceto PARSE.

Polissílabos iâmbicos, proeminência direita (acento oxítono), podem ser encontrados em nomes nos grupos de Sotavento e de Barlavento. Em verbos, nas ilhas de Santo Antão-São Vicente e na de Fogo. Citam-se como exemplos nominais: *dilegason-delagasãu* (delegação), *trabadjador- trabalhador*

(trabalhador), alterason-alterasãu (alteração, mudança), aviason-aviasãu (aviação), ivolusonx (evoluções), ravididad (rivalidade), operason-operasãu (operação), prukurasãu (procuração), rovolusãu (revolução). E como exemplos verbais: mentalizá (mentalizar), kunprimentâ-kunprimentá (cumprimentar), ramedião-remediá (remediar), sobrevive-sobrevivê (sobreviver), tilifonâ-tilifoná (telefonar).

No *tableau* (102), analisa-se um polissílabo iâmbico nominal comum às quatro ilhas terminado em consoante. No *tableau* (103), um exemplo de polissílabo iâmbico verbal diferencial entre as ilhas terminado em vogal. O exemplo é típico das ilhas Santo Antão-São Vicente, como visto em (4.2.2.1.).

**(102) \*CLASH>> ALIGN-I>> FTFT>>FT-BIN>> ALIGN-T>>PARSE**

| /mu.ni.si.'pal/      | *CLASH | ALIGN-I | FTFT | FT-BIN | ALIGN-T | PARSE |
|----------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. ('mu.ni).si.pal   |        | *!      |      |        |         | **    |
| ⇒ b. mu.ni.(si.'pal) |        |         |      |        | *       | **    |
| c. mu.(ni.si.'pal)   |        |         |      | *!     |         | *     |
| d. (mu.ni).(si.'pal) |        |         | *!   | *      |         |       |

**(103) \*CLASH>> ALIGN-I>> FTFT>>FT-BIN>>ALIGN-I>>ALIGN-T>>PARSE**

| /su.bre.vi.'ve/      | *CLASH | ALIGN-I | FTFT | FT-BIN | ALIGN-T | PARSE |
|----------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. ('su.bre).vi.ve   |        | *!      |      |        |         | **    |
| ⇒ b. su.bre.(vi.'ve) |        |         |      |        | *       | **    |
| c. su.(bre.vi.'ve)   |        |         |      | *!     |         | *     |
| d. (su.bre).(vi.'ve) |        |         | *!   | *      |         |       |

Nos *tableaux* (102) e (103), o primeiro vocábulo é comum às quatro ilhas e o segundo, à Santo Antão e São Vicente. Os candidatos (102a) e (103a) são eliminados porque geram o pé troqueado que viola a restrição ALIGN-I. Os candidatos vencedores (102b) e (103b) saem quase ilesos da avaliação não fosse uma violação a ALIGN-T e duas violações a PARSE. Mas essas lhes são permitidas porque, numa análise binária, um polissílabo pode constituir apenas um pé em favor da boa-formação prosódica. Os candidatos (102c) e (103c) violam FT-BIN por formarem um pé ternário e deixarem uma sílaba sem afiliação alguma. Nesse último caso, violaram a PARSE. O candidato (102d) apresenta dois pés num só vocábulo. Ele viola a restrição FTFT que exige que os pés não sejam adjacentes. Isso para não se acrescentar mais um acento que resultaria em colisão acentual. O candidato (103d) formou também dois pés binários no polissílabo e, tal qual (102d), foi eliminado da hierarquia.

É sabido que proparoxítonos são evitados na maioria das línguas e considerados acentos excepcionais, pouco usuais. Em formas polissilábicas, então, a extensão depõe fortemente contra as formas com acento na antepenúltima sílaba e, em geral, transformam-nas em dissílabos, formas menores e mais rápidas de serem proferidas. Isso pôde ser observado no tratamento dos trissílabos trocaicos do tipo

proparoxítono (4.2.2.2.) E, agora, no tratamento dos polissílabos na formação dos pés métricos e do tipo de acento vocabular.

Polissílabos trocaicos proparoxítonos apresentam a Opcionalidade Diferencial nas ilhas de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente. De troqueus proparoxítonos em Sotavento realizam-se como trissílabos trocaicos em Barlavento, mantendo idêntica acentuação. Esses são os casos dos exemplos: kapuxinhu-kapuxinh~kapuxin (Padre Capuchinho), masôniku-masôník (maçonico), amérika~mérika-mérka (América), perímetru~perímtru-perímtr (perímetro), termômetru~termômtru-termômetr (termômetro), kilômetru-kilomtru (quilômetro), katólíka- katolka- katolk (cotólica), pasífiku-pasífik (pacífico).

Em (104) e (105), as análises de um par relativo às ilhas em questão:

**(104) \*CLASH>> ALIGN-T>> FTFT>>FT-BIN>> ALIGN-I>>PARSE**

| /i.'lɛ.tri.ku/      | *CLASH | ALIGN-T | FTFT | FT-BIN | ALIGN-I | PARSE |
|---------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. (i.'lɛ).(tri.ku) |        |         | *!   |        |         |       |
| b. i.(lɛ.'tri).ku   |        | *!      |      |        |         | **    |
| ☞c. i.(lɛ.tri).ku   |        |         |      |        | *       | **    |
| d. i.(lɛ). trik     |        |         |      | *!     |         | **    |

**(105) \*CLASH>> ALIGN-T>> FTFT>>FT-BIN>> ALIGN-I>>PARSE**

| /i.'lɛ.trik/     | *CLASH | ALIGN-T | FTFT | FT-BIN | ALIGN-I | PARSE |
|------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. (i.'lɛ.trik)  |        |         |      | *!     |         |       |
| b. (i.'lɛ.).trik |        | *!      |      |        |         | *     |
| ☞c. i.(lɛ.trik)  |        |         |      |        | *       | *     |
| d. i.(lɛ.tri).ku |        | *!      |      |        |         | **    |

No *tableau* (104), o candidato (a) foi eliminado no início da avaliação por infringir FTFT, que está localizada quase no topo da hierarquia. ALIGN-T foi responsável pela eliminação do candidato (b), com silabação semelhante ao candidato ótimo, mas acento diferente. Ele cometeu duas violações a PARSE. O candidato (c) saiu como o *output* ótimo graças ao seu desprendimento das restrições fatais e sua violação à ALIGN-I, no final da hierarquia. Para formar esse pé com proeminência esquerda num polissílabo, o candidato precisou violar PARSE no início e no fim do vocábulo. O candidato (d), parecido com o candidato ótimo de (105), não violou a restrição de alinhamento ALIGN-T tampouco ALIGN-I, mas violou FT-BIN ao criar um *pé degenerado* e permitir sílabas sem PARSE.

No *tableau* (105), a forma das ilhas do Norte é trissílábica, o que implica dizer que um dos candidatos violará sempre PARSE ou FT-BIN. Em (105a), a restrição violada FT-BIN está localizada em posição medial na hierarquia para não deixar que se produza um pé ternário. O candidato (105b) é iâmbico, quando deveria ser trocaico. O candidato ótimo (c) violou algumas restrições também, todavia a

localização baixa das mesmas fez com ele fosse realizado sem maiores complicações. O candidato (105d) é invalidado como *output* ótimo para este tableau por causa das restrições ALIGN-T e PARSE, respectivamente, que deixam claro sua divergência relativamente ao *input* dado.

Alguns polissílabos trocaicos proparoxítonos em Sotavento passam a polissílabos ou trissílabos iâmbicos em Barlavento, em ambos os casos, com alternância no tipo de pé métrico e da acentuação. De polissílabos trocaicos a iâmbicos, esses exemplos são próprios das classes dos verbos, mas também ocorrem com nomes, como se pode ver pelos exemplos: rivalidadi-rivolidad, kuntisidu-kuntisid; romatismu-rematism (reumatismo), rafriadu-rafriód (resfriado), kunpanheru-kunpanher (companheiro), kultivadu-kultivód (cultivado), malkriadu-malkriód (malcriado), propiedadi-prupriedad (propriedade), vantajozu-vantajoz (vantajoso), labantadu-lavantód (tempo antigo). Em (106) e (107), as análises:

**(106) \*CLASH>> ALIGN-T>> FTFT>>FT-BIN>> ALIGN-I>>PARSE**

| /kũ.pa.'ɲe.ru/       | *CLASH | ALIGN-T | FTFT | FT-BIN | ALIGN-I | PARSE |
|----------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. kũ.(pa.'ɲer)      |        | *!      |      |        |         | *     |
| b. kũ.(.'pa.ɲe.ru)   |        |         |      | *!     |         | *     |
| c. kũ.pa.(ɲe.'ru)    |        | *!      |      |        |         | **    |
| ⇒ d. kũ.pa.(.'ɲe.ru) |        |         |      |        | *       | **    |

**(107) \*CLASH>> ALIGN-I>> FTFT>>FT-BIN>> ALIGN-T>>PARSE**

| /kũ.pa.'ɲer/       | *CLASH | ALIGN-I | FTFT | FT-BIN | ALIGN-T | PARSE |
|--------------------|--------|---------|------|--------|---------|-------|
| a. kũ.pa.(.'ɲe.ru) |        | *!      |      |        |         | **    |
| b. (kũ.pa.'ɲer)    |        |         |      | *!     |         |       |
| c. ('kũ.pa)ɲer     |        | *!      |      |        |         | *     |
| ⇒ d. kũ.(pa.'ɲer)  |        |         |      |        | *       | *     |

Nos *tableaux* (106) e (107), há diferenças nas sílabas, nos acentos e nas hierarquias que fazem pés troqueus das ilhas do SUL serem realizados como pés iâmbicos nas ilhas do Norte. No *tableau* (106), o candidato (a) foi derrotado por ALIGN-T devido ao seu formato iâmbico. O candidato (b) foi mais longe na avaliação, mas sucumbiu ao violar à restrição FT-BIN devido ao pé ternário que gerou. O candidato (c), ao violar a restrição ALIGN-T também perdeu sua chance de vigorar na fala como a saída ótima, tal qual o primeiro candidato a *output* deste *tableau*. O candidato (d) é o ótimo, a despeito de cometer uma violação à restrição de alinhamento ALIGN-I e duas à restrição PARSE.

No *tableau* (107), o candidato (a) violou fatalmente o alinhamento e a afiliação dos pés, ao analisar a primeira sílaba da palavra como trocaica, quando deveria ser iâmbica. À propósito é essa diferença na ordenação das restrições de alinhamento nos *tableaux* (106) e (107) que faz do candidato de Barlavento

um troqueu e do candidato de Sotavento um iambo. A eliminação do candidato (b) ficou por conta da violação a FT-BIN e o pé ternário que se formou. O candidato (c) cometeu violação fatal à restrição dominante ALIGN-I. Secundariamente, ele violou PARSE. O candidato (d) sai vitorioso nesta avaliação por suplantar os outros candidatos e cometer violações irrelevantes na hierarquia em geral.

Antes das considerações finais sobre o acento pela OT, completa-se esta subseção com informações gerais sobre o tema coletadas na literatura e que foram comprovadas neste estudo pela OT. Em primeiro lugar, o acento é distintivo no Caboverdiano, e ele não ocupa uma posição fixa em todos os vocábulos. Essa é uma língua de acento livre: ele pode flutuar e incidir na última, penúltima ou antepenúltima sílaba. E, assim, o vocábulo pode ser oxítono, paroxítono ou proparoxítono. Como acontece na maioria das línguas do mundo, o acento paroxítono é o não-marcado nas quatro ilhas. O acento proparoxítono é o marcado por ser mais extenso e menos usual nas ilhas. O acento oxítono, preponderante em Barlavento, é considerado mais marcado que o paroxítono e menos marcado que o proparoxítono.

Em segundo lugar, atestou-se que variedades insulares caboverdianas de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente, todas as vogais /a, ε, e, ə, o, i, u/ podem ser tônicas. Todavia, diferentemente das demais, somente as vogais mediais abertas /ε,ə/ serão sempre tônicas. Na posição de vogal pré-tônica podem ocorrer as vogais /a, ə, e, o, i, u/. Em Barlavento, há certa tendência de as vogais altas /i,u/ não serem realizadas nessa posição. Na posição pós-tônica, ocorre a vogal baixa central média /ə/ nas quatro ilhas, menos regularmente em Barlavento. As vogais altas /i, u/, em posição átona final absoluta, ocorrem de modo característico nas ilhas de Santiago e Fogo (Sotavento).

Para encerrar essa seção na perspectiva da OT, a variação no tipo de pé foi representada basicamente pelas restrições ALIGN-T e ALIGN-I em interação com outras restrições envolvidas na boa-formação métrica dos vocábulos de uma língua. Constatou-se que no Caboverdiano há convivência, melhor dizendo, coexistência entre pés trocaicos e iâmbicos nas ilhas de Santiago e Fogo, Santo Antão e São Vicente. Entretanto, faz-se necessário ressaltar a destacada opção pelo modelo trocaico na gramática da comunidade de Sotavento e pelo iâmbico na gramática da comunidade de Barlavento. Em suma, essa não é uma língua trocaica nem iâmbica totalmente — o que faz jus a sua classificação como língua de acento livre —, por uma questão de grau e de quantidade que este estudo elementar do acento nas Ilhas de Cabo Verde pela OT não possibilitou ou, a bem da verdade, não objetivou alcançar. Mas, fica-se à espera de um estudo futuro que a possa contemplar.

A seguir, trata-se da temática da Unidade e Variedade no Caboverdiano.

### 4.2.3. Unidade e Variedade no Caboverdiano

Muito aconteceu para que a Fonologia do Caboverdiano figurasse como na atualidade descrita. Elementos desse percurso integram a questão da Unidade e Variedade no Caboverdiano — formação das variedades insulares, processos lingüísticos envolvendo sílaba e acento e temas relativos à gramática, língua, dialeto, idioleto e aos aspectos cognitivo e social — e serão tratados em três partes complementares: Parte Histórica (4.2.3.1.), Parte Lingüística (4.2.3.2.) e Parte Discursiva (4.2.3.3.).

#### 4.2.3.1. Parte Histórica

Teria sido quase impossível ao Caboverdiano Primevo, língua multifacetada derivada da língua luso-espanhola-afro-estrangeirada da Era dos Grandes Descobrimentos, não legar herança de variação às formações insulares que o constituíram como um sistema variado, porém considerado língua uma pelos falantes de todas as ilhas. Já nos primeiros cinqüenta anos da colonização, depoimentos dão conta que se falava crioulo em Cabo Verde: língua de comunicação interétnica, à princípio; elemento de coesão entre as ilhas, depois; elo lingüístico irrefutável da identidade caboverdiana, com o passar do tempo, que, mais tarde, se transformaria na língua materna do Arquipélago.

Ilídio Baleno (2006: 154-156) comenta que, nos séculos XVII e XVIII, a crise nas ilhas — perdas das rotas do tráfego, crises de fome, alforria e fugas de escravos, assaltos de piratas e corsários (v. 1.2.2.) — causou colapso na sociedade caboverdiana como um todo, mas que, “mesmo com a diminuição significativa dos escravos provenientes da guiné, as ilhas vão-se povoando, lenta e paulatinamente, num processo de auto colonização feito a partir de Santiago e do Fogo”. Na opinião do autor em foco, um modelo de sociedade fora dos moldes escravocratas, “recriada pelos homens livres de Santiago e do Fogo” teria sido transplantado para as ilhas de Barlavento. Por isso, o autor defende que, enquanto o “povoamento de Santiago e Fogo foi fortemente alimentado de fora através de um fluxo contínuo de africanos trazidos como escravos e de colonos livres procedentes de Portugal e de um ou outro ponto da Europa, o das restantes ilhas resulta de um processo endógeno.

Até o final do século XVII, Pereira (2006:170) cogita co-existência de “diferentes dialectos portugueses, diferentes variedades (mais ou menos básicas) de *interlíngua*, diferentes línguas africanas e até algumas variedades veiculares de línguas africanas, numa espécie de *piscina de variantes...*” nas comunidades rurais ou urbanas formadas por portugueses, africanos e estrangeiros. Tal situação teria

gerado “crioulos” ou “diferentes gramáticas crioulas”, nos ambientes rurais. Nos séculos XVII e XVIII, por causa da crise supracitada houve “hiperdispersão” nos campos. Pereira (2006: 175), destaca a perda de contato com o exterior como desencadeador “processo de mudança e nivelamento gramatical do crioulo de Cabo Verde entre as diferentes variedades linguísticas desenvolvidas...”. No presente estudo, cogita-se que também o contato no interior das Ilhas tenha acelerado e redimensionado esse processo.

Em meados do século XIX, Chelmicki e Vernhagen (1841: 782) declararam ter todas as ilhas de Cabo Verde “sua corruptela diversa” e que a de Santiago era a “pior” no seu parecer, chamada pelos outros insulanos de “Crioulo Cerrado. Mistura de palavras portuguesas, de gentios da guiné, e algumas [palavras] francesas e inglesas, é totalmente estranho e incompreensível ao ouvido português”. Costa e Duarte (1886: 239) constataram vários “dialectos” na província: “nas ilhas do Maio, S Vicente, Santa Luzia e Sal não há crioulo próprio. Na primeira fala-se, com ligeiras alterações, o da ilha de Santiago; na segunda, o de todas as ilhas; na terceira o de S. Nicolau, na quarta e última o da Boa Vista.”

Carreira (1983: 339; 429) destaca: “o crioulo de Santiago, mais aproximado do do Maio, é foneticamente diferente do do Fogo” e que, com exceção de Santo Antão, São Nicolau e Boa Vista, “todas as outras [ilhas] de Barlavento são de povoamento moderno (fim do século XVIII)”, depois de Santiago, Fogo e Maio. Essas ilhas de Barlavento (v. 1.2.3.) foram habitadas primeiramente pelo “gado” e pelos escravos que os pastoreavam. Na primeira década de 1600, as Santo Antão, de S. Nicolau e Boa Vista eram ainda “despovoadas”, havendo apenas a população escrava “para pastorear rebanhos, para a apanha de urzela e do anil, para o cultivo do algodão ou de cereais de subsistência, ou para o trabalho das salinas”. Nesse sentido, Carreira (1983: 339) diz que “as variantes fonéticas que se apontam no crioulo das diferentes ilhas correspondem, portanto, a formas dialectais”.

Rougé (1984, 1987: 782) argumenta que o crioulo não se teria formado homoganeamente nas ilhas: “variedades sociolingüísticas apareceram desde a origem”. Por exemplo, cogita-se no presente estudo que, em São Vicente, a presença esporádica e o contato dos vizinhos de S. Nicolau e de Santo Antão com o escravos residentes na ilha [e os comerciantes clandestinos] poderia sugerir uma espécie de pidgin na ilha, antes das tentativas frustradas de colonização oficial. Contudo, o que Costa e Macedo (1886: 239) registraram, no século XIX, foi que não havia crioulo próprio em São Vicente (descoberta fim do século XV, povoada somente em fins do século XVIII): era falado o crioulo de todas as outras ilhas. Carreira (1983: 339) descreve a existência e defende na ilha de São Vicente a presença de “um crioulo de mais recente formação e um tanto *aristocratizado*.”

Andrade (s/d: 50) aponta a “abertura para o exterior, contato constante com outros povos, num momento em que comunicações se tornavam mais fáceis” como fatores responsáveis pela europeização mais acentuada em São Vicente do que nas demais ilhas de Cabo. No século XIX, a revolução industrial trouxe muitas carvoarias, gentes de outras ilhas e “um número razoável de estrangeiros”, em especial ingleses (contatos anteriores com americanos). Em 1879 Mindelo foi alçada à condição de cidade. Os trabalhadores de Santo Antão e São Nicolau que vinham para trabalhar e voltavam às suas residências, conforme Swolkien (2006: 177), passaram a residir na ilha com o passar do tempo. Essa estabilização criou o “substrato básico para a formação linguística desse período”. Daí, conclui Pereira (1999: 27) que “só algumas gerações depois de 1875 se deve poder falar de um crioulo propriamente de São Vicente, naturalmente influenciado pelo português e, marginalmente, pelo inglês.”

Correia e Silva (HGCVIII: 31) aventou duas hipóteses para a formação das variedades das ilhas: a hipótese monogenética e a hipótese poligenética. A hipótese monogenética prevê a formação das variedades insulares por migração interna a partir de Santiago e do Fogo. A hipótese poligenética cogita formação das variedades por povoamento autônomo e paralelo das diferentes ilhas, com “influxos africanos e europeus próprios, originários directamente da Costa e do Reino”. A presença de traços de cultura africana de origem comum em todo o Arquipélago no século XVIII e ainda o fato das crises comerciais e de fome terem feito dispersar o contingente de Santiago para as demais ilhas fazem com que a hipótese monogenética seja uma das mais aventadas pelos autores. Rougé (1984, 1987: 782) também conjectura que as variedades de crioulo faladas nas outras ilhas (de povoamento posterior ao de Santiago e Fogo) derivam daquelas faladas nas ilhas de Santiago e do Fogo.

Veiga (2006: 37) hipotetiza que “se a matriz primeira da expressão dialectal de São Vicente é a da Ilha do Fogo (que teve sua matriz na de Santiago), contudo são as variedades de Santo Antão, São Nicolau e Boa Vista que, conjuntamente, contribuíram para a emergência da variedade dialectal da ilha do Monte Cara [S. Vicente]”. Logo, São Vicente representaria uma “espécie de unificação de algumas variedades da zona Norte”. Pereira (2001: 175) completa a defesa da hipótese monogenética:

“O facto de o reforço populacional das duas ilhas de Barlavento (Santo Antão e S. Nicolau) cujas variantes lingüísticas são tradicionalmente tidas, como vimos, como muito afastadas das da variedade de Santiago (e que, ainda hoje, são fonte de influxo populacional de S. Vicente) se ter feito, nessa mesma época, com gente vinda precisamente de Santiago, parece confirmar .... a hipótese monogenética (pelo menos no que diz respeito a estas ilhas)....”

Neste estudo, defende-se hipótese ambígua ou ambigênese na direção do que postulou Rougé (1994) e Couto (1994) na relação Cabo Verde-Guiné (cf.1.2.4.). Por ela, prevê-se que haja elementos da primeira e da segunda hipótese na origem das variedades insulares de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente: a formação do Caboverdiano teria começado em Santiago e se irradiado para as outras ilhas, onde teria colaborado como elemento de substrato na formação e, quiçá, alteração na variedade inicial. Em cada ilha, os processos variaram devido aos povos (línguas e culturas) e períodos diferenciados.

Cogita-se, então, a hipótese ambígua ou ambigenética, embora seja voz corrente na crioulistica que tudo que não se trata de monogênese, poligênese é. Mas, do modo que está cunhada a hipótese poligenética— “formação das variedades insulares por *povoamento autônomo e paralelo das diferentes ilhas, com influxos africanos e europeus próprios, originários directamente da Costa e do Reino*” —, a quem dela discordar, parcial ou totalmente, parece restar apenas a defesa da hipótese monogenética para o Caboverdiano como opção. Neste estudo, crê-se que isso não seja bom para o estudo da língua.

Daí que se procura recuperar, nas formações insulares caboverdianas, a possibilidade de “multicausalidade”: o povoamento teria começado no *continuum* de Santiago a Fogo e, daí, para as outras ilhas, em cada uma delas havendo influxos de outros grupos que determinaram a variedade final: superstrato europeu ou europeizado, substrato de africanos escravos, livres, alforriados ou fugidos. A partir de certo momento, passaram a existir *sistemas coexistentes* no *continuum* Caboverdiano que, a grosso modo, nesse sentido, podem ser detectados até os dias de hoje nas tramas do *continuum* atual. Fato é que todas as variedades passaram a responder pelo nome único de Caboverdiano, a despeito da sociohistória e das distâncias geográficas. Nessa perspectiva, cita-se a fala de Dulce Duarte (1998: 15-17), elaborada noutro contexto, e bem adequada para ser citada neste aqui também:

“Na seqüência desse esforço inicial do africano, de recuperação das suas raízes culturais através da construção de uma nova língua, esta foi-se desdobrando em variantes lingüísticas da matriz original, adquirindo cada uma delas características próprias, de acordo com os elementos étnicos que estão na base de povoamento de cada uma das ilhas do arquipélago e com o grau de miscigenação cultural que, entretanto, se processava em cabo Verde. Note-se, porém, que apesar dessa variação dialecal, o crioulo é uma língua com unidade suficiente para que haja comunicação entre os falantes das diferentes ilhas.”

Daqui, ruma-se para segunda parte complementar dessa seção histórica, a Lingüística.

#### 4.2.3.2. Parte Lingüística

Nesta parte lingüística, após ter-se posicionado em favor da hipótese ambígua, aventa-se um *continuum* no período de crioulização nas ilhas e que, nele, tenham surgido e se firmado os sistemas co-existentes que compuseram o Caboverdiano. Enquanto o *continuum* crioulo formado em Santiago e Fogo traça sua linha no tempo e no espaço, os sistemas das outras ilhas vão se formando como pontos que se juntam para constituir e definir as linhas desse traçado. Neste *continuum*, logo que uma variedade lingüística estava estabelecida, esse sistema passava a co-existir no Caboverdiano.

A posição que se assume neste estudo embasa-se na e assemelha-se à proposta feita por Day (1974: 43) num trabalho em que reuniu a teoria do *continuum* de De Camp (1971) e a teoria dos sistemas co-existentes de Tsuzaki (1971), conciliando-os como “variantes notacionais” (v. 2.2.3.). Por isso, achou-se interessante reiterar a seguinte frase do capítulo II relativa a essa proposição: “havendo elementos de um sistema recorrentes em outros sistemas, Day (1972: 43) garante que os mesmos ‘são co-existentes porque são todos encontrados juntos, como parte de um *continuum* de fala’.”

Nessa parte, o estudo será feito pelo modelo da Re-hierarquização das restrições da OT. Nos *tableaux* (1) e (2), de maneira geral, espera-se conseguir contemplar a participação do PE (1) nas variedades insulares focalizadas nesta tese: Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente e o papel do *continuum* (2) entre as ilhas destacadas. A meta é estudar processos atuantes na variação e modificação lingüística: processos queda — Aférese, Síncope e Apócope — e processos de acréscimo — Prótese, Epêntese e Paragoge. A seguir, a apresentação dos processos e as análises respectivas. Logo após, os comentários gerais a respeito da temática em foco. De início, a aférese:

**AFÉRESE** — o processo de aférese é um dos fenômenos de queda mais recorrentes nas línguas crioulas, por diminuir a extensão do vocábulo vindo do supertrato. Ele é conhecido como um dos universais da crioulização ou um processo não-marcado. É generalizado nos falares ultramarinos, segundo Lopes da Silva (1984: 69-88; 92). Na passagem do Português Europeu (PE) ao Caboverdiano, a aférese — queda de segmentos na posição inicial do vocábulo — ocorreu com as vogais átonas /ə, e, i, o, u/. São exemplos: sim-sim (assim), kunumia-kunumia (economia), majina-majinâ (imaginar), pinion-piniãu (opinião) e mbigu-mbig(u) (umbigo). Exemplos de aférese das vogais orais ou nasais /ə, e, i/ resultam em formas com fricativas iniciais como stala-stalâ (estalar) e, mais comumente, nas chamadas pré-nasalizadas caboverdianas, como em: mpara-mparâ (amparar), ndrê-ndrê (andrê), mborka-mborkâ (emborcar), ndreta-ndretâ (endireitar), nklina-nklinâ (inclinare), ngrôti-ngrôt(e) (ingrato).

E agora, as análises que também serão realizadas para cada um dos outros cinco processos:

### 1. DO PE A SANTIAGO-FOGO E SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /iN.'ta.lə/    | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | SONOR | DEP-IO | MAX-IO |
|----------------|-------|-------|-------------------------|-------|--------|--------|
| ☞ a.[ 'nta.lə] |       |       | *                       | *     |        | *      |
| b.[ i.'ta.lə]  | *!    |       |                         |       |        |        |

### 2. DE SANTIAGO E FOGO A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /Nta.lə/       | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | SONOR |
|----------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|-------|
| ☞ a.[ 'nta.lə] |        |        |       |       | *                       | *     |
| b.[ i.'ta.lə]  |        | *!     | *     |       |                         |       |

Pela OT, o processo de aférese resulta do conflito numa sílaba entre ter ou não ter Onset, a consoante inicial da sílaba. No Caboverdiano atual, essa posição é opcional. No Caboverdiano inicial essa condição poderia ser precípua como condição estrutural, ou seja, ela era imprescindível na realização do vocábulo advindo do PE. Todavia, numa primeira fase da crioulização, as restrições de fidelidade encontravam-se baixo ranqueadas em favor das restrições de marcação que ficavam no topo da hierarquia. Isso ocorreu na maioria das línguas crioulas. Isso pode ter sido devido ao fato de os falantes de substrato terem reelaborado a sílaba com base no padrão de sua língua ou terem reproduzido tal qual se pronunciava na época (já com aférese) ou, ainda, pode ter havido convergência entre o que era fonético na fala do português e do português estrangeirado com o que era fonológico nas línguas francas e maternas africanas.

Como é sabido, no caso das pré-nasalizadas citadas em (1) e (2), os falantes das línguas Mandinga, Mandé, Wolof, Temne e outras possuíam esses segmentos como um só fonema em sua língua. Daí, eles podem ter interpretado a ausência da vogal inicial como um indício de que o elemento nasal pertenceria ao Onset da segunda sílaba, como se fosse um segmento complexo comum do PE. Como não se tem como provar, pode-se apenas observar que, no *continuum* que se seguiu à entrada dessa forma lexical no Caboverdiano inicial, houve um alçamento das restrições de fidelidade para o topo da hierarquia no *tableau*. Isso equivale a dizer que houve re-hierarquização das restrições no processo evolutivo do PE ao Caboverdiano. Inclusive, dentro das próprias ilhas pode ter havido oscilação entre a presença ou ausência do segmento vocálico inicial como tem acontecido no presente.

Diacronicamente, o processo de aférese é muito comum na simplificação dos vocábulos das línguas lexificadoras, como se vê no primeiro caso citado neste estudo em que o vocábulo diminuiu com a

queda da vogal inicial e, conseqüentemente, ficou mais simplificado como se tem propalado no caso das línguas crioulas. Nos exemplos do primeiro tipo, diz-se que houve aférese do PE ao Caboverdiano, mas, na realidade, pode ser que a forma do Português da época chegasse às ilhas com esse formato pré-definido. Os exemplos citados parecem indicar nessa direção, posto que ocorreu em muitas línguas derivadas do PE em conjunção com alguma(s) língua (s) africana (s) e o português estrangeirado. No caso das consoantes com nasais em coda simples que foram realizadas como onset complexo no Caboverdiano, não houve simplificação tampouco complexificação, no sentido exato do termo. Houve, sim, uma reestruturação gramatical por parte dos falantes de substrato que consideraram fonológico em suas línguas o que era fonético no PE. Essa é uma explicação que recai na convergência e no trabalho de interpretação gramatical que os africanos tinham que realizar em um período curto de tempo.

Pela Re-hierarquização, então, as restrições universais da OT foram ordenadas numa hierarquia determinada pelos falantes do substrato para dar conta da realização dos itens lexicais do PE que estavam sendo introduzidos em seu léxico e, muitas vezes, entravam em conflito ou convergiam com ele. Mais teoricamente falando, é interessante observar que a restrição \*COMPLEX de Onset ou de Coda ficou baixo-ranqueada no Caboverdiano Primevo e nas suas formações derivadas. Com o passar do tempo, da distância e dos contatos e empréstimos ou falta deles, essa restrição foi re-ordenada para ficar mais alta em Sotavento e mais baixa em Barlavento, onde são aceitos segmentos mais complexos do que esses pré-nasalizados que são comuns a ambos os grupos. Nisso evidenciam-se diferenças entre as variedades insulares, ou agrupamentos de gramáticas individuais, idioletos, que constituem a grande língua política do Arquipélago, o Caboverdiano.

A restrição que atua como defensora da obediência ao princípio da sonoridade e que exige que toda onset cresça em sonoridade em direção ao núcleo e que as codas decresçam em sonoridade depois dele — SONOR — se vê no quadro abaixo foi violada no *tableau* (1). Isso equivale a dizer que foi preferível violar a sonoridade prevista como geral nas línguas do que ter uma sílaba com núcleo inicial sozinha, sem onset. Nesse caso, como a coda foi interpretada como onset da sílaba seguinte, a vogal caiu e a seqüência resultante violou sonoridade, mas foi mantida na língua mesmo assim.

Sonoridade chegando ao núcleo (sentido crescente):

**oclusivas → fricativas → nasais → líquidas → vogais**

Sonoridade saindo do núcleo (sentido decrescente):

**vogais → líquidas → nasais → fricativas → oclusivas**

Alguns autores como Cardoso (1990: 84) destacam que essa “assonância nasal” em posição inicial absoluta é provocada pela “queda da vogal átona que existia no étimo da palavra. Por isso, quanto aos segmentos pré-nasalizados, adota-se o posicionamento de Veiga (1982): “nenhum desses grupos de som fazem parte de nosso alfabeto porque cada elemento do grupo é um fonema”. Diferentemente do Mandinga ou do Wolof, conforme comentado, em que a nasal e o segmento seguinte constituem um só fonema. Nesses casos de aférese, há que se destacar que muitas vezes, quando a vogal inicial /a/ ou /e/ caiu, passou a vigorar um /i/ (Lopes da Silva, 1984: 23): “algumas vezes a sílaba Inicial aparece apoiada num i nasal, proveniente, salvo erro, de um e com que se procurou dar corpo à sílaba: Intigu= antigo. Lopes da Silva (1984: 23) cita que “essa mudança do ã inicial em e ou i é tendência que, aliás, se registra na metrópole. No Algarve diz-se entigamente, endar. Em todo o Sul, na Beira e no Minho se encontram exemplos em que ~e ou ~i estão por ã: Imbrósio, enparar, empola. No Brasil isso é muito comum. E em Cabo Verde, como se observou em 4.2.1. começa a vigorar também.

Teoricamente, nos processos ou “operações” para resgatar as palavras com aférese por meio da prótese em “i”, o elemento vocálico surge para desfazer os grupos complexos de fricativa ou nasal + C no ataque da sílaba. Nos dois casos, a seqüência de sonoridade estava comprometida, violação comum ou fatal a SONOR, porque fricativas e nasais são mais sonoras do que oclusivas. Então, para que haja harmonização, a estratégia utilizada é a inserção de uma vogal para formar uma nova sílaba. Isso pode ter ocorrido no início da formação do Caboverdiano. Pelo menos tem ocorrido em sua evolução.

Para finalizar o tratamento da aférese, cita-se Zimmermann (2005: 10-20) sobre esse processo de queda inicial nas línguas crioulas em geral:

“La situación de contacto-apropiación del esclavo deportado por fuerza no se presta a que disponga de condiciones temporales e actitudinales buenas. Por ello no logra reconstruir las segmentaciones implícitas de cada hablante nativo. En el papiamentu encontramos varios ejemplos: el proceso de aféresis de la sílaba no saliente (átona) (gara <agarrar, bruha <embruja, kaba < acabar, dera <enterrar), las contracciones de substantivos con sus artículos (laman < la mar, laria < el aire) y contracciones de otro tipo (kiko < qué cosa/coisas, patras <para trás, paden <para adentro, podisé <puede/pode ser; en los nombres de días, diasabra < día sabado, diarason < día de la ración). También en el criollo de Caboverde encontramos ejemplos de contracciones de sustantivo y artículo (zome/some < port. os homens) (cf. Marinus 2004: 27).”

Na seqüência, os processos de síncope:

**SÍNCOPE** — na passagem do PE ao Caboverdiano ocorreram inúmeros casos de queda no meio do vocábulo. Lopes da Silva (1984: 88) cita casos de monotongação: agoru-agôr (agouro), loru-lôr (louro), kosa-kôza (coisa), roupa-rôpa (roupa), kortél-kortél (quartel), kudril-kudril (quadril). Houve também síncope da vogal protónica que Lopes da Silva (1984: 88) cita para Barlavento: kotsê (acontecer), nutsê (anoitecer), bzér (bezerro), fxâ (fechar), fruja (ferrujem), bruga (verruga)...”. Quint-Abrial (83-89) cita exemplos no Badio, variedade rural do Santiaguense: braku (buraco), dretu (direito), prigu (perigo) flánu (fulano), spurmenta (experimental), fla (falar), fri (ferir), fra (furar), krê (querer), tra (tirar), manxi (amanhecer), molsi (amolecer), kunsá (começar), parsi (parecer). Em geral, cita-se também a síncope nas proparoxítonas como resultante da passagem do PE ao Caboverdiano, como nos vocábulos: pólvra (pólvora), vibra (víbora), bóbra (abóbora), xikra (xíkara), skandle (escândalo), stangu (estômago), nunbr (número), gózga (cócegas).

Abaixo, a análise de um dos exemplos de síncope citados:

### 1. DO PE A SANTIAGO-FOGO E SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /ki.'re /  | ONSET | *CODA | DEP-IO | MAX-IO | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------|-------|-------|--------|--------|-------------------------|
| ⇒ a.['kre] |       |       |        | *      | *                       |
| b.[ki.'re] |       |       |        |        |                         |

### 2. DE SANTIAGO E FOGO A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /'kre /    | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA | *COMPLEX <sup>ONS</sup> |
|------------|--------|--------|-------|-------|-------------------------|
| ⇒ a.['kre] |        |        |       |       | *                       |
| b.[ki.'re] |        | *!     |       |       |                         |

Como se pode observar em (1), a forma de input do PE estava com a vogal da primeira sílaba em franca redução (sendo quase realizado uma forma k're, provavelmente) quando o Caboverdiano estava sendo formado no século XV (1462 em diante). Isso pode ter repercutido na forma que passou a figurar nas ilhas de colonização primeiras e, por conseguinte, nas que delas receberam algumas formas tal qual na origem ou alteradas pelo passar do tempo e das gerações. Pela OT, a explicação diacrônica é um pouco complexa nesse caso de síncope que fez de uma sílaba CV e de uma palavra ótima bissilábica CV.CV em uma sílaba complexa CCV e palavra monossilábica de estrutura idêntica: houve uma primeira violação que infringiu MAX-IO, mas que foi aceita sob a condição de se ter uma forma mais reduzida e mais adaptada, provavelmente, ao contexto de comunicação diário. E a restrição que proíbe onsets complexos, \*COMPLEX<sup>ONS</sup>, encontrava-se baixo ranqueada na hierarquia do Caboverdiano inicial, talvez

em alusão às formas complexas iniciais como as pré-nasalizadas de que se tratou no item anterior. Aqui, vale esclarecer que no *tableau* (1), provavelmente, a marca do infinitivo verbal [-r]<sup>20</sup> estava desaparecendo ou tinha desaparecido, especialmente na fala da plebe europeia e dos aventureiros que migraram para Cabo Verde, quando esse processo de síncope citado teve lugar.

Por isso, como se vê pelo *tableau* (2), nas ilhas passou a vigorar uma forma ótima que violou duas restrições, uma de fidelidade e uma de marcação, ranqueadas baixo em detrimento de uma forma que não violaria nenhuma das restrições: nem as estruturais (marcação) nem as de correspondência *input-output* (fidelidade.). Mas essa escolha deve ter tido um custo e um motivo, uma vez que essa forma vigora até na atualidade em todas as ilhas do Arquipélago. E se não houve foi porque ou foi reinterpretado na prolação rápida dos portugueses, dos mestres e padres, ou o vocábulo passou a ser realizado tal qual era realmente pronunciado: com a redução da vogal e uma assonância da mesma tão ínfima que quase nem mais era percebida pelos próprios falantes de superstrato. São hipóteses, mas bem plausíveis uma vez que não é comum que os falantes de substrato tenham optado por algo mais complexo quando se tinha a oportunidade de não fazê-lo em favor de uma forma mais simples com base na própria língua ou em estruturas universais.

O que fica evidente pela OT é que, uma vez estabelecida nas primeiras ilhas de Sotavento, a forma estruturalmente mais rebuscada, mas foneticamente mais rápida e eficiente, passou a ser o *input* para as outras variedades. A restrição \*COMPLEX<sup>ONS</sup> continuou rebaixada na hierarquia ao passo que as restrições de fidelidade foram re-hierarquizadas passando para o posto primeiro no *tableau*. Nessa posição, elas passaram a cobrar a realização da forma, o *output* que fosse semelhante ao *input* escolhido/desenvolvido no Caboverdiano. Esse processo de mudança de posição na hierarquia pode ter implicado anos, ou até alguns séculos. Disso não se sabe. O que sabe é que é possível mostrar a re-hierarquização que resultou na forma que seguiu no *continuum* até os sistemas coexistentes atuais.

Quanto aos outros processos de síncope, como o dos ditongos que viraram monotongos, Veiga (1995: 63- 68) diz que os ditongos em geral, como por exemplo [ai], [au], [ai], [ua], [ãu], [ãi], são pouco frequentes nas línguas africanas, razão por que muitos deles se reduziram a uma única vogal na passagem do Português para o Crioulo. Entretanto, não apenas isso pode estar na origem do fenômeno. Estudiosos da língua dizem que o processo de monotongação nos ditongos portugueses começou em Portugal antes mesmo das aventuras dos descobrimentos. Logo, assim que chegavam às novas terras,

---

<sup>20</sup> A apócope será tratada na próximo item.

eles poderiam trazer uma forma reestruturada em sua própria terra. Contudo, pode ter havido convergência, encontro das tendências de simplificação nas línguas em geral, tanto do português, das línguas românicas (*interstrato*) que estiveram também na base do Caboverdiano inicial como nas línguas africanas. Certo é que essa redução foi massiva e poucos ditongos restaram no Caboverdiano.

No Caboverdiano, assim como no Português Brasileiro e outras línguas derivadas do Português, Lopes da Silva (88) observa que a redução do ditongo ou a *ô* caracteriza o Sul da Metrópole e as regiões orientais da Beira e de Trás-os-Montes. Generalizado no ultramar, esse “fenômeno seria uma espécie de transição do português para o Espanhol”. Essas formas, devido à época (séc. XVI-XVII), poderiam estar em franca oscilação em Portugal (v. Teyssier), como no caso anterior da aférese de algumas vogais e prótese do */i/*. Nesse processo, estão inclusos os ditongos que passaram a monotongos. Das três uma: ou eles foram reestruturados pelos falantes africanos, além de seguirem a tendência de todos os ditongos em línguas neo-latinas ou receberam o *input* já modificado por falantes do Português.

Com respeito aos casos de onsets complexos no início e no meio de vocábulos em sílabas orais ou nasais, Lopes da Silva diz ser “de regra em Barlavento, onde representa uma fase fonética mais antiga, é muito mais rara em Sotavento.” Ele diz ainda que em Santo Antão, a queda das vogais átonas é mais acentuada que nas demais ilhas de Barlavento, porque essa ilha “ muito menos permeável à influência reinol”. Em geral, a síncope que diminuiu vocábulos orais e nasais em geral (*manxi*) e deixou núcleos simples (monotongos) ou onsets complexos (*kdí*) foi comum em todas as ilhas. Essa tendência inicial no Caboverdiano parece ter estacionado em algumas formas cristalizadas em Sotavento ao passo que prosseguiu em Barlavento, como em */pxka.'dor/* (pescador). O substrato que chegou em Sotavento pode ter diminuído, se miscigenado e o processo regredido. Em Barlavento, novas levadas de aventureiros e degredados do Reino, de ilhas e países vizinhos podem ter reforçado esse traço em favor de grupos complexos, comuns no Inglês, por exemplo.

O caso da síncope das proparoxítonas é comum desde a passagem do Latim para as línguas neo-românicas. Mesma que fossem preservadas na escrita, na fala do vulgo as formas polissilábicas ou trissilábicas com acento na antepenúltima sílaba eram evitadas, por mais que representassem o padrão trocaico de acento (\*), aquele que é não-marcado nas línguas em geral. Nesse caso, as restrições ou condições de boa-formação silábica, como MAX e DEP-IO e acentuais como ALIGN-T e ALIGN-I, devem ter agido conjuntamente (e agem até hoje) em favor de palavras menores, a despeito das sílabas complexas. Aliás, a complexificação é mais na escrita, porque na fala o encurtamento do vocábulo agiliza o

discurso. É sempre bom pensar nisso. No Caboverdiano, pode ter acontecido de os falantes africanos terem realizado a seu modo a fala rápida dos mestres portugueses e estrangeiros, conforme anteriormente cogitado, num primeiro estágio nas ilhas mais antigas e reinterpretado à sua maneira e de acordo com as regras e restrições de suas gramáticas particulares e comunitárias. Depois, nas ilhas de Barlavento, as formas podem ter sido mais diminuídas, como se viu em exemplos de 4.2.1. e 4.2.2.

Daqui em diante, os processos de apócope:

**APÓCOPE** — fenômeno comum da passagem do PE ao Caboverdiano. Houve o caso da queda das vogais átonas finais /i,u/, como em *kel* (aquele), *dele* (del) e, nos exemplos de Quint-Abrial (100-101): *bisós* (viçoso), *sakor* (socorro). Algumas quedas das vogais finais desencadearam processos diferenciadores em Sotavento e Barlavento, como em *pratu-prót* (prato), *grand-grend*. Lopes da Silva (90) exemplifica a apócope em Santiago e seu resultado em São Vicente : *arku-órke* (arco), *amigu-amige* (amigo). Houve também apócope do [-r] final dos verbos do infinitivo: *ama-amâ* (amar), *kume-kmê* (comer), *parti-partí* (partir), *konpo-konpô* (compor). E, nesses casos, encadeiam-se processos de alternância de acento nas ilhas de Sotavento e Barlavento.

Nos tableaux (1) e (2) analisa-se um dos casos citados acima:

### 1. DO PE A SANTIAGO-FOGO

| /o <sub>u</sub> .trɥ/     | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | ONSET | *CODA | MAX-IO | DEP-IO |
|---------------------------|-------------------------|-------|-------|--------|--------|
| a. ['o.tu]                |                         | *     |       | **     |        |
| b. ['o <sub>u</sub> .trɥ] | *!                      | *     |       |        |        |

### 2. DE SANTIAGO E FOGO A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /'o.tu/    | *COMPLEX <sup>ONS</sup> | ONSET | *CODA | MAX-IO | DEP-IO |
|------------|-------------------------|-------|-------|--------|--------|
| a. ['ot]   |                         | *     | *     | *      |        |
| b. ['o.tu] |                         | *!    |       |        |        |

Pela OT, pode-se afirmar que do PE às ilhas de Santiago e Fogo a apócope final resultou na redução da sílaba final da palavra (e a síncope colaborou como um todo), mas não houve mudança de acento. No caso da evolução entre as ilhas, como se vê no *tableau* (2), houve mudança na sílaba e no acento: a apócope fez com que a consoante, para não ficar sozinha numa sílaba, pois toda sílaba deve ter uma vogal, fundiu-se como coda à sílaba anterior. Nos dois casos, o vocábulo sempre foi diminuído em detrimento da sílaba resultante. Nos dois casos, as hierarquias foram iguais de (1) a (2). Presume-se que apenas no caso de se aventar mais um *tableau* com a entrada de Barlavento, se conseguiria reverter a hierarquia.

Vale salientar que, assim como nos *tableaux* da síncope foi utilizado o [i] com um traço para representar o [e] reduzido, agora, nestes *tableaux* da apócope, é a vez do o [u] com traço para representar o [o] reduzido indo na direção do schwa [ə] no Caboverdiano e, daí, ao zero fonético, conforme se comentou em 4.2.1. e 4.2.2. Quint-abrial (101) comenta que a apócope parece ter sido sistemática no Badio Antigo, apenas «algumas palavras atuais mantiveram a sua terminação: brásu (braço), osu (osso), pásu (pássaro). Segundo ele, este fenômeno evolutivo provavelmente deveu-se a a analogia com o sufixo do PE arcaico *-or* - dór, bendedór (vendedor).

Neste último caso dos processos de queda, a apócope, é preciso apresentar algo da proposta apresentada por Alber e Plag (2000) para a constituição e análise dos *tableaux* pela OT. Ela consegue explicar teoricamente bem a criouliização por meio das restrições universais, léxico europeu e reestruturação da gramática africana. Para esses autores (Alber e Plag, 2000: 812), entram na criouliização no tocante ao desenvolvimento de estrutura silábica “leis de preferência universal, transferência da influência das línguas de substrato ou superstrato: “o superestrato fornece o material segmental do qual o crioulo emergente tenta preservar fidelidade, mas leis de preferência universais perturbam a cópia fiel do sistema de superestrato. Isto é possível porque o substrato exerce sua influência impondo uma gramática particular de restrições estruturais ranqueadas alto e restrições de fidelidade ranqueadas baixo nas línguas crioulas”. Eles prosseguem com a justificativa para o processo de criouliização pela OT, focalizando em especial os processos de queda e inserção:

“Primeiramente, a língua de superestrato fornece as formas básicas para as quais os criadores crioulos são mais ou menos fiéis. Secundariamente, Leis de preferência universal - codificadas em restrições estruturais universais sobre certos tipos de sílaba - perturbam completamente a copia fiel do sistema de superestrato. Isto é possível porque, em terceiro lugar, o substrato exerce sua influência ao impor uma gramática particular no crioulo na forma de restrições estruturais ranqueadas altas e restrições de fidelidade ranqueadas baixa. Esta possibilidade de copia infiel surge sempre que o substrato impõe restrições estruturais mais apertadas que o superstrato. Epêntese e apagamento, assim, são o resultado do hierarquia do substrato impondo uma estrutura de sílaba relativamente não-marcada. A não-uniformidade desses processos de ajuste é devido à interação de diferentes restrições de fidelidade e Marcação” (Alber e Plag, 2000: 814).

Em geral, o fenômeno da apócope em Cabo Verde fez evidenciar as diferenças entre os dois grupos que representam escolhas dentro de uma gramática comunitária variável: uma por extensão da coda (Barlavento), outra por restrições à mesma (Sotavento), que, inclusive, vigoram nas ilhas do Norte. A consequente transformação dos traços das vogais em Cabo Verde, que antes transformaram codas

simples ou sílabas CV de Sotavento em codas simples ou complexas em Barlavento, resultaram de uma assimilação de altura da vogal tônica pela átona final /i/ ou /u/, antes de sua queda. Lopes da Silva (1984: 96), a seu tempo (1957), comenta que na Ilha de Santo Antão, registram-se “duas situações fonéticas no que respeita ao destino do á tônico português: ouve-se indiferentemente ou um ó, como nas demais ilhas de Barlavento, ou um á velarizado.” Para concluir a opinião resumida de Lopes da Silva (1984: 54), cita-se este parágrafo inteiro:

“ao ó de Barlavento se chegou por intermédio da velarização do á português, processo de que o á velar de Santo Antão documenta o primeiro estágio. São, tudo, casos de assimilação. O ù da sílaba seguinte, final assimilou regressivamente o á tônico, velarizando-o, do mesmo modo que o e ou i finais assimilam regressivamente o á, em Santo Antão, palatalizando-o. A velarização, acentuando-se, deu o ó. Esta mudança do á tônico em ó não é desconhecida na Metrópole, embora se lhe não possa aplicar, em todas as circunstâncias, a explicação que avento para o dialecto cabo-verdiano.”

Lopes da Silva (1984) comenta a citação de um outro autor (Sá de Nogueira) que, no “Algarve, porém, como em São Vicente, o á tônico toma um valor aproximado de ó. Ouvi ali pronunciar nitidamente : mór, Mório, clósse, porte, etc, por mar, Mário, classe, partes.” Ele diz que isso é regra geral em Barlavento, em Sotavento as vogais altas são mantidas e “com valor muito fechado”. E acrescenta “embora sem a extensão que apresenta em Cabo Verde, onde caracteriza um grande grupo dialectológico, o fenómeno não é desconhecido nos demais falares ultramarinos. Dele deve aproximar-se a apócope do -i final em certos vocábulos, no guineense, em Goa, Damão, Dia, dialecto norteiro, Ceilão, Singapura e Java... dialecto caipira brasileiro. “

Essa ocorrência que, hoje, figura como uma variação complementar entre as ilhas ou conjuntos maiores de ilhas, Sotavento e Barlavento, pode refletir uma variação e posterior mudança que houve e que foi implementada na comunidade de fala dos grupos e, por conseguinte, na comunidade de língua caboverdiana, posto que os falantes reconhecem cada realização como sendo o Caboverdiano, mas fazem a distinção da ocorrência de seu grupo específico. Nesse contexto, nas ilhas do Norte, figura um [e] mudo nos textos mais antigos que tratam das vogais em Cabo Verde, o qual poderia ser o [ê] constricto ou reduzido do PE do séc. XVIII de que fala Teyssier (1990). Lopes da Silva (1984: 53) fala do o /a/ palatalizado e Veiga (1996: 102) e outros autores citam o (e) mudo. Atualmente, essa vogal quer seja um shwa – como diz Macedo (130): “palavras que terminam em um *schwa* na Língua Caboverdiana são acentuadas na sílaba penúltima [só pode ser em Sotavento]– quer seja uma baixa central média, vem

escrita entre parênteses em gramáticas modernas, como em ded(e) para dedu (dedo). Entretanto, no estudo da sílaba (4.2.1.) considerou-se um zero fonético nesse ambiente, como se ouviu nas ilhas.

A opinião de Veiga (1996: 102) é a de que “em S. Vicente não nos parece que o (e) mudo seja fonema, na medida em que a sua presença virtual é atestada apenas em determinados contextos: depois de uma consoante, com que faz sílaba; pouquíssimas vezes antes de uma consoante surda, podendo em ambos os casos não figurar explicitamente na escrita, sem que isto afecte o universo da palavra. No entanto, por uma questão de harmonização visual, em relação à variante santiaguense e para evitar o encontro de várias consoantes sem um suporte vocálico, pode-se tolerar a representação da vogal muda (e): “penti /pent[e] ; respira / r[e]spira”.

Neste estudo, acredita-se que não apenas a harmonia visual, mas a própria definição dos tipos silábicos e dos acentuais resultariam mais simples se existisse o [e] final a compor os tipos vocabulares de Barlavento. Todavia, o que se *quer* não é o que se busca quando o assunto é pesquisa lingüística: é preciso ouvir os dados para entender o que eles dizem. E, no momento da pesquisa (2001/2002) desta tese atual, os dados indicaram diferenças marcantes entre as ilhas, contudo não-desagregadoras das variedades insulares. Esse fato se justifica pelas hierarquizações e ordenações das restrições da OT.

Para completar esse item da apócope, vale comentar apenas mais um processo que ficou característico do Caboverdiano em geral, uma vez que não se tem registro dele no PE e suas derivadas. Esse é o caso típico de “dissílabos trocaicos (e alguns trissílabos) de Sotavento e de Barlavento que encaixam-se nesta descrição: vogais médias fechadas /e,o/ seguidas por sílaba terminada em consoante e vogal central média ou *schwa* /ə/ são realizadas como médias abertas, como se viu no estudo da sílaba CV (4.2.1.). Esse é o caso de bolsa (bolsa), manéra (manera), etc.” Pela OT, pode-se creditar o caso da mudança da vogal à restrição de correspondência-IO, IDENT-IO; e o fato de o acento ter sido mantido e não ter havido queda da vogal átona final, apócope, pode-se creditar a alta posição da restrição de alinhamento ALIGN-T na hierarquia (v. 4.2.2.). Contudo, esse tema parece envolver muito da contribuição da gramática dos falantes do substrato, embora não se tenha conhecimento das mesmas. Mas, pode-se deduzir isso pelo fato de não haver ocorrências dessa forma no PE e também se aduz dessa fala em que Lopes da Silva (1957: 44-45) endereçou o assunto a “especialistas”:

“parece-me útil chamar a atenção para a frequência com que ocorrem valores médios de abertura do e e do o no crioulo de Cabo Verde. Não sei a que atribuir o facto, que contrasta, ao que me parece, com os valores mais nítidos, aberto ou fechado, das mesmas vogais no português da Metrópole. Verificar-se-á o fenómeno em outras zonas dialectais ultramarinas do português? ...E esta menor energia articulatória estará ligada as

predisposições fisiológicas da camada humana, não europeia, que dominou na vida histórica dos dialectos ultramarinos? Creio que se trata de aspecto que só poderá ser esclarecido pelos especialistas da teoria do substrato que disponham de suficientes dados, revelados pela história cultural das áreas linguísticas ultramarinas estudadas.”

O caso da queda do [-r] ocorreu em nomes como *kaxô* (cachorro), *kujé* (colher), *mujé* (mulher), *lugá* (lugar). Nos verbos, a queda atingiu a marca de infinitivo das quatro terminações (ar, er, ir, or). Lopes da Silva (1984: 76) comenta que esse fato é “comum ao português do Brasil e, de uma maneira geral, a todos os dialectos portugueses, nomeadamente aos de Damão e Macau e ao dialecto norteiro. (...) Na própria Metrópole, ..., o r final cai antes da consoante inicial da palavra seguinte, na linguagem corrente. Nos dialectos ultramarinos portugueses, a apócope do r está largamente generalizada, pelo menos nos infinitivos.” Costa e Duarte (1967: 250) afirmam também que o “r final desaparece em toda a província, no infinito impessoal dos verbos, excepção verbo ser”.

No tocante aos verbos outro assunto também vem à baila nesse tópico que trata da apócope, por não se haver pensado em outro contexto onde inseri-lo. É o caso da alternância de acentos entre os dois grandes grupos de ilhas, aqui, representados por Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente (v. 4.2.2.). Para Quint-Abrial (90-93), “esta tendência para o uso exclusivo do infinitivo é ancorada fortemente entre os falantes dos línguas românicas.” Tudo levam a crer que os portugueses encorajaram o uso do infinitivo”. Segundo ele, o verbos badio para o ativo presente vem essencialmente do infinitivo português e era originalmente oxítonas. Porém, acrescenta que “o imperativo português para a segunda pessoa do singular jogou um papel importante na formação dos verbos do Badio [Sotavento]”. Lopes da Silva (1984: 61) exprime certa dúvida quanto à origem desse fenómeno “bem sei que, existindo algumas formas verbais (muito poucas) em crioulo que se formaram da 3.<sup>a</sup> pessoa do presente do indicativo e não do infinito.” Todavia, persiste (Lopes da Silva, 1957: 35) em mais algumas tentativas de explicação:

“Em Sotavento (Santiago), o recuo do acento tónico de dissílabos oxítonos para a penúltima sílaba por exemplo: *fika*, por *fikâ*; *perde* por *perde*; *seta* por *seta*, de uma forma verbal teórica resultante do substantivo *seita* (cf. *Léxico*, s. v. *seita*). Talvez se possa explicar este fenómeno, desconhecido no restante do território, pela valorização de um acento secundário incidente na sílaba inicial. Outra hipótese será a concorrência de necessidades emocionais de expressão, tanto mais que o fenómeno não ocorre sempre no falar do vulgo, o que lhe dá carácter de certo modo circunstancial.” E facta ainda para mim obscuro. Não trato dele na Fonética.”

Doravante, trata-se da prótese:

**PRÓTESE** — um dos fenômenos de acréscimo comuns nos casos de criouliização. Sua direção, quase sempre é rumo à sílaba ótima (CV) ou à palavra ótima (CV.CV). Em geral, no Caboverdiano e crioulos em geral, esse processo de inserção inicial é muito comum em casos de desmembramento de grupos complexos. Na passagem do PE ao Caboverdiano, exemplos de Costa e Duarte (1887: 242), mostram o acréscimo de um núcleo inicial: amujer (mulher), ale (ler). Lopes da Silva (1984: 126) esclarece que os caboverdianos registram “a viva tendência para ampliarem certas formas com a ou o u prostéticos” por meio “de uma falsa analogia com o artigo definido”: aoje (hoje), aonte (ontem), alá (lá).

Abaixo, as análises para um dos casos citados:

### 1. DO PE A SANTIAGO E FOGO

| /la/       | *CODA | MAX-IO | DEP-IO | ONSET |
|------------|-------|--------|--------|-------|
| a. [a.'la] |       |        | *      | *     |
| b. ['la]   |       |        |        |       |

### 2. DE SANTIAGO-FOGO A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /a.'la/    | MAX-IO | DEP-IO | ONSET | *CODA |
|------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [a.'la] |        |        | *     |       |
| b. ['la]   |        |        |       |       |

Como mostram os tableaux (1) e (2), a re-hierarquização de um para outro envolveu rebaixamento das restrições da fidelidade no primeiro e sua recolocação na posição inicial da hierarquia, posteriormente. Isso indica que houve uma reformulação na forma lexical e, conseqüentemente, prosódica (gramatical) do PE ao Caboverdiano e de suas variedades iniciais às demais. No entanto, surpreende o fato de ter-se observado em mais de um caso, ao longo dessa parte lingüística (4.2.3.2), que o candidato que sai como output ótimo no processo de criouliização é readaptado de um modo que, quase sempre, implica violação de uma ou mais restrições, enquanto o input original (pelo menos aquele que se cogita ser) não violaria restrição alguma. Esse impasse faz com que se recorra à falácia da perfeição que prevê esse fato ao postular que o candidato perfeito, o ótimo, não é assim em sua forma, mas no objetivo que o falante tem ao realizá-lo, ou seja, a otimidade dele reside no ponto em que satisfaz as intenções de seu falante-ouvinte.

No caso de criouliização em que resultou o Caboverdiano, pode ser que os falantes de substrato tenham mesmo reinterpretado dois elementos morfológicos como apenas um, sim, e, assim, realizado a forma protética como a ótima, embora ela implicasse em aumento no formato vocabular. E ao que chamou Lopes (1984) de tentativa de “aproximação do português”, Lang (1999: 50) explica como sendo uma reestruturação interna que os falantes de substrato realizaram da língua de superstrato. À propósito a

definição de crioulização ressaltando o papel dos falantes das línguas de substrato dada por esse autor é condizente com a que se acredita neste estudo, por isso, como a mesma não foi citada no capítulo II, agora pode ser o momento de aplicá-la num contexto mais prático:

“A meu ver, a crioulização tem início quando os falantes das chamadas línguas de substrato tentam moldar as substâncias fônicas e semânticas do *foreigner talk* que eles ouvem às formas e estruturas da sua própria língua. Eles vertem a substância da língua desconhecida para novos moldes, ou seja, adaptam-na às formas das suas próprias línguas.”

Lang (1984) definiu reestruturação como processo psíquico individual: “os africanos que há pouco tinham entrado em contato com o português — diz o autor— não puderam reestruturar ou reanalisar o Português pela razão simples que, para reestruturar, é necessário saber uma estrutura e, para reanalisar, é necessário uma análise prévia.” Isso equivale a dizer que os falantes africanos reestruturaram suas próprias línguas com base no PE, por isso as restrições de fidelidade, quase sempre, rebaixadas nas hierarquias e as resultantes divergem da entrada “original”. Nesse processo, Lang (1984: 479) defende que os crioulizadores não tiveram acesso à gramática do PE, no sentido exato do termo. Por causa disso, eles regramaticalizaram como marcadores verbais formas que no PE eram auxiliares, por exemplo. No caso da prótese, seria comum que a expressão portuguesa “a voar” correspondesse o vocábulo “avoar” nas línguas dos africanos, e ao artigo mais o substantivo “a mulher” correspondesse a “amudjer” no modo de compreender e readaptar a língua aos seus moldes lexicais e gramaticais.

Zimmerman (2006: 11) discorre sobre o tema e apresenta uma posição e exemplos interessantes:

“el origen de las lenguas criollas es un proceso de creación de lenguas, no es un cambio lingüístico. (...) La percepción de las unidades complejas, la construcción de límites y saliencia (...) Los enunciados del otro, que habla otra lengua, desconocida, se perciben ante todo como unidades totales con un sentido pragmático intencional. En los primeros intentos de segmentación (intuitivos e implícitos), que se basan ya en una percepción guiada por construcciones anteriores del cerebro, se perciben con preferencia los elementos *salientes* del enunciados, lo que se ve por ejemplo en la eliminación de sílabas átonas o elementos clíticos. Cabe aclarar que la saliencia no es una propiedad de los elementos sino que es una atribución del perceptor que depende de su estructura cognitiva. En algunas lenguas elementos salientes son los que destacan por acento o entonación. En la percepción de L2 también la semejanza de un elemento de L2 a uno de L1 puede resultar como saliencia. Así el carácter de elemento saliente es una conjunción de factores de L2 e L1. En la percepción de las lenguas lexificadoras se supone que los elementos lexicales forman parte de los elementos salientes, por lo menos sus sílabas acentuadas o altas.”

Todavia, um senão se interpõe nesta explicação totalmente substratista que seria a tendência manifestada desde o latim de alguns artigos serem interpretados como formando um bloco coeso com o substantivo. Mas, como é possível que muitas tendências tenham convergido na formação das línguas crioulas, essa também é uma das causas possíveis e plausíveis dado que, também, a segunda geração de falantes do pidgin ao crioulo era mestiça, portanto tinha herança das neo-latinas no seu “parentesco”. Adolfo Coelho (1967: 164) diz que exemplos com “a” protético acham-se em todo o Portugal. Nesse sentido, pode-se também pressupor que os falantes africanos tenham recebido *inputs* variáveis com formas em prótese e sem prótese e, daí, seguiram espalhando-as por analogia, mesmo em formas onde os portugueses não as utilizavam. É uma das possibilidades, dentre as chances de “multicausalidade”.

Na continuidade, o processo de epêntese:

**EPÊNTESE**— Na aquisição de L2, a “epêntese” é um processo considerado menos comum do que a “aférese”, por exemplo. Aliás, os processos de queda são mais gerais nos processos dessa natureza, como na criouliização, do que os processos de inserção. Isso parece, em termos, explicar o motivo de MAX-IO (não derrubar) dominar DEP-IO nas hierarquias que se têm visto. Na passagem do PE ao Caboverdiano, encontram-se poucos exemplos mais antigos de epêntese, inserção no meio do vocábulo: proburema (problema), karakunda (corcunda), kámbrá (câmara). Todavia, na pesquisa de campo que se realizou para este estudo (2001/2002) encontraram-se formas que parecem cristalizadas nas duas ilhas mais antigas, Santiago e Fogo, em que a epêntese aparece: óndia (onda), módia (moda), ródia (roda), matánsia (matança), dificultadi (dificuldade), kiria (cria), sfiria ~ firia (esfria).

#### 1. DO PE A SANTIAGO E FOGO \*CODA, MAX, DEP

| /di.fi.kul.da.dí/        | *CODA | ONSET | MAX-IO | DEP-IO |
|--------------------------|-------|-------|--------|--------|
| a. [di.fi.ku.li.'da. di] |       |       |        | *      |
| b. [di.fi.kul.'da. dî ]  | *!    |       |        |        |

#### 2. DO PE A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| / di.fi.ku.li.'da. di/   | MAX-IO | NUC | *CODA | ONSET |
|--------------------------|--------|-----|-------|-------|
| a. [di.fi.ku.li.'da. di] |        |     |       |       |
| b. [di.fi.kul.'da. dî ]  | *!     |     |       |       |

Nesse caso de epêntese no Caboverdiano, há a dominância de um princípio estrutural: \*CODA. Colocado bem alto na hierarquia, prediz que seria bom que as sílabas não tivessem codas, ou seja, que fossem CVs. No tableau (1), essa restrição faz com a forma de *output* não corresponda fielmente à forma de *input* do PE, uma vez que se acaba por inserir um elemento na saída que não havia na entrada, resultando no candidato vencedor “*dificultad*”. As restrições de fidelidade foram ranqueadas baixa, porque

os falantes de substrato seguiram as restrições de marcação mais gerais do que as de fidelidade, mais específicas. O vocábulo será aumentado, mas, em contrapartida, as sílabas estarão mais leves e mais proporcionais ao modelo canônico CV. Na continuidade do processo para esse vocábulo, em Barlavento, as duas primeiras sílabas agruparam-se, violando MAX-IO para o input de Sotavento, e eventualmente a restrição \*COMPLEX deveria ser inserida na posição baixa da hierarquia.

Os casos de epêntese no Cabovediano quase sempre representam quebra de grupos complexos em onset ou, como no caso visto, transformação de coda numa sílaba CV. É assim no desmembramento de ataques em C+líquida e na transformação de coda final em ataque de sílaba. Nesses processos, ressalta-se, nem sempre as incorporações dadas pelos processos de acréscimo foram uniformes, ainda que dentro de uma mesma língua. Em Caboverdiano, no Guineense e no Papiamento, por exemplo, foram mantidas formas com ataques complexos e codas consonantais, nas quais não houve reestruturação do léxico português. Quando houve, como se tem dito ao longo do texto, ou receberam um vogal epentética ou caíram. Como se verá a seguir, há casos menos comuns, em coda final de palavra, nos quais passaram a vigorar a paragoge.

Na origem, de acordo com Baltasar Silva (1984: 16), para falarem o português, os escravos “não se guiavam pelas regras da língua portuguesa, mas pelas de sua própria língua. Essa fala corrobora a posição de Alber e Plag (2002) que dizem que as restrições da língua materna dos africanos podem ter desencadeado um processo de interferência capaz de gerar formas de *output* dessemelhante dos *inputs* por meio de re-hierarquização das restrições universais no formato das línguas de substrato. Por se tratar desse assunto, cita-se a interessante fala de Haugen sobre o aprendizado de segunda língua que pode ser adaptado para esse contexto de crioulização em foco: “aprender uma segunda língua implica ser, ao mesmo tempo, guiado e desencaminhado pela primeira língua” São processos de influência mútua: “cada código pode ser diferente por causa da existência do outro”. O resultado “é um espectro de estruturas intermediárias, um conjunto de competências variáveis... nos vários grupos e domínios da comunidade imigrante” No caso específico das línguas crioulas e pidgins, Haugen (1972b: 322) comenta que “o aprendiz está construindo uma ou ambas as línguas ao mesmo tempo. O perfil geral é o que podemos descrever como aprendizagem ou desaprendizagem... Enquanto língua B está sendo construída, não é incomum que língua A esteja sendo desmantelada e substituída com partes de B”

A seguir, o processo da Paragoge.

**PARAGOGE** — dentre os processos de queda, esse processo e o anterior são os de ocorrência mais comuns em muitos casos de línguas de natureza crioula. No Caboverdiano dos registros mais antigos ele não é tão constante como se observa pelos exemplos citados: asúkra (acúcar), poi (por). Na pesquisa de campo desta tese registraram-se casos não encontrados na literatura e poucas vezes recorrente na fala dos informantes das ilhas de Santiago e Fogo: poucos informantes as possuíam e, ainda assim, em alternância com a forma sem apócope. São exemplos: ferozu (feroz), tamboru (tambor), tokadoru (tokador), dibagaru (devagar). Casos com [i] paragógico não foram registrados.

Nos tableaux (1) e (2), as análises de um dos exemplos dado:

### 1. DO PE A SANTIAGO E FOGO

| /fe.'roz/      | *CODA | ONSET | MAX-IO | DEP-IO |
|----------------|-------|-------|--------|--------|
| c. [fe.'ro.zu] |       |       |        |        |
| d. [fe.roz]    | *!    |       |        |        |

### 2. DO PE A SANTO ANTÃO E SÃO VICENTE

| /fe.'ro.zu/    | MAX-IO | DEP-IO | *CODA | ONSET |
|----------------|--------|--------|-------|-------|
| a. [fe.'ro.zu] |        |        |       |       |
| b. [fe.'roz]   | *!     |        |       |       |

O processo de acréscimo vocálico no final de uma palavra é capaz de gerar, assim como a perda do segmento de coda com o mesmo fim, estrutura silábica e vocabular mais próxima da sílaba modelar CV. Com o acréscimo de uma vogal, como no caso representado no *tableau* abaixo, um segmento que era coda passa a ser ataque da sílaba seguinte. Assim, a palavra de dissilábica, passa a ser trissilábica, mas concentra a vantagem de ter uma estrutura mais elegante e proporcional ao modelo CV. Desse modo, de CV. CVC ela passa a CV. CV. CV. Pela OT, postula-se que uma restrição estrutural- "CODA- posicionada no alto da hierarquia do *tableau* (1) impeça que formas idênticas ao *input* realizem-se na representação fonética. Isso porque ela domina as restrições de fidelidade que demandariam a retirada- MAX- ou a inserção- DEP- de segmentos. No caso do *tableau* (2) do *continuum* inter-ilhas e estabilização das variedades insulares, o *input* de Sotavento não fere restrição alguma na hierarquia e pode ter seguido assim por algum tempo nas outras variedades. Mas com o passar do tempo e das gerações, a forma semelhante à do PE com coda simples, que é comum também no Caboverdiano tal qual no PE, tenha convivido com a forma paragógica e ganhado terreno, especialmente, nas ilhas de Barlavento.

No circuito geral, pode-se afirmar que a paragoge pode até ter sido uma estratégia eficiente, como o foi nos outros crioulos, mas não frequente de adaptação no Caboverdiano. Como se sabe, apenas -S, -N, -R e -l podem ocupar a posição de coda no português. E, sempre estiverem nessa posição, ou cairão

ou receberão uma vogal final. Tanto no caso de acréscimo como de queda, o resultado é uma sílaba aberta, mais próxima do modelo canônico CV. Todavia, enquanto nos outros crioulos de base afro-ibérica se deu queda ou inserção, exceto no caso da nasal final, no Caboverdiano muitas sílabas finais terminadas com consoantes foram mantidas como no Português. Isso de deve, repete-se, a sua proximidade com o português. ..Como normalmente é previsto, nos crioulos que permaneceram em contato com seu lexificador, os processos de inserção tenderam a minguar em favor da retomada de estruturas da língua-base. No caso específico do Caboverdiano, seu contato permanente como Português parece ter ido nessa direção.

As poucas ocorrências de paragoge reafirmam a força centrípeta que a proximidade que a língua (re)lexificadora exerceu e vem exercendo sobre o Caboverdiano. De um modo geral, na origem das línguas crioulas no tocante a esse assunto de crioulização ou processo de formação de línguas a partir do contato de línguas diferentes por empréstimos, adaptações e reestruturações, Lipski (2000: 24) afirma que os falantes de substratos nos empréstimos primeiros “empregaram restrições que eram mais próximas àquelas operantes nas línguas de substrato principais, embora os meios para satisfazer essas restrições frequentemente diferiram largamente entre pidgins incipientes e crioulos por um lado e línguas africanas por outro.” Para Broselow, Chen e Wang (1998:269) que estudam aquisição de L2: “o aprendiz avalia o conjunto de representações candidatas (...) correspondendo a um dado input contra as restrições (...) da L1. Inicialmente, a hierarquia destas restrições será como na língua materna, embora como o aprendiz se torna mais proficiente, uma gramática de interlíngua desenvolverá em quais ranqueamentos de restrições mais próximo aproximação hierarquia da língua-alvo.”

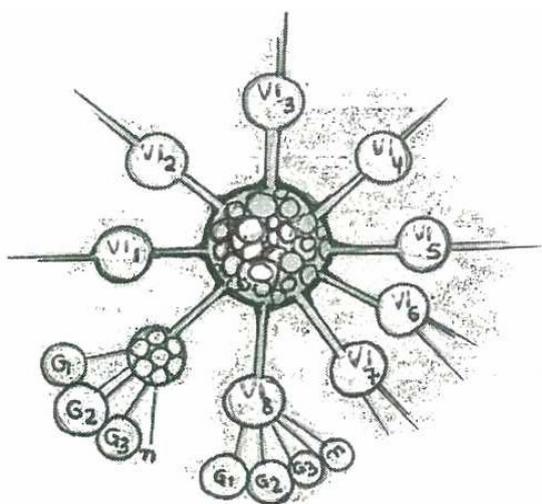
Para concluir o tema dos processos de inserção ou acréscimo relativamente ao modelo teórico de análise, a re-hierarquização pela OT, pode-se afirmar que houve reformulações do PE e das línguas africanas para se formar as variedades insulares e o Caboverdiano como um todo. Nele, os processos gerais que ocorrem nas línguas do mundo, como queda e acréscimo, foram associados aos modelos gramaticais pré-existentes dos falantes das línguas de substrato africano. Esses, inicialmente, ao tentarem entender o que se dizia e, posteriormente, aprender uma L2 podem ter precisado re-hierarquizar restrições universais e restrições específicas de suas próprias línguas e do PE para construírem, em diferentes estágios, o Crioulo Caboverdiano ou, simplesmente, o Caboverdiano.

#### 4.2.3.3. Parte Discursiva

Este estudo foi proposto no intento de somar-se à questão da unidade e diversidade no Caboverdiano e de prestar-se esclarecimentos sobre as divisões e junções dos campos cognitivo e social. Para tanto, começou-se pela análise lingüística em 4.2.1. e 4.2.2. e, depois das duas partes complementares de 4.2.3, histórica e lingüística, neste ponto, procede-se à discussão sobre as variedades e/ou gramáticas insulares caboverdianas de Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente, e, por fim, completa-se o ciclo com a discussão sobre *status* sociolingüístico ou sócio-político das variedades citadas.

Nesta parte Discursiva, elaborou-se uma noção, talvez mais filosófica que lingüística, de integração entre a Gramática Gerativa e a Sociolingüística, Língua e Gramática, Unidade e Variedade na(s) Língua(s) inspirada na epígrafe de Chomsky (1997), mas não exatamente no mesmo sentido. Essa é a Noção da Convergência que se expressa aqui: associação e dissociação inerente das partes que compõem todo processo ou situação do mundo natural, sendo, portanto, universais e, por isso mesmo, passíveis de violação e variabilidade como, simbolicamente, as próprias restrições da OT.

A representação sob a forma de diagrama é esta abaixo:



Com este diagrama, pretende-se demonstrar a reunião dos aspectos cognitivos e sociais e dos sociais e cognitivos nos estudos do Caboverdiano. E também representar os pontos de vista diferentes que se podem lançar sob um mesmo objeto. Segundo a gramática gerativa, serão tantas gramáticas, quantos forem os falantes de uma língua. Então, no diagrama, representam-se essas gramáticas individuais pelos globos menores, nas extremidades do desenho, que representam as mentes, as gramáticas internalizadas, as LI (línguas internas) ou formalização da língua de cada falante do Caboverdiano. Em termos sociolingüísticos, esses são os idioletos, falares próprios de cada pessoa.

Esses globos menores ligam-se, relacionam-se a outros medianos em posição intermediária. Eles representam a conjunção dos idioletos e formam as gramáticas comunitárias de cada grupo de falantes das ilhas caboverdianas. Sociolingüísticamente, esses são os dialetos do Caboverdiano. Pela teoria gerativa observada pela OT, esses dialetos são gramáticas comunitárias ou reunião de idioletos. Os globos intermediários, que são conjuntos de LIs (línguas internalizadas) diferentes, porém semelhantes dado que todas partem da GU, cognitivamente falando, e todos vivenciam no mesmo espaço geográfico-cultural denominado Cabo Verde (com história de formação e evolução intrinsecamente relacionada), sociolingüísticamente falando, agrupam-se em torno e formam uma esfera maior, o grande núcleo que se pode chamar de LE (língua externa), a formalização de todas as gramáticas dos falantes insulares na língua sócio-política denominada Caboverdiano.

O diagrama pode ser redimensionado milhares de vezes para centralizar a GU e as línguas humanas dela derivadas. Entretanto, este mesmo desenho pode comportar esse aspecto da Gramática Universal (GU). É ela que circunda todas as esferas do desenho. A ela pertencem todos os estratos que se apresentam desenhados no Caboverdiano ou em qualquer outra língua humana. Por isso é difícil representá-la. Mas, se acaso, se pretender colocá-la no centro para, daí, cada ligação de globos medianos serem línguas humanas possíveis. Então, entre elas, estaria o Caboverdiano. E, se por um acaso, ele dali fosse desmembrado, seria possível então fazer também o desenho com a GU no centro do diagrama. Ligados a ela e, ao mesmo tempo, compondo-a, estariam os globos menores representando as gramáticas individuais. Essas, por grupos, estariam relacionadas a globos medianos representando as gramáticas comunitárias da grande LE, que envolveria toda a representação.

Todavia, neste estudo não se quer saber o que é uma língua como o quer a Gramática Gerativa, mas saber como considerar as variedades insulares e o próprio Caboverdiano, por isso, apenas invertendo a posição em que se direciona a visão do processo, procura-se representar o ponto de vista do social ao cognitivo pelo mesmo diagrama. Da perspectiva social ao cognitivo, inicia-se a observação e o estudo da esfera central, da língua política denominada de Caboverdiano, ligada e composta por seus dialetos, os globos medianos, e daí, para os idioletos, os globos menores que se encontram na extremidade do diagrama. Neste último ponto, deve-se pensar nos estudos de casos, aspectos conexos dessa ciência que em si tem como objetivo primeiro a comunidade, o coletivo, e não o falante individual. Logo, no âmbito dos idioletos, chega-se ao ponto de impasse onde a sociolingüística estaciona sem adentrar no campo cognitivo nem tampouco a gerativa avança para contemplar a comunidade.

O intento da Gramática Gerativa é investigar o que é a língua, a mente do falante-ouvinte-ideal, o que se sabe quando se sabe uma língua. Chomsky (1994: 43-44) destaca que a GG “mudou o foco de atenção do comportamento linguístico real ou potencial e dos produtos deste comportamento— o estudo da língua-E — para o sistema de conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua, e, mais profundamente, para a capacidade inata que permite aos humanos atingir tal conhecimento— o estudo da língua-I. O objetivo central da GG é, portanto, “a caracterização das gramáticas particulares dos indivíduos (correspondendo às várias línguas ou grupos de línguas humanas)”, e “a caracterização da GU, entendida como um conjunto de propriedades biologicamente determinadas, de natureza especificamente linguística... e cujo desenvolvimento e ‘maturação’, em interacção com o meio ambiente, determina uma gramática particular na mente de cada indivíduo adulto”.

Ao pressuposto gerativista de “existem tantas gramáticas quanto forem os falantes de uma língua” e cognitivista apenas “há tantos universos semânticos quanto cérebros (Zimmermann, 2006: 03 citando Roth, 2003: 422), existe o equivalente estruturalista (Saussure: 1999: 233): “existem tantos dialetos quanto localidades” que parece bem empregar-se ao caso do estudo da unidade e variedade no Caboverdiano. Partindo daqui e da definição de Zimmermann (2006: 03) de que, “em sentido estrito, as línguas não são ‘sistemas’ fixos e idênticos em cada cérebro senão que são idioletos variáveis e dinâmicos”, neste estudo, defende-se que as línguas-I ou gramáticas internalizadas das variedades insulares caboverdianas são construções e formalizações individuais da Gramática Universal (GU) agrupadas em base de certos valores, costumes, localidades, épocas e outras variáveis mais.

Um dos argumentos no estudo das variedades de uma língua é o do estudo da língua em si. Estudar a língua em si significa observar as regras específicas daquela variedade, sistematizadas por um falante-ouvinte ideal, como faz o gerativista, ou por um falante-ouvinte real ou ainda um grupo de falantes, como faz o sociolinguísta. Fato é que nesta fala, depreende-se a concepção de que a gramática de uma língua se desenvolve a partir de um dispositivo inerente à espécie humana, a Gramática Universal. Por meio de tal aparato, todos acabam por teorizar e formalizar à sua maneira, consoante o input que receberam, a língua de sua comunidade. É esse claramente o paradoxo da língua— individual de base coletiva e coletiva de base individual, a um só tempo. Dessa perspectiva, cada um têm a sua língua e, qualquer formação individual ou coletiva assim pode ser considerada: uma língua em si. Falar da “língua em si” é a saída encontrada para quem detecta regularidades no sistema, regras sistemáticas e opcionais, para um determinado grupo e precisa mostrar suas diferentes sistematizações em relação ao que se

considera língua referencial.

É nesse ponto que parece estar-se falando de uma outra língua no sentido político do termo, por mais que isso não seja comentado. É uma língua em si, porque qualquer falante de uma língua a tem internalizada e a externaliza por si, como algo inerente à sua fisiologia. Sendo possível reunir vários falantes num determinado espaço geo-político, pode-se configurar a língua em si, a língua-E coletiva. Para Mufwene (2002: 12-13) os “falantes individuais são agentes inconscientes de evolução de língua.” Eles interagem e contribuem com traços e seleções que podem afetar a trajetória evolutiva de um língua” Mufwene (2002: 193-194) defende que, “no nível comunitário, uma língua-I é um conjunto de idioletos individuais”, assim como se pensou no início deste estudo (2001) para a composição do Caboverdiano. Lightfoot (1998: 92-97) admite que proponentes da visão biológica “escrevem como se os indivíduos tivessem somente uma gramática”, mas que Kroch (1989) e Taylor (1997) defendem gramáticas coexistentes: “falantes podem operar com mais de uma gramática, em um tipo de diglossia interiorizada.” Para Lightfoot (1998: 77-78), não existe algo como “a gramática de inglês”, mas sim “milhares de falantes, todos dos quais têm gramáticas internalizadas, alguns diferindo de outros”.

Na representação do diagrama da convergência as duas partes, cognitiva e social, por definição, são associáveis e dissociáveis dependendo do modo como se resolve observar determinado processo ou aspecto de uma língua. Nele, pode-se observar o percurso do falante-ouvinte-real às comunidades menores formadas por eles e seu encontro na macro estrutura. Esta é a representação para a unidade e variedade no Caboverdiano de duas perspectivas. Sabe-se e reconhece-se que as variáveis, fatores e contingências extralingüísticas influenciam, mas não cabem na OT, teoria utilizada neste estudo, e formulada com a finalidade estritamente lingüística. No máximo, conseguiu-se acrescentar a variação como parte integrante do sistema ao se propor que as escolhas diferenciam as línguas-E (interlingüístico); e porque não as línguas-I (intringüístico)? A OT pode, então, na “explicação” da fonologia das quatro gramáticas comunitárias do Caboverdiano estudadas nesta tese, demonstrar como se realizam as escolhas de uma forma e não de outra na fala de um determinado grupo ou falante, como se viu nas subseções 4.2.1. e 4.2.2. e na parte 4.2.3.2<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Pôde-se observar que em 4.2.1. E 4.2.2. cada ilha tinha seu *input* e que os falantes só falavam o *input* de sua ilha, mas reconheciam o da outra como próximo do seu. Em cada Grupo de uma comunidade de fala, houve uma escolha a partir da Gramática Universal: uma escolha em Sotavento, outra escolha em Barlavento. Então, do PE ao Caboverdiano, uma variedade aceitou e destacou uma restrição, enquanto a outra não e vice-versa. E, hoje, cada uma tem uma grande gramática respectiva que seguiram num continuum até os sistemas coexistentes atuais.

Dessa perspectiva cognitiva ao social, não existem dois, três ou nove crioulos diferentes. Nem línguas externas diferenciadas. Existem sim, milhões de gramáticas individuais diferenciadas. Nove gramáticas comunitárias particularizantes. E uma grande e uma Língua Externa. O que difere entre essas gramáticas comunitárias, falando pela OT, são as hierarquizações diferenciadas das restrições que são de caráter universal, mas são aplicadas de acordo com as escolhas feitas por cada grupo em particular. O que não se pode escolher, porque faz parte do aparato humano, é a GU que estabelece as restrições. A ordem delas, entretanto, é recebida pelos falantes mais novos como *inputs* dos falantes mais antigos e, assim, forma-se o grande círculo que faz a língua crescer e vicejar dentro de um espaço político que, com a identidade de todos acaba por se tornar língua materna (visão cognitivista) do País.

Da perspectiva cognitiva, portanto, assume-se que a Língua Interna Caboverdiana não é uma, são milhares: é a formalização que está na cabeça de cada um de seus falantes. Em Cabo Verde há milhares de gramáticas que, para efeitos de formalização, se agrupam em torno de um divisor e condensador comum. A grande forma, a língua externa, só tem aspecto de uma. Na verdade, ela se compõe do todo e dos fragmentos de variedade sob e sobre uma base abstrata, mas que, assim, se torna sólida, a GU. Pela gerativa, os seres humanos têm gramáticas iguais e diferentes em algum grau. Iguais porque partem do mesmo componente genético para falar e compreender a língua do meio onde nascem. E diferentes por causa das escolhas que encontram feitas e das que ele, nesse meio, vai realizar. Desse modo, por mais que a premissa básica do gerativismo acentue o aspecto universal, ao mesmo tempo, acaba por acentuar o que é variável no sistema. Por isso, depois de análise prévia, buscou-se a representação em diagrama para descrever a unidade e/ou da variedade numa língua.

Pelos aspectos que se viu das quatro variedades do Caboverdiano, Santiago-Fogo e Santo Antão-São Vicente, pode-se depreender que a língua é um condensador de igualdade e diferenças. Retornando às origens, no Caboverdiano atual convivem atuantes ou latentes sistematizações-regramaticalizações acionados pelos diferentes contatos do português e do continuum crioulo em distintas épocas, lugares e situações no Arquipélago. No estudo lingüístico do Caboverdiano acabou-se por promover um mostruário de diferenças entre as ilhas. Procurou-se explicar as opcionalidades comum e diferencial mais representativas. Por isso o destaque vem à tona mais facilmente. Em assim fazendo, correu-se o risco de resumir a extensão do Caboverdiano aos aspectos particularizantes das diferenças entre as ilhas. Todavia, ressalta-se que os casos descritos representam a ponta do *iciberg* — que mostram de imediato e realçam as diferenças —, mas o restante dele, a parte submersa, representa um oceano de semelhanças

gramaticais e semânticas entre as variedades insulares que atendem pelo nome comum e político de Caboverdiano. Logo, figurativamente, o Caboverdiano é um mar de semelhanças ladeado por ilhas de diferenças tal qual um compatriota seu, o Português Brasileiro (PB) e suas variedades lingüísticas de norte a sul.

Pela OT variacional do modelo de Antilla (1995: 03; 11), a meta é mostrar como variação se relaciona a fenômenos categóricos e como ambos derivam da interação de princípios gramaticais.” Segundo o autor, embora a variação entre extra-oficialmente “neste retrato”, “se variação gramática-induzida é um fato da vida deve haver algum modo de modelar variação em OT”. Posteriormente, Antilla e Cho (1998 :32) argumentam que há evidência de que a microestrutura de variação reflete restrições bem parecidas àquelas achadas no domínio de regras categóricas, não sendo gramaticalmente fortuitas”. Então, a variação, como se disse, é parte integrante essencial da fisiologia lingüística de todos nós e, assim, das línguas humanas. Retoma-se o óbvio: da interatividade entre o cognitivo (percepção, remodelação, fixação) e o social (convencionalizado, existente) resulta uma língua em seu sentido pleno. Dizer lingüisticamente, o que são línguas/dialetos iguais ou diferentes faz com que se retorne a máxima da raça humana: como ela, as línguas representam a continuidade, re-invenção, renovação e inovação de si mesmas. Não há velho nem novo, nesse cenário. Há a mistura de ambos, das tendências que fazem o mundo das palavras continuar produtivo, comunicativo-interativo e continuamente revitalizado.

Logo, o Caboverdiano é variado, porque todas as línguas o são, em essência. A língua objeto de estudo e a língua objeto social, se tocam em algum momento, porque são as duas faces de uma mesma moeda. A questão da Unidade, na verdade, só existe em termos de língua-E. O que existe em termos de Língua-I, desde sempre, é variedade tanto no Caboverdiano como em qualquer outra língua. Estas duas forças complementares da unidade e variedade – a força do campanário e a do intercurso, para relembrar Saussure (1999: 238) – sempre conviverão numa língua. Estudiosos teimam ou precisam dividi-las, mas elas continuam immanentemente unidas. O importante é compreender que são partes de um mesmo processo. Pelas lentes da OT, é unidade tudo aquilo que obedece aos mesmos princípios ou restrições. Equivale a variedade tudo que alternar nesse sistema. Na perspectiva da Gramática gerativa, sim, são línguas diferentes. Aliás, como qualquer dialeto mais específico de uma língua natural o seria. Desde as primeiras teorias que a criança constrói sobre a sua língua, inspirada nos modelos recebidos, até as construções que o seu grupo escolhe dentre as macro-escolhas, o que está acontecendo são organizações diferenciais de língua interna que somarão todas numa única Língua-E comunitária.

Para Bickerton (1974: 18-19) existe uma gramática poliletal da comunidade a qual as gramáticas dos indivíduos se relacionam. As gramáticas individuais “são os edifícios-blocos com os quais a gramática da comunidade é construída.” A policompetência de que fala Bickerton reforça a idéia de que ao lidar com um sistema, gramática ou LI-LE variável, lida-se também com vários sistemas coexistentes. Disso, conclui-se nesta parte que procurou destacar o aspecto cognitivo da temática, a despeito de não ter sido possível abstrair-se da parte social complementar, que no Caboverdiano é isso que há: uma mesma e variável gramática da comunidade. Uma só, formada pelo agrupamento de inúmeras outras, como no PB. Há um continuum no Caboverdiano inicial e no de hoje. Nas linhas do seu traçado, há sistemas coexistentes como na diacronia formada pelas pegadas, rastros da sincronia ou vice-versa. Existe uma só língua-E, formada pela reunião de agrupamentos de Línguas-I ou gramáticas coletivas. Para completar parcialmente esse assunto, cita-se Rodrigues (2003a: 28):

“observando-se as polaridades insulares de Sotavento e Barlavento, os dois grupos dialetais preponderantes, o Caboverdiano pode ser considerado a manifestação da pluralidade genética de uma língua, em que cada traço de sua gramática, parece apontar para aspectos universais recorrentes nas línguas do mundo e, ao mesmo tempo, representar uma escolha gramatical específica de cada grupo de falantes dentro do conjunto de princípios universais de que se dispunha para organizar o sistema lingüístico, a gramática do Caboverdiano.” (Rodrigues, 2003a: 28)

Daqui, transfere-se para a questão da língua na acepção sócio-cognitiva, ou social somente. Para autores como Lyons (1981: 110) ou Haugen (2001: 79), os termos dialetos e língua distinguem-se por aspectos políticos e culturais: “em muitos usos, o termo “língua” é superordenado a “dialeto”, mas a natureza dessa relação pode ser tanto lingüística quanto social.... O uso desses termos tem imposto uma divisão em algo que é freqüentemente um *continuum*, gerando o que parece ser uma oposição nítida, quando de fato os extremos são tremendamente nebulosos e vagos.” Haugen (2001: 101) conclui que “como esse processo histórico pode ser repetido indefinidamente, os dois termos são ciclicamente aplicáveis, com ‘língua’ sempre como o termo superordenado, e ‘dialeto’ como o subordinado... Portanto, todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto.”

Aqui, uma pergunta latente parece tornar-se evidente: o que determina o estatuto de uma língua é a sua composição lingüística ou a sua inserção num determinado contexto político? A fala de Almada (1998) parece aplicar-se aqui: “Na realidade, dialecto é uma variante regional de uma língua dada. Quando uma das variantes dessa língua é escolhida entre as restantes para se tornar a *língua* do país, as outras passam a chamar-se dialectos. Com efeito, é tão *língua* uma variante como a outra. O estatuto de

cada uma é, pois, mais político que lingüístico. Um dos dialetos, ao triunfar da competição com os restantes, passou a ser considerado língua oficial.” Nada mais correto. Inclusive, quando Duarte (1994: 121) completa que nação e língua estão indissolivelmente ligadas, “porque ao falarem sua própria língua, os cidadãos tomam consciência de sua identidade e do todo que constituem”.

Sobre a unidade e variedade no Caboverdiano, Duarte (1994: 121-122) informa que o Caboverdiano transformou-se em símbolo do nacionalismo, às vésperas da Independência Nacional (1978), sendo fator de unidade e de coesão no Arquipélago. Lopes da Silva (1957: 35) defendeu a distribuição do crioulo de Cabo Verde por dois grupos maiores: o de Barlavento (S. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Boa Vista e Sal) e o de Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava). E acrescenta que “apesar dessa variação dialetal, o crioulo é uma língua com unidade suficiente para que haja comunicação entre os falantes das diferentes ilhas.” Macedo (1979: 82) postula “vários sistemas lingüísticos [aos quais denomina dialetos] que compartilham as mesmas regras da gramática caboverdiana...” Para ele a inteligibilidade mútua não é prejudicada pelos limites geográficos e as diferenças restringem-se a níveis suprasegmentais (entonação). Macedo (1979: 83) defende a divisão do Caboverdiano em dois dialetos principais – Barlavento e Sotavento –, e ressalta que “esta divisão não implica que a pessoa não possa achar mais adiante diversidades lingüísticas em cada dialeto principal [idioletos].”

Veiga (1995: 29) postula que o Crioulo, a nível da estrutura de superfície, atualiza-se de forma diferente, de ilha para ilha. Além disso, estudos levados a cabo nos últimos tempos (M. Veiga, 1982), confirmam que, a nível da estrutura profunda, existe um único crioulo, razão por que há uma intercompreensão razoável desde as ilhas mais ao Norte (Barlavento) até às ilhas mais ao Sul (Sotavento). Logo, para esse autor caboverdiano, há um único Crioulo em Cabo Verde que realiza em variantes dialetais. O autor em foco (Veiga, 2005) defende “que a gramática do Crioulo, em vez de ser um sistema invariante e invariável, seja uma estrutura onde a variação (pertinente e representativa) possa fazer parte do sistema. Um tal sistema não será aquele onde se encontra a ‘performance’ de todos os locutores mas tão-somente aquele onde cada locutor é capaz de encontrar o modelo da sua ‘competência’”. Esta fala parece pressupor um estudo pela OT variacional como se fez nesta tese.

Pereira (1999: 27-30) argumenta que para a comunidade caboverdiana não existe “a ideia da existência de duas línguas diferentes nas ilhas de Santiago e de São Vicente, mas sim a de que, havendo variedades *mais fundas* (*antigas*) e outras *mais leves* (*recentes*), a do crioulo de São Vicente é nitidamente mais leve e próxima do PE. Pereira (1999: 29) apresenta o exemplo do sistema verbal em que há

diferenças na “quantidade e frequência de ocorrência dos verbos irregulares e sua diversidade flexional”, como nos exemplos: E /era/foi/for/fose, /kria/kis/kizer (São Vicente) e E /era/, kre /kreba (Santiago).

Disso, conclui a autora (Pereira, 1999) que poderiam considerar-se as divergências no sistema verbal “variedades de um *continuum post-crioulo*, não sendo já necessário o argumento de duas línguas diferentes...” Por fim, a autora (Pereira, 1999 : 42-44) que, num estudo de 2006 (175) argumenta que a hipótese da divisão entre Sotavento e Barlavento, como um todo, não tem relevância lingüística, conclui que, no que diz respeito ao sistema verbal entre as ilhas de Santiago e São Vicente:

« os crioulos das duas ilhas não são tão divergentes como aparentam. Existe nas duas variedades uma lógica interna idêntica de aproximação em relação ao português que já estava em curso no século XIX, na própria ilha de Santiago. Provavelmente, na migração para Barlavento, foram as formas mais leves de Sotavento que foram apropriadas e reforçadas pelos recém-chegados europeus aprendizes de crioulo. ...Se as tendências de mudança são idênticas, a grande diferença está, então, na sua extensão e na maior ou menor resistência com que deparam. O crioulo de Santiago é mais resistente, mesmo em termos subjectivos. O crioulo de S. Vicente é mais permissivo, devido, entre outros aspectos, à importância da presença europeia no povoamento da ilha. A mudança atinge aqui mais grupos sociais e mais contextos verbais. Daí a sua maior visibilidade no discurso quotidiano, mesmo de falantes não letrados. Na verdade, o crioulo de S. Vicente pode ser de *outro planeta*, mas não de outra língua.”

Bartens (2000: 68) argumenta em prol de nove crioulos caboverdianos com origem em processos de criouliização diferentes (a partir de Santiago, Maio e Fogo = “crioulos verdadeiros”). Ela cogita em Barlavento um crioulo que tenha se distanciado em menor grau do superstrato de Sotavento. E também que “todas as outras variedades devem ser consideradas como diluições do crioulo original de Santiago. Ela cita Lang (1991a: 04) ao dizer que um “processo de criouliização separado teve lugar em todas as ilhas habitadas e Holm (1986) ao dizer que o crioulo original de Santiago tornou-se parte do superstrato na formação dos crioulos de segunda geração...”, nos moldes da criouliização por difusão. Daí, conclui (Bartens, 2000: 83) que “o caboverdiano não é uma língua homogênea senão consiste num grupo de falares crioulos que resultaram de processos de criouliização separados.”

Tendo-se apresentado essas opiniões sobre a unidade e variedade do Caaboverdiano, em sua maioria no plano sociolingüístico, chegou o momento de reiterar que, nesse estudo, coaduna-se com a posição de Veiga (1995: 29), como se indicou na introdução desta tese. Aliás, reafirma-se que o estudo desse autor serviu-lhe de inspiração, embora o aparato teórico tenha sido outro. O fato relevante aqui é que “das variedades Insulares à unidade nacional”, ou seja, das variedades insulares ao Caboverdiano,

tem-se que a fonologia das variedades caboverdianas pelas restrições da OT e pela representação do diagrama inicial parte do mesmo sistema-base que se caracteriza por diferentes dialetos ou Línguas-I. Do lado social, então, as sistematizações diferenciadas, as variações naturalmente previstas no sistema, compõem a língua-E caboverdiana como uma grande célula com núcleo e ramificações internas.

Neste estudo da fonologia das quatro variedades insulares – Santiago-Fogo, Santo Antão-São Vicente — pela OT, acredita-se que os dois grupos ou grandes pólos lingüísticos representados por elas configuram os expoentes variacionais dessa língua. Enquanto em Sotavento as variedades são mais antigas e mais conservadoras, em Barlavento, a variedade de Santo Antão é a única mais hermética, enquanto a de São Vicente é de formação mais recente no Arquipélago por estratos e épocas diversas. Embora ambas representem duas grandes gramáticas comunitárias do Caboverdiano, elas não chegam a constituir duas línguas políticas diferentes. Elas são formadas por várias línguas cognitivas diferenciadas que se agruparam e, assim, em cada uma resultou uma das facetas do Caboverdiano.

Na fase atual, é preciso comentar sobre o tema da descrioulização, porque é sobre ela que se fala quando se trata de qualquer crioulo que esteja em evolução na sua fase atual. Antes de mais nada, expõe-se o ponto de vista da sociolingüística variacionista sobre variação e mudança em contexto espontâneo e em situação de contato (Labov, 1972a: 07): “podemos redeclarar o problema de mudança de língua como um par de proposições adversárias: (1) quando dois grupos estão separados de forma que comunicação entre eles está reduzida, então divergência é esperada e qualquer grau de convergência requer uma explicação (2) quando dois grupos estiverem em comunicação contínua, convergência lingüística é esperada e qualquer grau de divergência requer uma explicação”. Na caso da “divergência esperada” (fase da criouliização, prioritariamente) e da “convergência lingüística” (modificação rumo a língua oficial, PE) no Caboverdiano, incide-se no tema da descrioulização.

A descrioulização compreende o chamado *continuum* pós-crioulo, como chamou De Camp (1971) e criticou duramente Bickerton, autor com o qual se concorda e os sistemas coexistentes que passam a existir nesse *continuum*. Como se viu em 4.2.3.2. aventou-se para o processo de criouliização a reunião desses dois aspectos, diga-se assim, *os invisíveis* da criouliização e da descrioulização. Enquanto a Criouliização pressupõe um processo criativo, um processo de reestruturação da língua africana a partir do que se observa nas línguas de superstrato, a descrioulização como processo pressupõe uma mudança em andamento do crioulo rumo ao superstrato ou língua oficial. Chaudenson, superstratista, chamava a isso aculturação ou aproximação da língua lexificadora. Alleyne, ao contrário, chamou a isso de desaculturação

ou afastamento das línguas africanas. Enfim, cada um estava vendo o processo de uma perspectiva que não deixam de serem complementares no fim das contas.

A descrioulização é tida muitas vezes como resultado da diglossia, ou seja, co-existência de uma língua não-oficial com a língua oficial do País, que é falada em todas as circunstâncias formais, especialmente na escola. A outra é a língua materna, que fica restrita à casa e aos familiares. Essa situação diglósica pode levar uma língua crioula ao processo de descrioulização mais rapidamente, como se teme em Cabo Verde e em outros países em que a língua ainda não é escrita oficialmente na escola. Aliás, alguns autores chegam a defender que assim que é formada, a língua já começa a se descrioulizar. Isso parece extremar a situação que não acontece tão depressa assim. Como processo de empréstimo que é, a descrioulização leva algum tempo para entrar em ação. E uma vez que ela tenha começado, seu fim é desconhecido, muito embora alguns teimem em postular suas derivações ou conseqüências. Adiante comenta-se sobre isso. Por ora, discute-se sobre a diglossia.

Em Cabo Verde há diglossia (uma língua oficial, outra de casa) e não bilingüismo, situação em que há duas línguas com o mesmo *status* e uso pela comunidade. O bilingüismo é a situação desejável para o Caboverdiano, enquanto língua sócio-política e, para isso, é preciso que se combata a diglossia na opinião de muitos estudiosos, incluindo Veiga (1995, 2006), que chegou a pensar num modo de se combater a diglossia que, a seu modo de ver, leva à descrioulização gradual do Caboverdiano<sup>22</sup>. Veiga (2006: 37-38) acredita que as duas expressões dialetais de Santiago e São Vicente devem ser tomadas como referências na unificação lingüística, com destaque às relevâncias das outras variedades. No ensino, propõe unificação em três frentes: sul/sul, norte/norte, sul/norte. A valorização das variantes do sul, do norte e as relações entre elas talvez seja a saída, mas o produto final dessas frentes para coibir a descrioulização pode ter resultados mais ou menos (in-)esperados. E assim conjectura o autor:

“...cremos que as três frentes de unificação poderão vir a desembocar num produto que represente a unificação de todas as variedades do país. As condições poderão eventualmente conduzir a automização de duas línguas. Esta situação, se acontecer, não provocará nenhuma calamidade cultural. Basta ver que, em África, encontramos países com várias línguas autônomas. Isto não significa que devamos incentivar o surgimento de mais uma língua autóctone e autônoma, mas entre não ensinar o crioulo (por causa de problemas dialectais) ou ministrar esse ensino no Norte com base na variedade de S. Vicente e no Sul com base na de Santiago, é lógico que a segunda alternativa, embora mais custosa, é, cultural e sociolingüísticamente falando, mais aconselhável.”

<sup>22</sup> No concepção desse autor (Veiga, 2006: 37), o que ele chama de fenômeno da descrioulização equivale à perda de autonomia [do crioulo relativamente ao Português].

Percebe-se que há muito preconceito lingüístico embutido no próprio termo “descrioulização”. Nesse estudo, essa terminologia é considerada apenas como a forma de denominar-se o processo de evolução de uma língua crioula que pode implicar adaptação ou perda de características originais da fala crioula. E essa evolução pode ser numa direção inesperada, não somente numa deriva natural de sua língua lexificadora, ou superstrato, língua dominante na situação de crioulização. No Caboverdiano e nos crioulos, defende-se que houve uma inadequação da terminologia que envolve o prefixo {des-} relativo a tudo que deixa de ser ou que foi ou que vai deixar de ser algum dia — sempre nessa direção.

Concorda-se com autores como Mufwene que dizem estar esta terminologia “descrioulização” vinculada ao branco europeu: deixar de ser língua de negro, de crioulo, como se isso fosse o desejo dos falantes das línguas crioulas. O que se vê na atualidade é o contrário, os falantes de crioulos querem preservar seus traços e continuar falando sua língua materna. Porque, em verdade, uma língua crioula jamais deixará de ser crioula em se considerando seu próprio histórico, mas sempre será uma língua em constante evolução natural como outra qualquer, passadas as pressões de sua formação e condições excepcionais (e relativamente recentes) de sua investigação como área científica. A crioulização, uma vez ocorrida “por causa do processo abrupto” ou gradual por que passa, está ocorrida. A língua não deixará de ser crioula. Ela irá evoluir, terá seu nome pátrio, mas, mesmo tendo se aproximado de seu lexificador, não será um descrioulo, um dialeto apenas da língua-base: ela ganhou autonomia diante da situação de dominação em que foi formada, isso lhe conferiu identidade e traços próprios que não podem ser esquecidos ou relegados — a geografia, o tempo, o espaço e os povos não se imporão sobre isso, a menos que se vincule a esses fatores uma forte pressão política. Então, ocorrerá evolução interna (natural) ou externa (motivada) como em qualquer outra língua.

As línguas crioulas também não são simples continuidade de seu lexificador ou porque querem ser assim ou para serem consideradas língua natural como todas as outras. Concorda-se com Mufwene (2001) quando fala de inadequação do termo descrioulização no sentido do europeu ao africano, mas discorda-se quanto ao fato de os crioulos serem tão somente uma continuidade de seu lexificador. Elas são continuidade de tudo: de si mesmas, de sua história, de sua origem inicial, até mesmo em algum grau seguem tendências de sua língua lexificadora, mas não são somente a continuidade dela. Elas são novas línguas, forjadas no calor de circunstâncias desfavoráveis, por isso fomentadoras de tudo o que há de mais comum e mais complexo na natureza humana: a criação de uma língua, quando já se tem uma que está sendo destruída gradualmente e uma outra que está sendo imposta impiedosamente.

Em linhas gerais, as línguas crioulas não ensinam deixar de ser crioulas. Por isso é um despropósito, em termos de descrioulização, a pergunta sobre a evolução da língua para “descrioula”. Língua crioula é crioula, sim. Em essência, é o processo pelo qual ela passa (e que muitas ou todas as outras línguas podem ter passado) que lhe confere o nome. Acontece que nelas, a presença do acontecimento é ainda mais próximo (o laboratório vivo, como dizem alguns). Mas, o seu desenvolvimento não é mera continuidade do lexicador. Ela é uma língua natural. O que há sob a designação de línguas crioulas são línguas como o Guineense, São Tomense, Caboverdiano e outras que seguem tendências de sua herança genética híbrida — meio portuguesa, meio africana, meio o terceiro elemento que isso gerou: o mestiço e suas tendências como homem, como meio de vida e de cultura. Chamar uma língua pelo seu nome atual, o nome pátrio, não é esquecer sua história de formação: crioulização, mestiçagem, evolução ou deriva natural, é reunir história, povo, cultura e língua numa só terminologia. E essa terminologia é o nome do País em forma de nome pátrio, como se disse. No caso de Cabo Verde, o Crioulo Caboverdiano. Logo, a língua é o Caboverdiano. No Brasil, o Português dos brasileiros. Logo, Português Brasileiro.

Acaso intitulam-se algumas línguas de ex-românicas ou desromanizadas, deslatinadas? Não se fica falando ex- ou des- para outras línguas, como no caso do Português Brasileiro: PB é somente português (do Brasil) oficialmente. Ele passou por adaptação, abasileiramento em terras tupiniquins. Mas ele é um ex-português? um desportuguês?... Disso deduz-se o desrespeito e o preconceito embutidos na expressão ex-crioulo, descrioulo. Uma língua crioula não deixará de ter seu histórico crioulo. Esse é o seu legado. E como não se recusa uma herança biológica, em seu interior estarão sempre genes a lhe recordar sua descendência. Seu desenvolvimento, passadas as pressões externas e internas iniciais, será semelhante ao de uma língua dita em curso natural. Contudo, ela é uma língua crioula, não descrioula, que pode estar em franco processo de desvitalização ou automização frente a sua primeira formação.

No caso do Caboverdiano, desde o início, ele é uma língua crioula que foi sendo formado da conjunção das variedades insulares com inputs diversos. Essa é uma crioulização em graus ou etapas subseqüentes e entrelaçadas: continuum crioulo e sistemas coexistentes. O termo recrioulização parece inadequado, porque pressupõe que a situação sociohistórica que formou o crioulo inicial está sempre se repetindo e reforçada cada vez mais, de novo e de novo, ou, ainda, pressupõe que o processo é apenas lingüístico, uma vez que recrioulizar-se pode equivaler a tornar-se crioulo de novo, adquirir traços crioulos novamente. Como se vê, as terminologias não são tão eficientes assim. Ainda mais quando o assunto e o terreno em questão é tão movediço, criativo e reconstrutivo como é o caso das línguas crioulas.

O crioulo é uma língua natural como todas as outras. O que muda é o seu histórico de pressões que geraram sua variedade primeira, o pidgin. Depois, ele segue seu próprio caminho que pode derivar em partes ou desviar em outras partes da evolução da língua européia e das próprias línguas africanas que lhe estiveram na origem. Neste estudo, concebe-se o processo chamado de descrioulização como a evolução natural de uma língua rumo ao seu próprio desenvolvimento, de acordo com seu povo, sua cultura, seus anseios, necessidades, suas políticas, enfim, o meio sócio-cultural vigente em sua comunidade. Essa noção distancia-se daquela de uma língua crioula sempre rumo ao seu lexificador, ainda mais quando em contato prolongado com ele. Esse contato influencia, mas não determina os rumos intermediários (e não finais, porque uma língua não pára) que a língua irá tomar em seu percurso perene, seu eterno ciclo. Todos os contatos e movimentos sociais e tecnológicos do mundo globalizado irão influenciá-la de algum modo e em algum grau. O resultado disso é uma língua que se expande na sua própria rota levando em si, em sua fisiologia, tudo o que lhe foi trazido de fontes diversas e mais aquilo que sua comunidade buscar.

Em suma, o processo que se denomina descrioulização, mas que poderia muito bem ser apenas denominado de evolução natural, processo de mudança que não é forçado pelo laço, mas que é socialmente reforçado pelo contexto social, como cogitam Thomason e Kaufman, é tão somente uma mudança tão natural quanto o correr perene de um rio. Por sua naturalidade, esse processo ocorre de modo inconsciente: os falantes são agentes de um processo que modifica a língua, e também são modificados por ela (enquanto reunião, convenção de todos, da comunidade, sobre o indivíduo). Nesse âmbito, trata-se, então, de postular o verdadeiro espaço das línguas crioulas: o posto de língua natural com uma história um pouco diferenciada porque mais conhecida, até mais recente do que as demais (quantas línguas com um histórico crioulo não estariam ocultas sob nomes pomposos, imponentes?).

Assim, ser crioula, longe de ser algum demérito lingüístico, representa a história e a essência de um povo, sua forma de pensar o mundo que o fez rearranjar e arranjar a gramática de sua(s) própria(s) língua(s) e de outra(s) língua(s) estrangeira(s) de uma determinada maneira e não de outra para se comunicar, compreender a si mesmos e aos outros e se fazer compreendido em situações totalmente adversas. É sua marca identitária, sua cultura, sua forma de expressão e atuação no mundo, é sua língua. Isso posto, reitera-se nessa parte final, o desejo expresso no início deste estudo de ter “contribuído com o estudo dos fatos cognitivos e político-sociais da imbricada arquitetura do Caboverdiano. E, dessa maneira, colaborar com a explicação e compreensão, por mais parcial que seja, da ‘língua que o mulato criou’.”

## **CONCLUSÃO**

---

“E depois de estarem descobertas todas estas ilhas, continuaram o descobrimento de muitas terras,  
os criados do Infante Dom Henrique e Dom Fernando.”

(Piloto Anónimo)

Após percorrer longo caminho no estudo da fonologia do Caboverdiano à procura de respostas para a questão sobre unidade e/ou variedade, chega-se ao ponto em que essa busca precisa terminar. Pelo menos, por enquanto. Diz-se isso porque, para o momento, espera-se ter conseguido destrinchar um pouco do “complexo xadrez lingüístico caboverdiano” que se mostrou nem tão complexo assim, apenas variado e em pontos bem demarcados de sua fonologia. Para que se chegasse a essa conclusão, procurou-se repensar o Caboverdiano na perspectiva de sua constituição interna, da competência que cada falante nativo possui. Essa, como se sabe, é a perspectiva da teoria gerativa. E, como se viu, procurou-se agregar a ela aspectos referenciais da sociolingüística relativos à discussão sobre o *continuum* e/ou sistemas coexistentes na constituição e evolução dos crioulos.

Considera-se que a proposição deste estudo ancorado no modelo teórico-gerativo da OT foi produtiva, por ter tentado evidenciar teoricamente as possíveis sistematizações internas manifestadas no mosaico externo das quatro variedades insulares Caboverdianas investigadas. Do ponto de vista científico, revisitar a estrutura de quatro ilhas do Caboverdiano nessa perspectiva pode ter sido equivalente a lançar novas luzes sobre o fenômeno lingüístico que se manifesta naquelas ilhas do Atlântico. Isso implicou conhecimento e utilização de importante aparato no ensino e na pesquisa: uma teoria fonológica que visa explicitar o vínculo entre o universal e o específico nas línguas e que pressupõe um modelo de gramática ancorado em restrições — condições de boa-formação — e na interação e violabilidade das mesmas como argumento para as diferenças entre as línguas do mundo.

Esses aspectos asseguram a esperada continuidade da aplicação dessa teoria em ambiente de estudos crioulísticos. Embora ladeada por muitos formalismos, a Teoria da Otimidade possibilitou uma visão abrangente da fonologia do Caboverdiano no sentido do que poderia ser e do que não poderia ser considerado ótimo (ou gramatical) no conjunto das duas ilhas de Sotavento ou no das de Barlavento. A OT conseguiu dar respostas sobre as formas vocabulares ótimas, sub-ótimas e não-ótimas para todas as variedades estudadas. E mais: pôde responder sobre o que seria uma língua ou um dialeto, no âmbito de sua visão variacional (não tão ortodoxa quanto a OT clássica que só pressupõe a variação interlingüística) quando se demonstrou as interações das restrições da hierarquia e as re-hierarquizações todas. É esse aspecto geral da teoria que ressaltam Alber e Plag (1998) quando dizem que “embora a OT padrão apresente inflexibilidade, é possível “mostrar que se pode expandir para incluir formas variantes dentro de uma gramática única” e que “não é um grande salto estender a teoria para permitir alguma variação no seu ranqueamento a fim de responder pela variação inerente entre os falantes de uma língua”.

No parecer abaixo, Costa (2001: 16) consegue resumir aspectos gerais comentados sobre a OT:

“ao propor que as diferentes línguas correspondam a diferentes hierarquizações de restrições, este quadro teórico oferece uma nova forma de encarar o modo como os vários princípios da gramática se aplicam nas várias línguas.... Ao propor que todos os falantes são dotados de uma faculdade da linguagem, o paradigma generativo sugere que há aspectos que devem ser considerados universais. Aceitando-se a idéia de que todos os princípios da gramática são universalmente relevantes, sendo a sua visibilidade uma conseqüência da sua proeminência numa determinada hierarquização, consegue levar-se mais longe o pressuposto generativo sobre universalidade...”

Algumas questões emergiram deste trabalho, ora apontando incompletudes e falhas ora sugerindo possibilidades de estudos futuros. Por isso, resolveu-se por revelá-las nessa parte conclusiva. Um primeiro ponto é a questão relativa ao fato de o componente fonológico ser suficiente para dar conta da discussão sobre o *status* geral de uma língua. Esse componente seria “capaz de decidir se as variedades coletadas são duas/quatro línguas distintas ou se apresentam gramáticas distintas — e qual a *medida* para tomar-se a decisão?” Responde-se que, para os objetivos deste estudo, ele é o bastante, mas não é o suficiente. A unidade e a variedade do Caboverdiano pela fonologia fica, então, a esperar que outros componentes gramaticais sejam analisados pela OT e juntem-se a ela na resposta de um sim ou um não. No caso específico deste estudo, argumenta-se que um só constituinte para analisar línguas ou dialetos iguais ou diferentes foi um caminho para se demonstrar que, com uma teoria adequada ao que se deseja investigar, pode-se vislumbrar a variabilidade dos dialetos dentro de um sistema maior, a língua cabovediana ou a variabilidade inerente das LIs que constituem a LE caboverdiana. Esse foi um primeiro passo.

Outra questão que parece não se ter conseguido responder satisfatoriamente, ou, em outros termos, percebe-se que não se conseguiu encontrar uma maneira ou um modelo produtivo de reuni-las a contento, e que não quer calar é a seguinte: nos estudos da linguagem, há prejuízo de continuar-se como está — Sociolingüística aqui e Gramática Gerativa lá? A resposta é: provavelmente, não. Nas tentativas de encontro, conhece-se cada vez um pouco mais sobre um dos lados da moeda, embora não se consiga fundí-los, apenas que as partes sejam vistas em paralelo (mais uma do que outra, é verdade). O que fomenta a vontade de reuni-las num só estudo é que, quando alguns de seus aspectos cruzam-se ou encontram-se numa encruzilhada, não dá para “fazer de conta” que não se percebeu. Marguerite Yourcenar escreveu: “quando... duas idéias estão em contradição esteja pronto para reconciliar em lugar de cancelar uma pela outra; as considere duas facetas diferentes, ou duas fases sucessivas, da mesma realidade. Uma realidade convincentemente humana somente porque ela é complexa”.

Neurologia, psicologia, psiquiatria são ramos conexos de uma mesma ciência médica, mas não andam emparelhados, paralelamente, o tempo todo. Elas são “conectadas e desconectadas” por natureza, porque nascem da necessidade de observar-se um lado específico do homem e, ao mesmo tempo, de se caminhar rumo ao conhecimento do cérebro/mente do ser humano. Lingüisticamente, Holm (1988: 367) conseguiu exprimir bem esta questão no posicionamento que se expõe na íntegra, logo abaixo:

“o que é o lugar de um língua: na mente do falante individual, ou na comunidade ao todo? Uma gramática é um construto teórico como uma geometria, não uma coleção de observações empíricas. ... O comportamento observável, i.e., o desempenho lingüístico, é individual e social. O sociólogo não vê nenhuma objeção em também falar da competência lingüística de uma comunidade como também da de um indivíduo. O psicólogo normalmente contesta e insiste que esta competência seja uma propriedade dos membros individuais da comunidade, não da comunidade própria; caso contrário nós teríamos que assumir algum tipo de inteligência coletiva mística... ‘uma língua... nem não era um artefato nem um atributo de uma mente individual, mas era uma competência comunitária/comum’ .”

Muitas vezes, as ciências alcançam melhores resultados quando convergem, como se vê com a a neurologia e a psiquiatria, a nutrição e o atletismo. Elas obtêm vantagens, está claro. Embora também esteja que cada uma dessas partes tenha o seu próprio e necessário lugar isoladamente, ainda que possa ser sobreposto. Tudo vai depender da perspectiva que se olha o processo ou o fenômeno. O ponto de vista continua a criar o objeto. E o objeto pode sugerir caminhos a ele. Nos estudos científicos, segundo Lyons (1981: 244), não existe um modelo teórico amplamente aceito dentro do qual a linguagem possa, macrolingüisticamente, ser estudada. Se existisse, seria possível priorizar as várias disciplinas relativas à linguagem num único estudo, não somente dar prioridade a uma área, como se tem feito. Em virtude de interesses e tendências, os estudiosos adotam um ponto de vista em detrimento do outro. Assim, dificilmente os aspectos estrutural, social, cultural e cognitivo aparecem integrados num só trabalho.

De fato, é preciso que as áreas se especializem, contanto que não seja vedada a possibilidade de uso de uma ou mais perspectivas num estudo, limitando-se o conhecimento a um único ponto de vista. Nas palavras de Lyons (1981: 246): “não há... motivo, em princípio para que os psicolingüistas não se interessem pela diversidade e variabilidade da linguagem humana; nem, ao contrário, para que os sociolingüistas não se interessem pelos universais lingüísticos e sociais”. Essas perspectivas não são excludentes, pelo contrário, podem ser complementares. No estudo das línguas crioulas, esse fato fica um tanto mais evidenciado. Por causa da situação histórica em que surgem, as línguas crioulas acabam por salientar a importância do estudo da história da língua. E, por causa disso também, acabam por enfatizar a heterogeneidade dos sistemas lingüísticos. Todavia, no caso do presente estudo, pensa-se que buscar uma conciliação entre o que é interno (visão imanentista ou internalista) e o que é externo (visão histórico-social ou externalista) ao sistema lingüístico, ainda que apenas paralelamente, tenha sido uma boa — e possível — maneira de as tendências serem congregadas no estudo das línguas crioulas.

Pode haver oposição a essa conjunção das partes, para o bem da ciência, alegando-se que coisas diferentes devem continuar assim a bem da clareza e das divisas que foram tão difíceis de se estabelecer: “são coisas distintas, não são para se unir”. Então, questiona-se: e o que dizer do homem em sua dúplici faceta em cérebro e mente, corpo e espírito e as mil faces que o circundam e lhe pertencem no jogo social, todas diferentes e complementares? Nesse ponto em particular, reside um objetivo pessoal da pesquisadora neste estudo: esclarecer a si e aos alunos o que são cada uma das correntes observadas — Gramática Gerativa e Sociolingüística — e mostrar que há como estudar o lado cognitivo de um ser para representar a mente de muitos, e como estudar o social de milhares de seres numa comunidade e, daí, extrair o comportamento lingüístico de reunião de vários ou de apenas um falante. Esse objetivo necessita de um outro estudo. Um estudo para o futuro, como os outros que virão.

De tudo o que se observou, se fez, ou se deixou por realizar neste estudo, surgiram possibilidades de futuros estudos. Um primeiro seria o estudo de todas as variedades insulares caboverdianas, não apenas de quatro, como no presente estudo. Todavia, sabe-se que, embora necessário, isso implicaria grandes projetos e vários pesquisadores para a efetivação dessa proposta. Poderia ser revisitada desde a história da constituição até o momento presente de cada variedade, numa espécie de Atlas da língua caboverdiana. Outro estudo interessante que parece vir dessa direção seria o de envolver-se na questão da escrita do Caboverdiano a partir das semelhanças e particularidades entre as ilhas, como propôs Veiga (2006). A questão das nasais é um tema específico bastante instigante. Mais tarde, tem-se a intenção de retomar esse assunto mais ou menos no sentido do que foi feito em Couto e Souza (2006). Isso porque constatou-se que ainda há muito para tratar-se sobre a fonologia das ilhas caboverdianas investigadas e das demais ilhas do Arquipélago: Maio, Brava, São Nicolau (Sotavento), Boa Vista e Sal (Barlavento).

No estudo da sílaba, tem-se a consciência de que pode haver mais combinações e contrastes para serem averiguadas num trabalho futuro. O inventário ou molde silábico do Caboverdiano em geral ainda não está completo, está por ser realizado: um estudo mais profundo sobre a sílaba poderia dar conta disso. Também no estudo da sílaba e do acento, outras formas de organizar-se e investigar esses aspectos da prosódia caboverdiana poderiam ser pensadas dentro de teorias fonológicas modernas. Essa própria análise aqui desenvolvida poderia ser burilada e alargada para abranger algo mais do universo do Caboverdiano: os segmentos, por exemplo, abrangendo, talvez, as transformações evolutivas pelas quais os mesmos passaram nas diferentes ilhas de Cabo Verde e suas alternâncias atuais entre as ilhas.

E outros aspectos mais seriam bem-vindos ao estudo, como a questão do tom na Ilha de Fogo, local em que se constatou prolação bastante peculiar de algumas palavras e oscilação do modelo paroxítono-oxítono. Macedo (1979: 90) diz que ainda poderia haver vestígios tonais nessa ilha. Acredita-se que, aí, resida um tema muito interessante para o passado e atualidade dessa ilha. Outro aspecto que poderia ser contemplado nesse seria o do alongamento das vogais tônicas, especialmente as médias. Um estudo científico seria bastante apropriado para identificar e definir o traço fonético que, nas outras ilhas em geral e na própria ilha do Fogo, é tema para comentários e piadas: a fala “cantada” dos fogueuses. Santo Antão também seria um outro foco de um estudo particular, apenas com sua prosódia. Por extensão, esses estudos poderiam ser contemplados no bojo dos primeiros estudos aventados.

Estudos que envolvessem a conexão dos componentes da gramática, como o morfofonológico desenvolvido por Lang (1994a, 1999), seriam bastante elucidativos a respeito da constituição e contraste entre as variedades insulares. Aliás, um trabalho na sociolinguística quantitativa ou qualitativa sobre as semelhanças e diferenças entre as ilhas, em que nível e grau, ou mesmo estudos de casos para as questões de trocas de código Caboverdiano-Português Europeu (PE), bem como estudos de análise do discurso sobre a influência da televisão e, em especial, das novelas brasileiras na televisão e “cassetes” que proliferam no Arquipélago (como se constatou nas entrevistas registradas nos apêndices) seriam um agradável convite à interdisciplinaridade no Caboverdiano nesse início de século XXI.

E para, finalmente, encerrar este estudo, ressalta-se que o contato entre europeus e africanos em Cabo Verde resultou numa língua pluriforme, o Caboverdiano, semelhante em quase tudo aos resultados da mestiçagem cultural no Arquipélago, como diz Andrade (s/d: 51): “durante séculos os dois grupos em presença, enfrentando um novo meio de contacto permanente e directo... com o tempo, forjaram uma cultura própria, resultado da multiplicidade de micro-processos de invenção... aprendizagem e de adaptação”. Nesse contexto, adapta-se o conteúdo de uma frase ouvida durante a finalização deste estudo para cunhar uma outra, no intuito de colaborar com a definição do percurso significativo e construtor trilhado pelas variedades insulares até constituírem o Caboverdiano em geral: um caminho tão singular e tão plural quanto a terra polivalente que os moldou.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Abaurre, Maria Bernadete M. 1999. "Teoria da Otimalidade e Fonologias Derivacionais". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP, pp. 69-80.
- Alber, Birgit & Plag, Ingo. 2001. "Ephentesis, Deletion and the Emergence of the Optimal Syllable in Creole; the Case of Sranan". In: *Lingua* 111. N.H. Elsevier, pp. 811-840. Agência-Geral do Ultramar. MCMLXVI. Cabo Verde; Pequena Monografia. 2a. Edição. Lisboa.
- Alkmin, Tânia & Tarallo, Fernando. 1987. *Falares Crioulos; Línguas em Contato*. Editora Ática. São Paulo, SP.
- Alleyne, Mervin. 1971. "Acculturation and the cultural matrix of creolization". In: Hymes, Dell. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge University Press, pp. 169-186.
- Almada, Álvares D'. 1594. "Tratado Breve dos Rios da Guiné". In: Silveira, Luís. 1946. Edição Nova do *Tratado Breve dos Rios de Guiné feito pelo Capitão André*. Lisboa.
- Almada, Maria Dulce de Oliveira. 1961. *Cabo Verde; Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*. *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, no. 55. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa.
- Almeida, Anthony Raymond. 1922. *Cape Verdeans in América; Our Story*. Based on Original Unpublished manuscripts by Michael K. H. Platzer e Deirdre Meintel Machado.
- Amaral, Ilídio do. 1964. *Santiago de Cabo Verde; a Terra e os Homens*. Lisboa.
- Amaral, Marisa P. 2002. "A Síncope em Proparoxítonas; uma Regra Variável" In: Bisol, Leda & Brescancini, Cláudia (orgs.). *Porto Alegre: EDIPUCRS*, pp. 99-126.
- Andrade, Elisa Silva. S/d. *As Ilhas de Cabo Verde da "Descoberta" à Independência Nacional (1460-1975)*. Éditions L'Harmattan.
- Andrade, Ernesto D'. & Kihm, Alain. 1999. "Some Reflections on Creole Languages and the Question of Optimality in Language Design". In: Andrade et alii (orgs). *Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, pp. 09-23.
- Anónimo, Piloto. 1784 (edição de 1985). "Notícia Coreográfica e Cronológica de Cabo Verde". In: Carreira, António (apresentação, notas e comentários). *Instituto Caboverdeano do Livro*. Lisboa.
- Antilla, Arto. 1995. "Deriving Variation from Grammar: a Study of Finnish Genitives". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, pp. 01-28.
- Anttila, A. & Cho, Y. Y. 1998. "Variation and Change in Optimality Theory". In: *Lingua*, 104. Amsterdam, pp. 31-56
- Archangeli, Diana & Langendoen, T. D. 1997. *Optimality Theory; an Overview*. Blackwell Publishers.

- Auger, Julie. 2002. Phonological Variation and OT— Vimeu Picard. <http://www.roa.rutgers.edu> pp. 267-295.
- Baker, Philip. 1992. "Le Créole Mauricien: Conséquence Heuristique d'un Problème de Communication dans une Société Plurielle? In: VII Colloque International de Études Créoles. Ilhas Maurício.
- Balde, A & Drame, M. 1982. Phonologie Systematique du Mandinka. Centre Linguistique Applique de Dakar. Les Langues Nacionales au Senegal. Md.2.
- Baleno, Ilídio. 2006. "A Afirmação da Sociedade Cabo-verdiana a partir da Crise dos Séculos XVII e XVIII. In: Lang, Jürgen et. Alii. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 149-160.
- Baptista, Marlyse. 2006. "When Substrates Meet Superstrate; the Case of Cape Verdean Creole". In: Lang, Jürgen et. Alii. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 75-90.
- Barlow, Jessica A. & Gierut, Judith A. 1999. "Optimality Theory in Phonological Acquisition". In: Journal of Speech, Language, and Hearing Research. Vol. 42. December. American Speech-Language-Hearing Association, pp. 1482-1498.
- Barme, Stefan. 2000. "Existe uma Língua Brasileira? Uma perspectiva Tipológica" In: Iberomania, no. 51. Max Niemeyer Verlag. Tübingen, pp. 01-29.
- Bartens, Angela. 2006. "A Contribuição do Substrato Africano para a Gênese dos Crioulos Caboverdianos; o Caso dos Ideofones". In: Lang, Jürgen et. Alii. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 117-132.
- . 2000. "O Período Hipotético nos Crioulos e o Conceito de Palavra Ótima". In: PAPIA. No. 10. Brasília, Thesaurus, pp. 50-65.
- . 1995. "A Expressão do Aspecto Inceptivo nos Crioulos: quão Diferentes são os Crioulos de base Ibero-Românica? " In: Revista de Crioulos de Base Ibérica (PAPIA). Vol. 4. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp. 11-20.
- Battisti, Elisa. 1998. "A Nasalização no Português Brasileiro pela Teoria da Otimidade". In: Revista de Estudos da Linguagem. Vol. 7, no. 1. Belo Horizonte, pp. 59-90.
- Bendor-Samuel, John (ed.). 1989. The Niger-Congo Languages; a Classification and Description of Africa's Largest Language Family. University Press of America.
- Bermúdez-Otero, Ricardo. 1996 (baixado da Internet). "Stress and Quantity in Old and Early Middle English; Evidence for an Optimality-Theoretic Model of Language Change". In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- Bickerton, Derek. 1989. "Recent Developments in Formal Linguistics and their Relevance to Acquisition Studies". In: D.E.L.T.A., vol. 5, no 1, pp. 51-70.

- . 1988. "Creole Languages and the Bioprogram". In: Newmeyer, F. J. (org.). *Linguistics*, Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 268-284.
- . 1984. "The Language Bioprogram Hypothesis". In: *The Brain and Behavioral Sciences* 7, 2, pp. 173-221.
- . 1981a. "The language bioprogram hypothesis". *The Brain and Behavioral Sciences* 7,2, pp. 173-221.
- . 1981b. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma
- . 1980. "Creolization, Linguistic Universals, Natural Semantax and the Brain. In: Day, Richard R. (ed.) *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julius Groos Verlag (original de 1974).
- . "Decreolisation and the Creole Continuum". University of Hawaii, pp. 109-127
- . 1977. "Pidginization and Creolization; Language Acquisition and Language Universals". In: Valdman, Albert (org.). *Pidgin and Creole Linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, pp. 49-69.
- . 1975. *Dynamics of a Creole System*. New York: Cambridge University Press.
- . "Universals." In: Valdman, Albert. 1977. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington. pp. 49-69.
- Bisol, Leda. 1992. "O Acento e o Pé Métrico Binário". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22. Campinas, SP, pp. 69-80.
- Bisol, Leda (org.) 1996. *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Boersma, Paul. 2000. "The Odds of Eternal Optimization in OT". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, <http://fon.hum.uva.nl/paul/>, pp. 01-20. University of Amsterdam
- . 1997. "How We Learn Variation, Optionality, and Probability". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, pp. 43-58. University of Amsterdam.
- . 1997. "Sound Change in Functional Phonology". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, pp. 01-38. University of Amsterdam, The Netherlands.
- Braga, Maria Luiza. 1987. "Deslocamentos para a Esquerda e Topicalizações no Crioulo Caboverdiano". In: *Ensaio de Lingüística. Cadernos de Lingüística e Teoria*. Ano VII. No. 13. Belo Horizonte, pp. 85-99.
- Bresnan, Joan. 1998. "Pidgins Genesis in Optimality Theory". In: <http://www.csli.stanford.edu/publications/>, pp. 01-13. (Proceedings of the LFG98 Conference. Butt, Miriam & King, Tracy H. (eds.). CSLI Publications.)
- Brito, A. de Paula. 1967. "Dialectos Crioulos-Portugueses. Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde". In: *Morais-Barbosa, Jorge. Estudos*

- Lingüísticos Crioulos. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 329-404.
- Broselow, Ellen et alii. 1998. "The Emergence of the Unmarked in Second Language Phonology". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, pp. 261-280.
- Broselow, Ellen. Baixado em 2005. "Stress, Epenthesis, and Segment Transformation in Selayarese Loans". In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- Cagliari, Luiz Carlos. 2002. "A Teoria da Otimalidade na Fonologia". In: Cagliari, L. C. 2002. Análise Fonológica; Introdução à Teoria e à Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Calvet, Jean-Louis. 2002. Sociolingüística: uma Introdução Crítica. 4ª. Ed. São Paulo: Parábola.
- Câmara Jr., J. Mattoso. 1967. Princípios de Lingüística Geral. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Cardoso, Eduardo A. 1990. O Crioulo da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- Cardoso, Walcir. 2001. "Variation Patterns in across-word regressive assimilation in Picard: an Optimality Theoretic account". In: Language, Variation and Change, vol.13. Printed in the U.S.A. Cambridge University Press, pp. 305-342.
- Carreira, António. 1995. Demografia Caboverdeana; Subsídios para seu estudo (1807/1983). Instituto Caboverdeano do Livro. 1ª. Edição.
- ..... 1983. O Crioulo de Cabo Verde; Surto e Expansão. 2ª. ed. Portugal: Gráfica Europam, Mem Martins.
- ..... 1977. Migrações nas ilhas de Cabo Verde. Universidade Nova de Lisboa.
- ..... 1972. Cabo Verde; Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878). Memória, número 24. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.
- Carvalho, Inácio dos Santos. 1998. "Introdução à História de Cabo Verde". In: Descoberta das Ilhas de Cabo Verde. Arquivo Histórico Nacional. Cabo Verde, pp. 15-26. .
- Carvalho, Palmira F. de. 2003. "As marcas Aspectuais como Índice de Identidade no Crioulo Caboverdiano". In: PAPIA. No 13. Atas do Segundo Encontro da ABECS. Brasília, Thesaurus, pp. 15-23.
- Chagas, Paulo. 2002. "A Mudança Lingüística". In: Fiorin, José Luiz (org.) Introdução à Lingüística. São Paulo Contexto, pp. 141-164.
- Chaudenson, Robert. 1977. "Toward the Reconstruction of the Social Matrix of Creole Languages". In: Valdman, Albert. 1977. Pidgin and Creole Linguistics. Indiana University Press. Bloomington, pp. 259-276..

- Chomsky, Noam. 1999. Programa Minimalista. (Tradução Eduardo Paiva Raposo). The MIT Press.
- , 1998. Linguagem e Mente; pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução de Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: Universidade de Brasília.
- , 1994. O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem, e Uso. Trad. da obra de 1986. Dirigido por Martins, Maria Raquel Delgado. Portugal. Caminho Coleção Universitária. Série Lingüística
- , 1991. Language and Problems of Knowledge. 4a. ed. London, England: MIT Press.
- , 1986. Knowledge of Language; its Nature, Origin, and Use. Series Convergence. Praeger Publishers.
- , 1965. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge: The MIT Press.
- Clements, J. Clancy. 1994. "Efeitos dos Processos de Adoção de uma Nova Língua e de Empréstimo Lingüístico na Fonologia do Português de Korlai". In: Revista de Crioulos de Base Ibérica (PAPIA). Vol. 3. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp. 42-60.
- Coelho, Adolfo. 1880 (edição de 1967). "Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América". Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2ª série, 3: 129-196. Reimpresso in: Morais-Barbosa, Jorge. 1967. Estudos Lingüísticos Crioulos. Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Lisboa.
- Collischonn, Gisela & Hora, Dermeval da. 2003a. Teoria Lingüística; Fonologia e Outros Temas. João Pessoa. Editora Universitária.
- Collischonn, Gisela & Scwindt, Luiz C. 2003b. "Teoria da Otimidade em Fonologia; Rediscutindo Conceitos". In: Collischonn, G. & Hora, D. da. 2003. Teoria Lingüística; Fonologia e Outros Temas. João Pessoa. Editora Universitária, pp. 17-50.
- Collischonn, Gisela. 2002. "Fonologia Lexical e Pós-Lexical e TO". In: Letras de Hoje. Vol. 37, no. 1. Porto Alegre, pp. 167-187.
- , Gisela. 2000. "A Epêntese Vocálica no Português do Sul do Brasil; Análise Variacionista e Tratamento pela Teoria da Otimidade". In: Letras de Hoje. Vol. 35, no. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 285-318.
- , Gisela. 1996a. "A Sílabas em Português". In: Bisol, Leda (org.). Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 95-125.
- , Gisela. 1996b. "O Acento em Português". In: Bisol, Leda (org.). Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 131-157.
- Correia, Cláudia. 1998. "A Sociedade Cabo-Verdiana; sua Formação e Evolução" In: Descoberta das Ilhas de Cabo Verde. Arquivo Histórico Nacional. Cabo Verde, pp. 55-68.

- Correia e Silva, António L. 2000. Nos tempos do Porto Grande do Mindelo. Centro Cultural Português. Coleção "Documentos para a História de Cabo Verde" Praia- Mindelo.
- Costa Martins, Denise de Aragão. 1995. "Baby-Talk, Foreigner Talk e Pidgins; Aquisição da Linguagem, Assimetria e Simplificação". In: Revista de Crioulos de Base Ibérica (PAPIA). Vol. 4. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp. 46-56.
- Costa, João. 2001. Gramática, Conflitos e Violações; Introdução à Teoria da Optimidade. Caminho. Série Lingüística, dirigida por Martins, M. Raquels Delagado. SA. Lisboa.
- Costa, Joaquim V. B da & Duarte, Custódio J. 1967. "O Crioulo de Cabo Verde; Breves Estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde." In: Morais-Barbosa, Jorge. Estudos Lingüísticos Crioulos. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 235-328.
- Costa, Raquel G. R. 2002. "Interações entre Restrições em Marubo (Pano)" In: Revista da ABRALIN. Vol. 1. Número 1. Rio de Janeiro. pp. 11-34.
- Couto, Hildo Honório do & Souza, Ulislete Rodrigues de. 2006. "As Consoantes Pré-nasalizadas no Caboverdiano: por uma Interpretação Bifonemática". In: Lang, Jüergen et. Alii. 2006. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 133-146.
- Couto, Hildo Honório do. 2002a. A Língua Franca Mediterrânea; Histórico, Textos e Interpretação. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras (UnB), Editora Plano.
- , 2002b. "Hipótese da Relexificação na Gênese dos Crioulos e Pidgins". In: Revista da ABRALIN. Vol. 1. Número 1. Rio de Janeiro. pp. 221-252.
- , 1999. Contato Interlingüístico; da Interação à Gramática. Inédito. Brasília.
- , 1997. Fonologia e Fonologia do Português. Brasília: Thesaurus.
- , 1996. Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- , 1995. "Lançados, Grumetes e a Origem do Crioulo Português no Nordeste Africano". In: D'Andrade, Ernesto & Kihm, Alan (orgs). Actas do Colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa". Colecção Actas e Colóquios. Edições Colibri, Lisboa, pp. 109-122.
- , 1994. O Crioulo Português da Guiné Bissau. Hamburg: Buske
- , 1991. "Unidade *versus* Diversidade Lingüística na Guiné-Bissau." In: Revista de Crioulos de Base Ibérica (PAPIA). Vol. 1, no 2. Brasília, Thesaurus, pp. 42-48.
- Coutinho, Ismael. 1993. Gramática Histórica. 7a. ed. Editora ao Livro Técnico. Rio de Janeiro, RJ.
- Crystal, David. Dicionário de Lingüística e Fonética. 1985. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- D'Andrade, Ernesto, Gomes, A & Teixeira, 1995. "Observações sobre o Sistema Acentual do Crioulo

- da Guiné Bissau (CGB) ". In: Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa. D'Andrade, E. e Kihnn, Alain (orgs). Colibri Coleção Actas & Colóquios, pp. 135-140.
- Day, Richard R. 1974. "Decreolization: Coexistent Systems and the Post-Creole Continuum". In: DeCamp, David & Hancock, Ian F. (eds). *Pidgins and Creoles: Current Trends and Prospects*. Georgetown University School of Languages and Linguistics, pp. 38-45..
- Davidson, Basil. 1988. *As Ilhas Afortunadas; Um estudo sobre a África em Transformação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- DeCamp, David. 1977. "The Development of Pidgin and Creole Studies". In: Valdman, Albert. 1977. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, pp. 3-20.
- , 1971. "Toward a Generative Analysis of a Post-Creole Continuum." In: Hymes, Dell. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge University Press, pp. 349-370.
- DeGraff, Michel. 2001. *On the origin of Creoles: a Cartesian Critique of 'Neo'-Darwinian Linguistics*. To appear in *Linguistic Typology* 5, 2.
- Diagne, Pathé. 1971. *Grammaire of Wolof Moderne*. Présence Africaine, 25 bis, rue des Écoles Paris.
- Dias, Juliana Braz. 2004. *Mornas e Coladeiras de Cabo Verde; Versões Musicais de uma Nação*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília (UnB). Brasília.
- Doneux, J. L. & Rougé, Jean-Louis. 1993. "Gramática das Línguas do País, Gramática do Crioulo". In: PAPIA. Vol. 2. no. 2. Brasília, Thesaurus, pp. 42-49.
- Duarte, Dulce Almada. 1994. "Crioulo Caboverdiano e Diglossia". In: PAPIA. P. Atas do Colóquio sobre Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola. Vol. 3, número 2. Brasília: Thesaurus Editora.
- Duarte, Dulce Almada. 1998. *Bilingüismo ou Diglossia? Spleen Edições*. Praia-Cabo Verde.
- Duarte, Dulce Almada. "Crioulo Cabo-Verdiano e Diglossia; Padronização versus Descრიoulização."
- Duarte, Dulce Almada. 2003. "A Escrita Caboverdiana (Crioula); entre o Oral e o Escrito". In: PAPIA. No 13. Atas do Segundo Encontro da ABECS. Brasília, Thesaurus, pp. 07-14.
- Dwyer, David. J. 1989. "Mande". Cap. 2. In: *The Niger-Congo Languages*. Ed. By Bendor-Samuel, John. University Press of América, pp. 54-65.
- Fanha, Dulce. 1985. "Transformações da Língua Portuguesa em África". In: *Colóquio sobre "A Língua Portuguesa em África"*. Centro Unesco do Porto.
- Ferguson, Charles A. 1959. "Diglossia". In: Fonseca, M.S.V. et al. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: eldorado. pp. 99-116.
- , 1971. "Absence of Copula and the Notion of Simplicity: a Study of Normal Speech, Baby Talk, Foreigner Talk, and Pidgins". In: Hymes, Dell (Org). *Pidnization and*

- Creolization of Languages. Cambridge: Cambridge University Press. pp.141-150
- Fernandes, Armando N. R. S/d. O Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde (Léxico). São Vicente: Gráfica do Mindelo.
- Ferreira, Manuel. 1959. "Comentários em Torno do Bilingüismo Cabo-Verdiano". In: Estudos de Ciências Políticas e Sociais- 22. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, pp.52-80.
- Ferro, Maria Haydée F. 1998. Subsídios para a História de Santo Antão de Cabo Verde (1462-1900). Tese. Lisboa.
- Féry, Caroline. 2001. "Markedness, Faithfulness, Vowel Quality and Syllable Structure in French". In: Linguistic in Potsdam No. 15, September. Copyright © Caroline Féry.
- Fishman, Joshua A (org.). 1968. Readings in the Sociology of Language. Haia: Mouton.
- Freitas, Myrian Azevedo. 1992. "Empréstimos, Teoria Auto-Segmental e Abertura Vocálica". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (23), pp. 71-82.
- Galvés, Charlotte. 1998. "A Gramática do Português Brasileiro" In: Línguas e Instrumentos Lingüísticos. Pontes, pp. 79-95.
- Gomes, Sônia Guimarães. 2001. Fonologia do Crioulo Caboverdiano de Santiago. Dissertação. Brasília, Universidade de Brasília.
- Green, Antony D. Baixado em 2005. "Word, Foot, and Syllable Structure in Burmese". In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- Green, Antony Dubach. 1997. The prosodic Structure of Irish, Scots Gaelic, and Manx. Dissertation. Cornell University. In: <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>
- Guy, Gregory R. 1990. "The Sociolinguistic Types of Language Change". In: Diachronica VII: 1. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, pp. 47-67.
- Hall Jr., Robert A. 1962. "The Life-Cycle of Pidgin Languages". In: Lingua, 78, pp. 151-156.
- Hammond, Michael. 1997. "Optimality Theory and Prosody". pp. 33-58. In: Archangeli, Diana & Langendoen, Terence D. 1997. Optimality Theory; an Overview. Blackwell Publishers.
- Haspelmath, Martin. 2005 (baixado da Internet). "Optimality and Diachronic Adaptation". In: <http://www.roa.rutgers.edu>, pp. 01-22. Max-Panck-Institut für Evolutionäre Anthropologie, Leipzig.
- Haugen, Einar. 1972a "Dialect, Language, Nation". In: The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen. Stanford University Press. Stanford, Califórnia, pp. 237-264.
- Haugen, Einar. 1972b. "The Stigmata of Bilingualism". In: The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen. Stanford University Press. Stanford, Califórnia, pp. 307-324.
- Haugen, Einar. 1972c. "The Ecology of Language". In: The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen. Stanford University Press. Stanford, Califórnia, pp. 325-339.

- Heine, Bernd & Nurse, Derek. 2000. *African Languages; an Introduction*. Cambridge University Press.
- Hernandorena, Carmen Lúcia M. 1996. "Introdução à Teoria Fonológica". pp. 9-94. In: Bisol, Leda (org.) 1996. *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Hinskens, V., Hout & Wetzels, L. 2000. "Um Balanço de Dados e Teoria no Estudo da Variação e da Mudança Fonológica" In: *Letras de Hoje*. Vol. 35, no. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 07-46.
- Holm, John & Swolkien, Dominika. 2006. "A Expansão do Crioulo Cabo-Verdiano para São Vicente: Fatores Sócio-Históricos na Difusão". In: Lang, Jürgen et. Alii. *Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo*. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp.199-220.
- , 1989. "Cape Verd Islands". In: *Pidgins and Creoles. Volume II. Reference Survey*. Cambridge University Press, pp. 273-277.
- , 1988. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press
- How to Make the Sounds in Wolof. <http://www.bcconline.org/wolof/Language/Download/Sounds.pdf>  
Baixado em 2005.
- Hoop, Helen de & Gilbers, Dicky. 1998. "Conflicting Constraints; an Introduction to Optimality Theory". In: *Lingua* 104. Amsterdam, pp. 1-12.
- Hymes, Dell (org). 1971. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge University Press.
- Jacobs, Haïke. 1995. "Optimality Theory and Sound Change". In: *NELS*, 25.
- Kager, René. 1998. *Optimality Theory; a Textbook*. Copyright 1998 by René Kager (to appear at Cambridge University Press).
- Kay, Paul & Sankoff, Gillian. 1974. "A Language-Universals Approach to Pidgin and Creoles". In: DeCamp, D. & Hancock Ian F. (orgs.). *Pidgins and Creoles: Current Trends and Prospects*. Georgetown University Press, Washington, pp. 61-72.
- Kroch, Anthony. 1994. "Morphosyntatic Variation". To appear in: K. Beals et al., eds. *Papers from the 30<sup>th</sup> Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*, pp. 01-23.
- Kroch, Anthony. 1989. "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change". In: *Language, Variation and Change*, pp. 199-244.
- Labov, William. 2001. *Principles of Linguistic Change; Social Factors*. Volume 2. University of Pennsylvania. Blackwell Publishers.
- , 1982a. "The Overestimation of Funcionalism". In: *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Blackwell, pp. 547-568.
- 1982b. "Building on Empirical Foundations". In: *Current Issues in Linguistic Theory*, vol. 24, pp. 17-92.
- , 1972a. "The Social Motivation of Sound Change". In: *Sociolinguistic Patterns*.

- Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 01-42.
- .. 1972b. "The Study of Language in Its Social Context". In: Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 183-259.
- .. 1971. "The Notion of 'system' in Creole Languages. In: Hymes, Dell. Pidginization and Creolization of Languages. Cambridge University Press, pp. 447-472.
- Lang, Jürgen et. Alii (orgs). 2006. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen.
- .. 2006. "L'Influence des Wolof et du Wolof sur la Formation du Créole Santiagais" In: Lang, Jürgen et. Alii (orgs.). Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 53-62.
- Lang, Jürgen. 2002a. Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde). Elaborado por Brüser, M. e R. Santos, André dos. Contribuição de Dengler, Ekkehard e Blum, Andreas. Editora Gunter Narr Verlag Tübingen. Alemanha.
- 2002b. "Apprentissage, Métissage et Négociation: Trois Aspects de la Créolisation." In: Études Créoles, vol. XXV, no. 1, pp. 157-178.
- 1984. "Centre Africain et Périphérie Portugaise dans le Créole Santiagais du Cap Vert?". In: Creole Language Library. Vol. 22. Ed. By Ingrid Newmann Holzschuh & Edgar W. Schneider. Johns Benjamins Publishing Company, pp. 469-481.
- .. 1999. "O Crioulo de Santiago (Cabo Verde): Exotismo de Aparência Românica." In: Actas do Workshops sobre Crioulos, pp. 47-60.
- .. 1994a. "Estruturas Eventualmente Africanas no Crioulo de Cabo Verde". In: PAPIA. Atas do Colóquio sobre Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola. Vol. 3, número 2. Brasília: Thesaurus Editora, pp. 171-176.
- .. 1994b. "O Interesse da Linguística pelo Crioulo de Cabo Verde". In: PAPIA. Vol. 3. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp. 90-105.
- .. 1990. A Categoria Número no Crioulo Caboverdiano. In: PAPIA. Vol. 1. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp. 15-25.
- Lee, Seung-Hwa & Oliveira, Marco Antônio de. 2003. "Variação Inter- e Intra-dialetal no Português Brasileiro; um Problema para a Teoria Fonológica". In: Collischonn, G. & Hora, Dermeval da. 2003. Teoria Lingüística; Fonologia e Outros Temas. João Pessoa. Ed. Universitária, pp. 67-91.
- Lee, Seung-Hwa. 2003. "Variação Lingüística e Representação Subjacente". Material Inédito.
- .. 2002. "Acento Secundário no PB." In: Letras de Hoje. Vol 37, no. 1. Porto Alegre, pp. 149-162.

- Lee, Seung-Hwa. S/d. "Teoria da Otimalidade e Silabificação no PB". FALE- UFMG. (manuscrito), pp. 01-09.
- S/d "Primary Stress in Portuguese Non-Verbs" FALE- Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 01-12 .
- S/d "Formas de Entrada e Otimização do Léxico". UFMG/CNPq.
- Lefebvre, Claire & Lumsden, John S. 1994. "Le Role Central de la Relexification dans la Genèse des Langues Créoles". pp. 47-94. In: Plurilinguismes. Creolistique et Grammaire Generative. No. 8. CERPL.
- Lightfoot, David. 1999. "Gradualism and Catastrophes". In: The Development of Language; Acquisition, Change and Evolution, pp. 77-281.
- 1992. "Chaos, Catastrophes, and Creoles". In: How to Set Parameters: Arguments from Language Change. A Bradford Book. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London, England. 2a ed, pp. 157-181
- Lipsky, John M. 2000. "Ephentesis vs. Elision in Afro-Iberian Language; a Constraint-Based Approach to Creole Phonology". In: PAPIA. No. 10. Brasília, Thesaurus, pp. 23-39.
- Lipsky, John. M. 1994. "Pidgin Afro-Português: Inovação separando de Imitação". In: PAPIA, PP.1-17
- Lopes, Edmundo C. 1967. "Dialectos Crioulos e Etnografia Crioula". In: Moraes-Barbosa, Jorge. Estudos Lingüísticos Crioulos. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 405-430.
- 1944. "A Escravatura— subsídios para a sua história"; "Antecedentes de Aculturação dos Povos da Guiné Portuguesa". In: O Mundo Português, vol. XI, no. 124.
- Lopes da Silva, Baltasar. 1984. (1ª. edição de 1957). O Dialecto Crioulo de Cabo Verde. (Escritores dos Países de Língua Portuguesa I). Empresa Nacional- Casa da Moeda. Lisboa.
- Lopes Filho, João. 1996. Ilha de S. Nicolau; Cabo Verde; Formação da Sociedade e Mudança Cultural. I Volume. Secretaria-Geral. Ministério da Educação.
- Lucchesi, Dante. 2000. "A Teoria e o Método". In: A Variação na Concordância de Gênero numa Comunidade Afro-Brasileira: Novos Elementos sobre a Formação do Português Popular do Brasil . Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.
- Lumsden, John S. 1999. "The Role of Relexification in Creole Gênesis". In: Journal of Pidgin and Creole Languages. V. 14: 2. John Benjamins Publishing. Amsterdam/Philadelphia, pp. 225-258.
- Lyons, John. 1981a. "A Linguagem e a Mente". In: Lyons, John. Língua(gem) e Lingüística; uma Introdução. Inglaterra: Cambridge University Press, pp. 219-272.
- 1981b. "Linguagem e Sociedade". In: Lyons, John. Língua(gem) e Lingüística; uma

- Introdução. Inglaterra: Cambridge University Press, pp. 244-271.
- Macedo, Donald. 1979. *A Linguistic Approach to the Capeverdean Language*. Tese de Doutorado. Boston University School of Education.
- Mane, Djiby. 2001. *Manjaco, Mancanha e Pepel; Três Línguas Diferentes ou Três Dialectos de uma Única Língua?* Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília (UnB).
- Mandinka- English Dictionary. 1995. Prepared by Peace Corps the Gambia. Banjul. The Gambia
- Manessy, Gabriel. 1977. "Processo of Pidginization in African Languages". In: Valdman, Albert. 1977. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, pp. 129-276.
- Matzenauer, Carmem Lúcia B. & Miranda, Ana Ruth M. 2003. "Uma Análise da Harmonia Vocálica e da Metafonia Nominal com Base em Restrições". In: Collischonn, G. & Hora, D. da. 2003. *Teoria Lingüística; Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa. Editora Universitária, pp. 92-113.
- Mateus, Maria H. Mira *et alii*. 2003. "A Vibrante em Coda no Português Europeu". In: Collischonn, G. & Hora, D. da. 2003. *Teoria Lingüística; Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa. Editora Universitária, pp. 181-199.
- McCarthy, John J. & Prince, Alan S. 1993a. *Prosodic Morphology I*. In: RuCCS-TR- 3.  
-----, 1993b- *Generalized Alignment*. In: <http://www.roa.rutgers.edu> pp. 01-69.  
-----, 1995- *Faithfulness and Reduplicative Identity*. In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- McWhorther, John H. 1998. "Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class". In: *Language*. Volume 74, number 4, pp. 788-818.
- Mello, Heliana R. 1996. *The Genesis and Development of Brazilian Vernacular Portuguese*. Tese de Doutorado. The City University of New York. New York.
- Mendes, Mafalda *et alii*. 2002. *Dicionário Prático Português Caboverdiano; Variante de Santiago*. Lisboa: Verbalis.
- Mendes Corrêa, A.. 1954. *Ultramar Português II; Ilhas de Cabo Verde*. Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca. Lisboa- MCMLIV, pp. 01-25, 121-201.
- Monteiro Júnior, Júlio. 1974. *Os Rebelados de Ilha de Santiago de Cabo Verde (Elementos para o Estudo Sócio-Religioso de uma Comunidade)*.
- Morais-Barbosa, Jorge (org.). 1967. *Estudos Lingüísticos Crioulos*. Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Lisboa.
- Mufwene, Salikoko. 2001. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge University Press.  
-----, 2000. "Creolization is a Social, not a Structural, Process." In: Neumann-Holzschuh,

- Ingrid & Schneider, Edgar W. (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 65-83.
- Mühlhäusler, Peter. 1986. *Pidgin and Creole Linguistics*. Basil Blackwell, Oxford.
- Muysken, Pieter & Singh, Rajendra. 1995. Wanted: a Debate in Pidgin/Creole Phonology. In: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 10:1. John Benjamins B. V., Amsterdam, pp. 157-169.
- Muysken, Pieter. 1988. "Are Creoles a Special Type of Language?" In: *Linguistics*, vol.2. The Cambridge Survey.
- Nagy, Naomi & Reynolds, Bill. 1997. "Optimality Theory and Variable Word-Final Deletion in Faetar". In: *Language Variation and Change*, 9, pp. 37-55.
- , 1994. "Phonological variation in Faetar: An optimally account". In: Katharine Beals, Jeanette Demon, Robert Knippen, Lynette Melnar, Hisami Suzuki, & Erica Zeinfeld (Eds.), *Chicago Linguistic Society* 30-11. Chicago Linguistic Society, pp. 277-292.
- Naro, Anthony J. & Scherre, M, Marta P. 2003. "Sobre as Origens Estruturais do Português Brasileiro: o Garimpo Continua". *Comunicação na SPCL*, Universidade do Havaí.
- Naro, Anthony J. & Scherre, M, Marta P. 2001. "Sobre as Origens Estruturais do Português Brasileiro: Crioulização ou Mudança Natural?". In: *PAPIA*, 11, pp.41-51. Universidade de Brasília. Thesaurus Editora.
- , 2001a. "Sobre as Origens do Português Popular do Brasil". In: *D.E.L.T.A.*, vol 9, no Especial, pp. 437-454.
- , 2001b. "Sobre as Origens Estruturais do Português Brasileiro: Crioulização ou Mudança Natural?" In *PAPIA*, no. 11, pp. 41-50.
- Naro, Anthony J. 1978. "A Study on the Origins of Pidginization". In: *Language* 54, n. 2, pp. 314-347.
- Notícia Coreográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde. 1784. Apresentação, Notas e Comentários por Antônio Carreira (1985). Lisboa: Edição do Instituto Caboverdeano do Livro.
- Oliveira, Cibele Brandão de. 2005. "Estratégias Pragmáticas Não-Verbais no Processo de Variação Estilística." In: Silva, Denize Elena Garcia da (org.) *Nas Instâncias do Discurso: uma Permeabilidade de Fronteiras*. Editora Universidade de Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras. Brasília, pp.191-1999.
- Oliveira, Marco Antônio. 1987. "Variável Lingüística: Conceituação, Problemas de Descrição Gramatical e Implicações para a Construção de uma Teoria Gramatical." In: *D.E.L.T.A.*, vol. III, 1, pp. 19-34.
- , 1983. "Resíduos Históricos como um Caso de Variação Sincrônica no Português do Brasil". In: *Ensaio de Lingüística. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*. Ano V. No. 9. Belo Horizonte, pp. 230-245.
- Pádua, E. M. M. de. 1997. "O Processo de Pesquisa". *Metodologia da Pesquisa; Abordagem Teórico-Prática*. 2ª edição. São Paulo: Papyrus Editora, pp. 29-91.

- PAIGC. 1974. História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde. Afrontamento.
- Pereira, Dulce. 2006. "Contributos da História Geral de Cabo Verde para o Estudo da Formação e da Difusão do Crioulo Caboverdiano". In: Lang, Jüergen et. Alii. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 161-178.
- . 1999. "Um Crioulo de Outro Planeta". In: Crioulos de Base Portuguesa; Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa. FLUL, pp. 27-60.
- Petter, Margarida. 2002. "Linguagem, Língua, Lingüística". In: Fiorin, José Luiz (org.) Introdução à Lingüística. São Paulo Contexto, pp. 11-24.
- Piñeros, Carlos-Eduardo. Baixado em 2005. "Vowel Weightlessness and Stress Retraction in Spanish". In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- Pires, João & Hutchison, John P. 1983. Disionariu Preliminariu Krioulu. Boston.
- Plag, Ingo & Uffmann, Christian. 2000. Phonological Restructuring in Creole: the Development of Paragoge in Sranan. In: Degree of Restructuring in Creole Languages. Vol. 22. Ed. by Ingrid Newmann-Holzschuh & Edgar W. Schneider. John Benjamins Publishing Company, pp. 309-336.
- Prince, Alan & Smolensky, Paul. 1993. Optimality Theory; Constraint Interaction in Generative Grammar. RuCCS TR- 2.
- Pulleyblank, Douglas. 1997. "Optimality Theory and Features". In: Archangeli, Diana & Langendoen, Terence D. 1997. Optimality Theory; an Overview. Blackwell Publishers, pp. 59-101.
- Quednau, Laura R. 2002. "A Síncope e seus Efeitos em Latim e em Português Arcaico". In: Bisol, Leda & Brescancini, Cláudia (orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 79-98.
- Quint-Abrial, Nicolas. 2006. "Un Bref Aperçu des Racines Africaines de La Langue Cap-Verdienne." In: Lang, Jüergen et. Alii. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 63-74.
- . 2001. "Langues Créoles, Diachronie et Procèdes de Reconstruction". In: Bulletin de La Société de Linguistique de Paris. Tome XCVI, pp. 265-284.
- . "Vowels as a Morphological Tool in Santiago Creole Portuguese (Cape Verde)." In: Jall 22, pp. 69-80
- . 2000a. Le Cap-Verdien; Origines et Devenir d'une Langue Métisse. Paris: L'Harmattan.
- . 2000b. Grammaire de La Langue Cap-Verdienne; Étude et Compréhension du Créole Afro-Portugais des Îles du Cap-Vert. Paris: L'Harmattan.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1992. "A Língua como Sistema de Representação Mental". In: Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem. 2a. Edição. Direção Maria R. D. Martins. Lisboa, Editorial

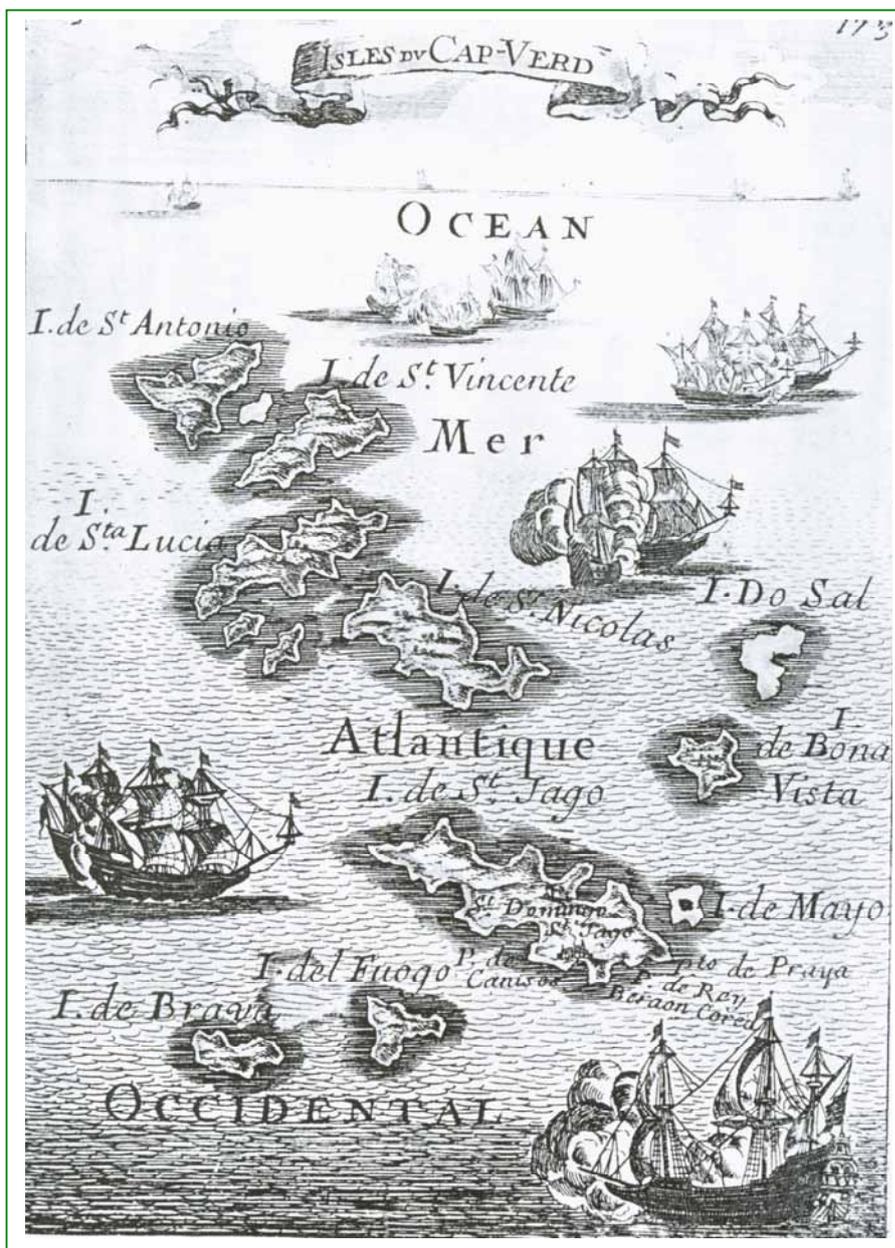
- Caminho. Coleção Universitária. Série Lingüística, pp. 15-63.
- Ribeiro, J. Carlos Teixeira. S/d. Do Povoamento de Cabo Verde ao Estudo de Polimorfismos Enzimáticos. Lisboa, pp. 19-61.
- Ribeiro, Orlando. 1998. A Ilha do Fogo e as Suas Erupções. Edição da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Robins, R.H. 1983. Pequena História da Lingüística. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Rocha, Agostinho. 1990. Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão. Ed.do Autor. Cabo Verde.
- Rodrigues, Ulisdete R.de Souza. 2003a. "A Sílabas Tônicas como Centro de Processos Fonológicos no Crioulo Caboverdiano". In: Revista de Crioulos de Base Ibérica (PAPIA). No 13. Atas do Segundo Encontro da ABECS. Brasília, Thesaurus, pp. 24-30.
- , 2003b. "Fonologia do Caboverdiano; Variação ou Mudança?" Material Inédito. UnB. Brasília.
- Romaine, Suzanne. 1988. Pidgin and Creole Languages. Londres: Longman.
- Rougé, Jean-Louis. 2006. "L' Influence Manding sur la Formation des Créoles du Cap-Vert et de Guinée-Bissau et Casamance. In: Lang, Jürgen et. Alii. 2006. Cabo Verde; Origens da Sociedade e seu Crioulo. GNV. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 63-74.
- , 2004. Dictionnaire Étymologique des Créoles Portugais d'Áfrique. Éditions Karthala 22-24, Boulevard Arago. 75013 Paris.
- , 1994. "A Propos de la Formation des Créoles du Cap Vert et de Guinée." In: PAPIA. Atas do Colóquio sobre Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola. Vol. 3, número 2. Brasília: Thesaurus Editora, pp. 137-149.
- , 1986. "Uma Hipótese sobre a Formação do Crioulo da Guiné-Bissau". In: Soronda 2. pp. 28-49.
- Russel, Kevin. "Optimality Theory and Morphology" In: Optimality Theory: an Introduction to Linguistics in the 1990s.
- Russel, P. E. 1985. "Some Socio-Linguistic Problems Concerning the Fifteenth-Century Portuguese Discoveries in the African Atlantic" (English Translation of 'Problemas Socio-Lingüísticos relacionados com os Descobrimentos Portugueses no Atlântico Africano', Academia Portuguesa de História, 2ª série 2, tomo 2. Lisbon, 1980, pp. 229-250). In: Portugal, Spain and the African Atlantic, 1343-1490. Collected Studies Series CS496. Great Britain: Variorum, pp.1-15.
- Santos, Marcelo Soares dos. 2002. "O Acento em Português". Dissertação. Brasília, DF: Universidade de Brasília- UnB.
- Santos, Maria Emília Madeira (Coord.). 1995. História Geral de Cabo Verde. volume II. Lisboa: Centro

- de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. Praia: Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde.
- Santos, Rosine. 1979. "Comparaison entre le Creole du Cap-Vert et les Langues Africaines". Communication. I Seminário Lingüístico sobre o Crioulo de Cabo Verde. Centre de Linguistique Appliquee de Dakar, pp. 02-26.
- Sankoff, Gillian. 2001. "Linguistic Outcomes of Language Contact". In: Trudgill, P., Chambers, J. & Schilling, N. Handbook of Sociolinguistics. Oxford: Basil Blackwell, pp. 638-668.
- Saussure, Ferdinand de. 1999. Curso de Lingüística Geral. 21a. ed. São Paulo, SP: Cultrix
- Schane, Sanford A. 1973. Fonologia Gerativa. Rio de Janeiro: Zahar Editors.
- Schwindt, Luiz Carlos. 2002. "O Prefixo e a Silabificação em PB; um exercício em LPM-OT". In: Letras de Hoje. Vol. 37. No. 1. Porto Alegre, pp. 189-198.
- Selkirk, Elisabeth. 1984. "On the Major Class Features and Syllable Theory".. In: Aronoff, M. & Oehrle, Richard T. 1984. Language Sound Structure. The MIT Press, pp. 107-136.
- Semedo, José Maria. 1998. "Um Arquipélago do Sahel". In: Descoberta das Ilhas de Cabo Verde. Arquivo Histórico Nacional. Cabo Verde, pp. 27-54.
- Siegel, Jeff. 1997. "Mixing, Leveling, and Pidgin in Creole Development". In: Spears, A.K & Winford, D. (editors). The Structure and Status of Pidgins e Creoles. Vol. 19. Creole Language Library. John Benjamins Publishing Company, pp. 111-150.
- Silva, David James. 1997. "The Variable Deletion of Unstressed Vowels in Fialense Portuguese". In: Language Variation and Change, vol. 9. Cambridge University Press, pp. 295-308.
- Silva, Denize Elena Garcia da. "Discurso e Gramática: Motivações Cognitivas e Interacionais". In: Silva, Denize Elena Garcia da (org.) Nas Instâncias do Discurso: uma Permeabilidade de Fronteiras. Editora Universidade de Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras. Brasília. pp.49-62.
- Silva, Josênia Vieira da. 1995. A Estandarização da Escrita do Crioulo Caboverdiano". In: PAPIA. Vol. 4. no. 1. Brasília, Thesaurus, pp 56-60 .
- Silva, Thais Cristófar. 1999. "Modelos Fonológicos". In: Fonética e Fonologia do Português. São Paulo: Contexto.
- Silveira, Luís. 1946. Edição Nova do Tratado Breve dos Rios de Guiné feito pelo Capitão André Álvares D'Almada. Ano de 1594. Lisboa.
- Singh, Rajendra & Muysken, Pieter. 1995. "Wanted: a Debate in Pidgin/Creole Phonology". In: Journal of Pidgin and Creole Languages 10:1. Amsterdam: John Benjamins, pp. 157-169..

- Singler, J. V. 1997. "An OT account of pidgin phonology: Coda consonants in Vernacular Liberian English". In: Jan Johnson et al.(eds.). Proceedings of the Twenty-second Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, pp. 375-387.
- Singler, J. "Optimality Theory, the minimal-Word constraint, and the Historical Sequencing of Substrate Influence in Pidgin/Creole Genesis". In: McWhorter, j. (ed). Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles. Creole Language Library volume 21, pp. 335-351.
- Swolkien, Dominika. 2004. "Fatores Sociolingüísticos no Povoamento da Ilha de São Vicente de Cabo Verde". In: Los Criollos de Base Ibérica. ACBLPE 2003. Iberoamericana. Vervuert, pp. 171-184..
- Souza, Ulisete Rodrigues de. 1999. Fonologia do Português Mato-Grossense; uma Perspectiva Criolística. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília (UnB). Brasília.
- Tarallo, Fernando & Alkmin, Tânia. 1987. Falares Crioulos; Línguas em Contato. Editora Ática, São Paulo: SP.
- Taylor, Douglas. 1971. "Grammatical and Lexical Affinities of Criouls". In: Hymes, Dell (Org). Pidginization and Creolization of Languages. Cambridge: Cambridge University Press. pp.293-296
- Tenreiro, Francisco. 1956. Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe; Esquema de uma Evolução Conjunta. Cidade da Praia- Cabo Verde.
- Tesar, Bruce & Smolensky, Paul. 1998. "Learnability in Optimality Theory". In: Linguistic Inquiry. Vol 29, no. 2. MIT, pp. 229-268.
- Teyssier, Paul. 1990. História da Língua Portuguesa. 4ª ed. Coleção Lingüística "Nova Universidade". Livraria Sá da Costa Editora.
- Thomason, Sarah G. 1997. "A Typology of Contact Languages". In: Spears, A. K. & Winford, D. The Structure and States of Pidgins and Creoles. Amsterdam: John Benjamins, pp. 73-88.
- Thomason, Sarah Grey & Kaufman, Terrence. 1991. Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics. University of California Press.- Berkeley, Los Angeles, Oxford.
- . 1986. "Contact- Induced Language Change; Possibilities and Probabilities". In: Akten des Essener Kolloquiums Über Kreolsprachen und Sprachkontakte. Bochum: Brockmeyer, pp. 261-284.
- Todd, Loreto. 1992. Pidgins and Creoles. New Edition. Routledge. New York.
- Trajano, Wilson. 1994. "Sociedade Crioula e Sociedades Tradicionais da Guiné-Bissau uma Continuidade Cultural". In: PAPIA, vol. 3, no 2. Thesaurus Editora, Brasília, pp.162-170.
- Tsuzaki, Stanley. 1971. "Coexistent Systems in Language Variation: the Case of Hawaiian English." In: Hymes, Dell. Pidginization and Creolization of Languages. Cambridge University Press, pp. 327- 340.

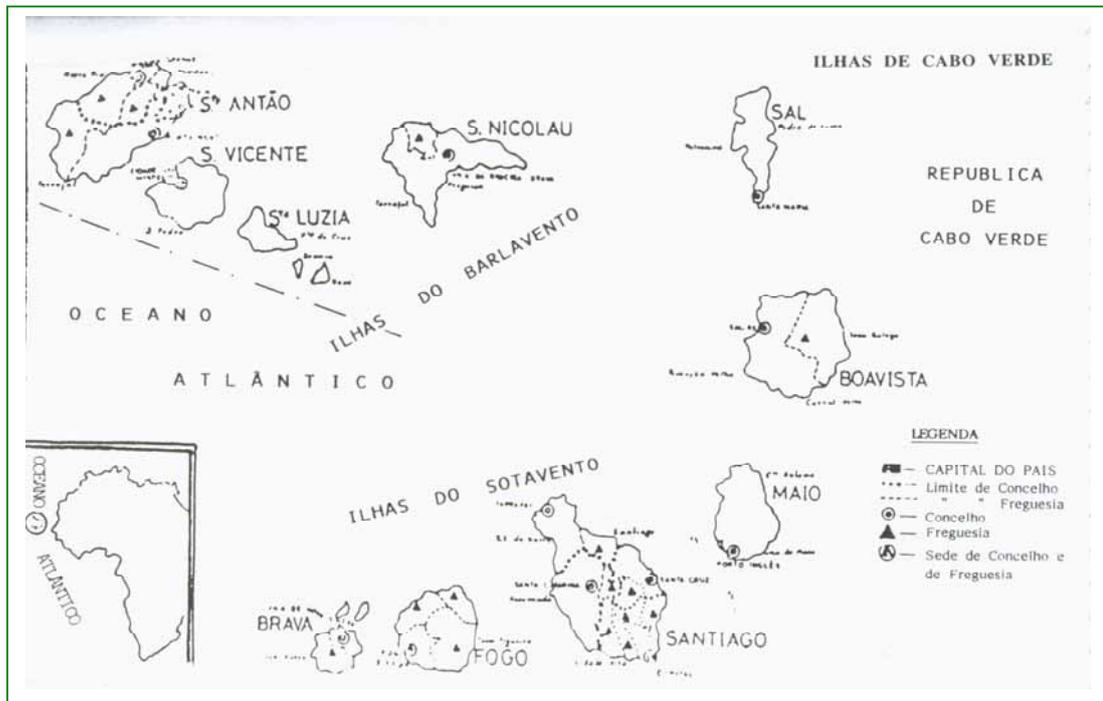
- Uffmann, Cristian. 1999. "Vowel Epenthesis in Loanword Adaptation". In: <http://www.roa.rutgers.edu>
- Valdman, Albert (org.). 1977. *Pidgin and Creole Linguistics*. Bloomington: Indiana University Press.
- Veiga Manuel. 2000. *Le Créole du Cap-Vert; Étude Grammaticale Descriptive et Contrastive*. Éditions Karhala- IPC.
- , 1995. *O Crioulo de Cabo Verde; Introdução à Gramática*. 2a. ed. Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, Instituto Nacional de Cultura.
- , 1982. *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*. Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Verlinden, Charles. 1963. *António de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde*. Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III série, no. 7. Coimbra: Imprensa de Coimbra.
- Vogel, Irene. 1986. "The Syllable and the Foot". In: Vogel, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, pp. 61-104..
- Weinreich, Uriel. 1974. *Languages in Contact; Findings and Problems*. 8a. ed. Mouton. The Hague. Paris.
- Weinreich, U., Herzog & Labov, W. 1968. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. University of Texas Press, Austin.
- Welmers, E. Wm. 1973. *African Languages Structures*. University of California Press.
- Winford, Donald. 1997a. "Creole Formation in the Context of Contact Linguistics". In: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 12:1. Amsterdam: John Benjamins, pp. 131-151. .
- Winford, Donald. 1997b. "Creoles in the Context of Contact Linguistics". In: *Symposium: Pidgin and Creole Linguistics in the 21st Century*, pp. 01-48.
- Whinnom, Keith. 1971. "Linguistic Hybridization and the 'Special Case' of Pidgins and Creoles". In: Hymes, Dell. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge University Press, pp. 91-115.
- , 1956. *Spanish Contact Vernaculars in the Philippine Islands*. Hong Kong & Oxford University Press.
- Zimmermann, K. 2005. "Génesis y evolución de las lenguas criollos: una visión desde el constructivismo neurobiológico"). Internet: pp. 01-20. A sair em *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 4:1(2006).
- Zubritskaya, Katya. 1997. "Mechanism of Sound Change in Optimality Theory". In: *Language Variation and Change*, 9. Cambridge University Press, pp. 121-148..
- Zubritskaya, Katya. 1995. "Markedness and Sound Change in OT". In: Beckman, Jill (ed). *Proceeding of the North East Linguistic Society* 25. Amherst, MA: GLSA, pp. 249- 264.

# ANEXOS



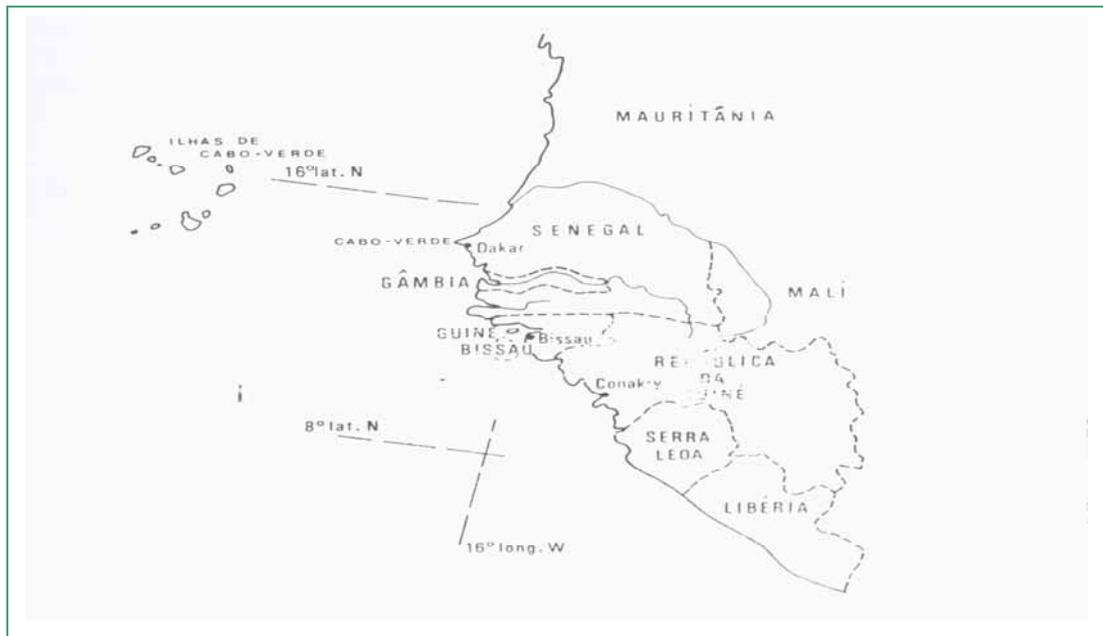
(Anthony Almeida, s/d: 8)

**I. Arquipélago de Cabo Verde**



(Andrade, sd: 31)

**II. Ilhas de Cabo Verde e a Guiné**



(PAIGC, 1974: 42)

III. Áreas, Altitudes e Distâncias entre as Ilhas

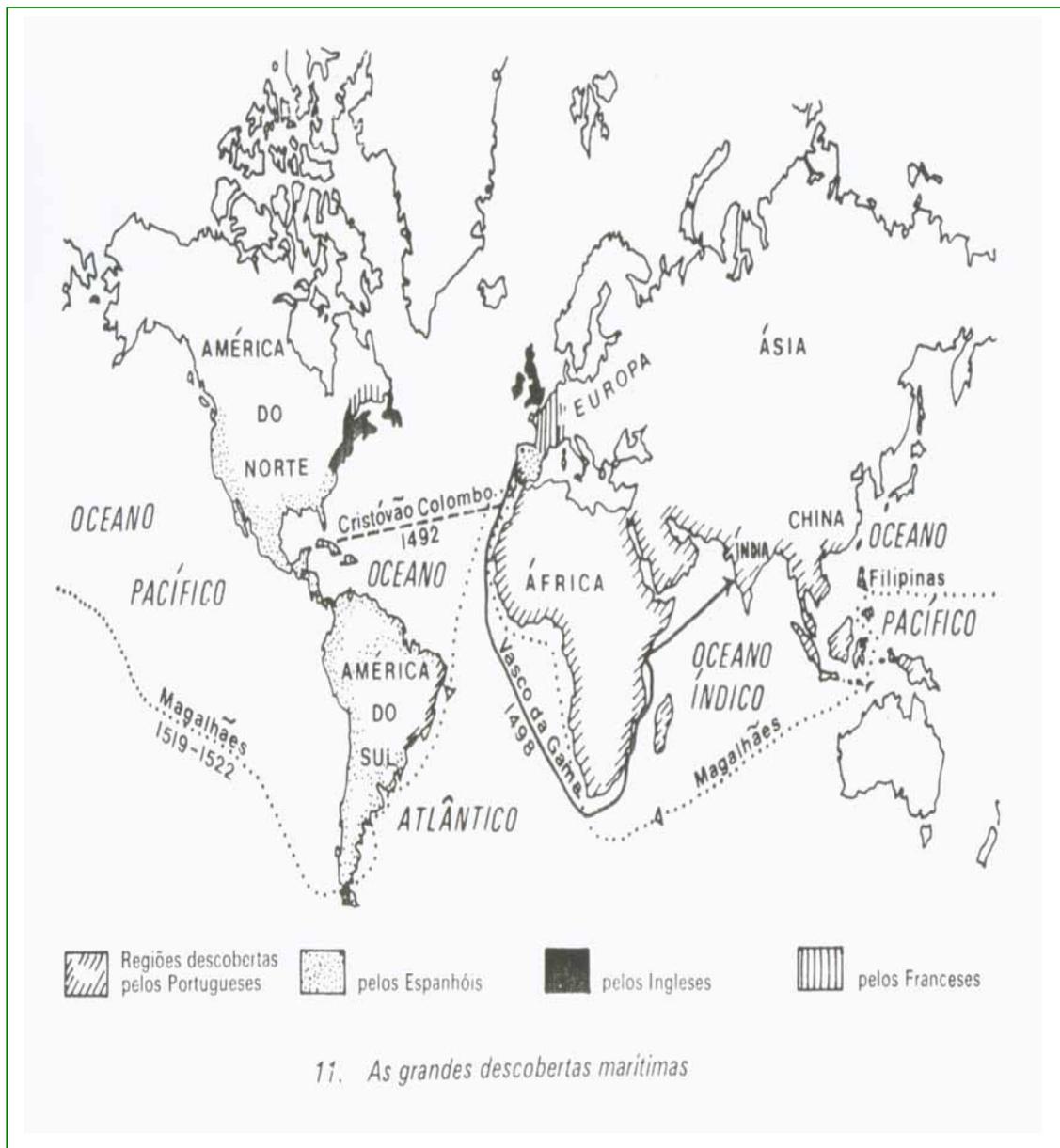


(Ribeiro, 1998: 25)

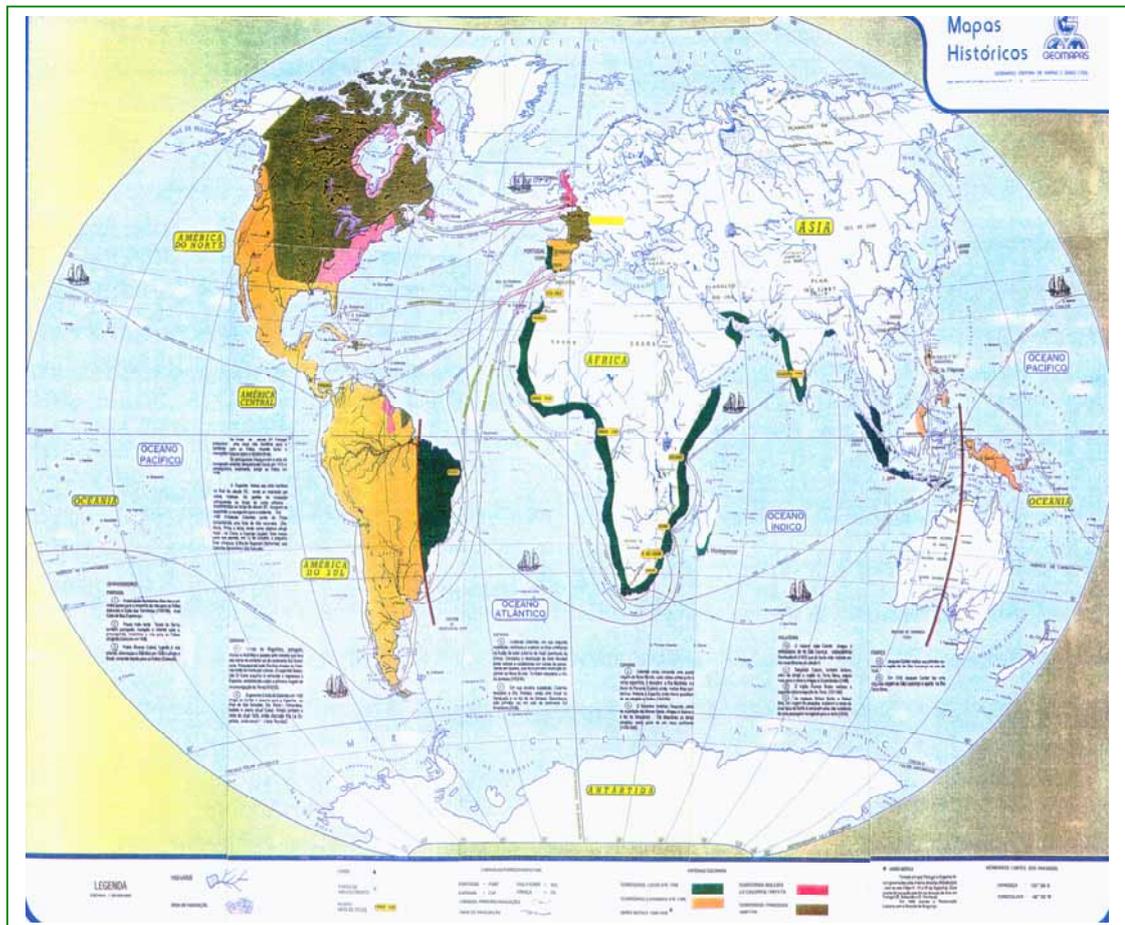


(Amaral, 1964: 16)

IV. Os Grandes Descobrimentos



(PAIGC, 1974: 69)



Legenda:



Territórios lusos até 1580



Territórios espanhóis até 1580  
 União Ibérica 1580/1640\*



Territórios Ingleses  
 (12 colônias- 1583/1776)

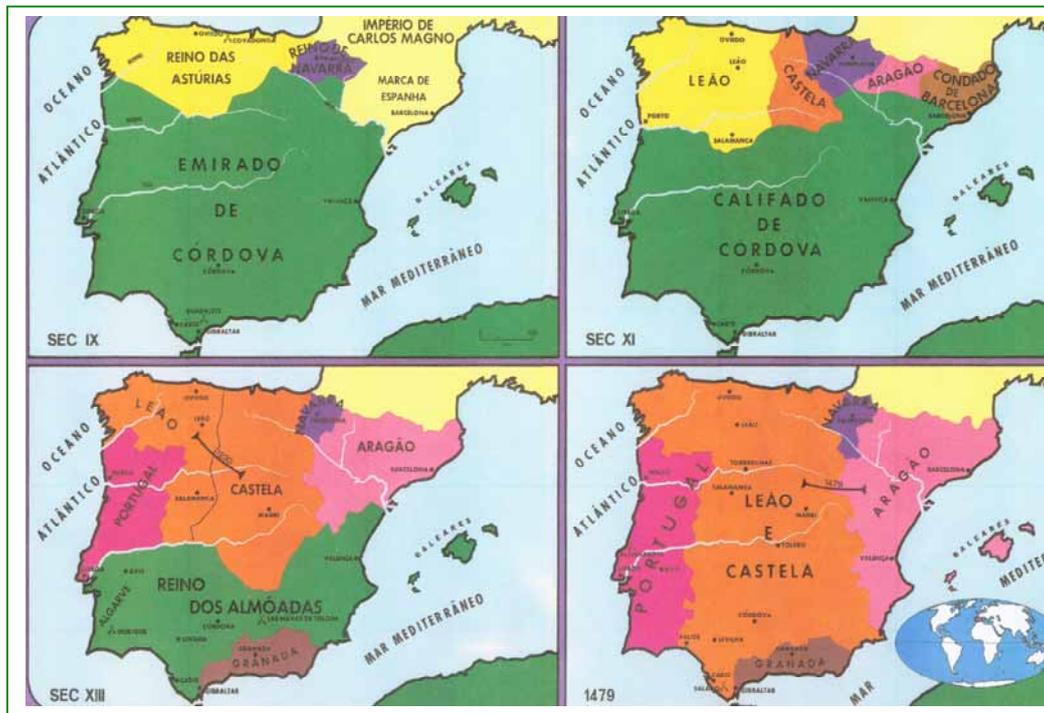


Territórios Franceses  
 1608/1760

\*\*União Ibérica

Período em que Portugal e Espanha foram governados pela mesma dinastia (Habsburgos- com os reis Felipe II-III e IV de Espanha). Esse evento foi causado pelo fim da dinastia Áriaem Portugal (D. Sebastião e D. Henrique. Em 1640 ocorreu a restauração lusitana com a dinastia de Bragança.”  
 (Coleção Didática- Geomapas- 2004)

V. Formação de Espanha e Portugal



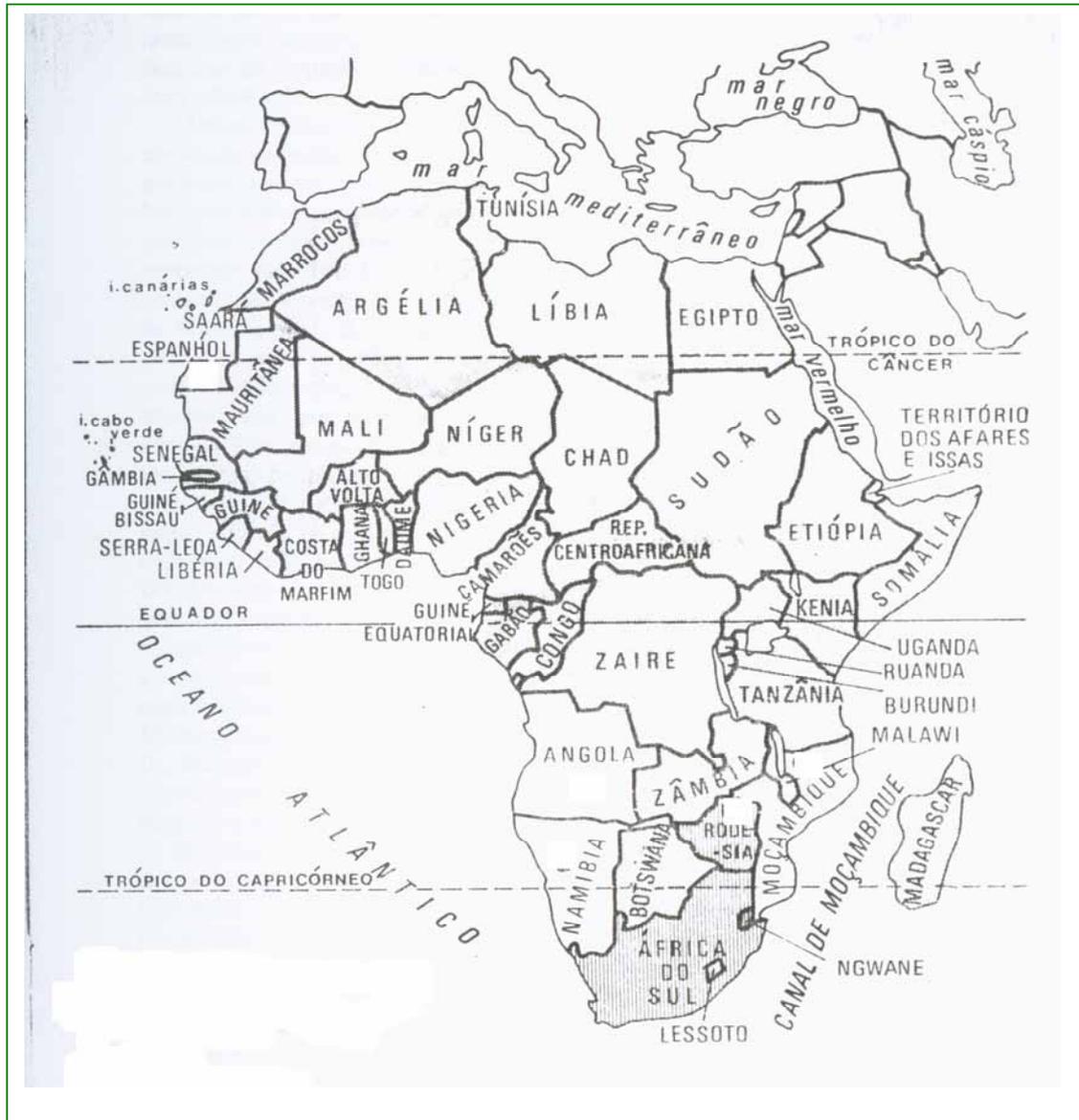
(Mapas de História Medieval, MHM-7, 2004)

VI. O Mundo Muçulmano no Século X

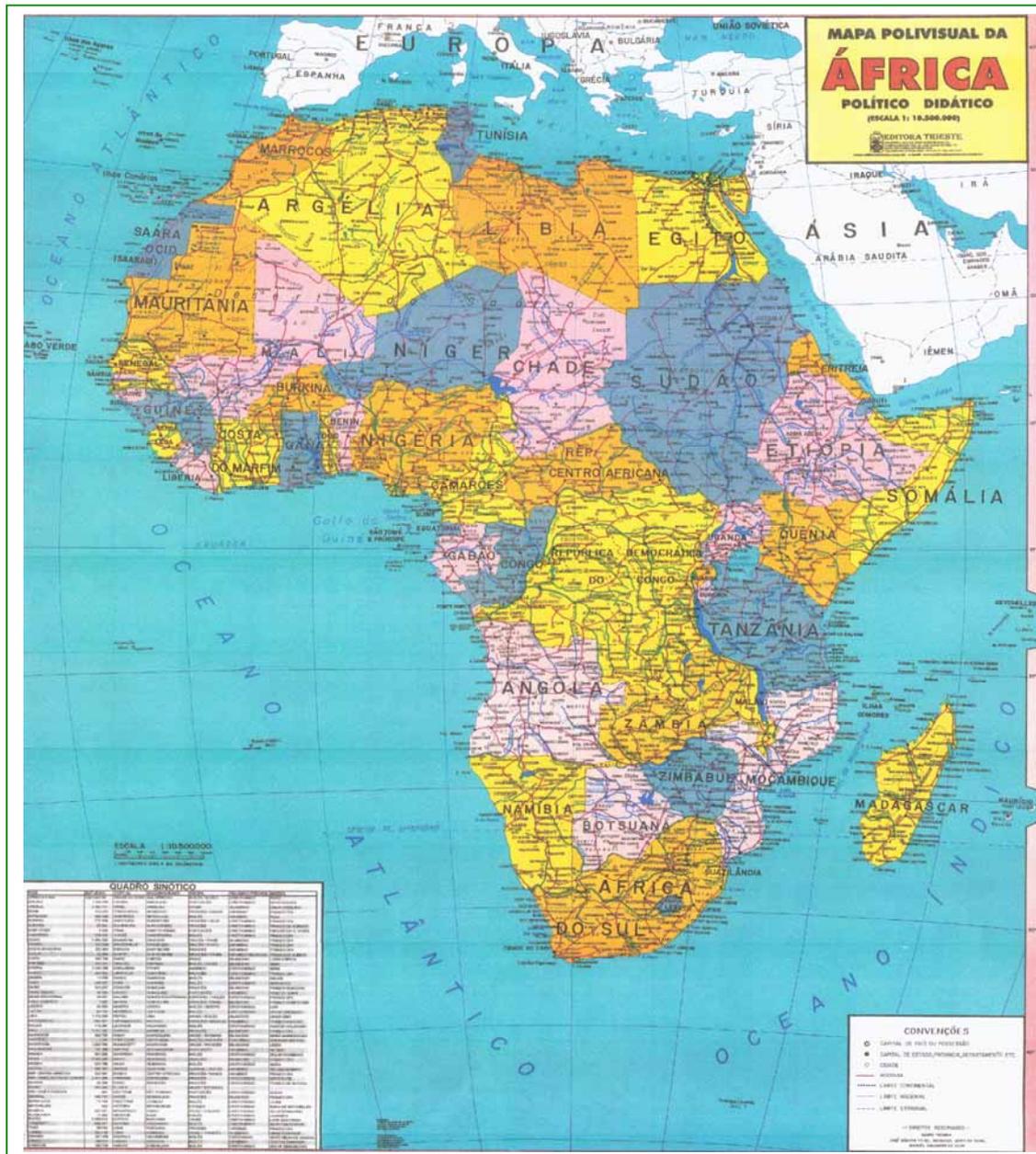


(PAIGC, 1974: 26)

VII. A África do século XX e do Século XXI



(PAIGC, 1974: 133)

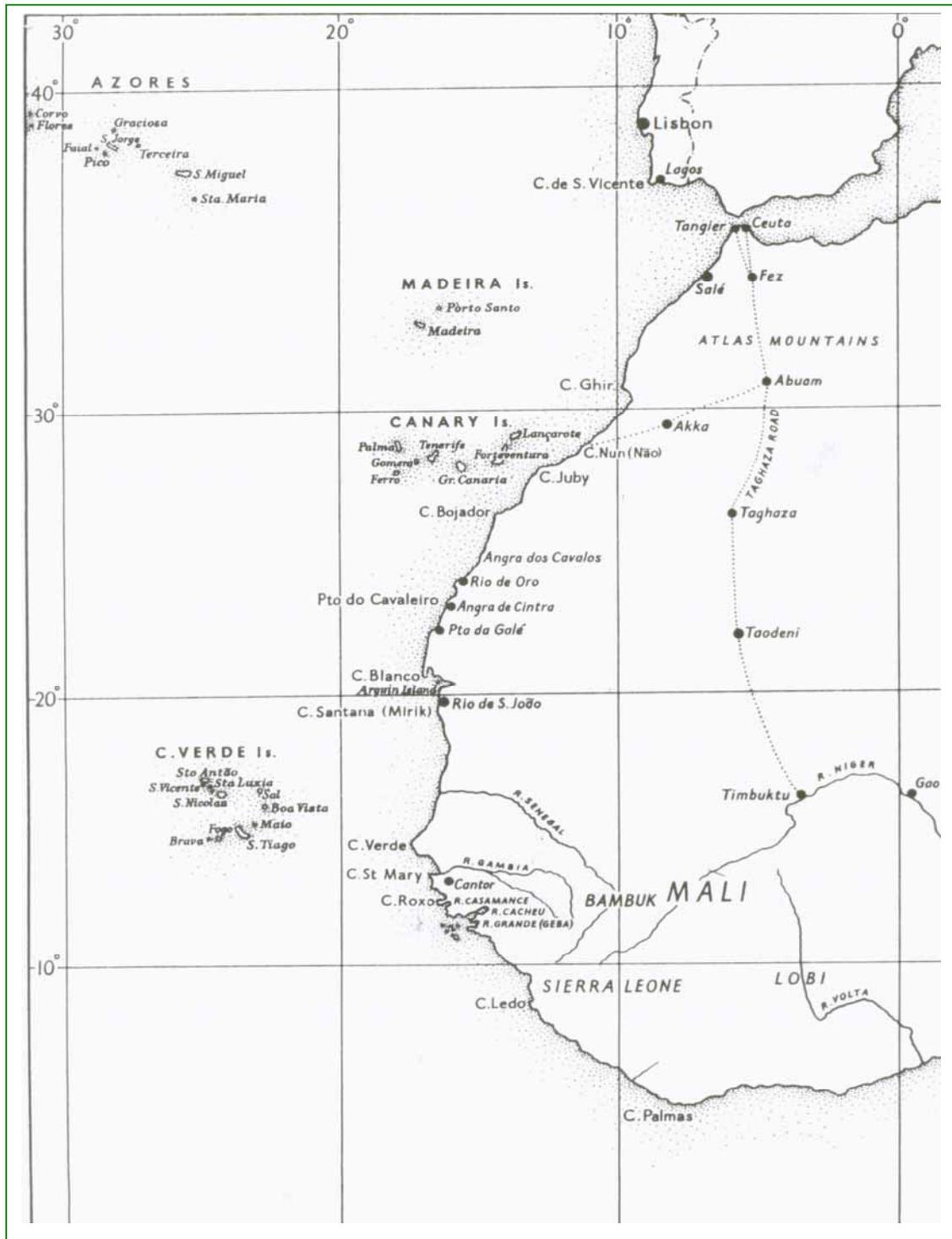


(Editora Trieste- 2004)

VIII. Mapa do Conjunto de Ilhas Atlânticas

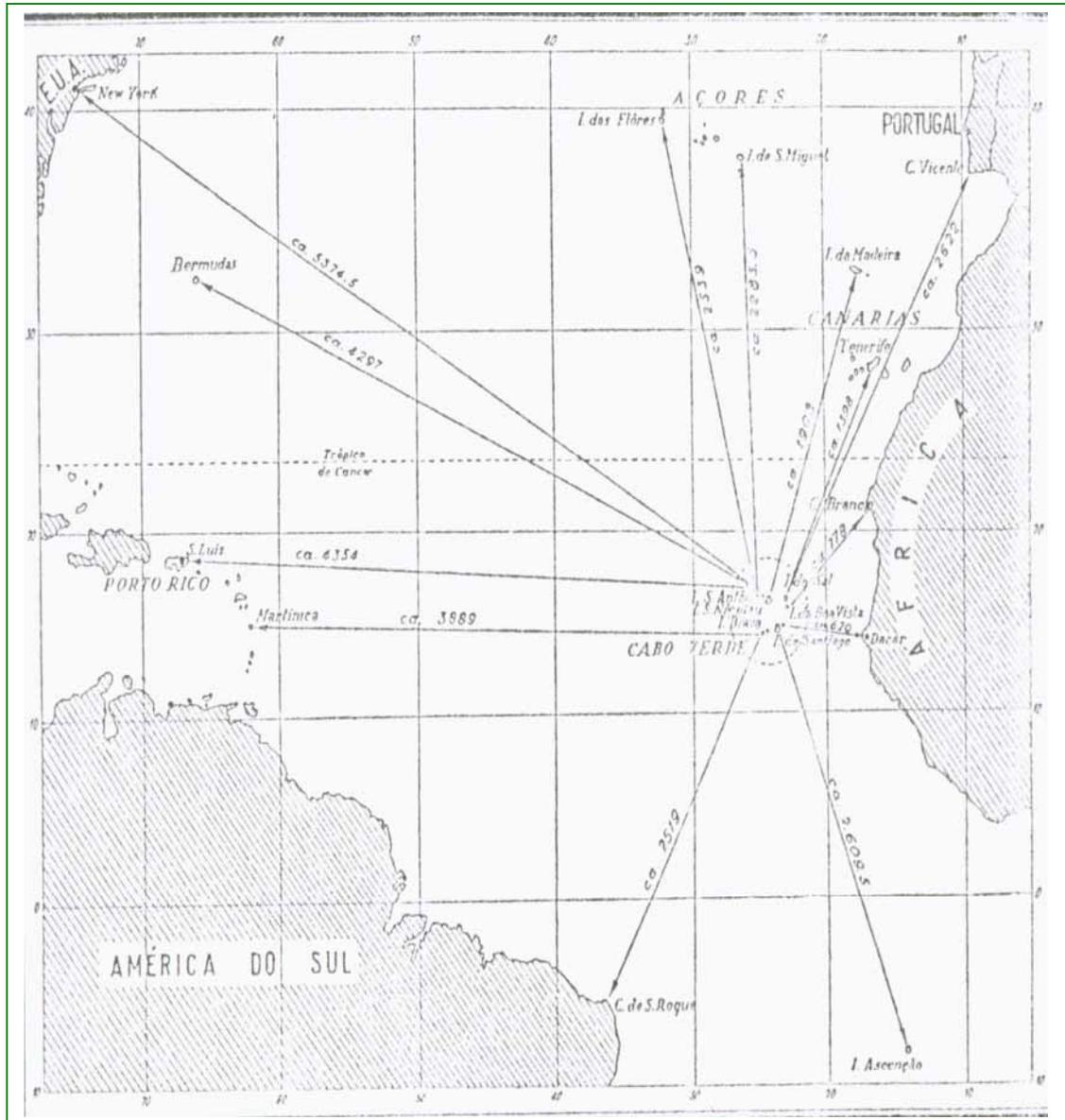


(Arquivo Histórico Nacional, 1998: 28)



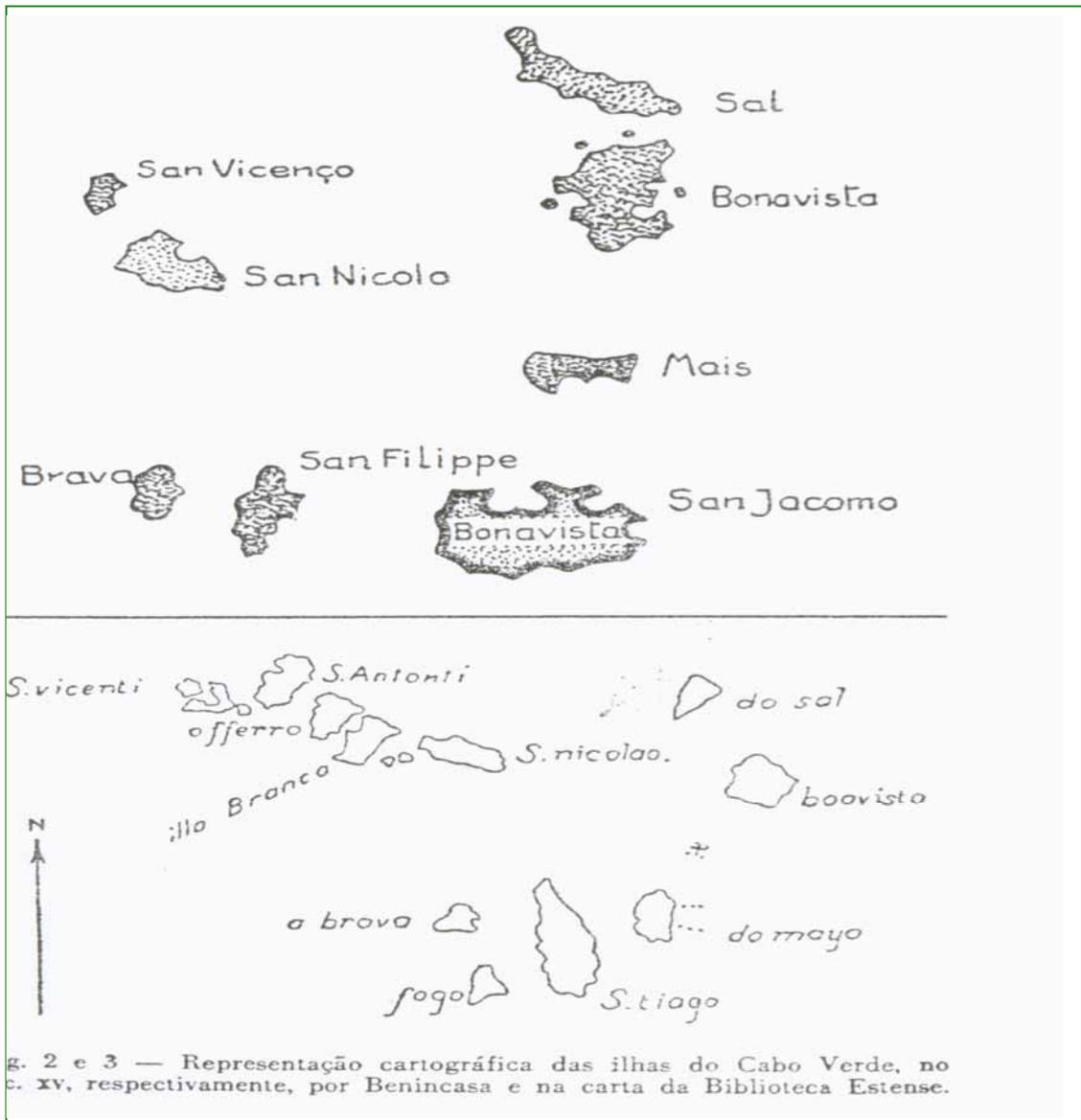
(Russel, 1995: 17)

IX. Posição do Arquipélago no Atlântico



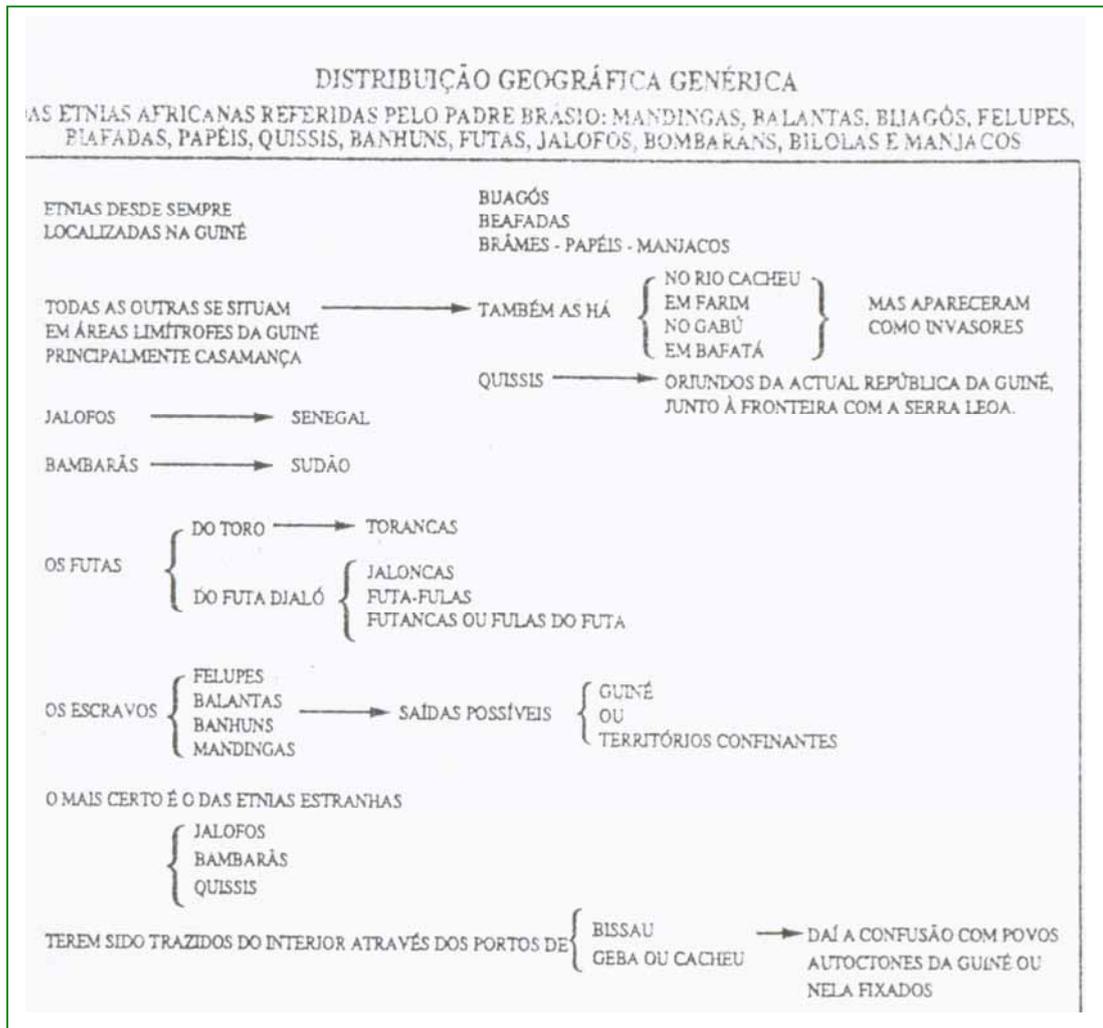
(Mendes Corrêa, 1954: 7)

## X. Representação Cartográfica de Cabo Verde no século XV



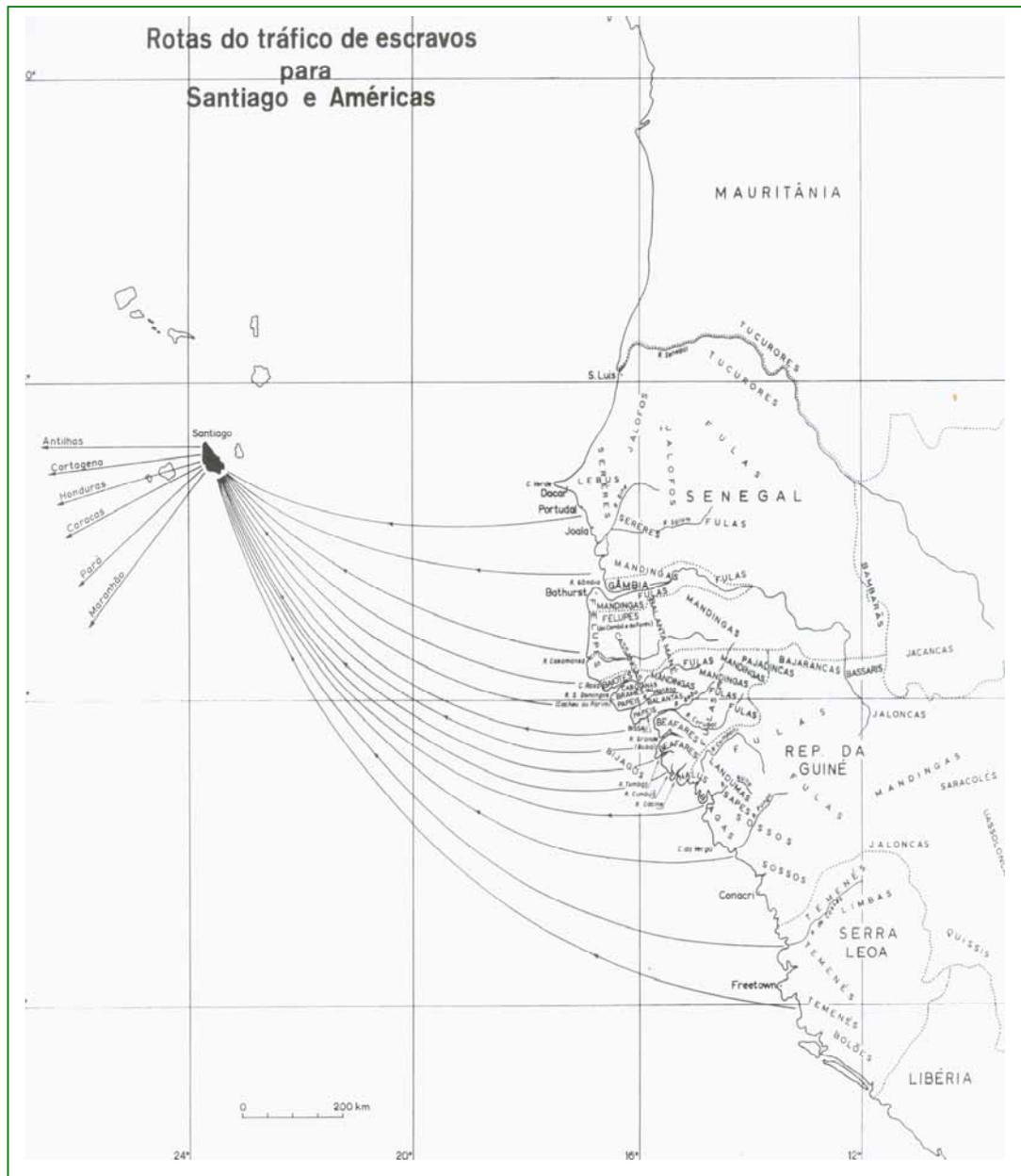
(Mendes Corrêa, 1954: 20-21)

## XI. Distribuição Geográfica Genérica das Etnias



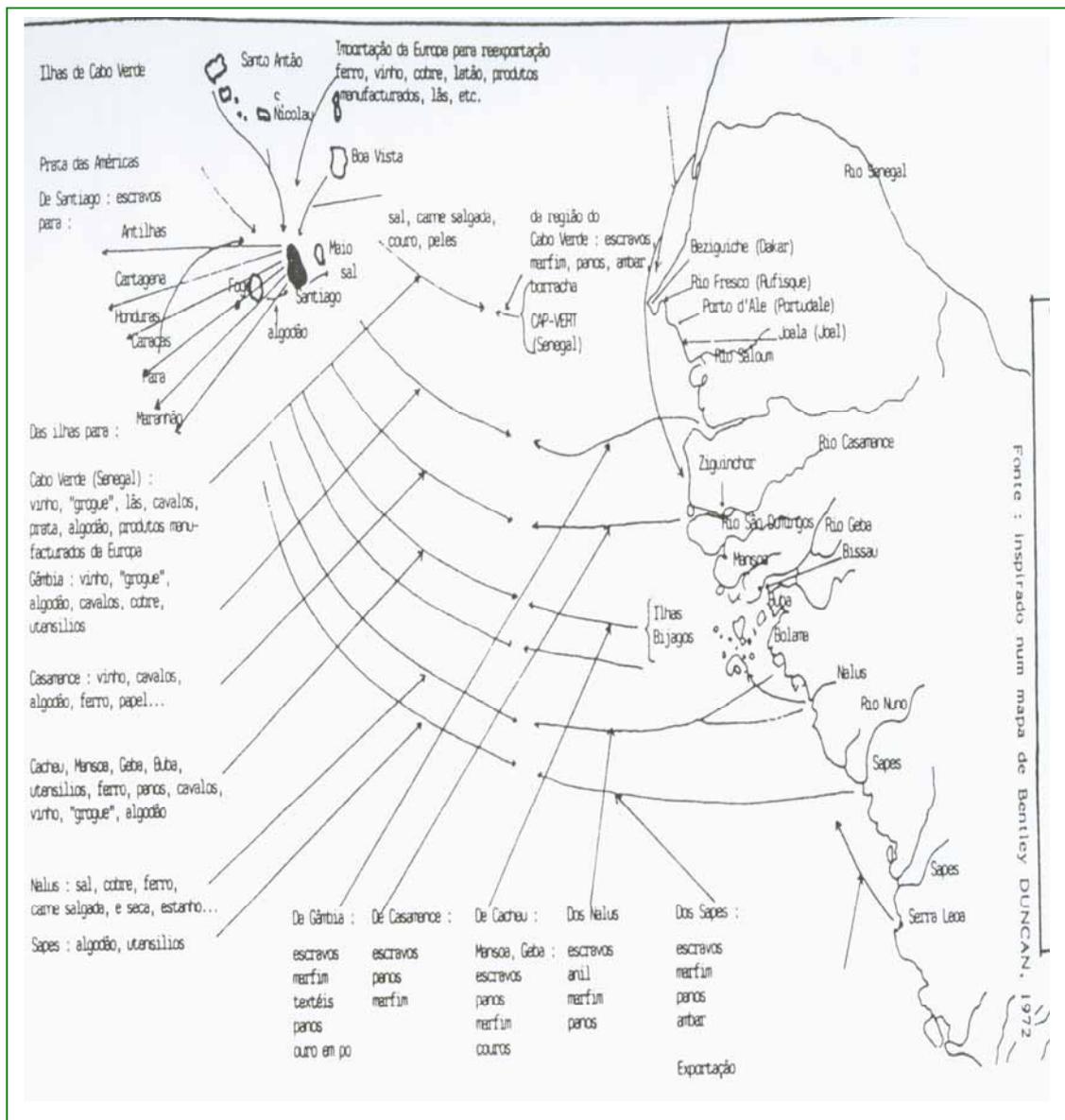
(Ribeiro, s/d: 48)

### XII. Rotas do Tráfico de Escravos para Santiago e Américas



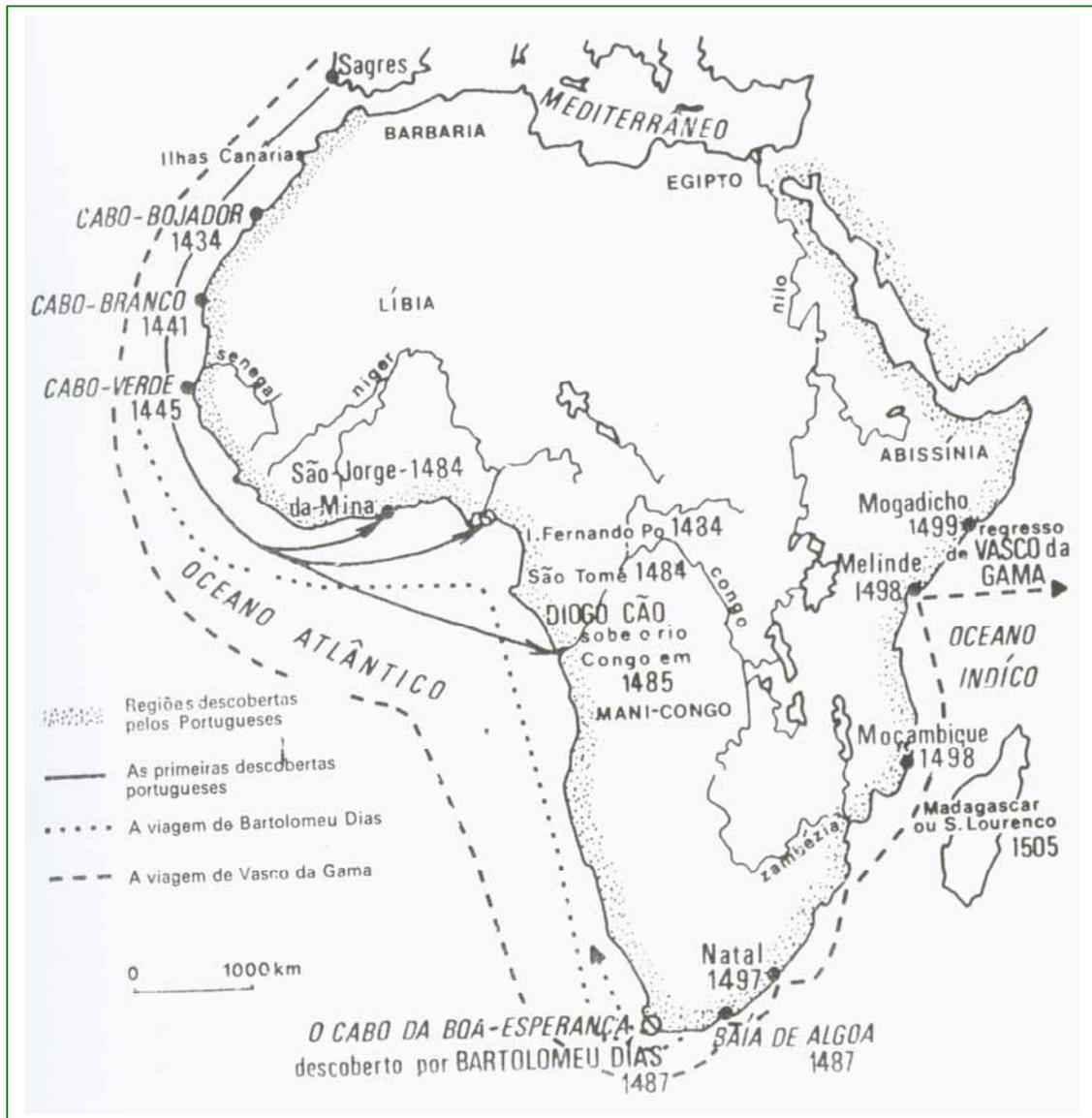
(Carreira, 1972: 310)

**XIII. Comércio e Tráfico de Escravos no século XVII**



(Andrade, s/d: 78)

**XIV. Descoberta dos Portugueses**



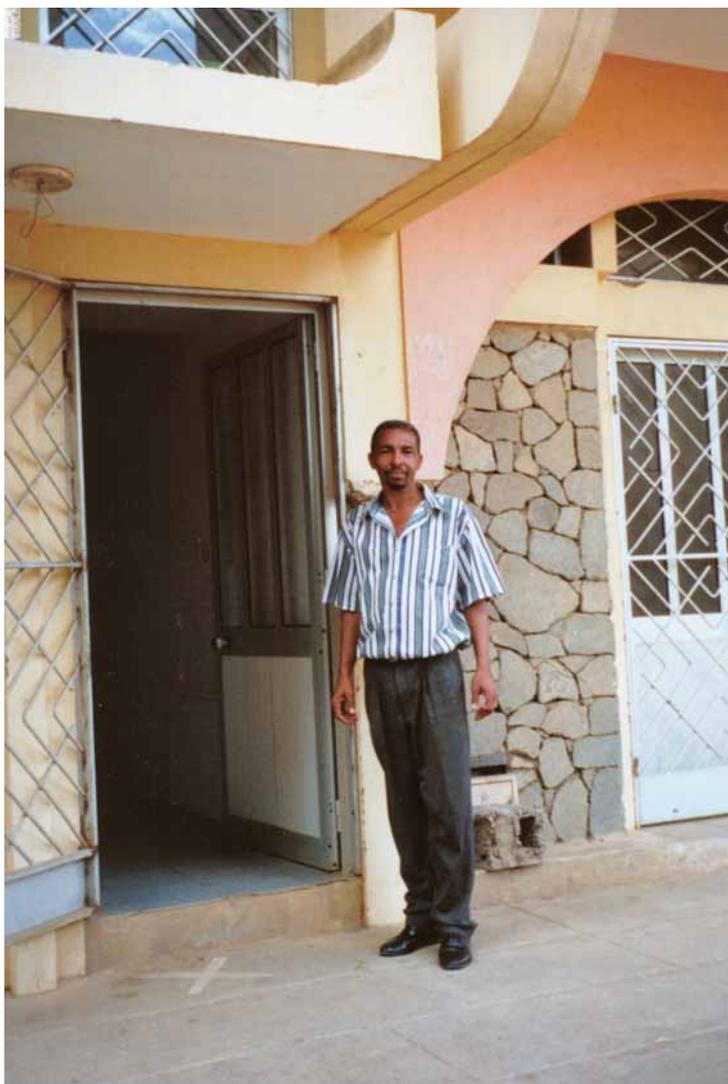
(PAIGC, 1972: 70)

## APÊNDICES

Nestes apêndices, apresentam-se os dados coletados em Cabo Verde nas ilhas de Santiago (I), Fogo (II), Santo Antão (III) e São Vicente (IV), escritos em Caboverdiano, seguidas pela descrição histórica das Outras Ilhas de Cabo Verde – Sotavento (VI) e Barlavento (VII) –, e das entrevistas originais elaboradas para o trabalho de campo (2001/2002) nas ilhas supracitadas (VI). Na transcrição das entrevistas, seguiram-se orientações propostas pelo ALUPEC (Alfabeto Unificado para Escrita do Crioulo (Veiga, 1996)). Como a ortografia padrão indicada poderia deixar de registrar sutilezas nas falas dos informantes, resolveu-se escrever essas falas do modo como ocorreram em campo, orientando-se, contudo, pelas regras básicas da escrita proposta para o Caboverdiano. Os informantes foram registrados de acordo com o número da Ilha e sua ordem de entrevista. Por exemplo: Ilha de Santiago (1), Ilha de Fogo (2), Ilha de Santo Antão (3), Ilha de São Vicente (4). Primeiro Informante de Santiago: 1.1., segundo informante: 1.2, e assim por diante. A ordem das perguntas vêm à frente de cada fala dos informantes: 1) 1.1.= primeira pergunta ao primeiro informante da Ilha de Santiago. Procedeu-se assim para facilitar, caso necessário, a localização do fragmento registrado nos apêndices que tenha sido citado no interior da tese. Todas as perguntas feitas aos entrevistados, mesmo quando faladas em português, constam nestes apêndices. Na descrição das outras ilhas de Cabo Verde, consta breve resumo histórico das ilhas de Maio e Brava (Sotavento) e de Boa Vista, São Nicolau, Sal e Santa Luzia (Barlavento); seguidas, como se disse no início, das entrevistas formuladas e utilizados na Pesquisa em Cabo Verde.

## I. ILHA DE SANTIAGO

### 1.0. INTÉRPRETE



Nome: Manuel Antonio Barbosa

Nominho: Titiu

Localidade: Praia

Instituição: Instituto Nacional de Investigação Cultural

## 1.1. PARTICIPANTE I



Nome: Rosalinda Monteiro Barreto

Nominho: D. Linda

Localidade: Cidade Velha

1. Dóna Linda, moké nómi konplétu di-nha?

1.1. Mi txuma Rozalinda Monteiro Baretu.

2. Dja nha ten muntu ténpu ki nha sta moradu li?

1.1. Non. Mi nasi na sidadi. N kria na sidadi. N kaza na sidadi. So ki li nakel direson... nakel zóna li. N kaza, N ben mora li. Mi moraba na Portu, pertu lá... baxu.. fla Portu Baxu... N kaza, ben mora li, na rua Karetu.

3. Moké nómi di pais di-nha?

1.1. Nha pai txoma Gregóriu Monteiro Baretu y nha mãi txoma Paula Barbóza Baretu.

4. Nha é Kazada? Nha ten fidju? Nha gosta di papiá algun koza sobr'es?

1.1. Amin ten... N kaza y... N tivi onzi fidju... ten onzi fidju. N ten séti rapazis. N ten kuartu mininas. Inton, maridu N vivê ku'el uns ténpu, má maridu ben móri. Maridu móri, mi é viúva. N ten vint'anu viúva. Sin. N ten. N ten onzi fidju. N pasa sakrifísiu dipos di mórti di maridu pa kiria fidju... un grándi sakrifísiu. Mas, kun juda di Deus, nosu sinhor... e... oji N ten, kes ki N kiria, dja N ten dja dotoris. Dja N ten profisoris... Inda N ten studanti... N ten nha kodê ki é studánti. Mas Dja N tene dja funsionáriu... dja ten kada un na ses kamada. Dja sta tudu kuazi... iliminadu!

5. É uma vitória...

1.1. Klaru ki... fidju ka sabe pa N tê el , prinsipalmenti mi ki kiria el sin pai... mi kiria sin pai... mas, dipos, k'es kiria ja é vitória pa mi! (risos)

6. Na época ki nha éra jóven, li na sidadi, mók'éra namoru nakel vês...?

1.1. Namoru.... éra sukundidu! Até própi pa kazaméntu éra sukundidu. No ta sai pa no ba panhá... nos namoradu... ta kompanhaba-nos, lá ki no tava pruveitaba di tudu koza... tudu kuza. No taba sai tanbe pa ba pa hórta, pur izénplu, no ta ba pa hórta y lá ki no ta inkontraba ku... purkê é lungu, kaminhu é longu... é lá ki nu ta inkontraba ku namoradu. É kasi... ma gósi ki kosa tudu kosa é klaru, ma nakeli ténpu éra sukundidu. Ta panha lénha, na entrada di lénha, apanhava lénha... é la ki no ta inkontraba ku namoradu. Sin. Éra... éra... sukundidu! sin !

7. Nakel época, nha txiga di partisipa... nha ta lénbra o... di alguns fésta típiku di li di sidadi vélha?

1.1. Partisipa. Mi éra kantóra. Oji inda mi é kantóra. Ah!... Amin ta kanta na igrexa. Inton, ten kel fésta, primeru fésta ki nu ta ten li, é... Santu Nómi, ki é fésta di frigizia, ki é mas grándi fésta ki nu ten. Ki ta trazê algén di tudu ténpu. Só dakela altura ki... éra na prinsipiu... gósin ki muda, ki vrô kel txeu... má nakel ténpu, tinha un algén, un kazal ki ta daba... pur izénplu, mi ku nho nu ta daba... misa. Podi ser ki min moraba na praia o moraba na sidadi, nu ta pô misa, nu ta dá djuntu. Inton, kel bêz, ta fazeba... ta fazeba fésta! Algén ka iéra txeu. Ta tinha kel algén ki nu ta pensaba tanbén na poi ki ta fladu "ta ben toma ramu"... nu ta daba el un ramu di flor, ki ta fladu "flanu ki vem toma ramu na flanu". Fésta éra

simples. Ma nu tinha fésta! Inton, górdaba porku dun anu pur otu. Nu ta tinha bódi ku kabra, na txada, inton górdaba tanbe pa kel... pa kel... un anu. Dipos, kumida ta daba... tanbe ta daba un juda tanbe di midju, di fejon... nu ta fazeba fésta! Tinha grogu... vinhu éra poku! Vin éra poku... ta fladu “vinhu é só pa bránku” kel ténpu. Grogu éra txeu! Inton, ta fazeba fésta, ta fazeba batuku, ta fazeba badju... di três dia el ta nseradu... el ta virá, el ta kaba. Kume... kumesaba el di três di'ántis. kel fésta, nu só kumesaba el di três di'ántis. Sa ta perpara el... prumeru dia, no ta poba pilon, ta piladu di madrugada... éra un fésta. Otu dia siginti, tanbe fésta própi é ki ta dadu kel misa ku kel prusion. Otu dia, nu ten sanbrás... nu ta fazê un mei almosu... dipos... el ta finda!

## 8. Uma festânsa, né?

1.1. Gósi gó... ivoluson ben tróka... maneras ben tróka. Di agósi... bira agóra ku mas luxu, el bira ku mas algén. Di agóra, el ta puda algén própi ki ta sta na Európa, ta sta na Mérika, ki ta sta nu otu Àfrika. El ta pudu dun ladu pur u otu, el ta bien, el ta ben da kel fésta di algumas koza ten ma luxu. Gósi gó, el tene bándá munisipal, el ten misa, algén mas, ki algén ta dadu misa lá na frenti nakel palku... ta trazê algén... txeu, kuantidadis! Dja el ta pudu numa data sértu ki e... vinti o vinti dôs... y asin ki ta dadu un ténpu pa ki kes gentis imigranti ben. Ki sta kunvidadu o ki sta li responsável di kel fésta... es ta ben.. pa nu ben fazê kel fésta...

## 9. Nha kre kontinuá ta papiá di fésta?

1.1. Sin. Ten mas fésta... ten mas fésta. A partir di fésta di Nhu Santu Nómi, ki é grándi, nu ten otu fésta ki ta fladu Son Sebastian. Tanbén el na kumesu di fevreru. El ten ménus pisual. El é fésta di jóvens, é un grupu di ómens, tanbén el ta traze tanbén algén di fóra. Ta traze di Santa Katarina, el ta traze dus Piku... el ta traze di tudu kes kumunidade... até Tarafal! Tanbén kes jóvens, els ta ben... els ta ben dá kel fésta. E' ten ménus... ménus sakrifisiu, purkê é el akel un dia. Ki el nakel un dia, es ta ben bándá di múzika tudu... ta kaba, prontu! Pasa! Tanbe... nu tene tanbe Nosu sinhor dus Pasu.... Tene tanbe na mês di... marsu. Nu ten el tanbe ki ta fazidu via sakra, na rua. Inton kumésa li na nha pórtá, ali nes pórtá li... nes janéla li, nu ta arma un korti, nu ta arma un korti, nu ta resebê ku padri, el ta réza si orason, el ta kaba... é katorzi stasãu! E katorzi: un li, dôs li, el ta fazedu dôs la baxu désa sin... e' ta dá vólta rua, el ta ben... el ta torna entrq igreja, el ta formá katorzi stason. Es ta fazê li. Sin! (...) Ali na Sidadi Vélha ten muntu fésta. Ten fésta tanbe di un sinhor ki faze li, li na subida di Sanbrava... lisin, si li tanbe, ten un Nosa sinhóra du Gurãu, es ta fla Nosa sinhóra Kurasãu di Ouru. É un sinhor ki ben di Béljika y... y ben a tê un propriedadi li, el faze lá un kapilinha, nun gruta, el poi la tanbe.... Ah! ten un di mi tanbe! É un dakes ki N ta partisipa nakel fésta pamódi ponha lá y nu ta fla “juiz ta petu”, ki é juiz di tudu ténpu. Inton sta lá tanbe, N ta partisipa lá. El ta dá li na dizazéti d'agóstu o kinzi d'agóstu, konfórmi el dá nun duminhu, ki na duminhu ki ta djunta algén mas txeu... inton purisu ki ta fazidu... tudu as fésta ki ta fazidu, el ta fazidu só nu duminhu. Hun-hun.... purkê un padri li na... portugês, ki dja durô ku nós na Kabu Verdi korénta séti anu, dja é sima nos, kriolu: el ta pâpia ku nós kriolu... é un padri ki nu ta kunsidera un padri pai, porke el ta trabalha... ku umildadi y karidadi, ku tudu kuza... e' dja sta bédju, ma inda sta ku nos.

10. Nha ta lénbra di... algun kantiga di róda o kantiga di.. kantu nha éra kriánsa?

1.1. So ki na sidadi... so ki na Sidadi Vélha, né... ta kunsideradu intirior di Praia... é só termina pasa fésta, ki nu ta uviba kel kantiga di róda. Ali kuza ki éra habituarmenti éra... sai éra o batuk... batuk, funaná y... toka na méza, toka lata, nakel ténpu éra kel-li... a nãu ser ota stóra ki éra igrexa. Inton, koza bu ba ta tróka, ba ta... ben ki oji dja nu ten dja otu... pur izénplu, dja ten jira-disku, dja ten gravador, dja ten kel-li dja ten kel-otu, má na nha époka éra kel-li... ka tinha kel kosa mas resenti ki nu ten. Na nha époka éra batuk, éra funaná, éra algén ki tinha kel manéra di toka méza, tanbe ki ta da jeitu... tanbe toka lata... sin!

11. El fla... nha é relijióza, nha pertensi a igreja? Nha ki ta ten xavi di greja guardadu e... ma ten kel kazu di suxpertisáu k'e kazu, pur izénplu, é... nha sabi kumé na Kabu Verdi ma algén ten kels kuza... fitisaria... kantu di mei-dia o di mea-noiti o dibaxu di arvuri sin, nha podê explikaba argun koza sobr'isu?

1.1. Bon... amin na ladu di greja, igreja ta fla-m isu ka ta izisti. Na rilijiáu katólíka es ta fla-m isu é falsu... ta fla-m k'el é falsu! Amin dja-m fika... mi ka ten superstisáu tanbe, mas, na kazu di anda mei-dia, kel-li é kuzas ki ka dipendi di igreja, dipendi di gentis antigus ki ta flaba "mei-dia ka ta andar, k'el é un óra mau". Tanbe mea-noti tanbe... es ta fla tanbe ka ta andar mea-noti, purkê... é un óras tanbe k'e mau. Purkê... otus... un otu algén ki ta anda nakel óra. Kel-li ka dependi ku igreja, ki igreja ka ten kel suprestisáu. Inbaxu di árvuri tanbe mesma koiza. Es ta flaba "tudu árvori... ma ka ta sonbradu si baxu, ki módi tudu árvuri ka ten un boa sónbra".

12. Nha ta lénbra... é... ivuluson di vistuáriu, módia, se... pamódi... un... antigamenti ta vestibata diferenti sima ki ta vestidu gósi, pur izénplu, uns vinti anos o trinta atrax?

1.1. Hun-hun... y... ami, na nha époka, na nha ténpo, tinha ki uzaba ropa kunpridu... u limiti, tinha u limiti. Tinha un... uma módia ki ta flada "franzidu". Tinha saia ku bluzata. Mas tardi, ben li nasê un kuza é ki ta fladu "godê", tanbe ki éra un otu típiku... y, mas tardi, ben nasê.. dja un ivuluson ba ta tróka, ma nu ba ta tróka.. ta fladu, por izénplu, na kazu di fésta, inton uza saia ku kazaku... prósimo kel ki N ten... k'es bluzáu li... ta fladu "saia ku kazaku", ta visti un kamizola di baxu o un bluzata di baxu, ta visti saia ku kazaku sima kel-li, sima kel-li... un konjuntu. Dipos di kel-li, ba ta nasi otas ivulusonx... ben ta trazidu di un ropas otu kunpridu, otu piór... kurtu dimás! Otu fika di alsa, fika na nha altura, kel-li ka tinha. Min tinha dakel... mi ka ta rekuzá, ma si é ivuluson N ten...mi ta sigi, mi... ma gósi lisiin si li dja ben ser ota módia! (risos)

13. É... si nha ten... e... nha ten txeu amigus na Ilha di Santiago, na Sidadi Vélha, in partikular...é... ma nha ten un amiga ki é própi amiga di peitu, amiga ki nha s'.... désdi mininu ki nha sta... ki nha sta trata...?

1.1. Ten... N ten. N ten un sinhóra... ki mi nasê, mi atxa-el ku tratamentu ku nha mãi. El ta fla nha mãi é "nha kumadri". Nha mãi fla-m désdi mininu... mi ta fla nha kumadri, tanbe el ta fla nha mãi axin: "Paula, N gosta di-nha! Mi ta txomá nha só nha kumadri!" Ta a perseber? (...) Kantu ki... el pô-l nha kumadri... mas ka ten nada di relason na batismu nen nada. El pô-l di amizadi. Kantu ki mi ben nasê, N atxa kel sinhóra ku mizadi ku nha mãi, ku nha mãi. Mi, kondi ki ben kersê, min pega nakel kaminhu ki mi otxa nha mãi ku el. Mi, kantu ki mi fazê grándi, el ben ser íntimu amigu y ta batizá-l dôs mininu. Dôs amigu... kumadri di ben véra... kumadri ki nu ten segredu, ker dizer, ten segredu, uma koza bu ta kre fla pa

ningen... purkê ten koza ki N ta kixá-l y ten koza ki el ta kixá-m ki nos... nu ka ta deklara pa otu konpanheru... (...).

#### 14. Kant'anua nha ten?

1.1. Amin na dizenbru, diziséti di dizenbru N fazedu sesénta sink'anua... (risos)

#### 15. Ultimamenti nha ten sistidu novélas di Brazil... nha gosta di odja novéla?

1.1. Nãu. Mi ka gosta di odja novéla. Mi ta odja tilivizon, mi ta uvi só agénda di nformasonx.

#### 16. Dja nha txiga di... nha ta lénbra o nha konxi algun stória ki nha txiga di konta fidjus di-nha o nétus di-nha... akes stória, pur izénplu, pa mininu durmi o pa...

1.1. Nãu, nãu... nãu, nãu. Nun... N ka konta stóra. Mi, nha stória é stória di Kabu Verdi, Sidadi Vélha...

#### 17. Ma dja nha obi algén ta konta?

1.1. Dja obi algén ta konta. Kunxi... Dja-m oiá algén ta konta. Dja-m ubi algén ta konta. Inton, dja kustuma ta sin ta ta ubi. Bon, N lénbra kantu Armindu Pretu tanbe... el kontaba-nu un stóra. Mi ta sisti kuzé ki el ta flaba, ma min própi ka ta klasifiká-l, ki mi ka klasifika (...)

#### 18. Nha sabi di alguns riseita di kumida, kumida típiku di Ilha di Santiago o di Sidadi Vélha o di Praia...e... ki ta fazedu, nha sabe? Nha podi splika?

1.1. Nu ten li, pur izénplu, na kazu di... kaldu di pexi... di koku.... kaldu d'pexi di koku. É... nu ta faze li... y ten bon movimentu. Un vês, éra... ka ta ligaba góra, purkê éra un koza típiku, ma só pa nos. Ma el ben txiga in vigór, el ben txiga li in vigór, ki dja oji genti ta fika grándi rikuménda pa... nu ta trata dekels asin. Nu ta faze almosu di kaldu di pexi di koku. Nu ta rala koku, nu ta... ispreme koku, ta sai kel leiti, dipo ta pô-l sima di lumi, el ta kese, ta ferve, nu ta ba ta... mejê-l, ta mejê-l, ta mejê-l... té un sértas altura y... el ta kre subi. Kel óra el ta na lumi, nu ka ta dexá-l, ta bazá-l un bukadihu di agu pa kontinua baza. Inton, di lá, nu ta ben poi góra mandióka, nu ta poi batata dosi, até batata ingléza, si nu kre nu ta poi.... sin ora, nu ta poi abóbra... nu ta poi banana verdi, nu ta poi pexi... pexi nu ta tenpra... nu ta tenprâ-l nun banhéra, pur izénplu, sima kel ki ta lá sin la, kel ki óra ki nu ta ben poi... nu ta ben poi, ku sal, y ta ferve ku sabóla, ku pimenton, ku adju, ku tudu kes tenpru, tudu ki el ten lisiin li, nu tanbe poi sal, dipos so k'el ten sal, inton kuzinha, ben tanbe fika ótimu. Ten.... ten tanbe fijen. Fijen tanbe nakela altura tanbén éra pratu típiku, purk' éra di tudu dia... nakel altura, ka tinha... inton fijen, ta pô fijen riba, ta kuzinhá-l, ta pô inbaxu... un sértas altura, dipos ki el kumésa ta kozinhá, nu ta pô-l kovi... nu ta pô-l kovi. Inton kumésa kuzinha, akel kovi ta kuzinha, nu ta ben pô-l nun balai, nun sestu, nu ta ben poi, nu ta lavá-l. Gósi nu ta lavá-l, ta fika sin góstu, ma nakel altura nu ta lavava el, nu ta tra kel akuadu... éra un bokadu forte! Nu ta poi... nu ta ben pô-l karni... karni salgadu. Karni salgadu nu ta ben lavâ-l, nu ta ben poi, nu ta... tenpéra, nu ta poi riba, el ta kuzinha, el ta fika un gostu maravilhozu! Inton, nakela altura, tanbe ka tinha aros. Éra xerén. Xerén tanbe di midju. Midju batidu... ismagadu. (...) Inton, nu ta kuzinhaba xerén, gó partikular nun ota panéla, y tanbe fazidu un mustura, ta podu nun pratu fijen, ta podu nun pratu xerén

y ta servidu, nakel altura... y nu ta pô-l mandiôka! Nakel fijen, nu ta pô-l mandiôka, nu ta pô-l batata... dosi. Nu ta pô-l ribaneti, nu ta fazê mustura. Má é saborozu... má é saborozu!

19. Nha ta lénbra kal ki... di algun ramédi di téra? Kel remédi di téra, remédi kazeiru ki ta fazedu... pamódi, un vês, pudi tinha ospital ma... éra lonji...e... purtantu, ka ta daba pa ba... algun koza ki ta poba pa kuraba rapidu pa....?

1.1. Y... N ta adjaba li... tinha un sinhóra ki éra kurióza, ki morava lisin si li. Purtantu, mi pari tudu ku'el, mi ka ba ospital ten fidju. Mi pari djuntu ku'el li na kaza lisin si. Inton, kel otu, pur izénplu, korta... vidru, korta dedu o faka korta... es ta panhaba asúkar, asúkar... asúkar... ta metedu nakel kórti, ta fazedu saru k'kel likidu di banana, ki nu ta fla "leti di banana". Ta pudu riba dedu, ta maradu. Ta da jetu! Ta da jetu... ten otu un kuza tanbe ki ta fladu "skóntra". Skóntra é na Fogu ki ten. Skóntra tanbe algén ta panhá pankada tanbe fresku, tanbe... y ta pudu tanbe na firida... fresku, non firida ki dja sta oji di manhan. É ta pudu tanbe... e'... e' ta da jetu. Dipos é kel... ten uns folhas tanbe ki ta fladu "berbidjaki"... tanbe ten un tanbe ta fladu "xoroteru"... tanbe ta panhadu tanbe, nu ta poi tanbe na dór. Ten un líkidu k'é fladu "azeiti di pulgera", ta pudu na iel, ta pudu na ruba di braza asin, non kenti, mornu! Dipos, nu ta mara nonde ki tene dór, pur izénplu, mi tene dór lisin si li, nu ta poi, às vês el ta jeita, el ta jeita tanbe... tanbén ten tanbén... (...) Dór d'bariga, nu ta panha li... folha di góiyaba... folha di góiyaba Dipos, nu ta metê-l... nu ta fervê-l, nu ta lavá-l ku folha, nu ta metê-l... na agu ta fervê, nu ta trá-l, nu ta tapá-l uns sértus minutus, dipos ba ta da n'algén, e'... e' ta toma. Tanbe bu ta ismagá-l tanbe, botadu un bukadinhu d'agu tanbe, ta sai un bukadinhu di likidus tanbe, sta pô-l ku asúkar tanbe y ta da pa dór di bariga. Tanbe vinagri. Vinagri... tanbe pa dór di bariga...

20. Vinagri sénpri ta ben o el ta...?

1.1. Vinagri ta fazidu ali... éra di kána. Kána ki ta kortadu y ta dexadu inton, ki nu ta fla "e'... e' ta kurti". El ta kurti y nu ta panha, nu ta pô-l nun baril, ki é pezadu baril. Inton poi la, nu ta dexá-l seis mezis y ta forma vinagri! Ki vinagri é bon própi. Ta fladu "vinagri di téra". Hun-hun! Y góra kel vinagri... nu ta panha asúkar, un bukadinhu... y ta txeu vinagri! Nu ta pô-l un bukadinhu d'agu y nu ta "distenprá-l" ki nu ta fla... y ta pô-l asúkar kuma fizési uma limonada. Dipos, nu ta poi un bukadinhu di sal dent'del, n'é salgado! Nu ta toma tanbe remédiu di dór di bariga li na nos... sin. Y mas antigamenti tinha inda maix, pamódi gentis ta fla...kel gentis ki... mas atráx... es ta flava... tabaku, kankan... tanbén mininu ta tene dór di bariga, ta pudu tanbe kankan na bigu, dja-m odja tanbe... ma tanbe (risos) mas atráx... é sin , tanbe!

21. Y un dór na kabésa?

1.1. Dór na kabésa... Kusé ki ten bin... hun...kusa é dór di kabésa? Dór di kabésa ta panhadu un folha, padja di mandiôka, nu ta poi-el na lensu, sima mi ten li, nu ta poi asin. Dipos, el ta firia kabésa. sin... sin. Ta laba kabésa tanbe. sin.

22. É... módi k... móki éra prusésu di partu un bês? Pa médiku ia poku... ka ta... o ka tinha, tinha parteirsa ki ta kuidaba di mininus di sétimu dia...

1.1. Tinha partera.... tinha partera. Y ken ta tinha kriánsa, ki ta tinha filhu ko... ku... parti... ko algén ki staba ten fidju. Dipos ki dja ten fidju, dipos é... tinha es remédios módi kel-li ki nu ta fla "azeti di pulgera", nu tinha ki pô-el na lumi, kemaba el... dipos, el ta kai, ta mara kun panu, éra un panu pretu. Dipos ki ta maradu, ta fazidu un liga... un liga... e' ta kuidaba di mininu. Mininu nu ka ta vistidu nakela altura, mininu ta brulhadu... nun pedasu di panu, dipos ela ta guardadu té séti dias. Dipos di séti dias, agóra é ki ben bistidu ropa.... ki ta ben bistidu ropa... própiu!

23. E... Kel vês tanbén, pamódi tinha txeu mulher ki ta moreba di partu, konfórmi ki el fla... si mai tinha nómi k... ke tudu mudjer ta moréba nakel altura, inton es pô-l própi kel nómi pa odja si el ta vivê.... Inton, ma mininu ta sta sintadu e....ali txiga di kundesê algun kazu?

1.1. Ali na Kabu Verdi y... ker dizer, ta moridu.... tinha bebê ma ta moridu, má só ki... ali na Sidadi Vélha kuazi ka ta morida. Non! Ali kuazi ka ta morê. Ami, uma kuza ki ta kontaba e un sinhóra... si inda sta viva... e' ta tinha fidju el ka ta kria, di sétimu dia e' ta móri. Séti dia... mininu ta nasedu... el ta ten kriánsa, séti dia ta móri. Inton, el fladu, ma algén nxiná-l... pedi algun viúva, un viúva, mininu pa batiza. Ta ba deitá-l góra mininu di três dia... ta ba deitá-l na ninhu di porku, ker dizer, porku ta sta deitadu na téra, mininu ten ki bai detar na... asin nakel ninhu di porku, el ta ka ta lebantá, kel viúva ta batiza kel mininu, ma mininu ta... ma é vredadi! É un tradison ma é ábitu (...) ma é di véra. El pari dez fidju... ten un sinhóra ki pari vinti un filhu y ben fika kun un pamódi ka ta nxinadu kel alterason. É vredadi! Fika ku el... y pari vinti un fidju y fika ki kel un módi nxinadu kel manera li...

24. É nha kazu. Nha mãi ta kontá. E... mi foi un viúva ki é nha madrinha, el pô-m na txikeru porku...

1.1. Hunn.... é vredadi!

25. É... e' sa ta odja na bibliotéka ki nu ta mora nun ilha... e... ki tudu algén é ligadu au mar e... móki nha ta odja mar. Koza ki mar é pa nha? Koza ki mar pa nha ta fla?

1.1. Bon, inton mar... mar pa min é uma rikéza. Mar... mi, kantu mi éra minininha, mi tomaba bAnhu na mar. Ka ta duensia... ka ta duensia. Nakel ténpu, ta fladu "ken ta tomá bAnhu na mar txeu éra ka ten duénsa". Sin. Purkê kel saliva ta konbati (risos)... ta tomadu. Mar, oji in dia, dipos ki N faze grándi, ki mar ta kunxi vida, mar pa mi é un rikiza, purkê mar ta trazidu pexi... ki é nosa alimentasãu, mar ten areia (risos), mar ten porvu, ki é marisku! Mar ten... nu ta fla kes konxinha... lapa... y mar ten... piskadô ta kontá.... mar pa min é grándi koiza! Y mar mesmu ta kontá... pur kazu mi kantu mi éra minininha, mi ta kanta ni igrexa, ma si bai na béra di mar, sin, mi ta trá un kansãu, mi ta traduzí-l di mi pa mi. Sin, da mar. Mi ta xinta na béra di mar sin , pa-m odja mar. Sin, purtantu ki mi mar pa min é grándi koiza. Inda mas k'el é limentasãu di pexi, ki ten pa ómi gosta di pexi... mar, mi... pa mi é grándi koiza... (...). Kantu ki mi éra minininha, ta baba xinta, purkê moraba la pertu di mar, inton ta bai góra, ta xinta baxu di un roxedus ki ten lá sin, inda ki ten, inton N ta kumésa ten... un kantiga, un kántiku! N ta xinti, N ta traduziba kantiga y sin avansava... ma ta daba un kantóra! Só ki ... prontu! Mi ben largá-l, ka si me? Ma ta xinti... mi ta panha di mar ondia ta bai sin: el ta ben, el ta bai, ta ben, el ta bai, mi ta fiká ta odja pa el... ta fiká ta odja pa el, N ta traduziba un kansãu. Purtantu ki mar, N otxa mar uma maravilha! (risos)

26. E... nu repara... ma li ten poku katxoru o gatu.. ma li ka ten gentis di li ka ten... e... ka ten animal di istimasãu k'es ta kre kria?

1.1. Ten. N ten kãu. N ten kãu, ki nu ta kiria di istimasãu. Nu ten gatu, ki nu ta kiria di *istimasãu*. Sin. Nu ten sin. Agó... agósin ka sta dentu du kaza, el ta sta li fóra. Otu nu ta ten el na Monti Pretu, nu ten e' maradu... p'módi ta kre mórdi, ka sin me? Gatu dja nãu! Gatu ta sta fóra. El ta ba ta faze si kasa, el ta la ta faze si kasa... tardi... gó óra ki e' kre kumida, el ta ben kumê. Ten sin. Né k'e so mi ki ten el, txeu... algén ten el. Purkê tanbe kãu, tanbe kãu ta da pa guarda na kanpu, purkê mi ten médu na hórta ten txeu makaku. Dipos, el ta faze... el ta kore makaku...

27. S'el ta da kokerada n'algén?

1.1. No... y... kel é brabu! Kel é largadu lá! Kel é...

28. Tenperus... módi sebola o alhu ki ... tudu é plantadu li o móki el ta ben di fóra? Antigamenti móki éra?

1.1. Nãu. Antigamenti e' ta binha. Antigamenti e' ta binha. El ta trazidu. Ta staba na lója, ta vindidu. Mas, dipos, ko es vida moderna ki nu ben ten, ko... ko es... nóva... nóva régra, nóva agrikultura, dja nu bira ta poi di nos. Até ta dadu pa nu vende tanbe. Dja ben nu nxinadu ko agrikultura, ku téknus... nu ben txiga nu ajuda du OASIS. Tanbe góra ta dadu kel agrikultura... nu tinha réga li, módi nu ta fladu "réga... ku... réga ku agu txeu"! Agó tanbe txeu! Agó nu ben nxinadu, agó ku réga mas poku. Ku nómi "góta", góta-a-góta. Dipos, y agóra ta poi di-nos, dja txiga gósi nes altura algén... ten algén ki ta konprá-l té inda purkê ka tinha... ma ken ki ten el... y... ta dá vizinhu. Jenti ta konprá-l mas baratu ma dja nu vira ta poi di-nos me...

29. Nha ten algun... kuza ki nha ta fazê pa... móki ki N podi fla nha?... pa briu di korpu, pa nha gosta di fazê-l... pur izénplu... e... trabalho di kaza, linpa kaza, kel-li é brigatóriu... agó, nha ten otu kuza ki nha gosta di fasi óra ki nha sta na ténpu livri?

1.1. N gosta di ta sai ta pasia. N ta sai, N ta anda, N ta vizita vizinhu, ta vizita duentis, ta sai ta ba li bê prezu na... na prisãu. N ta bai na ospital. N ta bai... djo be.... N ta bai na kaza di vizinhu, N ta bai... djobê... duenti.

30. Kusé ki nha ta atxa di País ki nha ta vivê oji nel, k'é Kabu Verdi. kusé k'é Kabu Verdi pa nha?

1.1. Kabu Verdi pa min é grándi Koiza. Kabu Verdi pa min é grándi koiza, ki é nha téra natal. N nase na Kabu Verdi, N kria so na Kabu Verdi, N vive na Kabu Verdi.. pa min... pa min te inda kabu verdi pa min é grándi koiza, pamódi N ka konxi otu lugar. N ka konxi otu lugar ki é ka Kabu Verdi. Má só ki Kabu Verdi prisiza di otra atensãu, purkê mi nakel ténpu ki mi tinha nasedu, algén éra mas poku. Gósi algén é mas txeu y... dipos, el meste otu guvernason purkê é ka só mi ki prisiza, purkê es tantu di mininus ki nase... ki meste... ki ta da sér algén di manhan. Es mininu meste ta dadu apoiu.. ten kes vélhu ki meste ta dadu otu konservasãu... e mesm'uma séri di kuzas ki Kabu Verdi prisiza, ki mi ka sta salva, purkê ka sta na nha mon. Kabu Verdi... Governu di Kabu Verdi prisiza di otu guvernasãu...

31. E... es... es kusa el ta ba fazê, es ta mandá un kópia pa nos... un kópia pa biblioteka ki nha ten asesu a el. E... nha kiria dexaba algun apelu pa k... pa jersonx ki ta ben... pur izénplu, pa nétus di-nha, kes família di-nha tudu... e... pa tudu kabuverdianu in jeral... ki nha... ki... pamó... un pruvérbiu... o un kolker koiza sai ki nha kre dexaba pa... pa fikaba iskritu nes livru. Tudu kuza... vida ta kaba, tudu ta kaba, mai livru ta dura pa sênpri.

1.1. Sin. Min ta dexaba un mensaji pa tudu... pa tudu... pa tudu kabu Verdi, pa tudu algén vive un vida soldável, pa vive sábi, pa kontinua skóla, purkê skóla é un kaminhu... tanbe pa ten pas... tanbe... pa tudu algén pas, y pa tudu algén... pa tudu algén vive... vive na pas, y dipos... pa kontinua na ses vida vindoru pa sér un algén di manhan, pa ben trabadja pa nosu Kabu Verdi!

## 1.2. PARTICIPANTE II



Nome: Jacinto Vaz Cabral  
Nominho: S. Armindu Pretu  
Localidade: Cidade Velha

1. Nho Armindu, móki nómi di-nho konplétu?

1.2. Jasintu Vax Kabral

2. Kantu anu nho ten?

1.2. N ten sesénta y seis anus.

3. S'or Armindu, kantu fidju nhu ten?

1.2. N ten oitu fidju.

4. Tudu... tudu li ku nho li na Sidadi Vélha?

1.2. Tudu li na Sidadi Vélha, mas un móri... ja fika séti! (...) Tudu... tudu sta ali... tudu sta li!

5. Móki nómi di pai kun mai di-nho?

1.2. Nha pai txuma Ansatásiu Vax.... y mai txuma Anjelina Pereira Kabral... (risos)

6. Kal ki é profison di-nho, sinhor armindu?

1.2. Piskadór.

7. Nho gosta di vida di mar?

1.2. Ker dizer, N ka gosta, mas ten ki sér purkê désdi... minóris... di mininu, kontu mi nase, dipos kel ki éra trabai di-nha pai! Ton, nha pai ka éra... ka tinha ninhun profison... profison éra piskadór. Inton, nakels ténpus, éra poku algén ki... ki sabeba skóla. Y kes ténpu purtugezis... dipos ki ka tinha skóla... (...) Até inda, mas gósi dja midjóra mas un poku... un bukadinhu. Inton... y... amin kantu mi labanta tanbe, N ka tinha skóla, N ka ten nada, N ben na ufísiu ki N atxa nha pai y... tanbe ki N kontinua dja k'el... e nha vida di piskaria. Inton, ki gósi mi ta kun sesénta y seis anus. Si ha oportunidadadi ki mi atxa-m un lugar, ki mi atxa-m un meius, mi ka ta piska mas. Mas si N ka atxa é kel ki N ten ki piska, purkê, ker dizer, nãu é nin ki N ka gosta, ma é kel ki N ten ki piska... kel ki nu ta peska...

8. Na ténpu di-nho na mar, nho ten algun stória intresanti ki nho podi konta sobri mar?

1.2. Bon, mar é... mar, si stória é konplikadu, purkê mar e... e difísil! Mar, hai dia.... y dipos é ki bu bai... nakels ténpu dipos tinha pexi, ta kumê-l Nu piskaba tudu kunsoladu, purkê nu ta bai, nu pegava pexi, mas, óki binha, ka tinha... inton, tinha dia ki bu ganha kinzi mi rés o vinti mi rés o trinta-mi rés. Bu ten ki ben studa kumu bu vive ku família, purkê el ka sta dá, purkê e' ka sta rakunpénsa, mas hai dia k'e' ta dá... ki busê ten mas di... kuation, sin ku o ses dia ki bu ta vive sábi, sábi non, ma bu ta vive milhor. Mas tanbe óki... sa vei, bu ta puxadu un sumana, un sumana intéra el ka ta da, ma di kolker manéras... ki stória di mar... kuazi direktamenti dipos.... nase na mar, kria na mar... N ka sabe konta própi... purkê N teve muntu difikulidadadi!

9. É... nho...nho nase na... e' sa ta fla-m nho nase na Praia... góra li na Sidadi Vélha kant'anu nho ten?

1.2. Min ben... Sidadi Vélha... Mi é rapaseti inda, purkê tinha kun vinti dôs anus. Inton, ben... vinti dôs anus. Dipos ki N ben, ki N funda na sidadi vélha, tinha li nakel un kantu... N ben li N atxa un servisu. Trabadjar rokadjon, k'e kalsetamentu, y dipos nton N ba ta... trabadja la... komu N ta vivia nu San Martinhu, N saía di Txada Grandi... N ben vive na San Martinhu, kantu N vive na San Martinhu... y San Martinhu, gó, N ta saía di la, y N ta ben ba trabajaba na sidadi. Anton, N trabadja di li, trabadja di la, y dipos ki... trabadju ben... kaba na rokadjon, inton kontinua kel strada ki ta ba... kabu... ki ta ba... pa... y... Muskitu! Inton kontinua bai té la dianti. (...) Ah! Sta muntu lonji! Genti ki tiva sórti pa dá trabadju pa minhon, pa noite, inda ganha oitu ixkudu. Y dipos, N ta faze otu kalku... ko'mi... éra nha vida sênpri éra piskariá, y dipos N ben na sidadi, N tinha bóti, dja-m konseguí ta ba mar ku... N pidi un buléia ali na... ku gentis di li na ba ta kontinua trabadja na mar. Inton, ba ta trabadja na mar, ta fika na kaza di kel algén ki ta ba a mar djuntu ku'el. Inton dent... dentu dun... três mês pa kuaru, N ben randja un kunpanheru... randja un mudjer, dja-m pára na sidadi. Inton, N ben ni sidadi di vinti dôs anus. Gósi, N ta ku sesénta seis anus... e' sta dentu di sin kuénta y tal anus... nãu... korénta, korénta três, korénta kuaru anus....

10. Moké nómi di mudjer di-nho? Dja ki nho ta pâpia nela...

1.2. Sin, txama Munzinha. Nominhu. Nominhu: Munzinha. Nómi.. nómi kes otu, txoma Djermina Tavaris du Santus.

11. Kuma dja nho... pâpia na ixpoza, nho podi konta-nu módi ki éra namoru... kel ténpu li na... Santiago?

1.2. Uma vêzis, un maltas pa tinha mudjer li n'... li na Kabu Verdi, éra karu... ta kustaba karu... kustaba karu, purkê mudjer... si nho ka tinha kaza, es ka ta kre... kria nho. Es ta iskui nho kun un bon kalsa, un bon kamiza. Iskoi anho kun bon injeitu ki nhu sustenta-s... es kaza ku nho. Inton, dja mi tanbe, nakel momentu, própi min tenbe N ta konta di-meu, purkê kantu N txigava li, N ka tinha ninhun meus ki N podia pa N tinha un mudjer. É mas kantu ben... ki N kunsigi ben ba ta... piska... dia ki N ba ta piska sin , dja N ba ta odja... ma... si ese vivi ku mi, min ta sustentá-l, purkê min ta trabadja na mar... y nakels ténpu tudu na sidadi... y dipos éra so piskadór, ka tinha ningen... éra so piskadór. E... mas komu mi tanbe piskadór, y kes otu peskadór tudu tene mudjer, y dja podi sustentá, mi tanbe trabadja na mar juntamenti ku'el, inton N ben konsigi kasi igual. Mas, p'el kria mi, ten mas di kuazi un anu... k'el podi ben aseitaba-m, ma si N podia responsabilizava p'el. Si N podia... si e' podia kria mi. Inton, ben ta trás di mulheris kunpanheru. Mi, Armindu... pâpia kumigu, dipos pa-m kre el, mas... bu ta odja si e' podi sustentá-m (risos). Dipos, el virá, fla sin: ah! N konxê-l... e' ta piskaria, el ta trabai juntu ku flanu. Flanu ku mudjer ku fiju el ta sustenta... el tanbe ta ganhadu djuntu ku'el...i dipos... y dipos... el podi sustentabu. Inton, el ben kumésa aseita-m, mas inda própimenti inda só pa mi, el ka ta kreditava... si me! Aí, anton, purisu, inton góra, ki el ben kre-m Dipos, purkê e' kre-m, nu ta kria un mininu féma. Dipos, prinsipalmenti, un nóva.... jóvens... seti anus.... nu ta kunkista un mininu féma pa kria. Ta kustaba karu. Inton, ker dizer, pa foréostas, non na Praia... na sidadi dja... na sidadi dja éra otus... na Praia... mas dja pa foréostas dja, es ka ta kria pur akazu... ta ten mudjer ki ta mori di korénta, sinkuénta, sesénta anus sin ten un kontaktu ku ninhun ómen! E... kria dá kun... ka ta kria... ka ta kria... ma gósi dja non... gósi dja bida muda otu! (risos)

12. E... si dja nho vizita otus ilhas di Kabu Verdi... si dja nho vizita, kuzé ki nho ten ki fla sobri un o sobri otu ilha?

1.2. Ben, pur akazu, kun muntu dijeju... mas N ka kunxe ninhun. Dentu ilha... dentu di Kabu Verdi... ma ninhun ilha N ka kunxidu... só própimenti, só na Praia... otus ilha podi inda ten, un dia ten vontadi di kunxe... ma kantu stava rapasinh, dipos tanbe N ta uviba ta fla Sanvisenti, Maiu, Fogu... kes partis, tudu mas.... Brava, má nunca kunsigi-m. Inton, odja so na... no... oji in dia, oji pru futuru ki ben ten kes tivizãu... y dipos ki mi ta odja na tivizãu, mas próprimenti amin dipos... N ka ta konsigi bai, má N tinha dijeju bai!

13. E... kal ki éra dejeju di-nho kandu ki nho éra rapasinh... e... nun ilha o... kal ki éra dejeju?

1.2. Bon, mi, nha dijeju... ker dizer, N ta kria má N tinha... N ta sta djuntu kus otu rapasinh ki ka tinha skóla... inton dejijava. Dipos, ben tinha algun skóla... pa N studaba, y dipos N podia saíba própimenti di Kabu Verdi, kantu staba rapasinh. Ma, dja kantu dja-m ben bai... bai odja-m sirkunstánsa ka ta da. Dja-m ka pensa mas na nada, purkê dja-m pensa só própimenti li, purkê N ka tene meius, N ka tene kundisonx ki N podi sai di li pa N bai pa otu parti. Dipos pa-m odja sin te... arekupelava algun koiza, dipos studaba algun koiza. Pukê di mininu, N ba Angóla. Nha mãi... e ténpu korénta y séti, na korénta y séti... dipos nha mai leva-m pa Angóla. Kuantu mi txiga lá, purtugezis manda-nu studia... dipos na vida di karpintaria. Mas, kantu nu txiga lá, nu kumésa... nos ki baba, ka tinha skóla... ka tinha skóla, y es fla... bon, si nu tinha skóla inton... nos... ta daba-nu algun ajuda, dipos nu aprende algun kosa. Ma manhan nu ka ten ninhun skóla. Dja nos skóla e vive djuntu ku nos mai, ku nos pai. Entraba na kanpu y dipos ba kapinava pa ba monda paia, kaskava kes paia... kes gólpis ta... tudu sangi ta baza ta.. na vida di mininu... inton, akilu y dipos... gólpi ben da repenti. Óki N oia kels mininus, dipos, alguns ku skóla... N ta fla: "djobê li si nha mai k'nha pai poi-m na skóla". Odji N dja-m staba dianti des kána. Kána ku fiu... sima... sima láminas... ta danhu na korpu, dipos ta kórta. Inton, korpu ta vira tudu bédju y dipos... até ki korpu ben kustuma dja... óki ben kustuma... dja ta vrá dja.... Inté na dozi anu, na anu di trezi, dipos di novénbru... kuantu N ben, N mora ku... ku nha pai. N bai mora ku nha pai na Praia. Inton, nha mãi fika na San Martinhu Grandi. Dentu di San Martinhu Grandi, dipos ku nha pai, N ben sta lá, nha pai nbarka. Dja kantu nha pai ta nbarka, N staba di duzi anu. Inton, el ka dexa-m ikonumias, purkê éra póbri tanbe. N fika-mi só dentu dun kaza grándi... grándi... dipos el ben nbarka, mi dja fika djuntu ku... dja-m fikamin só, ker dizer, dja-m fika mi só ne meius di família, mas dentu di nha kaza, mi só! Mi ka ten nada.. dja...y lá inton ki kumésa piskaria. Dja-m kumésa ta sustenta nha... própimenti nha pisoal. Dja-m kumésa nha kabésa adianti, dja mi kumésa trabadja d'mar, N ta piska djuntu ku ómi tanbe ki éra vélhu, ki nha pai ta piskaba djuntu ku'el. Nha pai larga, el ba Angóla. Dja-m... Dja-m kumésa ta piska la. Dja-m, ton... mi ten vinti... N ten dizoit...e... dizanóv'anu, N ta ba pa trópa. Di vinti anu N servi trópa. Di vinti un anu N sai. Di vinti dôs... dipos N ben pa San Martinhu, y dipos N pasa pa sidadi... inton ki N vive.

14. Gósi nho... sa ta uvi múzika na rádiu, na televizãu... e... ma nho ta lénbra di algun múzika, algun módi di múzika ki tinha, kantu nhu tinha uns vinti pa trinta anus?

1.2. Ah! Kel múzika dipos e... dja éra várius, mas min ka ta staba sênpri in kontaku ku'el. Góra non! Nos kuazi éra, ker dizer, na... própimenti na nos morada... éra batuku! So batuku, y, dipos kel latas bédju, dipos... dja kes múzika é mas é li pa ladu da Praia. Ali nos di mininu ka ta dexadu, ninhun mininu safa. Anhu inda di duzi anu, inda y dipos... inda éra nómi di kriánsa... nhu ka dexaba k' tudu iéra inusenti. (...) Ah! Sin!. Akel dipos di igreja... igreja dipos ki... nu... N ta ubia el, mas mi dja, gósi dja pa-m asin... pa nha... pa-m ben pâpia nel, é módi... kel dja... N ka ta pâpia nel ... Kel-li é so sin kes genti otus ki sta mas... ta sta ténpu mas in kontaku ku igreja, purkê nu ta moradu na'Txada Grandi, dipos igreja o .... o ki nu ben Praia. Inton, dja kantu N ben... N ben ta kiria... dja é ténpu di trabadju, k'el buska li buska kel la. Ka ta da kel ténpu...

15. E... si nho ta lénbra algun brinkadera ki tinha na ténpu di mininu? Pa gósi mininus tudu é só odja tilivizáu, ubi rádiu... dja ka ten kels brinkadera ma nho ta lénbra argun brinkadera di kel bês?

1.2. Mi ta lénbra. Kel mi... mi tanbe ta brinkaba, nakels ténpu. Dipos, di kes mininu... dipos, ta fazi kes koza tudu y tanbe... N ta lénbra. (...) Ten... ten dipos ki nu ta konta ki, ker dizer, kes brinkadera di mininus... es ta fla sin: "un dóli, un dóli, un dóli kasa teté, teté du altu, du altu kasa papai, ken k'é pai ma ken k'é mai? (...) Ken ki bai ki kanta sai: "anha djoana si ken bai". Inton, nu éra un grupu di mininus. Inton, ta bai ta kai nun... purkê nu ta kumésa di un... y dipos, kel óra ki ben finda, nakel un ki finda, el ki dja kai. Dipos, el ta sai, ki ta torna kumesa nakel otu. Anton, kontu ki dja kai, ruma tudu, inton, nu ta kumésa ta priguntâ-l: "abo, ken ki bai purmeru?" Kel otu risponde: "ken ki bai purmeru?" Dipos, el ta fla sin: "mi ki bai purmeru!". "Bo kre bu mai o bu pai?" Inton, el ta responde, e' ta fla sin: "N kre nha mãi". Si kel otu ki fika pâpia, purkê k' kel último el é ken ki fika, kel rispondi risposta di kel otu ki dja bai... y dipos, si kel otu risponde, fla sin: "mi kre papâ... mi kre nha pai". Y dipos kel otu... y mi góra ta purguntâ-l: "bo kre bu mãi y bu pai?" "Mi kre nha mãi!" Inton ben... agósi el respondi ki el fla sin: "amin... e... papai ki N kre". Kel ki sta li ta fla: "bai karegâ-l y bu ben ku el". (risos) Inton, é brinkadera di mininus. Inton, óki nu brinka... nha mai fla: "kume na górdi kel ki kumê sai di róda!" Inton, nu ta kumésa ta disfasi dipos, ker dizer, brinkadera di mininu, dipos nu ta disfasi. Adispos di kel, góra... nu te konta gósi stóra di lobu ku txibinhu... nu ta konta kel stóra, y dipos tudu kes mininu, dipos sa sta... y dipos, ker dizer, akel dja... ki dja sta mas grandinhu asin... ki sta konprende algun koza... tanbe el ta fla-m: "anton, konta-nu stóra!" Anton, nu ta kumesadu konta stória di lobu ku txibinhu. Módi ki lobu ku txibinhu, módi ki ta fasi... aian! Enton kel mas grándi e... kel mas grand, e' fla sin: "bon, mi kre bu konta-nu lobu ku txibinhu, kel ki ta kumeba kabra na'Txada". Otus ta ben, es ta fla: "nãu! Min ta kre kel ki ta ba txada y... y ba ku... kon djedjé!" kada un ta fla di-se. N fla: bon, é un ki N ta konta. Nho djobê kel ki nhos kre, nhos fla-m. Inton, N ta kumésa ta konta stória di lobu ku txibinhu. Nhos kre pa N konta lobu ku txibinhu?

16. Sin...

1.2. Inton... txibinhu, e' éra muntu spertu!! Lobu ki éra... tinha mas fórsa, éra mas gordu, e' pudia mas... e' ki ta mandava na txibinhu. Inton lobu ku txibinhu... Txibinhu y... dipos, lobu y txibinhu ben... es ta sai pa dizértu. Es ta konka djedjé... es ta kume, es ta konka ses djedjé. Es ta ba pa Rubéra naondi ki ten kel aga ki ta kóre... ta kria kes kamaron baxu di kes pedras kun kes faíska di padja ki dja sta la trankadu...

Enton, es ta ba.. biba... es ta pega ses kamaron. Es ta ben ku ses djedjé, es ta ben kuzinha, es ta kume. Enton, lobu ku txibinhu, a dias dipos, es ben panha diferénsa, y dipos iskankaliâ-l. Inton, kada un devi ta kusinha si kalderon. Lobu risponde, fla: "txibinhu, bo ki ta... ta kusinha djuntu ku min, bu dja-m ka ... bu sta..." Inton, txibinhu fika ne si kaza la baxu, béra rótxa, dipos ba mora na un lapa, y el fika na otu. Ha dias, el fla asin: "txibinhu...!" Dipos txibinhu dja... ben sai pa dizértu, ben inkóntra un grándi kasa, kasa ki ta da treze di kel-li, xeiu di óbu...xeio di óvu. Dipos, txibinhu inton ba ta kume kel óbu... Txibinhu dja ba ta vive dakel óvu. Xibinhu dja ngórda, dja vira gordu. Lobu sta magru ki ka podi anda. Kel dia e' inkóntra ku txibinhu, fla: "txibinhu, abo ki sta gordu sin?" Txibinhu fla: "nha tiu, amin sa ta vive dibaxu di kamaron ko... ko djedjé". E' fla: "non sinhor! Mi é ki... ki sa ta kome, mi sta magru! Mó.... módi ki bu sta gordu sin?" El ben, el fla... txibinhu: "la ten un kuza ki nhu ten trankadu la kel dentu?" Txibinhu bai. El fla: "nho tiu, nho abri bóka, y dispos.... txibinhu... lobu abri bóka, dipos el bai ponha un pó. El bai, el fla si: "txibinhu, txibinhu, txibinhu!!!" Txibinhu (...) koza ki nhu ten trankadu la kel dentu?" Txibinhu dipos rabida, bai ku alfineti... el bai... el fla: "alfineti, alfineti ki pregadu nha mãi... e... mortadja ku'el!" "Txibinhu, kel-li tanbe N atxa, ma bu ka podi fla". Txibinhu ben ku gudja. El fla: "gudja non! Gudja ki kozedu mortadja di mamãi é ku'el ki mamãi bai nteradu!". "Txibinhu, bo tanbe..." Txibinhu ba bu denti... sima txibinhu ba bate bu denti, el ta du dentinhu: "nhaaaak!!" Txibinhu bóbu! El fla: "txibinhu, txibinhu! ki kal ki vês k'é pa bu fla-m kusé ki bu sa ta kume ki bu sta gordu?" Txibinhu respondi, e' fla: "nha tiu, amin nada ki N sa ta kume. Amin ki N sa ta kume é kamaron!" El ki kalka txibinhu... Txibinhu: "uaaaau!!!" El fla: "ta mata bu! É pa bu fla-m kusé ki bu sa ta komedu!". Inton, txibinhu rispondi, el ben fla: "kusé ki N sa ta kume..." Dipos, txibinhu: "nha tiu, nho larga-m, nho larga-m, N ta dize pa nho kuza N sa ta kume". El dizê-l: "é kaka!!!!" Xib...: "aaaai, nha tiu!" "Bo ten ki fla-m kusé ki busê ta komi!" El fla: "é óbu di... un pagón!" E' gó sta... e' sta xintadu, lobu sta xintadu y dipos ki el y xib... Txibinhu respondê-l ki el (...) Xib... e' fla sin: "é óbu di-nhan... é óbu di-nhan! Ki N sa ta komer, ki N sa ta biber!" "Kusa ki bu sa ta kume, kuza ki sa ta bibe ki bu sta gordu y ki mi sta magru?" (risadas) Dipos inton, txibinhu respondi, komu kosa dja sta... e' fla asin: "y... nha tiu, oji dipos um'óra y... seis óra di pelmanhan, N ta ba mostra-nho ondi ki kel... óbu sta!" Lob... el fla: "txibinhu, agó, kantu buru ki N ta randja ki'e pa-m ba buska óbu nel?". Fla: "nha tiu, nho randja dôs buru y nho ba ku'el, ki nho ta kume y nho ta traze pa mudjer ku mininu li na kasa". Dipos, el fla: "txibinhu, dôs burus e ka poku?" El fla: "nha tiu, kusa ka di-nos, agó komu ki nhos bai kun monti di buru?" El na si idadi, di pelmanhan, nakéls óra di gósi li, kantu ki txiga... ta kazi txiga katru óra di tardi kun mas di korénta buru. El panha un monti di buru di genti na atxada, dja nprésta saku... nprésta oiténta saku... Kantu el ba furta ma el... el ta txiga la na kaza di óbu... (...) ...el fla:"tiu, abo..." y... txibinhu, no... e... "kozé ki bo... bosê ta ki... bosê ta... na... ta kumi?" El fla: "min... nãu!" El pára... kantu el ben, el fla: "txibinhu, inton kantu y... buru... dipos ki nu pode panha?" El fla:"txibinhu... nu pode ba kun ses buru. El ben djunta korénta buru, e' nprésta oiténta saku, y dipos intãu e... (...) intãu, nha genti, kantu ki éra dipos duzi óra di noiti, el ben... txiga kunki txibinhu na pórtá: "txibinhu, txibinhu, txibinhu! Txibinhu, labanta nu bai, purkê óra dja dá! Y... sa ta manxe!" El bira fla: "nha tiu, inda ta dozi óra di noiti". "Ah, txibinhu! Bo ta fartu, mi sta ku fómi, bu ka tene nin dó di min!". Y dipos, kant....e... um'óra, el torna ben, el ben... y dipos el virá y konka na ponta, el fla: "txibinhu, txibinhu, lebanta purkê galu dja kanta! El fla: "nha tiu, galu ki inda ka kanta!" El ba subí na la kapuera, dipos el da ku mon na kapuera d'galinha: "prun! prun!" El bira, fla:

"kokurukurukuuuuuuuu!!!!" El fla: "nãu, nha tiu! É ka galu! É nho ki kanta!" Xibinhu... lobu da la... lobu torna bai. Kantu lobu bai, dipos lobu txiga, el ba deta. kond el deta... el perde tudu kes óra, só na koza é... pa! Ku sónu! Kantu el ta kórda, el po (...) pelmanhan linpin, el sta na sónu! Txibinhu bai, ki txibinhu sta ta bai, el txuma: "nha tiu, nha tiu!" Kond el lebanta, el ben, el fla: "txibinhu, abo dexa té ki sol ja sai!" El fla: "nha tiu, anho ka dexa-m durmi noti! Gósi gó, N ka nen sabi si no ta bai, si no ka ta atxa nha tia Ganga lá". Dipos, kandu e' txiga, el txiga la na póрта, el virá fla: "pórta, bo deki!" Pórta abri. Lobu odja óbu, lobu vira, ta kai na óbu, ta panha sinku sin... ta bóta na bóka! Lobu kel óra, lob.. lobu kume óbu, lobu kume óbu, y, dipos ki dja ben ta... ta xuxa na mei di óbu. Dja... dja ki dijeja fasi... óbu... óbu... óbu... Txibinhu respondeu, el ben fla sin: "nha tiu, nu pruveita bai, purkê daki un bókadinhu nha tia ganga ta ben!" E' fla: "txibinhu, ami agósin ki min txiga lisiin li!" Ki dja tene duas óra la! Txibinhu virá, el fla: "ó nha tiu, amin sa ta bai" El fla: "txibinhu, móki bu sa ta bai? Ka bo bai inda nãu txibinhu!" Txibinhu, fla: "nãu, nha tiu, a-m sa ta bai purkê nha tia ganga podi ben, el ta otxa-m li dentu, el ta ta mata-m!" "Nãu! Txibinhu bo... óbu... si bo kre bai, bo bai, amin inda N ka sa ta bai, purkê inda sta muntu sedu... inda! Mi gósi li ki... min inda N ka nen ka kume di nha mudjer ku nha fidju!". Inton, el txiga... Txibinhu vrá, el fla: "tiu, amin, a-m bai!" Txibinhu ba ku dôs buru. Intxi es dôs buru di óbu, el sigi pa kaza. El fika lá. Fika lá y intxi korénta... intxi oiténta saku di óbu. El poi n'arei sima da si buru, y, dipos, el pô karga, e' entra dentu kaza, e' fitxa póрта, y e' deta lá na káma di nha tia ganga. Dja... dja kasa li é di-se. Dipos, el tanbe (...) ben pensar na ben, dipos el ta txiga na póрта, binha tia ganga, ben di la di txada kun karga di lénha! kon karga di lénha... dipos ta... ta bota na txon. Prontu! Kantu e' dja bota na txon, ki dja bota lénha na txon, txibinhu obi kel ruídu. Lob... lobu risponde... nha tia ganga txiga kunki na póрта, el fla: "Pórta bo néki!" El dize dent: "pórta tu buku!" "Pórta bo néki!" "Pórta tu buku!" "Pórta bo néki!" "Pórta tu buku!" "Ma ki kunfiadu ki sta dentu di nha kaza N ta fla 'Pórta bo néki, e' ta fla 'pórta to buku?'" Y dipos el ergi, el fla: "ken ta dentu, ken ta dentu, ken ta na rua, ta na rua!" El fla: "e mi ki sta dentu di kasa di-meu". Nha tia ganga ben, el fla: "Pórta bo néki!" "Pórta to buku! Dipos el ben, el fla: mas ken ki é donu di kaza? El fla: é mi! Y, dipos, lá di dentu, sima nha tia ganga ta pâpia ku'el, el... nha tia ganga fla: "Pórta bo néki! Pórta bo néki!" "Pórta tu buku!" "Pórta bo néki!" "Pórta tu buku!" Dipos, el ben fla: "mas, ken ki e donu di kasa?" El fla: "é mi!" (...) y dipos, la di dentu, sima nha tia ganga fla: "Pórta bo néki!", el mesmu fla: "Pórta bo néki?" Pórta abri. Nha tia ganga entra. Kantu nha tia ganga entra, la di dentu, el... baxu di káma, tia ganga txiga... tudu kalmu, odja pa li, odja pa lá. El be, e' fla: "mas, y... ki konfiadu ki staba aí dentu di-nha kasa y dipos ta... min ta manda póрта abri, el podi ta manda póрта fitxa". Dja el fika baxu káma. El sta la... e' sta la... y dipos, nha tia ganga dja dô-l porsimidadi di el sai, purkê abri póрта... largu. Nha tia ganga dja bai... aaaaaap! Dja ben pur osianu, dja ben béra di mar... el ta baxu káma, kant nha tia ganga ben, nha tia ganga rabida fitxa póрта, pega si lumi... k'e pega lumi y dipos kumésa ta vira se djedjé. Djedjé ta rabenta: pou! pou!!! dentu di kalderon, ta kai na txon... nha tia ganga detada na káma. El ba ta panha... el ba ta panha, ta pô na bóka. Tia ganga, fla: "ma ken ki sta baxu nha káma ki sa ta panha nha...nha gron di djedjé?!" Kantu tia ganga sta lá ti sérta altura, nha tia ganga labanta.... E' fla: "bon, góra txiga manhan N ben sabe ken ki sta dentu di nha kasa." Nha tia ganga... y dipos panha kifri meti na káma, fulia káma, dipos el finka. "É bo é ki ta na kumiéra di kasa!" Kond el txiga na kumiéra di kasa, dipos el bira, el fla: "txibinhu dja-m kansa!" El pega ku mon... xibinhu sta la na béra, purkê xibinhu ka bai.

Xibinhu fika na béra, purkê sabi nha tia ganga ken ki ben. E' kre odjaba morti di lobu! y dipos, el ben, el fla: txibinhu, dja-m kansa! Txibinhu, fla: nha tiu, N pega kun pé! El po kabésa pa baxu, el pega ku tudu dôs pé! Pega na mangéra di kasa, fika la! El ben, el fla: txibinhu dja-m kansa. El fla: nha tiu, gó nho pega ku... ku denti! E' abri bóka, e' pega na mangéra fika lá ta: lang! lang! Ta bai, ta ben... té kontu el kansa, el fla: "txibinhu, dja-m kansa!" El ben, el fla: "nha tiu, inton, nho kai, el mata-nho!" Y dipos nha tia ganga... gó tinha un monti di sinza kuazi ta txigaba kumiéra da kasa... kazu ke... nunka el ka tira kel sinza dentu kasa. Kel sinza ki ta... fasi kel kumida, kel pa... ki ta fika kel sinza di... di lénha. Dipos, el kai dentu del, kantu e' kai dent del, dipos el pega nakel... nakel fun... koza. Dipos nha tia ganga, abri si pórtá, nha tia ganga sai... ba pasia, dixâ-l la, purkê fumasa dja toma dentu kasa ki ningen ka podi sta. Nton ki kel fumasa dja kaba tudu, y dipos el ben. Kantu el ben, el responde, el fla... e... Lobu... lobu kre dja el fika ben. Dipos, txibinhu intrá ni kasa, risponde, e' fla: "nãu!" El sta la! Gentis moredu ka ta móri... sindê un fos. Y dipos el obi: "aaaaah!..." Txibinhu fla: "gentis moredu ka ta móri... sindi un fos!". El ka móri, djoga y... djóffff!!! El... Puuup! (risos) Kel tudu kel sinza... kel tudu kel sinza ki ba diskubri! Dja el linpa pólpá, fika tudu ku mon sin! Kantu inton kes denti dja kaba tudu, el mete kifri, dipos el rank'el, e' matá-l, dipos el fla sin: es óbu, tudu kel óbu... dja fla sin: Ah! Dja... y dipos dja ta kóri dentu du kasa, dja ta ranka, sai di la. Dipos inton, dja bai. Sapatín a rua sima a baxu, ken kre mais ki kontá midjor! (risos)

17. Nho Armindu, kusé ki nho ta atxa di nho kriolu, lingua kabuverdianu, si jóvens sa ta... devi kuintina ta pâpia kriolu, se es sa ta pâpia.... kusé ki nho ta atxa di kriolu. Kriolu pa nho é... kuzé?

1.2. Bon, mi... Kriolu pa mi... y dipos na Kabu Verdi... dipos N ta atxa muntu inportanti, pamódi nos é akel ki nos nu nxina. Oji... nu ka tinha skóla. Oji, dipos, ki ben ten skóla! Inton kes jóven, oji es sa ta fala, es sa ta pâpia... e...dja ku mas... dja ka sa ta pâpia koretamenti sima e' éra, purkê dja linga sa ta lívia, ker dizer, kriolu y portugês dja sa ta kumésa... sa ta djuntu. Inton, kusé ki sta kunesi? Y dipos dja k'é própimenti kriolu é kel mas grándi, é k'e mas vélhus, dja ki el ta pâpia kes kriolu midjor... mas dja ki kes jóvens ki sta na studu, dja es fika sa ta pâpia dja kuazi dja un...uma musturadu: ka kriolu in tudu, ka purtugês tudu. Inton dôs dja kumésa ta djuntu. Bon, mas dja kriolu própimenti é di kes genti di sesénta, seténta, seténta e tal anus, kes ki ka tinha skóla... y dipos nakels ténpus... y dipos inton fika na mésmá, dja kriolu kontinua. Bon, nes kriolu se... es sai pa... pa fóra, pa intirioris, pa kósta, pa Áfrikas, inton, pa nos é muntu interesadu, é sábi!, purkê óki no bai, nu ta atxa la ta intender, ta pâpia sima no ta pâpia, dja no... no ta fika tanbe sábi, purkê dja no txiga na partis ki no atxa algén ta pâpia sima nos... ta intende kriolu, purkê nos óki no txiga la, no ka intendi lingua di la di... di stranjérus... stranjéru ka intendi nos lingua, inton óki nu txiga la, aí, no... no ten txiga no ta fika... y dipos... módi dun kabritu... ku barbitxu. Módi un kabritu ker dizer, fidju dun kabritu... y dipos... ku barby... purkê no.. nu ka intende nada y es ka ta intende di nos. Inton, nu tene fómi, nu ka sibi pidi kumida, nu tene sedí, nu ka sabi pidi aga, nu meste trabalhu, no ka sabi pidi trabadju, purkê nu ka sta konprendi. Bon, ma dja ki... gósi ku si kriolu sai pa interior, pa lonji, pa nos....y dipos é nteresanti ki fika kontenti própi. Aian. Nos tudu ta fika sábi.

18. E... sobri.... si nho... nho sabi algun riseita sobri ramédi di téra... e... pamódi... médiku éra poku... ka tinha... ospital tanbe éra poku... si nho sabi algun riseita pamódi... sima k'... ali no ta fazê xa di érva

sidrera pa istômagu, xa di goiaba pa bariga... kel, kel la... ki ta fazedu na Brazil tanbe. Nho sabi algun reseita ki ta... ki ta fazê ramédi di téra?

1.2. Mi... nos nakel ténpu y dipos re... dotor kuazi nu ka kunxia. N sta kuraba só ku ramédi di téra. Ma tanbe nu ta duensia poku, purkê éra própimenti ramed di téra. Nos é na téra ki... un krima di téra... kes plantas, kes kusas tudu... y tanbe é o mesm... un krima, inton, nu ta duensia poku, purkê mi, dexa-m ta fla, mi pa-m konxebu ospital, amin inda ku sinkuênta anu ka sabia kuza é ki éra ospital. Nunka N ka txiga pertu di médiku! Ta duensia di fatu, ta duensia dór di bariga, nu ten dór di kabésa. Inton, nos ramédi éra kusé? Nu ten... óki nu daba kes topada, purkê nu ka ta tinha sapatu... kel topada... kel dedu e' ta prejudika... ramed di téra, inton nu ta panhaba palha di pulga... konxe? Pulgêras?... y dipos, no ta panha kel palha di pulga, kel leti, ki el ta da kel nódia, no ta bati ... no ta bati, sekâ-l, nu ta fasi... óki nu ta bati, nu bati el, el ta fasi módi di mantéga, el ta fasi módi di un pomada. Inton, gó nu ta po nu dedu, nu ta kema kel retadju, retadju pretu, nu ta kema fazénda... fazénda préta... di kes kor la. Nu ta kema no lumi, no ta pô nakel leti, nu ta bati. Inton ta fasi pomada. É kel-li ki no ta kuraba dedu k'el... Pos klaru! Dentu di katru dia pa sinku dia dipos nus tava la ta bai, y dja staba pruntu! Otu, nu ta kebra kabésa... tanbe na... palha, na téra. Ta panha téra, ta pila, ta kaba kel tinta ki ta sai, ki ta fika só kels farininhas, ta po ku sal, ta bati, dipos ta po na kabésa. Inton... ta panhava un xóki, dipos un rasgu grândi, ta firvia mantega, mantega di... sin... dipos mantega nu ta kumedu purkê é.... (...) kel-li é xóki di pédra. Dipos tava na ténpu di txuba, no anda, y dipos skoréga na lama. Inton, pasa... raspa na pédra! Bai da na pedra! Inton, el say... dja kaba di li kai pa dentu. Inton, kuzé ki kuzadu... ben panha kel kapa, ben poi, fervi mantega, poi nel, y dipos, antâu, kuant'éra otu dia, el sta pruntu! Ma é mutu dór nakel momentu! (..) Nãu! Mantega, ker dizer, é di leti! Inton, kel leti di baka, inton, el binha, nu ta pô-l nun buli... nun buli... ker dizer, konxa largu ma bóka stretu, ta poi. Dipos inton, el ta durmi, ta sai dun dia ti otu... dja el ta sta durmidu. Inton bu ta batê-l. Kandu bu ta bate asi... ta asi kel mantega, ta fika leti, ta sai mantega. Inton, kel mantega, dipos no ben trâ-l, kel mantega dipos é... ten munta sustánsia. É kel própimenti k'éra sustánsia di téra... purisu ki un argen é... nakels ténpu y dipos ta vive y dipos inda sta la, inda di sên... sénti tal anus. Ta kume só kel mantega, ker dizer, ka tinha otus ki nu ta fla gordura, pa nu po na panéla... y éra kel ... kel ki éra pa... gordura!

19. Nho ten nétu, sinhor Armindu?

1.2. N ten sin. Nétu ki N ten... tene... sinku di Puna. Nãu! N ten seis di Puna. N tene sinku di Rui. Tene kuartu di Pafina. N tene kuartu di Préta. N tene... un di Armandinhu. Vinti. É kel ki min tene!

20. Nho sabi nómi di tudu kes nétus di-nho?

1.2. Nétus... dipos otus ta stadu djuntu kumigu... otu ka ta sta... N ka ta sabi... má... agóra... N ten Mina, N ten Vindu, N ten Néi, N ten... y... Daniéla. N ten Neti, N ten... ki ta sta juntu ku mi... ker dizer, tudu es ta na róda, me dja sta ku mai... dipos ten Palinhu, N ten Pala... N ten kazi... (...)

21. Nho gosta di futiból?

1.2. N gosta sin. N gosta ba ta oiá...ker dizer, kantu nu sta rapasinho, dipos mininu nu ta brinkaba... e kel ki éra nos brinkadera, purkê ka tinha otu brinkadera... era kosas di bóla, kel-li, kel otu... dipos ta ba... dipos móki ta da jogu, dipos mi ta gosta ta odja.

22. Kal é timi mi nho gosta mas... di timis brazilerus o di Purtugal... kal é ki nho gosta mas?

1.2. É brazileru é milhor. Brazileru... e mas midjor.... jogu... y dipos... es jogu y dipos... brazileru é mas bunitu di ki própimenti di Portugal. Purtuges é... dipos, es ta jugá, ma dja na kal ki brazileru sta juga dja... es ta konpra jugador la, purkê es oiá, es... konvensedu... ma dipos Brazil ta djuga mas...

23. Senhor Armindu ta lénbra di suspertisáu antiga ke es ta fla ma algén, pur izénplu, ka podi pasa dibaxu di skada, ka podi sai di mea-noiti, ka podi sai di mei-dia o di sértas óras, nho ta lén... nho é kapas di splika-nu un kuza di lí?

1.2. Sin. Bon, ki li... nakels ténpu... y dipos ki nos grándi tava fla pa nos... é un koza ki no fika ku'el na mimória, e' fla sin: un ómen, logu ki e' sai dentu kasa, ki el sai dentu di si kasa, ta fla: nha fidju, obi li, óki busê sai dentu kasa, primera kusa ki busê devi fasi é levá mãu na tésta bu fa "nómi du pai, du filhu y du ispiritu santu". El fla dja lógu dia ki bu fasi sin, ki bo así, bu txama Deus y dipos poi na bo konpanha, pa konpanha-b pa nada ka kontisi ku bo. El fla: "óki bu bai nundi ki busê ta bai, ki dja sta a parti di mei-dia, bu ka podi ba sónbra baxu di ninhun pé d'arvis", purkê nakel altura debaxu d'kel pé d'arvis... y dipos ten várias kuzas ki ta sta lá... várius vultos ki bu ka ta oiá-l, má es ta la nakel sónbra, purkê ka ten ninhun kabu ki podi supara, ki é ka própi ningen nakel sónbra. El fla: "bu ka podi... duzi óra... bu ka podi sta lá. Noiti bu ka podi sai pa bu anda, purkê noti é ka di nos". Fla: "noti é ka di nos". Fla: "nha fidji, noti ka bu anda. fudja del. Anda di dia". "Mei-dia ta bu nun parti kalker, si..." —el fla — "si ha purtunidadadi pa bu pára mei-óra... mei-óra, inton bu sa ta torna kontinua anda... purkê si bu kontinua anda, kapasmenti ki bu podi nkóntra ku algun koza ki nu ta fla fitiséra". Ki ta izisti, purkê ken ta konta... purkê dja ken ta konta... dja-m konta dja kan... kantu vezis. Y tanbe nu ta fla "diabu", e' ta izisti. Dja-m konta k'el tanbe... Nãu! Ka stória! É kuza ki genti sa ta pasa...sa ta... pasa kumigu. Inton, argen ta fla sin: obi li, bu kóntra kun algén grándi na kaminhu, bu devi respeitâ-l, bu devi tomâ-l bensãu. É forma di Deus... e' ta virá tudu kosa. Fla Deus ta vira minin, Deus ta vira algén grándi, Deus ta vira algén bédju, Deus ta vira algén manku, el vira ségu... di tudu manéra. El fla: bu kóntra ku algén ségu, bu ka podi faze zunbaria del... purkê bu ka sabe... e' fla Deus el kantu ki ben mundu, ki ben vizita-no, el ben di fóras, di todas manéra. Ben odja kusé ki povu sta... sta kre neli, si ta kritika nel. El fla: inton... y dipos kel-li ki é respetu dun algén grándi. El fla noiti bu ten ki ta ta bizia vida prinsipalmenti duzi óra di noiti, purkê bu ta anda. Inton, dja-m ben fika ku kel koza na ideia... dipos... tudu sábadu dipos ten ki ba nakel... pasa dia ku... ku.... bu gentis. Inton, N ta baba, N saía di Txada Grandi, N ta saia di Praia Txada grandí, inton N kóntra ku fitiséra. Fitiséra so kuaru vezis ki ta dianti nha kaminhu... ta vira boi... ker dizer, si nho sinti médu, el ta ba pa nho, ma si nho ka sinti médu, el ka nada. Pamódi... pa mais volumi kel ten, pa mas grándi ki é, mas nho ta txiga nel, nhu ta pegâ-l asin, el ta fika la.... El ka ten mas fóras, mas el ta fasi só kel vultu. Inton, sima es ta ben, ki ben... N sai di Praia, dipos ki dja-m ben, dja-m toma kanpu direson, purkê aki nakels partis ka tinha kasa, Atxada éra linpu. Mi gó... la Praia... dipos, la di Praia ki ten kel koza la... bu

nkóntra kel grándi boi ferozu na kaminhu. Dipos, el ta kova txon... y dipos ta faze kel kuza.... gó staba lua klaru... dipos ma N saía di lonji, a-m oiá kel vultu, ki mi oia kel vultu, inton kontinua ta bai. Mas kumu nha mãi ku nha pai ta flaba-m... ma ten un... kes vultu... es ta kontaba stóra, ma kel vultu, pa... si... akazu si bu inkóntra ku el bu kaminha sin medu, purkê nãu é ka nada nãu! Mi vultu, mas... e so vultu! É... ker dizer, si nho spanta, si nho sinti medu, isprítu ta sai di korpu, dja el ta kóri... el... komu el é spritu tanbe... y dipos el ta kóri kel spritu y dipos spritu dja ka ta txiga pertu di-nho. Kusé ki ta fasi? Korpu dja ta mortu! Inton, bai, dipo.. el fla... boi dipo... un boi, boi nes óra ka ta sta na atxada. Boi... pa mas di duzi óra... ma di noiti el ka ta mexi ku algén. El ta sta na si parti la, y dipos inton... kel boi, dipos, el txiga el ba t... ta kunpanha djuntu ku mi, ta kozá.... kantu N ben bai, ben bai... y dipos kandu xinti ma krexí médu... ma N ka sta sinti médu del... y nu ben dixi un fundinhu ki ten la, purkê éra só pulgas, nakels parti... y dipos dja-m ben bai na pulga. A-m pasadu dia, noti ku sumana... inton, nu kóntra ku kel grándi kãu. Un kon ton grándi ki ta... lumi ta baza pa bóka... ki sa ta panha téra ku lingua. Da metadi kaminhu, dipos, ker dizer, kel-li é un dôs (...) y dipos, dipos el ben deta lisin li. Bon, mas mi tanbe ka podi sai fóra kaminhu, si sai fóra kaminhu purkê genti... nu sa ta kupa si lugar. El é ki ben... el ki ta ten ki sai, pa-m txiga, pa-m tira, dipos mi tira sinturãu, tira sinturãu... po rodia na mãu, kondu rodia na mon... flâ-l: pa bu... pa bu da-m kaminhu. Dipos, el rabida: bububu..... y dipos N fla pa bu da-m kamin... pur três vezis. Y dipos dja el lebanta, el istika sin, dipos el da rankada, el ta bai. Dja kel toma kel strada, kamin ki bai pa... purkê binha pelu kustadu, vês di N kruza, el deta na metadi kaminhu, purkê, kun sertéza, o el'odjaba-mi tanbe o di manéra kolker. Sta bon, sta bon. Inton, N ben fla nha pai, purkê, kel dia, mi ta odjá-l... mas di três dia pa nho fla... só nhu fla, nhu móri! Y três dias dipos, N ben fla nha pai.. el ben fla: "óki bu da... óki bu sta trópa, sábadu, dipos ki bu ten dispensa, dipo ben pa kasa, purkê bu ka sabi ki óra, dipos ki bu podi ben, bu kóntra ku algun koza... y dipos mas feroz, y bu podi ispanta, o, alias, y dipos bu podi dentu kaza bu ta bai y dipos... y apresenta bu dianti, bu ta ispanta. Si bu odja di lonji, bu odja lus di lonji, vultu di lonji, si algu ta bai sênpri kun sintidu nakel vultu pa bu odja kusé, mas, às vês, ki el trai... el ta kai bu dianti". É kel-li ki é... dipos anton, ki, nakels ténpu, nu ta rekumendadu pa no ka anda di noti. Inton, é kel-li ki éra konvérsa, dipos, di gentis grándis nakels ténpus.

24. Sinhor Armindu, nhu ta kre dexaba algun mensajen o algun apelu pa filhus, o nétus di-nho, pa vindourus filhus di Kabu Verdi ki ta ben.. pa... e... fika rijjstradu li pamódi es kuza... pa fazê livru nho ta kre dexaba algun mensajen pa es?

1.2. Bon... mensajen, dipos ki N ta kria dexaba-es... pa es... si es kontinuaba... kes faze y dipos éra muntu ben, éra bunitu própi... ki mi ten un nétu, ki inda sta... oitu anu... ma e' sa ta ba Brazil... Portugal, e sa ta anda pa stranjerus nakel vida di... batuku. Kel batuku, y dipos ki es ta batuku... y dipos, e kel ki nha nétu própimentí sta nel. Si e' kontinua y dipos nakel-li, y dipos nakel-otu ... y dipos tanbe kes mininus kada un... kada un ta nes... y dipos es anda pa lonji... y dipos inton ki es ta ben k'el, purkê ó k'es bai, k'es ben... (...) Dja sta sin un bons palavra, bons kunvérsa... y dipos es ta mas kaídu, mas dja si akazu... si bi ben arguns... algén, kes genti anda pa lonji, dja sta ben, e' ta fla: "papa, odji kel genti la, es ben... es ben buska-nu pa no ba trabadju" Y dipos es fla argun kusa... y dipos ki min ka konprendi... y dja es ta konprendi, dja es ta ba... ta koza, ta ba ta koza (...) purkê nho dja odja kes palabra... y dipos es dja

sabedu, purkê kes sai pa lonji. Es bai, es ben... y dipos un mensajen, y dipos nu bai ki éra bunitu, nu kuntentadu ku'el... y dipos, asin-asin... dipos ten stadu kes stória. Dja nu ten fika tanbe tudu sábi, kontenti, purkê es bai, es ben, es ta kontá kel stória (...) y dipos nu ta atxa bunitu tanbe... (...)

Sin, sinhor! Inton tinha un kabra préta. Kel kabra préta, el éra mai di dôs fidju, e' tinha dôs fidju. Inton, kel kabra préta, tinha un bódi. El ki éra bódi mas grándi ki izistia na mundu, ka tinha ninhun bódi! El só ki ta komandava mundu intéru! In redor di Praia, Kabu Verdi, non.... na... dja na ilhas, agóra própimenti li na Praia, kel un bódi ki ta mandaba. Inton, el ta staba li na Praia, a ténpus dipos e' sta na Santiagu, a ténpu dipos e' ta sta li pa... el podi ta sta na Piku d'Antôniu. kada óra el pó sta... na Somada, na... pa tudu kes kabu! Inton, kel kabra préta risponde, rabida... y tinha un si kumadri ki éra madrinha di kes dôs kabritu ki tinha. Inton, tudu bês ki kel bódi ben, el ta mataba tudu kes matxus. Fémi ninhun ka ta kriaba! Só matxu ki ta kriaba. Inton, kel dia, el kóntra ku si kumadri. Dipos, ela tava prenhu otra vês. Kumadri ta moraba la pa Santiagu, el ta mora li na Praia. Inton, es kóntra na zóna. Inton, e' staba prenhu. Inton, si kumadri responde, e' fla: "nha fidju... nha kumadri, anha kantu ténpu ki N ka oianha! ker dizer, a muntus ténpu N ka oianha!" El vira: "ah, nha kumadri! e... amin, N sta tristi purkê amin sta pezada Y... dja-m ten dôs fidju y... bódi, podi un óra ta mata, min dja-m ka sta sábi mas." El vira fala: "nha kumadri, mi própimenti N sta prenhu otra vês... ma ta prenhu matxu". Fla: "óh, nha kumadri! Amin N ka ten nada ki fla nha, uniku kosa ki nha ta fasi, nha ba buska uns lapa grándi na róta... un buraku grándi na róta... y dipos nha ta ba, nha ta ba... nha ta tra padjas", ker dizer, na atxada, "ta panha kes paja y nha ta bai ta mete nakel buraku. El ta mete nakel buraku... óki nha mete nakel braku... y dipos, óki Bodóna sta... kel kabritu ki nha pari, kel fidju ki nha ten, dipos el ta kumê kel palha, ka ten ki sai na dizértu pa ben kmê. Purkê asin k'e' say... óki ben budóna el ta oia, el ta mata". Inton, el fla: "sin, sinhor, nha kumadri, sima nha fla-m". Inton, el ben. Kondi ben, ben trá uns lapas grándi, purkê bódi éra grándi, bódi é tamanhu! Na lapa el ka ta bai, purkê korpu é pizadu. Inton, el ben djobê kes txubáras, ker dizer, kes rapariginhas. Inton, kumésa ta panha kes palha na dizértu... ta bai, ta bai mete na kel lapa, dipos panha... inton ki lapa dja intxi... y dipos inton, el ben panha agu... ten ki panha kel aga tanbe pa el po nakel partis ki kel... pa oia ki... óki budinhu, óki bódi sta... kabritu... dipos ten ki bibe kel aga. Y ka ten ki invadi ribera purkê si el bai, dipos bodóna ta mata. Inton, el kumésa panh'aga, panh'aga... y dipos ajudâ-l tanbe panha agu, dipos el po la. Anton, fikava último lata d'agu ba el ben panhaba. Inton, el ba, kond el txiga na ribera... na rubera, el ka atxa ningen pa ajudâ-l po kel aga na kabésa. Inton, bariga ja estaba ja prá frenti. Todus vezis k'el panha lata, k'el po na kabésa... y mon ta tranka na bariga, dja ki ka ta leva na kabésa, y dipo ben bai. Inton, el rabida, el fla: "ah! kanadja!" Ben ta pasa un ómi bistidu só di flor di laranja. Es ta bistidu di bránku, só di flor di laranja. El fla: "nho, nho ajuda-m po na kabésa". El fla: "malkriada, selvaxi, si nho sta bistidu só di kazimira branka, y dipo kond N fla p'ajuda-m po na kabésa, nho sta da-m dukason pa baxu". Rabida fla: "kuza li k bu meresia éra pa N daba bu dôs bafatadas na róstu y dipos pa-m... nxinava bu... nxinava bu... módi ki é bu ki sta bistidu di bránku .. bu ka ta po mon na lata, pa ka suja ropa". El bira, fla: "galinha branka... bu..." El fla: "galinha préta bu dianti". El fla: "mi a mim... amin só! Sima k'el ka ta bai, minin dentu bariga fla: mãi pari-m, mamãi pari-m. N ta adjudâ-l po na kabésa". El fla: "mi fidju, móki N ta pari-bu si inda ka txiga ténpu ki mi ta pari-bu" El fla: "mamãi mi, si bu pari gósi N ta adjudabu po na kabésa..." El torna, dipos ben ta pasa un ómi bistidu só di ... flor di... só di paja batata. Akel dipos ki sta

ma... só di paja batata... módi ki... dakes kórda di batata ki dja maréla, y dipos anton, el rabida, fla: "o, nho! Nho adjuda-m po na kabésa". El fla: "sima N sta bistidu só di kazimira amarélu lisin... ki N sa ta ba un kasamentu la baxu la, ba N ba ajuda po na kabésa?" El fla: "kuza ben ki bu meresia éra bafatada". El fla: "galinha préту bu adianti". Dipos, el fla: "na, na, nãu" Sima dentu, kandu minin dentu bariga torna fla: "mamãi pari-m, mamãi pari-m!". El fla: "nha fi, móki N ta pari-bu si inda ka txiga ténpu ki N ta pari-bu si ainda ka txiga ténpu di N pari.... mané ki N ta pari?" El fla: "mamãi, pari-m! N ta adjuda bu po na kabésa gósin..." El fla: "nha fi, módi ki ta pari si inda ka txiga ténpu di N pari, módi ki N ta pari-bu?" Y dipos txiga kasa, ben ta pasa un om bistidu só di... padja di laranja... verdi! El fla: "nho ajuda-m po na kabésa!" El fla: "oh, malkriada! Sima N sta vistidu só di kazimira verdi, lisin ta ba pa un kasamentu pa baxu, y dipos pa min djuda po na kabésa?! Bu sabi ki bu merese? Koza... un bafatada!" El fla: "galinha préta, bu adianti". El fla: "mamãi, pari-m, mamãi, pari-m!! N ta juda po na kabésa!" "Módi ki ta pari-bu? El fla: "mamãi nha juelha três bês, na três dedu meti na bariga três bês, nha ta pari-m". Mãi da ku djuedju na txon... djuedja três bês y dipos... mãi da... mãi da... y dipos el sai d'ribera três bês. Y dipos, el vólta pa trás, e' mete ku djuelhu na txon, dipos el pariba. Kond el pariba, el fla: "o mãi, no ba fóji... no ba pa fonti, no ba djuda po na kabésa, antis di ke algén odja!" y dipos inton es txiga na ribera, y dipos el djuda si mai po na kabésa. Kandu e' djuda si mãi po na kabésa, el fla: "nha fidju, no ba pa kasa, purkê, nesas óra, algén..." Kon poku dia dipos bu bai ta txiga... el ta txiga Kabu Verdi, el ta txiga sidadi, ker dizer, e' ta txiga sidadi. Dipos, el vira fla sin: "odja li! Mamãi, nha toma lata, nha podi ba pa kasa, mi ta ba botiza kabésa priméru, dipos N ta ba pa kasa". El fla: "nha fidju, móki bu ta botiza kabésa, abo gósi ki N pari-bu? Abo ka konxi ningen, bu ka konxi nen padri, ka konxi igreja, ka konxi ningém!" Y dipos, el bira: "mamãi, ken ten bóka ka ten eru ku kaminhu!". El vira fla: "sin". El vira fla: "mamãi, nho podi bai, ki N botiza kabésa". Inton, si mai konsigi ben pa kasa, y dipos el ba pa igreja. Kantu el bai, el atxa nha padri na igreja. El fla: "sinhor padri, N ben botiza kabésa". El fla: "minin, módi N ben batiza kabésa? Undi madrinha? Undi padrinhu?" El fla: "nha madrinha é nha Virjen Maria y nha padrinhu, dipos, é nha São Pedru". El fla: "ki ta sér nha madrinha é nha Virjen Maria y ki ta sér nha padrinhu... dipos... é nha São Pedru". Inton, nho padri batizá-l. El ben ku nómi "Ioioiana".... loiô loiana. Y mai... y nómi di si pai. Y dipos, enton, el ben pa kasa. Kontu el ben... y dipos iel atxa mãi. El txiga na kasa... y dipos mãi fla: nha fidju, dja bu botiza kabésa?!" El fla: "sin, mamãi, dja-m botiza kabésa, sin!" El fla: "nha fidju, ki nómi ki bu ben ku'el?" "N ben ku nómi loiô loiana". El fla: "Ah, nha fidju, agóra ki bu ta móri mas fásil, ki bu ta ben ku nómi di bu pai! Agó k'el ta matabu mas fásil!". El fla: "mamãi... min tanbe é loiô iana! Y dipos Bodóna... y dipos rabida... dipos inton... é... bodinhu ja sta jóven, k' el ten três mês! Budinhu ja ten ku três mês! Ki sa ta kanpia na róxta, ta kanpia... y dipos... y... ó.. ki, dia kondi manxi di três mês, bodóna ben. Bodóna ben!. Kantu el ben... y dipos, el finka un pé lá djuntu di São Martinhu. El panha otru mon, y dipos el põi riba Ponta Fórti... lisin... riba Fortaléza. Dipos, el kudí: "mo ven.. mo ven nha mãi. Mo venha pai. Mo venha kauzi tudu, mi só k'é bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, ja mata três, ka fiká ninhun pa mata mas!". Y dipos, budinhu risponde, fla: "mamãi, N ta rispondi papai!" El fla: "nha fiiu..." "N kre"— el fla— "kre rispondi papai!" E' fla: "nha fidju, bu ka risponde bu pai, purkê, odja!, bo ka ten nen kifri, bu ka ten nen kunprimentu di unha di si pé, ki podi pa... bu rispondi próprimenti bu pai!" El fla: "nha mai, N ta rispondi papai". Bodóna torna kudí: "mo ven.. mo venha mai. Mo venha pai. Mo venha kazi tud! Mi só

k'é bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!" El fla: "mamã, mamã!, N ta rispondi papai. N ta responde papai!". (...) Nha mai responde: bu ka ten nen própi kunprimentu di si unha ki ta finka na txon! Ki só si kunprimentu di si kifri é kuaru métru y meu di kunpridu...e... só... largura di si kifri... el ten un métru di largura di kifri! Bo ba presenta na si presénsa, dipos bu ka ta fasi ninhun jeitu! El fla: "mã, N flabu N kre respondê, me na viravólta ki papa ta vólta, dipos N ta responde papai!" Y dipos bai, ten ses mê, óki e' ben li, el ta ten ses mê. Óki el ten sex mê! Kondi el ten ses mê li, y dipos el ba pa intirior. Kond el ta torna vólta pra li, y dipos di la, el ben txiga kontéti, ben txiga di dôs anus... Y atxa budinhu dipos... budinhu té dja sa ta... sa ta rabenta rôtxa, ta fasi, ta kontesi.... Dipo... dipos intãu, kondi el ben, y dipos el sai, kudí: "mo ven.. mo venha mã. Mo venha pai. Mo venha kauzi tud! Mi só k'e bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!" Y dipos budinhu deta sin na rôtxa... bun!!! Y a rôtxa tremi, e' ergí, fla: "mamã..." El fla: "si bu ta móri, bu móri. Si bu ta da ataki, bu da. Kusé bu ta fasi, bu fasi, k'é oji, agóra, N sa ta responde papai!" Bodóna torna kúdi: "mo ven.. mo venha mã. Mo venha pai. Mo venha kauzi tud! Mi só k'e bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!". Y Budinhu, la undi ki sta budinhu, kud... budinhu li inda tene vós... tremi, kudí: mo ve... mo venha pai, mo venha pai, mo venha kazi tudu! Mi só ki é bódi! Mi só ki é bódi!!" Bodóna sukuta ruídu. Bodóna dipos... El torna, el ubi ruídu, y el kre sabe ondi. Bodóna kúdi: "mo ven.. mo venha mã. Mo venha pai. Mo venha kauzi tud! Mi só k'e bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!" Y dipos budinhu kumésa ta sin... kumésa ta sai di dentu rôtxa, ta subi pa si txada! Mã dja kóri, dja bai la pa dizértu, trás dun monti, ki odja ki óra ki si fidju ta subi pa kel Bodóna dipos mata. Y dipos, budinhu na mei di rôtxa kudí: mo ve... mo venha mai, mo venha pai, mo venha kazi tudu! Nu só ki é bódi! Nu só ki é bódi!!" Y dipo bodóna toda parti... e' ta ubi ruídu ma ka sabe di undi kel raiu di sataná! Y dipos bodóna torna.... y dipos budinhu subi si txada... kond e' sai txada... bodóna el tinha róstu, mas budinhu sai di pa trás. Y dipos bodóna kudí: "mo ven.. mo venha mã. Mo venha pai. Mo venha kauzi tud! Mi só k'e bódi! Mi só k'é bódi. Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!" Y dipos Budinhu.... di pa trás... bodinhu kúdi: "mo ven.. mo venha mã. Mo venha pai. Mo venha kazi tudu! Nu só k'e bódi! Nu só k'é bódi! Dja mata un, dja mata três, dja mata kuaru, ka fiká ninhun pa mata mas!!" Bodóna sukuta es kantu dja, el... bodóna, kudí: "sanba bu liani, sanba bu liani, kanta vitória, oh, mamã! Sidadi Vélha, oh, mamã... mi k'é ioiô, oh, mamã!!! " Y dipos mã, la trás di monti, undi k'e' sta, kudí: "loiô loiani, ioiô loiani, Sidadi Vélha, oh, nha fi! Kanta vitória, oh, nha fi! Ben na matu, oh, nha fidju!!!". Y dipos... ma kel bódi bizia na matu. Budinhu kudí: "ioiani djobi, ioiani djobi, oh mamã! Sidadi Vélha, oh mamã! Eiaio, oh mamã! Bodóna Kudí: "sanba bu liani, sanba bu liani, kanta vitória, oh, mamá! Sidadi vélha, oh, mamá... mi k'é ioiô, oh, mamã!!!" Mã torna... mã tanka kifri na rôtxa, kudí: "loioani akúdi: "loiô loiani, ioiô...ioiany... ioiani, ioiani, nha fi! Sidadi vélha, oh, nha fi! Kanta vitória, oh, nha fi! Ben na matu, oh, nha fidju!!" loiani kudí: "loiani, djoby... ioiani djobi, ioiani, ioiani djobi! Kanta vitória, oh, nha mã, Sidadi Vélha, oh, nha mai! Oiaio, oh, nha mai!!" Y dipos Bodóna sta apokána, ker dizer, nesi sónbra. Budinhu, gósi ta risponde mai... gósi ta fla... sa ta... ta pâpia ku'el: "mai, kel bódi é ka bódi! Mi é lion di matu!" El góra respondê, ta fla si mã: "mi... mi tanbe, mi é lion di matu tanbe" Y dipos inton na... inbaxu di kantiga. Y dipos, bodóna, di sangi di kadjara... y

dipos kudí: “sama bu liani, sama bu liani, kanta vitória, oh, mamá! Sidadi vélha, oh, mamá... mi k'é ioiô, oh, mamã!!!” Y dipos budinhu ta pega pata, pé y... na pédra.. bate pé na txon! Y dipos, el susta, el kúdi... mai, ba akudí: “loiô loiani, ioioô loiani, nha fi! Sidadi vélha, oh, mamá! Kanta vitória, oh, mamã... eioaio, oh, mamã!!!”. Y dipos Budinhu... ate'ki bodóna, y dipos... panha ki... panha rabu, dipos e' da nó... y dipos el vira, e'... y dipos jinga pa dianti: “sama bu liani, sama bu liani, kanta vitória, oh, mamá! Sidadi vélha, oh, mamá... mi k'é ioiô, oh, mamã!!!” Mai, trás di monti, kúdi: “loiô loiani, ioioô.... loiani... ioiani, nha fi! Sidadi vélha, oh, nha fi! Kanta vitória, oh, nha fy... ben ni matu, oh, nha fi!!!” Budinhu kudí: “loiani djobi, ioiani djobi, oh, nha mai! Sidade Vélha, oh, mamã, mi k'é laio, mamã!! Até ki kel Bodóna, el ranka ku tudu fóras di pézu, el tra pra Budinhu. Budinhu tanbe, el kupa txon, el finka pé, el ba la. Sima es kóntra... y dipos inté kebra bodóna un kifri. El kibrá-l un kornu... y dipos bodóna, di sangi di kadjara: “sama bu liani, kanta vitória, oh, mamã! Sidadi vélha, oh, mamã! Mi k'é iaio, oh, mamã!!! “ Mãi, la trás di monti bai kudí: “loiô loiani, ioioô.... loiany... ioiani, nha fidju! Sidadi vélha, oh, nha fidju! Kanta vitória, oh, nha fy... ben ni matu, oh, nha fi!!!” Budinhu kudí: “loiani djobi, ioiani djobi, oh, nha mai! Sidade Vélha, oh, mamã, mi k'é laio, mamã!! Até ki Bodóna torna... ku ton raiva ki bodóna tene, purkê dja parti-l un konru! Y dipos, agó, ki k'el kiria mas maldadi, mas fóras! Sima el ben ku tãu fóras... y dipos ki bodóna... ki un poku dizinviá... ki budinhu dizinviá... y dipos kifri di Budinhu... da na mon di Bodóna. Da, kibrá-l un kórnu... e... kibrá-l un mon. Inton Bodóna dja kumésa, ta parti fóras, purkê dja kibrá-l un kornu, dja kibrá-l un kifri, dja kibrá-l un mon, dja el dja kumésa dja... ta parti si fóras. Bodóna torna kudí: “sama bu liani, sama bu liani! Kanta vitória, oh, mamã! Sidadi vélha, oh, mamã! Mi ki é iaiô, oh, mamã!!! “ (...) Até ki Bodóna... Bud... a ... rinka pa'el. Y el... y ka sa ta bai pa ba kóntra ku Bodóna, purkê si fóras é mas poku, y el ta susta, ta sperá-l . Sima bodóna torna ben... si ki torna ampará-l... dipos el... de... nun pé... dipos Bodóna kibra un pé. Inton, mãi sai trás di monti... un metadi! Bodóna dja vira ku pókax fórsa. Dja parti-l un kifri, dja kibrá-l un mon, dja kibrâ-l un pé, dja el tene dja ku munta póka fórsa. Bodóna kudí: “sanba bu liani, sanba bu liani! Kanta vitória, oh, mamã! Sidadi vélha, oh, mamã! Mi ki é ioiani, ô mamã!!!“ Dipos, bodinhu rispondi, el fla... mãi la di trás di monti... mai ponta róstu, dja trô metadi, kudí: “loiô loiani, ioioô.... loiany... ioiani, nha fidju! Sidadi vélha, oh, nha fi! Kanta vitória, oh, nha fidju... N intra ni matu, oh, nha fidju!!!” Budinhu kudí: “loiani djobi, ioiani djobi, oh, nha mai! Sidadi Vélha, oh, mamã, mi k'é laio, oh, mamã!! Y dipos ki bodóna torna trapaiâ-l, sima es nkóntra... y dipos, el dâ-l kabésa notu kórnu. Bodóna dja fiko kun mon kun pé. Inton, mãi dja sai tudu riba monti. Kabra, pa tudu ladera pa tudu kóba, pa tudu montanhas. Tudú es ta konténti, purkê ninhun ka ta izisti so matxu, ta ten só fémia, purkê tudu kal ki nase, Bodóna ta mata féma. Y dipos budinhu, dipos mai torna y... y... bodóna torna: “sanba bu liani, sanba bu liani! Kanta vitória, oh, mamã! Sidadi vélha, oh, mamã! Mi 'é laio, ô mamã!!! Dipos, mãi kudí... El dja: hihahaháááá!!! “loiô loiani, ioioô.... loiany... ioiani, nha fidju! Sidadi vélha, oh, nha fi! Kanta vitória, oh, nha fidju... N sai di matu, oh, nha fidju!!! (...) Y dipos kes óra, bodóna... y dipos torna trepaia... sima el ben pa budinhu, asin ki budinhu dipos pára, dipos el kibrá-l un mon, y dipos bodóna dja bai txon. Inton, kel óra tudu kes kabra di tudu ladeira, di tudu kobãu, di tudu montanhas, ben pasa nakel redór. Mãi tanbe txiga, mãi txiga kudí: “loiô lany... loiô lani, nha fidju! N ka kre oia-e' perti nha oi! N ka kre oia e' pertu di-nha vista ki e' mata três di bu irmãu!” Y dipos bodinhu... y dipos bodóna, lá na txon: “sanba bu liani, kanta vitória, oh, mamã, sidadi vélha, oh, mamã! Mi k'é laio, oh, mamã! (...) Budinhu txi si kabésa, põi

riba ponta kifri di papai... dipos panha bodóna... y kifri ratxa metadi, meiu. Inton, el mata bodóna, kantu el mata bodóna, el fla: "ken ki pari matxu, kria si matxu. Ken ki pai féma, kria si féma. Inton, el fika... gósi ki nu ben te kel budinhu, óki nu ten un fésta, nu ta mata un, nu ta kumi, mas nakels ténpu ka ta uza, purkê bodóna ta mata féma (matxu). Sapatinhu a rua asin a baxu, ken kizer mas ki konta midjor!! (risadas)

## 1.3. PARTICIPANTE III



Nome: Isidoro Vaz Moreira

Nominho: S. Dóli

Localidade: Pedra Badejo

1. Senhor Dóli, moké nómi konplétu di-nho?

1.3. Nómi konplétu é Izidóru Vax Moreira.

2. Kantu anu ki nho ten?

1.3. Sesénta y oitu anu di idadi.

3. Kal ki é nómi di pais di-nho?

1.3. Teófilu Vax Moreira y Maria Augusta de Melo, ambus falesidus.

4. Senhor Dóli, kantu fidju nho ten?

1.3. Seis filhus... é sinku ku filhus di kazaméntu... sinku filhus di kazaméntu. Di kazaméntu, N ten sinku fidjus, kuartu mininas y un mininu.. di kazaméntu... (...) na mésmá vila y na mésmá kaza, díbxu du mésmu tétu... izatamenti.

5. Senhor Dóli, dja ten kantu ténpu ki nho ta vivi li na Vila di Pedra Badeju?

1.3. Radikadu, definitivamenti... vinti sinku anux... y désdí... vinti seis di outubru di sitént'y seix... siténta e seis, até esi data... purkê N stivi vinti sinku anu ku três mês fóra, na Repúblika Dimokrátika di São Tomé y Prínsipi. Tudú nha musidadi fóra!

6. É... nho ta lénbra di ténpu ki nho éra kriánsa? No ténpu di skóla... si nho gostaba di ba skóla, si nho tinha amigus... ter amigus... móki foi?

1.3. Désdí seti anus di idadi, N ta lénbra tudú komu si fosi oji. Tudú sértu y tudú klaru... komu si fosi oji. N tivi muntus kondisípulux y bons profisorix, nakels ténpus. (...) Diferentísimu. Edukasãu nãu, purkê nakel ténpu tanbe professor ta edukaba, muntu nbora edukasãu... misãu di prufisor é insina... nxina mininu, purkê prufisor si misãu é nxina, ki ta eduka é mai ku pai. Mas, nakel ténpu, prufisoris éra... éra segundu pai, éra méstri, éra prufisor... ta edukaba! Diferentísimu! Mas lonji di ki siu pa téra!

7. Sr. Dóli... Vila Pédra Badeju di vinti sinku anus atrás é... muda txeu manéras di gentis... se... vivi, kunvivy... ali na Vila di Pédra Badeju?

1.3. Bila... ka... ka muda. Vila ka muda.... vila ka ta muda, dikel ténpu oji vila tranxforma, ki é un kuza diferenti. Muda é un kuza, tranxforma é otu... É. Nakel ténpu, pu izénplu, na sitenta seix, mil novisentus setent'y seix, data ki N txiga Pédra Badeju, N ben radika na Pédra Badeju, N ben ku nha pai, oki dja farisidu, muskitu ta fazeba nuvenx... muxkitux!. Inton, tudú populasãu di bila li, rapas nóvus, mininus ka bai detá na béra mar noiti. Na béra mar, na stéra, ka detá na béra mar dadu muxkitux. Y... muda konsideravelmenti módi N kaba di fla. E... sistema éra diferenti. Tinha mas respeito... e... tinha mas idukasãu... y tralbalhu éra poku, mas kel poku ta servia pa muntu. Ta sirvia muntu.

8. Dja ki nos sa ta pápia na ténpus pasadus, é... nakel ténpu, móki éra namoru, móki éra mosidadi?

1.3. Em relasãu a namoru nakel ténpu, éra... diferentísimu! Tinha muntu respeitu, un filhu o un filha tinha muntu medu dux pais, é.... É purisu ki milharis di mininus, milharis di mininas ka ba skóla, pur kauza... ka ba skóla, ka pudu na skóla pur kauza di namorus, pa ka sabe lê, pa ka skrebê namoradu... Izatamenti. (...) Eu... min ka skrebê, purkê N dja staba na skóla... N tinha namorada li di pertu. Li... Vila li... dôs... ku katorzi anus, ja-m tinha dôs... dôs namoradas. Mas namoru... só di lonji, nos ka ta xiga pertu-l konpanheru...

9. Móki éra fésta di kazaméntu? Mók... tinha munta diferénsa di kel vês ku oji?

1.3. Muntus... in relasãu a kazaméntu... y dipos ki un rapas namora ku mininas durantei ténpu sukundidu... y dipos, góra, ta ba da pais ku mai kunhiseméntu. Si minina kunsinti pa manda pidi pa kazaméntu. É. (...) In relasãu a fésta, fésta éra grándi. É. Y... véspéra di fésta, dia di fésta, y terseiru dia, si minina é nóva, si virjen, ten un otru fésta inda. É... três dias di fésta. (...) Y... noivu, ja maridu, ta manxe di pelmanhan, ta ramanga kalsa... kalsa dja ki sta rolada... kaba ta ramanga kalsa dja... sabi komu noiva é ka virjen. Noiva é ka virjen, ja ka ta fazidu fésta... só lágrimas... xoru... y tristésa.

10. Ta terminaba kasaméntu si noiva ka éra virjen?

1.3. Nãu! Ja sta kazadu pa igreja. Ja e kazadu, dja... pasiénsa!

11. É... na... igreja katólíka, gósi dja sipara txeu... e'... dja sipara txeu... e' sta spadjadu pa tudu pontu du mundu... otu ta sai ba pa otru religiãu... e... ma na antigamenti, tinha suspertisãu txeu vês es ta fla, pur izénplu, kazu di Brazil, es ta fla ka ta pasadu baxu skada. ka ta saídu sésta-féra... santa. Ali ta fla ma... ka podi sai, ka podi andadu di meia-noiti, di mei-dia, ka podi xintá dibaxu sértu pé di árvori... Nho konta-nu sobri kes suspertison li.

1.3. Amin na suspertisãu... in rilasãu a suspertisãu... y... N ka ta kridita nisu ma ta izisti. N ka ta kridita.. N ka ta kridita. Y mi.. nha vó... nha... nha bizavó móri, N tinha sét'anus. Nha bizavó móri ku sent'y onzi anus di idadi. Nha vó ben móri ku sentu y séti... sentu y séti. Dja staba dja maior... sentu y séti. É... in rilasãu a suspertisãu,... istu ka ta dizaparisê ne mundu. Na Kabu Verdi ka dizaparisê kel krénsa... un krénsa... y... radikal, kel krensa...e... ka ta dizaparisê. Ten algén ki dadu falta di kunhisiméntu, kel krénsa firmi na Deus, ma ki ten poder é só Deus, tantu di fazer milagri, tantu di kura, tantu di duenza. Só Deus. Má ten algén ki ten kel krénsa ben finkadu nel kel ki ka ta desaparese. El ta kre ma ne... el ta kre... el ta kridita na fitisismu afrikanu ma ta izisti feitisu. É.

12. É... kuza ki nho gosta di fazi, óki nho sta na kaza, óki nho sta fóra ku amigus, pur izénplu, na ténpu livri, pur izénplu, ki nho ta fla... é ... ki nho gosta di faze sin ki'é ubrigadu nho faze?

1.3. N gosta di konvérsa... ku psoas di sértu kunhisiméntu, mas di ki mi. N gosta di sta... spansivu, komunikativu... é... min ta gosta!

13. É... no vólta in bukadinhu pa pasadu, é... nho konxe algun brinkadera o... alguns kuza ki mininus gosta di fazeba o brinkaba asin?

1.3. Y... mininus ta gostaba di jogaba bóla. Amin... mi éra kóntra, N ta ditéstava jogu di bóla, purkê min ka ta gusta di genti ta pô-m mon! Até oji, N fika... mi ta kóntra, mi ta ditésta! Nãu! Góstu só di konvérsa!

14. Kuzé ki nho gosta di odja na televizãu?

1.3. Só téljornal! (...) Notisiáriu. Só! Nada max!

15. Sr. Dóli, kuza é ki nho ta odja, pur izénplu, da rilasãu di... ilhas di Kabu Verdi, a relaçaũ ku mar. Mar pa nho kuza é ki ta signifika?

1.3. Mar, pa-mi, ta... signifika, ta riprezênta fóntri di rikéza... é... izataménti. Fónt'd' rikéza... fónt'd' rikéza in rilasãu a rikéza di pexi... y... nãu só pexi... ten kes kes barkus ki ba fundu... kel... rikéza na fundu di mar.... Izataménti! (...)

16. Nho ta... nho gosta di pâpia sobri algun kuza... boa, algun kuza... ki faze nho filis...e..... a témpus nho gosta di pâpia...?

1.3. É... mi... désdi dizoitu anus, sênpri nu kontaku permanéti ku portugezis... N ta dorá... N ta dóra purtugezis. (...) Língua y a kultura...y kumedoria... y... tudu! Tudu akeli ki purtugês ta faze. N sta sênpri in kontaku permanéti... koza... kel la é un habilidadi! (...)

17. Nho gostaba di kunxe Brazil?

1.3. Ó, Brazil! Désdi ki... désdi ki mi foi pikénu, N tive dja kunhisiménu ma kabuverdianu ta baba Brazil... y nkontradu, imigradu... jent' ten kel amor.. na kunxê kel téras. É... N ten kunhisiménu... ten kel stória ma Pedru Álvares Kabral ki diskubri Brazil... é... Abril di mil y kinhéntus, dia di nvensãu di santa kruz, purisu ki da n' Brazill... santa kruz... mil'y kinhéntus.

18. Kuzé ki nho gosta sobri Brazil?

1.3. Kantiga braziléra! Batukada... (...) Só batukada braziléra! Tudu batukada du Brazi... braziléra pa min gusta. (...) So da batukada braziléra!

19. Nhu ta lénbra di algun múzika, batukada Brazil?

1.3. E... góra... N dóra y... múzika di Robértu Karlus. Só Robertu Karlus. (...) Dja-m skési... dja mi...

20. Sobri Karnaval, kuzé ki nhu ta atxa?

1.3. Karnaval di Brazil, N ka ta gusta, purkê, N ten kunhisiménu, ten muntus mórtis, asasinatus. Só na témpu di karnaval. (...) Isu é in tudu mundu.

21. Sobri violénsia, in tudu mundu normalméti nho ta atxa ma na Kabu Verdi violénsia oménta, y si el olmenta... e... módi ki é violénsia ka na Kabu Verdi?

1.3. Violénsia ouménta na Kabu Verdi, dadu... auménu di populasãu. Dadu auménu da populasãu, ki oji na Kabu Verdi ten mas pulsiãx, mais autoridadis y mas krimix!. É... portantu, istu ta konsidéra ma e

moléxtia di ténpu. Mas pulísiax, mas dilinkuensiax, mas médikus, mas duensax, mas nfermeirus, mas nfermidadis: moléxtia di ténpu!

22. É... nho ta lénbra... algun remédi di téra?

1.3. Ramédi di gripi, pur izénplu, gripi na Kabu Verdi, na ilha di Santiago, gripi... ramédi di gripi na ilha di Santiago éra urina! Lava róstu k'urina di pelmanhá, inton mai ku pai ta da kés góta d'urina pa bibe. Prontu!. (...) Oooh! Da própi psoa. Izataménti.

23. Móki éra partu? Óki mininu ta ba... óki mudjer ta ten kriánsa...e' tinha partera lokal?

1.3. Tinha, y kuintinua ta ten. Amin, pur izénplu, na korénta nóvi, kondi-nha madrasta falise, e' falisedu di partu, e' ten três dias na kaza. Partéras, ta ntruduzi muiér mon na vajina, kel unha xei di mikróbi, bilhõis di mikróbi, três dias di partu! Kondu txiga uspital di Praia... na korénta nóvi tinha só dôs médiku na Praia, dôs médikus purtugezis... na Santa Katarina un, ki éra Dotor Santa Rita Viera... móri a poku ténpu. Inton, txiga Praia, dipos di três dia di Praia, na kaza na Pédra Badeju, txiga Praia, mulher tava nfetada, médiku faz opérasãu, móri...na... na mésa di partu...

24. Ilha di Sal gósi é un ilha mutu karu pamódi turismu ki sta gósi txeu. Kuzé ki nho ta pensa disu?

1.3. N kunxê só ilha d' Sal. (...) Nu ta pensa isu... ma isu e... isu é vantajozu dadu kólidadi di turismu... kualidadi di turismu... (...) Izataménti.

25. É... kel óra nu pâpia sobri kuzas kontéti ki nho pasa na vida di-nho, mas gósi nu ta priguntâ-l, ten algun kuza tristi ki dexa nho tristi, ki ka ba afeta nho gósi li... ki nho lénbra, ki nho podi fla?

1.3. N ta lénbra kuza tristi, ki é iniskisível nkuantu eu for vivu: kel krizi di mil noviséntus korénta y séti, ali na Pédra Badeju. Foi tristi. Mulhéris nu. Ómens nú, k'éra difísil konsigiba kinzi tuston pa konpra un saku pa visti. E... tinha muita água, mas disinvovimentu ka tinha! Regedor ta paresia ... tinha asiténsia ki éra p'lu governu, k'éra d' Stadu, du governu... ta daba kumida na asiténsia pa kume. Dipos ki kumida sta tudu prontu, katxupa tudu prontu, atun, tudu feito ku katxupa, kel Regedór ta panhaba un lata d'água... di petróliu, di vinti litrus, ta pô nakel panéla, nakel bidon di katxupa. Inton, otru dia, ta manxe algén na rua, mortu: diaréia!! Purisu ki...trás d' axada igreja ba sepultaba muita genti ki-m odja ku nho odju li... vivu... dja-m tinha katorzi anus! (...) Sisti! Nha pai dja tinha mersearia, e' dize-m na kaza Mendis Soaris ku seteséntus skudus nha pai ben po un mersiaria na Pédra Badeju. Seteséntus skudus. Nakel ténpu, N ta ba Praia, ku dinheru, na bolsa, ta binha ku karga na karu. Oji ta botadu dinheru na karu, ta ben kus karga na bólsa.

26. Kolé duensa ki tinha mas txeu li na ilha Santiago, kel ki mata algén mas txeu asin, pur izénplu?

1.3. Duénsas é... duénsas venérias, ta binha di Maiu y Sanvisenti. Só. Na ilha di Santiago éra firidas... firidas, fébri, só... (...) remédios di farmásia: tintura d'iodu, klorofórmio ki éra pa firida y ásidu féniku tanbe ki éra pa firida, njesãu y... konprimidus di keninu, ki oji ja ka ta izisti keninu. (...) Fébris, fébris... (...) Injesãu di keninu y konprumidu di keninu.

27. Nho ten un... preferénsia pur algun kumida nasional k'... pur izénplu, katxupa é kumida nasional...  
nho góst... nho ten preferénsia pu katxupa o pa otu kumida?

1.3. N ta gosta mais di un pon di fava... ki'é kumida prediléta ki N gosta é un pon fava. Katxupa N gosta bastanti, mas un pon d'fava e xéfi!!! N ta presia el mas! N ta dorâ-l mas! (...)

28. É... nho podi pâpia-nu sobri alguns fésta tradicional di Ilha di Santiago, si.. o São Joãu, São Pedru o Reis o un kolker fésta sin ki nho konxi?

1.3. Fésta... isu ta dipéndi di kada fregizia... kada fregizia ten si... si santu di si devosãu. É. Agóra, a nível nasional, mundial... é natal, anu novu, páxkua. Agóra fésta di sant... di ilha di Santiago é... fésta di Santiago é vinti sinku di julhu, k'é dia d'Santiago, vinti sinku di julhu. (...) Ten preparasãu... é... ntidadix... ntidadix governamentaix ki ta ornamenta ruas y idiffisius. Dia vinti sinku di julhu, só dia vinti sinku di julhu, né? Purkê dia di... e... fésta di munisípiu... di fregizia... vinti sinku di julhu... di kada anu... di kada anu. (...)

29. Y Lobu... katxoru di-nho... nho ta kriâ-l désdi pikenóti?

1.3. Désdi un mês. Só leti. Kal ki kumida ki ta kumedo, el ten ki kumê tanbe. (...)

30. Nho ta konxe algun poizia o vérsu ki ta pâpia Santiago... k'e mesmu di ilha di Santiago?

1.3. Nãu, nãu, nãu. N ka ta gosta. N ka ta gosta di stórias, purkê pa konta stória ten ki reuni... kriãnsas, pisoas maióris, N ka ta gosta di juntaméntu... ka ta gosta! (...) Izataménti. É...

31. Kuzé ki nho ta atxa di puluisãu... é... es lixu pa rua, tantu li komu ten Brazil o otras partis du mundu... e...kuzé ki nho ta atxa? Stadu ta faze tudu pa tra kel lixu, má, si me, el ta kontinua. Kuza ki nho ta atxa?

1.3. Stadu inteiraménti npusível kaba ku kel lixu. k'kel sujéira, purkê un sta linpa, otu ka ta linpa. Istu é disfarsu, é diskuidu, é disleixu. Só stuadu ka ta podi faz... só góvernu ka ta podi fazi. Inton, ta rekerê tanbe populason ajuda pa das npulsu... ao final di kontas, istu ka ta kontisê (...) Kanpanha é... kámara munisipal ki ta fazi todus dias... linpezas todus us dias, d' todas sa ruas. É muito raru, é mutu raru kel kanpanha voluntária! (...)

32. É... senhor Dóli, sobri múzika di Kabu Verdi... e... nho gosta di alguns? Nho gosta só di ovi o só di dansa alguns múzika di Kabu Verdi?

1.3. Min gosta d'presia múzika, di ovi... Funaná, Sizária, Bana y Luís Moraix. É... batuki (...)

33. Nho ten algun kuza markanti na vida di-nho, na... durantei trabalhu di-nho, ki marka nho? Si inda, pur izénplu, inda vida ativa... nho ten algun koza inportanti ki marka nho?

1.3. N ta sinti orgulhozu di sér akilu ki mi é. Mi entra na sekretaria admistrativu, oji Kámara Munisipal, a vinti dôs anus, dia dozi di janeru di oiténta. Até oji. Dja-m trabadja ku trezi xéfis, inkluidu prizidénti di kámara atual. Trezi xéfis, istu é, inkluidu delegadus du guvernu substitutu prá faze un total di trezi. Mas até oji, até a prezenti data, nunca N ka foi xamadu atensãu ma isu é purkê, pur falta di portunidades. Mi

só ta respeita ordens y nada maix. Min ka kóntra reunionx ma N ta ditésta! Ami só xéfi dikréta un orden, pronto! Só dizê-m tal koza, pronto! Mas nada! (...)

34. Di tudu kor... di tudu kor ki ten... kal'é kor ki nho gosta mas?

1.3. N ten... tudu dja ropas... ka ten ninhun... N ten kuaru kamizas préatas na mala, kuaru kalsa préata, kondu nha pai falisi... a três anus... é... (...) é... so bránku! Bránku y... kor klaru, skuru nãu! Di risku tanbe, nãu! (...) Só. N ten kuaru kalsa, dôs kalsa di káki, ainda a vinti sinku anus, dôs kamiza di káki... (...) Izataménti.

35. Nos sa ta pâpia si ropa, é... se... nho ta atxa ma ropa y módia, prinsipalménti na óm... e... nho atxa ma el muda, d'uns trinta anus prá li, e' ben muda?

1.3. Konsidéravelménti. Amin ta fla pa pior, pa pior! Purkê.. tantu pa ómen tantu kantu gó pa muiér. Purkê ómen oji ta fazê kalsa... si dinheru kai na txon, el ka ta batxa pa panha. El ka podi anda di bisikléta... pa pidela, purkê.. pertadu... mulher tanbe, a mesma koiza... ta faze saia o vistidu, ka ta podi baxa pa panha dinheru na txon. Tudu istu é moléstia du ténpu! É ténpu. Ténpu... e é époka. Três kozas diferentis. É... tantu di ténpu. (...)

36. É... y pexi li na zóna... kal'é pexi preferidu? Kal ki ta da mas txeu na mar di li?

1.3. Atun, moréia, voadór, bidion, bika. (...) Atun kun katxupa. Ótimu! (..) Ami, nha kaza li é nha palásiu. É... N ten el un konstrusãu komu si fosi un verdaderu palásiu. Un lar saudável y bons vizinhux, bons amigus... y bons kolaboradoris. (...)

37. Nho ten amigus désdi kriánsa... amigus di petu?

1.3. Ainda oji, N ten nha kondisípulus di skóla a sinkuénta anus. Sénpri ki mi nkontra-s, nu ta xinti... nu ta txóra. Nu ta sinti kel emosãu, kel lenbransa dakes ténpus... (...) Mi... na altura ki mi staba na skóla... N ba skóla kun séti anus, ku dozi anus dja nu adikiri kel amizadi prufundu k'kel koléga di skóla... kes kondisípulus, né? Nu tinha kel amizadi ki inda kel otu frigizia... Órgonx, mas aoji, até oji inda, N ta kóntra ku kel amigu, N sinti kel saudadi di kel ténpu! (...) Nha amigus sãu meus livrus. Son nha'migus... amigu di-meu é livrus. (...) Só Juzé Saramagu y Juzé Maria Relva...

38. Senhor Dóli, nho ta kridita na astrologia... kuzas di signu... kuza asin?

1.3. N ta kridita nisu. N ta kridita nisu, purkê kurason di algén ki ta konta si algén é boa pisoa, ami kurason di sinhóra ki mi ta konta-m, purkê un kriánsa di três mezix, ta oia un algén, e' ta txóra... kriánsa é un anju di três mês di idadi... odja algén, e' txóra, amin ta konsidéra kel algén é mal... purkê si anju dja txóra, é mal. Sin. Anju ta oiá nha, ta ri, porkê nha ten un bon korasãu... si anju odja nha ta ri, ninhum ralasãu di konsanginidadi, nha ka kostuma li ta djuntu k'el, el ka konxe txeru di-nha, e' ri, purkê nha é bon. N ta kridita nisu! (...)

39. Nho ta gosta di dexe un mensajen o un apelu pa kes ki ta ben dipos, un nétu di-nho o... pa un otu partikular... kontu es bai un biblioteka, kes odja kes koza skritu ku fotu di-nho. É... pa ses futuro?

1.3. Amin, nha rakumendasãu, nha dizeju a nível jéral pa tudu sênpri di nha vida y di vida futura dus meus nétus ou bisnétus, é manter a seriedadi, honestidadi, k'é rikiza di tudu kriatura ki sta nasidu y ka sta ben pa ben nase: seriedadi y onestidadi, ki é rikéza di uma psoa... na vida!

## II. ILHA DE FOGO

### 2.0. INTÉRPRETES



Nome: Antônio Brandão

Nominho: Tóti

Localidade: São Felipe



Nomes: Paula Cristina Cardoso Pina

Osvaldo Amílcar Rodrigues Batista (no centro)

Pedro Batista (à direita)

Localidade: Ponta Verde

## 2.1. PARTICIPANTE I



Nome: Idalina Pina Brandão

Nominho: D. Idalina Coladeira

Localidade: São Filipe

1. Dóna Idalina, kal o nómi konplétu da sinhóra?
  - 2.1. Idalina Pina Brandão.
  
2. Es ta preguntâ-bo kal'é k'é nómi di bu pai?
  - 2.1. Ah! Antóniu Lópis Brandão... y... Antóni Lópis Rudrigis e... nhe... Filismina di Pina.
  
3. Si es ta móra na Bila... si es sa ta móra li na Bila o na interior?
  - 2.1. Nha mai? Nãu! San Lurénsu.
  
4. Si bu nase li?
  - 2.1. Y... San Lurénsu.
  
5. E' Pregunta bosê koza ki bu gósta di fazê na bu tenpu livri... kandu bu ka sta ninhun trabadju sin na ka... koza ki bu ta gósta di fazê?
  - 2.1. Só linpa nha kaza, N konpô nha kaza. N ba ruba dâ porku kumê...
  
6. El preguntâ-bu kantu fidju bu ten?
  - 2.1. Min ten... N ten... trêš mortu... nã... ten kuantu mortu, trêš bibu.
  
7. Se filu bu ten sta tudu li o si bu ten nétu tanbén... tudu li?
  - 2.1. N ten nétu. N ten binétu. (...) Sin. Na Mérka. (...) Juzé Oklídiu Piris... Só nominhu? N ten Juzé, N ten Inási, N ten Viviana, N ten Vilê, N ten Sándru, N ten Fla, N ten Karlitu, N ten Janisi...
  
8. Es ta preguntâ-bo komu ki'é nómi di bu maridu... kantu éra jóven... ker dizer, konfórm ki foi konkista ki nhu sta ku... nha namoru?
  - 2.1. Nha maridu, el txuma André Ferarinu Brandan. Ma el ka mánti li. El mánti na Mérka. Dja kantu ki e' ta ben di Mérka, el ben ku nuvénta y séti anu... di idadi. Kantu k'el ben, el atxa-m kun fi dja na mon, nobinhu, el ki kria-m el. N ben... N ben ten kel fémia ku el tanbe. Y... el rabida, el kaza ku mi... kantu mi ten kel fidja ku'el... el kaza ku mi ki el... tudu fidju kazadu. Dja ta... ómi grándi!
  
9. Es ta preguntâ-bo... na altura di bu juventudi... kantu bu éra nóvu, komu ki éra... ki ta namoradu ali na sidadi... si éra ngatxadu o klarus?
  - 2.1. Si ta moradu? Namoradu... si éra ngatxadu? Ah, nãu! Falta-l respetu ki... sin... gósin ka tinha bédju!! Bédju... si kre, N ka djunta ku ninhun di-nhos ma, si bise akel ku el, dja-m odja nho lâ, N ta dâ kósta, N ta ba ku respetu. Y oji... ami... di oji sta fei!
  
10. Módi ki... pur izénplu, algén kre kaza-bu... módi ba pidiba kazaméntu na pai?
  - 2.1. Y... óki ta pidi kazaméntu, dja si mi... kondu nhós é amigu y... N ta manda kaza di-nha, el ta ku karta, el ta liba... (...) Pois. Tudu ku respetu.

11. Es ta preguntâ-bo antigaménti... katólíku... tinha igreja katólíku... na sésta-féra santa, si e bon pa saí o si ka éra bon pa saí... pa bo anda baxu di skada o baxu d'alguns lugares...?

2.1. Sésta-féra? Di sésta féra... sésta-féra santa. Nakel ténpu ta gardadu. Nakel ténpu di nha mai ku nha Dóna, el ta gardadu. Ta lavaba pratu di oji, manhan é sésta-féra, ta lava pratu di oji, ta nbrudja ne tuadja ku kudjé, ku tudu. Ta nbrudja pa sirvi manhá sésta-féra... y ki bédju, manhá sésta-féra, argen ta njinha... ka ta kumê! Ka ta dadu po midji na pilon, ka ta po mindji na pilon... ka ta muídu... ta muídu di ántis, du sta gardâ. Ken kre kumê, tinha ki fazê gó... si kumida na sésta-féra. Ka ta tradu di Maria sangi... so kumedu pexi di mar. In. Ka ta mata galinha, ka ta mata porku, ka ta mata kabra, ka ta mata... ninhun koza pa tra sangi na dia di sésta-féra... nakel simana di sésta-féra. Ka ta txeu kontada. Ka ta... purkê é pa gardâ. Agó, pexi ta kumedu pexi! Nakel dia di sésta-féra, bo ta kumidu karni? Nãu! Bo ka ta kume karni, karni di animal bo ka ta kumedu. Só pexi! Óbu di galinha ki... ki du ta kumeba. Du ka ta... karni dia d' sésta-féra nu ka ta kume karni, du ka ta kumeba..

12. Es ta preguntâ-bo módi ki bu kumesa di sér koladera... si bu vokasãu di bo sér koladera... ken ki nxina-bu... tudu akes?

2.1. Nha mái éra koladera, pundi ki el ta ba, el ta baba ku mi. Y... kel ba... kel tradisãu, el ta baba ku mi. Y djuntu del ki nxina. Dja kond N ta ten dozi anu, dja... dja-m ta aprendedu. Óki N ba na pértu tanboru y... kess ómis ta karéga-m, ta po-m mód'u onbru pa vos subí tanboru. Y sin mi nxina kolâ, djuntu ku nha mai ki N nxina kolâ!

13. Se Nha pódi kolâ un bokadínhu... pudi kolâ?

2.1. N ta kolâ sét'tanbor. Amin ta puxa, óki N puxa tanboru ven puxa sima min pa e' sabê ki el... pa ba ruba mi: e la, la.... e la, la.... (Infelizmente, não foi possível transcrever a cantiga)

14. Si bo ki fazê... es létra...o ki módi'é? Si bo ki ta pô bu kuadra?

2.1. É mi ki ta fazê di mel!

15. Se gósin o si bu fazê-l ántis?

2.1. Nãu! Dédi antigu! É. Kom... si N odja nha, mi sta na bandéra, sangi dâ ku nha, N ta kolâ, N ta ba ku nha la ramu faradu, N ta na sinhór... N ta ba ku nha ramu faradu y... N ta ba... sinhór flâ-m karker kuza, N ta ku nha lénsu mon, N ta... N ta tra, N ta pará na odju, N ta flâ: "Kel ki ka dadu, ta dadu brigónha!". N ta linpá odju, mi ta fiká ta linpá odju... ku kel brinkadu.

16. Se bu ta atxa si... jóvens gósi li ta kontinua ku es tradison o nãu?

2.1. Jóvis di gósin e' prexia... ma diferenti sin gó... kes mininhas ta nxina ma e' pa sta djuntu ku algén ki ta nxina-es, pa da pa nha laiba... ki... ki N ta ba pa nxina-es. Bon, kond txiga ténpu pa pô-es pa... pa nxina, pa prende, purkê mi, si ben argén, mi nxina-es. Si N ba, dja kel tradison ka ta kaba. Sin. Pamódi mi, N ta kunheseba. Nha grândi ki e' ta flâ-mi... ma kel ómi ki ben, e' labanta trã... ki labantaba tradison,

txuma Sangulê. E' ten un tanborãu di Kánbra. E moku. Kel tanbor, el ta trã pé, ku pó p'el ubi na si oredja. Bon, dispos, el kantu k'el morê, si djenti ki fika kus órgãu, kel tanbor éra tamanhon asin.... y .... Yan!... si djenti ben fika ku'el, si jenti ben morê, Pedru ben fiká ku'el, e' korta kel tanboru té kel vrã miodin... ma tanbor di kanbra... pamó ke li... e... muié ki daba kánbra kel tanboru ku... ku panéla sta la, ma tanbén ka mestê po lenha. Yan! Tradisãu!. Nós me li si du atxa, basta ki genti di bédju di ténpu purtugês... un... un bês, ki akel genti ki ta fladu "gentis bránku", el ben ka ta kredita... es ka ta kredita. Bon... kel mindju na pilon, e katu óra d' tardi k'el ta pudo. Anton, kand ben kuantu óra di tardi, n'óra di pilon, dja... mitadi ka prá li, ka prá la... el agó ki N odja... txiga na... anda tantu ki ben txiga kel óra, (...) distronka... mundu sakúdi... sakúdi!! Sakúdi lâ na meu di séu, ta ubi kel tanboru, ta rufa di pilon... ta rufa di pilon, karneru ta "bééé'!" Kel medu di... ka mandaba kel pilon ki... ó kel pilon, kel otu... véntu ta pididu sokoru, dja ka... marka pilon ku koza, ténpu ba ta krarisê, ta krarisê, ta krarisê. Óki bira klaru, es odja gó mó... uma koza ki ten ma bo ka pode flâ ki ka ten... ka pode flâ ma ka ten! Basta ki... es... es' kuza di fésta. Ali ten São Sebastião, dia vinti, la li nha paraji na Kóba du Txon ma... y kuza ki fika... fika kovi, mandióka, aroz, lénha, asúkar, kafê. Óki fika é pa... si fika di diazántis... e pamódi óbu ta pode se brasa lénha... obu ta torna po riba, el ta fladu "kebra-osu". Bo ka ta fazê-l... óki bo txiga, bo atxa bitxu.... kel argen ta otxa bitxu tamanhon! Sangi di Maria tanbe, ta tradu, fladu oji é dia d' Son Sebastion. Ten ki tra kel imaji pa po-e' na strebaria... pa vinti dôs anu ma bu ka pódi troka kel imaji... bu ta troka kel imaji, bo ka ta kuzê... kel imaji (...) y dia matansia era béspra... bo ta kaba d' troka kel imaji. Dia matansia, bu ta ba pa tra bitxu tamanhu munhu... o si é porku, s'é bitxu tamanhu munhu ki bo ka ta komê. E la ki ta kredu, e la ki nos ta oia... ma ten ki krê na santu! Sin. Nho São Filipi. Mi ta kolâ-l. N ta flâ, ta demonstrá-l kel tudu... purkê (...) mostram-m el tudu. El é bensedor di batadja ki benseba si prósimu na rua di margura, ku fomi y ku sedi... ma vinse ki... kes apóstulu tudu! Nho Sant'Antoni, el ten dozi milagri... el bense kel dozi milagri. (...) E 13 di Junhu... Sant'Antoni... nu ta brinkâ-l, nu ta fazê mastru, nu ta modja pé ántis pa mexê na bókarun. Dja-m odja mastru... dja-m odja, mas... (...) koba txon gósi, ta finka ke' mastru. (...) Todu mastru di Son Djon o di San Pedru, di Santantoni, di São Filipi, tudu, el ten brinkadu na ténpu di azágua ki txuba dja burufa. Purmeru burufu di txuba ki el ta djunta ku tanbor, ta rinka brasu tudu... Yá!

17. Si bo ba argun... lugar bo.... pur izénplu, na Praia o Sanvisenti o Santanton... kal'é ki bu ba kolâ?

2.1. N ka lebadu. El trevistaba-nos anu pasadu. Praia... Praia, dja-m... dja-m ba duas vês. Si. Dja-m ba duas bês. Ma es otu bês, dja li ki... es po un koza lisiin gó, N pâpia... el pô lisiin, N pâpia... tudu es trã-nu fotu. Tudu mi ku tanboreti, mi ku tanboreti. Tudu mi ku tanboreti. Es faze-m txeu prugunta, tudu N respondê un vês, ma kantu e'éra pa baba Olanda. Kantu ben na... na barku, min dja es ka lebã, ba só tokadoru, kun dôs koladera, nada es ka fazê. Mi, es ka txumã-m. Mi zanga, purkê si ami... purkê ka é sin ki es sa ta flâ. Mi é zóna ki só N kolâ é São Filipi. Es tra m fóra. Mi ka kre pâpia. Es po pa djobê un argén ki ta konbati ku mi... N flâ-l ma na mundu li, es ka otxâ-l ta konbati ku mi. Es ka po-m... es ba kel Holanda. Amin es ka leba. El ba liba...y... y... mi gó ki... ki... trevistá ke mudjé flâ própi, trã-m fotu, mi ku kel tokadoru, dja fika di txumã-m ki é pa nu bai... la na Holanda... es ka txumã-m, N ka baba!

18. Bu ta lénbra kal é ki brinkedu... brinkadéra bu ta fazebo kand bu éra minina?

2.1. Brinkadéra N ta fazebo? N ka fazê ninhun brinkadéra kandu mi éra mininu. Kondu mi... nha mai morê, N fika mininu... y nha gentis di nha pai ki kria la na Mosteru, na korénta, es ki skapa-m... gentis di nha pai... y... ki skapa la... y min, ninhun brinkadéra. Má kolâ, gó... mi fiká ta kolâ! Kolâ... ta kolâ, pamódi nha mai nxina-m el. Dja staba ku dozi, kandu mi... nha mai morê dja ben fazê tre... (...) ka brinkaba ma... ma nha pai inda... nha pai ó mi, kantu mi ta mininu li, el ta ba... Angóla. Du ben kunxê kunpanheru grândi... diskulpa-m dja-m ten tudu fidju... ma el more gó.

19. Kantu anu ki bu konsigi rejistra?

2.1. N ben rijistra grândi, ku fidju nha mon. Mi, k'é nha maridu ki ben rejistra. Nha mai morê, nha pai ba Angóla... ami, nha maridu ki ben rejistra nha kabésa, el ben, e' ta kaza ku mi. N rijistra, N botiza...

20. (...) kantu anu bu ten?

2.1. Siténta y seti... (risos) [TEM OSCILAÇÃO de acento: NO PÁNHA, NO Kumê;;ditâ, dita/ kumê, kume]

21. Se bu ta lénbra di sidadi... di korénta, trinta anu atrás... si bu ta lenbra komu éra ántis?

2.1. Ah! Muda txeu! óh! Mi... kantu ki mi mora na Bila... purkê kantu ki nha maridu morê, y mi fiká ku kel mininu, gó di-se na pé, N flâ: "bon, mi lâ na'txada (undi ki no moraba), N ten kaza..." ma N flâ: "maridu ja morê..." N flâ: "N ta ben morá na Bila. Dja N ki ta pô-es na skóla, ki es ta sér mas sivilizadu... di ki fóra". N ben fiká... ben fiká moradu li gó na Bila, dipos ki nha maridu dja morê... dja morê, ki N ben fiká moradu li. Es ta kria tudu li... ma, un dia... un dia... ó kantu ki m... ki N ben mora na Bila, ki dja éra sábi! Sábi, ku respetu, ben linpadu, kumê pudi kai na txon, nho panha, nho kumê. Linpadu... ben fetu y dretu. Oji... suju. Oji e' ta suju. Bu ta ditâ di noti, bu dita in pas. Y, óki mi kontra ku nho dentu kaminhu... ku ruspetu! Oji falta respetu ki ten, e' ka ta sábi ma... (...) Sin,sin... kel respetu é ba... ta respetaba otoridade, ta respetaba nha dentu di... Oji kel-li, N ka... nen otoridadi ta ponha médu, módi é muntu... muntu kuza ben inbentâ... ki mi própi, N ka ta ... K'amódi bédju nos... y... y... du ta fazê nos kumê... du kumê. Du fazi ta kontisedu, du linpa nos kaza, óki mi ta baba di linpa... asin nha txon, la na stánsia ma mi dixá nha mininu li, N ta baba ku... sédu... ku sónu... k'amó kabu é serenu, ningen ka ta buli-m... agó, oji... (e' stá grândi, N ta pasa noti la, N ta ku fadiga, N ta ba, N ka ta drumi... N ta torna ben ku fadiga, N ta flâ: "Ó Diós! Nho akonpanha-m..." pamó, óki pudi ben.... Agó min nãu! Ku mi li nãu! Un própi... mi... mas dja sta... el ten si kuartu li, ali... ami, nha kuartu e la. Ma N ta lebantá noti-noti para ben biziâ-l. Un dia, N ta abri kel pórtá, N ta ben ta biziâ-l la... sin ningen pa ba konpanhâ-l.) Pamódi é tudu. Tudu stá suji oji. Ka da ku pédra, garafa ta kibra, fata respetu! Pamó bédju ki nos ta flâ: "sujura ja dítxá... dixá isforesê pa du... pa kumê... di fazedu di tardi. Dipo, du sta... ba kama deta... y... óki nu ba detá, ka pudi sta barudju dentu di strada... el ta sube, da nha. Purkê nha ta... nha ta manxe, nha ten ki deta pa diskansa spiritu pa nha manxe ku nha... trabadja. Agó, oji ki ka ten... ka ta detadu... ka ta detadu... é ku barudju, é ku tudu koza. E ka ta sábi... ka ta sábi... ka fika ok! Fika difísil. Kumê... bu kumê, kumê fadigadu, dizolentadu... mi di idadi, inda N ta razâ.... mi ta razâ, N ta pidí Jizu... apo nha genti, bu ta faze nada, agó N ka ten pundi bai sin. Mi dántis sintadu na rubera da porku kumê, la mesmu ta razâ-l... Un? (...) sin. Ku mon... N pâpia

ku Nhordés, el é ki pai di nos tudu! Purkê mi, óki N ta deta... N ta razâ... N ta flâ: "Jizu kristu, fidju di Deus! Nho konpanha tudu fidju paridu. Kel ki ka ta lénbra di-nho, nho ta pordoâ-l si kulpa ku si pekadu, purkê el debe sér nosenti! Yá!! Pa Deus pu sima y Maria pa noti pa manxê... pa kunpanha-bu tudu fidju!

22. Pregunta kuza ki bu ta otxa ne mar... si mar é un vida, si el ta da vida pa algén... ta ganha pãu?

2.1. Â...hã... ta ganha pãu! Si un koitadu sta na téra, el ka ten na ke el pega, el ka ten un trabadju, prâ trabadja... dja kel ki ta piska, ta dadu. El ta ba, Deus ta da kel pãu. Noti tene dinheru. El ta ben ku kel pexi. Du ta konprâ-l un. Dja ta dâ-l dinheru k'e ba konprâ un kilu di aros pa el ben vra saku di fé. Mar é vita? É vita! Sin, é vita! Sin. El ta da. Amin ka sabi piska. El ta ba, Diós ka ta faltâ-l un kel mi rés. N ta ben, dja-m kunprâ-l un sén mi rés di pexi, dja komoda ben. Y... é ki sén mi rés di pexi oji, gó, ka sta bende. Agó é trezêntu... kuarusêntu... ma komu koitadu... koitadu, góra ta remediâ, ta remediâ... el ta remediâ-m. Bo oia kel sén mi rés o duzêntus skudu dja el ba transâ tanbe, dja el kume. Mar é vita! Tanbé si N ka tene dinheru, el ta ba, el ta pegâ-l. El podi ben, el ta konpô di se, el ta fervê di sértu, po sis farinha, dja el kumê, dja el bibê, dja skapâ-l. É vita! É vida!

23. Es pergunta kal'é pexi ki mas ta morê li na Fogu, y ki kumê, kumida ki ta fazidu mas txeu na Fogu?

2.1. Katxupa, djagasida... rolon... ta faze nos' rolon, ta feze nos modju-l pexi, du ta transâ ku'el, du ta kumê... y... ta kuzinha aros tanbe... du ta moeba mindju ta moídu y... ben fazê djagasida....

24. Djagasida, kuma ki ta fazidu?

2.1. Fijon di baji... pexi ki ta morê mas txeu e o atun. Es ta ba, gó ka ta morê. É só séra ki sta ta morê. Agó, es ténpu li, dja ben... ta morê atun txeu... ten otu ki txuma buador, garopa...

25. Kal'é ki bu gósta mas? Pexi mas ki bu gósta del?

2.1. Ki N gósta del? Mi ken ki ta gósta del, góra, mas di tudu, góra, e garopa... e bika... un ki txuma bika, sábi!

26. Módi ki ta fazedu djagasida?

2.1. Djagasida... N ta pô fijon riba, óki kuzinhâ, N ta kuâ-l, N ta tra kel agu, N ta torna po riba, N ta po aga ki ta fika baxu di grãu. Óki N po, N ta tentê kel rolon... N ta tentê, N ta tra farélu tudu. Óki N tra farélu, N ta po farinha so, rolon so... N ben panhá rolon, ta burufá-l na balai, tentê, djuntu, un grãu finu di sal, pokinhu, nakel rolon, N ta burufá-l, y... N ta po-l riba dakel bintu. Óki dja pasa fumu, N ta torná po el ... agóra... agó... no ta po-l aga... kel rolon ta fika pegadu. Udispos, N ben burufá farinha, N ta bo ruba del. El ta subi. El ta subí, udispos, ta ben entrâ, el ta fiká k'kel grândi pinta na el, nu ta transâ, N ta tenperâ-l, N ta tenperâ tanbe fijon... ta po na pratu, djagasida n'antrô, fijon n'antrô, monti di pexi o di karni n'antro pratu... ta... ta transâ kel djagasida... é sábi!! (...) Katxupa tanbe N ta fazê! Sábi! N ta po-l karni, N ta po-l faba, bráunku. N ta ferbe fava n'otu panéla. N ta tra agu. Udispos N ben, N botâ nakel katxupa. N ta po-l karni di garinha, N ta po-l batata ngrésa, N ta po-l sinora, N ta po-l pé di porku, N ta po kobi. (...) Tudu el

ta po nakel un katxupa. El ta da gostu sábi! N ta po-l karni, dôs karni di garinha dentu del. Ók'el kuzinhâ, el ta fikâ bonitu... sabinhu! (...) Agó... katxupa, té ki N fazê-l... y... di noti, N ka ta komê-l... pamó... sábi... ka ta kre fazê na sal. N ben komê el, góra, tudu dia purmanhan. N ten... ben gizadu, tomâ-l ku kafê. Di noti, óki N fazê, N ta kebra kel katxupa, ta kebrâ-l, N ta po-l lumi dibagarinhu, k'el ta kuspí kel góma, N ta tra un bukadin dakel góma. N ta tomâ só kel... pa ka komê gó kel mindju, pamódi mi... ka fazê mal'a sangi módi stangu dja ka sta... muí, kumê deretu. Otu dia, góra, N ben rafugâ-l gó ku sabóla, ku kuza... ta torâ, N ta tomâ kafé sábi!

27. Si bu saber argun stória... kontá stória, pur izénplu, stória pa mininu... pa po mininu pa drumi... argun stória asin si bo sabê kontá?

2.1. Yan!! N ta badjá-l, N ta niná-l, ta flâ sin: "ah, ah, ah, ah, aaah! Ali lubu ta ben, ta ben pegâ mininu!" N ta fiká, ta ninâ-l asin, el ta ba ku sónu... óki e' ba ku sónu, N ta deta.

28. Stórias... ta kunta pikenas stórias... bu sabê argun stórias?

2.1. N ta kontaba txeu, dja-m skisê del!! N ta kontâ... N ta kontaba stória txeu! Dja ten muntus anu ki N ka ta kontâ, dja-m ta sai di kabésa. N ta kontaba un stória di kabra y gazéla. Yâ! Ki ta... ta konta... ki se...el ta ben... kabritu di... kabra gazéla ta fikâ fitxadu dentu kaza. Kabra ta róxta kumê padja. Óki ben... óki kabra dja tóka... el ta ben nakel pórtá, ka ten si fidju fitxadu... y... Ah, nha genti, N ta skisê del! (...) Ta konta, ta flâ... El ta konkâ na pórtá, el ta flâ... Ah, nha gent dja-m skisê del! ... ta flâ: "se fidju pódí saí pa trá leti di se mama..." nha genti dja-m skisi del! (...) N ten stória di kel , N ten stória tanbe di... di... garinha giné. Sin, ki galinha giné, matadu y... el matâ-l, kuzinhâ-l, na gaf... matadu, kuzinhadu, kumedu... kel osu na pratu ruba mésa. Kandu argén kaba kumê tudu, na lugar sta pratu, kel osu djuntâ un bês, el vra un galu otru bês... el kúdi: "kokorokoró!!! (...) Sin. Kel osu djuntâ un bês. El sta riba mésa, el finka, el kanta...

29. Es preguntâ-bo, tenpu bédju, ramédiu di téra... módi ta fazidu ramédi di téra pa várius duénsa?

2.1. Y... du ta faziba só no ramédi di téra. Si bariga... si duê mininu, du ta panhá siménti di bóbra... du ta ilâ-l, du ta pilâ-l, du ta pilâ-l, du ta po na leti di kabra, du ta mexê, dispos, ben kuâ-l, du ta da mininu... mininu ta botâ lunbriga... lunbriga di dentu bariga... Yá! Tanbén du ta panhá leti papaia... nobu... bu ta lanha sin, dentu di leti di kabra... du ta lanhá-l, el ta da kes seis pingu dentu d' leti di kabra, ta mexê, ta da mininu, e' ta tumâ-l, el ta botâ kel lonbriga. Tanbe... dór di kabésa, óki du xintiba el, du ta fazeba xâ di kaska laranja... du ta fazê xâ di kalipu, un fódja ki ten lá di... Monti Bédju, kunpridu, ta ferbê k' kaska laranja, du ta tumâ-l... é ramédi! Tanbé... si du teneba firida na pé, du ta panhá érba, du ta fazê tabaku... du ta... muí kel tabaku, du ta po nakel firida, e' ta sara! Ka tenba... dotor! ka tenba médiku! Sin! Y... y kel dór di kabésa, si du sintí... du ta panhá farinha mindju, du ta tentê... du ta ponha babóza, du ta pinga dentu del, du ta fazê kel obinhu asin di farinha. Ta fazê módi a peza... bizoti tumâ-l, ta pasâ no kabésa. (...) si pasâ no kabésa... y tanbé si du ka... pílula di babóza! Du ta ferveba un padja tanbe, txuma Texerinha... 'ki dor di bariga da, es' texerinha... du ta ferbê, ta fazê xâ, ta bibê. (...) Yá! Dja mindjóra! (...) Apos! Ta funsionâ mas... (...) Fébri ta daba-nos, ta fazê xâ dun padja ki txuma Vergata. Sin. Du ta tumâ-

I... (...) Fébr... pamódi fébri ka sta dadu, ramédi traba fébri. Fébri da-nu, é kel ki é nos ramédi: du ta panhaba leti, kel ki e' ta batê na bu leti, ta tra mantega, du ta tra kel leti, du ta panhâ sar... di Dja d' Maiu, kel grosón!... du ta ferbê nakel leti, du ta bebê, ta pasâ kel fébri.

30. Si karnaval li na Fogu ten tanbe, si e bon fésta, si e fésta animadu sin?

2.1. Yâ! Du ta fazê fésta animadu! Amin ta fazê fésta la... noti! Du ta fundâ na se sakuru ku'el! Es ta flâ... ku Reinadu. Reinadu saí dia sex, a-nos ba topâ ku es la na mea-noti. Mi ta ba na béspe, ta topâ ku'el, no bigia nundi du ta ben... du ta fazê, du ta kuntisê. Du ta... dja la... du ta fundâ no se sakuru, ku tanboru, ku bandera... di tantu fésteju... du ta ba, dipos, du ta ben... ben kumésa fésta di karn... du ten... ta fazidu badju, tudu d'el... du ta brinkadu sábi, la na Luziânia. Ali, gósi, ta brinkâ-l ma só ni dia dimingu ki kel karnaval ta sai, ma mi, góra, N ta brinkâ la na Luziânia, undi ki es ta funda-no se sakuru.

31. E' flâ se bu odja karnaval di Brazill, pur izénplu, es ta da na tilivizáu... módi bo ta atxa karnaval?

2.1. Ah! N ta atxá bunitu! N ta oiá na tilivizáu. N ta otxâ-l bunitu, N ta flâ: "uâ! pamódi di-nos ka séba sin?" Ki es fésta bistidu bunitu, gósta di brinkâ bunitu!

32. Se bu gósta di novéla brasilera...

2.1. N gósta... N gósta, ta atxâ bunitu. Na óra ki la na kaza di jon.. ta ben korê, ta ben txumâ-m... min ta ba spiâ. N ta po un dikumê ruma mesa, N ta biziâ purmeru, dipos ki N ta ben djanta. N ta atxâ bunitu!! Òki kel karnaval saí, amin própi ta fikâ, ta muí korpu sin... ta otxâ bunitu!

33. Kuzé ki bu ta otxâ di lingua kriolu, no língua... ta pâpia Kriolu, kuzé ki bu ta atxâ del?

2.1. Kuzé ki N ta atxâ del? (...) Ah! Yâ! Amin di-nho N ta gósta del. N ta gósta di-nhi linguas ki nho ta pâpia. Di-nho é diferenti di-nhos! Dja mi... y... pamódi N ten un néta ki sta la na Mérka. Óki N ba vizitâ-l, el da-m ses mês, mas sinku mês ben da-m li... N flâ: "óki N ben, N ta tornâ ba pa Mérka!" Aí, N ta atxâ kel lingua sábi... y... es ka ta ntendê di me, mi ka ta ntende di se... óki... N fazi asin... óki flâ: "fotu!" N ta flâ... N ta biziâ ku kabésa... pértu! Bai lonji, el tra fotu li, pamódi el ta flâ pamó obí... amin ka sabê di ses, es ka sabê di me! Pasiénsia! Ma min gósta di-nho lingua! Abo... kad... kada parti ten si lingua! Yâ?! Própi ki nha maridu, el teve la na mérka ma é kel merikanu... y... kes xéfi merikanu ... el ta nxinaba-el lingua di nos... el ta nxina di lê, el ta pagaba, el ta trabaiâ... nos ki ta.... Es ta pagaba el pa nxinâ-s lingua di kriolu. Ãh-hã! Es tanbe es nxinâ-el lingua di merikanu ki el ta papiaba monti d' lingua... Yâ! (...)

34. Kuza ki kuntisê ku bo ki bo ta gostá txeu (...) ki dja kuntisê ku bo... si dja ten un kaza ki bu gósta del... kuma fazê-l, kelas koza la, kes ténpu...?

2.1. Aaah! Mi ... mi dj-m fazê kaza ki txeu, désdi ki N sta li moradu... na Bila. Dja-m bendê kaza txeu, N ta pidí nha minis... kaza kel kalsada é bon... mi ses pai morê, N fikâ ku es tudu pikenóti. Dja-m sta na katorzi kaza ki dja-m bendê li pa-m kria es, na nho "way", módi merikanu ta flâ, "na nho way". Pa es ka ba pa pórtá di argén, N ta bendê-l. N ta fazê, N ta kumê. Dja es ali é último kaza ki mi fazê. Sin. Kaza ki N fazeba, dja pa trás... y... N bendeba... y kantu ki N bendê, kunpra pasaji nakel ki N ba mérka... na kaza.

N konpra bédju, N ditxa... N ba, N ben fazê. N tornâ ben fazê. Es' li tanbe é un kazinha ki N fazê, mas es' ali di agó, N ka ta vendeba ma agó... idadi ta sta konpromiti ki N trabadja mas! Dja-m sta bansadu ku idadi... ta gósta... N ka ta parâ... N ta gósta di nha trabadju! (...)

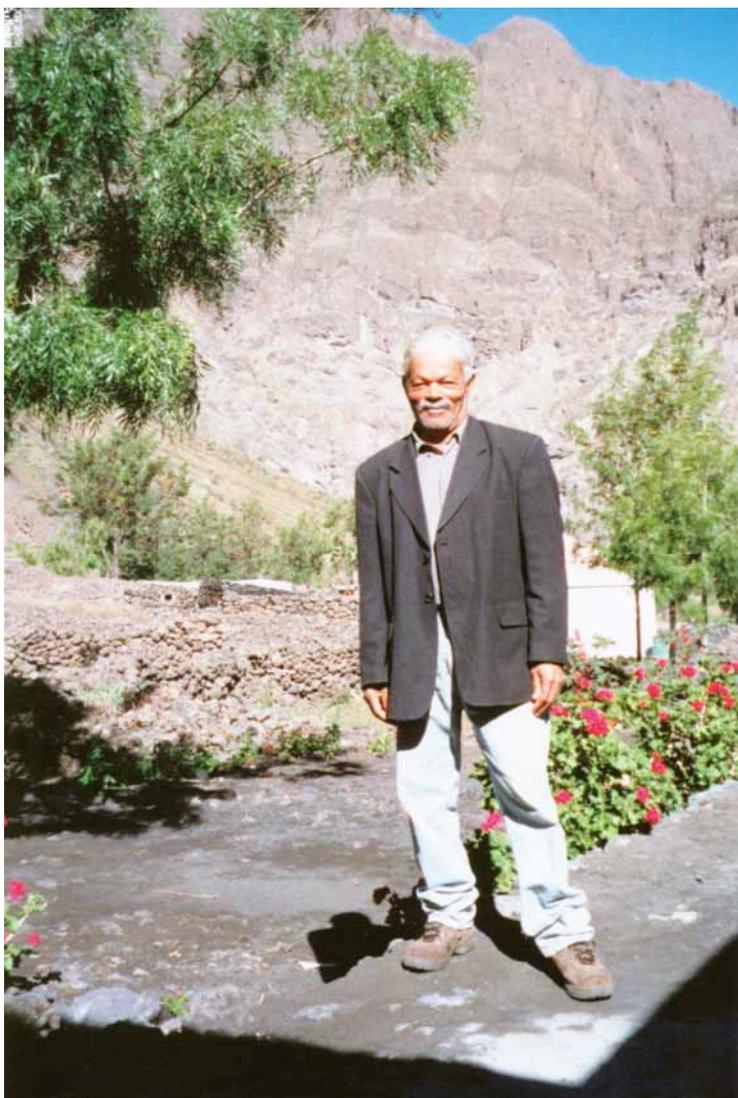
35. Se bu ta gosta di dixa un mensajen... papiâ arguns kuza pa jóvens di li des, vinti anu... si bu ta kre dixâ un mensajen gravadu ki é pa saí nakel livru? (...)

2.1. Sin. N ta kre konsedja es, purkê mi sta ba pa trás, es ta ben pa frenti. Amin ta kre y... pa ben... pamó.. txeu... tud'anu es ben fazê-m prigunta aí... d... es jóvens ki ta sta na skóla... Ta ben pruguntâ várissas kuzas li. N ta da-es, es ta skrevê, es ta ba. Mas min ta kre agó... nkantu ki tradisau di téra pa ka kaba. Sin, ta nxina, ta nxina sima min. Na sé... té es altura, inda N sta na el, pamódi nha korpu sta da-m pa sta na el. N ta kre nxina-es pa fika tanbe si more-m. (...) Amin dja-mi nxinabo agó amin. Agóra kel... es ka ta ben pâ-m nxina! Sin. Dipos ten akel pisoal pa po... es ta flâ-bo, di dia sábu o dia dimingu k'es ka ta skóla, k'es ka ta podê trabadja... ki ten un misa ki du pode ba, du ben, dispos di misa, es ta ben, es ta sinta ku mi... .kuza di un mea óra, N ta ba ta nxina es... kel tardisâu... dja ki ka ta kaba. Si N morê, es ta fikâ, ta lumiâ, es ta flâ: "mi Dalina nxina!"... pamódi ten txeu li pa... ki mi nxina.

36. Si bo gosta... kantâ un pokinhu di kant... di koladera, un bokadinhu?

(Ela kanta. Infelizmente, problemas acústicos impossibilitaram a transcrição da kantiga)

## 2.2. PARTICIPANTE II



Nome: Manoel Socorro Montrond

Nominho: S. Socorru

Localidade: Chã das Caldeiras

1. Nomi konplétu?

2.2. Manuel Sokoru Montrond. Sin. Sin, purkê a nosa família é di kóndi fransêx: Armand Montrond.

2. Desendénsa di-nho é kel ómi fransês ki binha li... éra mas...?

2.2. É di prumeru família di Montrond... ker dizer, nakel príudu el éra injenheru, trabadjava di tudu, hã? Kuandu fazia strada, fazia naisinti. El éra ómen, ker dizer di arta kunpiténsia. Agóra, prã oji, ja sta ómen komu el, purkê há ómen studentis, aviadóris, injenherus, dotoris, etisétera. Antigamenti, ka tinha. Antigamenti aki na Idja du Fogu, el k'éra primeru ómi di arta kapasidadi... Sin. Armand Montrond... sin. (...) Txeu fidju. Habitanti éra poku... y, dipos, el éra ómin ki trabadjava tantu na konstrusãu di strada, y tanbe la na Jinébra. El morava... el tinha muntus fidjus (....)

El tinha txeu fidju, pur kauza nakel ténpu éra un sinhor ben kunhisidu, as mudjeris sintian di xegar nun ómi kunhisidu. É purkê ki el fazia tantu fidjus! Y dipos... Manuel da Kruz Montrond, sin, ki é sugunda jerasãu, dipos di Manuel da Kruz Montrond, el morava na... y dipos, nun bélu ténpu, el pasô prã esta zona di Xã das Kaldeiras. Aki nãu izistia ningen, nen morava... sómenti u pásaru. Sin. Mas ántis di mil noviséntus dizaseti, tinha duax naséntix prinsipal ki dava munta água, éra kanalizadu prã São Filipi, sin, prã São Filipi, daki prã São Filipi. Y... dipos, em mil noviséntus dizaseti, ben kel sinhor di Atalaia, el pasô li kel tardi interu, el fikâ satisfeito ku es área. Éra muntu bunitu! E, di faktu mesmu é bunitu... sin, purkê é un... sipunhamu, é kunsidéradu un kural ku dôs purtons: un pórtal ao nórti, un ao sul. Purtantu, nese ida kel bai, el kunvida mas dôx amigux. Un foi família prinsipar ki'é Migel Montrond, otro éra pai di Gidjérmi Fontis Kosta Figera ki txumava Nenê di Nhana. Es ben morá li di três. Purtantu, di três ba ta omentâ familiaris, es po ta trabadja agrikultura. Agrikultura pa mais poku ki é ta daba txeu rezurtadu, purkê terenu éra diskansadu, éra ben... ben strumadu. Y tanbe ta tinha txuba txeu. Bon, kontinua sta... dja nha pai, na mil noviséntus dizaseti, el tinha dizaseti anu d'idadi. Ami, só N ben nasê in mil noviséntu y trinta un. Ali me. Y N kontinua sta... N sta té inda. Té inda N ta sintí ben di sta, purkê antigamenti ken ki moraba na artu komu Txã, aredóres di séra, kondi es parseba na sidadi, ta fladu: "ben kes genti di ntirior!"... es ta tratava genti du interior kómu éra gentis dispresadu. Inton, ki N kontinua sta, dipos... mas, pur'oji, grasa di Deus, tudu muda. Mai, ainda dentu di tudu nos a fasista. Ainda ta sinti un fasista di vês en kuandu ma ta dipendi di kritériu, purkê na mandaméntu, konfórmí Deus dixâ-nu na amor ku prósimu... y si ómen ka tinha... ka ta moréba... éra maligunu, é purkê ómen ta morê, kuandu el ba numa altura el ta sintí, ta baxã... ta baxã kes preokupasonx, kel maldadi. Tudu ta fikandu a zéru, té último dia kel di vida. Ma, purtantu, nu kontinua ta morã li. Nosu pai nxina-nu trabadjã di agrikultura... y ka tinha strada prã li. Éra pa djenti saí pa ba pa Mosteru o San Filipi a pé. Di li pa San Filipi ta kustaba-nos três dia di biaxi. Sin. Purkê nu ta saí di vésprã, nu ta durmí au meu du kaminhu. Notru dia, nu ta txiga São Filipi. Nu ta saí di São Filipi ten di drumí au mei du kaminhu, au terseiru dia, nu ten txiga kaza. Kel éra tudu rapides! Mas éra nesisáriu di... ta konpareseba di vês en kuandu pa'un vida di sórtiméntu, pa'un vida dun negósiu, etisétera. Mas menus di... sin, viaji éra poku, purkê éra so a pe. Oji, ómi ta sintí gó mas prazer di bai, purkê há karu, si puder ba elikópteru, avionx, tudu es... tudu isu li é rapides! Ma kuandu ómi ka tinha tantu ganânsia, tudu... tudu kuza éra bon. É un konta muntu sértu, purkê kel poku idea, ómi ta konsolava ku kalker tipo k'el tinha. Oji, ómen ka kre konsolã ku poku mas. El kre konsolã só ku txeu!

Bon, inton, novidade di Txã, bo ta espadja pa zónas di Fogu y... ta fazeba txeu pisoas vizita prâ li pa ben djobê koiza di kumê. Bon, tudu ki ben di se balai o se saku, el ta lebadu kumê, purkê dja tinha... y arguns fika té morâ. E... kontinua ta morâ, y por oji, dja nu tene li, prosimadaménti, di dozi a kinzi nómi diferenti, purkê nakel ténpu, éra só Montrond y Fontis. Mas, oji, dja... dja-nu sta invéntadu. Muntus prokura sta... y... ómens tanbe e', sipunhamus, ta gósta di mudjer, purkê mudjer é mai di ómen. Mudjer tanbe, si es ta nun kabu ki el ta otxâ un mais o menus, sol ta siná el prumeru, el ta kontenti ku'el. Sin. Agóra kontinua omenta habitanti. En mil noveséntus sinkuénta un, nakeli prumeru erupusãu ki nu ta konxê, dja du tinha vinti anu, mas só ta izistiba siténta y sinku pisoa na Txã das Kalderas, ka tinha mas. Sin. Agóra, in mil noviséntus y nuvénta y sinku, pasa pa setenséntus y sinkuénta, ménus di parti ki sta na Portugal y... Angóla, Stádus Unidus, etisétera. Bon, nu kontinuâ, mas kantu ben... ben na erupusãu di nuvénta y sinku, purkê mi e habituadu di kes erupusãu di sinkuénta y un... nu konxê, nu konxê tudu manóbra... só studu ki nu ka ten prâ rupusãu, ma se fóрма ki el ta preparâ, p'el ben spludi, p'el fazê tudu... nos e ben kunhisidu del! Kantu ben mês di nuvénta y sinku, fika tanbe txeu pisoa: "nhos mudâ! nhos mudâ!", ma du frá: "Nãu! Vulkãu e'é mal, kuandu sta xei, ántis di ben ben spludi, mas dja spludí el ka ten maldadi mas! Purkê, agó, se stómagu sta disvaziâ. Só jenti ta kunpanhã-l pa undi ki... mas inklinadu ki el ta korê. Nu ta baba pértu d'kel kratéra, uns três métru. Nu ta ubi se... manéras di... pa rolaméntu, ruídu gó di kes... pa spludí vulkãu éra dimás pa uvidu! E' ta sér muntu fórti pa genti... nu torna regrésa trás! Ma mi tinha nóvi dia di li... pa kaza muda di li pa Atxada Furna! Nen ka interesaba ma kaba di txigaba São Filipi, N ba na kaza di un amigu na Txada Furna, el da-m lugar, la N pára. La tinha té inda... tinha ténda, tinha... nu Musteiru, tinha São Filipi. Mas, mi kes koza di ténda N ka ta gostaba del. Purkê, sipunhamu, ténda é un argen vistidu. El ka ten kobertura, el ka ten nada, mas el ka ten mi. Ma agóra, N fikâ na kaza partikular... N ten dôs mes la. Agóra, kel profisor vulkomulógiku, ki'e sinhor Malta Gómis, éra ta fazeba vizita diariaménti a Xã das Kaldeiras. Tudú tardi, k'el ta dixê la pa Atxada Furna, nu ta pruguntã-l: "ki tal vulkãu sta?" "Sta bon!" Y el ta ten tantu métru di avansu, mas inda tar rugar sta prontu... tar rugar sta prontu!. Nos tanbe simanarménti nu ta vortaba, nu ta spiã-l. No ta torna fikâ na Txada Furna. Kantu dja ben na ... di sesénta dia, N rezorvê, no voltâ pa ben fikâ na nha kaza, purkê min sabe ma guvernu di nos téra ka ta ten kundisons finanseira di po argen sintadu, inda seteséntus sinkuénta bitanti, só duma zóna, ménus di sinku kabésa pa N... pá da três refeisãu pru dia. Y mi ka ta gósta di sintâ, mi ta gósta di sta na bai y ben. Agóra, nu regresâ. N ben fikâ li ku nha Nanan, du ta kontinua... sta ta sinti mesmu sta ri sábi. Purkê li ten un krima suavi, nos lugar é ka distansiadu, é un lugar muntu planu, ka ta prejudiká-no ómi na múskulu. Kel poku ki nu fazê, nu... nos é ben kansoladu ku el, hã? Agóra, komu Presidenti di Kanbra Munisipal ta gostaba ki du saíba di Ilha jeral, má pa saí no... du ka podê saí di undi du ta vivê pa no fika undi no ka ten sobrevivénsia. Dja nos... nu iziji kel... agóra só guvernu daba a kada nos un... kada familiar xefi un kaza na... na dôs bairu: un na Atxada Furna, otu é Mont Grándi. Ma mi móra na Atxada Furna, N flâ: "Nãu! Txada Furna é ki fikâ mas pértu di simitériu, ta fikâ mas pértu di Xã das Kaldéra! Si N morê N ta txiga simitériu mas fásil, si N ka morê N tanbe txiga mas fásil. Kantu ben txiga nakes sesénta dia, regresâ, N ben, N abrí nha pórtá, N sintâ, N tuma kel ar freskuu... agradisê Deus... purkê ja ka tinha nada di muviméntu ja di kuza di vulkãu. Tudú dja staba karmu. Bon, dipos... y... N frá: "nãu! Amin pa N saí di nha kaza, pa N ba morâ na zóna di otu argen, é ku

grândi kontratu... ka so bai pa N saí pa N ba". Até si un argen prendê, N ta saí, ta prezu, ma ta preguntá-l pamó ki prisiza da-m vós di prizãu. Si é njustu, N ka ta ba. Agóra nos... pa du ten txabi di un kaza, pa nu ba sinta dentu dun kaza... min non, min ta mestê trêš refeisãu pur dia. N ta mestê kafé di manhan, N ta mestê almosu, N ta mestê jantar. Nakel prumeru dia ki nu saí, ki nu foi kunvidadu pa nu ba di nóvi dia, N pregunta un kondutor, N frâ: "sinhor kondutor, es ta preguntâ-bu un kuza, sta nargun la na Txada Furna, bolaxa o pãu o asúkar ki é pa ba da nos kriánsa pa nu ba txiga?" El frâ: "Noãu" N frâ-l: "inton du sta dizorganizadu. Nos é grândi, nu ta sperã, ma si nos mininu ba txiga dizorganizadu pa e' montã karu ba txiga la, es ta mestê un água di asúkar ku pon o kun bulaxa! Si kel ka ten, pior nos! (risos) Agó no ka mestê ba... undi N ta ba, N ta sin un vensiméntu... un vensiméntu kapax di mindjorã mas di kes ki mi ta vivê li, purkê mi tanbe ten amingu, el ta ben na nha kaza, el ta tomã un kopu d'aga, el fazê tudu... y... mi ten nha família peru menu pa N ba pasã un pur séntu di midjór sobri kel ki N ta pasã li. Si é só ba toma txabi dun kaza, N ba sinta, prãmanhan kondu sol manxê, N ta spia sol, kond el ta po na poenti, N ta spia kum'el ta éntra na mar... dja-min ka ten otu situasãu di vida e... ba... kel ka ta da! Y ben un jornalista el prugunta-m: "ma nho-nho ka ta sinti médu di sta li? N frâ: "pamódi?" El frâ: "pur kazu di vulkãu!" N frâ: "désdi ki dikubridu Kabu Verdi atxadu vulkãu na se moviméntu. Anton ki fazê mal éra kel prumeru governu ki mandã habita pisoas na Ilha du Fogu. É sin. Éra dixã diabitada! Tudú ómi éra kustumadu! Si mi dja sta kenta jerasãu, du sta otxã bon inda, inda vulkãu ka kore ku min... anton N sta djuntu ku'el. N frâ: "vurkãu ka manda konvida ni'un ómi pa ben pára djuntu ku'el, mas tanbe, nu ben, el ka korê ku nos. Até el gostaba di staba arguma adjuda djuntu ku el, purkê tudu kuza ta mestê ajuda. N frâ: "mas nos tanbe é un vurkãu!" El frâ: "kómu?" "Ma nos tanbe é un vurkãu! Po-nu termômetru dibaxu di brasu ta otxa kantu kalor di lumi nu ten, y nos, nu ten txeu buraku na nos pa se... pa nu ta respira komu vurkãu diariaméti. Inton, nos é un vurkãu!" N frâ-l: "es vurkãu du Fogu é un vurkãu mas amigu du ómi di ki própi pai ku findju. El frâ: "purkê?" N frâ: "purkê el ta aviza antisidénsia dés kinzi dia ántis di spludí... ki ta da ténpu si nu kre muda di li pa karker país, nu ta ba. Ma no pode tê un ómi ki é amigu. El txiga nos kaza. El móstra-nu muntu karinhu, etisétera... el póde tene un pistóla na arjibera, el da-nu un tiru, dja du bai, ma du ta kunfiaba nel podi sér bon amigu, mas el éra nos inimigu, ma vurkãu... el, so e mal e... naondi ki el ta spludí ki nu ka sabi, ma... ma ja spludidu ta konpanha se moviméntu sima un kazaméntu. N frâ: "purtantu... dipos li é un lugar mas artu, du sta mas pértu di Nhordés. Y kel e ki mora la na níver di mar, pamó li du sta numa altitude di mil seiséntus sinkuénta métru di níver di mar, N frâ ma kuma ta frãdu: "óra ki morê ta pa sai, kel ki morê na mesma óra la na níver di mar o min morê li na mesma óra, amin el ka ta pega nunca mas pa txiga séu! El ten ki otxa rugar... pamó N txiga primeru na séu! Anton é purisu ki N ta otxa sábi di sta ri. N frâ: "nos tanbe, nos tenpérature é un tenpérature bon... y... du ta limenta ku poku, no ta ten un koraji kapas di pâpia ku ómi, ki un ómi y... ta frâ: "es genti ta ben tratadu!" ma du kontráriu, ki du ka sta ben tratadu...e natureza di li ki ten fórsa ki ta djuda-nu, purkê vurkãu ten txeu medikaméntu, purkê e' ten skóntra, é medikamentu, el ten inxofri, é medikaméntu, el ten kel ar puru tanbe otru medikaméntu... e' kúdi-nos ki du ta posuí di nos korpu, ja portantu du ten ki ten ser fórti.... mas ali un lugar ki ta frãdu muntu difisi, un lugar difisi pa morã... nu ratxã, N frâ: "nós na Idja du Fogu tantu fax ken ki sta na São Filipi o ki sta na Igreja o ki sta na Kóva Figera, o ki sta na Xã das Kaldeiras, du sta na mesmu lugar!" N frâ: "nos é un bindi, óra ki pila mindju, po kes farinha na bindi, ta sorta kel bindi bórda di

panéla, kel fumu ta subí kel farinha, du ta kumê kuskus". Inton, nos é mema koiza ki du sta, purkê undi nu ta bata na Idja du Fogu, nu ta atxa sin sikatrizis di erupusãu di burkãu... N frâ: "só ki uma vês, el tinha mas fórsa purkê é rapês, mi tanbe tinha mas fórsa kandu... mas oji, fórsa dja diminui". N frâ: ma tudu dotoris, o tudu ómis di lei, kandu ta fazê bizita Idja du Fogu é ka p'el andâ na karu na velusidadi, pamódi ten présa pa torna vorta pa sidadi, el ta anda divagar, el ta ta pruguntâ kada zóna undi moradu, kada ilevasãu ki ten na Idja du Fogu p'el odja me... efeitu di erupusãu vulkánika. N frâdu: "esin es ta tra konkrusãu!" Pa riba di sidadi di São Filipi ten dôx monti la: un ten moradia... tudu dôs ten moradia. N ta ta sta frâ "Monti Baru". Y é dôs erupusãu vorkánika! Mas é antigu! Mas ali tanbe undi da... dja daba djenti, el podia tornâ da... purkê min dja-m tinha prumera mudjer nu zanga, ma kandu N zanga ku prumera mudjer, N frâ: "nu ka ta konpô nunka mas", mas nu torna ben vórta, nu fika amigadu... e sin mesmu koza di erupusãu vulkánika (risadas). El pódi ten bu karu frei... ka ta mas, el deta... li na aeroportu, la na Mosteiru, óra própi erupusãu saí la na pe di róxta, korê kes kratéra la... ba mar, há? ba mar... y ta prisiza, pesandu ku konsiénsia, p'es odja ma Idja du Fogu tudu es ta na mesmu mundu, na mesmu rijimi... é un kanhãu ki sta fórmadu na Idja du Fogu! (risos) Si dja rebentá k'el k'é pa el matá el ka ta fadiga. N frâ: "agóra, nos ki ja sta di nos ábitu li..." N frâ: "si kanbra o governu ka kre pa nos ta li, el ta pâpia ku governu merikanu prê ranja-nu un zóna la na Stadius Unidus, muntu riku, el ta manda levâ-nu di li, nos disindénsia jeral, el ta da-nu trabadju ku kaza pa du morâ. Nu ka ta sinti nada. N frâ: "pamódi na Atxada Furna kes pisoa ki sta moradu na Txada Furna es é pobri sima ma nos. Es... es ten munta farta..." N frâ: "ma si nu sai di li pa ba du ba morâ la tudu... e un kébra kabésa pa'kes familiaris, purkê nos du konxê konpanheru a ofersê... o ku kópu d'água, mas di residénsia, nãu!" N frâ: "dia ki nu saí di li pa du ba morâ la, no... nu ta duvidozu... y es... es ta fikâ duvidozu. Nos ta ten... uns...uns sinténas d'argén pa ben morâ ku nos, mas ken e? Nos tanbe du sta morâ dentu d'uns sinténas tanbe. Ja purtantu... es ta fikâ konprikadu di idea: "kes genti ka konxê-s", ma tanbe nos no ka konxê-s. Si nos mininus dana briga ku kel otu di dizórdi... si grândi, dana kunplikasãu y dizórdi... N frâ: "ma nhos... si es pensa a tra-no di la, es ten un arma fria, ki es ta briga ku nos, nu ta saí di la" El prugunta: "y kuzé?" N frâ: "es ta rapa karapati, ta ranjadu tipu dun kórda ki ta frâdu "funda", N frâ: "es ta dixé ribera, es ta panhâ ses pédra, tudu di kel pezu bunitu, es ta po na funda... y es ta saí-nu di riba! Bon, y ka ten popansa, du ka kre nos la, agóra nos li di riba kre ta baza na kabésa y prê baxu ki nu ta ba!" N frâ: "du ta pára na mar!"... óra ki du txiga na mar, du ta pensa, nu ta torna vórta prê la. Agóra ki ten ki vórta prê la. Mas tanbe ki nhos ta subí na Txada Furna, nhos ta repara na ladu direita, ki nhos ta ben pa Xã di Kaldeiras, kuantus kanhõix di erupusãu vulkánika ki e feito di antigaménti... y tanbe nhos sta repara ladu skerdu na... kantu kanhons ki ten la. Gó, pórtantu, nu pode saí di li, purkê ta fladu "lugar di prigu", nu ba fikâ na prigu... purkê nos sta riba dun fogu kubértu. Y é só sintí... ki nu ka ta sintí kel temperatura. Mas, kuandu sta na époka di spluzãu, nu ta sintí un temperatura mas kenti di kes otu ténpu ki ka sta na el... ma, bon! pamódi kes kaza ki sta na Txada Furna é sima di kratéra. Ma ken sabi, pru otru vórta, si e li ki el sprudí!! N frâ: "tra m di nha kaza,pa N ba morâ na kaza d'argen, pa N torna sinti kel otu kaza pa undi N ta ba? N frâ: "kada un di nos ki sta na nos kaza, nos é un governu di nos responsabilidadi". N frâ:"governu, el é xéfi di nasãu, ma sen nasãu, el e ka nada! N frâ: "nos tanbe nu ta razolvê nos proburema". N frâ: "si governu atxâ ma du ka devê sta li, el ben, el ten ki sinta na méza ku nos, du ta negosiã-l koza ki bu podê rasebe mensalménti

na banku ki ta da-nu pu nos gastu". N frâ: "ma! Nho sabê ma nos ki ta sta na téra di vidéras, du ten ki bibe vinhu; nu ta sta na téra di fruta, du ten ki kumê fruta. N frâ: "sima nos é pastor, nos e agrikultor, du ta kumê karni, keju, etisétera, etisétera... ma si du, bo mora nundi ki ka ten... y pa du konprâ ma e kun dinheru na arjibera, purkê la nu ka ten téra. Nos é ka habituadu ku kel krima di la... nos, du ka ten lugar pa ba fazê kriasãu djuntu ku kes otu, purkê si kes otu tinha kundisonx financeira, se vida éra midjór... odja la... es é pobri ma sima ma nos. N frâdu: "inton..." N frâ: "...li na Txã ten apenas un funsionáriu, tudu restanti di habitanti ta trabaiâ soménti di agrikutura y animar. Má dentu di agrikultura y anima, dja du sta habituadu... y nos ali, pur izénplu, si nu mestê di ta fóra di kaza, dja nu konxê un zóna ki nu ta detâ. Si parsê un inimigu el ka sabê ondi ki du sta... má na Atxada Furna, si nu ba morâ djuntu ku kes otu, dja inimigu sabê undi ki nos ta. N flâ: "la, góra, si guvernú ta otxa pur ben ki nu ka sta li, tudu nos, du ta fazê un diklarasãu ku nos númeru... nos bilheti di identidadi... du ta siná un dupla, nu ta da-s un... nu ta fika ku un.. ma nos vida é un... é ka mas di ki un! Ma si du ka kre ba di li, purkê li du sta otxa li mas konviniénti, si vurkãu mata-nu, responsabilidadi é ka del guvernú, é di nos! Góra... kuandu erupusãu vulkánika aériu ki ta fazi, ka ten remisãu di resorvê... kel erupsãu aériu mi oiá-l... N frâ: "kantu avionx ki ta sai di aeroportu pa kel otu, kuandu sta na sértus distinus... o un bónba o di karker manera, óki el panha sidénti, dja el ba baxu!" N frâ: "akel pais di kriánsa, o kel mãis di kriánsa, o kes grándi... aviadoris, só kes bon kabésa". N frâ k'es: "kal é konputador ki ta karkadu pa torna forma kes ómi iguais kel ki el perde?" N frâ: "kal'é konputador ki ta karkadu pa torna forma kel aviãu ki perdê na momentu?" N frâ: "aruportu di distinu... tudu fitxadu... pa ningen ka muda di un zóna pa otu!". N frâ: "el é koma nos. Nos, bu dixâ-nu li, kuandu konvén nu ka sta li, nu ta bai. N frâ ma min pudi frâ-nho klaraménti: "si tudu habitanti di Txã dja kre muda di li, mas min ta fikâ... si parse un argen ki trazê se programa, el ta dâ-l, N ta ubí. N ta da nha programa, el tanbe, el ta ubí. Agó ta parseba si vizita dja ten rezurtadu! Kuandu el ben txiga li, ka otxa ningen, el kre sabe di un asuntu, ken é ki el ta pregunta? Ningen ka sta li mas. Y kuandu el ba bórtá la pa Txada Furna ba el ba pergunta-m, mi podi sta disinimadu di idéia o otxa ma du sta la kóntra nos góstu. N ka ta respondê!" N ta frâ: diskurpâ-m purkê mi ten skesidu di tudu koza!" N frâ ma li, el ta ben, N ta risponde li tudu kel ki sta dentu di-nha kapesidadi. Sipunhamus... y... kuma trabadju di guvernú li é muntu poku, purkê ten un funsionáriu. Un. Dipos, ba oji dja ten góra... mais di ki... mais di ki un profisor ki aranjadu fidjus di li... a no ta... ta kersê. Mas tanbe na zóna si trabadju postu por guvernú é poku, purkê stradinha dja é feito, ka sta fazidu mas koza! Ke skóla pa nos di li dja txigã-nu... un postu sanitáriu ki dja tene kuartu anu, el ka sta na manóbra kantu ten setiséntus sinkuénta habitanti nu ta prisiza di saúdi, purkê un ómi sin saúdi é ka ómi. Ómi debi ten saúdi, dipos pa e' sér bon ómi di kánpu, ómi di animar, ómi di fórsa! N frâ: "ma, prinsipial é kuandu... si ten kazu di muntu emerjénsia... ki duenti óra ki ta parsê un karu di li p'el luga, p'el sebê se kundisonx purkê el ba txiga uspital, avês el ta perdê bida, ántis del txiga. N frâ: "mas, si du ten peru menu un nfrimeru ta djudâ-nu. Mas kel nfrimeru ta sintí medu di sta li djuntu ku nos purkê vurkãu, el ta monta, el ta bai, el ta bai dítxá tilifoni, si nu mestê naundi ki el ta txumadu!

Ben, un sinhor di Stádus Unidu y... akunpanhadu duma... mudjer, el ben di São Filipi k'un kondutor. El ba vurkãu ma kel kondutor ki konpanha es pa vurkãu. Kantu ómi tene se tripé, ta fazê si filmaji, el po pé riba dun pédra, pédra fují ku'el. E' rola la nun distánsia mas di ki la sen métru. El ba kai. Dja e' da txeu pankada. E' parti kadril, el parti pérna, el parti bras, e' ba fikâ na txon... ma sal dja stava ta kentâ.

Antãu kel duas pisa o dja ómens na trabadju la na pé di vurrãu, na ponta di vidéra, es bortã, es ba la. Es ba txuma-nu muntu tristi, stava nha rapasis, stava otu... nha kunh... nha sogru.. nha kunhadu lvu. Kuandu es ba txuma la, ponta pa kel kuza, es frá: "ma sertaméti ómi ka sta bibu!". Agóra, saí dôs di-nha rapasis, es dixa trabadju... es subí pa vurrãu. Ben, agó kes otus ben tomar un maka, sabi ki ta ten li kel di... di Karita, koza di asuntu sosiãx. Si el e bon, o bibu o mortu, ta trazê-l. Nha dôs rapasis ba, kandu es ba txiga kumi vurrãu, purkê di kumi pa... baxu... debi ten un prosimadaméti uns sentu y tal métru.... y... kel sinhor staba li detadu, má es metê dedu na bóka, e'zubiã, el labanta es mon. Dja es odja ma e' sta bibu. Es dixí, es ba, es duspí ses kamiza, es fazê jeitu.... Dekel lugar pa si kumi, e' leva dôs óra di biaji, purkê pa roska pe, pa jeitã kantu déxi fóra. Dipos la fóra fika midjór, purkê ten kes jora... es pruveita un rugar ki... es ta po pé... ki es ta dixê mas fásil kel mákena, genti ki leba ba kontra ku'es na mei di kaminhu, po... ben pô na karu. (...) ...ta apoiaba el, ki seja kuligadu ma ka tinha. Agóra, karu levã-l pa ospital di São Filipi, otu dia el ba pa Praia, di la el ba... el e di Nóva Lórki, ma bon... el pidí mosus kónta, mas mosus ka da kónta, purkê foi un sukoru. Sukoru ta fazidu. Bon, anton uns kuaru mezi dipos, ben txigã Prisidéti di Kámra li, kun sinhor nbaixador. Trezê-s un papel di krediti, ma ku... bandera merikana... el da-s kada es un... kel oitu pisa o, es éra oitu pisa o. Tinha gó kel kondutor ki debi... ma el fikã la di bila... es sai aki di li pa tomã kel ómi, el fikã sin panhã kel ómi. Anton, N preguntã Prisidéti di kãbra: "es papel ten validadi?" El flã: "nãu! É sométi un papel di krediti etisétera, etisétera". Ben amerikanu, gentis di amérika li, kandu nos rapasis mostrã-s e', es frá: "Non! Nho... nhos ten direitu di un vizita Stãdus Unidus. Nhos ku es papel, nhos ta txiga na nbaxada dja sta pudu vistu!". Agóra es kumesã trata sês dukumentu. Es ta txiga na mbaxada, mbaxada ta prugunta-s: "dja konxê kel asin?", ta prugunta-s konfórmi es fazia, es frá... dipos kel vistu di sinku anu. Fika so un rapas ki deve konpreta vinti un anu... nes altura li, e' ka bai... du restãnti, seti dja fazê vizita duas, três vezis. Dja ten três des dja ki ba dja kaza, dja aranja ses direitu... y dja sta la. E un mal ki kai pur ben. Má nos, du kre tanbe nãu mal máxi di ki ben, du kre ben máxi di ki mal. Si du ten nos postu di saúdi li, nu ta ten mas garantia, purkê a sértus kãzã di asidéti. Há sértus tipus di un kontrol... di un tipu di duénsã ki ta da mortal, hã?!, ma, si peru menu, nu sta li, ta txuma nfrimeru! Purkê nos ali po ajenti sanitãriu na nos... undi sta númeru di habitanti, ki inda ka ten un dotor! Má, kuma dotor sta npsível, ma pero ménu un nfrimeru di primera kãsi. Nu ta ten un speransa, purkê sidadãu kabuverdianu, nos na rejistru sivil, nos é kunxidu. Nu ta tratã un dukumentu, nos é kunxidu pur sidadãu Kabuverdianu ma du ten un diferénsã, purkê nos ka pode sér pisa o disprezadu. Nos, du ten direitu komu tudu, agóra, só ki min ta frá sin: "ma da-m nha direitu di póbri, ka bo da-m di dotor, ka bo da-m di njinheru, ka bo da-m di aviador, ka bo da-m di kapitãu... y... ka bo da-m di supermentu tanbe, ma da di Sézar p'el tra. Da-m nha manera di Sézar. N ta sta diretu li, purkê si du ten serteza na saúdi, nu ta vivê li mas ben, kuandu li nos... nos krima di li ta duesedu poku. Bon... mas kel du ka tene té inda, nu ka tene nen ajenti sanitãriu nen nfrimeru... ma nos, pa dã-no ajenti santiãriu, siponhamus é sin me... bu txiga li gósin bu dã-m bon-dia, N frá-bu: "entra", bu prugunta-m un koza, N ka ten risposta prã da... purkê ajenti sanitãriu el ten si trabadju. Ajenti sanitãriu é pur un ramédi nun dór, e' kura in firida, etsétera, mas sértus proburemas, si parti un pérna, parti un brasu, ten un dór di bariga, mestê un tipu di njesãu, tudu kel, es ta da kazu o peru ménu di un nfrimeru o peru ménu di un dotor. É o úniku ki sta faltandu li, pa du sta midjór. Mas Txã, ben vórta sér góra Txã purkê na mapa e' izisti désdi primeru ténpu, má na kabésã di

ómi, el ta izistiba... ma éra ségu e' ka ta odjaba-el. Éra, sipunhamu, iguísta. E' ka ta sintí di da valor a un ómi. Mas min ta frá: "klaru! Seja ken for, Kabuverdianu é tudu é fidju di Kabu Verdi. Mas nos dipos ki nu metê na príudu di demokrasia, du sinti un libértu, purkê nu ta frá: "tudu ki nu mestê". Mas na priméa repúblika ómi ka ta fraba nada, purkê se frase, sujeitu ba fitxadu. Tinha milisianus ki ta sotâ, ta fazeba tudu kuza. Agóra, min sabê ma na nos téra di Kabu Verdi, ómi si kre trabadjâ, kre vivê, y kre robâ... ma tanbe p'el robâ e' ten kuza robâ, si kuza robâ e' ka ten... (risos) el ka ta robá, el ka ta vivê. Agóra, na sugunda repúblika, du ..... amin própri y di kel dja-m tene siténta y un anu di idadi, oji N konpleta siténta y un, grasas a Deus! Má min éra duru, mi éra poku, min ta sintiba ma pa oji, si du ka meteba li demokrásia, N staba kebradu pa metadi o dja dizabrigadu... purkê mi éra uprimidu... inton dja... N ka ten odju, N ka podê frá; N ta ubí, N ten bóka, N ka podê frá, mas agó na dimokasia, ménus konta mintira, du ten direitu di tudu. Agóra, dja li ben fikâ di tudu stranjerus, purkê agóra du ten turistas, es ta vizita Txã todus dias... y dentu di tudus dias k'es ta vizita Txã, é un prugrésu pa nos, é um prugrésu pa nos guvernu, é un prugrésu, enfin, pa txeu funsionáriu, prinsipalméti komu ajénsia, é un pugrésu pa proprietáriu di ses karu, es ta txega nu aeroportu ta atxa kes turista, es ta tuma, es ta trazê. É un vida! É un vida! Nos kriánsa ta trabadá na arzetanatus di es pédra di vurrkãu. Tudu ta ben des pédras, ta pasâ. Min ten un kabritu, N bendê-s un kabritu, N ta pasâ. Otu ten un vinhu, e' ta bendê-es un vinhu, es ta pasâ, otu ten un keju, es ta bendê un keju, es ta pasâ. Otu ten... ten galinha, el ta bendê. Agóra, vida midjórâ! Agóra, ta fartaba góra un kuza só... pa du kaba po na ménti: muntu rispetu, purkê dentu di nos e poku... ma ten kel parti di ignoránsia ntirior. Du debê góra ten muntu rispeitu pa kel stranhu, óra ki ben li, pa podê e' lebâ un vontadi sábi des zóna! Mas, agó, e' ta midjórâ... es ta ben, es ta pasâ ku nos ali, nos mininus bendê ses pédra... es ta kuntinti, es ta kuntinti k'es klíma di li. Ben un sinhor tanbe... di fransa, se nómi e Patrik. Patrik fazê vizita li pa três vês. Naturalméti, el sta ta vijjá argun zóna, p'el nregâ un poku di dinheru ki el ten nel. El gósta di inpregadu el ali. Agóra, kada argen bendê-l un kudrinhu di téra p'el podê fikisâ si residénsa pa serví pa tudu nos. Bon, el kustia vinti dôs mil kontus nakel pikenu trabadju... y el ali é un sinhor, mas... mas, ker dizer, mas sinpátiku, mas onéstu, mas roskon, di midjór jetu di ki nos própi ki e mora... moradór di Xã das Kalderas. Góra na si ristaurenti ta entrâ kriánsa, ka ta npidí, ta entrâ kalker óra argen si ba pidí-l un kuza, e' ta dâ. Ma a pisoas di tXã ki éra kóntra des sinhor fazê kel muradia li. Agóra ben un jornalista, ben pruguntâ-m si kel sinhor ki kre fazê kel morada li, si el ta prejudika-m. N frá: "non, sinhor! Nos, du ta mestê mais y midjór! Nos, du ka ten kondison di fazer mas y midjór! Mas si parsê un ómi ki kre nvistí un morada djuntu ku nos, pa nos mesmu pa nu uza djuntu ku el..." N frá: "...ma midjór di ki kel ka ten? Purkê li na Txã, du ten... ma ka ten li... un lugar ki nu ta ... pa du ba un otél... pa du ba ristaurenti!" N frádu: "muntus di nos ta otxâ otél skribidu na papel o nun libru, má ki signífika?... du ka... du ka ba la, nu ka kunxê kuzé." N frá: "na oji, nos fidju, nos nétu, nos bisnétu, dja tudu ta konxê purkê kada pais ta leva-s un dia. Ta leva-s ba tomâ un kafé, leva-s ba armusâ, ba djantâ. Òki es ta saí pa stranjeru, dja ta habituadu. Es ka ten reseiu di entrâ nun lugar, purkê dja es ten hábitu, dja es ta kostumadu". N frá: "má mesmu si e' ten un kalker óbra fixadu un patrimóniu, kel ómi ta morê, el ta bai, ma kel patrimóniu el ka pode rastâ-l pa leba di li. El ta fika li." N frá: "ten un patrimônio supirior k'e vurrkãu... ma, pa tudu ténpu k'el ta fazê spruzãu... ma kel patrimóniu ka rasta di li, el sta la té góra... purkê vurrkãu é diskubridu nakel di... mili y kuatuséntus y tal, sipunhamus... ma el kunxidu sima kes ta la... ma

dja spludí... dja-m odja un libru ki dja spludí vinti kuartu vezis... dipos di kel, má el ka kabâ ku Txã, e' ka mata ningen! Y nos ki morâ li, nu ka ten nada di reseiu ku vorkãu, purkê ómi ten ki vivê pur meu di fogu... purkê nos, si du tene muntu friu, du ta mestê un lareira pa nu kesê. Tanbe du ta mestê fazê refeisãu diária ku fogu". N frâ: "mas si... gósi kumersianti skesê di pidí fósforu o di pidí skeru, p'el ben servi-nu, un izénpru..." N frâ: "ma nos ali si ten un dia, kumu a lenha ka sta izistidu, e muntu poku, ki ta fazidu é... bédju. Kada kenha ta nterâ un pó na se fogon... y premanhan, e' ta tra lumi, el ta kontinuâ otu nóbu vida di lumi, purkê lumi li na póbus antigos, éra si vida... e sima vida di ómi o mas!!! Di un só bês, es ta bédju móri!" N frâ: "ma nos ali, nu ta pagâ rapasinh u muntu spértu, el ta txiga la na vorkãu kun pó, el metê la nakel lugar di nxofru o di skontra, el pegâ lumi, el trazê-l, nu ben fazê u kumida ku ell". Mas só ki éra notu zóna, es ka kre ubí, mas nos... du ta kumê, es sta tudu nternadu nu ospital desmadju di fómi... sin! N frâ: "pa pidí kel fós... o pa pidí kel skeru... na parti nternasional é pa pidí aviãu, dja un póbri ka ta podê konprâ dja un skeru ku kaja di fósfu, purkê óra ki aviãu tras se fréti, el ta saí muntu karu!" Mas, intãu, amor k'é prinsipal! No, nu kre spandi, nu dexâ-no li in pas. Dja nu ten ninhun risidénsia ki nos governu da-no, purkê enbóra iel ta kontatâ ku otu governu internacional... ma di se pididu, du ten nos xavi, si, mas tardi, nos ki sta habituadu kunxê... purkê vorkãu ta fazê se sinaix... déx, dozi, kinzi dia ántis, purkê óra k'el kumesâ fazê kel tremor... e' sta fazê seis, sinku, oitu, dés bês na dia... dja kel tremor di txon, góra sta na inísiu di vorkãu... manhan el ta kre kresê, otra manhan, sin susisivaménti el ta ba ku mas fórsa, até ki ta txiga na dia di rupusãu, nos mesmu ta garanti, ántis di mal-xeru, ántis di sukuru, vorkãu ten ki spludí! El ka tinha ninhun fadja di fódja, agóra si tudu del du ka ten, ma dja ki ta negósu tudu, purkê dja-nu tene ábitu, kustumi del. Sin. Amin, N sta li moradu na se pe... má si N ka spiâ prâ la... pa min es... vorkãu ka izistiba. Sin. N ba kes kanpu prâ li ki vorkãu sta na kósta, N trabaiâ até tardi, N ka ta lenbrâ di vorkãu. Agóra... oji nu ten direitu di obí vorkãu o di odja vorkãu purkê diariménti ta entrâ turistas ali. Agóra, tudu nos fidjus di li, kada un lugar ten gia. Ta levâ guia ta ba, ta ganhâ kuartu kontus, seis kontus pur dia, dozi. Má, mínimu, si ten só un pisoa e dois kontu, ta kustuma ganhâ dozi kontu na kada viaji del. Agóra, ki módu N podê pâpia kóntra vorkãu? Ki módu N podê pâpia kóntra Xã das Kaldeiras? Y es... es ta djudâ nos governu sentral, es ta djudâ nos governu lokal, purkê nos governu lokal, nen siker p'el parsê li un dia p'el ntendê-nu na ki fóma ki du sta... ma si du sta, purtantu, preokupadu ki nu nesesita, enbóra si e' ka ten ki da-nu, ma é obrigadu di du ba pidí. Anton no... du kontinua sta li... nos, du tomâ tudu pisoas ki entrâ-l, du ta rakonxê-s tanbe, ten akel ki seja ntrépitu, nu ta frâ-s klaru... ma nos, du ta gradisê país internasionax, purkê es ta tudu fidju di li moradu na país internasionax... y governu internasionax ta djudâ nos governu sentral, purkê kel du governu sentral ka da nos... ta kabê nos punhadin... ma góra sin, ma góra bu... du ten ki ama... tudu stranhu ki entra li... y módi du ten ki gradesê-s, du ten ki ilugiã-s, du ten ki da-s bon tensãu... purkê só un governu ku kuatuséntus y tal mil habitanti... ki N ta konxê, mas oji debe dja sta auméntadu... ma até própi nos governu, si é p'el pâpia ku kada un di nos pru mei di telefoni, pelu ménu, duas óra ku kada kenha, governu disidi logu di... di mandatu di kuartu anu, si e' ka ganha sugundu mandatu, el ka pâpia ku meu di.. pisoas, di populasãu di Kabu Verdi. Sin. Entãu, governu na se palásiu, nos na nos kaza, kabra na se kural, buru na se... Sin. Kada kal ta ezersê se funsonx. Nu ... purkê ali é un zóna ku poku milímetru di xuva, ki nu ta kumê, purkê du ten fruterax, du ten... kongu, purkê kongu li ten vida... artu vida, el ta dura

dés, kinzi anu. Un pó di mandióka ta durâ dizenas di anu tanbe. Un pé di videira ki nos avô po li, en mil noveséntus dizaséti, figera, marmelera, es ta tudu bibu! Inton, é pa no odjâ ma é un speransa... y natureza ta kai sinkuénta milímetru di txuba, el ka ta dâ figu grândi, má ta da miúdu. El ka da katxu d'uva grândi, má ta da miúdu. Kel grâu di kongu. El ka ta da kuaru nen sinku grâu na baji, ma ta da dôs, pórtantu nos dja-du tene li un pãu nos di kada dia, nu ka sta prejudikâ guvernú lokal nen guvernú sentral. Nu sta basta, purkê nos du ten ki ba ku serteza absoluta... y muntu relijiâu ten, má muntus ka ta kre ta izisti Kristu. Kristu ku se disípulus nxina-nu o pãu nosu di kada dia. Y min, N ta odjâ nha mudjer ben po mesa, ma so N pode komê kel ki apatiti kre, kel k'el ka kre, ta fika la. Mi, dja-m kre... lobu, ma é apetiti ki ten tuda fórsa, anton, purtantu, ba ta sobrâ-l kel pãu di kada dia. Dja-m tene un kaza, ivita panha txuva y ventu. Odja-m ten un kaminha pa N deta, N panu pa N kubrí, un sentu pa N sinta, di póbri. Anton, mi, pa min, N sta atxâ ma sta dreitu, purkê ata ku nos bíblia sagrada, ta farâ sobri riku. Na bíblia sagrada, salvô só un riku ki ta fradu Zakeu... purkê Zakiu uviba Jizus ta pasaba na se ladu di kaza, el lebanta sédu ta ba kóntra ku Jizus, ma éra ómi muntu miúdu, Jizus ta tinha txeu multidãu, el subiu un pé di figera, kuandu Jizus ta pasâ baxu del, pa el kunxê kal ki é Jizus. Má, Jizus, ánti di txigâ na el, el txumâ-l: "Zakeu, Zakeu, dixê, purkê oji ta konvén N ba ku bo pa bo kaza". El dixê presadaménti, el txiga, el brasâ ku Jizus. Multidãu ki staba djuntu ku Jesus tudu fikâ murmuradu. Ma Jizus frâ: "má pamódi nhos murmuradu? Kel argen ki ta prisiza di médiku..." má só ki bibla ka ta frâ si kes multidãu konpanhaba Jizus pa kaza di Zakeu! Kantu Jizus ba pa kaza di Zakeu, Zakeu dja dâ-l entrada muntu sábi, Zakeu pa se retorkiu, e' frâ: "Jesus, N ta bendê metadi di nha ben, N ta dividí póbri. Tudu kel ki mi frâ... ta pegâ-l e' kuaru vês mas!" Jezus frâ: "salvasãu dja entra bu kaza!" Só purkê el... el pensa na konpartilha, s'é fortuna ki el ten li, ku kel ki ka ten li. Má, as vês oji, kre te un riku, p'el fazê degrau di téra, té ki el txiga topu siu, p'el podê mostrâ ma el é riku... y un koitadu ki ta morâ djuntu k'el ku fómi, ka ta kre dâ-l un jantar! (risos). Prinsipal é kolaborasãu! Purkê si n'é kolaborasãu ku nos guvernú sentral ku nos guvernú lokal, ku nos pulisia, ku tudu entidadi ki nu ten, ki du ta mergudja pa du podê ten un organizasãu milhór.

### 3. Kuzé ki nho ta atxa di lingua kriolu?

2.2. Linga kriolu pa min, N ta otxa el bon, purkê kel ki N herda di nha pais. É kel ki N ta pâpia tudu dia. Agó, di vês en kuandu, N ten té... tersera klasi apenas, ki nos pai sai di li, el ba morâ ku nos nun zóna ki txuma Tintera... (...) Sin. El ba po-nu na skóla, na Kova Figera. Kantu ben na mil noviséntus korénta y séti, ovi grândi krizi. Agóra dja-nu tinha kel prumeru grau, nu ba... fazê kuarta klasi, má du ba só dôs mês di skóla. Ka tinha otu remisãu, tinha kel trabadju no Monti Bédji. Nos pai frâ-nu: "fidjus, dja N kre po-nu na skóla peru ménu pa kuarta klasi..." E' fra: "ma kondisonx ka sta". El frâ: "agrikultura ki du trabadja ki, vida dja kaba sekâ" E fra: "góra, nu ten ki ba pa kel lugar di Monti Bédja... trabadjâ pa skapâ bida!". Ma nos inda éra muntu pikenu, du ka tinha otu kondisonx di trabadjâ, má du ta lebaba un agu di li na kabésa, ki é pa ba da kes trabadjador di ben, nos ta ganhâ nos pokenhu, purkê kel ténpu salariu dun ómi é té vergónha pa konpara-nos. É dôs mil y tal, três mil y tal... kada un trabadjador. Sin. Má trabadju tanbe, nakel ténpu, éra skravaturadu. Si podê ten ki fazê y si ka pode ten ki fazê. Nu continua la me, tinha gó kel bujin, mindju, pirãu, asúkra. Óra ki leba kel agu, ta da ka dâ kada kenha se kuzinhas. Odji é ma... arguns des, óki vortâ di kanpu pa ben resebê se abonu, ki e' ba Ribéra... moí-l na Pédra purkê ten ki

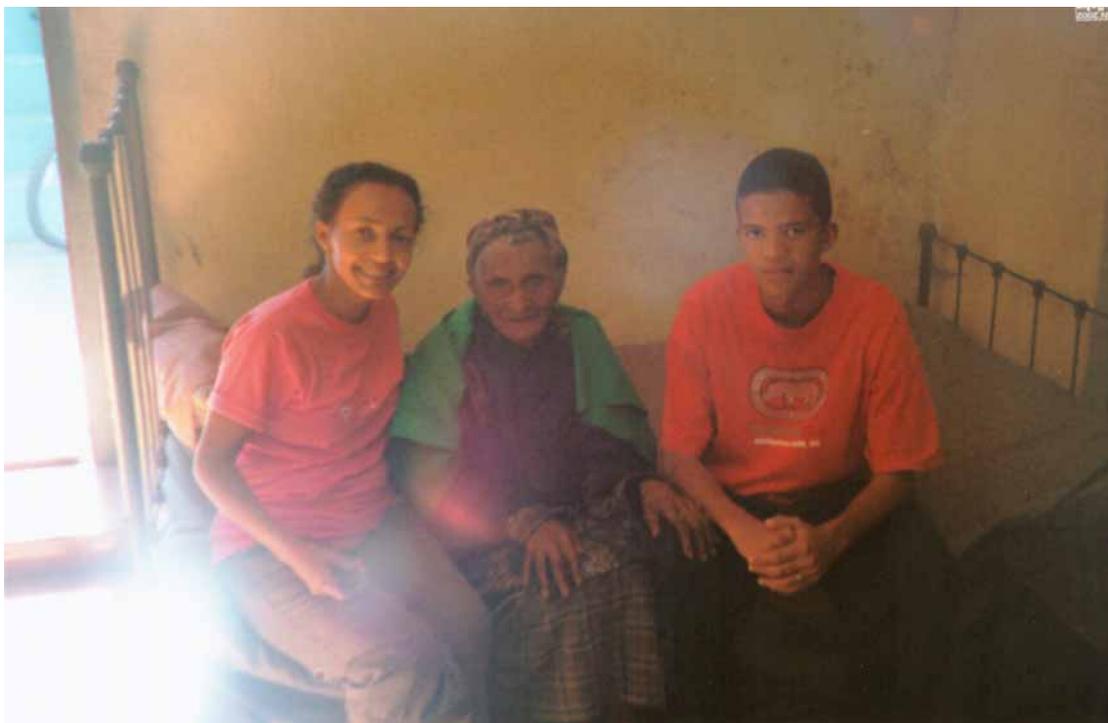
moinhu... pédra. Purkê el ka fetu, ten kes pédra la, dja ta panhâ otu pédra li, du ta prendê, ta kumê. Fika ta morê arguns... resorvê no ben da un katxupa. Agóra, prontu, fazê kel katxupa pa óki trabalhador ben di kanpu, ta da ses rasão, es ta kumê, dja es ta tuma ses... agó es ta diskonta kel kuzinha na folha. Es ta dadu agóra ses abonu, es ta preparâ ses jantar. Agóra vida kumesâ ta sintí midjór. Vida ta moredu mas poku ki du ten kel florésta la té oji, ki nu ta atxâ e un florésta... y bunitu purkê el ten nómi florésta, ma tanbe ta frâdu sin "Monti Velhu". Ma la éra "Monti Pró-Vida dôs Omenx"! Mas tanbe, brasu du ómi... tudu fika la kravadu na terenu, purkê tudu ómi ki ta trabalha pa ganhâ se dinheru, né?, iskrivãu y tal... má tudu kanpunês o tudu trabadjadór rural... é pa e' ganhâ se salariu, se forsa ten ki fikâ npregadu la... e purkê kel fórsa ka ta vortâ mas! Ma tanbe un ómi ki ta trabadjâ ku ómi kanponês o... un trabadjadór rural... k'el ben ten otu inergia, purkê, sipunhamus, kumu a nos, du ten strada feito di Bila, karu ta ben para li na pórtã, má ta prisiza sabê ken ki fazê-l. É us bédju! Kel perímetru ta li xei di ârvori, má nos jóven di oji ta prisiza sabê ken ki po-la la é us bédju! Dja sta li ki... pasadu, mas nos jóven ten ki sabe ken ki fazê-l, é us bédju. Ali sta skóla, ten ki sabê ken ki fazê-l é os vélhus! Agóra, védjus, infilimenti... infilimenti ki védjus ka tene se título... purkê N ta frâ sin: "mas deve ten un ilujia, peru menu, pa risponsável di nasãu, di vês en kuandu, reunisi, preguntasi, es konta stória, da-s un bolu ku un kópu di sumu, tra-s un fotografia, rakunhesê-s di kuza ki es fazê... nos jóvens pa sabê... p'es pidí guvernú.. Ah! Es é nos avô ku nos bizavô ki fazebo! Anton, podia ben da-nu dinheru pa nu fazê agó, tanbe, un poku pa nos fidjus ben konxê ma ses pais tanbe ki trabadjâ... agóra, oji un nóbu te monta karu, el ba bila li... dja el dixê, dja pagâ se pasaji, má el ka sabê ki dór ki kes bédju pasadu! El ta mestê... e' txigâ li na perímetru, el konprâ si lenha, el ben la, ma el ka sabê ki dór ki kes bédju pasa! El ta txigâ na xafariz, el ta konprâ si aga, ma el ka ta sabê kel dór ki kes bédju pasa! El ta txiga na un diki, el odja defetu, mas el ka ta sabê ki dór ki pisoas pasadu! El ta txiga nun skóla studa, e' studa, e' saí... Ah! Minha skóla é bunitu!! Má el ka ta sabe kel dór ki kes bédju pasadu! Ma góra, du ten ki tê un stória ku nos Prezidênti di Kâmbra, ku nos guvernú, ku nos Prezidênti Repúblika, ku nos pulísia, ku nos fidjus, pa ubi-nu stória... pa es podê lebantâ ku ota ménti, pa es trabaiâ tanbe sima nos, du trabaiâ, pa es agradisê bédjus, p'es ka gridí bédjus. Purkê oji sta bédjus manku, sta védjus segu, grasa a un pensãu di três kontus... trezêntus sinkuêntã, ma... ka ta txiga, ma mal... mindjor ki nu mar, poku mindjor ki nada, konform ditadu antigu ta fra. Ma bédju ta mestê na nos Prizidenti di Kanbra, na nos Prezidenti di Repúblika, odja-s ku odju, preguntâ-s, es respondê. Purkê ten védju, el ten un fidju, ma óra kel fidju sai pa badju o el ba un kabu, el ta fika na kaza, duranti dia el ka abri bika pa ben fala. El mestê un ilujia, el ta... prugunta tanbe, un izénpru, si ten un póbri ki é védju... el more, si ka ten kondisonx pa Kâmbra Munisipal dâ-l un garantia, si bu morê, ta ba li nu koperativa... núnbru di kâmbra ta fonadu... ta mandâ sepultâ-bu. Nu debe ten un spéransa... nu debe ten, ker dizer, nos ka ba da-nu purkê nos é koitadu... má tene jeitu... .tudu é jeitinho! A módí nos... du ta tene sedi, N ta pidí-bu agu. N ka tene un kópu pa da-bu, ma bu ta dâ-m un kuartu di un kópu dja-m ka ta morê di sodi. Óra ki N txiga la na kural, N ta otxâ otru un kaza, el ta torna dâ-m otru un kuartu di kópu dja ta... ta txiga. Agóra si N ka otxa nen poku nen txeu, mi dizanimadu. Nos bédju, nu sta konsideradu sima un saku: óra ki dja sta dispjadu, roladu ba botâ la. Nãu! Nu debê ten rispetu, nu debê ten kunhisimêntu, purkê nu ta frâ sin: "désdi frevereru ki nos guvernú resebi puder, mi ka kunxê-l. N konxê-l na fotu, má mi prizentimênti N ka konxê-l, purkê N txiga di odja un retratu di un minina... minina é fea, sima el... ma na

retratu, mi txa e' bunita... kel N ta frâ: "é un rainha!" Má si bu manda kazá ku'el pur prukurasãu, óra ki el ba txigâ la, el ka ta resebê-l... é sima mi ku nos governu! Dja-m kre odjâ-l p'el konxê-m tanbe, purkê du elejê-l... o si min ka da, kel otu da. El foi mas sortiadu, el ganhâ... má ta mestê ubí se konbêrsa. El ben ubí-nu di nos, purkê un mon só ka ta labâ, nos nu ten ki djuntâ-mon, tanbe idea só dun governu ka ta kubrí populasãu di Kabu Verdi interu. Nu debê ta ten kontâ ba ta... kada un dâ-l spiriénsia, kada un pruguntâ-l un kuza, kuandu un... el tanbe ta oferese-nu kel ki ta na se puder. Má du kre odjaba, kuma ma ten nha pai di fidju pa nha ba pidí se N more pa N ka konxê-l. (...) Sin. É só isu ki du ta mestê ku nos governu, ku módu di viver na téra! (...)

#### 4. Senhor ta gósta di dixâ un apelu pa...

2.2. Nha apelu ki... ker dizer, ki N ta gósta, ki N dijeja di frâ pa tudu ómis ki diskubri téras... ki navega na mar, ker dizer, y... ker dizer, nkrível inakreditável, dipos ki dja diskubridu ku nos governu ki ba ta trabadja di poku-poku, ku profisoris ki dâ-nu skóla, ku nos pais ki kriâ-nu, ku bensãu di Deus, ku txuva ki du ta vivê, apelu ki N ta dixâ pa tudu jóvens di oji: "imita, peru ménu, nos ki é ses pais o nos ki é ses avô!" Purkê oji é un vida artifisial, mas só pa vida artifisial du ka podê vivê, purkê Deus kria ómi é pó di téra, é pó ki ta torna pa trabadja, pa kume. Má oji pénas é purkê jóven... kuarta parti di jóvens ka kre trabadja... agó, kel ki kre trabadjâ e kel ki sta podê mas... agóra tanbe li... (...) N ta gradisê-bo bastanti ki bu ben nha kaza... pa ben pruguntâ-m un kalker koiza, purkê mi ken ki ben nha kaza pa ben pruguntâ-m, N ta sintí un prazer, un ben-estar. N ta sintí un rikéza, hã? Purkê el kre konxê un pasadu... p'el levâ-l ta fikâ pa stória, ta ranjadu un livru tudu kel... agóra asuntu ta vortâ midjór... y... ka só mi ki ta kunfesâ Xã das Kalderas o argen ki fazê un gravasãu, un vídiu, karker kuza, el ta konfesâ vida di Txã das Kalderas!

## 2.3. PARTICIPANTE III



Nome: Arminda Lopes Monteiro

Nominho: D. Mima

Localidade: Ponta Verde

1. Nha Mima, komu é bu nómi konpletu?

2.3. Arminda Lópis Monteru.

1. Nha Mima, ki anu ki bu nasê, ki anu i ki mês ki bu nasê?

2.3. Amin li txiga N ten trezi anu. N ben pari fidju N ka sabi kel ki N tene sin... (...) mil noviséntus i un.... trezi anu... (...) séntu kinzi anus... y gó... gósin, N ta séntu kinzi. N ta na séntu y kinzi anu.

2. Es pergunta nha kantu fidju nha ten?

2.3. Só kel un. Só kel un lá. É só kel un. É kel ki... ki ta li sin... é kel ki lin... si N ganhâ fidju txeu, dja-m staba lonji. A... ka tene ki... só kel un la...

3. Es pergunta nha si nha morâ li désdi ki nha nasê... nha móra li o nha ta moraba notu lugar?

2.3. Moraba na Fonti Jiji. N kria na Fonti Jiji, N ben dirétu ben fazê li... dja morei muntu in riba... (...) so kunxê só li. Nen Musteiru N ka konxê... (...) Min trabajadu li, ganhâ nha dinheru li, N ka konxê-l, N ka ba daí. N ka ba... mamai li ta kriaba... kria gó min... N ka baba ninhun kabu. Amin ninhun un kabu N ka ta ba. Nha pai ku nha pai ka ta ditxa mi ba ninhun kabu. Mi só mas nha mai ku nha pai. Ami só. Inton, no ten tia, ki ten...ki ten só un. Nha tia ten só Maria. Maria gó ta di nenê... d... tene nétu txeu... el da Tutu, e' da Tutuzinha. El da ... dimingu... el da... txeu... y sima mi... da nétu N ka sabe kumu txuma. Otu N ka sabê kumu txuma. Es ta nbarkadu tudu, otu na Lisboa, otu ba Mérika. N ka sabê komu txuma.

4. Es pergunta nha si nha ta lénbra y... p'módi vida kumé ki éra désdi bédju si tinha mas... argen mas poku, animal mas poku.

2.3. Nã! N ta lenbrâ. N ta lénbra tudu di ténpu bédju. É ka si me nos di gó. Di gósin... argen markriadu. Bédju ta fazeba badju, ka ta konpradu ramédiu, ka ta fradu porkaria, ka ta fradu ninhun. A-nos aoxi... oxi sta fradu tudu koza gran... grândi ki el ta respeitaba... tudu argen grândi, tudu korê pa N gatxâ... ta... oji bu... mininu... oxi, kriánsa di oxi é ka sima no di bédju. Nos di bédju di-nhos tanbe... nhos é tratadu ben... ka ten ku idadi. Mamai ta fra, papai ta fraba: "konseison, lénbra d'Arminda kel nha xíkra di mantega pâ-m bibê... kuzinhadu...", pa e' bibê sin kumi nada. É kel... ten koraji, ten koraji até oxi. Agó, mi sta sintadu, sintadu nun kabu kel dia ki argen dâ-m argun koza. Mi ka ta fazê nada. Ninhun koza N ta fazê... sintadu nun kabu, ta dâ-m té brigónha... pukê fazê-m argun tudu kuza pa N kumê, ta dâ-m brigónha sin di genti bédju. El é gosi... el é matxu... (...) El ka ta fazê ma é pa dâ-m brigónha, ta dâ-m brigónha. Asi mi sta té li sin, ta dâ-m nha dinhirin ki akonpanha nha kuza di bibida, N ta bibê. Bo ta dâ-m un kuza di bibi, N ta bibê... N ta fra: "ma N ka... N ta konprâ nha servedja, N ta bibi, N ta konprâ... amin odji dja-m ta skesê, N ta skesê di mi danti di kaza, el ka ba txuma-m. Inda bédju, bédju ka lenbrá ma... kuma es txuma pa mora-es... Es daí é ... marka, é marka ki nhus ka ta flâ... (...) Stória, ki ami kontadéra stória, du ka ten ningen, pamó ki tinha un... un kunpadri ki é nha tiu, ki é Simão. Simão di nhu Bétu. El ta kontaba-no stória, N ta ubí tudu. N ta sabê tudu stória, k'el ta konta-no, N ta sabê... N ta kontâ... ma sin ten argen ki ta kontâ-l di noti... el ta konta stória... el ta ubí... ta ten un mininu... raparginha ki ta ben drumi ku mi li. El ta prubeita pa ubí stória ki N ta kontâ.

5. El preguntâ nha... si nha ten arguma koza sin ki nha gósta di fazi ki e ka dentu kaza, sima vizitâ, nkontrâ otu argen asin?

2.3. Nãu! Amin, só kand... argen ta ben pâpia ku mi... ki ta pâpia.... (...) Agóra oxi mi éra argen... bo bo konxê-m, módi bo é mininihu... bo N ka konxê, má Dendén N konxê ma un bokadu el... ma bédju ki el, ma bédju ki ninhun di nos! N konxê mininus tudu, tudu N konxê... ma N ka... si agó, sima é bo... y nen si é bo si ka flaba pa min ma... bo ka sabê ken nos é família. El ka ta sabe...

6. Pregunta nha si nha ka sta lénbra di ninhun fésta sin di Santu ki ta fazedu p'li?

2.3. Nã... min ta lénbra inda... ki N ten oiadu Nosa sinhóra da Grasa ki mi ta sperâ... ki é d' difuntu di nha pai...

7. Bédju... a kuma éra kes fésta li... éra ki mod'é?

2.3. É fésta! Tinha mandióka. Tinha kobi, tinha xerén... ta fazeba kes fésta tudu. Kuza, kes... tudu ta binha. Oji ka ten ka ten ali. Tudu li dja kaba... binha un pisoa, dôs pisoa ki p'anda kun Nosa Sinhóra da Grasa, dia di vinti oitu. Vinti oitu di kunprimisu. (...)

8. Es preguntâ-nha si nha ka ten... nha... di bédju, si nha ka ten médu... sin di argun koza sima pa ka kontra ku gatu di noti?

2.3. N ka ten médu pamódi N ta razâ muntu txeu. N ka ten médu, mi ta razâ tudu. N ta razâ txeu... N ka ten un... rozáru. Mi é rezadera, ninhun kuza ka ta txiga na min. Ninhun kuza...

9. El pregunta nha si nha ka sabê fazê sin ninhun ramédi sin... ninhun ramédi pa argun duénsa?

2.3. N ta fazê. N ta fazê ramédi, ma mi ka ta podê fazê ma. Ta fazidu ramédi, ma min ta nxina-el p' ba fazê... pa e' ba fazê. Agó N ka ta sabê. Bédju ba fazê ramédi pa bariga, bédju ta fervê Texerinha, ta fazê xa di Muroju, ta kuzâ... tradu da téra. Es koza asin, pa el fazeba ramédi. Oxi, gó ten.... tene dotor... tene nfrimeru. Kabésa pódi ba frimeru, pois inton ba nferemeru, amin ka ba inda. Ò min ka ten... min ka ten. N ka ten nen njesãu, N ka ten tomâ nha korpu... njesãu.

10. Es pregunta nha si nha... nha gósta di dexaba ninhun konsedju sin pa argen di gósin, o pa argen ki sta ben?

2.3. Es ka ta uvidu. Es ka ta uví konsedju... konsedju... konvérsa ku bo... kel é nobu, mi é bédju... amin konvérsa ka balê ma... balê, el ta balê, ses genti nóbu... ranjâ ku el... konvérsa ku nha, du sta kunbersâ diretu. Nho ta largâ-m, nho ta ba pundi kel otu la, amin ta txiga la prisipiadu. N ka konbersâ ku ningen, N ta fikâ... N... txorâ, txorâ ali sintadu mi só... N ka pidí ningen di li konbêrsâ ku mi!

11. Y... si sinhóra sabê fazê argum kumida, si nha fazê o katxupa, argun kumida di gósin?

2.3. Amin fazeba tudu grinha... ben pa fornu dentu nha kaza, ta fazê pau, ta fazê tudu. Oji N ka podê fazê. N ta fazeba pãu. N ta fazê bolu, N ta fazê tudu. N ta kuzinha ku nha mon. N tinha fremeru ki N ta

daba kumida la, la na kaza du ospital... óra... o nhas bi... a min....ta sta odjaba koza na monti, ta parsê na monti. Mi ki ta da-s di kume. Ba fazê kumida é sedu. Agóra, N ka ta podê, má éra... agó, fazê un pikenu favor.... mexê, má górinha, N ka pode fazê nada mas... N ta... duedju. Duedju gó ta tremê, ta tremê... N ka ta podê nada mas!

12. Pergunta nha kumu éra namoru di bédju?

2.3. É... namoru di bédju... di-nhos éra diferenti. Di oxi, nha... di oxi nha... nha ki nha ta... nha, nha ta ubí, ta fazidu tudu koza ruba nha, nha ka ta obí. Amin di me... ta brinkâ ku un argen é txigadu li... pa du kazaba ku argen... nha saí la riba... ma binha kel ómi y kel mudjer ki ka ta odja... saí korê, ta tomâ nha kamin, kel ómi ta korê ta ba si kaza pamódi... txeu argen grândi ki é pa dadu na kadeia, du ka ta ba justisa, du ka ta ba kadeia, du ka ta ba dun kabu. É li ki kel ómi ki dadu na kadeia, tanbe ta frâ... é... el kre frâ: "Nha Arminda kre frâ-nha nada!" N frâ: "Nãu!" Marikenha kre frâ nada". "Nãu!" Anda el na kaldéra, pa undi ki nha ba, nha es ta ubí... panha fi... bránku ba dá kabra kumida. El frâ ki é p'el tra kabra di la, el ka tra kabra di la, el konkô ruba kabésa. El sujâ kel kabésa pu mamai ba labâ-l. Ma el ka linpa, N ba toskiá-l, linpâ, el frâ: "nho dô-bu, nho dô-bu". El dize-m: "inton nho ka dô li... Arminda ka fazê..." el tinha ki fazê, mi txumâ-l, N dô-es goiaba, N dô-s koju, N po na txon, N frâ: "nha panha!" Ô, ma min ka ta parsê lâ. N txumâ-l, el flâ el ka ta ben. El ka ta ben... N flâ asin: "si N bai la, gó bu ta ben". Y esin, el ben. El frâ: "panhâ ku vara... na kadéra... ta da mas poku pamód'es fikâ y..." má el gó... bédju, bédju, mi un andju. Tamanhu... ómi! Si mi saí ta buaba pelo rubera, ta buâ. Ka tinha kel kuza, ka tinha kel malkriadéza, ka tinha nada. Ninhun kuza ka tinha. Oji tudu kuza ten. Tudu malkriadéza ten...

13. Se... es pergunta nha si nha ka ten... si nha kria ninhun nimal li na kaza, o gatu, o katxoru?

2.3. Ô, min! El ten gatu! El... ma min ka ta gostâ pamó... N ka ... animal. Nho padri Piu, nho Padri Figera, el ba... N bendi... ku karga na kabésa... pizadu, N po ruba paredi, N po na kabésa dibaxu. Mas taba nobu. Kabra N ten li, un... midjór ruba... ta "mééé!"... kel genti la ki kaba li ku tudu. Pa sfiriâ, N po na txon ruba paredi. N po na txon. N panha kel kabra, distransâ... N distransâ-l, N vrâ-l, N dô-l lugar ma riba prâ kel otu, N da ma riba. Y el ba... ba, tudu ta konversaba. Tudu sábadu ta konbersâ. Kantu ki ben nho padri... N frâ: "Nãu!" El frâ:"mi ka ten un di Maria, ki nha txâ afrontadu, ki nha dizafrontâ". N frâ: "Nãu!" El frâ: "nha konta dretu pamódi nho dja, nho dja... dja frontadu". Logu N ben frâ: "nho Padri, ken ki frâ-nho el?" El frâ: "nãu! Mi ka ta frâ, kel ki ta frâ!". El ka frâ: "má mi sabê ki é gentis di... agó... ki frâ. N frâ: "ó nho..." N frâ: "ó, nho padri, mi, N otxa un kabra transadu..." El frâ: "Maria pensâ ki é du ruba... pa pô pa N distransâ-l, N pô na txon, distransâ-l. N ba mará ma riba mas akel otu. Min txâ N ka... N ba..." N frâ: "nha genti, milagri ki nhus atxâ na mundu... argen bédju ka ta otxa nada!" Min ka ta otxâ nada... mondâ na koba... panhâ ku mon maradu na pé... brigadu. Y el ta fazê brigónha pamódi fazê ses kumida... kaldu ku karni ku tudu. N ta tomâ-l... agó... N ka ten kuza dent... jinjiba di baxu.

14. El frâ ma el fikâ muntu brigadu pamódi nha respondê-l tudu kuza. El te dizê nha parabéns pa idadi ki nha ten...

2.3. Nã! N ten idadi. Ma kuazi... txiga.... N ta frâ góra, es ta ri... amin ta fazê es a ri. N ta frâ: "ó, nha genti, amin oxi N ka sta na nada!" N vrá bédju. El frâ: "ó Jizus, kokô di gatu!" N ka frâ nada má! Mi éra! No ki... xigaba na... tudu é bunitu. Agó nos li.... franjidu sin!

## 2.4. PARTICIPANTES IV



Nomes: Elvira Galvão Batista (2.4a)

André Sabino Batista (2.4b)

Nominhos: D. Linda e S. Dendén

Localidade: Ponta Verde

## PARTE I

1. Nha Linda, Komu é bu nómi konpletu?

2.4a. Elvira Galvão Batista.

2. Y kantu anu ki nha tene?

2.4a .E... siténta y séti anu.

3. Kantu fidjus nha ten?

2.4a. Onzi fidji. N fikâ ku séti. N ten séti fidju ki fikâ bibu. Sin.

4. Kual é nómi ki é di bu maridu, kuma'é si nómi?

2.4a. André Sabinu Batista.

5. Nha morâ li desdi ki bu nasê o...?

2.4a. Désdi ki mi nasê. N nasê, N kazâ, N ba pa Praia, N ben fika li. Y li, na kaza ku nha mai y ku nha pai. E li ki N nasê, ki N kriâ, Ki N kria tudu fidju. Inton, k'es ta tudu fóra. (...) Mi na kaza, ki N ta trabadja. Mi... trabadju é trabadju kaza. Kriâ fidjus... gósi N ka ta podê trabadjâ, mas gósi ten argen ta ben ta djudâ-m... sima korpu sta negá-m, N ta sofrê di rematizmu...

6. Pregunta nha si bu pai nasê li?

2.4a. Nha pai nasê lisen.... el nasê... la, se fotografia la, ki N pasâ na Mérka. N pasâ na Mérka. N tene nha fidju kel ki morê tanbe lâ: Manuel Galvão Batista. Dja sta ku nóvi anu k'el móri. Sin. Dja el morê, sin. (...) Marsélu.... ki du levanta Marsélu é nómi di papa, ki é nha fidju ki sta na Brazil. Marsélu ki sta na Brazil... lebantâ nómi di nha pai.... (...) Grasas a Deus, min é feliz ku kazaméntu! Grasas a Deus! (...) A fésta, no kazâ pur prokurasãu, du ka fazê fésta. Mi, nha maridu sta ta trabaiá na Praia, N kazâ pur prokurasãu... N morâ na Praia dôs anu.

7. Kuma ki'e kazaméntu di prokurasãu?

2.4a. Kazaméntu éra... kazaméntu éra só na sivil... éra so tratâ tudu papel... sirví di prokurasãu. (...) Nha kunpadri y nha kunhadu ki sirví-m prukurasãu, kantu N ta kaza. Mi, des ki N kazâ ku nha maridu nos, du da ben... du da ben, N ka ten ki fra. (...) Nakel ténpu dja, na ténpu di nho pai, nos... nos amor éra pa karta. Éra pa karta, nakel ténpu. Nakel ténpu di nha pai, ki nha pai ka ditxava nos sai. Ditxava nos saí. Éra un akazu... argun kazu igreja el ditxâ nu ba, má tantu sin du ka saí... nos é kuartu rapariga ki ten... (...) No! Mi bai. Mi bai, má gó mi larga skóla. Nha pai po-m na skóla, el ba Mérka, N largâ-l. Ma rapendê-l góra! N rapendê, góra, skóla ten ki pruveitâ, purisu ki góra nha mininu, góra, tudu N po na skóla pa pruveitâ... pamódi rapendê-l gó. Rapendê, mas N ben kria ku kel avô, kel avô ta mandâ.... ka mestê sabê lê, pamódi aranja amor sédu. Akes kuza di bédju... kuza di bédju (risos). Nãu! Rapendê-l góra sin. N ta rapendê, purisu ki es mininu gó, tudu nhas fidju gó ten skóla. Má min rapendê góra. Dipos ki N ben kriâ fidjus, gó ki N ben oiá. N ka debê largâ bai... nha pai sta na Mérka! El ta ba pa Mérka,

el ta ba el ta ben. N largâ-l, mas mi ta rapendê-l un dia. Arapendê-l góra, N ka aprubeitâ el na vida... komu amin nha gentis... gentis Monteru, kes genti ki é pai di-nha mai... (...) Mi... badju, N ba muntu poku. Nha pai ka detxaba-nos bai! Éra poku! É ka sima gó sin. El ka detxaba-nos... ka ditxaba-nos sai. Y kes... di bédju tinha kes mania di ka saí... é ka sima gósin! Mi gósi kes nétu ki N ten, N ka ta guvernâ-es, N ka ta guvernâ gósin. Kel ténpu góra, ten ki obi mai ku pai. (...) Amiga tinha txeu. Amiga tinha txeu nakel ténpu. Nos ténpu éra sábi... éra sábi! Éra sábi nakel ténpu ka sima di oxi. (...) Ah! Es ta tudu fóra góra! Amigu... agó sta na Fogu. Y nos dôs é primu amiga. El ta sa ta... ma el kazâ ku Augustu... e' ta morâ na Bila, kes otu amiga ta tudu fóra!

8. É... el ta pergunta si nha ta konxê otu ilha ma...?

2.4a. Na Mérka dja N ba dôs vezis. San Visenti dja-m ba. Brava, dja-m ba. Praia, gó N ta ba txeu ki N ten fidju na Praia. Praia N ta ba txeu, Praia dja-m ba mas di ki kantu vês! Mérka N ba dôs bês. São Visenti dja-m ba, ki N ten fidju ki ten kaza na São Visenti. Ma N ka ta ... kel médiku, e' sta na Portugal...

9. E ta preguntâ-nha sin si nha ta lénbra argun stória di bédju asin...?

2.4a. Akes stória. Mi, nha vó é kontadéra di stóra, ma mi góra dipos ki N ten sintí tensãu, mi ta sofrê di tensãu arta, resorbê di skisê... má, mi, nha vó ta kontaba-nos stória, ta kontaba-nos stória di bédju, ma ka sta lénbra des.... (...) Stória kuza... ma dja-m skisê di stória. Stória ta ben li, mas dipos ki N ten... tiví tensãu, N ta ben di skisê. Té sin pokus óra, N ta skisê. Nha tensãu é artu, mi sta baxu medikamentu. N ka sta lénbra di koza bédju... ma min góra tinha un avô ka ta skisê... Dipos ki N fikâ ta sofrê, N lebâ muntu fadiga di fidjus... asin fika só di... sértus dia, dja-m skisê (...)

10. Nha ta rekordâ di vurrkãu di sinkuénta y un?

2.4a. Ah! N ta rekórda. N pasa fadiga ku kel vurrkãu... Deus ka ditxâ-no odjâ-l mas! Kel vurrkãu, gó kes kabu ka staba-nos sábi... nakel ténpu di vurrkãu, góra, ka staba sábi. Amin nen na tilivizãu N ka ta kre oiá koiza di vurrkãu, módi ta nfrakisê nha korasãu. N ta gostâ di oiá kuza sin. N ka ta gostá d'oiá ta nfrakisê nha korasãu! Mas Deus gó ka dixâ-no oiá sima kumu tinha kuntisidu!

11. Se ta txubê txeu ali?

2.4a. E ta kustuma txubê txeu. Ta txuba txeu ali. Ta txuba ki aga dja ntrâ nu kaza. Si aga dja entra li ki du... óia... só fadiga. Kuza moia tudu...

12. Ma kel brinkadéra ki nhos ta faziba bedju?

2.4a. A-du, no ta brinkâ róda dentu kaza nos... ku nos di me. (...) Ò, mi kantiga gó mi nunca N kanta. Nunca N gostâ. Ó min, des... ba un kabu, mi ta ba povu daki memu... N ta gósta ki ba txeu. (...) Igreja, abo ta ba txeu, mas ki só pudia bai si... na karu. Genti pa ba li sin na kapéla pa un asin ta ba karu, dja-m sta kansa. Nha pe ta kansâ-m, a-m ta sofrê di rematizmu tanbe!

13. Kuzé ki bu mas gósta di odja na tilivizãu?

2.4a. Tivizãu? Ami, gó televizãu ta gostã d'oiã, má kes koza... ten txeu koza ki N ta gósta di oiã! Ten koza txeu ki N ta kre oiã pamódi nfrakisê korasãu!

14. Kal'é kumida ki bu mas gósta di fazê? Kuma ki el ta fazidu? Kuma bo ta fazê-l?

2.4a. Amin, kumida ki N ta fazê, kel ki N sabê-l... N ta fazê pexi, N ta fazê bifi.... kes ki du ta fazê li. Kes ki du ta kumê li, nu ta fazi... kel N ta fazê pamó nha mai éra kuzinhadéra... ta fazê dósi, ta fazê bolu, tudu ta fazê...

15. El flã si nha ka ten ninhun riseita sin?

2.4a. Non! Riseita N ka tene mas... nen pa riseita agó ki nha fi ta pasã.... kantu fazê, ma kel la gó dja perdê... góra es otu góra ta fazê ta toa, ta fazê... (...) katxupa ta fazê ben fetu: karni di porku, banana verdi, mandióka, só ki tra kel kovi, ta tra tudu ramu, ramu ta po tudu nun travésa. Ma góra ta fazê katxupa módi sta muntu poku... y mi ku nhas dôs nétu ku nha maridu...

16. Ki módi é ki fazê katxupa sin?

2.4a. Katxupa té ki ta fazê-l ta rafugã aga, ben rafugadu, ta po tudu tenperu. Mi ta kustuma po mindju na aga di bésapa, kel katxupa ta fika ben kuzidu, di bésapa... kasi ki min ka fazê-l sin... ta fikã, ta stragã. Nos é poku... (...) Ka ta fazê txeu, módi nos é poku... purkê, as vês, katxupa es ta kumi só é di otu dia. Es ta mandjã, es ba Bila, es ta na skóla di Sãu Filipi. Dja-m ka sta fazê pa straga. Sin. El ta stragã, módi ka tene família di kumê, sima bédju ki binha kes fidju tudu li, tudus subrinhu ki sta li, N ta fazeba góra un panéla grãndi. Gósin, N ka ta fazê-l txeu, módi mei litru-l milhu ta fazê-l kantu di alhu... ka ta kumedu... as vês, nha stomagu ka pódi kumê....

17. Se ka ta fazê ninhun dósi li di mindju, sin?

2.4a. Mi, brãнку... na kaza li, N ka fazê. Ma N ta fazedu ma li gó N ka fazê... (...) Mi, úniku dósi ki N gósta del e papaia. Ta fazedu nha mai, ta fazê dimás! Ta gósta gó... sin. Ma N ta gósta, gó di dósi di papaia góra N ta gósta ... dósi di leiti N ta gósta.

18. Módi ta fazê dósi di azedinha?

2.4a. Dósi, ta pô na aga... ta po na aga.... ta kuzinhã, ta pesã, ta po asúkra nel, y pruntu... Só un kel... azedinha é un kilu di asúkra... e' ta fika dósi sin.

19. Si nha ka ten ninhun bitxu sin ki nha ta kriã?

2.4a. Amin no... min dja-m sta kria nada. Bédju, N ta kriaba garinha, N ta kria porku, agóra N ka sta podê mas, N ka sta kriã mas. Agóra mi ka ta fazê kriasãu mas... korpu ka sta pódi... dja trabadjã txeu. N ta sta só duenti... N ka sta podê... N ka sta pódi kria mas.... (...) Gatu gó tene txeu. So ki ta kibrã kuza txeu li. Nha.... duru pa gatu: eh, gatu!! (...) N ka gósta! Eh, gatu! Prumeru kumida ki el ta ten di gatu. Oji ki N ben kansã dja-m... Mi agó kel... min gó gatu N ta gósta txeu. Ma agó... el ta pô-l na ragasu... agó N ka

gósta... (...) El (Lupi) agóra N ta pô-l la dianti... la dianti ki el ta detâ di noti. Tudú dia, el sta sintadu li gósin na kaza di nha subrinhu, el ba nkóntra ku me. Y só djuntu ku mi... undi N po pe, el po pe....

20. Si nha ten bon saúdi...

2.4a. Saúdi gó ta poku. Saúdi gó N ta sofrê txeu. Min staba detadu, lebantâ góra sin. N sofrê txeu rematizmu, tensãu, rematizmu dja... é so dja mi ta ku friãnsa asin... ka tene korpu sábi, N staba detadu. Amin lebantâ-l... (...) No! Ramédi di téra... n'é ramédi di téra é kuazi é só... kes ramédi di téra, N ta fazê txeu... o azeti kuza ma é kel me... e di família. Nos ten na família. Ta fazê ramédi ma mi gó frianza ka ta rakonpô... ramédi no ta fazê... ó ta fazê di téra, ta fazê du azeti, ta fazê frikisãu du azeti. Nha bô ta fazeba medikamentu sima mi gó nhas fidjus ta manda. Min sta baxu di medikamentu. Kantu ki ténpu sta kenti, N tene korpu sábi... (...) No ta fazê xá di orégu, kuentru... N ta fazê, N ta fazê, N ta tomã...

21. Se bu sonha txeu di noti?

2.4a. N ta kustuma sonha txeu. N sonha ku nha fidjus tudu ki sta tudu fóra. N sonha ku es, N ta lebantâ, N ta sintâ, N ta fazê orasãu. Mi na nha kaza, minha kuartu, é tudu ku santu. N ba Mérka, N ben ku'el. N ba Praia, N ben ku'el. Mi ta sintâ, N konprâ nha vela, N ta sindê. N ta konprâ pakóti di béla, N ta sendê pa tudu fidju ki sta fóra. Pa ne mundu fóra, pa Deus da-nu pas tudu... na min, agó nha orasãu gó tudu dia ten ki fasi... ten ki fazê orasãu kes fidju... kel mundu fóra. Tudú.... prinsipalméti Stádus Unidus, da ta.... N ta fazê nha orasãu... N ta konprâ nha pakóti béla, N ta sindê....

22. Se ten sodadi di bus fidju?

2.4a. N ka ten sodadi di fidju, só nétu ki N tene nel. Só da sodadi ten ninhun gó ki ten stadu es dia li... Sãu Visenti. Nãu! Gó ka ten sodadi... ka ten sodadi. Òki ten saudadi, inton... txóra, ma N ka sta duenti...!

23. Kuzé ki bu ta atxa kriolu sin?

2.4a. Kriolu é só kriolu ki N ta pâpia... sin... Kriolu N ta gósta. (...)

24. Se nha ka ta lénbra di argun fésta sin di... fésta di santu...?

2.4a. Fésta di Sãu Filipi. Sãu Filipi é fésta y fésta! Mas mi dja ten anus ki N ka bai. Ami dípos ki N kazâ, gó fésta N ka ba. Só sidadi argun kazaméntu... fésta di Sãu Filipi... gó un fésta agóra ki kel tudu argen... un fésta sábi na nos téra. N fésta ki ta ben li tudu kabu di Sãu Filipi. Sãu Filipi ta fazedu li... sábi! Sãu Filipi é un santu ki ta fazidu na Fogu li. Tudú argen ta gósta, ma mi góra ka sta bai. Amin dja ten anus ki N ka bai.

25. Kuma ki é fésta... sin?

2.4a. Ta dadu kumida sin, kada anu ... es anu , N ka sabê... Ken ki dá Sãu Filipi es anu? Es anu N ka ta lénbra ken ki dá. Ken ki da debe sê gentis di Jaimi ki dá. (...) Nãu! Sãu Filipi é un fésta ki ta ben la di Giné. É un fésta keridu li na Fogu. É un fésta keridu...

26. I komu é ki ta fazidu sin pa fésta?

2.4a. Ta fazidu kumida, agóra, ta fazidu kumidas... ta fazidu kumidas... genti ta fazê-l... ta ten muntu kuza... ta fazê nos xerén, ta fazidu... N ta fazidu fésta bédju, ta matadu animal. Ta fazidu fésta bédju. Sãu Filipi é un santu ki ta fazidu fésta na nos téra li.

27. El fra sin si osu ka ta avisaba óra ki ba txovê... ken ki ten reumatismu sin?

2.4a. Amin duedju... amin, el ka modja, si el modjâ N ta sintí friu, ta sintí fébri na korpu. Mi ténpu kenti ki ta da ku min. Friéza ka ta da ku mi. Sima oji dja ténpu sta friu, ma té góra Janeru ka fazê friu... el ta té friu li! (...) Ah! Novéla N ta gostâ di ver novéla brazileru. Amin ten un fidju ki sta stadu...k'e morâ nu Brazil. E' studa la, el fikâ la. El ten três fidju. Ó la se fotografia di ses fidju la, ma es ta tudu grândi. El móra... dja-m skisê nakel lugar ond el móra... na Belén... Belén... El txuma Marsélu... Universidadi sin... N ka sabê si nha pe, nha korpu ba podê viaja. N ka sabê...

28. Kal é ki... npurtánsia di mar p... kuza ki mar é pa ilha... pa povu di Kabu Verdi?

2.4a. Mar ta sirví pa Kabu Verdi e pa tudu ken ta trabadjâ la. É kes... ten argen ki é própi ta vivê di mar. Es ta baxu di mar na Kabu Verdi. Ten piskadór ki ta vivedu... ki ta vivedu... (...) Sin. Aki, vida di mar é un vida... é un vida duru, má ten ki vive vida...!

29. Kal pixi ki mas ta piskadu li?

2.4a. Pexi ta piskadu... ta parsê gósi, gósi... só es pixinhu ki es ta peskadu. Ma góra... bédju ta tinha piskadórus ki ta piskava só bons pexi. Só kes pexãu grândi, ma góra es ta piska só... e pexi... (...) Mi pexi, góra, ki N gósta del mas é garopa. Gósin, gósin... gósi é só es... ta saídu des grandurinha sin, kes txotxorinhos k'es ta piskâ góra... ten ténpu bon tanbe ta ten... ten muntu ventu na mar, ten muntu ventu... y pa ba mar es ta riska vida! Tantu piskador ki ta morê na mar... el riska vida! (...) N ten un vizinhu li ki morê na mar. Dja moredu txeu na mar! (...) Sin. Moredu txeu, ki mar... mi própi mar... médu del...mi óki mi ta viajâ, N ka ta spiâ pa mar y so fazê nha orasãu y té óki N txiga. Inton, óki dja-m txiga, dja dizinbarkâ ki N ta fra: "Diós, grasa!" (...) Sin. Mar é... mar... Amin fraba ka ta viajaba, ma djâ-m ba duas vês Mérka. N fra N ka ta baba, ma ba spiâ kes fidju.! (...)

30. Se nha ka tinha... ka sabê ninhun frazi, si argun pruvérbiu ki es ta fra?

2.4a. Nãu! Amin, kuza dípos ki N ten tensãu, ta skisê. Até mi ta po un kuza la, N ta skisê. Bédju N ka ta di skisê. Agó, N ta skisê txeu. N ta po un kuza, N ta skisê undi N po...

31. El fra sin... si bu skisê pumó mimória sta fraku o pumó mimória ka...?

2.4a. Mimória N ka sabi ki módi é... Min ka sabi módi dípos (....) Nétu...Ah!nha nétu gó N ta gósta lénbra. Es é dizaséti... dizaséti... mãuzada... N sta lenbrâ: Alex, Natu, Pedru, Osvaldu (risos) Gó N ka ta lenbrâ

tudu... Kel di... komu txoma el? Mané si nómi? Filipi! Shela, Diní, Sandra, gó...inda sta poku. (risos)  
Inda nétu sta poku. N ka sabê si Diós ba dâ-m vida pa oiá otu... N ka sabe! Es ta fika na mãu di Deus!

32. Ken ki é mas kabá li?

2.4a. Ma! Di Zibinhu ba... es tudu. Di Zibinhu bai. Ba agó di Zibinhu... bon, el saí. N ka sabê undi ki es ba. Mi kantu ta spanta ki, N ka otxa ninhun. É... gó... di Zibinhu. El ta gósta di saí. Onti noti el sai. El ba lisin gó... ma, maner... fra: "Pedru!" Óki el ta sai, el fra: "amin, N ka ta sai!" N ka ta oiá nakes nen nakel otu... dja.. pu.. mas é na kaza di vizinhu...

33. Kal é ki consej ki nha ta da pa argen di gósin o pa... otu argen ki ta nasê sin? Konsedju...

2.4a. Amin ta da konsedju mó argen ta andâ diretu. Si mi sta só, N ten ki fra... pamódi nos nakel ténpu sima, N labantâ... no, nos pai nos ta baba poku, el ka ditzaba nos saí txeu. Amin, agó... sima óki es ta ma no, si es ta ba un badju, kes ta ba, nos ta fika fadigadu. N ka ta kre p'es ba, mas el ka ta ubí meu... (...) Agó, es gósin, es ta saí... agó min, kel kuza min ta otxâ-l diretu. N ta otxâ-l diretu. K'el sai sin. Agóra di noti du ka sai, módi nakel ténpu.. (...) Min ka ta gostâ, min kes ki kria dentu di nha kaza, lii, N ka dixá ba, pamódi N ka ta gostâ dôs malkriadu, ma kel gósí kandu ten kabésa duru, sima nos di bédju, es kre fazê tudu kes kre. Es ten mas a vontadi, amin ten ki ten... kel reupetu.... (...) Kel ténpu labantadu, tinha ruspetu. Agósin, dja es respetu... min dja kaba dja... pa nha pai odja-nu ta ba dja. Nha mai ta lebaba nos, mas mos pai... ta ba oiá, nakel ténpu, é ka sima gósin. Gósin gó, kel ténpu ka sta mas... gósin, es ta guvernâ ses kabésa.

34. Se bo gostâ, si bo ka ten sonhu asin... argun koza ki gósta di bu fazê inda.... sonhu pa futuro?

2.4a. Amin... inda min N ta gósta di oiá nhas fidju ku nha nétu tudu oriéntadu ántis ki N morê, mas na mãu di Deus. Si odja, N kria, dja N kria fidju. Na kria dja nétu tudu ku... kursadu. N ten nétu dja sai doktor. El ba... min kre oiâ-es inda. N pidí Deus pa da vida ku saúdi pa-m oiá tudu kursadu... pa N ba saudâ-s... ántis di N morê. Gó N ka sabê, agó sta na mãu di Deus... na mãu di Deus. Agó, N ka sabê, má min gósta pâ-m oiá es tudu ben situadu, ántis di N mori.

## PARTE II

1. Kal'é bu nómi konpletu?

2.4b. Mi nómi konpletu é André Sabinu Batista. (...) Nasi na dozi di janeru di mil noviséntus y dizoitu. N ba konpletâ oiténta y kuartru anus dia... dozi di Janeru, N ta konpleta oiténta kuartru anus. (...)

2. Kantu ki nho éra jóven, si nho gostaba di fésta?

2.4b. Kel ténpu di juventudi, ténpu di nóbu, sénpri N ta gósta di fésta, di baili, di runiäu y tudu akel ki ta dibirti bida, purkê na Kabu Verdi, prinsipalméti nakel ténpu, ka tinha otu divertiméntus sinäu dia dun

fésta, diua dun kazaméntu, dia ki ten un badju, komu ta fradu na kriolu, ki no ta ba pasâ noti, ta pasâ dia, no ta divertí ku nos koléga, ku... ku mosinhas... etsetéra, etsetéra, nãu é?

3. Se nho ten amingu, argun amigu sin désdi ki nho éra...?

2.4b. Des kriánsa N tevi amigus... di kriánsa, N ten amigu mas bédju ki mi, otus mas nóbu ki mi, ma kel amizadi kuintinua sénpri sima éra. Maioria di amigus ta fóra di Kabu Verdi, otus na Mérika otus na Portugal. É todú parti du mundu oji krioulu di Kabu Verdi dja nkontrâ, até na Japãu. Di módu ki kel amizadi nos ki sta grândi, no ka ta fazê-l so ku grândi, no ta pasâ-l tanbe ku mininu, ku... argen mas nóbu ki nos pa no pudí tanbe distraí nos vida, pa no ka fikâ tanbe furiadu la pa un bándá. Du ten ki sabê vivê ku kel di nos idadi, ku mas bédju ki nos, mas bédju ten muntu poku, mas ten... el ten ki divertí ku tudu spési, ku tudu brinkadéra pa no podê tanbe ka fikâ paradu nun kabu, ki velhisi paradu ka ten muntu sabura tanbe, nãu é?

4. Móki argen sin di Kabu Verdi ta viaja pa Mérka pa otu lugar, sin... di Kabu Verdi, si e bon? ...

2.4b .... purkê otróra, na ténpu di kolonialismu, kabuverdianu ka ta baba kuazi pa ninhun bándá, purkê ka tinha liberdadi. Nos é kuazi skravizadu. A nãu ser no ténpu di krizi, ténpu di fómi, ki ta mandadu genti vezis pa San Tumé pa ba, infin, ki é pa ba djobê vida, ki e pa ba skapa vida, pa ka morê. Dipos ki ben kriadu... purkê imigrasãu tanbe di Kabu Verdiu tinha ka tinha pa Mérika, infin, pa parti ninhuma... mas kuma otróra, a sékulu pasadu, tinha akes péska di baleia, ki Mérika piskava pa tudu kósta da Áfrika, pa tudu kósta di Amérika du Sul. Na otu ladu di pasífiku, ta tinha navius di Mérika ta kontrataba trabalhadoris. Na primeru lugar, ta baba di Brava, dipos el ta... ben ba ta... di Djarfogu, dipos pasa pa Sãu Nikulau. Es três idja é ki tinha mas imigránti na ténpu di baleia. Mas óki naviu levâ uns duzéntus, trezéntus o kuatruséntus pisoas di li, kontratadu pa peska di baleia... óki es naviu dja sta fartu di péska, kel ta vortâ pa naviu di fórti na Mérka, pa ba ta diskaréga baleia, el ta levâ tanbe kes Kabuverdianu. Mas tudu kes ki ba, ta fikâ. Dipos barku ta tornâ ben vaziu, el ta ben rakruta novus piskadoris. Asin é ki ba ta kriâ imigrasãu di Kabuverdianu pa Mérika. Ka tinha... purkê kabuverdianu, na ténpu di purtugês, ka tinha kóta di imigrántis. Éra só pa Portugal... ka tinha, Portugal ka ta daba Kabuverdianu ... p'el ba nbarkâ nakes kundisonx. Dipos di Kabu Verdi tornâ ndipendenti, ki ja é un país livri, agóra el ten kóta pa Mérika. Oji ta badu Mérka di tudu manéra: ta badu komu imigranti, ta badu komu vizitanti. El ta ba pa Mérika, el ta ba pa... Purtugal, pa Holanda, pa...Béljika, enfin, pa Italia.. y pa toda parti. Po... Brazil... sin. Ki mi tanbe ten un filhu na Brazil ki... kursa na Brazil. Oji el ta.. e profisor na Universidadi.... Sin. Di módu ki asin é Kabu Verdi, oji, komu país livri ki é, el ten vantajens, el ten kunhisiméntu pa toda parti di mundu. Oji ten kabuverdianu na Európa, na Ázia, na Áfrika, na tudu kabu. Kabuverdianu ki sta só na Mérika, Stádus Unidus, mas txeu diki Kabuverdianu ki sta na Kabu Verdi... muntu mas! Y nãu falamus di imigrántis ki sta nos otu parti. Purkê Kabu Verdi é un País pikenu . É dés ilhas, má ten kuatruséntus y tal kilômetru kuadradu. É pikinin. Oji, si tudu ki Kabuverdianu ki sta na... na... na diáspora, si el ben fikâ li, Kabu Verdi ka ten lugar di po-l. Nãu! Ka ten! Di módu Kabu Verdi, oji, komu País ki é, konsiderasãu k'el tene pa tudu mundu. É un país ki sta pratikamenti dizenvolidu du ki éra. (...) É ki mi ten filhu li, argen na se téra ki ten otu tantu dâ-nu, el podê sta fóra, mas el nunca ka ta podê di skisê di si téra. N ten fidju

oji sta pa tudu mundu. Ten fidju na Brazil, na Portugal, na Mérika... es é un seis ki sta na Mérika. N ten mutas vês, N podi ba vizitâ-s, mas sênpri oki N ba vizitâ-s ten kel otu família tanbe ki sta li, N ka podê tanbe abandonâ-l pa... N ba fikâ ku kel otu. Di módu ki, óki N sintí sodadi dun pódi dislokâ, mas ku fitu di vortâ pa trás otra bês.

5. Si nho ta lénbra di argun stória, storinha ... sin?

2.4b. N ten stórias txeu ki du sta kontaba, purkê n'otróra mininus ta divertiba só kun stória ki se grândi ta kontaba-el. Es ka ta konxê otu kuza. Éra prisizu pa ses pais o ses mas grândi parenti kunsâ kontâ-s stória di Lobu ku Txibinhu.... di... stória di Korvu... stória di tudu manéra, nãu é? S'é stória di Lobu ku Xibinhu, lobu é animal ki ta gostâ di kumê si karni, xibinhu é se subrinhu, mas el é mas sivilizadu, é mas koiza, mas el ta kustuma ngana lobu. Lobu ta pegâ animal, el... txibinhu ta nganâ-l, ta tumâ del, el da kumê el, y Lobu ta fika ta spiã.. (risos) Y... stória di Kabritu ku Lobu. Purkê tinha un lobu ki... nas róxa di mar, es taba ta ku fómi, ma lobu el oiô un budinhu... el konsigí pegâ-l, mas kondu ki el pegâ-l, el dja kumesâ na pensa kuma é ta kumê-l, ki e' ka ta perdê un fiu di kabelu so! (...) Txibinhu é se subrinhu... xibinhu éra mas ntilijenti ki lobu. Lobu tinha fómi nakel dia, tava na... karavéla, ruba di mar, ruba rótxa, el oiô un budinhu., e' pénsa lógu na kumê, purkê el tinha fómi, el brinka ku budinhu... ton... ki el kunsigi pegâ-l... mas kantu ki el pegâ-l, ki el sta pensa na kumê-l pa ka kaí un fiu di kabelu na txon, ta fikâ ta studâ... má nakel momentu parsê lobu... parsê txibinhu agó... txibinhu vórta nel, flâ: "ó, nha tiu, akel nho dja pegâ-l?!" El fra: "pegâ-l, N kre komê-l gósin, mas N kre kumê-l ki ka kaí un fiu di kabelu na txon. N ka sabê ki módi ta fazebu". El fra: "a!, nho é dodu! Nho pódi kumê-l el bédju!" El fra: "komu, di ki manéra?" El fra: "nho uví: nho ta abrí pé largu, lonji di konpanheru, nho ta fitxâ kabri... bodinhu na mãu..." El fra sin: "abri bóka largu... nho ta fitxâ olhu, nho ta furiâ-l pa riba, el ta kai-nho den'du bóka, ki ka ta kaí un fiu di kabelu na txon". El fra: "Ah!E sin me!" Nisu... xibinhu ba na bentu, purkê el fitxâ gó bódi olhu, kuandu ki lobu abri bóka, el fitxa olhu, ki el furia budinhu pa riba, budinhu ba na bentu! Lobu fika la serka di mea óra ku olhu fidjadu, ben kaí-l un gafanhotu dentu du bóka... Kantu kel gafanhotu ta dentu bóka, el engulí-l, el fra: "uaâ! Dja-bo ba riba dimás ki bu ben kaí tãu miúdu na nha bóka!" El fra: "xibinhu, bu ka ten undi ki bu ta bai ki Nka ta matâ-l!" Txibinhu dja sabeba lobu ta ba persigí el. Txibinhu ba na kaza... tinha un porku gordu... el mata kel porku, el korta tosinhu, el po na kabésa. El ditxâ pa dâ-l tosinhu tudu pinduradu na rostu, el marâ gó kabésa. El po ta pupâ, ta gritâ. Kantu lobu ben, el fra: "xibinhu dja kuza é?" El fra: "nho kalâ, purkê é un ómi ki ben atakâ li, el dâ-m ku pó na kabésa. Dja-m trã tosinhu, dja-m po tusinhu na txon... el trã-m mánta tosinhu, agó ki otus ta ben. Nho kumê tusinhu! Ke ki nho kre?" Lobu frá-l: "nãu! N ka ta kumê-l". Antãu bu ten ki dâ-m ku pó na kabésa tanbe, pâ-m ten nha tosinhu di me!" El fala "ó, nha tiu, nho ditxa di tolera; ka nho pensa na isu! Nho komê tosinhu, ka nho ben da ku pó di-nho... ku pó na kabésa! Kabésa ta kibrâ!" El fra: "nãu, senhor! Bu ten ki dâ-m ku pau na kabésa. Min ka sta kumê di bon. Min ten ki ter di-meu!" Bód... sta... lobu... xibinhu pa panhâ un tronku di árvori, el po na txon, el ben kun manduku, un pó di... grósu... el fra: "nho po kabésa ruba tronku!" Lobu po kabésa na tronku, subrinhu dâ-l ku pó na tésta. Má... kantu ki pau ta asin.... el fra: "tusinhu grósu!" (risos) Kantu lobu dâ-l ku otu, el fra: "tosinhu grósu! Nakel terseru pó ki lob dâ-l... ki txibinhu dâ-l ku el... el fra: "tosinhu gróósu....!" Dja staba mortu. Pa kel gulozidadi di koza, el mata kabésa pur kauza di se gulozu. Ten otro,

ki na mésmu kabu, el oiâ un kabritu na rôtixa, el dá nómi di Mekeké. El xom: "o, mekeké, ben, du ben brinkâ!" Mekeké... kabritu fra: "nãu! Nho sta nganadu!" Agóra sima lobu ta ba pa kabritu, kabritu ta ba pa rôtixa... kantu lobu dja subi na oréla rôtixa kabritu bua, el kai nun sinta. Lobu spia baxu rôtixa, el odja kabritu bua, el kai se trás... kabritu bua, kaí na otu. El é mas baxu. Lobu bua, kai nakel... na terseru ki kabritu bua, lobu dá nun sinta, ki ka ten fóрма di sai gó. Y kel kabritu bua, ba kai baxu na béra mar, lobu fika gó na sinta gó. Pa riba el ka ta bai, pa baxu el ka ta ben! (risos). El ten três dia la nakel rôtixa, kantu ki el ka podesi aguenta fómi.... koza di korpu kai, el ba da morti la di baxu! Purkê lobu é un animal golosu, el ka ta oiâ prigu, el ka ta odja nada. El ta kre so fásil. Txibinhu é un koza ki pratikamenti aranjadu. Purkê sub... xibi.. genti ten fra "txibinhu", é purkê é subrinhu" É... y lobu tanbe, ma é subrinhu di lobu, mas é k'el e mas sivilizadu, el ta nganá-l.

2.4b. Bon, krendises sênpri antiga tinha li stória di fitisera, nojera.... Fitisera el fra ki ta kumê argen, el ta po duénsa na kabésa. Ten inda ki ta izistí... da mortis na kabu ki ten krux. Krux o imajen di krux ki argen ta fazê pa el adorâ-l, el ta ba fazê tersu, el ta koza. Es ta kustuma subi el di mea-noti ku béla, ta sendê béla, ta orâ kóntra argen, si es kre argen mal... es ta ku spiritu di... di sataná, nãu é? Purkê ken ki sta nakel vida e purkê el ka ten... koza. Uma vês, até, li na kaza, nakel altura, ántis di ndipendénsia di Kabu Verdi, ténpu da kolonialismu, mi éra regedor di fregezia ali na San Lurensu. Tinha un muier ki... li di galinheru... ki es ta flaba ki e' staba na má bida. Bida di sendê béla, di fazê mar-fetu. Infin, argen ta pagâ-l própi pa el fazê kes trabai. Un dia, el prisizâ di tratâ kalker asuntu li.. nos nakel otu kaza prâ la, ki éra regedoria... N vortâ nel y N fra: "i bo? Bo... N ta uví bu nóva di tal koiza". El fra: "Ah!mi nãu!" N fra: "Nãu! Pára di tal koza!" Módi ki es konta-m divérsas stórias di se asuntu. N frâ-l: "N ta konta-bo stória, N ta pegâ-bu gósin, N ta mostrâ-bu...". N frâ-l: "uma vês, falisidu nha sogru sta na kuzinha Rebera Lizeu, ba... prisizâ di tratâ un asuntu ku'el, monta nha mula, N ba di noti. N frâ-l: "bánda Furna Rubera, kantu... Talaia, ki N saí ladu di Talaia, akes vólta-vólta..." N frâ-l: min ta ben di Rubera Lizeu bon... N nkóntra ku bo na última vórta, kun bódi dakel grandura, nakel mea-noti! Undi busê ta baba ku kel bódi?" El fikâ ku médu. (...) N fra: "bo... bo ba ka ta podê odjâ...bo... bo ta trabadjâ pa spiritu di sataná, ku spiritu di diabu, spiritu préту!" N frâ-l: "min ta trabadjâ ku spiritu di lux". N fra: "mi ta odjâ-bu, bo ka ta odjâ-m". N frâ-l si "é sin o si e ka sin?" Si "bu tinha kel bódi juntu ku bo o nãu?" El kalâ, el fikâ la. Dipos, es kontaba-m otru del me.

E... galinheru, la na Antoniu Fonxu, ki é béra mar, ten un baxa, módi li pa kel monti el é kunpridu, na ponta di baxu ten un imajen di krux fetu la ki, dia di sértu féstas, es ta ba fazeba térsu en onra di kel santu. Es pódi fazê de véru. N fral: "akel dia noti, na krux di madéra... na'Ntoni Fonxu, mea-noti, bo ku dózi béla ta sendedu, nakel krux, ku duedju finkadu... bo ta po mon sin, ta razâ dianti dakel béla, kuza é ki bu sta ta fazeba la?" El fra: "nãu! N ka oiâ nho!" Dja-m fra: "bo ka ta oiâ-m..." N fra: "bo... bo staba ku béla ta sendê, mi... tudu sin, ta spiâ-bu dentu du oiú. Bo... bo ka ta odjâ-m. Ken ta odjâ-bo é mi ki ten spiritu di lux, bo é spiritu di diabu ki ta oiâ-bo! (risos) (...) El fika ku médu! N frâ-l: "terseru, kel fidju nho Inásiu, ki stevi duenti, ki el ba txuma-bu pa ba... ba koza, kel bu ka ba la o, a vêx, purkê kel é bo ki tene el duenti té n'óki bu matâ-l!" N fra: "é verdadi o nãu?" E' fika ku médu! Tinha un disionáriu prátiку ilustradu, des grandura- dja na fin N ta mostra-bu, gósin ma otu koza- N panha kel libru, N po-l ruba dun mésa, N

po gó... odju ta spiâ lonji, ker dizer, mantene spiritu gó lonji, N sta abrí livru gó, má ka sta spia na livru, mas só abrí el y ta spiâ-l... só abri livru.... Mas kel foi un mistériu! Undi ki-m abrí sin, nakel dôs página, tinha dizénhu di tudu animal ferós. Un pintadu-l brumelhu, otru pintadu del pretu, otru amarélu, kada un dun kór, krukodilu, onsa, lobu, elifanti... Kantu k'el deu ku kel libru, el fra: " Nho, N ka podê ku nho!" Ubí li: "nho oiâ gó, N ka podê! Nho, N ka pode ku nho!" Bu... stória di má vida, má mi ta pegâ-nhos... Te oji, el inda sta biba. Te oji, el ten médu, undi k'el nkóntra ku me, el fika ku médu! (risos)

6. Senhor gósta di argun timi di Brazil?

2.4b. Timi di Brazil? Di jogu di... ó ta gósta di jogu, mas é ki jogu es mas nóbu ta gósta del mas .. ki es ta en kontaktu ku vida di jogu di ki nos mas idadi, nãu é? Purkê nóvus, es ta gosta mas di futebol, handibol... tudu es koza sin, es ta gósta del sênpri. Ami, mi ta gostâ, mas nen sênpri idadi ka ta permití argen oiâ tudu kel kuza ki el kre.

7. (...)

2.4b. Agrikultura ta funksionâ na Kabu Verdi, purkê Kabu Verdi é téra ki ta vivê na agrikultura... y di pekuária, purkê, ali... otróra... oji dja trabalhu di agrikultura sta kuazi abandónadu, purkê genti nóba ka krê trabaiâ mas na agrikultura. Agrikultura própi na Kabu Verdi sta ba ta dikái, pur kazu falta di mãu-d'óbra pa trabaiâ. Otróra ki tinha ómis di agrikultura, ki tinha fórmis di trabadjâ, éra tudu fórti... ta simiâ milhu, purkê midju li é parti... kandu ten txuva, el ta da pa tra... el e interu, mas kantu a grãu, kada zóna ten si grãu ki el ta produzí milhor. Mongólon, ta gósta di zóna baxu, fijen Kongo, ki é fijen figera, sima nos ta flâ li, ta gósta di zóna mas alta y mas fresku. Sin. Y... Bonjinhu... el ka ta da notru kanpu naondi ki ten... purkê undi ki ta kria lama, el ta kustuma podrisê. El ta gósta di mas zóna alta di ki zóna baxu. Fava, tanbe é ka tudu zóna ki el ta da. El ta gostâ dimás é di txon di... baréntu di ki txon di terenu pretu. Batatera, batata dósi, otróra ki tinha. Oji ka ten argen pa kovâ batatera mas, nen mandiokara, purkê mandióka, otróra ki ómi ta kobaba, ta fazeba, vinti oitu, trinta kóba pur dia, mas kel kóba éra un kóba inormi, profundu, ki mandióka k'é margulhadu, téra kenti, di ténpu séku, ka ta txiga mandióka!! Kel mandióka ta sta la três, kuartu anu... a po di mandióka ki ta kustuma da oitênta, sên kilus! Sin, sinhóra. Mas kel mandióka, óki ki grabata txon, ki puxa mandióka fóra, ki e' nkóntra ku ar, el ta stralâ. Mandióka di kuartu'anu, óki kumê-l ta sima... Oji mandióka, es ta fazê kóba di midju poku, kel téra kenti, ta kemâ kel mandiokinha, si da, el é brumedju, é duru, el ka ten koza. Mas, nfelismenti, ka ten argen ki koba mas. Kel ki 'e mas grândi, ki ta kobâ, dja korpu ta rezervadu, el ka sta pode trabadja mas. Kel ki é mas nóbu tanbe, es ka ta kobâ, purkê si es ba kobâ é trabai di tratoru, n'é ka di onbru. Di módi ki agrikultura dja sta kuazi.... Papaia, oji tudu kel pudu é só matxu ki ta da fidju. Kel argun ki da fillhu, ki da papaia, kel papaia é margosu, amargu. Otróra, papaia... argen kre simenti di papaia dentu koiza... papaia riskadu ántis del te... maduru, e ta panhadu kel papaia, e' ta tra kel simenti, kel sekâ, óki ben na mês di julhu, pa rabidâ txon, pa lansâ kel simenti, ma ka ta simiadu dentu xon, ta lansiadu ruba txon. Dipos, el ta nasê, mas kel pâpia óki é simeadu na julhu, na otubru es ja sta des grandurinha li, ker dizer, grósu... y verdi! Òki e' plantadu, ma e ka kobâ kóba ku nxada. Nãu. Papaia ta furadu txon kon... kon... kon txaka, ó' kel rinkadu, e pa pranta te kel altura dekel rinkadu, ka dixadu dun bokadinho di téra mas altu, purkê dispos, el ta

podresê. Kel pâpia, nakel própriu anu ki el prantadu, el tene grandura, el kumêsa ten filhu. Óki el ten filhu li, óki el ben kresê li... kes fidji nasê tudu kel final di anu, ki un papaia aturaba trinta, korênta anus ku gadju, ku filhu, etisétera. Oji, un papaera é tudu matxu, dentu três anu, es ta tudu móri. Di módi ki agrikultura dja sta kuazi... (...) kuantu a gadu, pur izénplu, baka, oji és ta rimenta kuazi só a bazi di rason, ki e farélu di trigu y otras kuza kímika. Kes vaka ta ngordâ, mas kel karni di vaka é duru... si leti é bránku, mantega tanbe é bránku, sen xeru sen gostu. Mantega d'otróra, kel leti e amarélu, kel mantega, óki kel distanpava garafa ki sinti xeru, el sintiba kel prazer li, kel... mas oji tudu di oji, kimikaménti, tudu é falsu. Galinhas é kriadu na kaza à bazi di kumida di kaza. Ki galinha óki argen matâ-l, e' ta sintiba kel gósto, e' ta fazê kánja di kel galinha, ta xintí kel góstu... óbu marélu, tudu... oji, óbu des galinha... kel óbu é móli, ka ten gostu. Kel galinha, anfin, tudu di oji sta à bazi é kimikaménti preparadu tudu koza di oji...

8. Kuzé ki nho ta atxa di morâ pértu di vulkâu, nun ilha vulkâniku?

2.4b. Sin. Má zóna li, nos ta poku afastadu di vulkâu, purkê vulkâu óki ten... ténpu di irupisáu, el ta prejudikâ nakel'ária mas pértu di koza, sima ne parti sul. Maioria di parti di Sul é tudu... purkê keimada... mas é kel kemada antiga, purkê otróra tinha.... San Jórji, mas é antigu ántis di diskubérta di Kabu Verdi. Ten un monti li kes txuma Monti Prétu, tanbe tinha... dja ovi irupisáu, mas oji grándi parti dakel terenu di San Jórji ja sta kultivadu, purkê é antigu. Tanbe na parti di... koiza li nasidu di... kes ómi... kes kabu... é kabu ki já ovi irupisóis antigu, mas oji es ta tudu in téra, mas é na parti sul. Ja maioria é terenus tudu vulkanizadu. Inda nes últimus ki ben fazê na sinkuênta un y mas es otus pa trás, es kema muntu kabu. Tinha undi ki es ta flâ... la na fundu da Kóva Figéra... kel kabu éra riku... foi na sinkuênta y un... éra un terenu bunitu, ta produziba tudu kuza... rikísimu... tinha argen moradu la txeu. Mas nakel erupisáu di sinkuênta y un, el kema kel kabu, fika só kel terenu... fika só un bókadínhu na mei di rótxa. Kel genti ki... ben fika tudu moradu ki... ki argen fazidu morada na... li na sul. La nakel txon dakel kabu la... nakel erupisáu, nakel koza, leva téra, el kria tudu en nada... ba txiga mar! Es últimu ven fazê, el prejudika gó txeu, mas maior parti na Txã! É... purkê Txã das Kaldeiras éra bunitu, riku, mas es últimu irupisáu, el kemâ-l grándi parti dikel koza ba kuazi pé di rótxa. Di módu ki vulkâu ten projudikadu muntu Kabu Verdi, na Idjarfogu li, purkê grándi parti k'é kalkuladu... un quarta parti di... di Fogu fika tudu en keimada. (...) Bon, di sinkuênta y un, N ta moraba na Mosteru. A mil noviséntus sinkuênta un... mas di manhá sédu sintí un... un... kuazi... panká... ka koza purki kalkulava n'é vulkâu ki pode... mas kantu éra serka di... di... nóvi pa dés óras, N sta dentu lója, m-oiâ suma koza ki partilera, ku kuza sta... undi ki kaza ben kumê, N torna ba di li, N sintí... N saí na rua, kantu ki N da ku rótxa, purkê mosteiru N dja stebe no Musteru tinha kel rótxa... Ki mi odja kes rótxa, ta dispeja abaxu. Ronba di un ponta pa... di Fadjanzinha pa Mosteru abaxu. Pa Mosteru trás, ronba muntu kaza, bafâ txeu própriu. Ali nes otu ladu Fadjanzinha... el stragâ ménus, mas ningen ka fikâ dentu kaza. Kel noti drumidu nos tudu, drumidu na rua ku médu ba drumí dentu kaza, purkê akel e tremendu... e medonhu! Foi mas terível di ki es ki ben fazê na novénta y sinku. Sin. Muntu mais. Ki el dixaba mas prejuízu, purkê es ki ben fazê dipos el prejudika mas Txã... dja el prejudika-s bastanti, mas di ki kel otu. Purkê kel primeru sinkuênta y un kel prejudikaba mas genti fóra. Mas vulkâu é un poku terível prê ken ki dja.. ki dja... dipos dakel di sinkuênta y un, kel... logu ók'el subí ku kes... el kubrí désdi San Filipi ku kaskalhu, tanbe na ar na atimosféra, el kubrí tudu parti, txon fika préту

konpletaménti. Mas, filisménti, kumódi akel... ki só kel skoria ki ben na ar é ka prejudikâ suma kel lava... kel lava ki ta da kabu di tudu. Purkê lava, el ta kumesâ, el ta ben, el ta kemâ txon, txon ta subí, el ta subí, el ta bira en pédra, el ta subí, el ta subí...óki el dja sta na sértu altura, el ta ronba! El ta kumesâ ta ben la dibaxu ta fazê mesma koiza. El ta ronbâ, el ta kumê, el kore divagaru. El ka ta korê suma água, purkê el ta da argen ténpu di safâ-l.... purkê, si sima agua txeu el ka ta ditxa gó, el ta kemâ, el ta biradu in pédra, subí, óra ki el ba riba, pé ta nfrakesê ta bira fraku, el ta ronbadu. (...) Kel téra la suma na Txã das Kalderas, undi ki dja sta só téra ki sta skore, inda ta la ta sta trabadjâ purkê argen ta furâ... ma ondi ki dja kria pédra... ki el dja kria kel pédra ku kel koza di un métru, dôs, dés, altura la ka sta trabadjâ, nun da mas. Kel ka ten fóрма di trabadjâ. Mas dantes ka tinha kes kemada la, éra rikísimu, pa tudu koza. Kel poku terenu ki sta la, inda es ta produzí, ta produziba bastanti.

9. El ta pregunta si nho ta atxâ ma... y... na último dés anu si Fogu dizinvolvê txeu?

2.4b. Nãu! ...dipos ki Kabu Verdi é ndependenti...Fogu dizinvolvê praktikamenti sên pur séntu. Bon, purkê, oji, imigranti é spesial. Purkê n'é téra dizenvolvida, purkê imigranti tudu dinheru ki el ta ganha fóra, el ta ben nvistí di-seu na téra. Ten prédius y mas prédius pur todú Djarfogu, naondi ki ka taba izistiba kaza. Oji, San Filipi, pur izénplu, mais di ki metadi... San Filipi éra pikeninu, mas oji ja sta spandidu ker pa nórti ker sul... kér pa toda parti. Mosteirus ja sta prégada ku Fadjanzinha pa Mosteiru di trás. Kanpanas, Kóba Figeiral, anfin, pa toda parti. E... spisial béra di strada ki kazas y mas kazas... purtantu, e un dizinvolvementu grándi... bons y muntu grándis

10. Nho ta gostaba ditxâ argun koza skritu pa pisoas di Kabu Verdi, na futuro?

2.4b. Nos ten ki trabadjâ, prinsipalménti. Mi ten fidju txeu, ten trabadjâ, ten... prokurâ da sértu skóla pa es prokurâ saí di Fogu, pa ka fika di trabajâ só na agrikultura, purkê agrikultura tanbe só na agrikultura, prinsipalménti oji in dia, agrikultura kel ki daba ka sta kre... e' ka sta dá nada. Purtantu, nãu há nada ki txiga. Argen ten se fidjus, ten se nétus, p'el prokura dâ-s un sértu edukasãu pa el prokura ten un fóрма di vida milhor, p'el ten fóрма di ba pa stranjeru, ki el ba... ku... kun sértus kunhisiméntu, undi ki el ta dezenvolvê tudu kuza. Mi tene várius fidjus, mas es tudu studa na Mérika, kursa na Mérika, kursa na Rusia, kursa na Brazil, na Portugal, na Alemanha. Tudú es ta kolokadu na ses fóрма di vida. Asin, si nos ta reunidu tudú li, juntadu kuza, vida é difísil di resolveba suma si dezenvolve oji. Pórtantu, é ka só mi, tudú argen ki ten... sénsu komun ki ta pensâ, el ta pensâ na futuro nãu só di se, kuma na futuro di se fidju y futuro di se nétu, bisnétu y etisétera . Y, purtantu, é isu ki N ta dizeja pa tudú nha kunpanheru fazê!

### III. ILHA DE SANTO ANTÃO

#### 3.0. INTÉRPRETES



Nome: Nuno Ramos Cardoso (à direita)

Nominho: Nunu

Localidade: Ribeira Grande



Nome: Nair Brito Lima

Instituição: Delegacia do Ministério da Educação

Localidade: Ribeira Grande



Nomes: Luíza Chantre Lima (à direita)

Maria Tereza Oliveira (à esquerda)

Localidade: Ribeira Grande

### 3.1. PARTICIPANTES I



Nomes: João Gonçalo Cardozo (3.1a, à direita)

Manuel Dina (3.1b, à esquerda)

Nominhos: S. Joãozinho e S. Manuel Dina

Localidade: Vale do Paúl

1. Mané ki é bosê nom konplet?

3.1a. João Gonsalu Kardozu

3.1b. Manuel (...). Nominh, Manuel Dina.

2. El dzê tónt ón sê ten? Sê nasê nes Vila d' Paúl?

3.1a. É sinként'y oitu. Idad d' sinként'y oitu. Y nasê ki na Santanton.

3.1b. Sesént'y sink'anux. Y eu nasi aki... na Vila.

3. El dzê se sêx krê falá-l kel nfánsia d' sêx vida, nakel tenp pasód, y agóra ki menera ki sêx ba ta reali... vida o tabai?

3.1a. Nakel tenp pasód, noi é... ta moród é... morá y li... na mês d' jeneru, mês di... nes mêx, mar ta xtód ta intrá dent kaza. Mar, dia d' Janeru N ta xtód ta linpá aga dent kaza, má já oj, agó, nó ta milhór porke aga nun ta intrá. Foi levantód es preds, aga já nun ti ta entrá ki. Agó, jent ta milhór, mut milhór ki nakel tenp. Sin, senhor! Ta milhórandu dux pok! Y... dfikuldad, agóra, jent ten un grand dfikuldad, jent ta ku muta nezesidad, falta di dinher, d' trabalhar... pasa muta nezesidad. Kom min té grand ta xtód nkomodad d' vixta é... dor... pa trás, na koluna... dividu trabói, max bukód ki N ten panhód nas róxta, maród kórd na sintu ku ferr... a jent ta ba ta txi-txi... ba pra xtrada pra baxu. Xtrada ki bosêx ta pasá! Ba té í... Pixin do mei, un sítiu ki xama Barboxi, ba pa Ponta d' Sol, kónp d' aviason, tudu nó trabalhar... van d' ki, van de li d' Santanton... (...) Tud isu... tud isu... ba pa Jánéla... xtrada ba... tud na róxta.... Y maród... y maród kórd n' sintura. Kom agóra N sintí dor na kuluna... N ba konsultá dôx vêx na Sonvisent, má derivód d' kórd maród na... pa trêx... un vêx, un pedoron da-m di sima, ne? Lá nun sítiu txumá... txumá koza... Kruux... lá na kruux... lá nu trabói....N pasá un bokad di araxka, má góra jent ten xtrada ta pasad... é max midjór!

4. dzê s' sê ta falá móda el falá o s' sê trabóiá na róxa... kex dfikuldad sêx ten panhód?

3.1b. N ka trabalhá na róxta, trabalhá baxtant... na trabalhu d' Xtód, muit, muit tenp, muitas kazas... e' ten feito p'rali... eu senp trabalhu senp... senp... o é lá prá Santa Izabél, fzê muita trabalhu, fzê kaza d' xkóla, fzer iisu, fzer akel, na mei d' xuva, na mei d' tud in kuant. N tinha ki ir... ganhar akel pok... ganhar akéla koza pa... sabê... mas, dixpox, dixpox... kónd foi PAICV... entra-nux dent da kulônia, dent da... nos konselhu, eu fui enbóra..... otu tenp y dixpox, es da-m un trabalhu d' simitériu, eu sô inpregód d' simitériu... eu sô inpregód dels. Extou lá a ganhar akel... é sex kontu k' es paga, nãu é dinheru ke un omen... muita rixponsabilidade pa ganhar akil... max é... nun ten... nun ten max, ten ki lá ver... é kilu ki eu xtou a ganhar... é kela koiza li.... dixpox, agóra vo-m a trabalhar, trabalhar... dixpox fzer... d' un litr d' gróg... un garafon d' gróg kun pontx, kun úixk, kun sigaru... xtô a levar a minha vida, ganhar uma koiza milhór, eu kéru trabalhar para isu... vo levar... ten munt filhux kom el, ten baxtant filhux tanbén.

5. Tont fili sê ten?

3.1b. É... min, N ten kel oitu fili só. max ten a... dôx é mort. Mort uns. Y minha mulher é mort tanbén. Agóra xtou sozinhu. Tenhu oitu filhux, xto... má ten dôx fóra, trêx fóra ke es ta na Fransa... ten otx aki. É karpinteru, ki N nsiná sin, es prendê, es ba ta prendê, es pasá-m... el tenbén, el tenbén ten munt filhu...

3.1a. Onzi. Onz filiux... tud é vivu! Kada un ta kun se... se misáu, ne? É ki N ten... trêx já-m ten kumig y... un net. Kuatedu kun net... mi ta ba andá kex dvagar... já es é grand....

3.1b. Vamux levar a vida! É sin... na Santanton... munt pobr... Santanton y munt pobr! Vamux aguentá... levar a vida p' nóx nun pegar alheiu, nóx nãu pega nakel ki é alheiu... góra vamux a trabalhar, vamux aguentar até ki txegar akel dia... (risos)

6. El dzê... el dzê bosê ten falá ki menera ki bosê ben kond sê er' kriánsa, ki menera ki bosê ben kriá na dfikultad, ki menera kex vila éra en... prinsípiu. s' tinha... s' tava... s' tava korrê aga en tenp na kemin, s' tava da max txuva... y kex koza la...

3.1a. Oá! En tenp ta... ta korrê aga... ta korrê aga na vila, ki kond é... agóra non, é separód... nun'é separód kom agóra. y agóra... agóra el góra tenbén é separód. E... min, kónd min nesê, kon dfikultad, nha pai ta ganhá dois y kinhéntx... dois y kinhentux ki é pa el ba di xkapasi-nox. Ke, kel vêx, es ta pagá munt pok, má udxpox ben ta arriba, ben ta arriba... y... N ta txiga nund ten un tank d'aga... N ta ganhá sink tuxtáu.. levá... ajudá nha pai ba ta ariba... Agó, N ben pa sidad da... Vila das Pónba ki nu ta morá nun sítiu txama Figerá. É... N ben pa sidad... Vila dax Pónba... N ntrá na kaza d' senhor Ferr, João Ferr. N ba ta levá a vida, N ta ganhá lá... N ta ganhá... duxentx xkud pur mês! (risos) Da... da un kaval kmida... da lá dixpox p'u kaval... ta da kmida... da lá N ta ben pa lója, ben ajudá na lója. Esin, N ba ta arribá, ba ta arribá, góra N ben trabalhá, panhá rexponsabilidade, komu... N ten ot filux... a ben... tud na mei dfikultad.. agó jent ta milhór pkê... jent ganhá un koza milhór, jent ta ba li viver dvagar kom Deux kizér. (...) Sin, senhor. Rum d' vida!

3.1b. Vida... nos pa trabalhar munt pok...nos paix éra pobr, non tinha nada.... e... andava é sin.... dxpox... max... kel vêx, tava da munta kmida, tava da txeu kmida, tava da txeu txuva... ta korrê aga baxtant... nos.... ta fzê noviu... korrê na lagoa... lagoa ben pa mar... txeu koza. Es ta fzê nham, es ta fzê tud plantason. Ben pa Praia, d' mar... ta ben... nó tava vivê esin, nox ka tinha dinher, nada! Tinha tuxtáu nó ta gordaba kel tuxtáu y nun... kaxinha d' fosfru... nó podia fextejási un féxta. y n'éra mas... esin k' nó ta levá nos vida. Nox pai kriá-nu, nó ben dxpox nó ben ta kriá, nó ben ta kriá... ben milhór.... eté agóra, ki xtamux agóra... xtamux serkód dis, dakel, dakel ot... déxtrabalhux... xtamux numa vida milhór...

7. El dzê si... bosêx tinha... se nekel tenp... s' bosêx tinha brinket o k' mener bosêx ta dvertí kónd bosêx éra pknin?

3.1a. Kel vêx... kel vêx... ka t... nun tinha brinket. Nos tava brinká na térr... kon konpenherux, ta ba ta fzê tenkin d' bórr, d' lama, ne? Ta... ta brinká, kel vêx nun tinha brinket... agóra, sin... agóra ten brinket k' es ta da mnin pa brinká... kel vêx, bo sabê, éra munt difikulded. y dfikultad jent nun ta podê da un mnin brinket kuma y góra. Góra un brinket é... es tava da un kriánsa a... katá pa dase-l pa kmê, pa xkapá-s... góra... sin, sinhóra!

3.1b. Munt fásil, agóra. Agóra é fásil. Agóra ten brinketux ten isu, ten kel ot. Na nox tenp, nox nun ka tinha brinket. nó nun tinha nada. Só nu ta brinká esin... eu ku el, ot kon otx, nós brinkava fzer isu, fzer... putin... y brinkava sin. Nox nun tinha brinketu nada... agóra ten brinketu, ten txeu! Ten munta koza agóra pa dar a kriánsa. Kel tenp, nó nun ta podê, agóra ten txeu, txeu... nox ka ten nada... sin, sinhóra, apox!

8.El dzê bosê dzê-l... kel vêx, kónd bosêx éra torná... já voltá rapex... y k sa... k menera k bosêx tava kunsigí nkontrá uma... uma mnina pa namorá, o na féxta, kand bosêx ta ne féxta, o sês ta dansá... o k tip dansa osix ta dansá... o s' éra pegód.... o s' éra à vontad... o s' bosex tava dá un bijin, ma... o s' éra sin max txigód, o s' éra nun tenp na ot...

3.1a. Jent tava dansá, ma... dansá pegód, brasód na konpenhera, má kon rexpelit... kon rexpelit! É... agóra, n'é agóra... nó da bejin na rexpelit, nó ta dansá tud dret, konversá, konversaba pa namorux... tud jent tava konversá nakel tenp... é... jent tava brinká, jent tava ba pa bóí... é... d' boka da not, jent ta seí pela manhan... ta dansá... jent tava, nakel tenp, jent tava ma... jent ta tomá kefé, kanja medurgada, kaba jent ta dansá un bokad... kaba, jent ta seí ta ba pa kaza... kel vêx, éra un koza... tenp bon, sin, sinhóra. (risos)

3.1b .Nox tinha ki xkrevesi un papél, un karta, pa dasi p' pai, pai podia txá se mnina seísi pa nó basi dansási... agó, s' nó nun xkrevesi un karta pa dzê s' mnina podia seísi, el nun ka tava seí, pkê pai ka tava txá-l seí... nó tava brinká, nó tava dansá, nó ta namorá, nó ta xtód maó part, lonj d' pai pa... dasi fé na nox vida, ne? É izatament. É... éra sin. É sin ki nox andava, nakel tenp. Kel tenp, é sin ki nó tava andá... purk, klaru, agóra nãu. Agóra é...

3.1a. Góra non, góra koza é max vulgar! (risadas). Ben mas! Kel tenp nó tinha ruxpetu. Tantu ki un mnina ta rexpelitá se pai y un rapax ta rexpelitá se pai. Sin. Ki nó tava... sin.... prá un mnina bo ta ranjá namor k'el... p'el dasi boa rixpóxta, éra dun mês o maix... o maix...

3.1b .... ku karta xkrita... ta xkrever uma karta...

3.1a. Xkrevê... xkrever karta, el ta rixpondê-bo. Ta rixpondê-bo karta, kel mnina ta rixpondê-bo karta. Y góra bo ta fiká ta sperá bon rixpóxta... Y... ta kuxtá el da-bo rixpóxta... (risos)

3.1b ....munt be dvagar pa da-bo rixpóxta pa karta... éra munt ben dvagarinhu! (...) É, izatament. Só xkundd d' pai. Éra un mument... xtamux lá, vamux xkonder d' pai pra el nãu ver, má... s' via... o pai ver a mnin... oh! Éra gérra... prá matar... nox tinha kel rexpelit... (...) Sin. Kel tenp d' nóx...

9.El dzê s' nakel vêx.... bosê já éra aí... éra max ralijios, s' bosêx tinha un bokad d'... ta sintí un bokad d'... es koza... koza mód jent ta dzê... dzê s' ta kriditá na bruxa, kriditá na feitisu. y s' bosêx tava kriditá nakels koza lá o s' osêx éra baxtant ralijios...

3.1a.Nakel tenp, nó nun ta kreditá nesas koiza. nó nun ta kreditá. E... nakel tenp, tinha max jent ralijios. D' góra, góra, já nesê ot ralijionx... ot ralijionx. Kel vêx, tinha un só. Kel vêx, tinha só igreja katolka. Góra nãu... góra ten otx ralijionx k' nun tinha kela vêx.

3.1b.Nóx tud ta ba pa igreja. Éra katolk... tinha senhor padr, tava dá misa. Nóx tud isu, nóx tud akil, nóx tud ta ba pa misa. Ta fzê isu, dxpox ki nóx seísi d' misa, tava andá, nó tava y pa kaza, nó ta xtód na kaza, nó ta fzê isu, akel, akel ot. Mas, dxpox, pa ter uma mnina, nóx tinha k trabalhasi primer... ki éra pa obtesi akel mnina. s' ka fosi asin, nada, nada... nóx ka ta podê. Agó... nó ta trabóia baxtant ki nóx pai ben.... menera ki nó ta trabalhá, pa nó tê kalker koza tenbén pa manhan, pa kel mnina nun sintí falta tenbén pa nó dési kalkér koza... (...)

10. El dzê s'... s' kel vêx vosêx pai tava da vsês purtunidad pa ba pa xkóla o só s' bosêx ba pa xkóla té un sértu tenp, o s' tinha dfikuldad na pô mnin na xkóla?

3.1a. Nãu, kel vêx, tinha dfikuldad d' pô mnin na xkóla, pkê pobréza nun dexa... góra ki s' nun pô mnin na xkóla, utoridad ta buxká-l... Kexá d' se pai nun pô-l na xkóla. Agó, kel vêx, nãu! Kel vêx é... abandonad. Fil éra max abandonad, baxta ke da ki bo nesê, es ta da pa... trabóia pa da kumida, xkóla já jent nun ta xpiá pa xkóla. É'r raru, kel vêx, posi un mnin na xkóla, max góra nãu, góra é ubrigatória... pô mnin na xkóla. E... y komu min. Min nun sebia lê, pkê nha pai nun po-m na xkóla. El nun pô-m na xkóla, pkê nesisidad nun ta txá-l... el ta ganhá dôx y kinhént kel vêx, el ta seí prukurá ram d' vida pa kriasi-nóx. Má góra nãu... góra min, N ten tud nhax filiu... tud nhax filiu ki N ten, N pô-s na xkóla. Txá-m oiá... parési ki só dôx ki nun ba pa xkóla, u réxt tud sebê siná ses nom. É... akel vêx, ta pa baxu dfikulded ningen ta podê pô mnin na xkóla.

3.1b. Siná nho nom. Sin. Só nha nom. Má até sigunda klasi, k' N tivi. Ki xkóla tava... nha mãi... nha mãi Dona, ki morrê... k' é mort munt tenp... minha mãi ta ba buxká-m dibax pidrinha d' proa, nund ki nox ta pexká. nó tava andá, ta pexká, té fzê isu, fzê kel ot. Lá el ta ba buxká-m, el ta dzê: "nha filiu, bo ba pa xkóla, k' bo ta prisizá ba pa xkóla, manhan bo ta ser un omen, manhan bo ta ser uma koiza lá!" N dzê-l: "ó, mãi, ex ta ba da-m un pankada dmax na xkóla, min ta krê ba... ba xkóla..." (risos) má já.. éra munt ubrigad N basi pa xkóla pa N levasi kex pankada ki prufsor tava da-m, éra munt melhór! Mas, agóra, txá-m falta baxtant, N pod siná nha mon, max nada, max nada! max eu nãu ten nada xkapá-m, meus filiux tud sabê... tud... tud sabê lê... k dxpox, N ba ta pô-s na xkóla, N ba tá prendê, N ba ta isu, N ba ta koza... kumu N tava trabalhá munt d' karpinteru, munt isu, akel, akel ot, N ba ta nxiná-s, es ba ta trabóia, es ba ta prendê, es ba ta koza... y tud... (risos)

11. El dzê s' bzót... s' bosês kunsê...y... s' é só Sintanton o bzót ta kunsê max algun ilha?

3.1a. Nãu! Min nun ta kunsê, ker dizer... mi ta konsê é nha... nha lugar. Góra já N ba pa Sanvisent dôx vêx, N konsê dôx vêx, ki N ba pa Sonsent. Éra max Port Nov, Sul, k ta txamód un sítiu Sul... min ta konsê-l, má ot sítiu non. Min ten seídu munt pok, pok seídu. N ten... sin... (...) N goxtá munt... goxtá munt d' Sanvisent... Min ta goxtá... tivési lá, ta vivê lá. Lá ki N ba pa un tratament. N ten un filiu lá, N ten unx filiu lá na Sonvisent.

3.1b. N Kunhés... N kunhés munt, munt. Ûniku lugar ki N já tivi só San Nikulau. Foi nbalador d' banána... tivi na São Nikolau, na Boa Vixta, na... na Brava, foi só un vêx so... (...) Sin, a Brava é... munt lind! Ah! Port Nov, Sul, Nórt, Sit del Garsa, eu tivi lá... baxtant koza... max ilha nunca ki N tivi na Praia, nunca k' N tivi. Sin, sinhóra. Só en São Visent, N tivi txeu, baxtant eu tivi. Goxt tanbén munt d' Sanvisent, ten irmã, tenhu irmãu, ten munt lá, max eu nãu goxtu munt d' xtar lá. Nãu ten trabalhu, s' nãu ten trabalhu eu nun goxt ... ond'é ki un uom ten k xtar, und el goxta d' trabalhar. Izatament, ter un trabalhu, sin sinhóra.

12. Bosêx ta goxtá ta oá na tlevizäu si... é .. s' jog o s' é novéla, s' é notisiáriu?

3.1a. Nãu! Min ta goxtá... min ta goxtá d'oá novéla. Novéla, pur akazu, ten un novéla munt bnit, ma jog tenbén. Min, min é dodu n' jog tenbén. Nha Benfika... eu góxtu, eu góxtu munt d' oá... d' jog. Sin. Min ta goxtá d' Be... Benfika goxtá... nó ta goxtá...

3.1b ....nóx ka ten, má nó ta goxtá... d' Benfika y brazileru gostaremux nox baxtant... pkê max nox ka ten fórsa... ker dizer, é... el... el pod ter na sua kaza, max N nun ten, nun ten fórsa prá isu, é kel lá... vamux na kaza du ot. Vamux...

3.1a. El ben xpiá ki.... k' un ten vontadi pa un... vontad pa ot... s' non, gósin nun ta da... É un dvartiment! É un divertimentu tê-el na kaza. s' bo ten un filiu, un filiu andá pa kaza d'ot k' otx podê nun goxtá. Un té goxtá, y otx nãu! Ten uns mnin ba kun pe suj... menera ki nó nun ta podê, pesiênsa! Ot é ubrigadu partsipá ne kaza d' konpenheru.

13. Es karnaval d' Sonsent... es ta konsideród max bnit n' Kabverd, s' bosêx já oiá-l algun vêx o só s' bosêx ta goxtá max d' karnaval d' Sintanton?

3.1a. Nó ta oiá-l na tilivizãu... na tilivizon xtá lá, e' é munt bnit... Sanvisent.... agó, es nós nó ta oiá-l, k' nó ta ba pre li, nu ta oiá kel k' nós. nó ta oiá-l tud. Agó, Sonsent otx lugar só na tilivizon nox ta oiá. s' é Brazil, óra... (...)

3.1b. Ah! Brezil é formidável, sin. Brazil nos goxtá. Bon, Sanvisent tenbén nó ta oiá-l, má é tilivizon ki min nunca N pasa lá. Agór, só... nes féxta ali... tenbén kel d' Ponta d' Sol... ben d' Ponta Sol pré ki... ta ben d' povoasãu prá ki... es ta ben formá li... jent ta oiá-s...

14. El dzê kom'é ki bosês ta otxá d' kel tenp, bosêx éra jóven... y agóra ki Paúl ta... ménux pok dizinvidu o Sintanton en geral... kum'é ki bosêx ta otxá dakel vólta y góra?

3.1a. Non, góra... kel vêx, Sintanton nun éra... nun éra esin. Góra, k'el ben dzinvolvê-s... kel ten muntx kaza e... nun tinha as kaza, komu es kaza grand... agóra es fzê tud mudá... né es kazinha pkin, kazinha d' telia, d' palias- nos éra d' palias, algun psoax, algun psoax ta fzê kaza d' simentadu, góra, ma telia. Kel vêx, nun ta uxá telia... agóra, k'es ben fzê-x bnita kaza, té prizentá nes rua eí... nun tinha es kaza y... nun tinha tantu kaza d' siment... góra, kaza é só botad plaka tud.. pel ménux ten li... kaza d' palia já kaba...

3.1b. Y oj agóra, temux lux, temux tlefon, temux tud in kuantu... agóra feit, agóra ten televizon, ten tud in kuantu. Góra... Kabverd, agóra, já milhóra a situason. Un vêx, nun éra esin... nun éra esin... Agóra, volta ta da pkê otra vida, bo ta ba d'ot jeitu, ta fzê is, fzê akil... ven un prizident, ven ot, ven ot... un vai, ven ot, otru vai, ven ot. Ah! é vivê, é trabalhar ká na nósa vida, sin, sinhóra... (...)

15. Nakel vêx bosêx lenbrá d' argun xtória ki bosêx avô o bosêx pai ta kontá-bosêx, kel tenp?

3.1ª. Bon, kel vêx, es tava... es ta kontá munt xtóra... munt pok, purk nesisidad nun dexa.... É... nox ta seí na sex... na sex...katá... katá pózin d' lénha, nha mãi ta seí ta katá... k é pes ben.. ta ben bendê te pózin d' lénha nas Pónba. Ke ér' pa ba ta xkapá-nóx, d' menera jent tinha pok, pok tenp p' fzê paróle, ta fzê... jent ta kontá koza ki nesisidad nun dexa (...)

3.1b. Sin, es ta kontá-nu un xtóra... nóx éra max novu, es ta kontá-nu xtóra, max es murrê tud... (..) Já non, já nun lenbru nada. É... xkeximux nóx tud. É... éra garot, max dxpox N ben ta kriá sin.. y kel jent tava kontá-nux baxtant koza, ki nó tava xtód txeu... moreu... tud é mort... nox ka ten max kex jent...

3.1b. Kel vêx, nu ta kontá ki nha pai... eté nha pai ta ba p' trabói d' lavra, bai trabalhá k' kunpanher, es ta da-el almosu, non? El ta levá kel almosu pa kaza, e' ba kmê má nox, ki e' ta sintí péna d' kmê-l so, p'el

nun dasi-nox un bukedin... el ta levá ba nu ba rapartisi... y non ten max fom, ki N já-m tivi fom, hein? Tivi fom txeu, y na... na...na Santanton. (...) Pois é sin. E' ta levá se pratin d' kmida ta... p' duvidisi konoxku, p'el nun kumesi el sozinhu...

16. El dzê se... se té grinhaxin, bosêx ta lenbrá nakex raméd d' térr... bosêx fezê, pur izénplu, sintí un dor d' kebésa, bosêx ta panhá kex... kex fólia bnenera o kex fóia d' un mót pa fzê kex xá p' un dor d' barriga... s' inda bosêx ta lenbrá?

3.1a. Ta lenbrá... lenbrá k ten un fóia k' xam larenjera jent ta fzê xá del. Kaxka d' laranja, fzê xá. Kel vêx, jent nun ta bai munt farmása, kom agóra. K' kel vêx, nun tinha es tont d' farruja. Ki agó ten munt moléxtia, ne? Agó bo sintí un kalker koza bo ta farmásia, má, nakel vêx, bo ta fzê un xá, un xá d' likrin, un mót ta txumá likrin... Kel é bon pe febr, tud... kaxka d' laranja, nó ta... dixá es da-nox banh, banh ne el, sin, sinhóra. De menera kel vêx, kel vêx, un kolker mót éra reméd, max góra, góra nãu, ningen nun ta fzê xá del, pkê já é venenód. Komu likrin, un vêx ta xamód "raméd sant", likrin. El é tãu bon. Sin.

3.1b. Tinha munt mat... y inda ten baxtant. Agó nóx ka ta konhesê-l... Agóra, nu ta sintí un dor d' barriga... ta ba lá, es ta trá un pe d' mat, es ta ben, es ta da-m palha d' texera, k' es ta xamá Paia Fuminga... N ta tomá un xá, akil ta pasá... dxpox ta ba, N ta sintí un mal d' kabésa, es trá un pe d' likrin pa fzê isu, akel ot... un pe d' losma, und'é ki ten, 'ke agóra pre'li ka ta da nada! Kónd es fzê akel, dá-x-m un xá, nó ta tomá, nó ta pasá, má... é... mulier ta ten kriánsa, es ta trá kel térra esin... d' burók d' pared pa kurá-l nbig... ki nbig ta xtód prontin, ta xtód. Sin, sinhóra, é raméd tud pre isu k' tava da-nóx tud pa fzê-s... tud in kuant. Tinha munt mót, munt mót, tinha isu, tinha akel, tinha akel ot... (...)

17. El ti ta pigguntá se... se algun vêx ki Kab Verd o Sintanton tivi kóbra. S'el ten, s' ten mordid algun psoa, oki ki sêx ta fzê?

3.1a. Nãu. Sendu kóbra na Sintanton, non. Eí nunka nó oá kóbra. nó ta oiá esin na tilivizon... má d' lonj, né?, kom in Santumé... esin. É só Sén Pé, un bitx ki se nom sén pé... kel k' y kóbra... kel ki é vonen k' nó ten ali (risos)

3.1b. Só kel sén pe k' nó ten li. É sin. Sén pé. Un sén pe ki ten dêx tamanh, ta kerê li na koza, kel ki é kóbra ki ten na Sintanton. Santanton ka ten kóbra. (...)

3.1a. Má Sanpé... s' el da un psoa un dentada, bo levá log pa farmasa, log kel óra... k' el ten... bo ta ntxá sin. El ba pa farmása, ba da njesãu log!

3.1b. Óooh! El ta nflámá log! Bo ten k' levá log pa farmása... (risadas)

18. El dzê ukê sêx odjá... s' sêx sent ben mar... mar... bosêx ta dent d' mar o s' bosêx ter argun algu d' mal ta flá d' mar... o s' mar ta trazê bosêx algun... algun speránsa...

3.1a. Má oj nó nun ten mal pa flá d' mar. Bo sabê... é... nó fzê kaza... nó é d' mar, já nó ta kontá kom'é jent d' mar, non é? Agóra, kom... el eki, tud'anu pa jener, nes tenp, n ta xtód seká aga d' mar... kezinha, kezinha pkinin. Agó, dxpox, lá sin serká-l kébra-mar eli, agóra dxpox ki el ben serká ku kébra-mar, mar nun ti ta ntrá aí! El pod ben, má mar el saltá uns ping... el saltá, el nun ta panhá jent eí. Agó sin. Agó nox ta separód, agó nó ta otxá-l kuma nu ba ta milhór...

3.1b ....é sin, é sin! El ta saltá! Kand el ta nbrabisê, k'el ta nflamá baxtant, jent oiá-l baxtant y koza... y min, N ta morá dent del, log den'd' mar. Nasi lá. N ta morá log den'del... má el ta nflámá, el ka ta ntrá lá. El ta ntrá na purton, el ta seír fóra. El ta ntrá tenbén den'dun kaza, tenbén... sin... da lá, max dxpox el ta ba ta diminuí... (...) Sin, sinhóra. É uma kunvivénsia, é kel. Só é kel... so kel lá ki nó ten d' mar pa nó flá! Kuand el é mans, el é munt ját, munt is, munt... mnin ta nada, pex baxtant ta da... koza... nóx tud ta kmê. má agóra, agó kuand el ta nbrabisê, agó nada, nada nó nun ten nada!

19. El dzê kol'é... kol'é k'é nom déxféxta deí déxmunisípiu Paúl, y ki menera k.. el kuntsê. y s' tenp lá éra max sáb di ki góra.

3.1a. Non. Góra é féxta d' Santantóni... É... góra el é max séb, maix séb d'k' entigament, ki góra ten munt jent d' fóra, ta ben konjunt, ben toká, ne? É... na Pólivelent... na pólivelent... na konjunt d' Sanvisent o Praia ta ben toká aí, ta ben munt jent. Tud exas ilha ta ben tud esin.... El ta ben d' Sanvisent, ta ben d' tud es ilha, ben pa féxta eli.... é jent txeu!

3.1b. Ten Port... ten povoasãu... ten Garsa, ten Paúl, ten nóx tud. Tud ta ben. É fzê féxta d' ilha d' Santanton... (...) A féxta é... bnit.... barulh... ten munt tanbor! Tóka munt tanbor, ten múzika ki nó ta uví. Ten munt bali, ki nó ta dansá nó risint, fzê is, akil, kel ot... es é k'é féxta ki nó fazê. Sin. (...) Trêx dia, trêx dia d' féxta.

3.1a. Y ten... ten munt é... barraka... barraka agó txeu. Kmesá barraka lá nun ponta ben té pur'eli... té pas Pónba. El vendê... (...) Sin, senhor. Muita kmida... bbida, sin. Jent... ta ben jent d' fóra y es nun ta pasá fom... muta kmida...

20. El dzê s' den'des konselh d' Paúl s'e so... s'e so es féxta ki es fzê na Sintanton, eí, o s'... otus pken féxta ki es fzê n'ot lugá...

3.1a. Nó ten. Ten Nósa Sinhóra, déx d' Agoxt, n' Jenéla. Boa féxta tenbén. Lá, es ta pasá e... trêx... max k' trêx dia na féxta. Féxta... es ta kriá maix é lá... Sin. Y ten un féxta na... ten Nósa Sinhóra... na Lonbin k'ex da misa... (...)

3.1b. Nósa Sinhóra ki ta pasá. Senp lá es pasá trêx... kuat, sink.. y eté smana lá na janéla... ta fzê kel féxta lá. Ke's ta pasá max tenp... lá é max pknin, max fzê max féxta d' ki nóx ali k'...

3.1ª .... sin, es ta fzê... góra es ta ben kriá-l max... es ta ben, es pasá pra lá d'kel psoa da lá, kel don d' li... y el k' ta pegá max akel féxta, lá na Jenéla. Es ta kriá max kel féxta lá, ki es ta goxtá d' s' féxta, gó es ta fzê-l kriá max. (...)

21. El dzê ki bosêx ta otxá d' imigrason, s' imigrá é bon o s' y bon pa país o nãu?

3.1a. Óóh! Migrant... migrant é bon, pkê s' non é migrant.. eki ten munt kaza ki é d' migrant, munt kaza. Kom es rua, eí sin, un ta kun kaza d' migrant, otx ten un... max... E, eí na Paúl, e' nun ta fzê max kaza, pkê nun ten trren. Migrant ta ben fzê kaza na Sanvisent, Port Nov... y pkê es nun ta otxá, ben fzê kaza nes ot lugar. má a jent ta dzejá es fzê kaza y li, pkê, pelu menu, já é un miviment pra nox... ma, infin, el ta not sítiu. Ot sítiu prezentá y nos lugar nun ta prezentá, pkê jent nun ta vendê un pedós 'd' txon, é so kána, só kána...

3.1bd. ...si tivési un propiedad baxtant... konprasi... ki Stad ten munta planta, eli pa fazer, max el nun konpra. Vosê ten kel terrén, osê nun da pra fazer un propiedad...fazer is, akil, akel otu... nóx nun ten nada. Pur'isu k' xtamux asin... tud.. (...) Ah! Migrant é munt bon, pkê migrant goxta d' trabalhar ka na nóx térr, max... izatament... es nãu pod trabalhar, 'ke nun ten. Vosê nun vénd kel bokad k' vosê pod ter vendídu , vosê nun ker vender...

22. El dzê ki e... prop kmida d' Sintanton... y kol'é kmida k' bo .. k' entigament o mesm... mesm agóra kun un pok d' dfikulded, kol'é kmida bosêx ta fzê... bo ta otxá ki é max d' Sintanton, s' é papa o s' é... mandióka... mandióka kuzid k' bosêx ta kmê k' let kel bês, kum el e?

3.1a. Dakel vêx, kel vêx ta ten munt kmida, ki kel vêx jen'nun tinha farruja... kom agóra, ben un farruja, el kaí na planta, mandióka kabód, batata kabód derivód d' moléxtia. má kel vêx, ta dá fejon, ta dá mandjóka, bóborá.. e... tud n'nos térra. Kel vêx é kuxtu ki nó ta konprá kmida nó lója. Senp é kmida d' nox térra... kom... nó ta ten bitx, ta ten munt let, nó tava kmê, nó ta lamentá. Kom agóra, nóx é fraku... por kauxa d' ken? nó ta kmê só es kmida xtranjeru... es kmida xtranjeru já n'é fort kom kmida ki ta dá na nox térr... ke já el é sgotód, e' la nun ten vitemina. Kmida ki dá na nox térr ki ten vitemina, mandióka, banána, inham, mili, tud ta dá na nox terr. Agó, ten bês faltá ta levód xuva. y gó nun ta dá xuva. Puris ke... nó ta tud sek... munt nportant... xuva nó ten tud... kom agóra é... falta jent sameá, samentera ta perdê. Ke... jent sameá, ta ben dá un jardin d' txuva...kel li nun ta nasê, kaba el ta perdê... nun ven mais xuva, ne? Ta perdê... Puris ki nó ten nasesidad di nox térr....

3.1b. É isu. Temux nesesidad. Agóra, xuva ka ta dá, agó. Góra ki txuva ben dá, agóra otubr, satenbr, jener xá ben dá xuva. Antis ka tava da xuva, nada, nada.... nó ta fiká li sek, sek, sek.... bo ta trabalhá un planta d' kána, e' ta seká... bosê ta oá el sek... ka tinha txuva, ka tinha nada. Só, agóra... oj ben ta ntrá is, ta ntrá kel, ta ntrá kel ot... txuva ben pod ta dá. Ki agó ki txuva ta dánu. Inda is nun ta txuva baxtant. Pra ka ten dá txuva, nada, nada.... ka ten dá txuva. Un planta ki dési aí... ka ten mendióka, ka ten banenera... el ta seká! Ka ten inham, ke inham ta kabá na rubera, ka ten... mendióka... kaba tud! Nóx ka ten nada! Fruta-pon, agóra ki.... inda ki nó ten un pe d' fruta-pon ki ta dá inda fruta-pon.. vamus a ver! Ta kun farruj, koker kabá tud... já koko já ta kabá aí, ker dizer, nada koza... kabô tud, tud, tud in kuant. Já nada, nada, nada ta dá li na Kabuverd. Kabuverd... (...)

23. E' dzê se bosêx kazá... se bosêx morá log k' kel primer pkena ki bosêx rumá kel vêx?

3.1a. Non. Min nun ranjá primer... min nun ranjá d' primer... tivi e... N tivi kuat filiux má el... max dxpox, jent ba ta andá, ba ta andá... jent fiká na rua, vai... N vai dixkangariá... kun el, ranjá ot. Max kun el inda ranjá maix sét, maix sét k'es ot mulher ki N tivi. Sin sinhóra.

3.1bd.... eu tivi numerada, dox o trêx. Kel namorada senpr, lonj, mas, dxpox, foi, foi, foi... até k'eu ranjei minh mulher, tivi junt kon minh mulher nox dozi filhux, max mort kuat, temux oitu. Sin. Esin k' mulher pasô tenbén... k' e' morrê tenbén, inda extou eu sozinhu... y esin extou viver. Ben dvagar.

24. El dzê si... Fog é úník ilha ki ten es tradison aí... ten maix o menux dôx, trêx mulher dent d'un kaza?

3.1a. Kel la na já n'é jent!! Kel lá, pur izénpl, kel lá N ta atxá ki n'é vida! Mariód, ne?

3.1b. É mulhé dmaix, é mulhé dmaix, nun pod ser!!! (risadas)

25. El dzê kol'é animal k' bosêx ta goxtá maix?

3.1a. ÓH! Jent ta goxtá d' todux. Tud nimal jent ta goxtá... k' é pekód ter un nimal, má bo nun ta goxtá del. Nton, bo nun ta obtê-l. Sin. Min... ten jent goxtá d' kabra, pork, é... kotxorr tanbén jent ta goxtá, pkê kotxorr é konpanher d' jent. El ta juda... un guarda tanbén. Gót tenbén, gót tenben é linpeza d' lugar... ki ten munt rót. Rót, e' ta kmê... ond é ki tiver un gót, rót nun ta xtragá...

3.1a. Eu góxtu munt d' pork, ten. Eu tenhu, pur akaz, dôx porkinh. Dôx porkinhu... ki ten, max eu góxtu munt de... d' bix... goxta d' gat... góxtu d' linpéza, góxtu munt del, k'el ta kasá munt rat. Bo sabê, d' ves n kuand...sin, sinhóra, góxtu munt... Agóra kaxor, eu sou un kaxor, eu nãu goxt d' ter ot kaxorr. Sin sinhóra. Góxtu d' ter gat y pork. Góxt munt del, kabra tenbén, eu goxt d' ter, max eu nun tenh... max el, el ten kabra.

26. El dzê se bosêx te... ta txá un mensajen pa futur, s' vosêx... o ke osêx ta dzê?

3.1b. Mensaji ki N dtxá... kom eu já xtava munt vélh, N dtxá un mensajen pá meus filiux, kizér ir a babliotéka vá ver, xpiar i, akel, akel ot... o ki akontesi é ki xtou a trabalhá... eu sozinhu, xtou a trabalhá. inda non xtou a ver filhu, nun xtou a ver nada, nen isu, nen kil, nen kil ot. s' dexei un mensajen aká, dent desi papél, ux meus filiu vai nkontrá d' faktu...

3.1a .Mi, k' N filixment ki N ten uns filhu, ne? Os fili senpr, senpr tãu repará-m, ki já mi nun ta podê trabalhá... Es é ki ta xpiá-m senpr. (...)

3.1b. Grand fili (Nuno, o intérprete)... pkê é dukad, el ta xpiá se pai,

3.1.a. Senp, senp el ta xpiá, uá! Tud óra el ta ben de lá d' mitód, d' mitód ben xpiá-m...

(Parte final iinaudível)

### 3.2. PARTICIPANTES II



Nomes: Maria Nilza Silva Brandão (3.2a, à direita)

Maria da Luz (3.2b, à esquerda)

Nominhos: D. Nilza e D. Da Luz

Localidade: Ribeira Grande

1. Kol'é bizot nom konplet?

3.2a. Maria Nilza Silva Brandãu.

3.2b. Maria de Lux.

2. Tantu ón bezot ten?

3.2a. A.... sesénta.

3.2b. N ta ntród na sesént'y sex.

3. Nilza, ond'é ki bosê naisê?

3.2a. Mi nasê na Ponta d' Sol. Na Vila Nóna Sinhóra d' Livramént. Má N kriá aí na povoason, lá na Tarrafal.

3.2b. Mi nasê lá... 'n Txã Bránka, nó kónp, nakex bónda...

4. Ó, nha Nilza, kol'é ki é bosê... y... se profisáu y.... nomi d' bosêx paix? Uki ki sê ta fzê? Se ta trabóia na kaza o notr lugar? (...) y bo Maria Lux, ki bo ta fzê y ko nom d' bo paix?

3.2a. Nãu! A min, mi nha pai é Zakariax... flá zakarias Manuel d' Brandãu, ja falisid, y Maria Silva Brandãu, inda N tê-l na Tarrafal. Min N ta trabóia senp é na kaza...di vêx in kuantu, ta dixkublí un kuzinha, má n'é muntux grand koza.

3.2b. Nha pai é Dumingux Juzé Ipólitu. Mai, Ana Maria da Lux. N ta xtód na kaza, má so un mandadin esin, s' un psoa ten kualkér mandód pa fzê, N podê fezê-l. Má já non... já-m ta fzê-l, já non... un vêx, N ta trabóia... agó já non... já non!

5. Kuzé ki bizot ta goxtá d' fzê na bizot tenp livr?

3.2a. Du k' parsê... o lizá uns ropa, o lavá y... kuzinhá... fzê trabóia d' kaza. Kex lá, kex kuza lá ki N ta fzê... verrê kaza, fzê kex mandód d' kaza, é kel lá...

3.2b. Mi tenbén já N ta fzê é linpá un txon, ker dizer, konpô un kaza, konpô un kama, linpá txon. Kuzinhá kmida.

6. Y... kmida, nox kmida... ses sabê ki nox ten nox tradison, ne? Ten uns kmida ki é nox tradison y ki, normalment, nó ta fzê nó dia-a-dia. N kria ki bosêx kontá un riseita, pur izénpl, un katxupa, un kóld d' pex, un bon fijuada... kria k' bosêx kontá mener bizot fa fzê-l....

3.2a. Bon,a mi, N ta kutxí kel mili munt ben kutxidín. N ta pô-l na lum, ta fervê, N ta pô-l log ténper, aliu, fóia d' lor, azeit, tud nu ta poi lá. Depox, nu ta butá kel midj... kel miliu n' panéla, detxá-l... s' for un feijon, ta butá-l juntu ku miliu... N ta butá-l. Kónd mi ta botá-l kel miliu, kónd é fejon... N detxá kel midj fervê un bokadin, N ta pô-l. Dxpox, N ta pô-l un kuizinha, N ta pô-l... u k' kizer... o pex o tusinh, o karn, o kalker koza N ta pô-l, ker dizer, un banána, un ratxinha d' fruta, un inham ku bóbra. Yá! É kex ki nu ta pô-l... kaxupa.... kaxupa!

7. Y bo Maria da Lux? Ke ki bo ta goxtá d' fzê?

3.2a. N goxtá d' kuzinhá arox, goxtá d' kuzinhá fejon... mandiôka p'el murexê, banána...

8. El krê bo dá-l un rixeta. Pur izénplu, un kóld d' pex.

3.2b. Ah! Kóld d' pex! nó ta... nó ta fzê kóld d' pex... nó ta fzê un pex, nó pô-l fóia d' lor, ói... ken ki ta goxtá ta ptá un kuzinha... bukadin d' pimenta, ta pô-l, o pimenton. Y... kaba ton, bo ta labá kel kmida, kel mandiôka o un fruta-pon, bo ta lavá-l munt ben, bo ta pô-l na panéla. Kabá, bo ta pô kel pex, bo ta pô-l... bo krê pô-l un sum, bo ta pô-l... o s' bo krê pô-l, bo pô-l un azet dôsi o un óliu... konfórm... tud é dent d' kel kóld.... Sin.

9. Y un dôsi? K' menera ki sês ta fzê-l? Pur izénpl, dôsi d' papaia... bosê nha Nilza?

3.2a. Mi, s' N ta fzê un dôsi d' papaia trinxód, é kaxká kel papaia. N ta lavá-l munt ben lavadin. Dxpox, N ta ben trinxá-l. N ta ben pô-l ta fervê... dxpox, N ta ben trá-l, N ta pô-l kel sukra. N ta ben pô-l fervê nakel asúkra o k'kel mél ki tiver, butá-l un bokadin d' limão, ben pô kel dôsi ta ben da na pont...

10. Y bosê Maria d' Lux, k' mener bosê ta fzê un dôsi d' marmél?

3.2b. Bo ta panhá kel marmél. Bo ta pô-l ta kuzinhá. Non. Bo ta primer... bo ta panhá kel marmél, bo ta ratxá. Bo ta trá tud kel... miol pur dentr, bo ta retxá-l, bo ta pô-l ta kuzinhá. Kabá nton,, bo ten pesá-l nu pasador. Kabá Nton,, bo ta ferbê-l ku asúkra na panéla. Kabá nton,, es ta butá kel dôsi, má min nunca N fzê-l. N ta oiá es ta fzê-l. (...) Agóra, bo ta... pilá kel mi, kandu N ta podê pilá-l, es ta pilá jent el. Òra ki N tê-l fet, se bo krê, butá-l un bokadin d' kanéla, bo ta butá-l. Se bo krê butá-, un bokadin d'... bo ta butá-l. s' bo krê pô-l batata, banána... lá nu... tud pilód. Kabá nton,, bo ta ba ta masiá, nton, kel batata. Pô batata prumer. Kaba bo ta botá kel banána. Kabá nton, ta botá kel ferinha, bo ta masá. Kaba ton, bo ta nrolá-l tud pkninin asin. Kabá nton, bo ta ba ta fzê-l asin. Põi na frijidera y fritá. Lá na oliu kenti ta fervê...

11. Kantu fili se ten, Nha Nilza? Y bosê Maria da Lux?

3.2a. N ten ónz... Oïtu rapéx y trêx mnina.

3.2b. N ten max ki vosu: dôx mnina y novi rapéx. N ten dôx mort, N ten nóv viv.

12. Tud es ta li na Santanton, na Kabverd, o si el ten algunx na stranjeru?

3.2a. Mi tud es ta li... taí... max ta vivê na sex kaza. Sin. Ken ta xtód lá na kaza é... mi max trêx, max trêx rapéx, max ex nun ten trabói, ex já nun ten.

3.2b. Sin. N ten. Ten un mnina, un filha na Purtgal, N ten ot na Praia, N ten dôx na Praia, N ten pursão... N ten ot filh na Sonvisent, ten un rapéx, lá ten dôx.. . y na kaza, n ten un rapéx, dôx rapéx... N ten dôx na kaza.

13. Oj nó ten ospital, nó ten poxtu d' saúd, nó ten nfermeirux, médikux, má el kria ki bosêx kontasi k'menera ki éra un vêx, ki nun tinha nen uspital nem poxtu d' saúdi, k'éra partera ki ta judá jent tê mnin. Ke menera... s'éra fásil, se éra difísil. El krê ki bosêx kontá-l.

3.2a. Mi, tivi já ónz fili. Mi nun tivi mal d' falá, pkê mi tivi-x dprésa. Y.. dôx... mexma koza ki dôx, max

dpréa. má só dôx k' mi tivi na uspital, k' mi tivi kuaj asin... un pok já ne rixku... pok.. má ex tud N tivi bons partera, N ta ten ex koza y min ta sintí nada. Depox ki ta fzê-l y ki tava sintí kel morrajia. N tava dzmaíá, má dxpôx já... N ta fiká normal. Dxpox d' sét dia, jent ta ergid kama, ki jent ta ergid kama. Dxpox d' sét dia, jent ta ergê, jent ta firmá... jent ta pô lok pa fzê kex mandadin, kex trabóin ki n'éra munt trabóin d'xfors. Jent, nun ta kutxí miliu, jent nun ta lavá ropa, jent ta lavá só kex panin d' bebê, má unx kamizinha d' bebê. Esin, ó... é sin.. sentód. Mi, ta sentá, mi ta pô un puntinha na lama... N ta lavá.. vida foi kansód, má...

14. Y bo Maria da Lux, ki maner ki foi kel vêx kuand bo ta ten kex mnin ne kaza, ki nun tinha xpital, ki manera?

3.2b. Mi, kónt mi ta xtód tivi mnin, mi... N ba ta tê-x na Purtgal, k'el s' mi tivési nun lugar und ki nun tinha ningen, N ta morrê. Bo sabê mener el podê nasê? Pode nasê... el ta metê un pe eí, el metê ot eí... bo sabê, el ta kriá problema. El pô kara na kóxta...

3.2a. Ò, mnina!

3.2b. Ó, Nilza! Agó, konfórm nfermer... kel agó, N ten nfermer... ten é nfermer. El metê mon, el ben, kunsuant mnin ben... kunsuant el ba dxloká un pezin del... konsuant el pegá-l, ex dá-m njeson sértu. N ta oá mnin nasê. Má ta prigu. El ta nasê pa lód. Nunka max tivési na lugar. Agó, dxpox ki N ben tivi ot agóra, N tivi trêx dias té tê-l, ex ta mandá-m pa Sonvisent. Má kabá... má góra, el nesê. Góra dpox, Ki ex ta manda-m pa Sonsent, góra N tivi el. Máx ex ot, N tivi ex tud dixkansód. Sin. (...) A min, primer ta dá max... máx kandu pux agóra, kandu N ben tivi part d' déx, kel agó nun é munta koza.... gó... manda dotor dzê... manda pkinin... kont kel... ex dôx, kel góra N tivi dixkansadin. Kel lá é nha kodê. Kontud, N ten nóv fidji, ten dôx mort. Tivi nóv rapeix y dôx mnina..

16. El preguntá ki maner ki bosêx ta kuidá d'kel mnin durant kex primerux tenp. Y kmida ke... un vêx, tinha un data d' koza k'els ta dzê, é... mudjer parida ka pudia kmê..., Nton, pa osex kontá max o ménux, na bosêx tenp, ki maner ki éra ki bzot ta kmê oki bizóte ka tava kumê? Pkê? Esi é k' el krê ki bosêx dzê...

3.2a. Mi, antis mi tivési kex mnin, min ta kmê kel ki mi nun tinha apitit. Ma, dpox, kónd tava koza... mi ta kmê tudu k' parsê. Ex ta pô un kóld na lum, ba... N tinha k' kmê ex kaxupa. N tinha kmê e... koivi, batata ku let... Koza ki... jent tinha kabra, nha merid tinha kabra. Jent trabalhava, e' éra trabalhador d' nxada. El ta ten si.. nox kabra d' let, tud. N ta kmê nhax batata, batata ku let, kaxupa k' let. El... oj uk' ta valê-m agóra é por kauza dakex... koza.

3.2b. Mexma koza. Óka jent ta tê mnin... koza..., ók'el ta fórt, ér kel papa d' farinha, butód ku let... batata, kmê mandióka, inham, papa k let. Inda té agóra min ta goxtá d' batata. Y batata, kónt N negá batata ex pod dzê: "Maria nun...." (...) Jent ta pasá mut ben, kel vêx. Nóx ta góra... góra kriá mnin é só na papa d' lója... é... kóitód, agóra, kex mnin ta ben kmê! Prinsipalment, kmida ku sal.... o roz... bo ta txá kel orox. Bo ta txá kel aros kuzinhá... bo ta lavá kel rox, bo pô-l kuzinhá. Kaba, kex dá kel mnin kex koza, kel mnin ta kuxtumá ta kmê! má ten uns mnin nun ta kmê pur kauza disu. Bo ta xkoá kel sopa d' rox, un pratu, bo ta kuá-l, bo ta dá kel mnin. Kel sopa d' katxupa... pela.. prinsipalmént pela minhan. Kel sopa d' katxupa tród nun koza, bafá bnitin, pô lá nun kant... Bo ben, da-ex kel kóld pela minhan. Kel un bon... bon sin. Góra

kel mnin... agó jent d'agóra... já jent nun sabê, é o kex otxá. Ax veix, bo ta dzê-ex un mnin nun podê da-l koiza, ex jent nun kreditá na nox ki já é d' ided... Ex já nun ta kriditá jent. Se n'é papa du rox... s' nãu é papa d' lója, jent nun xtód ta dá-ex.. kmida. Nun é mexm vreadad?

3.2a. Y kand nhax mnin tinha un ón, jent ta kmesá da-x kmida familiar. Ta pô sex pratin, ta konprá sex pratin, ta konprá sex klhérinha, sex knekinha y ta pô sex kmidinha. Lá pela manhan, N ta pô sex kexupa ki sex obin... o puntinha d'obu, o puntinha d' pex... konfórm tivési, ta pô-l... sabi, tinha nha marid, nha merid tenbén... trabalhador... y ba ta trabalhar pa kaza, ta konprá-no kmida, N ta konpô nhax mnin, ta pô lá, N ta fzê kel kafizin, máx n'é let k' kafé pa kel mnin, N ta fiká ta dá-l. Gó ex ta kriá asin ó... tud ex éra sin. (...) Jent nun ten xkolhe pa kmê. Jent ten ki kmê tud... Jent ten ki kmê uk' bo otxá.

17. El kria éra... tendu in konta ki nóx é mudjer, às vêx, nóx é max emotiv, nó tenemax amig. Y, as vex, é unx amig ki nó ta durá pa senpr, ne? Dexd nfánsia, as vex, até ki nó morrê nó ta ten kel amig, já, às veix, el é té difrent du om. Nton, el kria bosêx falasi sobri amizad, se bosêx ten un amig, bosêx konservá inda kel amizadi até grinhaxin... kria bosêx falá sobr amizad nexis term ali sin.

3.2a. Bon, mi, nhax amiga d' nfánsia já nun ta pr'eí. Un já morrê, otx ta fóra. má kóndu ex ta ben, ex ta prokurá-m, ex ta prokurá-m pa nó ben falá dakex koza d' un bêx k' nó ta fzê. Ex ta ben pa nó ben ralenbrá dakels koza ki nu ta fzê, kex brinkadera... tud kex ta ben, ex ta ben prokurá-m... ex prokurá-m pa sabê d' uns koza k' nó ta fzê. Ex ta dzê-m: bo ta lenbrá ki tal koza? Dzê: Ah! Má s' min nun ta lenbrá d' ki é d' véra! Bo ta lenbrá? Min ta lenbrá! Kex lá fóra? Un Albertina, jent ta txamá el d' Tina, ot e... se nom é Nita. El ta morá... el ta xtód tenbén inda na Holanda, el morá na Holanda. Agó, pokux tenp el ben, nó bai... senpr ki ex ben, senpr ex ta prokurá-m pamód ex... nó ben falá...

18. Falá d'un amizad d' nfánsia, té grinhaxin, Maria das Doris... bzot... bzot ten munt amig?

3.2b. Ax amig ki N tinha já nãu izixti nu mund, já nun izixti... ta tud morrê. Má sin.. asin ta parixê algun.. max vêx ki já oj, já ex ta ser boa amiga asin... finjid. Max amig ki N ten é un jent ki mi max el é un sinhóra já d' idad, nunca maix N oiá-l, el txamód Maria das Doris. Nha Joaninha, sex fii, ex é tud mix amig. Ex já é d' idadi, agó kex ot já...! Ex é un grand amig ki N ten... inda té góra ex... nha kaza. Baxta ex dzê kandu N morrê, ex jent sabi kazu é kex ta fzê. Ex ta serví-m, N ta serv-ex. Sin. Kex lá é ki é amig ki N ten. Durant a vida, nox é amig.... Sin.

19. El dzê bosêx falá-l s' bosêx ba pa xkóla, y s' bosêx fi, bosêx mandá-ex pa xkóla tanbén?

3.2a. Min tivi na xkóla. Tivi na xkóla y tud nhax fidjix tud ba pa xkóla. Unx ten sigund grau, quarta klasi y ot... ten kel max novu k'é kodê... N pô-l na xkóla, el fzê kuart'an d' Liseu. Dipôx, el suxpendê... kel el ba pa trópa... el suxpendê... kel trópa panh-el, el ba pa trópa.(...) É nportant pr'el... pr'el prendê. Prá prendê.

3.2b. Sin. Mi tiv un mãuzada d' fii, N pôs tud na xkóla. Unx ten quarta klasi. Otx... max tud ex... max tud ten quarta klasi. Gó só un, kel ki é kodê, ki ten primer... sigund an na Liseu. Ken ki N ten na xkóla é nhax net. Ux netx...

3.2a. Y jent nun da ex max, mód a jent nun ta podê da-ex max...

20. Bosêx kontá bosêx sakrifísiu ki bosêx tev pa pô kex mnin na xkóla. Ax vex, kex kamin k' ex tinha k' andá o kex... dispésa k' xkóla, ka bata, ku tud kex koza lá sin....

3.2a. Bon, mnin nakel tenp, ux mnin nun ta uzá bata, máx ex nun ta uzá bata... ex ben uzá bata dxpox nes ultim tenp ki ben uzá bata. Méx... y... oj tenbén, kom N ta morá aí d' sima, nun lugar k'ex ta txamá Txã d'Orox, pe riba lá na Bika. Ex ta ben pa xkóla pa... lugar d' gent... max dxpox Nton,... ke N ben morá li na bándá d' Tarrafal, ex pod ben pa xkóla li na povoason. Max... senp na dfikultad. Ax vêx, bo nun ta tê kel kadern, ax vex bo nun pudia tivési kel... má já dex últim, dxpox ki sex pai morrê. Dxpox d' Jó, Txamada d' Jorix, N ten ajudá. Ex da-m baxtant pa dá-x xkóla.

21. Y bo, Maria da Lux?

3.2b. Sin. Mi, nhax fii, kand N pôs na xkóla, inda k'ex nun tinha koza... góra é só os dôx... má tud ex... ex nunca seí fóra da... tud ex... tud ex ten un fii xtudá tud é li. Tud pért. (...)

22. Kol'é novéla ki bo ta oiá góra?

3.2a. Novéla ki N ta oá agóra? ãh... é ta oiá agóra... ta oiá unx dia kandu jent ten tenp... péra... ki di not é... y... Forsa d' un dizej... fórsa d' un dizej....

3.2b. Ah! A min, nun ta sabê, mi ta só oiá ex... máx novéla brasileira é sábi! É sábi... min ta oiá el. Góra ex... góra min nun ta sabê.... Fórsa d'un dizej...

23. É... el krê bosêx falá un bokadin d' raméd d' térr ki nó ta fzê li na Sintanton, ta kurá un dor d' barriga. Ax vex, nó ta kurá un dor d' barriga... nó nen mixtid ba pa farmásia y... pur izénpl, un dor d' kabésa k'... un koza sin, Nton, jent kustumá, ax vex kurá-l na kaza sen ba pa... aliáx, ax vex, até mexm un grip, sen ba pa farmásia. Nton, só k' raméd d' térr. Nton, bosêx falá-l maix un bokadin d' raméd d' térra.

3.2a. Min, N ta fzê, fervê é xá. Ba... xent ta fervê un xá d' likrin. Xent ta dá-x mnin... xent ta gazaliá-l. Notr un dia, el ta manxê bon. Xent ta fzê-l sfrikson d' ólk. Pô ólk... té kanforód. Ki xent tava y... sfrikexê-l, sfriksãu xent ta té y... bánha kanforada. Panha un bánha d' pork ki xent ta fzê koza, fzê... kanforá. Jent ta fzê-x frikson. Kel mnin ta baxá tant kamód éra bronkit y... febr. Ta fzê xá d' unx érva tava dá-x.

24. Di k' menera, pur izénpl, k ta kurá un firida sen ba pa uxpital y sen ba pa farmásia?

3.2a. Kel lá dex raméd... raméd d' térr é sin... nunca N fzê. Min ta ten... ex pomada. Ta fzê-l. N ta konprá aí kápsa, ta konprá sulfatu d' uzól, ta konprá vazelina, ta konprá alk, ta ralá kex raméd. N ta transá kel vazelina, N ta botá nun bukadin d'agu, ta dxá lá nun putin munt bnitin, ex mnin ta fzê kalker koza, mi ta pô-x el... ex ta otxá bon. Baxta ex ta txamá-m só y... nfermera.

25. Y bo, Maria da Dorix?

3.2b. Tenbén... má el é bon. Kand galinha bai, bo ta matá kel galinha. El ten kel kotonet. Bo ta botá-l na ovid, má n'é p'pô sal, so asúkra... p'el ben d' xkrimi tud kel... kel lá munt bon. É pa kemód, é pa dor, é pa tud. y tenbén ten ot koza... (...). Ovu tenbén jent ta panhá-l... ta panhá un konprimid d sulfatu d' uzól, o

kápsa, Nton, bo ta ben konprá vazelina. Nton, bo ta fzê kel pomada, bo ta moí-l, bo ta transá kel pomada. Nton, s' un mnin ta kux koza asin na korp, asin, seíd, o na kabésa, bo ta korrê-l... el ba ta otxá bon. Ke é konfórm ex ta dá jent, Ami ta fzê-l na kaza. S'ex ta pasá jent el... un ixpítal... Agó s' já bo ta kansód d' ba pa xpítal, ki é sin k'ex ta fzê-l n' xpítal, Nton, kónd bo ta oá kel menin nasê... kel koza, bo ta korrê, bo ta konprá-l...

3.2a. Y inda ten... ten sin ex koza... ba pa uxpítal, sintí un grip. Ki mi koza ki N ta sintí so un konxtipasáu, grip, es koza asin... bo ta tomá un konprimid, pasá grip. Mi ta te... fervê góra un xá dun mótx k' mi nteresá, o rosmaninha, kaxka d' laranja, limon, N ta tomá, el ta ba ta pasá. Esin, jent ta fzê-l

3.2b. Prinsipalmént arruda, ten un... arruda é pa dor d' barriga. Bo ta trá un pimenta... má tenbén min nun ta goxtá d' konprá-l pa N tomá-l pur kauza tensáu. El é bon. Sin. Fzê xá d' urtolá, tanbén é bon. Kuand N ta sintí, N korrê nun xá d' urtolá, mi ta tomá... dor ta pasá. Kaba ex pomada... kuza d'... bánha d' porku, jent fa fzê kel koza... botód kánfora, jent fzê-l kánfora, jent ta lavá un panéla, jent ta botá log lá, el ta mixturá... d'antis del seí, bo ta pô-l kónd el koiá, el ta fiká lá...

3.2a. Mi, un vêx, kónd N matá pork, N ta fzê-l tud' óra. Agóra... y... góra... s' un psoa... tava kriá un purkin, ta ba vendê el nteru...

3.2b. Ki kuntisê k' el é un bánha ki un pork ten... Ami sebê, kand jent matá pork ten kel koza lá k' xama rox, so ki ten mód un rénda... é k' kel lá ki jent ta fzê...

3.2a... má é mótx!

3.2b. Kel pork mótx... lá in kaza, N ten un vidr dex tamónh ki N fzê-l, diazá. Akel ki ta pô... bo ta retê-l... má né p' ptá sal, bosê ta pô-l é so k' kel kóld. Agó s' bo ten kóld, bo ta konprá un lata d' mentolód, bo ta botá ne el.

26. Y xarop d' tos, k' té gó bosêx ka falá, k' té agóra nó ta fzê-l na kaza...?

3.2a. Amin, kónd min ta sintí tós tenbén, mi ta panhá... senóra, sebola, sibola prinsipalmént, s' nun ten sibóla brónk, N ta pô kel ot sibola. Bo ta pô-l lá, N ta ptá-l asúkra, bo ta dtxá kel li... ta kriá kel koza. N ta fiká ta tomá... y limon... rodéla d' limon, ptá nakel vidr, tapá, dex lá... dpox, N ta fiká ta tomá el.

3.2b. Mi, koza k' N fzê ku nha mon, k nunca N oiá ex fzê-l... bo ta panhá kel agriáu, bo ta pô-l ta fervê, fervê... kandu el fervê, k'el kuzinhá, Nton, bo ta xkorrê-l, ptá kel aga fóra... Kabá nton, bo ten pô asúkar, bo ten pô-l ta fzê... ptá un kaxkinha d' limon o un kaxkinha d' laranja. Bo ta ptá-l... kel kozinha... d' koza... bo ta tomá-l. Fika sáb! Inda oj... nha Joaninha... dzê el ta fzê... k se bo tivê ku vos mudód, el é munt bon. Sin. Põi nun vidrin, bo ta fiká ta tomá-l tud un kulher... Ah! kriánsa goxtá!!!

27. El dzê s' bzot ten kuxtum d' oiá karnaval brazileru na tilivizáu ond psoax... xtód kauji nua, ne? Y... karnaval li, s' ali ten karnaval li... d' k' menera... bosêx kontá-l?

3.2a. Bon... karnaval d'ái... ax vex, ex ta vixtí asin...otx ta bixtí ben vixtid. Ex ta fzê bixtid, ben bixtid. Ex ta fzê kel karnaval. Máx kex d' brazileru, agó... y. ta xtód kunx part nu.... né tud xent ki ta goxtá dakel vixtiménta lá!!!

3.2b. Kel lá, min ta goxtá d' oiá-l. Sin. K' fzê bixtid... ex ta bixtid kex kozinha y... esin... bixtid un sutiázín asin... tud nu! Unx ta xtód ku pólpá... ot pintá a pólpá k' tinta. É... kom inda bo ta oiá d' véra!! (risadas)

3.2a. Agó ot dia, N oiá un... un karnaval so oá asin... dixkulpa... só esin pintód y asin!! (risadas)

28. El krê preguntá bosêx k' k' mar signifiká pa bosêx... kand digu bosêx, é pa nóx... s' mar é vida, é amor, é aligria, tendu in konta k' nu ta morá li sin... y baxta abrí pórtá bo ta oiá mar o und k' bo bai, bo ta oiá mar... Uke k' mar ta signifiká pa nóx? Bosêx dzê uke k' tenbén el signifiká pa bosêx...

3.2a. Bon... mar é... bñit, agó min... min nun ta goxtá d' ba pa mar... tomá banh na mar. Min ten med d' mar, k' min ten med d' mar.... Anton, min ta gostá d' mar, k' mar ta dá pex. El ta dá xent otx koza, xent ta oiá otx koza... nó fund d' mar, a xent ta oá, xent ta goxtá...

29. Maria da Lux, bo koza k' mar ta signifiká pa bo? y bo.. pur izénpl, bo ta morá na Pinha d' Fransa, bo ta brí pórtá, bo ta oiá mar, k' k'el signifiká pa bo?

3.2b. Sin... mar... y... min nun goxtá d' mar tenbén... Mi, aga d' mar lá, mi ali. Y... mar... mar é bon, ligria pra nox... mar é un ligria pra nox. Mer... s' bo tiver k'un dor d' kabésá o un kolker pensá k' bo tiver, bo ta ba pa... asin na oréla d' mar, bo ta sentá, já kel pensá k' bo ten já ta ba ta sí. K' Amin, N ta oiá pa mar... ta xtód ritód, Nton, mi ta sentá lad d' mar, kónd N ta sái... já N ta xtód asin. Kel ar d' mar é munt bon. Sin. Ar d' mar é munt bon, prinsí... ax vex, nó ten d' ritá, nó ta ba txpejá nox vida, nó ta sentód na oréla d' mar, nó ta fiká ta xpiá... na mar.... má min, d' lonj!!

30. El krê sabê manera k' foi bosêx kazament. Bosê prinsipalment, Nha Nilza, kand sê ben kazá... é... s' tiv munt féxta, munt bóda, ne? Bosê kontá menera d' bóda.

3.2a. Tud lá na kaza, kel vêx, nó ta fzê... nó nun fzê bóda, purk... bon... ex pdí éra móda un kóp d'aga. Ke mi éra sen betizá, nox tud agóra, nóx ben razolvê batizá... e... no... kazá, nó kazá log, nó kazá log, k' éra mi... kazód so na rizixtr, dxpox anton, n ba kazá na padr. Y... nha mai fzê-nox un pkena féxtinha sin lá... max já N tava moród na nha koza... kaza.. kazód na rijixtr, má nó nun ta fzê féxta, féxta non!

31. O, Nha Nilza, bosê kontá ki menera k' foi bosê kazament dexd prinsípiu, bosê pdid... purkê kazament na rejixtr, é k'é primer kazament, kel ot jent ta fzê-l y s' jent kizé o ke... má bosê kontá k' mener kónd... Nho Mané... Nho Mané, ne? Nho Anton. Nho Anton ba pdí osê, tud kel xtorá lá sin, pa el podê sabê... es é k'el krê.

3.2a. Un-Un.... kex koza lá non. Kel lá non. Kel min nun ta dzebo-el (risos)

3.2b ....N ten só kel fot del. Má kónd bo pai... ex ta fzê un pdid p'un kazament, ten k' un sinhor, k' nãu é kel noiv, mód el ta pdí, ta pdí kel noiva. Ta ba... unx ta fzê-l un karta, pa ba ntregá un sinhor pa el ba leba, ker dizer, ta dá un sinhor kel karta, pa ba levá, pa ntregá... é sin. Nen el txigaba a levá kel karta. Akel k'é pdid, kel k' ta xtód pdí kazament é sin. Tenbén sex fi, min tenbén... ma já mi sixtí baxtant... Sin. É sin.

32. Y kondu ta...kónd noiva nun kazá ku "trêx vintén". Kontá-l el lá.

3.2a. Kex koza lá non... (risadas)

33. Fzê d' konta k' non é bosê. Sê podê kontá-l perfektament. Sê fzê d' konta k' non é bosê ma el ta pasá na vida geral.

3.2b. Sin. Óki é pasód, un vêx, nakel vêx, kand... bo sabê, mi, diazá mi ta pur aí... kand sixtí kezament ka.. akel vêx, akel vêx k' tinha ex koza. O' já nãu! Y...

3.2a. Já oj já ex ta kazá já xtód sprementód. Ex ta nun... txá d' sperá...

3.2b. Kónd ex ba pa kuart, Nton, madrinha ten k' xtód lá, madrinha ten k' xtód... ten madrinha. El ba ku kriód y kriód. Y ten kel kriada d' noiva. Nton, kand fzê... ex fzê sex lua d' mel, Nton, ex ta ptá kel próva d' kel ropa. É kel lá...

3.2a. Ò Maria, el é bnit p'un bándá, má el é fei p'un ot bándá! Mi já nun ta goxtá dakel koza lá!

3.2b. Bo nun ta goxtá... sin. Kónd un psoa ta dzê, bo ta fiká ta sabê. (...) Min sixtí-l baxtant. É asin... agó, má agóra... ben, moxtrá próva d' virjindad p'akel povu baxtant, kex kunvidad... (...) Ker dizer, kel kriada d' noiva, Nton, ta ben, ta trazê kel ropa... (...) Sin. Perfektament. Kamód kel k' fiká lá d' sima, ta fzê kel bol. Bo ta fzê... kónd é sigund andar, ken k' ten ser levód é se madrinha. Ami sabê, kónd kriód d' noiva agó ta bai levá... agó ta ba kaza... bo sabê, ken k' el ta ntregá-l? y kel mai, é kel madrinha. Gó... madrinha, góra Nton, tximá sex paix, sex paix, pront... éra asin.

34. Kónd noiva nun éra virjin ta ten kel grand xkándlu?

3.2b. Sin... óh! Éra asin!!

3.2a. Bo ta... ex ta nganá kel rapax, kel noiv...

35. Kel menin s'el nun fosi virjin, el seí d' kuart kalsa rolód.

3.2a. Uma vêx, tiv un... un... y... un gérra na Tarrafal... bo nun majiná...

3.2b. Min ta dzê-l k' já min sixtí... já min sixtí...

3.2a. ...k' paix dakel noiva y... kel mnin nganá kel noiv... (...) óki kel noiv k' ben, el nun tiv fog d' mea-noit, kex trêx foget d' mea-noit!!! Ex fiká ta sperá, kel pai é k' ba dá kel fog ta perguntá... k' el da-l de lá de s' pórta, ta perguntá-l kuza é k' ta pasá. Nton, el pontá lá fóra, el dzê-l nun tinha rixpóxta pa dasi-el dakel fog... k'el nun tinha ninhun rexpóxta...

3.2b. É sin, prontu. (...)

36. El kria bosêx txá un mensajen na fin déxgravasãu... k' é p... o pa bosêx família, o bosêx fidj... o pa jent... o pa jent d' Santanton pa daki a algunx tenp... algunx tenpx a jent ta ba lê-l... bosêx netx, bixnetx, netx ta ba lê-l... o pur izénplu, fidji, netx, ta ba lê-l... ex ta un re... é kom un rikordasãu d' bosêx é... déxmensajen k' bosêx ta dixá li.

3.2a. Amin, ta dzejá xent flisidad... pa sex paix kriá-ex k'amor, rexpét. Ex eduká-ex pr'ex ser om y mulier d'manhan... P'ex ter futur na sex vida. Kel k' min ta dzejá-ex tud Santanton, tud mund nteru... tud mund nteru. Mi, s' nada N otxá-l, ex ta dzê "ex psoa txá-x se mensajen, y já agó... já el morrê. Deux da-l dixkans itérn" É kel k' min dzejá.

37. Y bosê Maria da Lux?

3.2b. Sin, min tenbén ta dzejá-x filisidad pa ex... dá-x fórsa, saúd mód vivê na térr, vivê dret na térr, prinsipalment pax... K' min, N tiv mãuxada d' filiu. Ningen ajudá-m kriá-ex. Tud min suzin dbóx d' sakrefísi... má ningen ta dzê nada d'ex. N dzejá-x só flisided na térr y... y tud fili krixtaú. Y tenbén ken k' judá-m, pxs kriá-x. Bo nun ta dzê kom, bo so ta kriá... bo ta dzê ma é tud krixtaú... kónd bo ta ba buxká un lata d'aga, kel otxá...ker dizer, ke el mandó-be buxkar... o ke Deux der o ke seu korasãu der... o sink tuxtãu o déx tuxtãu, Ami ta konpra un kmida, un bolaxa, o un pon, o un asúkra, já-x judá-m, é veru? Bo ta dzejá tud flesidad na térr, xpesialment pa es sentr aí k' ten judód baxtant. Trata-nu ben, ex ta judá-nu. Uk' ex podê, ex ta fzê... (...) Ex sérv a jent munt ben. (...) ex ta goxtá, konsiderá-nox kom jent dret e... nó ta dzejá-ex flesidad k' oj nóx ta, minhan nó nun sabi se nóx ta... má... ex ta fiká ta lenbrá nó nóx ke mener.. no..., é sin, d' véra?

## PARTE II

(Grupo da Melhor Idade do Centro da Cruz Vermelha)

### 1. D' k' menera jent ta vivê antigament?

S. Eládio: Sirkunxtánsa d' vida, jent ta sofrê unx konsekuénsa, ne? Es ta trível, es ta kemá nox na pel. k' nó ta seita brinká un bokadin, kónd ta txiga set'óra d' not... já nó tinha... ta ben kex sint, kex sint pérna grand, maród trás d' kóxta, ta pintxá nox pa bá-x pa kaza. D' mód k' nó ta fiká k'el dezeju. nó ta xpiá un mnininha na kaza, pa nó ben brinká... ex ta dzê: no! No! Éra proibid! s' kizési pô ta brinká max mnininha, kóxta ta pagá, pel ta pagá. Es ta fzê róda d' gix na txon, dispí jent ropinha, metê jent la dent d'kél róda, ba largá... sintu. má pu lód, foi un roxpet ke nu kriá ku roxpet... inda té oj kel rexpét sirví nóx... k' nó nun ta dixrexpétá ningen, oá! Tud é pusível!

D. Maria da Luz: N ta konsê tud Santanton d' róda. N ta andá karga na kabésa. Sin. Sen lukru d' nada. Sin. Nu ta vivê munt k' mód... konfórm ten un mãuxada d' filiu. Ma... nun ten trabalh pra elix. Nen k' es kre fzê a jent nun pode fzê pa sex mãi. Sin. N da-l un bokadin d' koza. Agó koza ke es... tinha falta d' un brakin, un brak d' kaza. Já N ta k'el na nha mon. Guvern da-m un kaza. N ta nha kaza susegód d' nha vida max mix fili... N ta dá grasas a Deux k' guvern... pkê sperei baxtant pera kaza, max góra já nóx tá... (...) ... kel vêx éra kel vêx! Mód y góra? Kel vêx, a jent tava andá pa tud lugar, jent tava... ba pa merada, konsuant sinhor já dzê. Jent tava... da kmida... kel vêx é ot... ér un ot vida. Agóra má vida gó ta difísil...

### 2. É... mener k'éra brinkadera d' kel vêx? Menera k' sex ta brinká?

D. Maria da Luz: Jent ta brinká... sin... jent ta brinká na térr, jent ta kzinhá, pô lum, fzê unx... fugonzin, kzinhá... pô papa kzinhá... esin nó ta fzê-el tud, ker dizer, a jent ta fzê-l na brinkedera, max jent kumê-x... jent ta brinká dret!! (...)...kaxkava batata, punha fizon kaxká... nkónt jent ta xtód gordá merada. Agó, k' jent ta fzê brinked, jent ta kuzinhá té na merada... jent ta fzê ke's pnéla d' kmida, jent ta kmê... ta gordá sementera, tud jent ta fzê...

S. Eládio: Kel vêx, jent ta fzê a merénda. (risos) Bo sabê kuzê k'é merenda? Éra u pken rufeison k' jent ta fzê, jent ta txoká fijunzin na kaza, bataba... kuzê, ba fzê kumidinha fóra d' kaza... fóra d' kaza... (...) ...merada, merada... ond es ta simeá mii, jent ta ba gordá korv... na merada, p'es nun kmesi kex

siment... p'es nun kumesi kel gron d' mi. E... nu ta levá nox latinha, unx latinha pknin, nó ta levá kmida... ba kuzinhá lá na merada. Fzê kaxtél, kex kaxtél d' paja, kubrí ku fóia d' karapet... txuva, kónd txuva da-m nel, nu ta xtód dent d'kel kaxtél... ta gordá... gordá korv.. p'el nun kmesi kel mi...

3. Agóra el ta perguntá... k' menera k' éra kex tenp d' txux, namoród y kex koza lá?

Dona..... : Kónd tinha un txutx? Bo sabê, N ta xtód sin txutx... ta pa ba é pa mereda xpiá. nó ta konversá k' kel li, má tud na rexpel! nó nun ta fzê koza meriód... é tud nakel rexpel! nó ta ba pa fezenda, panhá fijon, ková batata y... juntá lenha, fzê tud mendadin... aga... tud, tud mendadin nó tava fezê. nó nun ta ten tenp, pkê nó ta.... (gestos)... es ta dá jent vara. s' fizési mariód, es ta dá jent vara.

S. Eládio: Nunka N ranjá txutx. Nunka. Kónd ta nsixtí, es ta kansá. Agóra, ranjá txutxi mi inda nãu... N ta daná y N ta toká... panderu, na féxta d' kazaméntu k'es féxta sin d' kunvit...

4. E' ta purguntá mener k' é es fésta di Santanton... fésta di Romaria, Santanton, San Joãu?

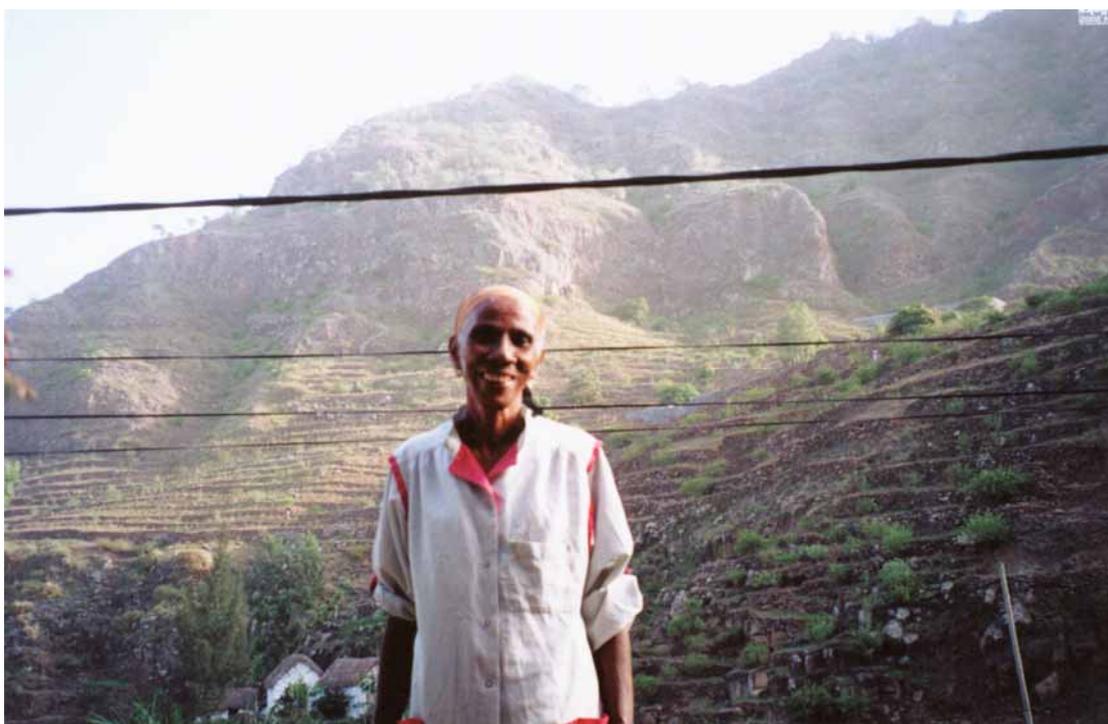
D. Nilza: Féxta d' Romaria é toká tanbor. Kolá. Bai k' bendera... ba k' bendera, ta fzê sin, ta kolá, xent ta kolá... xent ta ptá na mon... jent ta ptá... Kex é k' féxta d' Romaria. Santanton, San Jon y Son Pedr... (...) Ah! Es vezis, trêx diax... xent ta ben in kaza di... xent ta ba pe féxta, nun tinha kórr, nun tinha nada, xent ta andá é d' mula, xent ta andá kóxta d' koval, xent ta ba in kada des... botód roser, otux ku ram d' rókka... es koza sin. Ke es k' e nox féxta d'un vêx. Nó ta ben kada déx é dia d'ntrada. Koza... dxpox nó ben é gatxód d' kaza. Ba sixtí kex ntrada... kex kuza tud... é sin k'éra nox tradison... má nó ta bai é gatxód, k'ex nun dtxá xent bai. Es nun ta krê dtxá nox seí.

5. Módi un vêx pa futur, ok' k' sex ta xperá du futur pa sex net o pa sosiedad... kol'é dijej k' sex ten? Tud jent fala un kuzinha... (...) Dtxá un rekumendason pa sex net?

S. Eládio: Uví futur? y tud akel bo ta prizent, pkê nunca nó ta kunfiá nakel k' inda bo nun tinha oiód. Y, as vezix, futur o pod ser barót o pod ser karu. Ta uví-m? Puris, ningen dévi sê kunfiód, tud akil ke sirkunxtánsia dá, tud... tud é perfet. Uví-m? Tud é perfet. Agó pa bo ben dzê k' tal dia, bo ta dzejá ten tal koza... nunca! Es vida é nsérta... vida é oj sin, minhan non. N ta li ta flá max bo, daki déx minut o sink, N pod sintí un ndxpozizãu.... N dizaparisê dex planeta terr. Ami oiá? Puris vida ningen ta konfiá nel. Agó, se max tard, konfórm for, don d' suspensãu d' vida, for vontad d' Deux guentá psoa, asin, psoa ta ba ta krê d' ncliná un pensamént max superior ta ba ta levá sê vida maix avansód, bo oiá? Agó, se é pa gavá ... gavá ningen ta gavá... obrigód!

Dona.... ou Senhor.....: Amin prá min futur já.... futur.. já... já ta ser p'ux net... ux net.. k' pa N dzejá six paix kriá-x idukód... dá-x xkóla, p'es ben ter sex futur amanhan. Kel k' N ta dzejá. Agó min futur, já... p'un psoa d' sesénta an já min nun sabê kuma ter futur. Oj N ten, manhan nun sabê.

### 3.3. PARTICIPANTE III



Nome: Anacleta Rosa Pires Moreira

Nominho: D. Kléta

Localidade: Ribeirão do Campo do Cão

1. Nha Kléta, mané ki é bo nom?

3.3. Anakléta Róza Pirix Moreira. Nominh, Kléta.

2. Kant'ón bosê ten?

3.3. Sesént'y kuat.

3. Nha Kléta, bosê ten txeu fi o pok fi?

3.3. Set fili (...) Djá N ten so dôx. Ker dizer, un ta morá na se kaza. Ot ta rapéx y ki xtód li junt ma min. Li inda k' te na se kaza.

4. A vida de hoje é muito diferente de antigamente, D. Kléta? Como eram as plantações... chovia em Santantão? A senhora tem algumas lembranças?

3.3. Ker dizer, na plantason di merada, el nan mudá. y mili, feijon, batata, mandióka ngléza... ker dizer, agóra, kom já li ta produzí munt pok ex koiza mód pézon, k'es ta txuma praga, já ne ti txa ax koza pruduzí... munt. Y tenben fóta d' xuva. Agóra, kónd mi éra manin, kel vêx ta dód... set an sen dá nen un ping d' txuva. Set an d' fom pegód. Méx é... dpox na óra d' txuva, ta dá txuva k' ta dá kmida pa riba tenp.... d' tud kelidad sin, má tenbén ten dia dá unx fôm medónha, ne?, k' ta morrê munt pov d' fom. Kand mi éra manin, mi sixtí trêx psoa morrê nun kaza, nun not d' fom! Kabá pov kuaj... kuaj tud kabá... ta morrê lonj... na mei d' kemin... otx sentód lá pa rua, otx na sex kaza. Y... es ta ba nterá-x à fórsa dá otoridad, k' pov nu ta krê! Ker dizer, é a mizéria, nexisided, pov nun ta kupá nen k' nterá, bu konprénd? Éra brigód pur juxtisa k' ex ta bai ntéra-x. D' mód k'... tinha, tinha munt mizéria, munt nexesidad.... Non!! Agóra, kaza tenbe éra kaza d' paia... ken tinha... ningén sebia se ta izixtí kaza d' simént armód, nen s' ta izixtí kaza d' telia, nen lata. Já tiv munt mudansa pkê já ex ten kaza d' simént armód, já ex ten kaza d' telia, bu ta ba ta xklarisê, ne? (risos) Purtant, k' oj é munt baxtant mudad dik kel vêx!

5. A senhora gosta mais dos tempos de hoje... ou tem muitas lembranças de quando era jovem... da... de como era a Vila antigamente?

3.3. Sin. Kand mi éra jóven, mi ta lenbrá nté un sért altura, porokê kand mi tinha dozi an, antród na trez'an, ex ta ta tomá nom d' jent pa ba kontratód pa ba Son Tumé, ne? Y pov déxtérra tinha vontad d' nbarká! Ah! jent d' térr, jent d' Sintanton, jent nun ta sebê... jent ta difisi, máx k' jent krê kunsê pra lá. Agóra y... N dá nôm gatxód pa nha mãi pa N bé... nha mãi... sub kun... N ta té bé menor véspe d' dia k' N ta d' nbarká p' San Tumé. Y agó... N bai... N fiká pra lá, pra lá k' N kriá. Pra lá, dpox, k' N kazá... má nha merid morrê djá d' ka... trinta sink ón k' nha marid morrê pra lá. Dpox k'el morrê, N ben ku nhax mnin, N ben morá nes kezinha d' padja, é d'un tia minha, móra nel d' rénda... kabá, méx unx tenp, ex vendê-m el, N konpre-el. N fiká í, ta kriá mix fili dibóx d' sakrifisi k' sebe un... un psoa... so el so... má Deux... ta trabóia, ta kriá kex mnin! Ta kriá set fili! N fiká, dpox ben brí trabói d' Xtad nes xtrada, mód jent pegá nun trabói, y esin jent ta ganhá dex xkud pa... por dia, má jent ta... kozá máx en konta, éra máx barót, oj koza y máx karu. N ba ta xpendê nhax mnin basód k' até k' tud ex é grand, purk nhe marid morrê pr'lá.... na Prínsipi, San Tumé y Prínsipi. (...)

6. A senhora se lembra como que foi... como é que era antigamente, como é que as moças namoravam? A senhora se lembra?

3.3. Sin. N ta lenbrá, k' min tava oá-x! (risos) Min tava oá-ex! Pkê kónd un rapéx má un mnina tinha... ta namorá ÉR gotxad. Gotxód p' jent grénd nun subési, ne? ÉR ne kemin, má gatxód... s' fosi un psoa pontá, te ben, tenbe un ta korrê p'un pónta, kel ot ta korrê p' ot! (risadas) ÉR munt diferent du oj... ér munt... Éra gotxód! Y... pamód ningén subési, nen six jent! s' subési k' ex ta, dá-x tipó, ex ta dizonrá-ex. Y... tenbén, mód dpox tinha vergónha mód pov nun ói-ex, mód pov nun tomasi fé, ne? Nen maior y nen six jent!! (risos) má oj non, oj já mund já ta xklarísê... já nun ten nen grénd, nen paknin... tud já....

7. A senhora se recorda, D. Cléta, de alguma superstição de antigamente... crença... por exemplo, que não podia passar de baixo de escada... mau agouro...?

3.3. Mau agor... Ah! Gót pret... ex ton peród sinhor Son Jon, ne? Es k' N ta uv, ker dizer, é k' kel vêx, un mulier ta tê un manin, nan tinha kex ijien k' ten oj, ne?, el ta tinha kel mnin, ex ta iliá-l é na farépin... kel pedós d' farépinh... es so k' tinha pa iliá se mnin. N ta uví nha xent ta kontá, kónd ex ta seí ta ba pa lidéra d' lénha, panhá monzada d' lénha, pa ba vendê, pa oiá sex ta... otxá un koza pa xkapá... k'kel mnin bonbud na kóxta, ratxa d' kórda, tród kórda na fodja d' banenera, na trosa d' banenera pa konposi kel mnin. Y kónd ex ta ten kex mnin, ta ten nesid na pobreza, falta d' ijien, N tinha ken kriási kel mnin. Nton, kel mnin, ex ta dijinbigá k' azeit d' pulga, k' é azeit d' pulgera. Pulgera rixka kabá... kel un vêx ta ten pulgera baxtant, k' ex ta fzê ezeit d' kex pulgera kónd ex ta seká. Ex ta panhá kex pulgera, el ta kriód... tród dakel kaxka, ntxê na sók. Non na sók! Na balai, k' nun tinha sók! Arramá, kónd ta ten baxtent, agóra bo ta ben fzê kel leti li nó txã. Bo ta xfriá kel pulgera, bo ta ben intxíske-l(?) ka... palha d'kána... riba del. Kabá bo ta ben sentá, bo ta ben pilá-l na pilon... ben pilód. Kabá ben pô-l na xkaldera d' férr... ta kuzinhá. Inda ten kex xkaldera já nun ten xkaldera d' pérna grénd déx temónh, máx inda ten, Arleti d' Ziku ten, notx lója na povoason inda ten. Ex ta ben pô, ex ta kuzinhá dia nteru. Òra k'es pulgera tivési kzid... tenbe ex ta ba pa jinapá (?) kel azet k' ta boiá pu riba... kabá ex ta bai... tinha un koza d' Boe Vixta k'é grénd, k' ex ta txumá Tatxa... k'ex ta spenjá kel kaldera d' pulgera kzid lá. Tud dia ex ta ba pa... tud dia ex ta morná aga, ex ta ptá-l... el ta kriá kel ezet... ex ta torna jinatá. Kel é k'ex ta fzê... k'ex ta ten ôliu, ex vêx munt jent ta sindê, ta fzê kanderá... ten pulgera tenbe pilód, jent ta pilá-l y kaxká. Y... el ta na pilon, pilá-l botód algudón. Se kunhési algodón, ne? (...) Ptá algudón, pilá... kabá, trabóia un spéti d' irvilha linpin, ben fzê kex véla, fezid é asin ó... (gestos) kex pulgera pilód, kel ta fiká gó grénd déxtamanh... unx é déx tamónh, otx é déxtamóin... k' ér lux k' jent ta sendê, má pe vixta éla bon... éla bon. Tambén ex ta fzê y... pulgera, ex ta juntá ezeit, juntá, juntá... ex ta ben fzê sobon. Ku es tal pulgera k' kel ezet... agó, ex ven fzê kel ezet d' pulgera... k' meu vô ta fzê-l, nha tia, tud ex ta fzê... puris ki N ta lenbra... y... ex tava panhá trósa d' benenera. Ex tava ratxá, ta seká, Nton, ex ta ben kemá-l, fzê kel sinza. Panhá pot, trá sent d' li d' bóx. Pu un xpitin pur dent, pô unx peinha, dpox ta ntxê d' sinza. Ex ta ben k'un ov, ex ta sentá lá dent nakel putin d' sinza, fiká ta butá aga. Ex ta bezê-l aga tud dia, k'el n'é kuada... k' kel sinza ta fiká ta pingá. K'ex ta ranjá e... s'ex tinha nov garrafa d'ôli, déxoli d' pulgera, jent ta txumá el d' ezeit d' pulgera. Y... ex ta ranjá nov garrafa déxkuada, pa xigá pô ta kuzinhá pa ba fzê sobon. y k' má ta levá lénha baxtant!!! Ton,

ó'k'el dá nó pont, k'ex ben fzê-l sobon... máx sobon k' ta lavá d' ki! (gestos y risos)

8. (...)

3.3. Sin. Eté inda ex ta dzê, koma dia... primer sigund-fera d' Ebril. Anrran! Ex ta dzê y dia kein mata Ebel. Kel dia... kel dia jent nun ta seí na rua o jent ta xtód grandi kuidód máxim, mód s' un psoa panhá pankada, ker dizer, é dia k' Kein mata Ebel... (risos) Inda ten, inda ten jent ten té es koza, ne? má izisti muntax vêx... kel dia k' Kein matá Abel foi unx sgund... y kel pasa nekel sigund-fera ntera! Y sigund tenbén é sigund-fera d' Ebril, é kum un ot dia, ker dizer, k'ex minut... kel koza ta pasá! Nakel óra k' el susedê, el ta pasá. Un-un... ex ta dzê kumé k' mnin k' ta nasê nekel dia nun dá pra kriá... kamód nha mai éra d' primera sigund-fera d' Ebril. El ta kontá-nx kom ex éra katorz mnin k' nesê nakel dia, el so kriá, máx sofrê baxtanti koza té k'el morrê... pkê kóndi já-m tava grotinha, el primer seí-l dôx xpin, un nun bándá d' kara ot na ot, el nflamá d' bik d' pe na kabésa.... kel vêx, dotor éra... un koza nun tinha... Nton,... el tinha... un mulier k' e' ta txamá se medrinha, k' ta bai ku'el pa Txã d' Pédra tud dia, na kóxta, lá p'un om k'ex ta txomá Nho Jon Xantri... ta ben pô-l férr kent, férr kent, kentód lum, na kara pa kemá-l kel karn mort, na kex koza, eté kónd el sará. Kónd el tiv sex mêx, tenbe ekil kurá, ke'l ta kontá-nx. Kónd el kriá, já el ta max grénd, dxpox k'el otxá bon nex koza, un dia el ta lá... dibóx d' kaza d' un mulier... pōi ta pô lenha nun panilha pa fervê kefé. Kónd k' kel aga fervê ben, spejá-l... kemá-l tud ux pe! (...) Agóra el fiká... es mulié torná sex mêx ku'el pa Txã d' Pédra kurá. Agóra, dxpox del já grénd já, nox tud já grénd, un dia el ba pa Korkovad, el ta morá nun kaza lá d' riba, el ba pa Korkovad... el ben dá d' sort, el keí, el kebrá trêx kuxtéla. Jent ta ba k'el pa Povoason, tiv tenpx la ni xpital, kónd el ben... el fiká ta sofrê senp un... un ota duensa, eté kónd el morrê. Má el morrê já d' oitént'y kuatr an... anrã! Sin me? Ago, kel vêx, ex ta tinha mnin, manin d' set dia, ex ta kura-x éra ku likrin. Éra k' poxt ezet d' pulga ni nbig, k' jent nun ta ten ólk, a jent nun ta ten nada. Y... térra tród na brók d' pered, térra d' bórr... Sin. Ke'x ta dzê...ptá kel mnin ni nbig. Mnin, ax vex, ta panhá set dia, nóv dia ex ta morrê... d' téta! Ex ta dzê k' má fitisera k' ta ten-x kmid. má oj, ogór, já nun ta morrê mnin, pkê agó já ten PMI, k'... ta kumesód kuidá d' un mnin lá d' vent d' s' mai té kónd nesê. Y bo ta kontinuá ta ba k' kel mnin pa PMI, ten vesina, ten tud nkant. Oj já ten fralda, oj já ten é tud... já bo ta konprá alk... ta konprá tud in kuant. Ke min é partéra k' ta judá... ta ajudá mnin nasê pru eí, ker dizer, desd San Tumé N ta ajudá, ne?

9. El dzê maner k'... bosê kom partéra, s' kel mnin ta nesê dret o s'el nun ta nasê dret?

3.3. Non... k' mi sixtí un sinhóra ta ten mnin. É un tia minha... má ex ta nasê dret... unx ta nasê dret y otux ta nasê mariód, mai ta morrê d' pórt, morria baxtant d' pórt. El nun ta podê ten kel mnin nen tinha rekurs... oj ten sezariana, ten férr, ten muntx koza y... má, un vêx, é... kónd mi éra mnin, k' ta morrê baxtant. Un vêx, mi ta uví jent grénd ta kontá, k' mi ta goxtá d' oá sex kunversa, mi ta xkutá kuzé k' ex ta xtód ta dzê. (risos)

10. A senhora cria algum animal aqui, algumas galinhax? Como a gente cuida de galinha?

3.3. Sin. Jent ta kriá gelinha, bo ta kuidá del k' pãs ta panhá-x. Rót... ten vêx, ten unx rót grénd k' ta kmê ex d' not. Bo ta ptá-ex rox kzid. Arox kru, bo ta dá-ex aga, bo ta guardáx pãs pa nun panhé-x. D' not, bo

ta bafé-x pa gót nun ta kumê-x. Esin bo ta tomá kuidód n'ex té kónd ex ta kriód. má y mexm esin, inda ten unx pês k' ta panhé-x. K'ex ta txamá gavion. El ta ben da lá, ta dá nakel gelinha. Pod ser gelinha grénd, é dá, matá! Anrran! Ke el ten un... un os eí, ex ta dzê é un punhal k'el ten eí, má 'n'é punhal, pkê djá-m pegá nun k'ex matá. Mi xpiá li un os k' el ten gud esin... óh! (gesto) Kel, el ta ben k' kel fórsa k' el ta ben, e' dá nakel bitxu, y dá, matá! Agó... agó kex k' já é grénd, gelinha el ta matá-x, máx já nun ta podê levá-l. Agóra, kex esin, inda el ta ba k'ex dpendród... ke já-m trá... un vêx el ta pontá, ta ben k'ex dpendród, garród kebesa, ben pe dpendród pr'eí, N txá-l sentá dakel bándá, N ben dá-l d' pédra. N panhá-x, má inda... inda kel ta viv! (risos) Nu ben kriá-l.

11. D. Kléta, como é que eram, antigamente, as vestimentas?... a senhora pode contar ...?

3.3. Sók... es sók d' nailon k' ta ben k'orox má mi? Es nun ta ben un vêx. Ta ben éra un sók d' larial, y ta kuxtá jent otxasi un sók. Ken k' ta ten un sók éra jent k' ta ba pa... k'ér negosiant d' Sonvsent. Nesix kaza k', ax vêix, bo ta oá-x kun sók. Sók nun tinha esin. Nun tinha sók. s' tinha sók, akel vêx, ax vêx, psoa ta ptá bunbul mnin, se bo ba pô-l nun ratxa d' kórda d' bannéra, ptá bunbul ku sók, ne?. má nun tinha. Ex sók, ultimement, é k'ex pod te ben. E... ta ben mili, ta ben orox, mi pilód, tud kex sók. Ex vêx kónd ex sók é... d' nailon nun pod ben, má munt jent tenbe ta nfeité-x, ta fzê góra ventál, ventál botoad d' fezenda. Tiv un mnininha so k'un mulher ta kriá-l k'un bixtid, un bixtidu d' sók. Kzid na mákina, poxt bols, nfeitód d' fezenda na oréla, tud!! Má, agó já non. Agó, kel vêx... éra difísi un psoa bixtisi un pésa d' ropa, parkê tinha munt mizéria y... mexm s' un psoa konprasi es vixtid, bo tivési gó es k' bo ta bixtí-l na kazá, lavá-l d' noti, ebrí pela minhan, gó bo ta lizá-l, bo ta bé kolker lugar. Ten bêx, s' bo tinha es vistid lá komodód, el non ta sirví na bo só! Un ti ta ba p'un lugar, el sebê k' bo ten ot, ex ta ben pidíba-el o ben nprextá-l pa ba fzê un mandód... bo ta dê-x el, ex ta bixtí, ex ta bé fzê kel mandód, óra k'ex ben, ex ta ben trazebo-el. Bo ta torná pô lá. Minhan ot ta mextê... éra tud esin! Bo nun ta ten, pur izenpl, s' bo tinha dôx pésa d' ropa, kel un k' bo ta ten lá poxt néra d' bo só: éra d' bo y du pov bistí! K' ningén nun ta podê tê ropa. Ningén ta kriá... omi ta andá, mulier, mnin... kel mnin ta kriá grénd... nu! Nu! Nun tinha ropa. Mem s' lója tivési un kuzinh podr k' ta durá lá pa lója poxt, jent nun ta podê konprá-l! Imajiná un psoa ta pô un lata d' gróg, vint litr, o lá na Xã d' Pédra o aí na Riberon o na Garsa, ben levá lá nu Port, kuzé k' bo ta ganhá? Dôx mil réx. Anda tud kel kemin a pe, not y dia. Y nun tinha trabói, n'é kuma góra. Kel vêx, nun tinha trabói, agó k' ten trabói... y kel bêx, un trabóin éra... ex ta pagóbe-el, éra en mi o fijos. Éra kel kinzininha d' trebai, ex ta daba kel... o mea quarta d' mi o kuatr litr o dôx litrux, konform tivési trabóiód. Ah! Nada! Uma vêx ken k' nun tinha trabói y nen tinha dinher!!

12. A senhora conhece outras ilhas ou só aqui, Sant'antão?

3.3. Bon, ilha k' mi ta kunhisê, N ta kunhisê Sintaton, Sanvisent, Praia. Já-m tiv sêx mêx na Praia lá nux Órg d' Son Jórj. Mi tiv lá na sinkuént'y nóv. N tiv lá sêx mêx. (...) Bon, nakel tenp, inda nun tinha es moviment k' ten oj, ne? Sanvisent, sin, tinha é... nun tinha kex kaza k' ten oj. Bo podia kontasi kex kazá k' ta morá sin... k'éra na róda d' sidad. Tinha pok. Y oj já Sanvisent é xei d' kaza d' un ponta pa ot, sima Praia tenbe. Praia tinha kex kaza, unx kuat kaza esin na sidad, lad rua d' Sapé Pint. Tinha otx kaza esin na váriux konpeía. Tinha otx na Atxada d' Santanton, tinha na Txadinha. Má n'éra un bukód d' kaza sin

koma oj, n'éra sin. Éra munt diferent. Sin.

13. A senhora se recorda de uma coisa muito feliz, de uma alegria muito grande na vida? (...)

3.3. Bon, pur akaz, Ami tiv vivid unx tenp filix. (risos) Na tenp k' N bé kontratód d' mnin, mi txigá aí a térra da masada, d' mar boe vida, má mnin non xigá pegá kex mar boe vida... mi, pur akaz, mi tiv sort. Kónd N txiga na... nó ba pa San Tumé, mi tiv vint sink dia na SanTumé. Dá lá, nóx xperá barka, ben p' sul trazê-x pa Prínsipi. Ke Prínsipi máx SanTumé n'é pegód. Prínsipi é pkinin, máx el n'é pegód. Da Prínsipi a SanTumé ta levá korént'y sink minut d' avion. Bo sebê kom'el é lonj! Tenbe el ta levá un not d' bórk. O d' SanTumé pa Prínsipi o d' Prínsipi pa SanTumé é mexma koiza. Dpox nó ben pa Prínsipi. nó txigá na Prínsipi, nó ba p'un konpeinha ke néra d' Xtód. Éra konpeinha... sex don éra d' Lixboa. Agó ex ta ta pô npregód lá. nó ba p'un rósa k' ta txamá Béle Vixta. N ta morá... da lá d' Béle Vixta pa sidad dá trêx kilometr. Pur akaz, nó txiga lá, N fiká lá, log nó tiv un mêx duent nu xpital d' febr... mudansa... d' kex koza. Dpox ba ta otxá bon, dpox mi ba fiká p'akel patron k' ta mandá lá trá-m, po-m in sima junt k' se sinhóra. Éra mandronga d' Lixboa, pur akaz, N fiká lá. Lá N ba ta kriá y... dpox kel patron ba pa Lixboa fzê operason, el morrê, ben ot, mi torná fiká lá novement. Y... eté dxpox k' N ben kazá, N ben morá na nha kaza. Má mi tiv vivid filix, purkê max o menux... purkê nha vida y d' nha marid nu tiv vivid ben pkê nha marid éra un npregód, el éra filh d' Kab Verd., e... pai éra d' Praia y se mai éra da Boa Vixta. Agóra, el nasê lá nes konpeinha, el kriá. El éra... já kex patrons ta xtód na Lixboa, ta txamá-el sêx fili. Ex ta dá-el munt kunsidérason. El éra kondutor dakel Konpeinha, pur akaz, tinha munt kunsiderason. El ta lá kom npregód k' ta ben d' Lixboa pra lá. Regelia kel npregód tinha, el tinha. Dpox dá un tenp, N fiká na nha kaza. (...) Éra mi má nha marid y nhax fi, máx y... nha marid tinha ronx k' ta ben da Lixboa, ranx eropeu, nhax fili tinha ranx k' ta ben d' Sul, d' tud in kuant. Lá nakel kunpeinha rik, éra kerner, éra kabra, éra liton, éra gelinha, ér peru, éra pót, ér tud... ér matá... ta mandá-l liton pa assá pa rexeá tud in kuantu. N ta kriá nhax bitx tenbe. Lá na kaza, nó ta vivê deki! (gesto) Filix! (risos) Anrran! Pur akaz nó ta d' vivê ben, má dpox ben dá... k' nh merid ben duesê, el morrê. Agóra, N ben ku nhax mnin pr'aí. Bo sebe, agóra pr'aí já né kuma pra lá. Y... min nun tinha ningén pa judá simiá mi. Deux... N ben sentá pa trabalha... min psoa ta kriá-ex. Pa dá-ex xkóla, konform N pudia kel vêx, inda nen seker tinha xkóla... tinha xkóla pr'aí... éra nalgun lugar. Kada xkóla... xkola mondrong ditzá feit. Nun tinha xkóla. P'un mnin fezési quarta klas, tivési boa kabésa, má se bo pudési pa posi el na Sonsent ta pagá. Má bo nun ta podê prop, ta fiká. So kónd nó ta te ben e... morei ali já tinha fzid e... quarta klasi, k'el fzê quarta klasi na dex an y sêx mêx, N ben tratá na Sonvsent. A-m ben, Nton, ex txama-m pa-m ba metê-l lá na xkóla, lá na Salezian, na Sonvisent. Má y... dpox y... ex pô-l góra nun kaza d' ua irmá minha té... ta fiká ex ta pagá setiséntux y tal xkud pur mêx, má dpox dakel irmá minha ta maltratá-l d' fom, k'el nun ba ta trabaiá. Òki ta txiga se dinher na fin d' mêx, ex ta kmê-l kel dôx dia, ók'el kababa, fom pelux finx. Esin, agóra el já nun ta na xkóla Salezian. Agó el ta na xkóla téknika. Plux finx, el dizanimá, el largá xkóla, el ben pa Sentaton. Gó kel ben kriá, gó kel ben trabaliá, kel ben kabá d' xtudá. Ker dizer, tinha un om k'kris fiká k'el li na SanTumé k' já tinha li... kom s' pai já morrê... tud jent ta goxtá del k' el tinha boa kabésa pa posi el na xkóla, ne? Má min nun kris txá nha fi pra lá. Tenbe kónd'é k' N ta ben oá nha fidji, kónd'é? Amin trezê-l. Trazê tud ex, má mi pasá munta e... mi kriá-x... má... kun unhax y dent, porkê... min nun ta dixkansá nen dia d' diming

nen dia friód. Unx ta txumá-m pa N ba labá-el unx ropa, N ta ben lavá. Ex ta pagá-m kex baketéla, má kom N tinha k' dá nhax fii... N nun tinha dia d' diming, dia friód, nen sábód min nun ta dixkansá, pamód tud xent ta dixkansá, min ta tralaliá p' fzê jeit kriá-ex, má Deux judá-m krie-x!!

14. (...) D. Kléta, como é vocês faziam os remédios caseiros, "remédios de terr"? (...)

3.3. S' mnin sintí dor d' berriga, bo ta fzê-l un xá d'arruda y... o un xá d' palha d' texéra, k' unx ta txamá-l palha d' franginha. (...) Botava... ex ta ková intendent, un mót, bo ta konsê-l? Bo nun ta kunsê nada! Un mót k' ex ta xamá intendent. Ex ta dá unx pkinin, unx grāuzin d' koza, máx el n'é kmida. Ex ta ková kex reix, trêx o set, ex ta ba pilá-l na pilon kun pedas d' kána... d' kána d' asúkara. Pelá ben, kuzinhá, poxt nóvi kabésa d'ói, ben xkuá na garrafa, ben fiká ta dá mnin. Ker dizer, el é reméd d' linbriga. Oliéx, tinha lósma, tinha... êx vêx bo ta fzê un psoa un xá, el ta xtá duent y... el ta otxá bon. Tenbe manin, ex ta guardá se inbig, kónd kel mnin ta xkoá kel inbig, ex ta komodê-l. Kónd kel manin pikinin tiver ta txorá tiver k' dor d' berriga, bo ta fervê-l, bo ta dá-l, el ta otxá bon dekel dor d' berriga... bo torná seká-l pamód dá....

15. Como vocês faziam, antigamente, para lavar roupa? Tinha uma ribeira aqui perto? (...)

3.3. Sin. E... tinha aga k' ta korrê na ribera. Li dbóx sin tinha un tank k' xamava Tank d' Figera, k' e' tinha un pe d' figera dent del. Jent ta txumá el tank d' figera. El tinha un bon, bnit kintal dund k' mix mnin... k'ex ben tralaliá es aga, já kel kintal kabá, k'el fiká fund, ne? Y máx pra bóx, tinha ot tank jent ta txamá Tenkin, k' tinha un pédra grénd asin. Otx jent ta ba lavá lá nakel tenkin. Otx ta lavá... k' eí tinha ribera, tinha dik, ba txí na ribera d' bóx ba pa Riberon d' Braza. Ba nkontrá lá na xtrada k' ba pa Txã d' Pédra. Y... ta tinha aga ta korrê ki, aga ér baxtant! (...) Kel aga tinha esin. Y dpox k' ben, ta ben ta dá sikura, k' es aga ta ba dminuí, ba ta dminuí... ba ta pxká seká... dpox ex ben... kel pe d' figera, kónd kel pe d' figera ben seká... agóra, konform ex ben ranká kel pe d' figera, sabi dond'é k' tinha kex raix, kel aga txi pa fund. Y... dpox ex ben trabalhá es aga, ex fzê un tank lá sin (...) Dpox kel aga ben ta nfrakesê, ex torná ben na oitént'y sink, ex ben ratxá ex aga. Ex otxá ota aga, ke ex ta fzê ot tank lá pra bóx. Agó es aga torná pô ta nfrakexê... gó ex ben dá un fur... agó ki ten aga máx. Y... antigaménti tinha jent k' ta lavá, kónd nun tinha sobon, ta lavá té kun folha karrapat, se... bo kunsê karrapat? Non! (risos) Ex ta txumá karrapat. Ex ta ba lavá ropa, trá kex tolon groser, pilá, pilá ku pédra.. ben lavá... (...)

16. Eu gostaria que a senhora deixasse uma mensagem para as gerações futuras...

3.3. É... a mensaj k' mi dtxá é pa tud jent ba ta kunprí se... se... se koza d' entigement ke ba ta katá ax koza, pa nun ba ta dtxá perdê, k'é pa fiká pa lenbránsa du k' tinha pasód entigement. É... y osêx tenbe, a-m ta dezijá bosês, k' bosês é d' Brezil, bosês n'é li, boa-viaja y falesidad! Mi ta goxtá munt d' Brazil. (risos y cumprimentos) E... munt prazer!!!

17. (...) Ah! Então a senhora sabe contar histórinha? Será que dá prá contar uma prá nós?

3.3. Kontá un xtóra? N sebê xtóra baxtant, má k'ex é grénd. N ten k' kontá un pkinin. (...) Y.. un vêx, tinha un om ma mulier k' tinha trêx fi: Pedr, Pól y Manél. Y... ex ba anda, anda, anda, kónd Manél, k' é

primer fi d' se pai, el kria seí ta pxcá kontá. (...) Se pai dé-l... el dé -l... el dzê-l se el kriá ganhá so dinher. (...) El nun kria xtória d' éransa, el kria dinher. Se pai dá-l un sók d' dinher, apertá-l nun mula, dá-l un kaval pa montá, mandá-l ba. El ba, el ba, el ba... el txiga nun kaza d'un rei, el ba pdí gazai lá, kel rei dá-l gazai, máx el dá-l trabói. El dzê-l ma el tinha trêx... el tinha un trabói pra el dé-l, má s' el non konformá, el, Manél, nun konformá, el ta matá-l. Se rei tenbe nun konformá, el ta maté-l. El dzê-l kom esin el nun bai buxká trabói. Agó, manxê ot dia pela minhan, el dé-l un... trêx rapéizinh k' el, rei, ta txama-ex ér trêx musin, un kotxor, un gót y un kamók. Y... p'ex basi pa trabói... y... ken k' txigasi ne kaza primer, ta kmê rasãu d' konpenher. Se el, Manél, nun konformá, rei ta matá-l, s' el, rei, nun konformá, Manél ta matá-l. Ex ba pa trabói, kónd sink óra dá, diazá, es kotxor, es gót, es makók... y kaza, ex kumê rasón d' Manél. Manél, inda sink óra dá, el ta tomá banh, kabá el ben, el txegá, el dzê o rei k' é pa dési-el se kmida. Rei, Nton, dzê-l kuma... se... p'el lenbrá kontrat dex dôx. Kma se el nun kunformá, el ta matél, s' el nun konformá, el ta maté-l. El dzê rei k'el nun konformá, k'el tava kun fom. Rei mandá panhá-l y ptá-l dent d' alsopón. Bon, lá fiká. Pasód trêx diax sin, kel ot ir... Pedr ku Pól dzê se pai k' ex krê seí, buxká kontá tenbén. Se pai dzê-l:"bo irmon Manél... te góra el nun ben, bo tenbe bo kre ba?" El diz: "no. N nun krê bai, N ba buxká ta kontá... dox y trêx pa N kontá kuatr y sink!" El dzê: "bo krê un sók d' bensã o un sók d' dinher?" El dzê: "Ah! Ku nha sók d' dinher, N ten tud, k' bensã N ten é nada!!" El ben, el dá-l se sók d' dinher. El ben panhá... nun kaval, nun mula. El montá-l na kaval, el bai... El bai torná bai pa kaza d' prop rei. El torná fzê meix un kontrat... k' ex fzê k' é p' dési el trabói. Kes makók, es katxor y es gót. El ba dzê-l kma... se el, rei, nun ka konformá, el ta matá-l, se el, Pól, nun konformá, el ta matá-l. El ba kex pa trabói. Kónd txiga lá, sink óra dá, se katxor, se gót, se makók... ta dixá... tomá rasãu. Inda el ba tomá bain. El ben, el torná dzê rei p'el dési el se kmida k'el tava k' fom. Dpox, el dzê-l kma so lenbrá kontrat k'ex tinha fet. s' ken txigasi na kaza, primer, ta kmê rasãu d' kunpanher... se el, rei, nun konformá, el ta matá-l; se el, Pól, nun konformá ta matá-l. El dzê k'el nun konformá ku es kontrat k'el tava kun fom. Rei torná panhá-l, ptá-l dent d' alsopón. Ba! Ba! Já el otxá se irmã lá ptód. Pasód unx dia... tod Pedr é xpértu... Pedr dzê se pai tenbe k'el kria seí pa pxcá-l kontá. E...se pai dzê-l: "bo k' é max pknin?! Bo irmon Manél, k'é premer, bai, nunca el ben. Bo irmã Pól bai, nunk el ben, y bo k' é max nov ta bai?" "Min ta bai. Nho sperá-m tud dia nho sperá-m tud óra k' un dia N te ben!" El dzê-l: "bo krê un sók d' dinher oun sók d' bensã?" El dzê-l:"non. Min nun krê sók d' dinher, mi ganhá sók d' bensã, min ten tud. (...) sók d' dinher nun dfendê-m d' mal..." Góra, se pai benuá-l, se mai benuá-l. El ba na se madrinha max se padrinh tomá benson. El montá na se kabal, el bei. Óra k'el txiga lá, el dzê sinhor rei kma el ta buxká trabói. Sr. rei perguntá-l se el kria... mód tinha trabói k'el dési el. El dzê-l kma el ten trêx musinh... péd-el pa levá-ex pa trabói. S' Pedr txigá na kaza premer, el ta kmê rasãu d' tud kex trêx bitx, musinh. s' kex musin txiga na kaza premer, tenbe ex ta kmê rasãu del. s' Pedr nun konformá, rei ta matá-l, s' rei tenbe nun konformá, el ta maté-l. (...) Bon, el detá. Kónd manxê pela minhan, el dzê rei ke é pa dé-l kex musin, k'ex bé pa trabói. Rei dé-l kel kotxor, kel makók, kel gót. El ranká ta bai, el nun ta ba kupá nxada y pikereta. El dzê: "O, rei, k' obus é es, sinhor rei? Tud nox ta pa trabói, kex trêx muxin... se dê-x tud ferrament p'es levá sima mi ti ta levá!" Rei dá tud ex nxada, pikereta p'ex levá na onbr sima Pedr ti ta levá. Ex ta bai ne kemin, ex ta keí k'ex ferramenta ta trá konkolut. Pedr dzê-ex sin: "nhos é k' ten matód nhax irmon, má oj N ta matá-nhox sért!". Ex ba, ex trabaiá, ex trabaiá. El mirá makók, k' é máx spért, foi

dá un nxadada ne kabésa... dá, matá! Góra, el ngodá kotxor máx gót: "... dtxá-nhos oá. nó trabaiá ku koraji k' já nóx ten máx un razãu pa nóx kresê kel d' nox! nó trabaiá!". El torná ben. Ex ta trabaiá, trabaiá. El mirá gót, k' é máx xpért d' ke kotxor, dá ota nxadada na kebesa, matá-l. El ngodá katxor: "... dtxá-bo oá. Agó já nó ten kada un, já nó ten dôx rezon pa nó kresê kel d' nox!" El ba ta trabaiá ku koraji. El ba ta trabaiá ku koraji... el mirá kotxorr.... el, pe!, dá un nxadada! É dá, matá! (...) Bon, rei ta nfrontad na kaza k' te gó, sink óra já dá, k' té gó kes trêx musin nun pontá.. y... el ta nfrontód. Rainha dzê-l: "ham! ê, rei! Óia tud Pedr é xpért. N'é melhor pagá Pedr, bo mandá Pedr ba nbóra, k' oá inda Pedr ta mató-b?" Má Pedr tud Pedr é xpért. Pedr, sink óra, lá el bai... tomá se banh, tud divagar, kabá d' bixtí, ben pa kaza. Senhor rei, kónd el ta txigá ku es saranda, rei dzê-l: "ê, Pedr, man'é kex musinh k' bo bai trabaiá k'ex?" El dzê: "Nhor rei, anho dá-m malandr k' ka ta trabadja! N keí n'ex, N matá! Feit? Nho konformá o nho ka konformá!" El dzê-l: "non, kel li gó é ka nada!" El dzê-l: "A!" Pedr sintá. Rei pô-l se kmida, dé-l tud es kuatr resãu. Pô-l lá, Pedr kmê. Kabá Pedr ba deitá, rei dzê-l: "Pedr, menhan N ti ba dó-b un vaka, pa bo ba dá-m el toro na Txada!" Ker dizer, pe el ba pa Atxada... pok boi...ker dizer, un vaka el ta ba pô-l ku boi mótx lá pa atxada. Pedr ba k'es boi, kes vaka, txiga lá p'otx lugar, lonj!! El otxá un jent ne féxta. Pedr panhá es vaka, matá, pertí kada psoa se padós. El voltá pa kaza. Kónd el te ben, rei oá-l, té reinha ta pontá na varanda, ta dzê: "ben Pedr! Oá Pedr ta ben sen kel vaka!" Kónd el txigá na kaza d' rei, rei dzê-l: "Pedr, und'é kel vaka?" El dzê: "Nho rei, N txigá lá nun lugar. N atxá-x kantá 'nho rei, nho rei!' Kom nhos é un jent munt famoz, nu ten inda kel vaka, N matá, N pertí kada un se padós! Nho konformá o nho ka konformá!" El dzê-l: "ben, Pedr, kel li gó y ka nada!" Bon... el... el txigá, el kmê, el ba tomá banh, el kmê. Rei ba dzê-l: "Pedr, manhan bo ta ba pa txada k' ramada d' kabra ku kebrit tud sen barbitx, ka bo ben ku kabra retxeada d' let, kebrit sen barbitx...!" El dzê: "Sin!" A... el ergê, a el ta... el ebrí kurral, el ptá kel ramada d' kabra ku kebrit ba pa atxada. Dá kabra kmida. El ba na kebrit, txiga lá na atxada Kónp... el sepá-x tud ponta d' linga. (risos) Kex kebrit nun ta mamá! Ka s' me? Kónd dá tard ba... Pedr pontá. Ben k' se ramada d' kabra butód pa diant toda retxeada d' let, ker dizer... k'ex nun podê nen berrá! Kónd txigá... y se reinha: "ben Pedr! Oá Pedr ta ben kabra tud retxeada d' let, kebrit sen barbitx!" Kónd txiga pért d' kaza se rei: "Pedr! Pedr, Pedr, k'é koza bo ta fzê sepá kel kabrit tud ponta d' linga, kabrit y... kabra rexeada d' let!!!" El dzê-l: "Sinhor rei, kónd nho nasê nho nun mamá na mai d' nho?" El dzê-l: "N mamá sin!" El dzê-l: "apôx! ex ten k' mamá li na sêx mai! K' menéra k' ex ta ben... kabra ta ben retxeada d' let, kebrit pa tráx sen barbitx? Barbitx gó é un pó, k' agó pasá-x kunx linha, ke ben maród, ex nun podê mamá!" Y... el dzê-l: "Nho konformá o Nho ka konformá!" El dzê-l: "non. Ben, Pedr, kel li é gól ka nada!" Kabá, el dzê-l: "Pedr, amanhan, góra, bo ta ba k' kabra pa Atxada dá kmida, ka bo pontá k' kabra tud té ri!" Pedr dzê-l: "sin, senhor, Sinhor rei!" El bé. Kónd txiga óra, já ta ben proximód pa ben pa kaza, el keí nakex kabra... (risadas) el sepá-x bik! El rodondá-x boka! Kónd... Kónd reinha ta na varanda, oá Pedr ta ben k'es kabra tud ku bik kaxkód. El dzê: "Rei, ó lá Pedr ben kux kabra tud té ri, uá! Se bo nun mandá Pedr bé... p'el seí... bo pagá-l p'el seí p'el ba pa se lugar! Oá Pedr inda ten k' mató-b!" Kónd el txigá pert kaza d'rei, rei ben nkontrá-l, el dzê-l: "ben, Pedr, kel li é kuza k' bo ben má fzê?" El dzê-l: "Nho rei, k' dia k' nho oá kabra té ri? Ke dia?" El dzê-l: "nunka!" El dzê-l: "Ah! Nton, nho sebê é sin ke ex tinha d' ri! O nho konformá o Nho ka konformá!" Pox txigô notr dia, el mandá-l el be k' un bexta ba pô ku burr lá pa Atxada. El ba pô kel bexta ku bur lá pa Atxada. El txigá lá, nun brók fund, el xkoá kel bexta lá... fund k'

ningén ta podê trá! El ben ta korrê pa kaza. Rei máx reinha tinha trêx mnina, trêx jóven lá na sêx kaza k'ér sex filha. El ben dzê rei mód ben pa kaza, el ben buxké-l pkê ex ta...e... kel bexta já xkoá lá nun brók fund, p'el ba pa judá el ba buxké-l. Rei ba. El ma rei ba. Txigá lá, el dzê rei: "es nó ka ta podê trá-el... o sinon txá-m ba lá na kaza, ba buxká un póu, un nxada, un pikereta. El bé. El txigá lá, el dzê kel reinha kum rei manda dzê-l pa el tomá kex trêx filha, p'el fzê dex tud k'el krê. Inda el dzê p' reinha: "Nho pontá na varanda li, nho branda rei, s' non é tud trêx!" Reinha, branda: "o, rei! É tud trêx?" Rei dzê-l: "sin!" El entregá-l kex mnina. Kel rei... kel Pedr seduzí tud kex trêx mnina. Kabá, el dá un penkada pe rei. El ba txigá ne rei, el dzê-l: "má nho rei, má un om rik sin kuma bosê é... bosê xtód dent dun kóva... un bexta fei des, nun brók des, nho ba pa kaza!" Kont el ba kaza, gó reinha ta detód suxt, foród pórtka kaza d' seda preta k'... kónd rei txigá, ta perguntá reinha: "uk'é is? K'é is? K'é is?" El dzê-l: "bo nun mandá Pedr pa tomá kex trêx fidja nos, k' p'el fzê dex... min ntregá-x. Já fzê déxtud k'el krê!" Rei ben pa Pedr. Pedr, dzê-l: "nho konformá o nho ka konformá!" Rei dzê-l: "kel li é gól ka nada!" Xpiá un koza dekel dzê 'kel li é gó ka nada! Gó rei ba xtudá, el dzê-l... kom tinha un lugar k' tinha un rei k'ér un... (...) k' ex txamá-l Muru brab. Kónd rei, el nun ta podê k'esi Mur Brób... el nun ta podê matá un psoa, el ta mandá-l prá lá p'es mur brób. El ben... fiká máx un bukód, rei ben: "Pedr, minhan mi dó-b un karta bo bai levá-m el lá nu mur brób!" El dzê-l: "sin. Minhan bo ten k' kozê-m un fot ku dôx bols grénd. K' kada bols, N ta levá mea quarta d' piran!" Bo sabê kuzé k'é piran? (...) "Mi, in kada bols ta levá mea quarta d' piran." El dzê-l sin: "Pedr, Pedr, detá, durmí tud se not son!" Rei sentá tud kel not ta kozê-l kel fót. Kozê kel fót, xkrebê kel karta... dé-l pa ba levá Mur Brób. Pedr, kónd ta txigá... bóx di six kaza, panhá un katórniz. Sinhóra konhisê kotórniz? Pur eí ten. Kotórniz p'es konp ta fzê sin: "tantarék, trepô nu tantarék...." (risadas) Ex ta dzê y sin: "neuêg! neuêg!" El panhá un, el metê na bolsa, el txá el ba. Òk txigá lá na Mur Brób, el dá Mur Brób es karta k' rei mandé-l. Mur Brób tomá kel karta, el lê, el dzê Pedr lá ten gó un mont d' róttxa, un pik d' róttxa, ólt. El dzê: "ben, Pedr. Mi, min ta mandá un pedra k' ba keí lá nakel mont, lá!" El dzê-l: "lá sin?" El dzê: "mandá!" Y Mur Brób mandá kel pédra, el ba keí lá. El dzê-l sin: "mi nun ta mandá pédra k' keí lá. Mi ta mandá un k' ta ba pert". Mur brób panhá un pédra... el mandá! Tenbén... Pedr ta dzê k' mandá panhá un pédra, p'el mandá. El panhá kel kotórniz, el mandá! Kel d' Mur Brób dá lá nakel mont. Kel d' Pedr ba perdê! Agó, dixi Pedr: "Pedr... y... min, mi ta krê kmê un boi nha mi so!" Pedr dzê-l: "Ah!s' bo kmê un boi bo so, mi tenbe, mi ta kmê un!" Mur Brób ba tráx d' kaza, el panhá un... un... mei boi, el trezê-l. El dzê-l: "e déxk' bo ta trazê-l pa bo ben kmê? Mi, min non!" Pedr ta seí na atxada. El tiv trêx dia p' buxká un boi, panhá un boi grénd. El ben, el txigá, el fzê kel boi, inda el otxá Mur Brób ta fzê jeit dá kel boi ne pédra, k'el tinha panhód tráx d' kaza pa matá. El dzê: "sarród bai, sarród ben!" El dá kel boi ne pédra... el já pôx na tatx, ta fervê, Mur Brób inda k' ta lutá pa matá kel d' se. El ba ta korrê, el txigá lá na... lá nun térra d' mandióka. El dzê: "serród bai, serród ben!" El fzê kel lonb... mont d' mandióka, k' ningén ta podê saltá! Kabá, el ben, el otxá Mur Brób ta ptá se kern (...). El dzê: "sarród ba sarród ben!" El kaxká se mandióka fót! Pô-l na kaldera! Mur Brób, kónd el ba trá mandióka, k' el ben, Pedr já ta sentód, ta kmê. Má bo sebê, el nun ta podê kmê lód d'un boi! El dzê: "sarród bai, sarród ben!" El dizaparsê tud kel taxt d' kmida. El ba pu riba d' kaldera d' Mur Brób, el põi pe, el põi mon na kolsa. Mur Brób, dzê-l: "ben, Pedr! Bo ka farta?" El dzê: "N farta ka ta siênsia!!" Kónd kel kmida d' Mur Brób kuzinhá, el sentá, ex kmê, y eté el... el raxpá penéla. Kabá, el dzê Pedr: "min, kónd N xtód ta durmí, k' N xtód k'oi fitxód, mi xtód kordód. Kónd

mi xtód k'oi regalód, mi xtód ta durmí!" (...) Pedr dzê-l: mi, óra k' N ta k'oi fixód... N ti ta durmí. Òki mi regalá oi, gó mi ta kordód!" Lá tinha unx kavéra d'un xent k'el ta matá, k'el ta dá ku matxód kaí tráx d' kaza. Pedr panhá-x pô riba d' kama, pôx kubrí ku pón... (...) Y kónd Mur Brób drumí, k'el kordá, el ba, el otxá kex kevera detód riba d' kama! Kex kevera k'oi grillid! El dá Pedr ku matxód! Kevera voá, keí dbóx d' kama. El dzê: "ben Pedr! Esin k' N já mató-b!" Kónd manxê pela minhan, Mur Brób já konpô kefê, el pô ne mesa, el ta tomá kefê, Pedr seí dibóx kama. El dzê: "Pai, Filh, Xpřit Sant!" El dzê: "Ben Pedr! Eí, nun ta benzid!" El dzê: "nun ta benzid ma min nun ta benzê!" Ex kabá d' tomá kefê, Mur Brób xkrevê karta, dá Pedr ben trazê rei k' mód "ken k' tiver se diab, kada un k' vai ntendê k'el". Kónd reinha ta na varanda, k'el oiá Pedr te ben. El dzê: "Rei! Nen Mur Brób pôd kun Pedr!" (risadas) El dzê-l: "Oá, mandá Pedr ba nbóra k' inda Pedr ta mató-b!" Agó, kónd el txigá li, ntregá rei kel karta, rei... el lê, el dzê-l: "gó, Pedr, gó minhn, N ta pagó-b box dinher. Tud minhan... pa bo bai pa bo térra!" El dzê: "sin. Sinhor nun mextê.... pagá-m munt dinher. S' bosê da-m un kuzinha trok pok... s' bo ta dá-m xpingarda p' óra k' gól kantá, tud gelinha kantá... gelinha y gól tenbe ba nes kemin... mód N podê ben ta maté-x. Kóndi mi txigá na kaza kux gelinha, pa nox fzê kóld!" Kónd mea-not, reinha seí ba kantá, gól seí tanbe, Pedr seí na rua, el dá-l... reinha un tir. Reinha kaí dakel otr bándá mort. Rei seí na rua, el dzê-l: "ben, Pedr, Ami matá nha mulher!" El dzê-l: "nho konformá o nho ka konformá!" El dzê: "ér pa min matá gól, el ben kantá gó fórax d'óra, mi matá-l!" Rei dzê-l: "tud koza k' Ami fzê-m, Pedr, N konformá, máx mi, nha mulher nãu konform!" El ba pa tréx, retród pa tréx, el dá rei tir. El matá. El ba buxká se pai ma se mai, ex morá lá na palás d' rei. El txi n'alsopón, el trá sex ermon. Kada un dex kazá k' filha, dakex trêx filha dakel rei ma kel reinha, ex fiká lá tê vivê vide nóva... nóve vida. Sepetin pa mar abóx ken k'e max grénd ba marrá, ken k' max pknin vá panhá!!! (risos)

## 3.4. PARTICIPANTE IV



Nome: Maria de Lourdes Lima Oliveira Fortes

Nominho: D. Maria d' Lurdis

Localidade: Ribeira Grande

1. Kol'é k' é bo nom?

3.4. Maria d' Lurdix Lima Oliveira Fortix.

2. Tónt ón bo ten?

3.4. Setént'y'un.

3. Tónt fil k' bo ten? (...) Nom d' box fii?

3.4. Sink... Maria Treza, Inéx, Juana Maria, Antoni Valdemar y David.

4. Si bo nesê na Ribera Grand y si... uk' k' bo ta atxá k' mudá, dix tenp k' bo é kriánsa?

3.4. N nesê na Sanvisent. (...) Ten munta mudansa... grénd!

5. Juventud d' góra é difrent d' juventud d' antigament?

3.4. Munt difrent, konpletament difrent... (...) Ne tud...

6. Bo ta rakordá s' ten algun ramédio kazer k' xent ta fzê p' mnin antigament?

3.4. Sin. Rakordá sin. Kónd tinha dor d' berriga, xent fazia goma d' mandióka, pa dar mninx... ferver arox... y.... xkuar pa dá kel aga d' arox... munta koiza!! (risos)

7. Kónd un psoa ta xtód grávida nun tinha xpital, tinha éra partera... k' mód k' psoax ta fazê?

3.4. Non.. tinha nfremeir, d' vêx in kónd, tinha dottor... jent tava ba pa médik... nfremeiru, sin... y tinha partera k' ta judá na part. Sin. Dpox k' mnin ta naixê, dpox partera ta kontinuá ta ba fzê vizita, ta xpiá mnin, ta dá banh... y... até mnin ta ba ta krixê... kurá nbig. Kónd kurá unbig, Nton, el ta ntregá mai pa tomá konta d' kel bebê. Sin. (risos) (...)

8. Algun rekordason k' bo ten alegr, k' kuntisê k bo n' pasód?

3.4. Ta vivê munt ben k nha vô. Ta vivê alegr. Tava dvertí. Ta ba pa bai... dvertí... (...)

9. Antix nun tinha tilivizãu, nun tinha kunputador, nun tinha nada. Kól'éra konportament d' kriánsax máx sêx brinket antigament?

3.4. Ex ta brinká na txon... fzê kezinha. Fzê bunikinha d' panu. Sin. Orrumá, fzê kuizinhax asin... éra is.... karrinhux d'lata p' brinkar... pôr kexorrinhux na karrinhux d' lata... (...) bunikinhas d' mili, trapix... trapix... (...)

10. Bo ta kunxê otx'ilha d' Kabverd? Uk' bo ta otxá d'kex'ilha k' bo ta kunxê?

3.4. ... Sonvisent Y Praia. Sonvisent y Praia é difrent. Sanvisent é difrent deí, Praia é difrent d' Sonvisent. (...) A-m tiv máx fóra... Nova York... Luxenburg... Lixboa... (risos). An! Góra mi panhá kel onz d' setenbr... mi tava in Nova York! (...) Kel foi orrível, munt trixt... munt trixt! N xtava pért...

korént'sink minut.... d' dixtánsia... (...)

11. Kol'é k'é ikunumia d' Ilha d' Santanton?

3.4. É agrikultura.... é agrikultura. (...) É aguordent, banána y aguordent, produt k' ten máx agóra. (...) É grog, sin, k'é agordent sin. (...) Antix tinha kok, máx'agóra deu un duensa k' kabá k' koker. Mendióka tanbe, ven duensa... tinha munt mendiók... y batata dos. Já kabá tud. Ven dá farruj, kabá tud!! (...) Ten abobral, abóbra... oj es farruj, el ta... ta kabá k' tud.

12. Ke k'ex ta pô na fridinha pa sikatrizá?

3.4. Tintura...asúkar. Éra muí, kónd un mnin ta panhá un kéda, ne?, fizési un laxk. Ex ta muí asúkar, poxt asin k'un faka, el ta dá un pont... el ta siketrizá! (...)

13. Si bo ten un raseita sin k' bo ta goxtá d' fzê sin, má kmida tradicional?

3.4. Pod ser kaxupa. Sin, kaxupa é munt bon, kónd é ben feit. Sin, kaxupa é uma boa kmida. (...) Sin, kel kaxupa bo ta pô-l karn, pô-l galinha, pô-l kóld, pô-l xouris, pô-l pex, un bukadin d' rapolh... un kaxupa é un koiza boa! (risos) (...)

14. Bo ta goxtá d' dzê un koza pa fiká gravód pa bo família, pa box filh máx box netx?

3.4. Grénd amizad... ten munt amor aux meus filhux... pur meus netx, pur meus genrux... N ten munt amor aux meus filhux... u meu maridu anda duent já sink ónx... N tratar del kun tod amor.... el tev un trombos a sink ónx x... ten k' xtad senpr ku ajuda. Sin. (...)

15. Antix tinha baxtant superstisáu... uk' bo ta otxá sobr esa xtória d' superxtisáu? s' bo ta oví algun kont d' antigament, o k' k' tava ten na rua?

3.4. Xent nun ta seí mei-dia...(...) jent nun ta seí d' mei-dia. Têrsa-fera também éra un dia k' ex ta ten kon rezérva. Ami, pra min tud é natural. Sin. Ami nãu ten med nen supixtisáu nen un dia. Tinha katxorróna... (risada)

16. Ke k' éra katxorróna?

3.4. Katxorróna é un kãu munt grand. Ex tinha med d' seí na rua pa nun nkontrasi el. Ah! Masong... masonaria... ex tinha med. N ta uvi kontá. Sin. A, sin! Fitisera! (risos) Fitisera é psoax k' ta fzê fiitis. Ex ta dzê un p soa ten un mnin, bo ta ten kel mnin na mon, fitiséra botava-el oiada, agó el ta matá kel mnin. Agó ex ta txama kel fitiséra pa ben fzê kel mnin ramed... ben dá-l xá, kel fitisera ta txegá , el ta trá un metin, fzê xá, ben dá kel mnin, kurrê kel mnin mon, mnin ta pô pront! (risos)

17. Si bo krê falá d' algun kuxa trixt k' kontisê, k' bo fiká trixti?

3.4. Kónd nha vó morrê. Foi nha vó k' kria-m dex pikinin, dôx ónx x eté vint'y'un ónx x k N kazá. Kónd el morrê mi sintí munt, inda mi sintí muntx sodadx dela. Todas vêx k' mi ta lenbrá nela, N ta magoá. El é un psoa k' trata-m... k' nen una mai...(...) nom ér Inéx....

18. Pa bo... k' bo ta otxá mar, ax montanha...?

3.4. Ah! El é munt bñit... montanha é bunit. Mar... mar é bñit... mar é alegr. S'un psoa ta kolker kontrariadad, pasa sin pô oréla d' mar, bo ta sintí aleviad. ãhã! El ta dá un apoi grand. Mi nkantad ku mar y alt... montanha! Mi ka ta goxtá nada d' fund. Sin. Min ta goxtá é d'ólt! (risadas)

19. Kol'é sonh k' bo ta goxtá d' tê o s' bo realizá tud bux sonh?

3.4. Bon, min, sonh k' N ta goxtá é d'oiá tud mêx fili ben, pa, kónd N morrê, ex fiká tud ben nkarrerad, kada un kolokad na se lugar. É milhór dizej k' N ten... ne vida!

## IV. ILHA DE SÃO VICENTE

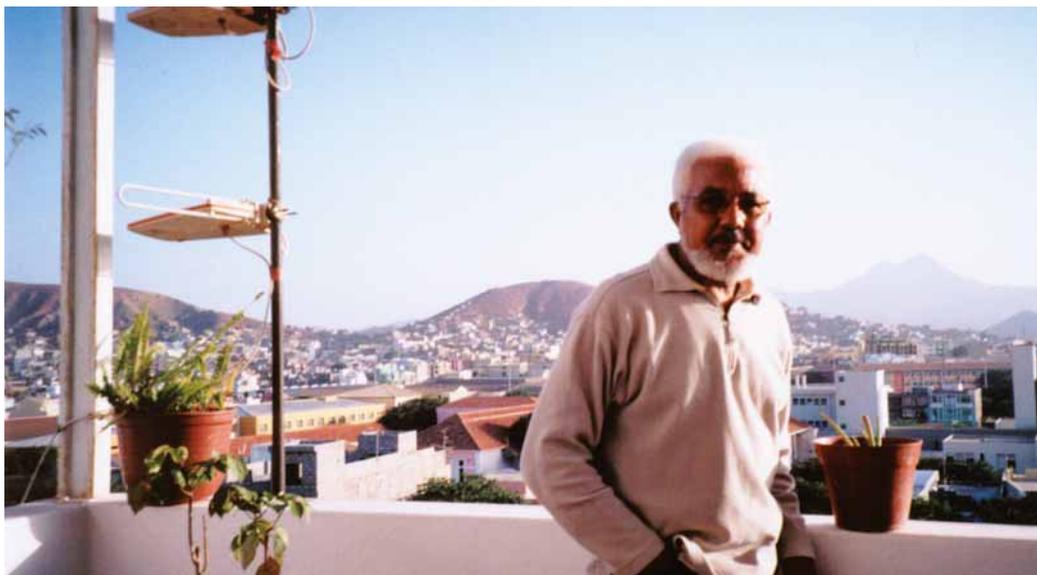
### 4.0. INTÉRPRETES



Nome: Nair Sousa da Graça

Nominho: Nai

Localidade: Chã d'Alecrim



Nome: Moacir Rodrigues

Localidade: Monte Sossego



Nome: Iolanda Lima

Nominho: Iolanda

Localidade: São Pedro

## 4.1. PARTICIPANTE I



Nome: Joséfora Monteiro Lima

Nominho: D. Juzéfora

Localidade: São Pedro

1. Mané k'é bosê nom konplet?

4.1. Nha nom? É Juzéfora Monter Lima.

2. Kant ón bosê ten?

4.1. Korént'y set ón.

3. El purguntá bosê s' bosê nasê li nes vila o na Sanvisent?

4.1. Prop li na Sanvisent... prop li na San Pedr und'é k' nu ta, sin sinhóra.

4. Quantos filhos a senhora tem, dóna Juséfora?

4.1. N ten oit fidj, oit. Oit fili. So ma nha marid. Bon, N ten sêx féma y dôx mótx. (...) Netin... Maria ten sink. Perá, txá N kontá k', ax vêx, trapaiá.... set, oit, nóv, déx! (...) Tud trekin mód Brun. (...) Koza k' N ten ubrigasão d' xtá na kaza, N ta kuzinhá, N ta barrê, N ta lavá, N ta ba buxká aga, d' vêx in kuant, n'é nen tud óra k' N ten fidj máx gránd pa podê fzê is. Y mi k' ta pô kmida na méza. (...) Kuzé k' min ta goxtá d' fzê? Kuzinhá. Min ta kuzinhá tud kmida, k' pód sê katxupa, papa, é... arox, fijuada, fzê gelinha, fzê tud k' parsê N ta fzê! Kóld d' pex, kuzinhá pex k' batata, fritá pex, fervê kafé... tud un kant!

5. Esin... mód k' sê ta fzê, sê ta pô kel aga, primer, na lum...

4.1. Katxupa? Katxupa, ne? Ne ketxupa, sê ta pô kel aga na lum. Bo ba vintiá midj. Kónd kel aga kentá, sê ptá kel midj. Kabá anton, sê ben ptá-l... foia d' lor, ói, malagéta, sabóla, y sum d' panéla... jent pô-l koiv, jent ta pô-l é ... jent pô-l karn, tusin, fijon, jent ta ptá-l irvilha, jent ta ptá-l fijon pédra, febinha, jent ta ptá-l kuat fijon. Góra anton, jent ben pô-l pex, pô-l verdura, p'el fiká máx seb! Katxupa rik (...) Pex na forn. Pex, jent ten k' pô na forn... ten k' tunperá-l. Kabá nton, ba pô-l nakel fóрма, bo ta pô kel fóрма, bo ta ba... ptá-l un kuzinha d' mantega. Kabá nton, ba pô-l un kuzinha d' farinha d' trig esin. Anton ba pô kel pex. Kabá nton, ben ptá kel tenper riba d' kel pex. Bo ten k' pô-l ôli, bo ten k' ptá-l azeit so p'el kabá d' kemá. Kónd el dá na pont, bo ta trá-l d' fóra d' forn!

6. Dóna Juséfora, a senhora se lembra da infância da senhora... das brincadeiras...?

4.1. Perá. Ten txeu xtória pa kontá d' nha vida. K' a-min ér mnininha, nha mãi morrê. N tinha trêx on. N kriá máx nha madraxta. Kónd n ben panhá déx... déx on, N ta ba katá lénha, k'unx karga d' lénha esin, k' el ta pôxt na kabésa. Lénha... lénha. Kónd ta ben k' lénha, N ta sentá, ta kutxí midj, N ta pô lénha na lum, N ta ba buxká aga. Tud na kaza d' nha madraxta. Kónd kel kmida ta kuzinhá, tava trá-l fóra. Trá-l pra ba pô-l na méza, nóx ér un data d'irmon, pai y madraxta. Not dia, N ta torná seí pa ba pa lénha tro vêx. Tud kónd tinha déx on. N ben ta panhá nha idad... panhá nha idadi, anton, N ba morá na nha kaza. N xkoá sen sabê undi'é k' N ta ta bai. N ten txeu xtóra pa kontá d' nha vida. Kónd N xtód nha pai... kónd mi éra mnin... N kriá sen mãi, N kria sin mãi, atráx d' nha pai, N panhá txeu masada. (...) Nóx ta brinká txeu. Lá... lá na pô lénha na lum, und k' jent ta metê lénha na lum, fzê kex trêx pédra asin d' fagão. Kel trêx pédra jent ta ben k'kel panéla, jent ta sentá lá, ta metê lénha na lum lá. Lá, N prendê kozê... ropa d' bonéka, ropinha d' bonéka. Kabá nton, mi prendê kozê bluzinha pe min. Seinha, konbinasãozinha, tud lá ta pô lénha na lumi, N prendê txeu trabai, N prendê txeu trabai ma nha madraxta. Nha mãi já morrê, el nun nxiná-m má nha madraxta ta nxiná-m. Dá-m masada, má tenbe el nxiná-m tud. (...) Nha joventud? Kónd nóx ér mnininha, k' nó tava fzê kazament? (risada)

Kónd mi éra mnininha d' dizoit on... dizoit ón pe riba, N ranjá kazament. nó ta xtód lá, nó ta nkoxtód na pared, má nóx namoród n'éra máx. So ta nkoxtá! Era pered nkoxtód esin. Da lá, nó ta ba pa morada k' mala d' pex na kabésa, éra unx kaxoti esin. Ex tava nkontrá jent pe riba.... ba nkontrá jent pe riba, ax tanta da not. Sin, k' kel vêx ka tinha invensáu d' kórr, kel vêx ér' so sin...

7. (...) Aqui, antigamente, como que se fazia prá fazer roupa, de onde que vinha o tecido?

4.1. Sê ker dizer ropa grándi, ne? N ... é... tinha tenp, jent ta fzê ropinha té li. Kabá inton, jent... é... ten ot tenp k' jent ta pôxt té li na junta. Kabá Nton, ba ta ba ... jent ben pô-l li na kanéla. Má ropa esin... só ropa d' má figura. É... frenjí. Frenjí, pô kel bluzá malrumód. (...) Ah! ka tinha es móda d'ropa d'góra. Ka tinha es móda. Un vêx, ropa é so sapá, marrá... sapá, marrá! (...) Lens tenbén. Inda n ten tont. N ta uzá nha lens. (risos) Má N ka ta podê.... fiká k' dor d' kabésa... d' tont uzá nha lens.

8. D. Juséfora, como é que os rapazes y moças namoravam, antigamente? (...)

4.1. Nãu!. Non é nada kom é oj, nada! Oj ten ot tip d' vivénsa. Kel vêx tinha ot vivénsa, na ruxpet! Baxta jent ta nkoxtá sin na pered, jent ta oiá un psoa ta ba pasá, jent tava faxtá.... Kel vêx... nox, kel vêx, nox tava rixpéitá psoax. Ex d'góra nãu! Ex d'agóra ka ten ninhun tip d' rexpét. Veix ta flá-ex koza, ex ta xtód esin, óh! (gesto) Bo ta oiá-ex log dianti d' bo, é sin ó, k'oi kaxkód asin na bo! É.. nóx d'un vêx éra difarent!!

9. K' menéra k' un psoa ta kazá? K' menéra psoa ta fzê kel féxta?

4.1. Kónd nha pai ma nha madraxta kazá, nó fzê unx féxtas dekí!! (gesto) Ah! Ten trinta y tal ón k'ex kazá... má tud ex já é mort, ne? Nha madraxta, nó fzê un féxta k'e adorável! Bixtid... nha madraxta... ropa té li... té li na pe... nha pai bixtí fót. Nóx k'ér fidj, nó... nóx bixtí bnit, kunpanha mexma koza, má máx bnit k' góra. Máx bnit, ó, perfeitent! Kzament d' kel vêx ér máx bnit k' góra, máx bnit! Agór, kom agóra ten max lux... má kezament d' kel vêx éra máx bnit d' k' ex kazment d'góra.

10. Fésta (...) y sin... Santandré, San Pedr, San Jon...e... kex sant esin?

4.1.E... féxta d' Santandré é li na San Pedr... tóka tanboru, máx oj ex ka ti toká tanboru! San Pedr... féxta d' San Pedr k'é máx divertid li nes lugar li! Féxta d' Sentendré já oj é... el ti ta ba ta kabá. Kel zóna lisin! (...) Ex ta fzê barraka lá in sima, ex ta fzê.. e... bói, máx oj el ti ta ba ta kabá, ba ta kabá... koza ta ba ta disgóxtá té kónd ex kabá tud. (...) O! Intigament, bo ta oiá kex xent ben dex ribera, k'unx pilha d' unx rozáriu, d' midj asin! Ben... ex ta ben pa féxta. Kel vêx, jent ta fzê kel bói, kel tónt d' féxta, má oj ex ka ta fzê. Já oj, ex podê ma é gérra de li, gérra da lá, pok rexpét de li, pok rexpét da lá. É... ex kabá kun féxta, ex podê kabá kun el d' véra. Ex ta flá na kabá, ex podê kaba kel d' véra, li nes lugá de li. (...)

11. (...) A senhora conhece algum tipo de música que a senhora goste, algum tipo de música?

4.1. Amin ta goxtá d' tud múzika k' N ta uví na tilivizãu, ta uví na parei... N ta goxtá, pur akaz. Tud múzika k' N ta uví, N ta goxtá... (...) Ah! (risos) Ah! Gó... novéla góra n'é mixtid dzê k' N ta ba sentá lá sin, óh! N ba sentá lá sin, N ta ta oiá-l... (...) A min ta goxtá, ta goxtá d' prop tud, tud k'é novela, má menux koza d' pok ruxpet. Kel lá asin... asin N ka ta oiá-l! Agó ten unx novéla k' ka ten pok ruxpet, ten unx novéla k' é sért!

12. D. Juséfora, a senhora se lembra daquelas.. . crendices.? (...) y estorinhax? (...)

4.1. Kel asin kuaj N ka ta lenbrá inda na el. Kel lá sin kuaji N ka ta lenbrá nada! (...) Óh! Mi, xtóra N ka sabê kontá nada! Nhax paix k' ta kontá xtória dia d' not. Mi... nunca N metê-l na kabésa. Nhax irmã tud ta kontá xtóra. Mi, mi non! Min, N ka sabê kontá xtóra. Tud ex ta kontá xtóra, má min nun ka sabê kontá un xtóra, k' min k' nun tinha tenp d' metê kel xtóra na kabésa. Kel óra k' nha pai tava sentad ta kontá xtóra, mi ta xtód na kuzinha. Hun... na kuzinha, ta ranjá jantar pa pô na méza. Min ka ta uví kel xtóra! (...).

13. Y carnaval d'intigament?

4.1. Carnaval? Carnaval adórava. Carnaval éra prop bnit, un vêx. Agóra, má góra non. Carnaval, kel vêx, ér máx midjór k' carnaval d'góra. Carnaval ex ta ten kel ropa, prop kel ropa, ropa d' roxpet, n'é ex ropa k' ten góra. Ex ta fzê kel karnavar... dôx dia, Kabá nton, ex ta dansá na sala d' bói. Kabá, kada un ta ba p' se kaza... (...) Carnaval d' kel vêx é... é da... kel vêx éra máx bnit k' d'agóra. El n'é sin, éra esin, ó: tinha prop xent, k'ér dakel grup. Góra, ten tud mund, góra. Go ex ta dá un féxtinha, propr kel psoa ba p' kel grup. (...) Éra lá nó Mindelu. (...) Min, N ka ta tava bai. Min ka tava ba, tinha kel xent ka tava ba, ta ba é nhax irmon, k' m ka ta ten tenp, ex ka ta dtxá-m ba. Ta kuzinhá na kaza, N ta fzê mandód, k mener? (...) Tinha un k'ér Xtrela d' Merinha. y tinha txamód... bon... li na San Pedr tinha Kaxtél d' Merinha... bon, agóra kex ot morada N nun ta sabê sêx nom....

14. A senhora sabe fazer algum remédio da térra? (...)

4.1. Bo sabê, ramed d' térra nunca N sabê raméd d' térra. Bon, e' send d' mót, N sabê k' likrin é bon pa febr, y arruda é bon pa es... ma N ka sabê. Likrin é bon pa fébr y arruda é bon pa fzê xá se bo tivé kun berriga mariód. (...) Ten k' levá-ex é pa dotor... pa médik!

15. A senhora já ouviu muitas histórias do mar... pessoas que foram y não voltaram? (...)

4.1. Txeu, txeu! Txeu xtóra. Inda ten doz, doz... doz dzaparsê. (...) Kel doz k' morrê, ex ba pexká lonj de li... lá nakel mar, k' und'é ta txamá Santa Luzia. Ex ba, ex rudiá, ex intxí bot d' pex... ta k' mal d' tenp... ex éra doz nakel bot, ex ba pa fund... ex ba, da la ex ka ben...

16. (...) Qual o nome dos peixes que dão por aqui?

4.1. Kavala, oi larg, melon, varcóra, djeu, esmoregal, é... goráx, papagói, dorada, poz y... atun, garopa, surbunet, linguad, fasóla, txeu...inda? Bédja, doród, bikuda. Ten máx. K'é máx ot pex? (...) nó ta goxtá d' tud... pex! (...) Li na kaza? Ax vex, é kavada, as vêix, oi lórg, ex veix dorada... etun nox ta senp pok, el ta parsê senp, máx mariód. Es é kel pex k' nó serví max na kaz: kavala, oi lórg, dórada y... fasada... kes k' é pex k' nó ta serví max na kaza.

17. A senhora tem muitas amigas? (...)

4.1. Sin. Ten... txeu... ten txeu emiga d' kurasáu. (..) Ten un k' se nom é Endreza. Ten ot k' se nom é Meriúk. Ten un k' se nom é Paula. Ten ot k' se non é Marsêx, Dulfina, Silvéextra, nx k'é mninha, k'éra koléga, un vêx. É is. Ex k' nóx amiga d' kurasáu. nó ta ptá kunpanher segred fóra non. (...) Mi máx nhax koléga, nó ta sentód brinká, brinká kun kuntxinha, brinká ku bonéka. nó ta brinká, nó ta brinká

k'kel bodók. Kabá nton, nó ta partí pa kaza. Ax vêx, nó ta krê nguniá ku kunpanher, má kabá anton, nó ta kunprendê. Kabá anton, nó ta kunprendê, nó ta ba pa kaza, kada un se kaza, mi máx nhax koléga, ax kuleginha du kurasãu. Akes ot agóra k' nó ten, nó ta fzê amig má kada un na se lugar. (...) Móra, máx ex ta morá eí na morada, ta morá li, má ta morá na morada...

18. Quais são os temperos que a gente mais usa aqui? (...)

4.1. Txá-m oiá. Malageta, Yolanda? Oiá... ói, sabóla, tumat, pimentãu, melegeta, fóia d' lor, kuent... kuent... y sum... Knorr, Knorr, es k'é max fas d'jent uzá. Nóx k' é pobréza, nóx k'é pobr! (...) Mi ka sabê, purk min kex lugá sin.. min ta otxá k'... (...) Ten sinkuénta set ón tud li nes lugar li. Nunka N ba pa morada. (...) Ah! N ka ta podê largá nhax xent. Tud in max...

19. (...) senhora tem algum desejo para realizar?

4.1. Pur akaz, kónd mi éra mnin, N duesê txeu, má góra, min é d' saúd! (...) (risada) N ten sin. N ten sin. N ten sin idéia, min ten sin. Kónd mi filha bai, ker dizer, karta k'el mandá-m, N ta ba. (...) N morrê d' sodad, ne? Ker dizer, kuótr ón sen olhá femília! Ken k' nun ten sodad d' ses fidj lonj d' Kabuverd? Prinsipalment, es so... n'é térra d' xent! Mi, pur akaz, N ten sodad d' tud nhax fidj. N ten amor gránd pa nhax fidj... amor gránd!

20. A senhora tem bichinho de estimação... (...)?

4.1. N ten un txukin, munt txukin. Ah! Kel txuk li n'é minha, Bira! Até gót n'é minha! Kel txuki k' N ten é un txukin... un txukin asin... é pork. N tinha un gól tenbe. Un gelinh, un gelinh asin, el ta kantá... ex panhá-m el. N ta xtimá kel bitxin, má ex panhá-m el. (risos) Ex panhá pa pô-l na panéla d' véra... (...)

21. (...) y esses enfeitinhos tão lindos, foram seus filhos que deram?

4.1. Ah! Tud é prizent d' fidj k' ta dá-m, tud! Agóra... agór k' Yolanda ben, N ponhá-l kuant na se kuart, N pô li... Meria, Diolinda, Yolanda, Amira, Tud ex ta dá-m, tud kex lá é só prezent d' fii, ex ta dá-m kónd N fzê on... tud!

22. (...) O que a senhora acha que o mar é para as pessoas? (...)

4.1. É prop! y vida! É vida! y vida! Mar é vida! Pixkador, nó ten k xtód é pért d' mar. Sin. Prop, é sin kel ar d' mar ta ben.... Nha fii k'é pekkador. Nha merid éra pekkador, oj k'el ka ta pekká k' já el é duent. N ten dôx fidji mótx k' ta andá na mar, puris N ta goxtá txeu d' mar... (...) Ah! É max pok, pok kaza. Góra kaza ba ta krisê... ba ta krisê. San Pedr tinha unx kazine k'éra sin, óh! (gesto) Y, sin, jent ta ntrá kaza sin... un puntinha d' sók, xent ta detá na txon. (...) Agóra kaza na San Pedr ba ta krisê, k' mód nóx já fzê es-li já ten déx... é onz ón k' nó fzê es lisen. Nó tinha un... nó tinha un grandísim. Má nó ba, nó ben fzê es pa nó morá... ba ta parsid fidji fzê lugar máx lórg (...) Ten k' ta ba konprá pe vendê, ten k' ta ba konpra p' pô ne panéla. Ten txeu k' ba konprá pe vendê, y ten un k' ba konprá p'e' pô ne panéla... (...)

23. Como era a estação das chuvas, antes, aqui, em Sanvisente?

4.1. Un vêx, ta dá txuva txeu. Máx oj ka ta dá nada! Já oj k' li ka ta dá prop, ka ta dá txuva. Ta dá txuva, li na sã Pedr, ta korrê Rebera, ta panhá té kaza, panhá bot, panhá tud in kuant, máx oj ka ta dá

nada. Ne tenp das aga, ta dá dôx riskin d' txuva, txon ta fiká seku! (...) Ah! Jent ka ta plantá nada. (...) Nhax paix ta simiá lá pra un rôtixa pra lá. El ta simiá un munzinha d' koza sin, nada máx el ta simiá... midj máx fejon, nada máx!!

24. Koza k' bosê ta dizejá-x... mód na Brazil ten munt kabuverdian... ker dizer, mód es tip d' psoa k' ta stranjer, k' ta na Európa... uk' bo ta dzejá-x?

4.1. Min ta dzejá-x munt filisidad, munt saúd, prinsipalment pa nhax net! Filisidad ne futur!

## 4.2. PARTICIPANTE II



Nome: Maria da Luz Brito Delgado

Nominhos: D. Da Luz ou Dalas

Localidade: Mindelo

1. D. Maria da Luz, qual é o nome completo da senhora?

4.2. Meria da Lux Brit Delgad. Delgad é d' meu marid. Brit é d' meu pai.

2. Quantos anos a senhora tem?

4.2. Já fiz sitént'y'sex. S' nãu fosi... s' nãu fosi duénsa, N tava milhór. É pur kauza d' duénsa k' mi ta sin... koza. Máx, un vêx, eu éra mixida, fazia tud! Agóra já nãu! N ka ta podê trabaliá. Uk' mi tava fzê, un vêx, a-m ka ta fzê-l aoj. Ax vex, mi ta sentá, N ta fzê un rendinha, mi ta dixtreí. N ten k' pô pérna lisiin, purkê, sinãu, N ten dor. S' N fiká txeu tenp k' pérna paród esin, N ten dor. (...) Artrós. N ten artrós. Já-m pô tud raméd. Nada! Agó, ultimament, k' N ba Purtugal, N tiv konversá ma un médik, kuand el oá es pérna, el dzê-m: "nen konprimid nen pomada, é só operód!". Manera k' mi ta ba góra, na fevrer, k' é pa N ba nterná na ixpital, k'é pa N ba operá. Oxalá k' fik ben! Òh! Agó eu ten dor! N ten dor! N ten dor! N ten diabét, N ten tensãu alta, N ten kolixteról, N ten, infin... N ten munta koza!

3. (...) A senhora tem filhos?

4.2. Eu ten akéla k' eu moxtrei! N ten akéla k' N moxtrá! È Yolanda k' ten kurs de... Letrax. Y min ten akel rapax k' kursá na Brazil, k'é ofisial d' marinha merkant. El é ofisial, podê pegá un bark, levá-l dond'é k' el kizer, purkê el ten xkóla pa isu.

4. ... a senhora... qual é a profissão da senhora? O que a senhora fez a vida toda até agora?

4.2. Y fui... primeru entrei. Primer, N entrá na repartisãu kom servént. Méx, kónd N entrá kom servént, xéf oá nha kapesidad, el subí-m. Sin. N pasá pa datilógraf, purkê N prende xkrevê na mákina mo so! Mi só ba fzê un konkurs d' mákina, mi fiká reprovód, k' mi tinha tónt nerv, N fiká reprovód. Máx éra koiza k' mi sebia! Y, dpoix, kom N fiká reprovód, N kontinuá na trabai. Ex ben reptí nov konkurs. Tinha uma koléga k' tava dzê: "ah! Eu tô ben, purkê N pasá onz vírgula sink!" Ela dis. Y eu, kuand fui repitir konkurs novament, eu agóra pasei kon dizaseis vírgula sink. Agóra ela... el fiká karód. El oá kum'é. Purkê? Mi éra npregada máx vélha k' tava lá, N tiv trint'y kuatr ónx ta trabalhá na trabalh d' govern. Y... d' mód k', déx trint'y kuatr ónx k' mi tiv lá, já-m ka ta ta podê trabaliá. Ex ben... a-m pasaba d' idad d' refórma, N tiv k' tratá dex koza... eki in Kabverd dá un refórma, máx a refórma d' Kabverd é ramediar. Pra xigar na vida d' uma psoa, nãu é kapax. Nãu dá! É pra ter otra ajuda, ter otra ajuda, pa podê ba ta ajudá. Mi, un vêx, N ta podê, N ta fzê munta rénda, N ta mandá pra Fransa, N ta mandá p' Angóla, N ta ranjá txeu dinher. Tava jdá-m. Já-m txigá nbarká fóra d' Kabverdi só na dinher d' rénda k' ben d' fóra!

5. Nossa! Então a senhora é rendeira também de profissão! De profissão y de talento...

4.2. Eu kozia... nha mãe ta kozê. N ta kozê, máx oj mi xkusê kozê. N tava bordá... tud... k' senp tiv uma kuriozidad na vida d' prender na vida. Eu ten.. N ten... N ten kurs d'... N ten karta d' kondusãu. (..) N ten... txá-m oá... datilografia... dpox, pasei pa xkriturária. Eu reformei kom xkriturária. Agóra, ten direit àkela rafórma d' Purtugal. Sin. Kéla rafórma d' Purtugal é maix! Y há muntax psoax ali k' ten raforma in Purtugal, y ex ten kel d' Kabverd. (...) E, d' mód k... N ten kurs d'.... perá! kom é k' xama? (...)

6. O filho da senhora, a filha da senhora estão sempre viajando... a senhora sente muita saudades, como é que é?

4.2. Eu sint maix soudad... N sintí máx sodad d' nha filha, purkê el ta lá pur kauza d' seúd, purkê sin.(...) Sin. Ela ten problema... tinha prublema dux rinx, máx, agóra, u meu filh... mi fii xtá senp li na Kabverd. Ind ont, el tiv li. El ten un rapeizinh, k'é munt xpirtin. Nha fii xtá li, min ta oá-l, nbóra e' ba fzê viajen, má el ta voltá dprésa. Agóra, nha filha... es N bai k' N ta oiá-l. S' N ka ba, N ka ta oiá-l. Ela tava el, pasá fektival li. El tiv kinz diax so na Kabverd, máx, agóra, nakex dia, el txigá vint nov d'... vint nov d' setenbr, d' agoxt. N ba deli kuat... nãu! El txigá na prinsíp d' agoxt! Diax dpox, N ba deli. Inda fiká na Sãu Visent, kónd N bai, el ba otxá-m lá. Máx é k' nó ta morá munt lonj. N ta morá nun lugar, pa jent ba pa kel ot é d' konboi. Y... min, min ten med d' konboi, purkê jent ba subí na xkada d' ilevador. Nen n'é ilevador, é kex xkada k' ta subí. Kels... sin. Ma, na dixê, mi ten med. N pegá psoa na mon pa nó dixí junt. Na subí, N ta fiká li dibóx, fiká, fiká, fiká! Kónd m' oiá un Purtugêx k' ta ben, N pegá-l na mon, el dzê: "sinhóra sigura ben!" N pô pe nakel koza, nakel xkada pa ba riba. Kónd N txigá lá d' sima, N tinha unx nerv! O!!! Mi, xkada rolant N ka ta bai. N ba pa Port, kel dia, kuxtá-m subí lá d' sima. Kónd mi subí, mi sentá... sabi, tud parti d' mund ex ta kunhesê-m?! Mi nkontrá kun un sinhor k' trabalhava na rádiu li in Sanvisent. Eu tava sentada... (risos) sentada... kónd suxt sin, el foi... ter kumig! El ba ter kumig. Kunprimentá-m. Kónd el kunprimentá-m, el dá-m se kartáu. Y nha konpanhera k' nó tava sentad junt pensá k' om éra kontrolador. Ela tava durmind, xpantô... metê mãu na algibera... el puxá se... koza, el moxtrá-l. N voltá pa el, N dzê-l: "n'é kontrolador! É un sinhor k' ta falá ma min!" (risos). El ta na son, el xpantá, el dzê: "ah?! A?!" Lungá se kartera, dá nox bilhet, el moxtrá-l. Já tinha moxtród kartáu, já tinha moxtród-el bilhet. Agóra, kel ot sinhor xigar, el pensá ér kontrolador... (risadas)

7. Dóna Da Luz, nós estávamos falando antes (da entrevista) sobre carnaval. Como é que era o carnaval de antigamente? Fala um pouquinho da sua experiência nó carnaval?

4.2. Karnaval d' entigament n'éra sima karnaval d'góra. Karnaval d' góra, é munt e... koza. Munt izijent. E' ten otrax mxnerax d' bixtí! Purkê, uma vêx, éra pôr un balã na mãu, seía pra rua kantar. Otra jent kun violãu... y tud a kantar. Kriansa ta korrê, tud jent tav oiá karnaval, muit pov, munta jent. Ex ta imitá Brezil. Até... sabi, a Sezária ta kantá, e' ta dzê: "Sãu Visent y un Brazilin!" Ker dizer, "Brazilin" é un Brezil pknin, purkê u pov d' Kabverdi ta dorá músika, pov d' Kabverd ta dorá... six féxta. É penas k' li ka ten dinher, pa fzê féxta sin kuma ot país podê fzê. Ten kex grup d' animasãu, k'ex ta bixtí tud móda. Ex ta fzê kaxãu d' mort. Ex ta vixtí d' makók, ex ta vixtí d' tud koza k'ex otxá. Vixti d' lama. Tud. Karnaval er baxtant animód. Máx... otr on, tiv un grup so k' seí. Kánbra nãu tev dinher. Kánbra ka dá dinher p'ex bixtí. y kex jent ta pasá toda noit ta trabalhá nakes andor. Já nó tiv, un dia d' not, seí d' kórr, ex ta k' lux sindid purkê not dia éra karnaval. y ten... ten un sinhóra k' fzê un grup d' xinêx kakels... japonêx... xinêx é k' ten kel Buda d' barrigoun? Anrrã! El fzê un buda. N ka sabê dond'é k' kel sinhóra seiu, seí k'kel imajinasãu. Máx ela ka fiká kontent, purkê el ka foi ben premiad. El dis k' panhô kansera, gaxtô dinher... máx, nãu!, el ka foi ben premiad. Xkóla d' sanba ta seí é senpr d' noit... k' kex luzix, kon fugetx y tud max... seí d' noit. É un grup k' kumésa numa rua, vai terminá not. Xkóla d' sanba é munt nflúid. Ten psoax, tinha un sinhóra lá k' tinha oitént'y tal on. Ela bixtia todus us ónx. El pdí Deux pa ka matá-l na mêx d' karnaval. Ela já morreu. Máx el pdí Deux p' ka matá-l na noit d' karnval, na dia d' karnaval. Até sex fidj, ex ta mandá-l bixtiménta d' karnaval d' Holanda, purkê ex sabê kuma el ta goxtá. Ex mandá-l un kabilera brónk, puxtis brónk. El ta bixtid d' karnaval, el ta ba. El txigá

lá nó otel, el pegá ta dansá, el kansá, el sintí un dxmai. Sex fidji tava tud lá, sex filia tava tud lá. Ex suxtá, ex ba pô-l pa sentá nó lugar. Ten koza d' unx trêx ón k' el ben morrê. (...) Nãu! El pdí Deux p' ka matá-l na mêx d' carnaval. Tud, tud kel carnaval kel sinhóra tava bai. El morrê kun novént'y tal on, máx el ta ba pa tud carnaval k' parsê!

8. E a senhora vistida de baiana... como é que foi a história?

4.2. O! Bixtida d' baiana, N sintia... a-m ta sintí filix, purkê N dansá tuda noit, sen pará. Dansá tuda noit k' xukalh na mãu. N tava ta baiá, ta baiá nha vontad. N sintí k' N vivê kel noit. Un noit ben vivida. N ben pa kaza pela manhá. Merid ka xtava. N tava nha vontad! A minha filha, mia tia fex sént'y dox ónx, inda ta viva. N ba pa féxta dond nha tia, kónd N txigá li, el pruguntá-m: "bo dansá?" N dzê: "Sin. N dansá ma un prim d' meu." O, Jezux! El voltá un fera. Kria so m' bater, purkê eu teve dansód, y eu "nãu divia dansar". Dix kéla data, nunka máx. Só not dia, góra turdia li, k' N ba p'un kazament dun olandêx ma un kabuverdian. Ex kazá na Holanda, ex ben fzê féxta na Sonvisent. Óh! Máx éra uma féxta! Tinha kmida txeu. Jent.. máx, dpox, eu dis au meu marid: "vamux dansar un...?" E' disi-m: "entãu, vamus! Máx munt divagarinh!" Máx... pérna nãu kria levantá-m d' xãu!!

9. É... como é que a gente faz... como é que a senhora aprendeu a fazer renda? (...)

4.2. É... rénda? Eu... senpr N fui kurióza. Tud kuant N ta oiá, N ta kria fzê. Tud N ta kria fzê. Y... dpox... eu konpr... N konprá un novel d' linha, linha ordinária k' éra sink toxtón dekel vêx, eu kmesei a fazer kordãu. Fiz un kordãu k' tinha unx... sentena, N fzê un kordãu k' tinha un data d' métr. Dpox, ex nsiná-m a fazer isu. Da lá, N habituá, N vrá ta fzê rénda. Dpox, N ta bordá txeu... N ta borda txeu. Máx, bordod é un koz munt lént, munt lént, k' jent ta pasá munt tenp ta fzê-l. Y já nen toda jent ta fzê bordód. É un koza... lent... me mi, p' N bordá un koza, já N ka ten pasiénsa. Y rénda, N ta fiká li ta fazê, ta fazê, ta fazê. Ten óra, mi ta fazê, mi ta skisê, N ta disrondá un bukadinh. Kabá nton, bo ta torná pegá na el otra vêx. N ta fzê-l. Nton, rénda li já munt kanséra d' kabésa. N tirminá pésa k' for, d' kólker manera! Agóra es li, mi ti ta kupiá-l k' kuidód... (...) Ultimament, N ten xtód ta fzê un bokadin d' rénda purkê a-m ka ten dor li tráx. N tinha dor li tráx. Nha marid, nó ta tardar pa dormir, nó ta oá tilivizãu, da lá, nó ta detá lá na kama... ta falá... kun kunpanher, dpox nóx ta ba k' son. El... el ka ta durmí d' noit, plamanhán inda el ta xtód ta durmí. N ta ergí sed. N ta ben lisiin nes kadera, N sendê lux... ta fikáta fzê un rendinha. Dpox, mi ta ergí, N ta ba lavá, N ta pô kafé na méza, N ta tomá. Kónd el ergí, el ta tomá d'-seu...

10. (...) A senhora já cantou ou cantava? Como é que é essa história da música?

4.2. Nãu! Un vêx, N ta xtód dent d' kaza é so pa kantá. Psoa ta pasá na rua, ex ta fiká ta xkutá... ta xkutá kel kentiga. Oj, já-m ka ta podê kantá. S' N kmesá un mórna, N ta skisê kel palavra. N ta voltá-l na dôx o trêx kantiga, já N ka ta kantá. Y mexm voz já-m ka ten. Oj, N ten un vida sedentária. N ta pasá nha vida ta kantá. N ta tinha tud kentiga k' seí. N ta tinha kópia... N ta tinha kópia dikel kentiga. N tinha un kaixa, sin, xei d' kópia. Éra fód, éra sanba, éra mórna, éra tud. Tud, tud k' ben na pensamént (Zulmira, txá pórtá! Bô sindê lux!) Y... tud k' ben na pensamént, N tava kantá, máx agóra... s' N kmesá un kentiga oj... (...) A-m ka ten vox! Pra já, s' eu... s' N ta kmesá ta kantá, N ta skisê kuza k' mi ta kantá. Ka sin? Uma koza k' eu goxtava d' ter na vida: vóx! (...) No! Ax vezis, kentiga antiga, eí, nó

podê lenbrá un bokadin, máx N ta uví kentiga na rádiu, kel son ta xtód na uvid N podê... rixmungá kel son, máx, agóra, kex palavra k' a-m ka ta lenbrá!

11. D. Da Luz, a senhora se lembra como é que foi a infância da senhora, as coleguinhas, o colégio? A senhora pode falar sobre isso prá nós?

4.2. Kel tenp bon k' Sonvisent tinha tud du bon y barót. Tinha munt bark na beía. A baía d' Sonvsent éra xei d' bark. Ka tinha kaix kuxtável, ex tava bai é d' kanoa. Nugusiant ta ba fzê negós na beía, ex ta ben karegód tud! Nha vô éra nugusiant d' beía. Y... el trabalhô munt, nha vô ér nigusianti d' baía, k'el vinha kon bot xei pra kaza. N ka tinha oiad dfikuldadix, máx dpox, k' nha pai morrê... nha pai morrê, N fiká k' katorz on... nov... N fiká k' katorz ónx, nha ultim irmão fiká k' set ónx. K'el morrê na Mérka góra, há unx tenpx. Nha mãi ta sentad, ta kozê. Min ta sentad ta fzê, ta bordá o ta fzê rénda. El ta ganhá dinher na kuxtura. Kel vêx, kuxtura era barót... barót, barót! El tava ganhá dinher na kuxtura, y, esin, nó gó ta tomá nóx pãu d' kade dia, purkê, un vêx, ku dez xkud bo ta fzê un ketxupa. Má, oj, un ketxup ta un kmida máx kór! Un kmida kabuverdian ta máx kar na Kabverd. Sin. Y d' mód k'... N tinha nhax trêx irmon. Un, na kirént'y... el ba deli d' Sonvsent, un de janer d' korént'y oit! Nunka max el ben! El vive na Arjentina. (...) N tinha otr irmão k' éra sapater. Kel irmão ba pa Angóla... kinzi an na Angóla, el ka tava xkrevê. N tinha otr irmão li, ba pa trópa. Kuand el seí p' trópa, el ka tinha trabói. Y... el ka tinha trabói... nha mãi tinha un prédi... gránd, primer andar... el vendê kel prédi, k' antix d' kel prédi keí, el vendê. Nóv kontux! Oj, kel prédi... s' tivési el alá na mei d' sidad... máx ta na mei d' sidad, lá diant d' Madeiral, trêx d' kâbra, mei d' sidad. Nha irmon ba pa Dakar, ba trabalhar na Dakar, ba trabalhar kom pintor, y nunka tinha pintód na se vida. Dalá, el ba pa... Holanda. El xegá na Holanda, el trabaiá, el tava mandá nha mãi dinher... dá... vida kmisad millorá! nó ka ta pagá renda d' kaza, purkê nó tinha kaza. Nha vô tinha munt, nha vô lá... lá d'... Dóna d' Sodat, nha mãi éra irmã d' mãi d' Nhunha, D. Vrenônika. D' manera k' nó fiká ta vivê. Dpox, N ben otxá ex npreg. N kabá d' otxá ex npreg, nha irmon tava mandá-m... nhax irmon tava mandá... nó ba ta vivê té kónd nha mãi ben morrê. Nha mãi morrê, mi irmon mandá-m dinher pa fzê-l nterr... y... fzê nterr pa nha mãi. Da lá, N fiká nakel kaza. Mi éra munt persigida... d' nvejózax. Sin. Senpr, N foi un psoa persigida, purkê min é un psoa du pov... (...) U omen... oliás, om ka ta treí emizad. Mudjer é k' ta treí jent. Tinha uma k' ta dzê kma tinha raiva d' min tava xtód so ta kozê ropa. Máx éra ropa k' ta ben d' fóra... até exta. Nha gorda-fót é so ropa vind d' fóra. N ka ta konprá. Min ta pegá, N ta dá. N ta dá vint kontux... só ropa k' N trazê d' Lixboa pa dá jent. Ropa uzada k' ex dá-m, N dzê-l ta levá. A-m txigá, djá-m pertí pre li, prá lá. Kel k' tinha falta, N dá-l. De manera, N ta ben li. Fidji ba kada kual pa se lugar. Mi tinha unx subrinh k'ér fii d' un irmon k' N kriá, ex ba tud pa Mérika. Ten un d' sex fidj ta li ma se mudjer, má kel ot ka ta dá-m nen nutísia, kel ot subrin. N kriá-x, dá xkóla, N fzê tud. Na nha kaza, tud jent trá setim ón d' Liseu. Ah! Kom dizer, nha filia otxá kurs na Spanha, nha fidj otxá kurs ne Brezil, kex ot ba lá pa Mérka!

12. A senhora se lembra, Dóna Da Luz, da adolescência da senhora... quando a senhora era jovem... as festas, os bailes (...)?

4.2. Ah! Nãu tiv! Kónd N kumsá d' ba pa féxta, min já-m tinha dizoit on. Éra féxta! N tiv seix mêx ta ba pa féxta tud sóbod. Féxta sábi. Kex om k' tinha, un vêx, tava pagá róda. Y kex emizadx... y tud... ex ta fzê piknik na kanp. O, Jezux krixt! So psoa amiga, munta kmida! Munt jent y tud max! N kumisá d' ba pa féxta... N txigá ba pa féxta seix mêx, seix mêx esin, tud sóbod. Un dia, N dzê: "Nãu! Is n'é

vida! N ten dixkansá góra!" N pará! Dpox, N ta ba pa féxta k'ex ta kunvidá-m. Dpox k' N ben morá nes kaza, N ta fzê féxta. Kónd N ta fzê unx féxta, ex ta tilifoná-m, ta dzê: "a! Bo kunvidá-m bo féxta!" Y tud máx! N ta fzê féxta na kuaj tud ex sala d' Sonvsent. Té lá na Mirador, N txigá fzê féxta. Adminixtrador d' konselh, notr dia dá-m parabénx k'el ka kontá k' "bo ta fzê un féxta dákel!" N kunvidá so jent dret... omi k' ta pagá. Tinha un bark li k' ér d' Santantáu. N konvida tud kex ofisiax. Konvidá oifisal. N ta konvidá so na jent k' ta pagá-m. Kel not, N trá dinher nakel féxta inda N fiká k' dinher du mund! Ex ta fzê bai d' karnaval na Éden Park, na sinema. N ta bixtid máxkara. N ta ba, ningén ka ta konhesê-m. Oh! kom mi ten bai, mi ten feit ebus!! Txigá na jent, pegá. Un dia, N panhá... N ka tinha luva pa pô na mon, metê un par d' meia na mon... (risos), kónd xegê sin... un jáponêx tava lá, N ba brinká k' kel japonêx. Kónd kel japonêx oiá kex meia na mãu, el korrê!!! (risadas) El korrê d' min! Japonêx korrê d' min! El dzê-m: "Santa Maria!" Japonêx korrê d' mi. El dzê-m: "Santa Maria!" Sab uk'k'é "santa maria" pa japonêx? Mort!!!! (risadas) Japonêx korrê d' min, korrê set léguax! N me ri, kónd N ba trá un rapéx pa dansá, el dansá má mi idukadament. Kónd el ba... ot rapéx ba kun kóp d' grog pa dá-m, N toká-l ku kabésa kma "nãu"! El dzê: "bo é mudjer!! S' bo éra om, bo ta tomá-l!" De manera k' mi ta ba pa bai n Éden Park. nó ta metê na kórr, nó ta bai. nó tinha kex emig, ka ta dixá jent nkoxtá na nox p'ex ka konxê-m... dansá na Éden Park, na mei d' tud kex jent. Agóra, ex ka ta fzê kel bai popular esin. Ka ta dá... santa pax d' Deux... (marido atende ao telefone, ela diz: "S' Fátma tilifoná, bo dá-m mantenha. Bo ta dzê...." Jeruza! Oj, el ka kuzinhá... kel malageta! (...))

13. Dóna Da Luz como é que eram as festas de casamento, antigamente? (...) Porque, hoje, as moças não se casam virgem, e não tem problema. Antigamente, tinha algum problema?

4.2. Tinha, tinha sin. Ax vêx, un rapariga tava kazá, k' nãu ér virj, ex ta ba ntregá sex paix el novament. Sin. Agóra, is nan ten problem! Y... kazament, un vêx, éra esin: psoax k' ka ta kazá virj, ex ta ba ntregá-l na paix novament. Fazia xkandlu y tud! Y tinha uma psoa k' fazia kuart, not dia sed, tinha k' moxtrá kex kemiza d' noit... virjindad... y... s' a rapariga éra difamada, ex ta panhá kel kemiza, fzê bandera, pô na pórtá pa tud jent oiá k' el n'ére virjin. Féxta tinha méza gránd, munt pov. Sab, kel vêx, tud koza éra barót. Tinha kel gránd mesa, k' kel pudin d' noiva y tud máx. Tinha konpanha... ka tinha kórr pa karregá. Kazamént éra kuaz tud a pe. Tud a pe. Unx tenpx pra ká, é k' kumsá ta ben en táks. Ka tinha táks. Tinha éra kamionet.. ax vêx, até punha... ex ta pô mort na karrinha pa ba levá...

14. Essa questão da vaidade... as mulheres gostam de batom, de pintura, de anel, de..., mas teve um tempo que isso não chegava facilmente aqui, como é que... como é que se fazia?

4.2. Non! Min senpr k' N ta ba pa féxta, N ta pintá. K' senpr N goxtá d' nha tualet. Máx é... tudx dia, N ka ta pintá. A-min, na nha idad, N pintá nhax unhax. A diax, N ba p'un kazament, N tava sentód ma nha marid, má ningén ka ta dzê... pód kom el ér... k' mi éra avô. Máx é... N fzê nha bon tualet, N bai. Se ben k', agóra, N ka ten kabel. Nha kabel, ex dá-m el unx frizant braziler... el keí tud. Agóra já ti ta konpô, purkê lá na Port, na Portgal.... (...) Na Port ten unx brazilera, ex ta... ex ta ranjá mund koza p' kabel. (...) Pur akaz, N konprá. Nha kabel, já el tava ben. El ta keíd, keíd, keíd, pur kauza d' koiza k' min dá-l. D' manera k', agóra, já ta ten un bokedin, má tava keídu, keídu... devid duénsa tenbén. Duénsa ta fzê jent kabel, prinsipalment diabét... (...) kónd bo ta kriá asúkar, el ta xkoá...

15. A senhora gosta muito de ouvir o rádio (...) Como é que é o rádio na vida da senhora?

4.2. É un prazer. (Chegada de seu marido: "Es é meu marid (...) unx kunvidad breziler..") Rádi... N ka ta fiká ben na kaza suzud... N ka ta sintí burrsida. N ta fiká uví kex kentiga. Pront! Góra ta kunx kentiga porpozera... Sin, ma... N ta fiká ta uví kel músika, kel nutisiáriu... ta uví kel músika, k' mi ta prisiá músika. A un koiza k' N ta goxtá imens: múska y porfum. Agóra já-m vrá ta seí pe rua, kónd N xigá na rua, N ta lembrá pa N ptá porfum. Dent na kaza, N ta xtód... inda ten porfum li pa N ptá. Uma vêx, un psoa perguntá-m uk' k' N tava goxtá, N dzê-l: "biblôs, músika y parfum!" É trêx koza k' N ta goxtá! Sin. (..) Perá! N ten marka d' unx dox perfumx. N ta goxtá d' Xkada, Pak Raban... txa-m oá máx k' mi ta goxtá... mi ta goxtá d' perfum... fransex... Yvi Roxá, porfum d'Yvis Roxá...

16. Quando, aqui em Cabo Verde, ainda... como em todos os outros países, os carros ainda não eram muito freqüentes, qual era o meio de locomoção?

4.2. À pe! Já-m txigá ba pa São Pedr à pe, ben à pe. San Pedr, nakel tenp, ka tinha kórr. Y... N txigá ba pa San Pedr, lá nu Faról d' San Pedr. Tinha un faroler k' nóx éra emig. Y... N ta ba pra lá senpr, éra à pe. Nha medrinha tava simiá na kónp, el ta panhá munta kmida!, Sonvisent kel vêx ta dá xuva. E' ta panhá munta kmida. Éra karregód tud ne burr. El ta tinha sex burr, k'el ta ben karregód d' kmida. Y mi, N ta ba buxká kmida lá, N ta trazê-l na kabésa, a pe. O! kaminh lonj li p'es fóra! Ka tinha kont d' kórr. Kazement éra a pe. Dpox, ben ta parsê unx táks. Ben ta parsê unx táks, ex ba ta... koza. Agó, ten autu-kórr. Ka tinha, kéla vêx. A munts ónx k' ten autu-karr, máx kel vêx ka tinha.

17. E a senhora se lembra de alguém (...) que contava estórias, historinhax pr'as crianças?

4.2. Tinha. Tinha munta jent. Na tenp d' calor, mnin tava sentá na pórtá p'uví xtória d' Ti Rob... sab uk'e Gongonhana? Gongonhana, k'eles dizen... tinha un Gongonhana k'éra rei dux pretox d'Angóla. Má, Gongonhana, mataran. Agóra Gongonhana k'ex ta dzê é almax dotr mund. Ker dizer, ben kontá xtóra du Gongonhana, xtóra du Kanilinha. Kanilinha, es éra un... un alma dotr mund, k'éra tud kunprid. El tava korrê... bo korrê tud pra bóx, el ta korrê atrás d' bo. Má, s' bo voltá xkina sin, el ka ta podê voltá xkina sin, oss ta kebrá! (risos) Ai, ai!! (...) Xtória ? Un vêx, tinha un omen k' éra rik. El tinha uma kaza, rika... e' ta vive máx sex fidji. Y... un dia, el uví un vos dzê-l: "kol'é k' bo krê ser rik agó o... pobr agóra o rik na bo velhis?" El ta senpr el ta uví kel vos ta dzê... el dzê-l: "será o k' Deux kizer!" Pasód díax, kel om vrá pobr, el ba morá nun kezinha na beira-mar. El ba morá nun kezinha na beira-mar, até dia k'el uví kel vós dzê-l: "N ta ba fizebo asin pra xprementó-b. Agór, bo rikéza ti ba pasá tud pa bo mã otra vêx, purkê bo ka tinha vaidad k' bo psoa!" Ker k' eu lhe kont uma xtória d'un om k' tinha uma amánt? Un om k' tinha uma amánt... máx kel om ka ta drumí na se kaza, nen un not. El ta drumí so na kaza d' kel amánt. Un dia, el tava ta ben, el ta montad nun burr, k'el ta morá lonj d' kaza dakel mudjer, el ta ben drumí na kaza déx raperiga. Ex tava pasá k'un kadav pa ba nterrá-l. El pruguntá: "má ken é es k' morré?" Ex dzê-l esin é fluna d' tal, el ta morá na tal lugar. Y... pront! Agó, ex ta bai. Ex ta andá kel kemin, d' not. Pulumanhán sed, ex ta bai nterrá kel mudjer. Kel mudjer dzê: "óh! — na kriol d' Fog — kel mudjer dzê: "ó, nhos trazê! Nhos trazê pamód nha amiga!" (risos) Ben, el dixá kel mort drumí na se kaza. El ba drumí not... kel jent ba drumí notr kaza. Txegód not, kel om, se amánt, ben pa kaza. El ta txigá y... el ponhá se ropa, pô burr na kintal, panhá ropa y pô d' sima d'un pilon. Sab uk k'é pilon? E... e' pô d' sima d'un pilon. El ba detá ma kel mudjer. Inves d'el detá ma kél mudjer, el detá ma kel mort. Áhã! El ta otxá mudjer... kel mudjer ta friu! El voltá — na kriol d' Fog — el dzê: "Mória, Mória, bo ta sta rafriadu? Ker dizer, bo ta gelód, ne? El vrá dzê-l: "Mória, kozé k' bo ten?" Kozé k' bo ten?

Akel om trá fosf, el oiá kel mort d' sima d' kama, marród kexada asin, el seí ta korrê, levá kel porton na frent. El dtxá se ropa ma se burr lá. Kel om korrê, el ba pa kaza. Manxê pela manhán, mudjer ba abrí pórtá, el otxá kex koza, el dzê: "o, nha gent, nho Anton tiv li!" Má e' tinha mandód un rapézin pa dá rekód nho Anton. Musin ma nho Nton dizinkontrá. El vrá na el, el dzê. El txuma mnin, el dzê: "ba lá na kaza d' nho Anton, bo flá-l N mandá flá-l N mandá-l rekad el ben mexm esin!" Kel om txigá na kaza, d' med, detá, kubrí kabésa. Kónd ex ta si, akel mnin txigá na kaza, dá kel rekód: "Nho Anton, nha Maria mandá flá nho..." Om sin, e' ta kun med, el dzê sin: "oooo!!! Ka papiá!!!" "Ka papiá" é "ka falá!" (risos) Kel musin seí dalá sin dá kel rekód. Nho Anton kabá, nunka máx... nunka máx, el ba pa kaza dakel... n' kaza dikel mudjer!!

18. (...)

4.2. Sin. Éra pobr. Kabverd éra pobr, máx dava... xuvia! Dava kmida! Vinha kmida dex kónp. Txeu kmida. Máx, dpox, xuva ben faltar na Kabverd... munta jent... xuva faltá, munta jent tiv k' imigrá! Kel dinher k' ta ben d' imigrasãu d' fóra é k'éra xuva k' ta dá na Kabverd. Purkê... N ten un psoa nbarkód, el ta mandá-m kel fin d' mêx, sért. Já-m ta konprá kmida. Min ta kmê. Y s' ka tinha imigrasãu, ka tinha xuva, li ka tinha jent. Munta jent ba pa Portugal, morá pra lá. Portugal ten unx trinta mil psoa, oiténta? Mil psoa, mil kabuverdian... (...) Sin. Foi un fórma d' xuva li na Kabverd, purkê imigrasãu... toda jent eli... unx fzê kaza, bonx prédi k' ten li, e imigrant é k' fzê-x. Y... imigrant fzê munta kaza, fzê munt kumérs. Y ka tinha kumérsi, ka tinha minimerkód, ka tinha supermerkód, ka tinha nada, éra lojinhax pkinina! Ka tinha táks. (...) É k' psoax ta bai. Ex ta ba trabaliá, purkê ex ka ten ot raméd na six térra. Y kónd y... ex ta ba trabaliá pra lá, máx ex ta senp k' idéia na six téra. Purkê Kabverd ka ten nada d' xpisial, ker dizer, na Kabverd psoax ta xtód li... máx bo xtód lá fóra, bo ta ten grasa d' ben. Tev un omen k' viveu na Arjentina. El vivê na Arjentina munts ónx, máx el dzê dia k'el ta manxê k' dent da Kabverd, pov serká-l, e' ben. El ben morrê li. Y... tinha uma mudjer tanbe k' ta dzê. El tava na Senegar, ta trabaliá, tava dret. Má el ta dzê el ben pa Kabverd dia k' el ta manxê, k'... Sonvsent, Mindel, el ta fzê sin: "Sonvsent!!!" (suspiros) Ah, menina, ka bo bai? Kuzé k' bo ta fzê na Sanvisent? Sonvsent? Té kónd el ben... té... morrê li. Koza k' ta... Kabverd, el ta treí se pov!

19. Dóna Maria da Luz... (...)

4.2. Maria da Lux. Sab o nom k' mi puzéran? Un nom k' ex pô-m: Dalas. Toda part k' eu vô é Dalas. Ox meus filhux xaman Dalas. Eu pos xkrever uma karta... Oh! N podê xkrevê un karta, N pô Dalas Brit, N pô rua, el ta txigá direitin. Maria da Lux... biziá-m kel rua li... Sin. El ben... min ta dzê d' kel karta...

20. A senhora falou da carta, como é que era aquela história que a senhora contou do moço... do senhor de Lisboa que veio procurar a mulher, ela já tinha morrido?

4.2. Kel omen, éra trópa li na Kabverd, na korént'y tal... mil noviséntux y korént'y tal. Y el ranjá uma kabuvediana.. el tiv un fidj ma kel kabuverdiana. Y dpox, el ba pa Mosanbik. D' Portugal, el ba pa Mosanbik... trópa. El dzê el ta xkrevê mnina, máx, dxpox, el dtxá d' rasibê karta. Algun psoa ta nterseptá kel karta k' tava bai. El ka uví flá máx na el. Má kel om ben pará na Kabverd, el máx se mudjer... pa ben xpiá es mudjer k' el ten fidj ma el. Y kónd el txigá li, argén ndiká-l pa ben ter k' mi. N fiká ta fzê trat d' imejinasãu, pa N ben sertá ken k' é akel mnina. Máx min, N ka konxê-l... na altura. Máx N konxê se família. Kel mnina, kel om bai, el fiká k'un mnin. Kel mninha morrê, kel raperiga

levá dixgoxt dex omi k' el ka otxá karta, y dakel mninha k' morrê, el morrê tanbén. Y kel om ben d' Portugal d' mitad pa ben xpiá-l, ker dizer, el kris fzê kólker koiza pa ela, máx é... pdí nformaxons. El ben pa be otxá-l viv, má mnina morrê munt tenp. Munt tenp fidj morrê. El ben ter k' mi li na kaza... mi xkrevê pa... y... máx, sért, nunca N tiv dfikuldad pa... (...) N ten kontá munta koza. N ta mandá pa pô vixt... p' Portugal... N ta mandá nha bilhet, dentidad, fotokópia. Ten k' mandá tónt k' min ta ganhá pur mêx, N ten k' mandá konta bankária, s' N ten dinher lá na bónk, N ten k' mandá fotokópia d' se pasaport k' é portugêx. N ten k' mandá, infin... un data d' koza!

21. (...)

4.2. Pur akaz, N ten un livr k' ten riseta d' pex sek y pex fresk p' fazê k' kel azet d' palm. N kmê unx dôx kmida bonx. (...) ku azet d' palma. Ex ta fzê txeu. Ex ten sodad d'Angóla. Ex ten psoa, sab, ta na Portugal, ex faz sex koza, tud sex koza. Tud se rikeza ta fiká pra lá. Sex jóia, kaza mobilód, tud. Ex xigá na Portugal... merikon dá-ex gránd apoi, da-ex... n'é Portugal. Ex xigá na Portugal, ex fiká malumoród. Dpox, ex ba ta ranjá kaza. Unx tinha trabói na Angóla, raformá... ex fiká lá ta vivê. Kex k' ben pa Kabuverd... argunx, otxá kolokasãu. Y... kex k' ba pa Portugal, unx kontinuá sex trabói na Portugal. Dpox ex reformá, ex fiká lá. Unx, sex fidj xtudá lá na Portugal, ex tud ta li. Kom a sinhóra k' N ta bai pa se kaza, el é filha d' uma angulana y se pai é fidj d' maderense. Manera k' ten família inglêx... el ten família maderense na se família. Esin logo el ten nasionalidad d'préa. El levá sex fidj xtuda lá... el ten un filha k' é tripulant d'un bar. Āhã! El é kazad, ten fili... se... nom... Se sógra ta fiká ma fidj. El fiká nun bark noruegêx k' ta trabaliar kom tripulant. Já el ka ta sintí njuada nen nada! El ranjá un mnina lugar nakel bórk, k'el mnina dizinbarká pamód el ta njuá. El já ta andá... n'e merinher... el'é tripulant dun bórk!

22. (...) O crioulo de São Vicente modificou muito... o que que a senhora pode falar prá nós?

4.2. Purkê eli ten munta jent. Ten senegalêx, ten xtranjer da Európa, ten psoax d'otux ilha k' ben vivê li. Manera k' kriol deli xtragá. kriol da Sonvsent ta xtragód. Uma vêx, tinha un kriol... diferent! Purkê... ker dizer, ex ta krê dzê "olha!", ex ta dzê "odjá" tal koza. Ex ta txumá "agudja", ex ta txumá otx... un kriol diferent! Há psoax k' ta ben dotax térra, nunca máix ex dtxá d' falá sex térra. Psoax d' Santu Antãu... inda part inda ta falá Santu Antãu. Psoax d' Praia, ex ta morrê, ex falá sex linga d' Praia. (...) Ten munta mixtura. Ten txeu xinêx, ten xinêx, ten japonêx txeu. Ten bórk d' pexka k' fiká munt sin... e... japonêx, kes oi ratxód sin. Li ten un rapax k' é fi d' japonêx. Mãi já morrê... (...) El ta xtód nun kaza. Kel rapêx seí dakel kaza, kel om dava xkóla... k'el om dava xkóla... dia k'el ta gránd sin, el pegá kel levá má el. (...) Kel musin é tãu ntelijent. El fzê setim ón d' Liseu. El pdí un bólsa, k' ka ningén na Kabuved k' ten kel bólsa. Ex ta dá-l. ( N ka ten oiód Salazar, li na Kabverd, el ka ta xtód...) Y... se mãi éra munt nha amiga... se mãi. El tev unx tenp na Portugal, dpox el nen morrê li. Gó kel mnin góra ka ten nen apoi d' pai nen mãi é... (...) Y tinha un vapor d' gérra braziler... tinha pret, tinha lor, tinha xi... oi ratxód xinêx y, jent, tud lá ekel esin é nasid ne Brezil. Anrrã! Un vêx, ta ben vapor d' gérra. Kónd ta tinha bórk braziler li, ex ta ba tokar múzika na prasa... ó, Jisux! Éra pov esin ba uví múzika brazilera! (...) Munt moviment! Tanbe xkosex... kes ta vixtí kex seinha.... kuadród. (...) Ex ta ba toká múzika na Praia, li... lá na prasa, na jerdin. Ex ta txamá é múzika d' seinha. (risos) Múzika d' seinha! Sonvsent éra sáb. Tinha munt vapor, oj já ka ta ten vapor pre li. Tinha konpeinha d' karvãu. Tinha konpeinha doz, tinha munt moviment d' vapor. Um vêx, vapor ta kumsá lá dbóx, na Mont Kara, ben pe

li. Ex ta seí. Ta tinha tant trabói k' om... k'ex ba gaxá dbóx d' kama pa kabá d' trabaiá. Oj li... ka ten un dia servis. Unx é pur prigusa, purk, lá fóra, ningén ta dá jent nada. Bo ten k' buxká bo vida d' kólker manera. Má li na Sonvsent ten família k' ta guentá familiar até morrer, ex ta sentá...!"

23. Mensagem final inaudível.

## 4.3. PARTICIPANTE III



Nome: Maria dos Reis Santos Rodrigues

Nominho: D. Maria D'Reis

Localidade: Monte sossego

1. Dóna Maria, qual o nome completo da senhora?

4.3. Maria dux Reix Santux Rudrigix.

2. Quantos anos a senhora tem?

4.3. Sitént'on. Góra na janer, dia seix d' janer, N fzê siténta on.

3. A senhora é casada? Qual o nome do marido da senhora?

4.3. Manué! Xkuláxtik Rudrigix.

4. Quantos filhos a senhora tem? (...) E o nome?

4.3. Un so. (...) Iduard. (...) Ta kí. El trabalha eí na Alfândiga... du Mindél.

5. Bom, então, vamos falar um pouquinho da infância da senhora.... dos tempos de antigamente. A senhora se recorda de quando a senhora era menininha... (...)?

4.3. E vida nakéla eltura éra vida boa. A jent tinha munt regaliáx kon kunpanheirux, brinkava tud junt. Nãu havia nada d'... konpléks, tud éra bon. (...) Jent brinkava róda, saltava kórda. Sin. Jugava mália. Sinhóra konhés mália? (...) Nãu? É jog k' jent ponha kuart pédra na mãu y ponha pultad... (...) Na kriol? (...) É... jent ta brinká d' saltá kórda. Bosê konxé? Sin. Jent ta panhá kuart pédra, pidrinha esin, pô-l na mon. Ben fiká ta ptá-l esin. Ta ben panhá d'un pur un, pô pultá... asin... (risos) Brinkava ku bonéka. N kuzia ropinhax d' bonékax. Jent ta kozê ropinhax d' bonéka... (...) Éra akel k' a jent brinkava. Sin. Tud igual. (...) Mnin jugava senpr é bóla. Ah! Bóla nakel altura, nó ka tinha bóla d' koza... ex ta tinha é bóla d' meia, ntxid d'... fazénda. (...)

6. E o colégio... a senhora chegou a ir prá aula ou...?

4.3. Nãu, nãu! N ba pa xkóla primária... té quarta klas. Dalá, a-m ka bai máx! (...) Min goxtava d' kuxtura, bordad, fzê rénda... (...) Sin, nsinava. Nakel eltura, ex tava nxiná jent. Tinha profesora d' lavorux. Jent ta dzê lavorux. Ãhã! Fzê renda, fzê pont de kux... fzê pont d' bordód. Jent tava txumá-l lavorux. (...)

7. Bom... e... a senhora foi crescendo, e virando moçinha... como é que era aquele tempo prá meninas namorarem... como é que era?

4.3. Éra difísil! (risadas) Nen tud dia bo ta oiá bo namoród. Éra proibid d'ux paix. É sin... máx dpox, tud... ba ta pasá. Kuand u rapaix já ta tinha kunhesiment esin na kaza, agóra ex ta fiká ta nkontrá máx próxim. (...) Éra xkundid, munt xkundid sin. (...) Sin. Kónd é... un rapax tinha ntensonx, k'el tinha rokurs.... k'éra pa pdí un mnina pa kazament, esin góra, el tava ba falá k' paix pa pdí mon d' sex filha pa kazament. Esin: s' pai kria, oiá koma rapax tinha bonx kondisonx, el ta aseitá! Máx, s' ka tinha é... trabói, ka tinha kondisonx, nãu! (...) Teimava, sin! Fikava djunt xkundid. Igualment. (...) É? Li nãu! Li ka ten ond'é fují. Tud é li mesm pknin!! (risos)

8. (...) A senhora se recorda de alguma amiga assim "do peito"? Aquelas amigas que a gente guarda, assim, para a vida toda?

4.3. Jent ta tinha txeu. Máx dxpox d' gránd esin, unx ta separá, unx ta nbarká ba pa xtranjer... otx ta ba morá ratoród. Esin, ta ba ta faxtá... amizad... ta ba ta perdê pok d' amizad.

9. E os bailes, Dóna Maria, como é que eram? Os "badjux'?

4.3. Ò! Badjux? Jent dzê bóí. Bóí éra sáb. Āhã! Jent ta bixtí, bnitinha, ba pa bóí. Tokador, jent ta ntrá na bóí, dansá, ben.... pelamenhán, rapax ta ben buxkó-bo na kaza, ta ben buxká dáma na kaza. Kuand bóí kabá, el ta torná ben trazê-l na kaza. Éra esin. Jent tinha... jent tinha, pur izenpl, jent tinha... un nisisidad ta ba fzê, bo tinha k' txumá ot emiga, k' éra p' konpanhó-bo. Nun pudia seí bo so! Nãu! (risos) (...) Nãu! Rapax nãu! Éra un mnina! (...) Tinha, sin... k'éra un kuidód k'éra ruin! (risadas) Senpr ex ta.... dpox, ex ta ben vrá emig... nó prinsíp, ta tinha ravididad, máx, dpox, ex ta vrá emig!

10. E roupas, como é que eram antigamente? Como é que as moçinhax... as senhoras se vestiam,?

4.3. Sin. Jent ta bixtí bixtidin, seía ma bluzá. Jent ta tinha nox ropa k' nó tava ba pa féxta. Tiinha prop ropa d' ba pa féxta, y tinha ropa d' bixtí tud dia. (...) Tinha diferensa, sin. Éra só.... ropa d' tud, diar, éra so. (...) Entigament, tava kozê. Ka ta tinha ropa feit. Éra kozê. Konprá fazénda, ba mandá kuxturera pa kozê. Bo ta ba fzê midida, dá mudel k' bo kria, kuxturera ta kozê, bo ta ba prová, pront!, el ta rasebê! (...) No! Ta binha d' fóra. Pa pô na loja, komersiant ta mandá buxká, nportá... ex tava ben trazê... txigá, nó tava konprá... pur métr. (...) Xita. Tinha tanbe. Li tinha tanbe xita. Xita, vixin, séda, sitin, āhã! Tinha tud! Krêp. Tinha sin. Tinha krêp sin... diazá! Lin tinha. Lin éra máx pra om. Fzê fót brónk. (...) E... tud bixtia kuazi igual. É... Rapaxix ta vixtí kalsa... esin un ropa popular. Normal. Ta vixtí un kalsa, un kemiza, un pulôver. Āhã! Agóra, s' tinha un ot lugar, diferent pa bai, ex ta vixtí senp six fót... gravata. (...) Nãu! É... kele vêx, ex ta bixtí éra fót d' bónh konplet, āhã!, k'el ka tinha kort! Nãu! Má pok jent tava ba pa bónh bixtid sin. Āhã! Ex ta vixtí éra fót d' bónh konplet. Nãu éra biknin nen éra sutian, nãu! Éra fót d' bónh nter! (...) Ex ka tava bai. Ex ta bixtí ropa ku dbóx... normal! (...) Nãu! Senpr éra nu final d' simana.... Notx dia, tud jent tinha k' trabaliá. Mnininha tinha k' ba trabaliá... na kaza. Tod mund trabalalhava, entigament...

11. A mãe da senhora que ensinou a senhora a fazer comida...? (...) E o que que ela ensinou, assim, que a senhora mais gosta de fazer até hoje?

4.3. Tud in kuant. E... un karn, e... un kmida d' jent pobr. É un... ta fzê un karn, un gizód, fzê un bif, esin. Un kzid. Esin... k' jent ta dzê kánja. Fritá un pex, fazer un sebolad... esin! (...) Guxtá tud. Nãu ten diferénsa! (...) Kmida d' Kabverd deve ser kuaz kom k' braziler. Ten, pur izenpl, kald d' pex. Vosê konxê kald d' pex? Pox e... pex kuzid. Sin. É kel lá... frit. É kel é kmida d' pex! (...) Ah! Katxupa, kel lá sin, é... pur izenpl, ten kel midj... kutxid... (...) Nãu! É difisil nãu! Ten... ten dôx manera d' fzê-l: un é pobr, ot é un kaxupa max rika. Pur izenpl, kaxupa máx rika: mili, tudx pés d' feijãu, tumat, karn d' vaka, etun, karn d' pork, xauris, rupolh y tud max ortalisax. Tud feit lá nakel mexm kaldera. É goxtos! (...) Ah! Kmê munt. Tava munt gord? Tava k' munt gordura? Kel lá fzê jent mal...

12. Mais aquele tempo, as pessoas tinham muita superstições (...), por exemplo, que não podia sair meio-dia (...), a senhora se lembra de mais alguma coisa, assim, desse tipo?

4.3. É... seí mea-not y... ér... koza ke ex tava dzê, ne? Ex ta dzê... ér... ta tinha katxorróna. Kunxê katxorróna? É unx katxorr gránd... d' kãu! Grandon?! (...) Ah, sin, é lubizom! Má lubizom n'é un k' ex kontra. El gritá? Tinha es. Ex dzê tinha unx koza kunprid, mód unx pau kunprid, ex ta txumá Kanilinha! Āhã! Jent ta sintí med. Dzê k'el ta ba tud dret... (...). Āhã! Un perna so... kunprid. El ta ba é tud dret. S' el voltá, el ta keí. (...) Ah! Ex dzê el tava seí d' noit, tard da noit. Kel vêx, nakel tenp, ka tinha lux... é... el ta izixtí máx na part xkur. Munt jent tava oiá-l. Pénax ex oiá-l, esin é... korrê... ba zig-zag... k' el ten k' bai é tud dret. (...) Sin, sin. Tinha med, prinsipalment katxorróna... k'ex k' s' bo npliká-x, ex tava txumá, ex ta ladrá. Ex ta dá kel grit. Ex ta txamá sex data d' katxurin. Xix katxurin pknin ta ben, el ta matá kel psoa. Tinha tanbe Masônik. El kunxê masônik ne Brezil? (...) É un omen k' ta kontratá k' setanáx p'el podê vrá rik. Tinha sin, āhã! Ex ta pegá jent, ex ta torturá jent. S' bo andá d'not, ex pegó-b. (...) Sin. El ta levó-b pa mar, pa praia, ptó-b na mar, karregó-b lonj pa róxta, ta fiká... bo tava fiká tont, jonj! (...) Ax vezix, na de dia, tenbén ta tinha. De dia, k' ex kónp... es und'é k' ka ten munt jent, ta parsê senpr. Henrikéta já tiv d'oiá-l! Āhã! Unx kavól gránd, k'lux om brónk. (..) Y el ba oiá-l, txeu jent ta oiá... āhã! Ah! E ta parsê na kónp, sin!

13. (...) A senhora se lembra daquelas historinhax que os mais velhos contavam?

4.3. Ah, sin! A-min ka pôx na kabésa. Nha avô é k' tava kontá txeu. Mi éra mnin, jent ta pô ta brinká, ex tinha txeu xtóra, má min ka ta rakordá des.... (...) Nãu! Tanbe éra diazá k' ta kontá... já dpox, nãu! Xtóra ka ta izixtí. Góra, mnin ka krê sabê d'xtória... (...) É tilivizãu, é jugá, é pulá. Kes xtóra já nãu! Y mesm já ka ten jent gránd pa kontá xtóra. Tud morrê. Góra, jóven krê e féxta!

14. E a senhora acha que essas mudanças que tem acontecido... tanto os jovens quanto as crianças... todos diferentes... a... foi para melhor ou prá pior?

4.3. Nãu! Mudansa foi pior! Mau-idukasãu. Y falta d' roxpeit. Já oj, un kriansa ta falá kalker palavra gránd diant d' un psoa, el ka ta raxpeitá-l, e' ka ta nada. El fzê, kontisê. El é fei... (...) Nãu! Fikava esin... tud junt! Ux... é... kex mnin n'e tava seí, ex tava ba brinká. Jent gránd tava fiká. Kabá, ex tava entrá, pa ka uví konvérsa d' jent gránd. (...) Éra rospeit!!

15. Antigamente, (...) eram sempre famílias grandes. Como é que o pai e a mãe faziam para educar esses filhos? Tinha... os meninos tinha que trabalhar... como é que era?

4.3. Ex tinha k' fzê tud xpés d' sakrefisi pa iduká-x. Unrrun! É kel lá. Kónd filh é txeu, bo tinha k' dá un... kel k' tinha máx ntilijénsa é k' tava vansá. Kel k' tinha pok kabésa, ta trabaliá otx trabalh k' n'éra xkóla. Ken k' tinha kabésa, paix ta fzê kel sakrefisi pa iduká-x.

16. (...) O que que a senhora gosta de fazer que não seja obrigação... que dá bastante gosto?

4.3. Un rénda, un bordód, un kuxtura, ahã! (...) Sin. Kroxê sin. Trikô sin, jent ta txumá-l trikô. Nãu! Trikô, nãu! N ka ta sabê fzê trikô... (...) Kroxê N ka ta konprendê-l ben. Ex trikô ten sin.... Un vêx, un franséza kria nxiná-m, máx dpox... nunca prendê, pur akaz. (...) Min, só rénda. (...) Sin. Sin. Kel bonéka bo ta dezenhá-l nun pón, bo ta rixká-l k'un lépix... Kabá nton, bo ta ben pliká-l lá, bo ta ben montá-l... kuxtura na mákina. Bo ta pô-l kel kabel puxtis. (...) Kabel d' linha d' sitin, fazénda d' sitin... (...) Āhã! Dixfiá k' kel kabel... Āhã! Bo ta fzê kels fulin, bo fzê kel korp d' riba dekel dzenh. Kabá, ben montá kex fôli, dizenhá kex pizin, metê dbóx del...

17. D. Maria, (...), como é que foi o casamento da senhora? Como é que a senhora conheceu seu marido, depois, como é que foi prá casar, a senhora pode contar prá gente?

4.3. Sin. É... a-m konxê-l, mi tinha dozi ónx. A-m tinha dozi pa triezi ónx. Esin, jent kontinuá, kontinuá... (risos) Agóra, é segred! Dá dizaseix on, N ben tiv un fidj. Inda N ka tinha dizaseix on. Dpox, nó fiká, fiká, fiká... el nbarká. Dpox, N ben ba pa Dakar. Nha fidj fiká ma nha mãi, ma nha irman. E esin lá, nó bai kpa nó kazá. (...) Sin... el trabaliar na... bórck. A-min, N ba pa Dakar, N ba trabalhar na kuxtura. (...) Nãu! Mi xtranhá. Prinsíp, N xtranhá, máx dpox, kuxtumá. (...) Li? Dex k' N ten dozi ónx, li é k' nó tava morá, max n'éra esin. Dpox k' N ba pa Dakar, N ben, nha merid ta ba tanbe trabaliá k' nó ben modifiká-l. (...) Sin, ka tinha máx raméd, ér esin...

18. A senhora conhece mais outras ilhas (...) ou não?

4.3. Ilhas? Já-m tiv d' pasajen. Soment d' pasajen. Já-m tiv na Santiag... d' pasajen. Tiv na San Niklau, tud d' pasajen. Tiv na Boa Vixta, k'é ot ilha, d' pasajen. N tiv na Sal, tud d' pasajen pa ba pa... pra viajá.

19. Eu ouvi falar muito em todas as ilhas (...) que, antigamente, chovia muito mais aqui...

4.3. Sin. Ta txovê txeu. Diazá.... inda mi éra pknin, ta dá xuva, kmida txeu! Tudx pes d' kmida. Góra, ka ten xuva. Ax vêx ta ten... ten ón k' ta dá unx'óra d' xuva, max nada! É kel! (...) Òra ta dá unx trêx dia, má disfarsód. (...) Trabalhar é bon, pur akaz, purkê li, ex ka ten xuva, ka ten nada. Li trabói é pok. Ka ten ndúxtria, esin, k'é pa metê tud jent na trabói. Muntx ta prifrí ba fóra pa ba aventurá vida, p'ex podê tê un... kaza p'ex metê kabésa. (...) É bon... é bon sin! Ah! Éra melhor! Kónd ten xuva, ten kmida. Munt jent ta sumiá, ta ten kmida máx barót, jent ta konprá. Má ka ten, el ta ben tud d' fóra, el é kór! (...) Eli na Sonvsent? Baxta tê água, dá tud! Ten ortalisa, ten batata, sinora, ropolh, mandióka, bóbra, tud, batata ngléza, tud n kuant! (...) Sin. E' ta dá manga, sin! Baxta ten xuva, ta dá manga, o laranja, o limãu. Ax vex, ten kaza k' ta ten pe d' limãu ne kintal, ta dá limãu, laranja. (...) Tinha... e... ka tinha munt txeu jent, dántx. Diazá, ka tinha munt txeu jent! Dpox, pur kauza d' faltas d' xuva, falta d' trabói, ben txeu jent dex ot ilha, ben pr'eí. Ben fiká li, purkê li é un ilha já d' maix rokurs. É... li bo, pur izenpl, s' un psoa ta té tard da noit, bo ta o... otxa un lója, bo ta konprá un asúkra, bo ta konprá un xá, bo ta konprá un bolaxa, un pãu! Munt ben. Y nex'ot ilha, nãu! K' jent podê tenun kólker koza, máx lonj, dixtansiód. Esin k' li é maix d' rokurs. Li, senp, ta parsê un dia d' trabói midjor d' k' nex'ot ilha.

20. Agora, vamos falar um pouquinho de saúde: a senhora sabe fazer remédio d' terra? (...)

4.3. Ah, sin! Jent ta fzê txeu! Jent ta fzê xarop. Pur izenp, d'... xarop d'agriãu, xarop d' laranja, xarop d' limãu, xarop d' sinora. Esin jent ba... (...) Nãu! Kel lá jent konprá, senp, na farmásia. Y ten un érva tanbe k' ex dzê... ex ta dá mnin, k' é babóza. Babóza... ten txeu sin... K'ex ta fzê kel ramed d' babóz, dá, ex ta dixfazê kex bitx, kex verm... (...) Kel vex, (risos), s', pur izenp, ne kónp un mnin dá un topada, panhá un pankada, el ta panhá terra, el ta pô, el ta kurá, arran! Y kurava mesm! Un pont, un so... é sin k' txeu mnin ta fzê: ptá terra, kurá! Kel vex, terr éra linp, ka tinha mikrob, ka tinha koza. Ta butá terra, el ta fitxá.

21. (...) A senhora chegou a criar algum porquinho em casa (...)?

4.3. Min, nunca N kriá pork. A-m tiv k' kriá un kabra. (...) Miliu. Kmida kzid, farél d' mili. Limentasáu, sin. (...) Palia, kónd tinha palia. Palia, mili, esin... farél... (...) Sin. Krexê mes... dá leit. (...) Nãu! Fzê kej é kónd kex jent ten txeu kabra, k'ex ta ten txeu leit, k' ex ta fzê kex kej. Má já-m oá jent fzê kej.(...) ...má nunca N fzê-l.

22. (...) A senhora conheceu alguma parteira? O parto da senhora foi nó hospital? (...)

4.3. Na kaza. Is éra kom un nfermeira (...) Kónd tivés... kónd ta tinha problem, ex ta ba k'el log pa xpital. S' tivési problema, partera ta fzê sê un part normal, sen prig. Máx, s' e' oá kólker reasáu d' prig, ex ta ba k'el log pa médik. (...) Tud senp tinha médik!

23. É... viver numa ilha. O mar estar ali, à volta, o tempo todo.... quando a senhora olha para o mar, o que a senhora sente? O que é o mar para a senhora?

4.3. Pa min, mar é un ligria! K'é dent d' mar é k' bo ta ba d'un part pa ot. Y bo ta sintí flix xtód na pért d' mar, ta rasibê kel briza frexk... é sin! (...)

24. A senhora se recorda daquele tempo... alguma música de antigamente? (..)

4.3. Sin. Ten txeu k' N ta goxtá! (...) Nãu! N ka ta lenbrá, gó, sex nóm esin... koza, má N ka ta lenbra sex nom. Ten txeu músika bnit... diazá! Góra, ultimament, unx mórna bnit... arran! (...) Ex ta tinha kex féxta, kex jent já sin k' tinha kex é.. sosial. Ta tinha kel jent senp k' tava ba kantá pa divertí-x. Ex tava xtód nakex bar, esin... ta tinha, góra, kel psoa k' ta kantá k' p'ex sintí kel prazer d' xtód...

25. Como é que eram as festas tradicionais da Igreja Católica, as festas de santo (...)?

4.3. Li, pur izenp, féxta d' sónt... é... tud jent ta ba p'igreja fzê kel misa. Nho padr ta fzê kel missa. Tinha kex mnin k' ta vixtid tud k' kruxada, kex bixtid bronk, k' kex krux vermelh. Esin, ta tava góra, nho padr ta seí k' kel andor, k' kel sónt na pursisáu, ta rudiá rua, tud jent ta ba ta kantá kentiga d'igreja. (...) Ten féxta máx preferid... li ten. Ten karnaval, San Jon, Fin d'on, Páxkoa. (...) Li na Sonvsent? So karnaval k' ta durá, pamód karnaval, bo sabê, é na tud lugar! Eki, ex ta fzê féxta. Y, pa ex, pasá kuaj tud dia na féxta. O réxt é un dia so!

26. (...) Agora, qual novela tá passando?

4.3. Ta oiá senp, senp, senp! N ta oiá novéla.. ãhã! Gostá txeu novéla braziler! (...) Grinhaxin é... k' jent oá tud... en kaset... má lli na koza, jent ta oiá e fórsa d'un dizej. Má N tinha el oiód na kaset, dántx.

27. (...) A senhora acha que tem mudado muito o crioulo mais antigo? (...)

4.3. Sin. E' ti ta ba ta mudá nex ilha, purkê, eli, kada ilha ten se sotak d' konvérsa, má kónd ex ta ben pa Sonvsent, ex ta ba ta... ntranhá na linga d' Sonvsent, ex fiká kuaj tud igual. Ten un pkena diferénsa d' jent max d' ntirior, d' kónp, pur izenpl, ex ta falá max já dixpasoz...

28. Qual é um grande desejo, um grande sonho que a senhora gostaria de realizar?

4.3. Min, já-m ta bédj. Já-m ka ten nen unx sonh pa realizá... (...) É, mi ten vontad d'oiá senp é nhax net k' ta fóra. (...) Trêx. Un é Paulu, ot é Luix, ot é Rui. Y ten un buxnet. (Bo ka moxtrá-l nha buxnet, Moasir?) Kel ot lá é fidji d'un... kel lá é k' é nha net, ex lisiin!

29. (...) E a senhora, tá com a saúde em dia?

4.3. Ah! Diabet! (...) Min ta kontrolá, sin. N ta tumá é insulina. (...) Kel é bon é pa kolexteról! (...) Ten! Ten babóza k' jent ta tumá feit xá! Fólia d' tanbarina... feit xá butód na água. Munt jent ten tumá. Senp é koza margos! É rva amarg k' é bon p' diabet! (risos) É, pur izenp, é... San kaetón, k'é un mót k' jent ta txumá é... alkatxofra...

30. (...) Vou pedir uma mensagem (...) prá daqui a cinco anos, dez anos... prá o futuro? (...)

4.3. Min ta dzejá e pax ne mund, k'e pa tud jent vivê sen problema, sen ronkor p'u konpanher... Pa tud jent vivê en pax! É kel é k' N ta dzejá. Kex jóven k' ti ta ben, p'ex otxá un mund milhór, suseg y trankuilidad!

## 4.4. PARTICIPANTES IV



Nomes: Antônio da Luz da Graça (4.4a)

Beatriz da Graça (4.4b)

Nominhos: S. Toi e D. Bia

Localidade: Chã d'Alecrim

1. Maner k'é bosê nom konplet?

4.4a. Nha nom é Nton da Lux da Grasa.

2. Tant'ón bosê ten?

4.4a. N ten sitént'y kuatr ónx.

3. Maner k' nom d' bosex paix?

4.4a. É... Juzéfa Júlia da Grasa. Bon, nha pai ka ta na razixtu, má éra Serafin Fort Almeida, k' N sabê. El éra nbarkadixta. Vivê munt temp nbarkad...

4. Bosê é kazód, tónt fidj bosê ten, y maner k' nom d' bosê mudjer?

4.4a. Mi é kazód. N ten dés fidj, y N kriá máx un k' N panhá na rua, até idad d' trópa. Dpox d' idad d' trópa, el ba morá na se kaza, kónd... kónd el pegá na trabóí, N dzê-l: "agóra, bo ta ba pa box paix, ba kuidá d' box paix, k' es npreg k' já bo tê... pkê min, bo dá-m so amizad d' pai, k' N kriá-bo!" Y nom d' nha mudjer é... Maria Tereza Souza da Grasa... unrrun!

5. Maner k' foi bosê nfánsia li na Sonvsent? Bosê neisê li mes na Txã d' Likrin o, onton, kól'é k' é lugar k' bosê naisê?

4.4a. Bon, min... min naisê na Sonvsent... y... lugar k' mi naisê foi un lugar k' ex ta txumá Alt d' San Niklau. Nton, inda munt mnin, a-m ka ta lenbrá idad d' pkinin, N ben morá na Lajinha. É... jent ta dzê Matióta. Nfánsia d' mnin é... N ta ngraxá sapót tanbe, pkê N fui kriód p'un difisient, k' éra karakunda... y k' pé, tudx dôx pe... pe... é vród! El ta sentá d' sima dekex dôx pe. Nton, N ta karregá-l nun kerrin pknin, esin k' róda d' ferrr, N ta ba levá-l na... na Morada, k' é pa el ba ngraxá sapót, k' é pa nha família, k' nó ta subrevivê. Nton, lá tinha... tinha nha mãí, tinha el y... Nton, tinha máx dôx filha, y tinha nha vô y nha tia. Nox tud ta subrevivê trabóí d' ngraxador é k' el ta ngraxá sapót. El ta ba ngraxá sapót lá pert d' bónk... é... d' dond é oj, grinhaxin... k' ex ta txumá lá Sentral, má oj já é Drogaria Liãu. Nton, N ta ba levá-l, pelmanhán. Ta puxá-l nun kórr d'... nekel karrin. Da tard, dpox d' sink óra, N ta ba buxká-l, trazê-l pa kaza, li pa Matióta. Min é... min éra pknin. Anton, dpox anton, kónd N ben panhá nha dex ón, maix o ménx, já na... já N dzê.... Gó, trezi an, max o ménx, k' ben trópa d' gérra d' korénta pa Sonvsent, ex fzê kortél, tráx d' ond é kel kaza d' Matióta. Y lá tinha un kortél, Nton, N ranjá un kaxa d' ngraxá. N kmesá ngraxá sapót p' N ba ta ajudá tanbe nha família. Nton, lá na kortél... é... N ka ta prifirí tumá dinher d' ngraxá. N ta prifirí tumá réxt d' kmida, k' éra pãu, sopa... N ta levá pa kaza, tanbe, pa ajudá subrivivê. Lá tinha otx mnin tanbe k' tinha vind d' San Niklau na korénta. É... ke na temp d' fom, San Niklau na korénta, mil noviséntx y korénta... na temp d' gérra, morrê txeu jent na San Niklau d' fom. Nton, ben algunx mnin pa Sonvsent, txeu jent na Sonvsent akolhê. Nton, N ta ngraxá. Nãu só N ta levá kex réxt d' kmida pa kaza pa nox ta subrivivê, kom kex mnin N ta dá-x tanbe! Purkê lá na kortél tinha unx sodód k' éra nha amig é... kom N ta ngraxá sapót... na kaza... tinha max mnin ta ngraxá tanbe. Má kada un tinha se fregêx. Nton, kex trópa goxtá d' nha manera, anton, ex pô-m... ex dá-m un orden d' N fiká ta ntrá eí dent d' kortél. N ba ngraxá lá dentr d' kortél. Alá agóra, N ta ganhá máx dinher, góra. Anton, ok' k' N ta fzê? N ta levá kmida pa kaza, N ta dá kex ot menin... y... dinher k' N ta ngraxá da tard, N ta fzê konta. N ta dá nha mãí xix dinher, N ta trá xix pa N ptá nun kofr. Nton, ta trá xix pa konprá graxa, pa kontinuá trabólh. Nton, N ba nakel trabalh. Ax tantax, N ka tinha xkóla. N dzê

sin: "okê? Nãu! Min ta ben xtudá!" A-m tinha so sigunda klas, má sigunda klas é nada, nada! Dpox, N ben... kónd N ben lá d' ngraxá, N ranjá un prufsóra, N fiká ta pagá-l p' mêx, N konprá livr, kadern, N tumá... N fzê tersera klas. N tmá un an d' xkóla terséra klasi. Tud pagód dakel kofr k' N tinha juntód. Nton, é... kónd, anton, N fzê tersera klas, kofr seká. Nton, nha profesóra dzê-m se N kria kontinuá xkóla. N dzê-l: "non, agóra, N ka ten trabólh!" Agóra, N dzê: "non, a-min, a-m ka krê xtuda maix! Agóra, N krê ba trabaiá pa-m judá nhax paix!" Nton, na altura é... inda min inda rapazin, N ta ba pa konpiía d' karvon. Ba bigiá trabói. É... ex ta irgí-m sidin, medrugada, kun unx friu... N tava ba pa... pa... karvon, pa lugar d' karvon, na kaza Miler, tenp d' karvon. Nton, lá ta tinha munt jent na frónta. Anton, kom inda N ka tava podê fzê trabói d'un om, ex ta dá-m un trabói k' N trabai junt ma mudjer ta pintxá kórr d' karvon. Nton, N ta ganhá dinher d' uma mudjer. Nton, nakel tenp, un dia d' trabai éra dé'xkud. N ta risebê kel déx xkud, N ta levá pa kaza. N ta txigá na kaza, nha mãi ta dá-m sink tuxton pe min. Kel ot ér pa kaza. Nton, kex sink tuxton, s' N ba Morada, N konprá, pur izenp, un pon d' midj o un rebusód. N ka ta kmê na rua k' mi tinha vergónha d' kmê na rua. N ta levá, N ta levá pa kaza, N ta pertí máx nhax dôx irmá, inda ex erá... ex éra inda max pkinin. É... dpox... dpox anton, é... N ba, anton, ta buxká trabói, ta buxká trabói, kónd N tinha idad d'... ben parsê trabói n' Angóla, kontrat d' Angóla, já-m tinha nhax vint'y tal ón....

6. Kel tenp, antix bosê ba pa Angóla, kónd bosê éra mnin... bosê ta trabaiá txeu, má s' bosê tinha algun tinpin pa bosê brinká. Y kal é tip d' brinkadera k' bosê ta fzê, kónd se ér mnin?

4.4a. Bon, é... kónd mi ér mnin, nó tá... ta ba pra Praia, jugá bóla ma konpanher. É... nton, jent ta... kom nó ka ta podê konprá brinket, nó ta fzê brinket d' bórr. Sin, térra... fzê brinket, pô ta brinká. Unx ta fzê vapor d' bórr, otx ta fzê mód unx kerrin, tud d' bórr, kê, nakel jent ka ta podê konprá brinket. É, nton, é... dpox anton, N ben txigá na idad d' vint'y tal ón k' N ba pa Angóla... ben parsê kontrót d' Angóla.... má, ántix d' N ba pa Angóla, a-m tiv d' trabaiá, tanbe nun fábrica de... pãu. Nton, é... N ta trabaiá, má N ta levá tud dinher pa kaza. N ka ta gaxtá dinher na rua. Nunka na nha vida, a-m ntrá nun Buat, pel ménx pa gaxtá dinher. Máx inda min inda... inda... ántx d' N kunxê nha mudjer, un dia, N pô ta pensá sin, N dzê-m: "N ta ben nkontrá un amiga k' é úník fidj na se pai. É... dpox, k' pa nó ben kazá..." E esin mnin k' ta pensá. "Pa nó ben kazá, pa nó vivê filix!" Bon, juxament kalhou sért. Min nkontrá nha mudjer k'é Meria, k' éra unik fidj na sê pai d' véra. nó ben kaz... déx fili... nó ben kazá. (...) Bon, N konxê-l pur ntermédi d'ota amiga k' N tinha. Enton, é... el tava ma kel ot amiga, já-m tinha vint'y tal ón. A-m tinha vint'y tal ón, non é d' véra?

4.4b. El ta morá na Matióta. Y min ta morá na Font Filip. Y es amiga d' meu, el konhesê-l li na Matióta. Konhesê-l na Matióta, dpox, es amiga ba morá na Font Filip. Mi ma el éra munt amiga. Anton, el ma el tava ba... éra kunhisid a munt tenp, el ta ba pa se kaza. El ta ba, el ta otxá-m lá. Lá k' mi ma Anton konhesê!

4.4a. É... anton, na rialidad, el ér unik fidj d' se pai, anton, ki nó ben... nó ben morá.... Ah! ma un ot... ot koza: ántx d' N morá na nha kaza, N pdí Deux n'ér p'el dá-m fidj, enkuant el ka dava-m trabói, k'éra p' N pudia guentá nhax fidj pa ex ka pasá falta. Nton, ta kontisê kónd é... N ben otxá trabói, nov mêx a partir d' data k' a-m otxá trabói, nov mêx juxtin, nha primer fidj naisê!! (risos) Ãhã! Tanbe, ántx d' a-m otxá trabói, tiv un kaz munt ngrasód, pur izenp, N tinha un konpradr meu, nó ta pasiá, ta biziá trabói. Un dia, nó ba pa Ribera Bot, pa biziá trabói, má nó ka ta otxá. Ex ta dzê-no: "é na Morada k' ex ta trá om pa trabói" nó ben pa Morada, ex dzê sin: "nãu! É na ribera Bot k' ex ta trá om pa trabói". Nton, mi

ma es konpradr ba na pórtá d' greja, nekel prasinha, nó sentá. Nton, kel kunpradr dzê-m: "ó konpradr, e... da tard... óra k' nó ta nkontrad?" N dzê-l esin: "pkê? Pa nó seí ta biziá trabói, pa ex fzê-no jog d' bóla!" N dzê-l: "min, non!" N vrá, anton, na brinkadera, n dzê-l: "ó kunpadr, min ta sentá na kaza..." Má inda, nes altura N ka ta konxê Bia. Nton, "N ta sentód na kaza, kónd... é... trabói krê, trabói ba buxká om na kaza tanbe!" Bon, nó dzê, nó largá konpanher, ba pa kaza. Inda éra n temp d' nhax paix. Kónd min txigá, kónd mi txigá na pórtá, malmente N ntrá, el dzê-m: "ba kudí xef d' ltalkap!", k'éra sinhor Manhana, un italian, k' ta konxê-m diazá. N dzê-l: "pa k' el krê-m?" El dzê: "N ka sabê!" Má, N dzê: "AH! Má na óra d'almos! Txá-m almusá, pox anto N ta ba!" Dpox duas'óra... óra k'.... d' xpicient, Nton, N ba kdí-l... N ba kdí-l. El dzê-m k' éra pa dá-m trabói. A partir dakel dia, até agóra, nunca maix N ditxá d' trabaia! Pkê é juxtin: trabói ba buxká om na kaza d' véra! (risos). Log, N fiká lá trabaia pur simana, dpox anton, ben parsê ex lugá li na Lajinha, k' ex konprá lá na temp d' Bonasi Lasa. Nton, el kolokô-m lá dbóx. Nton, ex koloká-m lá dbóx, N ba morá mi ma tud nhax paix. Lá, anton, nhax paix morrê tud lá. Já na altura, já-m tinha kunhisid nha mudjer. Kónd nó ba morá lá, kónd nha fidj naisê, N ka nen sabê k' menéra k' N dixkubrí. N ba biziá na se rezist del...data k' N tiv kontratód trabói dá juxtin nov mêx!. Foi asin. É... nton, el tinha munt fidj na se pai, aliás, úník fidj. Anton, se pai, anton, ta morá... el tinha se kaza na Font Filip... se pai Nton, ta ba ta xtód na se kaza na Font Filip, má lá na Matióta, é ke'l ta tumá kafé, almusá y jantá. Má dia k'el ka ta podê, pur izenp, d' not ba levá pa jantá. S' el dimorá N ta tumá jantar, N ta ba levá-l lá na se kaza. Já el ér un om... un om d' idad, já velh. Nton, kel k' é se dia...

7. Bosê ta konxê algun provérbi dakex k' ex ta uzá un vêx? Kex kriol k'ex ta uzá, pur izenp, mód é... briga d' mudjer... jent ka ta metê kudjer, mód ex ta dzê, en kriol.... s' bosê ta lenbrá dargun dakex xpresãu ke ex ta uzá un vêx?

4.4a. Bon, min nakel zóna, nakel renka d' kaza k' N morá, éra un família... pobr, trabalhador, máx, por akaz, ka tinha gérra, ka ta tinha nada. Ker dizer, éra un jent k' ta vivê trankil. Y, kom min, N ka ta andá lonj, N ka tinha sin kel kunhisiment. Y min, dix k' N konxê nha mudjer, nunca nox brigá. (...) Pruverb... jent ta uví-l... (...) Bon, min ka ta lenbrá. Hã? Mi ta ta ta xkisê, sin. Bon, N dzê N ten... N ta kabá pur xkisê!

4.4b. S'el ben kontá-bo se xtória, d' se vida, un dia nter ka ta txigá. S'el ben sentá p' xkrevê se vida, dix k'el é mnin... el tava dá max k'un livr...

4.4a. É... nton... Sin, na gérra... nõu é... na temp d' ravolusãu, foi na mil noviséntx...y... non! Trint'y sink! Data k' nha irmá tráx d' mi naisê. Nton, nakel data, tinha... já tinha fom na Sonvsent, inda ántx d' korénta... dpox foi dent d' gérra. Má, na trint'y sink, tiv un rovolusãu k' ex ta txumá Kapitãu Nbróz d' Ribera Bot... fzê un ravolusãu. Má min ér mnin. Nton, nes altura é... nha mãi tava ta sperá ten... nãu! El tinha tid kriansa, parsê-m ér d' set dia na... set dia k' el tinha neixid. Nton, N tinha un tiu, ba Morada, el otxá nakél rovolusãu tud jent ta metê na armazán, ta panhá kmida, e... organizód p' ex kapitãu... e... já oj ex ta dzê Kapitãu Nbróz d' Ribera Bot. Má min ka ta lenbrá. Ex ta kontá-m, k' mi éra munt piknin. Anton é... dpox, kónd rovolusãu pará, otoridad seí na zóna ta biziá ken k' tinha robód materiaix d' xkritóriu. Ker dizer, rovolusãu pa panhá kmida, ex ka ta fzê nada, k' ex panhá kmida p' sobrevivê. Agóra, kel k' ba roba mákina d' xkrevê y materiax d' fzê koza, kel já éra vísiu. Kel anton, ex ta seí, ta tumá. Nton, ex kontá-m... nha mãi é k' kontá-m, nakel altura, nha tiu levá un sala d' farinha d' trig pa kaza. Kom... é... nha pai d' kriasãu éra mónk, el ka ta podê ba panhá. Nton, kónd txigá na kaza, kex

uví dzê k' ex ta... ta rabolbê kaza d' ken k' tinha, na rovolusãu, levód matiriaix d' xkritóriu, kom mákina d' xkrevê, etsetera. Nton, kel sók d' farinha d' trig, kon med d'ex trá-l... k' ex ex kontá-m, ex dzê nha mãi, ex metê-l un... mód un treviser, el pô-l lá d' sima d' kama. El ta k' se bebê inda na bers, el detá lá. Nton, kónd txigá pulísia, ex ta dá pórt-a-pórta, kónd txigá, ex konkí, ex dzê:" é li k' Kaeton ta morá? É... nãu! Nãu val a pena nen jent ntrá, pkê, purkê el é mónk. El ka ta podê ba fzê ravolusãu!" Nton, ex birá not pórt. Nha irmá ta detód puxt kabésa sima de se truviser d' sók d' farinha d' trig. (risos) Manera k, dpox nton, koza ba ta pasá. Min, N ben já na gérra d' korénta kom éra... parsê kel fom na San Nikulau, enton, kom k' já-m tinha dizid, ben txeu jent d' San Niklau subrevivê li. Pox, kónd N ben, nton... na mil noviséntx y sinkuént'y un k' N ba pa Angóla. N ba pa Angóla... bon, grinhasin, s' N ben kontá xtóra d' Angola, el é munt gránd!!

#### 8. Y kónd Bosê voltá d' Angóla?

4.4a. Bon, kónd N voltá d'Angola é... juxtament k' N ben... (...) Dpox k' N ben d'Angola... nes altura, N tinha vint'y tal ón, agó N ka ta lenbrá... Pox anton, kónd N konxê... nton, nha mudjer... dpox k' N ben d'Angóla, N konxê nha mudjer. Juxtament asin kom dize-bo, nov mêx dpox k' N konxê-l, k' N ben ter nha primer fidj. Tinha juxtín trinta on. Nton, dpox anton, N ben... komeseí ta viziá trabói... k' N ben npregá na Italkap. Má mi, na Italkap, un dia, un sinhor.... N ten txeu sonhx tanbe, ten k' ta kuntisê na realidad. N tiv un sonh, N dzê nhes konpanher d' trabói na Italkap, N dzê: "bzot oiá deli trêx mêx o trêx ón Italkap ten k' kabá!" Ex dzê: "nãu! É inpusível! Nãu!" "Nton, nton xperá, bzot oiá!" Nton, é... dpox, dpox... un semana dpox, ben orden d' Itália k' ta kabá dent d' trêx mêx. Nton, má dpox, kónd N txí pa bóx d' Italkap, já-m ta morá li dbóx, Italkap ta fiká lá d' sima nakel ólt.

4.4b. Dpox bo moxtrá-l und'e k'e ITALKAP...

4.4a. Mi txigá na kaza, N dzê nha mudjer: "oiá, já ben ord... telegrama d'Itália k' ITALKAP ta kabá... ta kabá dali trêx mêx, má fiká trenkil, purkê p' min ITALKAP ka kabá!" Nton, kónd ben órd d' ndemnizá psoal, ex mandá tud jent pa kaza, min fiká. Má mi tinha avizód, min k' ta fiká... mi oiá na sonh.

4.4b. É... bo dzê: "nãu! El ka ta fitxá nada k' mód mi brinká ma bzot!" Kond el ta ta fitxá, agó bzot ti ta dzê-m asin: "N voltá pa el, nton, ex dzê-l asin: 'Anton, ba xperá na pórt!'" Ma kel, es psoal, koléga d' trabai d' se ta ti tomá-l na brinkadera kom ITALKAP ka ta ba fitxá. Ex kerditá é kónd ben órd, k'ex oiá editál pregód. Kónd anton txigá, ex dzê-l: "ó, Toi, ITALKAP ben fitxá d' véra!" El dzê: "góra, mód mi dzê bzot esin, na brinkadéra, agóra bosêx ben dzê-m?!" "É véra! Nton, bai oiá!" El bai y otxá-l lá xkrit. Agó N kriditá tanbe... (...)

4.4a. Nton, prisizament, ex xkuí-m k' é p' N fiká kom guarda té... pront! Dpox anton, ben ntrá Enpa, na altura da ndependénsa. Ah, nãu! Primer, kónd ITALKAP kabá, ex dá-m uma indemnizasãu. N dzê nha mudjer: "kom inda N ti ta ganhá un ordenód..." tud jent ba pa kaza, fiká min so ganhá kel ordenód. Nton, ex dá-m kel indemnizasãu, N dzê nha mudjer: "é... es indemnizasãu nó ta ditzá-l lá na bónk. Inkuant nó ta ganhá ex ordenód, N ka ta mexê na el!" N ka dá nen un bixtid na el, dakei ndemnizasãu. N ka konprá ninhun arrox. N ka konprá nada, nada, el fiká lá. N dzê-l: "máx, nun kaz, s' N dzinpregá, Nnton, N ten... nó ta biziá uke k' nó ta fzê k' kel dinher d' ndenizasãu. Dent des temp, N komisá konxtruí un kezinha d' meu lá na Font Filip... k' se pai tinha un kezinha fet. N dzê-l: "oiá, y... agóra nó ben aranjá, pô un lujnha, lá na Font Filip. Bo ta fiká ta vendê, má el ka sabê lê, má da konta fazia máx k' mi (risos). Nton, N pô-l lá anton, lá nakel lója. Dpox anton,... já nó ta kazód nakel altura... (...).

4.4b. Kónd nó kazá, N tinha vint'y oit on. El tinha... el ta levá-m set an, já nó tinha kuat fidj. Dpox d' nox kezament, nton, ben neisê max seix. Primer, a-m tiv un rapêx, dpox ben un mnina, dpox dakel mnina, ben max seix rapax. Dpox dakel rapax, ben max dôx... mnina. Nair é k' é kodê!

4.4a. Tanbe, tanbe, N pdí Deux k' éra pa dá-m max om d' k' mudjer. É... N ta ganhá pok, mi éra un guarda, N ta ganhá pok. Amudjer ten máx dxpéza k' om. N pezá tud... mudjer é máx dxpéza na bixtí-l, na... N pensá na tud, na bixtimena, na kex kuidód! Tenbe Deux dá-m set rapas y trêx mnina. Deux... tud k' N ten pdí Deux, até góra E' ten mi dód. Nton, un dia, N dzê Bia... klaru, kom nó ta vivê txeu tenp sorter, N dzê nha mudjer asin: "ó, Bia, nó ta ben kazá!"

4.4b. Má kazá d' k' manera, nó ka ten nen un tuxtáu d' razérva?

4.4a. Ah! ántx d' ITALKAP kabá. É... el dzê-m asin: "manera k' nó ten k' kazá?" N dzê-l: "a-m fzê nha plan, nó ten k' kazá!" N marká. Nton, se... not, kónd se pai, not ba buxká jantar... é... "mi ma bosê filha ta ben kazá!" N dzê-l log mêx k'no ta kazá. Mêx d' junh, ne?

4.4b. Kinz d' junh.

4.4a. N dzê-l: "no ta kazá." Se pai dzê: "bon, é... pai é... ten direit bixtí... da filha bixtid d' noiva nakel k' el ta trá dent d' kaza, má kon bzot ta morá na bzot kaza, a-m ta do-be un xis pa ejudó-be na se... se bixtimenta." Bon, ok. Dpox, se pai ba, N dzê-l: "ó, Bia, manhán, kónd el ben trazê-bo es dinher, ba tratá d' papel na rezist d' kazament k' N ka ten un tuxtáu ma min!" N ka tinha d' véra! (...) "Inda góra, ba... k' es dinher k' bo pai trazê pa bixtid, bo bá-x tratá papél na resist bo mes, k' mi ka ten dinher", N dzê-l. El ta dzê: "Y... y bixtid?" N dzê-l: bixtid, N ta ba lá na lója d' Benvind, N ta tomá-bo vixtid fiód!" Tinha un lója... ex tinha lója d' kmida li y koza d' forn. "Y koza d' forn?" N dzê-l: "koza d' forn, bo ba lá na lója d' Valentin, na prasa nóva." N ta tumá tud koza d' forn: farinha d' trig, asúkra, enfin, tud. El dzê: "y bibida?" N dzê: "bibida, N ta ba lá na nha xef d' trabói, N tomá mil xkud pa konprá bibida". Servej nakel tenp, un kaxa d' serveja éra sént'y sinkuénta xkud. Nton, min nkontrá un sinhóra k' ér nha amiga, el dzê-m: "oiá, nen bo nen bo mudjer ka ten mǎi, bzot ka ten paix... min, mi sabê fzê tud koza d' forn. Min ta fzê tud koza d' forn d' grasa. N ka ta rasibê-bo ninhun tuxtáu!". Anton asin, el tumá... el tumá konta kom fosi me se mǎi. Má purkê?

4.4b. El éra kuxturera tanbe. Se filha kozê-m nha ropa. Kozê nha bixtid, kozê ropa d' nhax fidj. nó ba bixtí na se kaza, el é k' bixtí-m. El bixtí nox tud... ten foto... perál nó ba moxtrá bosê. El bixtí nox tud, el ka rasibê un tuxtáu. El ben, ne dia d' kazament, el ben, el arrumá méza, el rasibê-m el kom mǎi, ex fzê-m tud, tud, tud.

4.4a. É... nton, kónd N spliká-l, N dzê asin: " góra, ma nha ordenód, N ta trá... N ta trá tónt pa pagá lója d' koizax d' forn, N ta dxkontá kel nakel mil xkud k' N tumá na xef trabói, N ta fiká té dxkontá un tónt. N ta fzê esin... N ba na lója d' fazenda, N ta trá un tónt, tanbén. N ka ta gaxtá un sentav na rua, nada, nada, nada!! Pkê el ka ta dá! É... enton, nó ba, ba, ba, ba, oj, enton... é... mi kónd mi, nton, npregá na Enpa, kónd ITALKAP kabá tud, agóra N ben fiká guarda d' Enpa, pkê ex fzê armazán lá dond'é k' N ta morá... k' oj lá inda... lá tinha unx kaza vélha, k'éra d' Intiga sentral ilétrik, k'ex ta pô sak d' midj k' ta ben d'Angóla. É... manera... lá fiká armazén d'Enpa, gó N fiká npregód na Enpa. É... mi d' guard d'Enpa, N ta seí d... dpox anton, guarda... ex pô-m kom fixkal d' guarda. Enpa tinha otx armazan. Li na ond é k' é kurtél, tinha lá na dond'é k'... tinha váriux lugarix, nton, mi ta lá. Nton, d' not, na andánsa k' N ta fixkalizá armazénx, nton nkontrá mnin d' rua, k' ta durmí na rua. Nton, N kmesá kontaktá k'ex. Já na altura, já k' kel ndemnizasãu, já-m tinha poxt kel lója, nha mudjer ta ba pa lója. Nton, N ta dzê kex menin: "dextax óra bzot, dond'é k' bzot durmí?" Ex dzê: "no ta durmí lá nakel brók d' Furtin". Éra vint'y

tal mnin. N fiká d' mentalizá-x, mentalizá-x, N pô ta levá-x lá pa nha kaza. Nton, lá na nha kaza, N fzê un forn k' N ba fzê bolaxa... y... N pasá ta trabaiá tanbe kom antena d' Karitas, n'igreja. Ex ta dá-m leit. N tinha kel forn k' N ta fzê bolaxa, N ta ba dá-ex leit y bolaxa é... na nha kaza. Má, primer dia k' N runí tud kex menin, k' N levá-x lá pa kaza, kónd N txigá na kaza, nha mudjer dzê: "mos, bo ka ta konxê ex menin?" N dzê-l: "es é mnin d' rua. Ex ta robá, ex ta durmí na rua. Agóra ba fzê-x almos, bo dá-ex!" Nha mudjer pô almos na lum, el fzê almoiis, el dá tud ex almos. Nton, fiká ta... nton, fiká ta mandó-m... p'ex moxtrá-m nond k' ér sex kaza, na váriux zónax. N ta ba ter k' sex mõi. Mentalizá sex mõi pa rasibê-ex na kaza. Ex vex, kex mõi ta dzê: "nãu! Ah! Ten un data d' tenp k'el ka parsê na kaza... k'el ta ben nada!" N dzê-l: "non, agóra el ta ben. El ta ben, k' min ta trazê-bo el". Nãu! Dá lá primer, N mentalizá na kex paix, k' manera k' ex ta rasibê kex mnin, purkê ta kontise kónd kex mnin ta pasá munt tenp fóra d' kaza, dia k' ex ba, ex ta ptá-ex gérra. Ex ta torná korrê. Nton, N ba ta mentalizá-ex. Ex fiká ta ba pa kaza. Ben, enton, jent d' igreja, prinsipalment d' Lúcia Lina Figered, primera psoa dzê-m: "ó, nho Toi, ex menin d' rua, bosê so ka ta podê k'ex" N dzê-l: "N sabê d' fakt k' mi so n ka ta... N ta kuaj te pa pará!" Nton é... N ta uzá tud nha ordenód. Nton, N ta dá-ex paseiu. N ta ranjá é... garrafonx d' rafrexx é... bolaxas... N ta ba pasiá-ex na Nazared, Ribera Julion, Salamansa é... Jon d'Évóra, tud ex lugar lonj. N ta levá tud ex. N ta ba ta kontá xtória d' minha vida, k' mi ér... kónd mi éra mnin, mi éra ngraxador, má N ka ta durmí na rua. N ta ba tud ta kontá-ex koza, N ta mentalizá-ex, ker dizer, N ta fzê pasei lonj... y... N ta fzê pasei lonj k' N tinha tenp ba ta kontá xtória... pa ajudá-x mantalizá é...é... k' ex ta ba pa Pelurin d' Verdura, ex ta robá batata, koiza d' verdura. Ex ta ba pe Pelurin d' pex, ex ta robá pex. Ax vex, ex panhá, ex ta dá-ex pankada. Nton, ba ta mentalizá-x, juxtament, kónd dóna Lúcia Lina Figered nkontrá-m, k'el oá-m, a-m ta levá-ex unx dôx vêx p'igreja pa uví misa. Máx, dpox kuma é... é... igreja txeu y kel jent ta fiká prikupód k' sex kartéra tal koza, N ditxá d' levá-x pa uví misa. Gó, N fiká ta levá-ex só pa nha kaza. Nton, é... el dzê sin, dóna Lúcia Lina dzê: "bon, nho Toi, N ta xkrevê pa Praia, pa dotóra Gilda Barbóza, na Praia, k'éra diretóra jeral d' Karitas na Kabverd. Nton, diretóra... dotóra Gilda, ben pa Sonvsent, el ben konxê kex menin. Nton, lá na... na armazan k' N ta levá-ex, lá tinha psoax d' trabói, tinha kel nkonveniênsa, min nkontrá kun sinhóra tanbe li na Txã d' Likrin por nom... nom dóna Marselina, k'é un portugéza. El dzê: "nho Toi, kex mnin é... lá na armazen ka ta dá na mei d' trabói!" Ex robá un trabalhador, un arroj, un dia. Kex ot, kónd ex dá... kex trabalhador dá kuidód k' kex menin robá arrolój, kex ot menin ba viziá kel mnin na Morada, ex trazê kel relój pa ba entregá pa kel trabalhador (risos). Nton, N ben pa kintal. Tinha un sinhóra, es dóna Marselina, el ten na se kaza... tinha tanbe un kintal. Nãu! N fiká ta trazê-x pa lá... N ba pa delegasãu xkular, ex vrá ta dá-m kmida, k' éra pa dá-x. N ba pa sinhor pad Federik, kapuxinh, é... el ba... el pasá ta pagá un kuzinhera pa kuzinhá-x. N ba pa xkóla, ex dá-m un panéla pa fzê-x kmida. Anton, kónd dotóra Gilda ben d' Praia, ben konxê-ex, a-m tava nakel kintal, kintal dakel sinhóra. Y kom kel sinhóra tinha un filha k' ér profesora, N pasá ta dá xkóla... ta dá xkóla lá... é... mód alfabetizasãu, pkê kel vêx ka tinha xkóla. So lá tinha un so k' já tinha sigund on, un prisípi d' sigund on, má el ka tinha nen pai, nen mai, nen trabói. Nton, el fiká ma nóx lá, ma kex mnin. Má kel lá, pur akaz, ka ta durmí, se nom é Piduka, el ka ta durmí na rua. Nton, mi ma dóna Marsilina kunsigí pô-l na Salezian té fzê formasãu d' prufisor. Grinhasin, el ta dá xkóla na Santanton. Dpox, ben n' mei dakex mnin, parsê un mõi dzê-m: "má, nho Toi, ex musin meu já ba fzê quarta klas. El krê xtuda max, má N ka ta podê... nen min nen se pai ka ta podê dá-l xkóla." N dzê:"ok! Nton, N ba pô-l na Salezian, na primer on." N pagá-l un ón d' xkóla tud d' nha bols. É... nton, kónd el... é... fzê quarta... nãu! Kónd el fzê, txá-m oá, k' el terminá xkóla d'

Selezian, el kria já, nton, pa xtudá pa profisor. Nton, N falá kun Irmãux Unidux, ker dizer, nom dakel grup... ben, ben... kónd dotóra Gilda ben, nton N pdí-l k' ér p' fzê un saláu d' xkóla p' kex mnin. Nton, el fzê un saláu. Ker dizer, min mesm k' konxtruí ma unx trabaliador d' Enpa. So el mandá-m dinher d' Praia, N konxtruí-l, N ta fzê blok pa vendê. Já na altura, a-m ta fzê blok pa vendê. Konxtruson d' blok... é... nó fzê kel saláu. É... dpox, N podê moxtrá kel saláu. Pront, é lisen mesm. É... nton, kónd ex ot musin, ex dôx musin ton fzê é... kurs d' profisor é... primer un, ex k' ba pa Santanton, ba primer. Dpox, ex ot fiká... tanbe... agóra N dzê, N dzê kel nkarregód, dotóra Gilda pô lá un nkarregada... é... k'é pa kuidá dakex mnin. El... N dzê-l: "agóra, xkrevê pa Praia pa oiá se ex ta dá-l un bólsa d' profisor." Ex dá-l un bólsa d' profisor. Kónd el formá profisor, el ba dá xkóla na Santanton. El dá xkóla un ón na Santanton, el ben, el dzê-m el kria ba fzê baxarél d' profisor na lzekmar. Grinhasin, el ta lá. Ta fzê-l. Nton, N ba ter d... nton, es Karita dá-l bólsa. N ba ter d' dóna Selext Peréra, k' foi... foi dakex profisora máx intiga d' Sonvsent, nha grénd amiga, N ta ba dá-l fala. Má já el é d' idad, já raformad. Nton, lá el dá sex tokx, el ba kon jet, ex kunsigí pô-l, pô-l lá na lzekmar, grinha sin, nes moment, el ta lá ta fzê baxarél pa profisor. É... nton... é... ax vex ten un mi ta skisê k' ta pasá unx N ka nen lenbrá. Pux anton, N fiká lá. Nó fzê kel inxtalasáu d' Irmãux Unidux, dpox anton, un sinhóra ben dzê-m: "nha Toi, Xã d' Alekrin ka ten un jardin nfantil. nó ka ta fzê un" N dzê-l: "baxta bo krê, nó ta fzê-l sin!" Já konfiant d' véra! K' mi senp ta pensá tud akel k' un psoa tiver fé, s'el akreditá, Deux ta ajudá-l d' véra! N dzê-l asin... a... N dzê es sinhóra k'é dóna... se nom tanbe é Silext, koléga d' meu k' nó ta trabalhá na Karita. N dzê-l: "bo krê, nó fzê un jardin nfantil li na Xã d' Likrin?" El largá té ri. El dzê-m: "má, nho Toi, má k' manera?" N dzê-l: "ka ten manera, s' bo krê, nó ta fzê-l. Nó ba pa pad Federik, es padr kapuxin, N dzê: "ó, senhor padr, min ma Siléxt krê fzê un jardin nfantil." El dzê: "o, Tói, parabéx! Mi ta judá bzot!" Bon, nton, kom ka tinha lugar, N ranjá-l kaza d'un amig d' meu. N dzê-l: "es sala d' bósa é k' pa nó ben pô un jardin nfantil." El dzê: "má, nho Toi, el é sen simentá txon y sen rsboká." N dzê-l: "N ta simentó-b el ku nha dinher, N ta rabokó-bo el ku nha dinher!" N raboká-l, N simentá-l. N mandá fzê kadera, mizinha. Nó konsigí ranká-l k' trinta mnin jardin nfantil. Nom des kaza... des senhor éra Migél. Bon, oj, kom lé ér xtret, lá ka tinha kuórt d' bónh nen kzinha... e'...no ben pasá-l pa un saláu diant d'grejá li... li dbóx, tud li na Txã d' Likrin. Bon, má lá... é... el ka tinha tanbe. Senhor pad ba pa delegasáu xkular nformá k' nó tinha kel jardin, ex ba oiá. Ta ben asentad, má lá ken, tanbe, lá ka ten nen kzinha nen kuórt d' bónh. Nton, senhor pad Federik dzê-m: "ó, Toi, é... ta ben, diligason xkolar dzê pa nó kontinuá, má nó ten kriá kundisáu" Nton, uke k' nó ta fzê? Nó ta ba alugá un sala d' vizita li mes na Txã Likrin pá nó ten kuórt d' bónh y kzinha pa pô ex mnin. Já na altura, a delegasáu xkolar, e' ta ta dá-m kmida p' kex mnin. N dzê-l: "ukê, senhor pad? Ba alugá kaza, k' é pa no ben pagá alugél tud temp d' vida?" N dzê-l: "nãu, nãu, nãu! Nó ten fzê un sentr d' jardin nfantil d' nos!" "Má k' ma...", senhor padr dzê-m: "nha Tói, má k' manera se nó ka ten dinher?" N dzê-l: "ó, senhor padr, Deux ta dá!" Lenbrá-m, N dzê-l: "o, senhor padr, bosê ka ta ba d' féria pa Itália ex mêx k' ta ben?" El dzê-m: "sin." A-m dzê-l: "nton, no ba pa kánbra, nó falá k' arkitet, el fzê dizenh d' un jerdin nen k'é ku lápis, el ta dá bosê, bosê ta levá pa Itália, bosê ta pdí na Itália, nóx li, nó ta pdí li na Sonvsent, nó ta fzê un jardin". El largá té ri, el dzê-m: "bon, nton, nó ba". Kónd nó txigá na... na kánbra, lá ten un arkitet k' éra munt nha amig, kel senhor arkitet é... Marian. N dzê-l: "ó, senhor..." Óra k' N spliká-l, es senhor arkitet dzê: "ó senhor padr, Tói ten razãu. Ot sumana bosê ben tomá kel... un ánt prujét pa bosê levá!" Bon, el tumá... má nu kontinuá ta dá nox jardin sima nó tinha trint'y tal mnin. Nton, senhor pad ba, el pasá un mêx d' féria. Kónd el ben, el dzê-m: "ó, Toi, a-m trazê kel jardin li nes paxta". El dzê: "agó, bzot ta pdí li pa pô

movília". Nton, góra el... má góra, nes altura, N ta konx... tinha... N ta fzê blok pa vendê psoax pa kaza, inda akex blok ta judá-m a judá otx pobr. Nton, sinhor padr, nton... é... dzê-m: "o, Tói, agóra, N ta ntregá un npréza d' konxtrusãu ta fzê es jardin máx rápid.... nó... nó ta fiká sen masada. Nton, gó, bzot ta pdí nex npréza k' é pa pô movília. Nton, nó ba pa TACV, N ba na TACV, lá ten un sinhor k' é un amig meu, sinhor Adrian Almeida. N dzê: "ó, sinhor Adrian, nó mextê ejuda, pkê nó ta ba konxtruí un jerdin..." Kónd N spliká-l tud, el dzê: "ok, Tói." El fzê un karta, el mandá pa direson da ASA, ex é... diretor jeral. Nton, ben orden k' éra pa sinhor pad mandá fzê tud movília dent dekel jerdin, nton, ex ta pagá. Nton, asin kontisê. Na unaugurasãu d' jardin ba prezident d' kánbra, ba prezident d' koza... da... ASA. É... nton, kel prezident dzê-m: "ó, Tói, agó, kól'é prósima?" Má, jerdin... má sentr d' Irmãux Unid já... lá ta konxtruíd, já en funsionament sima a-m tinha xplikód. N dzê-l: "a-m ta k'el na kabésa" Agóra, un sinhóra... es sinhóra, dóna Marselina, k' judá-m tanbe k' kex mnin d' Irmãux unidux, el dzê-m... dóna Marselina dzê-m: "ó, Toi, mi é víuva, N ka ten uk' fzê..." Raformad... el ta tumá rafórma d' se marid, se marid já é mort. El dzê-m: "kex mnin, N ten mákina" o... "mi sabê kozê... é... má N ka ten mákina! Ten un data d' mnininha k' prendê pr'eí ta andá a toa, já... ba pa xkóla, p' min nxiná-x fzê rénda, bordód" N dzê-l: "nton, min ta konprá bosê un mákina. N konprá un mákina, dôx mákina, N dá-l. Nton, el pô.. kumsá kuxturá... na kaza de se irman! Bon, nton, kónd el ba... kumsá trabói na kaza d' se irman, ba ta parsê mninina, lá ka ta kebê, N dzê-l: "ó, D. Marselina, anton, nó ten k' fzê un edífis nos". El dzê: "ó, Tói, nó ka ten dinher, maner nó ta fzê edífis?" N dzê-l: "nó ta fzê-l, sin!" N dzê-l: "perá! nó ba pa kánbra. Nó ba pa kánbra, nó pdí un terren pa kel edífis Sentr d' Kuxtura." Nton, é... N dzê-l: "primer, anton, kánbra sedê kel terren". N dzê d' Marselina: "txá-m fzê lisérs ku nha dinher, k' a-m ten blok, dpox nó ta ba ter k' sinhor pad... pdí sinhor padr otra vêx, kel kapuxin. Kónd N ba ter k' sinhor pad, N dzê-l: "ó, sinhor padr, nó krê fzê un edífis..." Má já el sebia des... des kuxxtura k' nó tinha kumsód na kaza d' se filha. Nton, el dzê-m: "bo, já kumsá-l?" N dzê-l: "sin, pel ménx lisérs já ta kumsód". Anton, N dzê-l: "nho ba bservá-l, sinhor padr". El ba, el ba oiá, el dzê: "o, Toi..." Anton, el... sinhor padr ba, el dá tud apoi nó konxtruí kel sentr d' kuxtura. Dpox, sinhor padr, anton, mandá trazê mákina d' kuxtura d'Itália. Nton, lá nó ba fzê Sentr d' Kuxtura... part d' sima, y Kulinária li dbóx. É... bo podê tê prutunidad ba oiá kex fot...

9. Bosê ta goxtá d' txá un mensajen d' tud ex trabói k' bosê ten fet... pur izenp, un mensajen pa tud ex jent d' Sonvsent. Ukê k' bosê ta goxtá d' dzê-x?

4.4a. Bon, min, uk' min ta goxtá d' dzê é tud trabói k' N ten ben... ta fzê, N ta txá un izenp pa otx fzê tanbe. É... purkê... é... é uma koza kónd bo ta fzê ben a sossiadad, bo ta sintí filix, portant, é... é un koza k' tud psoax kizési pudia, pudia kopiá. Ex k'é nha... nha problema. Nbóra k' nes moment N ka ta podê dixkrevê... N ka ta podê xkrevê tud k' a-min fzê... N ten... é munt gránd... ax vex, N ta kabá pur xkisê. Máx é... y, tanbén, min ta gradisê tud ax psoax, intidadx d' Sonvsent, algumax npréza k' ten-m ajudad, tanbe. N ta gradisê ex tud. É... purkê é... é un trabói k' kuant máx bo fzê, máx goxt bo ten pa fzê. É... N tinha... N tinha un... akel lója, agora já-m vrá pa kel lója k' nha mudjer tava vendê. Nó pô... N pô ta partí (risos)... pobr até el kabá. Dpox, nekel padaria k' N fzê, dond é k' N ta morad na ENPA... ENPA ta ba fzê armazen, ENPA ptá-m kel paderia na txon. Ex ka dá-m un sentav pa-m rekonxtruí kel paderia. N kumsá fzê blok pa judá pobr morá... trá-l d' kaza d' tanbor. Fzê kaza d' blok pa pobr morá. N ben ta fzê, N ba ta fzê. Nes moment lisiin, N ka ten kondisonx d' fzê un blok. Má a-m ta kun speránsa, dpox N ta torná, ratomá nha trabói. N ten xtaler pa fzê blok, máx ta tud vaziu... pa fzê kaza,

é... kaza pa pobr... n' Béle Vixta, Long Tank, Font d'Inéx, lá pa tráx d' Kadeia, Xpia, inda Txã d'Likrin. Tud a-m fzê koza d' pobr. N ka ta lenbrá ben.... a-m fzê txeu. A-m ta kun vint'y set ón nes trabói d' Karitas. Pkê, kónd N fzê kaza d' pobr, N ta fzê-l n'é ben d' nha dinher, nbóra N ta metê un kuzinha, é... N ta ba pa Karita ta judá-m fzê kel pobr kel kaza. N ta ba pa kapuxin, tanbe. Kapuxin ta judá fzê kel kaza. É k' N ten retrót d' tud ex. N ten ntensãu d' pô un xpozisãu d' futografia pa ésex psoa podê ba oiá, pa kriá korajen pod fzê igual. Non so li, má notx lugar. Ò.. dpox k' N fzê kel sent d' kuxtura, k' N tava ta xpliká, anton, lá tinha unx mnininha ta ba prendê renda, ten unx já k' ta trabaiá... já ten lugar d' trabói prindid renda y bordód. Dpox, N ben kriá ot grup. Nes moment, grinhasin, N kriá un grup por nom: Asádik, k'e é pa ben trabaiá k' vélhux tanbe. Pkê a-m trabaiá k' kriánsa, mnininha d' sentr d' kuxtura, agora N krê ba trabaiá k' vélhux y jóven. É... máx jóven pa ba... fzê un sentr... un sentr agora pa vélhu... é... rext d' xãu... y... primer andar pa jóven pa da-ex formasãu, nakel zóna d' Kanalona, k'é un zóna... un bairr k' kánbra fzê pa pobréza, é un bairr d' pobr. Agora, N ba pdí sinhor prizident... é... terren pa fzê ex sentr... k' é sinhor Onézim Silveira. El dzê-m: "Tói, Chã d' Likrin... zóna k' bo podê fzê ex trabói, é lá na Kanalona k' e zóna d' pobr!" Nton, mi ma nhax konpanher, nu kriá es grup Asádika, nó fzê un atividad na polivalent. Asadik- asosiasãu d' dizinvolviment d' Chã d' Alekrin, pa judá pobr. Y nó ta na el pa judá karensiad. Grinhasin ten un bon núnbr d' kriánsas karensiad k' tanbe... nbóra sen nada k' N ta kuidá, má kónd... kónd... psoax ta ajudá-m! Nton, nó fzê kel atividad na Polivalent, no rendá dinher, k' nó manda fzê prujét... já nó ranká kel lisérs, lá na Kanalona. Y dpox anton, ben unx olandêx d'Olanda k'... k' nes grup agora... má mi ka ta fiká na frent d' nen un dex! Min nen n'é prizident nen nada. Min ta fzê... detxá otx pa tomá kónta, purkê se N ba fiká nun, N ka ta podê fzê ot. Ah! Munta jent ta dzê: "a, nho Tói, bose largá!" Non, n'é larga-!! Lá ten o rixponsável dakel, lá ten dakel ot. N ta fiká livr pa N podê e... fzê máx. Inton já, kánbra dá un terren, autorizasãu gretuitament p' fzê kel konxtrusãu. Kel lisérs já ta kmesód. Agora, nó ta sperá é max ajuda pa nó ba terminá-l. Má dent dis, tanbe, nó kunsigí fzê ot sent d' kuxtura k' é didikód máx a kort d' kuxtura. Y... kulinária. Kulinária já... já nó dá primer remésa formasãu k' diploma. Agora, na ta sigund formasãu. Bon, é.. N ta pensá senp, N ta sonhá. Agora, N ti ta sonhá é pa fzê ukê? Un krex. Pa mãi... d' fidj k' ta krê ba trabaiá, ex ka ta ten und dtxá sex fidj. N krê fzê li na txã d' Likrin tanbe... li ten muntax kriansa. Mãi ka ta ba trabaiá pur kauza d'... ka ten nond dtxá kel mnin. Nton, ex ta ba dtxá kel mnin pelmanhán, ex ba pa sex trabói. Da tard, kónd ex ben p' ex ba buxká-l, kon direit a um rafeisãu. Máx inda é sonh! Inda ka ta nada fet! Inda N ten speránsa!

## V. OUTRAS ILHAS DE CABO VERDE- SOTAVENTO

### MAIO E BRAVA (Sotavento)

Maio — “A Ilha do Maio ao leste da Ilha de Santiago, em distância de 5 léguas de canal. É quase toda raze e plana, não tendo mais que dois pequenos montes” (Anónimo, 1748: 31). Esta é uma das “Ilhas-Montado”, ou seja, ilhas inicialmente utilizadas para criação de animais. Segundo alguns autores, Maio teria começado a ser povoada quando Rodrigo Afonso, também donatário das ilhas do Fogo e de Boa Vista, em 1490, recebeu-a em doação. Ele e “outros senhores enviavam, desde 1490, alguns pastores, com gado, de Santiago para as ilhas de Boa Vista e do Maio, cujo povoamento se iniciava, prosseguindo no século seguinte” (Ribeiro, 1998: 02).

Logo, a primeira povoação seria toda constituída de escravos pastores. Por isso não aparece registrada. Pelo que se percebe, para o português, a noção de povoamento só se aplicava à presença de algum europeu residente no local, em caráter de colonização efetiva. O povoamento pelos escravos não tinha importância social, portanto não contava nem como povoamento nem como colonização. Andrade, (s/d: 48) afirma que a Ilha foi povoada “pouco a pouco pelos nativos de Santiago”, sem, no entanto, dizer se os mesmos eram escravos, homens livres ou se ambos.

Em 1642, estabeleceu-se a primeira povoação estável na ilha. O objetivo era “pôr fim aos abusos dos ingleses que lá iam abastecer-se de Sal, sem autorização das autoridades coloniais portuguesas... os ingleses tiveram pretensões em relação a esta ilha que consideravam como fazendo parte do dote da Senhora infanta D. Cartarina, pelo casamento com Dom Charles II da Inglaterra” (Andrade, s/d: 48). Maio fazia parte do conjunto de ilhas salineiras, mas essa vocação da ilha parece não ter atraído os colonos portugueses, quando de sua “ocupação silenciosa” pelos escravos.

Em 1605, o Padre Baltazar (Andrade, s/d: 50) traça este quadro da ilha: “...não há mais que gado de vacas e cabras, de que fazem chacinhas e couro para vender, entre 10 ou 12 pessoas que ali vivem, e há nela uma marinha natural donde se carregam muitas náus de estrangeiros de sal.” A fixação do colono pode ter sido dificultada pelo clima e o solo, ambos mais difíceis de se lidar nesta ilha do que nas outras. Em 1718, outro sacerdote (*apud* Andrade, s/d: 50) informa que “não tinha mais que 60 habitantes nas ruas, todos muito pobres”.

Eram tão poucos os residentes na ilha que, em 1731, quando da nomeação de autoridades legais para a ilha, o comandante, o juiz e o feitor da fazenda real eram um único representante do governo. Ao longo do século XVII e do XVIII, o movimento de migração pouco captado pelas fontes oficiais vai determinar o povoamento desta e de outras ilhas destinadas ao mesmo fim, como Santo Antão e Brava, que “vão albergando comunidades cada vez mais numerosas de habitantes” (Arquivo Histórico Nacional, 1998: 22).

Em 1784, é o Anónimo (1784: 31) quem dá as notícias da Ilha de Maio:

“Não produz mais que algodão e pastos para os gados. Antes da esterilidade dos anos passados de 1773, 1774, e 1775, havia nesta ilha bastante gado, mas todos se extinguiu naqueles anos... e só ficou algum burro bravo, que não é fácil apanhar-se. Principiam agora os habitantes a procurar a criação de novo gado, principalmente de cabras, que é o mais de que vivem, porque a terra não dá mantimento para ele, e muito

menos para os habitantes, que se sustentam do milho e feijão que transportam em lanchas, pela costa da Ilha de Santiago, trocado pelo algodão e sal, que nas mesmas ilhas levam a ela”.

Depois de Santiago, São Nicolau, Santo Antão e Brava, Maio teria recebido a cultura da cana-de-açúcar trazida por Cristóvão Colombo, segundo carta que assinala a presença dessa plantação em Santiago, pela primeira vez, no ano de 1490. Antes, a cana-de-açúcar era importada da Madeira, depois disso, adaptou-se tão bem ao clima seco do Arquipélago que teria sido plantada em todas elas. No entanto, o solo ficaria prejudicado por essa cultura sugar-lhe os poucos nutrientes.

Em 1784, o quadro do comércio clandestino dos moradores de Maio com os ingleses, e a conseqüente repressão da Companhia do Grão-Pará e Maranhão era este:

“Antes de estabelecimento da Companhia do Grão-Pará e Maranhão iam a esta Ilha muitos navios ingleses a fazer sal, sem mais custo que pagarem 300 réis por cada moio, de direitos, e o trabalho da condução da terra para os navios, aos habitantes, servindo somente isto de grande utilidade aos pobres. Porém, como os Administradores da Companhia não quiserem aceitar aos Ingleses o pagamento dos direitos em géneros e fazendas, senão o dinheiro, que os ditos navios salineiros não costumam levar ... de sorte que hoje já não vai lá navio algum inglês fazer sal...” (Anónimo, 1784: 32).

Em conjunto, afora os entraves políticos e sociais, os fenômenos naturais, como as estiagens, secas e fomes por elas desencadeadas- de 1580 a 1903- irão transformar a povoação, o comércio e a própria existência na ilha de Maio e das demais ilhas de Cabo Verde numa prova de resistência para essa população insulana.

Brava — “A Ilha Brava fica para ao Oeste da do Fogo em distância de 4 léguas de canal e quase na mesma altura. Esta ilha, ainda que é muito pequena, porque somente será 3 ou 4 léguas de circuito, é um terreno mais fértil, por estar comumente coberta de névoas, e tão densas que estando tão próxima à Ilha do Fogo, só 7 anos depois de descobrimento desta, é que se avistou a Brava...” (Piloto Anónimo, 1784: 31).

O povoamento de Brava foi iniciado por João da Fonseca, em 1545, de acordo com Andrade, s/d: 49), que diz serem os primeiros povoadores “originários da Madeira, Minho e Algarve, apesar das populações aí procurarem refúgio e se estabeleceram por ocasião das erupções vulcânicas da ilha do Fogo em 1680.” Certamente, vieram alguns escravos da Guiné, mas a mestiçagem não se operou com intensidade nesta pequena ilha. Alguns autores acreditam que isso deveu-se ao fato de que a mesma “recebeu por várias vezes um renovo de sangue português do Continente e da Madeira..” (Andrade, s/d: 31). Outros acreditam que o contato com os americanos teria feito dessa comunidade, um povo avesso ao “cruzamento” com outros da mesma origem. Em 1680 registra-se a mestiçagem na ilha, mas ela é creditada aos oriundos de outras ilhas, como Fogo e Santo Antão.

De 1790 a 1791, Brava também sofreu os efeitos da fome, que aterrava moradores e criações das outras ilhas. A estiagem tão prolongada que habitantes de Brava e os de Barlavento morreram em larga escala. De 1862 a 1866 houve estiagem e fome geral em todas as ilhas. Foi durante esta prolongada crise que o governo publicou medida regulando a emigração de caboverdianos para trabalharem nas lavouras de São Tomé e Angola (cf. Carreira, 1972: 202).

## VI. OUTRAS ILHAS DE CABO VERDE- BARLAVENTO

### BOA VISTA, SÃO NICOLAU, SAL E SANTA LUZIA (Barlavento)

Boa Vista — “Fica ao norte da Ilha de Santiago em 18 léguas de distância. É maior que a ilha do Maio...” Essa é a descrição que o Anónimo (1784: 32) fez de Maio para “Vossa Magestade”. Em 1490, o donatário da Ilha- também donatário da ilha de Fogo e Maio- enviou, juntamente com outros senhores, “alguns pastores, com gado, de Santiago para as ilhas de Boa Vista e do Maio, cujo povoamento se iniciava, prosseguindo no século seguinte (1500). Daí, se estende, desde o começo do século, às ilhas do Fogo... de São Nicolau e Santo Antão...” (Mendes Corrêa, 1954: 32).

No século XVI, enquanto Santiago e Fogo eram povoadas por colonos europeus, que mantinham nelas plantações para subsistência e comércio, outras eram usadas apenas para criação de gado vacum e cabrum. No caso de Boa Vista, o uso foi para a exploração de “gado bravo”. Tanto assim que nos primeiros tempos, “só se enviava para lá descendentes de escravos das outras ilhas e alguns mestiços para guardarem o gado... nos finais do século XV, com o desenvolvimento do comércio e antes da valorização do porto de Mindelo, algumas famílias brancas instalaram-se na ilha para dirigirem esse comércio em expansão” (Andrade, s/d: 48).

Sobre as ilhas de Barlavento, Carreira (1972: 429) generaliza: “a população escrava desembarcou ali, levada para pastorear rebanhos, apanho de urzela e anil, cultivo de algodão, ou de cereais de substência ou para trabalho das salinas...”. Em Boa Vista, assim como São Vicente e Sal e Maio o solo era demasiadamente árido para a ocupação pelos colonos europeus. Faltava água e tinha poucas árvores. Em Santo Antão e São Nicolau, o relevo é que retardou a colonização pelo europeu. Nesse grupo de Barlavento, Boa Vista, Santo Antão e São Nicolau foram colonizadas antes de São Vicente e Sal.

No ano de 1764, Boa Vista foi atingida fortemente por uma crise de fome que durou um ano. De 1773 a 1775, outra crise, assolando todas as ilhas. As cifras de mortalidade são altas, não sendo maiores pelo fato de os agentes da Companhia do Grão-Pará e Maranhão terem distribuído, a mando do Governo Central, alimentos para a população. Passada a tormenta, o Piloto Anónimo (1784: 32) visita a ilha e se admira:

“Há nesta Ilha uma quase imensa produção de cabras e burros. Mas não produz mantimentos senão nas duas únicas ribeiras que tem; e isso é somente quando elas se inundam com grandes chuvas, porque depois de enxutas se semeia nelas milho, que se colhe duas vezes no ano, produzindo, ao mesmo tempo, abóboras e os melhores melões de todas estas Ilhas. E desta forma fica a Ilha abundante em mantimentos. Nesta Ilha há gente mais civilizada do que nas outras de Barlavento, pela comunicação que têm as gentes que a ela vão em navios comprar cabras e bestas”.

Em 1785 recommçaram as estiagens, e uma crise de fome aguda ocorreu em Boa Vista. Toda a plantação de cana-de-açúcar foi mandada substituir por mandioca (Carreira, 1972: 195). Depois, de 1790 a 1791, em Santo Antão, mais de 800 pessoas morreram. Essa crise havia atingido todo o Barlavento e a ilha de Brava, em Sotavento. Em 1862, Boa Vista e Santo Antão e, mais tarde, o Concelho de Praia, passaram por mais uma fase de estiagem e fome. Em 1862, tomaram-se algumas

medidas oficiais, incluindo o decreto de 1864, que regulou a emigração para as plantações de Angola e São Tomé, dos moradores das ilhas de Cabo Verde. Daqui até que se proclamasse a Independência do Arquipélago, e se obtivesse auxílio da ONU, no século XX, Boa Vista e as demais Ilhas continuariam a ser atormentadas pela calamidade da fome.

Ilha de São Nicolau — Remontando aos primeiros tempos do Arquipélago, em 1462, São Nicolau foi doada por D. Afonso V a D. Fernando, assim como as demais ilhas descobertas até aquela data. Em 1472, São Nicolau é doada a D. Diogo, seu filho. Por morte de D. Diogo, em 1489, o monarca D. João II doou a ilha a D. Manuel. No reinado de D. Sebastião, em 1577, “o gado de São Nicolau e de São Vicente” foi doado para a Condessa de Portoalegre, D. Filipa da Silva. E assim, as doações se sucederam. Porém, a ilha continuava a ser uma Ilha-Montado, ainda despovoada em 1614 (cf. Lopes Filho, 1996: 31). Repete-se: despovoada por europeus, povoada por escravos.

Embora o povoamento oficial date do século XVII, entre 1582 e 1591, Gaspar Frutuoso (*apud* Costa e Silva: 32) escreveu: “Lá está S. Nicolau de que é uma ilha grande de mui altas serras, é do Conde de Portoalegre, cria muito gado cabrum e vacuum; tem muitas árvores de espinho, como laranjeiras e cidreiras e muitos arvoredos estrangeiros e tem muito âmbar.” Em 1606, quem escreve é o Padre Baltazar Barreira (*apud* Andrade, s/d: 36), informando que, ao nordeste, estavam “as ilhas de Santo Antão, S. Nicolau e Boa Vista, nas quais não há mais que gado...” A primeira informação pressupõe existência de gente em número suficiente para cultivar as referidas árvores de fruto e para colher âmbar”, e a segunda, leva à conclusão de que cento e cinquenta anos após seus achamento ainda não havia povoamento efetivo em São Nicolau.

Essas alternativas incidem na questão do povoamento “sem importância social” pelo escravo. Ele estava lá, trabalhou na terra, mas, aos olhos do europeu, mesmo dos padres, isso não contava. O “povoamento efetivo” – colonização européia- vai ocorrer a partir do século XVII, sem data específica, nas obras consultadas. Começada a colonização, os primeiros povoadores provêm desses grupos:

“Colonos da metrópole, pertencentes a variadas camadas: figalgos e militares portugueses e também alguns espanhóis e genoveses, mandados para constituírem a classe elevada. Sacerdotes, o lado espiritual da colonização, influenciada a organização moral da sociedade, degregados, por crimes ou pecados à época; homens bons, lavradores e artesões, os verdadeiros povoadores, capazes de atividade permanente...” (Lopes Filho, 1996: 36).

Em Andrade (s/d: 74) é dito que os primeiros colonos a chegarem em São Nicolau foram famílias da Ilha da Madeira com seus escravos, que “nela se estabeleceram e deram origem aos primeiros mestiços... nesta ilha, tendo sido a mais bem explorada do ponto de vista agrícola, a importação de escravos da Guiné foi igualmente muito importante. Também, aí, o elemento branco não foi predominante.” Como se pode deduzir, diante das circunstâncias da colonização, a mestiçagem constituía regra natural em Cabo Verde.

Na ilha de São Nicolau, desenvolveu-se o cultivo da cana-de-açúcar. As mudas vieram da Madeira e se adaptaram muito bem em Santiago, de lá teria vindo para São Nicolau. Daí, foram para Santo Antão, Brava e Maio. Toda essa produtividade não foi suficiente para aplacar as fomes que se abateram sobre a(s) ilha(s). Em 1738, Correia de Matos (*apud* Carreira, 1972: 40) dá este depoimento:

“Costumam haver nessas Ilhas esterilidades tão extremosas em alguns tempos... Há de haver 14 anos que ficou quase deserta a Ilha de S. Nicolau sendo tão admirável o seu terreno... quase a mesma necessidade tiveram as outras, em tempos diferentes, por isso se acham em suma pobreza e tão faltas de gente”. Em 1784, o Anónimo (1784: 33 ) expõe também esse fato:

“...Ilha de São Nicolau, a ilha mais fértil de todas, porque produz muito milho, feijão, abóboras, bananas, algodão e vinhos de parreiras de algodão e vinhos de parreiras de regadio... Mas, como na esterilidade de 1773, 1774 e 1775 morreram com fome quase todos os moradores... e hoje haverá ao muito nela até 50 casais... são tão pobres... como o são todos os de todas estas ilhas, principalmente as de Barlavento...”

Por muito ter-se falado sobre as crises que se abateram sobre a população de cada ilha de Cabo Verde, para São Nicolau, que também enfrentou as mesmas agruras, com menor ou maior intensidade, pode-se resumir dizendo que, do século XVI até o século XX, foram vários os períodos de crise de fome que culminaram na morte de milhares de pessoas, e que, depois de cada uma delas, sempre foi preciso recomeçar.

Sal — E naquele ano de 1784, escrevia o Anónimo (1784: 36): “as Ilhas Desertas são a Ilha do Sal, que fica entre a da Boa Vista e a de S. Nicolau; e a de Santa Luzia, e a de S. Vicente, que ficam entre as de São Nicolau e Santo Antão... nelas há infinidade de peixes... há alguns que se comendo frescos, fazem coceira... nela mesmo há sal em abundância, com que se podem salgar, que por isso lhe dão o nome de Ilha do Sal.”

A população da Ilha do Sal foi constituída, “além de famílias brancas..., sobretudo, por escravos provenientes da Boa vista, numa primeira fase para guardarem o gado, isso a partir de 1938 e mais tarde para extracção do sal” (Andrade, s/d: 51). Em 1545, a ilha do Sal foi arrendada a Francisco D’Affonseca. Nela, sempre “aportavam navios”, e se realizava “desde muito” o pastoreio de gados enviados por moradores de outra ilhas. Com a construção do Aeroporto Internacional de Aspargos, a economia da ilha passou a girar em torno dos serviços aeroportuários, além das empresas salineiras para exportação.

Santa Luzia — “uma ilha de santa cercada por todos os santos”, como se ouviu de um poeta caboverdiano numa rádio local, à caminho de Ponta Verde, na Ilha do Fogo (2002). Embora tenha havido tentativas, a Ilha de Santa Luzia permanece despovoada. De vez em quando, barcos de pescadores das outras ilhas atracam nessa ainda “deserta” ou se perdem para sempre nas ondas de seu mar bravio. Os ilhéus Rombo, Branco e Raso, até onde se sabe, também continuam desabitados.

## VII. MODELOS PRELIMINARES DE ENTREVISTAS

### 7.1. Entrevista Informal

|   |
|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Entrevista Informal</b><br/>(anotada em fichas e/ou gravada)</p> <p>Como o próprio nome o sugere, a entrevista informal não segue a um modelo pré-elaborado. Ela se caracteriza mais pela conversa casual, informal, mais natural. No entanto, podem-se prever como sendo parte dessa entrevista os tópicos conversacionais comuns numa primeira conversa entre desconhecidos. Sobre o pesquisador, deverá haver informações quanto a sua pessoa, pesquisa, país e outros itens. No que diz respeito ao informante, algumas perguntas relativas à ilha, à moradia, aos vizinhos, animais de estimação, clima, belezas da região e outros temas eventuais.</p> |
|---|

### 7.2. Entrevista de Livre-Narrativa

|   |
|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Entrevista de Livre-Narrativa</b><br/>(gravada e/ou filmada)</p> <p>Nome da pesquisa:.....</p> <p>Pesquisador:.....</p> <p>Informante:.....</p> <p>Data:..... Dia da semana:.....</p> <p>Horário:.....</p> <p>Possíveis temas:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>◆ Vida: ganhos e perdas, alegrias e tristezas</li><li>◆ Histórias ou estórias conhecidas: folclóricas, comuns, religiosas, etc.</li><li>◆ Sonhos e desejos realizados ou não: expectativas, acontecimentos atuais e antigos</li><li>◆ Outros: culinária, saúde, etc.</li></ul> |
|---|

## 7.3. Lista de Palavras

| <b>Lista de palavras</b><br>(gravada)   |                            |                               |
|---|----------------------------|-------------------------------|
| Nome da pesquisa:.....  |                            |                               |
| Pesquisador:.....   |                            |                               |
| Informante:.....  |                            |                               |
| Data:.....  | Dia                        | da semana:.....               |
| Horário:.....   |                            |                               |
| <p>O propósito de uma lista como esta é o de confirmar a realização de algumas palavras constantes nas entrevistas anteriores, e, ainda, coletar palavras novas que, porventura, não tenham sido ainda registradas. Como este é apenas o modelo preliminar, elencam-se abaixo um número reduzido de palavras. Esse grupo deverá aumentar, conforme as necessidades surgidas em campo.</p> |                            |                               |
| PRIMITIVAS  | DERIVADAS                  | COMPOSTAS                     |
| azágua (estação das chuvas)   | atakason (ataque cardíaco) | bága-bága (formiga vermelha)  |
| ádjú (alhu)   | alampra (relâmpago)        | bala-mitra (dinamite)         |
| aiam (sim)  | bendidera (vendedor)       | biku-biku (ventosa do polvo)  |
| bágu (vagabundo)  | bandideza (crime, má ação) | bolom-bolu (abóbora nova)     |
| bábu (saliva)   | aguádu (aguado)            | bram-bram (blá-blá-blá)       |
| bágu (vagabundo)  | azuládu (isolado)          | djági-djági (rícino)          |
| batcharé (corajoso)   | atakádu (basebol)          | dje-dje(herbácea forraginosa) |
| djinda (olhar com curiosidade)  | disgrasadésa (tolice)      | djunta-mõ (permuta)           |
| empó (em pó)  | erdansa (herança)          | futi-futi (agitar-se)         |
| formása (farmácia)  | feiósku (alguém feio)      | fra-pó (bicho de madeira)     |
| grandi (idoso, grande)  | invurdádi (mentira)        | guárda-sol (guarda-chuva)     |

## 7.4. Entrevista Formal

|  |                               |
|--|-------------------------------|
| <p><b>Entrevista Formal</b><br/>(Gravada e/ou filmada)</p>   |                               |
| Nome da pesquisa:.....   |                               |
| Pesquisador:.....  |                               |
| Informante:.....   |                               |
| Data:.....   | Dia      da      semana:..... |
| Horário:.....  |                               |
| <p>Este tipo de entrevista é mais complementar que essencial, uma vez que muitos dados terão sido coletados nessa etapa da pesquisa de campo. Ela é uma espécie de último recurso. A elaboração deste modelo deve-se ao fato de, dependendo da relação com o informante, o mesmo poder ser utilizado, encaixado entre os outros modelos, adiantado, adiado, anulado. Ademais, parece importante dispor de mais de uma alternativa para coleta de dados, especialmente desta que favorece uma visualização bem marcada da vida do informante. Elementares que são, as perguntas constantes no modelo poderão ser re-elaboradas de acordo com a situação em campo.</p> |                               |
| <p>Perguntas-base:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◆ Quantos anos o/a senhor/a tem?</li> <li>◆ Onde o senhor/a nasceu?</li> <li>◆ Qual a profissão do/a senhor/a?</li> <li>◆ Seus filhos são todos casados?</li> <li>◆ O/a senhor/a se recorda do tempo da sua infância?</li> <li>◆ Gostaria de me contar uma dessas histórias infantis?</li> <li>◆ E da adolescência, juventude, alguma lembrança?</li> <li>◆ Gostaria de falar sobre algo importante que aconteceu na vida do/a senhor/a?</li> <li>◆ O que faz o/a senhor/a ficar feliz e o que o/a deixa triste na atualidade?</li> <li>◆ Outras perguntas.</li> </ul>                                 |                               |